



**JOANA CATARINA  
MESTRE DA COSTA**

**MARCIAL E A “EPOPEIA DO QUOTIDIANO”: A  
DIMENSÃO ÉPICA DE UM POETA**



**JOANA CATARINA  
MESTRE DA COSTA**

**MARCIAL E A “EPOPEIA DO QUOTIDIANO”: A  
DIMENSÃO ÉPICA DE UM POETA**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Literatura, realizada sob a orientação científica do Doutor João Manuel Nunes Torrão, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Apoio financeiro da FCT e do FSE, no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

Marito amantissimo meo.

## **o júri**

presidente

**Professor Doutor António Carlos Mendes de Sousa**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

vogais

**Professor Doutor Arnaldo Monteiro do Espírito Santo**  
Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Professora Doutora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel**  
Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

**Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão (Orientador)**  
Professor Catedrático da Universidade de Aveiro

**Professor Doutor José Luís Lopes Brandão**  
Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Professora Doutora Virgínia da Conceição Soares Pereira**  
Professora Associada do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho

**Professor Doutor Carlos de Miguel Mora**  
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

**Professor Doutor António Manuel Lopes Andrade**  
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro



## agradecimentos

De entre as muitas e prodigiosas aprendizagens que proporcionou o percurso que a presente dissertação me fez trilhar, princípio por sobrelevar a consciência de que não há na vida absolutas conquistas individuais. A investigação, ainda que processo fundamentalmente solitário, só admitindo reunir contributos, na proveniência como na forma, diversos e mesmo contrapontísticos pode resultar em progresso científico. É, portanto, imperioso demonstrar a quantos me secundaram a minha sincera e profunda gratidão.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Orientador, o Professor Doutor João Manuel Nunes Torrão. Foi da resposta a um desafio seu que adveio a ideia para esta tese, que lhe fica a dever, ainda, leituras disponíveis, cuidadas análises, críticas construtivas, preciosas correções e sugestões frutíferas. Retribuo o sábio esclarecimento, a dedicação generosa, a infinita compreensão, o incentivo incansável com a amizade sincera, que reconheço ser recíproca; e, na manifesta insuficiência das minhas palavras, agracio-o com as do nosso dileto Marcial:

*Sextus mittitur hic tibi libellus,  
in primis mihi care Martialis:  
quem si terseris aure diligenti,  
audebit minus anxius tremensque  
magnas Caesaris in manus uenire. (6.1)*

Gratulo, também, a Doutora Maria José Carvalho, responsável por me ter dedicado a aprender as latinas *litterulas*, bem como todos os meus professores de Latim, dos quais destaco o Mestre Vítor Fernandes da Escola Secundária Doutora Maria Cândida, em Mira, por ter sido o primeiro.

Merecem ainda o meu apreço a Professora Doutora Virgínia Soares Pereira da Universidade do Minho e a Professora Doutora Maria Cristina de Sousa Pimentel da Universidade de Lisboa, a primeira pela confiança de que me investiu, quando, por ocasião do VII Congresso Internacional da APEC, nos conhecemos, em Évora, e a segunda por se ter constituído, ao longo destes anos, no meu paradigma, ambas sem o pressentirem.

Embora não a desconheça, faço questão de reiterar a minha estima pela Professora Doutora Otília Pires Martins da Universidade de Aveiro, atual diretora do Centro de Línguas e Culturas, pela disponibilidade com que sempre atendeu às minhas necessidades e pela afeição com que me acolheu a mim.

Paralelamente ao Centro de Línguas e Culturas, merece menção o Departamento de Línguas e Culturas e, ainda, os Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia. Do muito que devo à Universidade de Aveiro, quero agradecer, em particular, os mestres, com quem encetei, há doze anos, a mais saudável das relações de aprendizagem, e os colegas, sobretudo os de doutoramento, que partilharam comigo, para além de ideias e bibliografia, receios e conquistas.

Sou ainda grata aos investigadores com quem dividi a participação em eventos científicos e que me ofereceram os seus pontos de vista sobre o trabalho por mim desenvolvido, de entre todos destaco a Professora Doutora Victoria Rimell da Università degli Studi di Roma La Sapienza, a Professora Doutora Leni Ribeiro Leite da Universidade Federal do Espírito Santo e o Professor Doutor Robson Cesila da Universidade de São Paulo.

Estou profundamente reconhecida à Fundação para a Ciência e a Tecnologia que me proporcionou *otium* e *munera*, tão fundamentais, no século I como hoje, a estas empresas.

Não posso deixar de expressar a minha gratidão pela cumplicidade dos amigos de sempre e, *pari passu*, pela dedicação dos que a vida me vai oferecendo, sobretudo as crianças que crescem ao meu redor, furtando-me, com a sua alegria, esperança e fé, ao olvido da infância.

Devo à minha família, determinante para a concretização deste projeto, o mais especial reconhecimento. Agradeço, assim,

à Clarisse e ao João, entre muitas outras coisas, bons e generosos ouvintes, a amizade que nos une;

aos meus pais, Fernanda e António, o seu amor incondicional e aos meus avós, Lurdes e Ramiro, o afetuoso exemplo – são todos eternos corresponsáveis pelo meu sucesso, alcançado e a alcançar, e coautores da minha história;

ao meu irmão, João Pedro, estímulo de crescimento pessoal e intelectual e inspiração na minha vida, o companheirismo mais leal e a mais genuína fraternidade;

ao Joel, por se ter disposto a partilhar esta vivência comigo de forma plena, mas, sobretudo, por ter acreditado em mim incondicionalmente, por ter sido o meu ânimo nos momentos de desalento e a minha força nos momentos de fraqueza, por ter tido sempre um sorriso para mim e por nunca ter deixado de me fazer sorrir. Como, por gostar de mim, soube aprender a gostar de Marcial, ofereço ao meu marido estes versos e, sensibilizada, ultimo:

*durus Sulpiciam Phaon amaret.*

*frustra: namque ea nec Tonantis uxor*

*nec Bacchi nec Apollinis puella*

*erepto sibi uiueret Caleno. (10.35.18-21)*

## palavras-chave

Marcial, Roma, Século I, Quotidiano, Epigrama, Epopeia.

## resumo

O século I, que desabrochou numa Idade de Ouro, não findaria sob o signo da boa Fortuna inaugurada pelo primeiro *Princeps*. O século de Augusto conheceria o seu fim!

A Literatura não pôde furtar-se ao *fatum* de todo um Império e, depois de 69, juntamente com a *Magna Vrbs*, aguardava um tempo que fosse, finalmente, capaz de uma renovação.

Para os anos oitenta do século I, prometiam os Flavianos e as suas consecuições uma nova *Aurea Aetas*...

Porém, revelou-se impossível recuperar o passado: então, como nunca antes, os abastados demandavam a púrpura e a população clamava por *panem et circenses*. E a mudança definitiva dos tempos tinha na produção artística das suas maiores provas — a *clientela* condenara os autores ao abandono! Longe os círculos de Mecenas, apoiando Horácios e Virgílios que podiam abraçar em exclusivo a sua arte...

*Marcus Valerius Martialis* foi não apenas um autor cuja existência se ressentiria dos constrangimentos que esta época reservou aos poetas, como o que faria da sua obra o mais fiel espelho do seu tempo. Aliás, não fora a sua obra e não se compreenderia cabalmente como foi possível a um escritor sobreviver a esses tempos e trazer à luz o seu trabalho — a uma luz muito especial, na verdade: *Hic est quem legis ille, quem requiris, / toto notus in orbe Martialis* (1.1.1-2)!

Para cantar o novo Império e o seu quotidiano, onde conviviam, a um tempo, a grandeza e a torpeza, nada melhor que uma rude *auena*, jocosa e mordaz... O epigrama, não a epopeia, era a nova voz de Roma! E Marcial, elevando a sua *auena*, aplicou toda a sua mestria na celebração da sua Roma e dos Romanos seus concidadãos — *hominem pagina nostra sapit* (10.4.10).

Teremos nós perdido um épico talentoso que se devotou e à sua arte a um género menor ou teremos ganho um cantor ímpar que viveu em perfeita harmonia com o seu tempo?

Alcançando a imortalidade, reservada, antes, para os épicos, Marcial alcançou o seu objetivo: *si [...] / [...] fas est cineri me superesse meo* (7.44.7-8).

E, no entanto, o feito singular de Marcial foi dar cumprimento às suas palavras — *angusta cantare licet uidearis auena, / dum tua multorum uincat auena tubas*. (8.3.21-22) —, escrevendo, sob a forma de epigramas, a primeira e, talvez, a única epopeia do quotidiano!

## keywords

Martial, Rome, 1st Century A.D., Quotidian, Epigram, Epic.

## abstract

The first century A.D., that begun with a Golden Age, didn't end under the good fortune brought by the first *Princeps*. The Age of Augustus came to an end!

Literature didn't escape the Empire's *fatum* and, after 69, together with the *Magna Vrbs*, waited for a time that would finally be able of a renewal.

In the eighties, after major achievements of the Flavians, a new *Aurea Aetas* bleached.

However, it was impossible to recover the past: more than ever before the wealthy searched for purple, the populace claimed for *panem et circenses*. The definite change of times had in the artistic production a major proof — the *clientela* had left the authors by themselves! Far were the circles of Maecenas supporting Horaces or Virgils who could totally dedicate to their art...

*Marcus Valerius Martialis* has been not only a writer whose existence would resent the constraints that this epoch reserved for poets, as also the one who would make his work the most faithful mirror of his time. In fact, if it was not for his work, it would not be fully understandable how it was possible for a writer to survive those times and bring his work to light — a very special light, indeed: *Hic est quem legis ille, quem requiris, / toto notus in orbe Martialis* (1.1.1-2)!

To sing the new Empire in its everyday life, at once, graceful and disgraceful, only a rude *auena*, jocose and mordacious. The epigram, not the epic, was the new voice of Rome! Martial, hoisting his *auena*, applied all his mastery to the celebration of his Rome and his fellow-citizen Romans — *hominem pagina nostra sapit* (10.4.10).

Have we lost a talented epic who devoted himself to a minor genre or have we gained an unique singer that lived in perfect harmony with his own time?

Achieving the immortality of epic writers, Martial reached his target: *si [...] / [...] fas est cineri me superesse meo* (7.44.7-8).

Yet Martial's single did was fulfilling his words — *angusta cantare licet uidearis auena, / dum tua multorum uincat auena tubas*. (8.3.21-22) —, by writing, with the shape of epigrams, the first and maybe the only epic of the everyday life!

## SUMÁRIO

<b>ANTE REM .....</b>	<b>9</b>
<b>PRIMEIRA PARTE – MARCIAL, CANTOR DO QUOTIDIANO .....</b>	<b>15</b>
I – BREVE CONTRIBUTO PARA UMA LEITURA BIOBLIOGRÁFICA DA OBRA.....	17
<b>SEGUNDA PARTE – ÉPOCA ARGÊNTEA .....</b>	<b>53</b>
I – MUDANÇAS POLÍTICAS E SOCIAIS DO SÉCULO I .....	55
II – TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DITADAS POR UMA NOVA POLÍTICA, PARA UMA SOCIEDADE DIFERENTE.....	109
III – A TALIA DE MARCIAL.....	127
<b>TERCEIRA PARTE – ÁUREO CANTO.....</b>	<b>151</b>
I – PERSPETIVA DA TEORIA LITERÁRIA PRECEDENTE: EPOPEIA E EPIGRAMA, GÊNEROS ANTIPODAIS.....	153
1. Sobre o modo narrativo, género épico.....	156
2. Sobre o modo lírico, género epigramático .....	160
II – NOVAS PERSPETIVAS DA MESMA TEORIA LITERÁRIA: A SIMBIOSE DE MARCIAL .....	169
1. Sobre o tratamento epigramático / quotidiano de temas épicos.....	175
2. Sobre o tratamento épico de temas epigramáticos / quotidianos .....	182
<b>QUARTA PARTE – O CUMPRIMENTO ÉPICO DO QUOTIDIANO.....</b>	<b>189</b>
I – O SÉCULO I TORNADO IMORTAL .....	191
1. <i>De Vrbe</i> .....	194

1.1. No Palatino .....	195
1.1.1. A ação dos césaes .....	197
1.1.1.1. Augusto .....	197
1.1.1.2. Nero .....	200
1.1.1.3. Vespasiano .....	201
1.1.1.4. Tito .....	202
1.1.1.5. Domiciano .....	205
1.1.1.6. Nerva .....	211
1.1.1.7. Trajano .....	215
1.2. Em pleno <i>Forum</i> .....	218
1.2.1. Política, Direito e o Desgoverno das Ilegalidades .....	218
1.2.2. Crenças, Crentes e Festividades .....	227
1.3. Pelos <i>Vici</i> .....	236
1.3.1. De manhã .....	237
1.3.1.1. Escravatura .....	237
1.3.1.2. Patronato e <i>Clientela</i> .....	244
1.3.1.3. Mesteres .....	252
1.3.2. Durante a tarde e à noite .....	257
1.3.2.1. Banhos .....	259
1.3.2.2. Banquetes .....	261
1.3.2.3. Leituras públicas .....	265
1.3.2.4. <i>Ludi</i> .....	270

1.3.2.5. Luxo, prazer e jogo .....	274
1.4. Dentro da <i>domus</i> .....	280
1.4.1. Família e vizinhança .....	281
1.4.2. Casamento e relações extraconjugais .....	284
1.4.3. Infância e educação .....	290
1.4.4. Vida e morte .....	293
1.4.5. <i>Mores</i> , virtudes e vícios .....	301
2. <i>De orbe</i> .....	326
2.1. O orbe na Urbe .....	327
2.1.1. Romanos e estrangeiros .....	327
2.2. A Urbe no orbe .....	332
2.2.1. Vida militar .....	333
2.2.2. Viagens e vilegiaturas .....	335
2.3. A fuga da Urbe .....	338
2.3.1. <i>Otium</i> ( <i>Litteratum</i> ?) .....	339
2.4. O orbe sem Urbe .....	341
2.4.1. Um império, dois universos .....	342
II — O POETA QUE SE IMORTALIZA E O SEU CANTO IMORTALIZADO PELA VOZ DE TANTOS OUTROS .....	347
<b>POST REM</b> .....	<b>355</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>363</b>
I — EDIÇÕES / ANTOLOGIAS / TRADUÇÕES / COMENTÁRIOS .....	365

1. Marcial.....	365
2. Outros autores clássicos.....	367
3. Autores Medievais.....	379
4. Autores Renascentistas .....	379
5. Autores Setecentistas.....	380
6. Autores Portugueses .....	380
7. Autores Estrangeiros.....	381
II — OBRAS DE REFERÊNCIA.....	383
III — ESTUDOS.....	387
IV — DEMAIS OBRAS.....	421
<b>ADENDAS .....</b>	<b>423</b>
I — TABVLAE GEOGRAPHICAE .....	425
1. O Mundo Romano sob a República .....	425
2. A Roma Republicana.....	426
3. O Mundo de Augusto .....	427
4. A Roma legada por Augusto .....	428
5. O Mundo de Marcial .....	429
6. A Hispânia de Marcial .....	430
7. A Itália de Marcial .....	431
8. A Roma de Marcial.....	432
II — TABVLAE GENEALOGICAE.....	433
1. <i>A Domus Caesarum.</i> .....	433



2. A descendência de Augusto e Livia.....	434
3. A descendência de Otávia e Marco Antônio. ....	435
4. A família de Marco Licínio Crasso Frugi. ....	436
<b>ÍNDICES.....</b>	<b>437</b>
I — INDEX M. VALERII MARTIALIS EPIGRAMMATON .....	439
II — INDEX AVCTORVM ET OPERVM.....	449
III — INDEX PERSONARVM ET DEORVM.....	457
IV — INDEX GEOGRAPHIARVM ET MONVMENTORVM.....	469
V — INDEX RERVM ET VOCABVLORVM.....	475



*“angusta cantare licet uidearis auena,*

*dum tua multorum uincat auena tubas.”*

Marcus Valerius Martialis

8.321-22



## ANTE REM

*“hominem pagina nostra sapit.”*

Marcus Valerius Martialis

10.4.10

O fenómeno literário é indicador da identidade de um povo, ao mesmo tempo que, a par das descobertas científicas e do desenvolvimento tecnológico, contribui para o harmonioso progresso da humanidade.

Os estudos no âmbito da hodierna literatura, porém, não bastam, *per se*, à compreensão nem da nossa sociedade ocidental, nem, tampouco, da própria produção literária. Com efeito, a Civilização Ocidental, enquanto continuidade da que, por séculos, dominou todo o Mediterrâneo, deve procurar encontrar em Roma parte insofismável dos seus mais originais fundamentos.

Felizmente, a Antiguidade legou-nos variados autores cujas criações são passíveis de abordagem para a descoberta desse mundo em que firmam as nossas raízes profundas. No entanto, nem sempre serão tão ricos, nem sequer tão aliciantes, esses testemunhos, quanto os que se nos oferecem a cada epigrama de Marcial.

Marcial foi exímio cultor do género epigramático, que burilou até à sua forma mais sublime e para o qual forjou um inovador e arrojado conteúdo, pelo carácter cinematográfico das suas composições e pela longa-metragem que nos oferece do homem romano.

Sob os auspícios de uma moral que o próprio não conheceu, indevidamente desconsiderado, durante séculos, porque imediata e exclusivamente, e, portanto,

erroneamente, associado às suas composições mais lascivas, Marcial, ainda que veladamente, nunca deixou de ser fruído, comentado, emulado.

E são os inúmeros estudos sobre a sua obra, mesmo os daqueles que a depreciaram, que fazem prova do seu mérito, pois não fosse a produção de Marcial genial e não lhe teria sido, efetivamente, permitido sobreviver às suas cinzas<sup>1</sup>.

De facto, só um autor heroico poderia furtar-se às habituais contingências do espaço e do tempo, ainda que todo o seu heroísmo tenha sido votado ao canto do quotidiano, ainda que a imortalidade dos seus escritos devesse da mortalidade dos que os povoam.

É este aparente paradoxo — cerne do génio de Marcial — que, no desenvolvimento do presente trabalho, se pretende esclarecer.

Com efeito, tomando, por ponto de partida, para uma releitura dos seus livros de epigramas, as palavras do próprio, em 10.4.10 — *hominem pagina nostra sapit* —, teorizou-se ser, figurativamente, a poesia de Marcial uma mordaz, se bem que humilde, *auena* capaz, porém, de altear e sublimar o quotidiano do século I de que o autor é um fiel transmissor.

Assim, um primevo capítulo pretende demonstrar que, nutrindo-se das vidas que povoaram a Roma do século I, entre as quais a do próprio Marcial, esta criação epigramática permite, antes de mais, configurar a existência do homem e não apenas caracterizar um autor.

Depois de deter-se brevemente sobre o percurso biobibliográfico ditado pela auscultação da obra, a prossecução desta investigação revelou-se dependente de uma análise da influência que sobre a produção de Marcial exerceram as contingências políticas, sociais e culturais do século I. Atendendo ao facto de ser Marcial um autor profundamente embrenhado no mundo seu contemporâneo,

---

<sup>1</sup> Vide 7.44.

não se pode, pois, deixar de assumir que, para a revolução genológica que opera a sua *Thalia*, muito terão contribuído as transformações que, a todos os níveis, marcaram esta época.

Impõe-se, então, um exame da perspectiva sobre a teoria literária que precedeu Marcial, no intuito de se estabelecer, com precisão, as características e, decorrentes destas, as distâncias entre o género epigramático do modo lírico e o género épico do modo narrativo. Na medida em que Marcial foi um cultor do epigrama que, por processos intertextuais, quer formais quer de conteúdo, se comprometeu com a epopeia, urge uma demora sobre esta original “simbiose”, responsável por novas perspetivações da mesma teoria literária e marca indelével da originalidade do poeta. Sustentando-se na apreciação de *exempla*, intenta a explanação traçada ilustrar que os epigramas de Marcial puderam, precisamente, insuflar de vida os temas esgotados pela épica e, ainda mais genialmente, elevar, pelo canto, as vivências quotidianas da Urbe do século I.

Prossegue este trabalho com as perspetivas de imortalidade que da sua obra e de quantas nela viriam a inspirar-se podem colher-se — o garante último de que alcançou Marcial um áureo canto em época argêntea e de que, por isso mesmo, se cumpriu epicamente o quotidiano. Eternizou-se a Roma do século I, ao desenharem-se, numa imensa tela composta pelo conjunto dos *Libri* do poeta, os espaços físico e social da *Magna Vrbs*, no variegado das situações do seu quotidiano. Ergueu-se a perene universalidade de Marcial, na medida em que o autor textual, mas, também, o autor empírico conquistaram ambos um público leitor cada vez mais vasto, transpondo, primeiro, os muros de Roma e, depois, as barreiras do tempo. Concretizou-se a eternidade do autor e da obra pela emulação, porquanto, ao longo destes dezanove séculos, sempre foi lido, traduzido, imitado, tomado como ponto de partida para a criação própria, aproveitado, até, para

cânone no púlpito, tendo-se-lhe rendido gerações de poetas, reconhecendo-lhe a genialidade.

Finda-se a presente empresa com uma reflexão sobre o percurso e os resultados desta quinquenal demanda, bem como, sobre o que exige, ainda, o futuro à investigação que se debruce sobre Marcial e a sua obra e o próprio presente aos investigadores a quem o aturado estudo destes *Libri* assegura uma mais lata cosmovisão capaz de ajudar criticamente a construir o mundo .

Na verdade, o estudo aqui apresentado, germinado de uma paixão, teve como sua finalidade original contribuir para uma apologia dos *Marci Valerii Martialis Epigrammaton Libri*, clarificando o cumprimento épico do quotidiano que veicularam — uma das suas menos exploradas leituras —, e, de forma mais lata, concorrer para o progresso dos estudos literários, sobretudo no âmbito da literatura latina. Porém, o decurso da análise de uma poesia profundamente imbuída de humanidade, das que mais dela terão filtrado e que mais para ela terão jorrado, inspiraria um novo e não menos meritório propósito: que este vislumbre do passado pudesse, nesta época atual de convulsão e desnorte, ajudar a refletir sobre o presente e a projetar o futuro.

Não sem arduidades várias se antecipa este excurso, decorrentes ora da singeleza da investigadora, perante a enormidade da sua tarefa, ora de alguma e nem sempre ultrapassada tendenciosidade sua, por que, de antemão, pede que a desculpem, pois que fica a dever-se à sua confessa dileção pelo autor e à sua adesão ao tema.

A maior tensão, no entanto, é a que opõe a realidade que, verso a verso, se insinua e a ficção ditada pelo filtro da criação poética. Entre a opção de fazer tese da perspetiva tendencialmente testemunhal dos literalistas ou do ponto de vista marcadamente estanque dos revisionistas, ensaia-se um rumo distinto. Prefere-se uma mais harmoniosa abordagem eclética, ao encontro da sugestão de Leni



Ribeiro Leite<sup>2</sup>, que, no seguimento de Patricia Larash, também certifica: “I look at the literary use Martial makes of a sociological phenomenon”<sup>3</sup>.

Este trabalho, partindo da premissa que advoga incorrer tudo quanto é mediado pelo homem em algum grau de contaminação — até a historiografia —, reconhece, na literariedade da obra, o tratamento de aspetos sociais, o que faculta dar-se a conhecer a própria Roma e no seu aspeto mais polimórfico.

A poesia de Marcial vale, então, pela vida que contém e pelo génio que, desvelando-a, a cada epigrama se desvela, porquanto se tenha revelado essencial, *pari passu*, convocá-los.

Os epigramas de Marcial são sempre citados, indicando, em numeração árabe, o livro, o epigrama e os versos, a partir da edição crítica publicada por David Roy Shackleton Bailey<sup>4</sup>, à qual foram feitas pequeníssimas alterações pontuais, sobretudo ditadas pela opção de grafar /u/ e não /v/ e /V/ e não /U/.

À semelhança de quaisquer autores citados, também dos clássicos não são apresentadas as traduções portuguesas, exceção feita ao *corpus* de Marcial tomado para análise, cuja versão portuguesa acompanhará a latina original.

A tradução portuguesa utilizada não é própria<sup>5</sup>, sendo, em todos os casos, a de Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, José Luís Lopes Brandão e

---

<sup>2</sup> Na sua dissertação *O Universo do Livro em Marcial*, Leni Ribeiro Leite elabora uma esclarecedora síntese dos mais relevantes estudos sobre a obra de Marcial e sobre as tendências, mais “literalistas” — de Peter White (cf. P. White 1974: 40-61), de John Patrick Sullivan (cf. J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint)) ou de Art Spisak (cf. A. Spisak 2007) — ou mais “revisionistas” — de Don P. Fowler (cf. D. P. Fowler 1995: 199-226), de Luke Roman (cf. L. Roman 2001: 113-145), de Patricia Larash (cf. P. Larash 2004) ou de William Fitzgerald (cf. W. Fitzgerald 2007) —, que seguem (cf. L. R. Leite 2008: 14-21).

<sup>3</sup> P. Larash 2004 *apud* L. R. Leite 2008: 20.

<sup>4</sup> D. R. Shackleton Bailey 1993.

<sup>5</sup> O mérito, pessoal e amplamente, reconhecido à tradução portuguesa dos *Libri* de Marcial, que, entre 2000 e 2004, publicaram Cristina de Sousa Pimentel, Delfim Ferreira Leão, José Luís Lopes Brandão e Paulo Sérgio Ferreira, dispensou, *per se*, o investimento, neste contexto, numa proposta de tradução dos epigramas.

Paulo Sérgio Ferreira<sup>6</sup>, que toma como referência o mencionado texto latino estabelecido por David Roy Schackleton Bailey.

Para a desambiguação de vocábulos gregos e latinos, são utilizados, preferencialmente e na devida ordem, o *Dictionnaire Grec-Français*<sup>7</sup> e o *Dictionnaire Latin-Français*<sup>8</sup> e o *Oxford Latin Dictionary*<sup>9</sup>.

A identificação de citações de autores clássicos segue as normas propostas para as autorias gregas e latinas por *A Greek-English Lexicon*<sup>10</sup> e pelo supracitado *Oxford Latin Dictionary*, respetivamente, sendo que se opta, ainda, pela numeração árabe na referência a extratos textuais e, preferencialmente, pela menção ao título completo das obras.

No intuito de simplificar as perspectivas sobre a vastidão gradativa do mundo romanizado e a respetiva prolixidade toponímica, por um lado, e sobre a complexidade das intrincadas relações familiares dos Júlio-Cláudios, pelo outro, complementam este estudo as *tabulae geographicae* e as *tabulae genealogicae*, inclusas nas adendas.

Tecidas as considerações iniciais, proposta uma metodologia e feitas as mais basilares advertências, urge solicitar os auspícios de Talia, não porque se lhe vá dar voz, senão porque é dela que irá falar-se: também estas páginas pretendem saber a homem!

---

<sup>6</sup> Cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000-2004.

<sup>7</sup> A. Bailly <sup>50</sup>1999.

<sup>8</sup> F. Gaffiot <sup>2</sup>2001.

<sup>9</sup> P. G. W. Glare (editor) 1982.

<sup>10</sup> H. G. Liddell and R. Scott (compilers), H. S. Jones (editor) and R. McKenzie (assistant) <sup>9</sup>1940.

## PRIMEIRA PARTE — MARCIAL, CANTOR DO QUOTIDIANO

*“Hic est quem legis ille, quem requiris,  
toto notus in orbe Martialis  
argutis epigrammaton libellis”*

Marcus Valerius Martialis  
1.11-3



## I — BREVE CONTRIBUTO PARA UMA LEITURA BIOBLIOGRÁFICA DA OBRA

*“O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente”*

Fernando Pessoa  
Autopsicografia, 1-4

Perscrutar o legado epigramático de Marcial deixa ao leitor a impressão de ter, não apenas, divisado a poesia, senão, também, vislumbrado o próprio poeta.

A obra de arte literária, à semelhança de outra qualquer produção artística, encerra, indubitavelmente, o selo indelével do seu criador. Porém, a assunção de que a identidade do artista possa ser perceptível por meio da sua obra, ainda que a arte como reflexo de identidade seja um princípio de consenso quase universal, é uma premissa cuja validade é muito mais controversa.

Com efeito, a criação artística, nas suas múltiplas formas, tem, na realidade, o seu ponto de partida, todavia vai muito além e, assim sendo, a literatura não pode ser tomada pela própria vida.

Na sequência de uma longa tradição dos estudos literários, advertiu o teórico Fernando Lázaro Carreter no seu *De poética y poéticas*: “Todos los líricos manipulan la realidad, hasta los que parecen más vinculados a la verdad biográfica de su existencia.”<sup>11</sup>. Inegavelmente, poesia implica sempre construção,

---

<sup>11</sup> F. Lázaro Carreter 1990: 38.

sendo, hoje em dia, consideradas altamente questionáveis quaisquer tentativas de identificação entre o autor empírico e o autor textual por ele criado.

Neste ponto, o leitor que haja perscrutado os *Libri* de Marcial, do *De Spectaculis* ao *Liber XII*, incluindo *Xenia* e *Apophoreta*, poderá recordar, entre incontáveis outros a si endereçados, estes versos, em particular:

*lector, opes nostrae: quem cum mihi Roma dedisset,  
'nil tibi quod demus maius habemus' ait.  
'pigra per hunc fugies ingratae flumina Lethes' (10.2.5-7)*  
(- leitor, que és a minha riqueza. Quando Roma te deu a mim,  
disse: 'Nada tenho mais precioso para te dar.  
Graças a ele, escaparás às lentas águas do ingrato Letes').

Impõe-se, claramente, neste momento, uma questão incontornável para este leitor: quem “graças a ele, escapou às lentas águas do ingrato Letes”, o próprio Marcial ou a sua *persona* literária? E, conquanto esteja agudamente ciente dos cânones literários, a sua resposta não poderá ser outra que não: de alguma forma ambos, graças a si, escaparam.

A verdade é que os *Marci Valerii Martialis Epigrammaton Libri* asseguraram não apenas ao seu eu poético a possibilidade de uma expressão contínua, até aos dias de hoje, como também à vida, tal como este homem a viveu, há dois mil anos, a perpetuidade, à ameaça do olvido, ditada pelo curso do tempo.

Quantos escritores deixaram à posteridade nada mais que uma grandiosa criação anónima? Quantos, além dos seus magníficos escritos, apenas um nome? Demasiados. Marcial, todavia, teve o engenho para legar ao seu leitor, através da própria obra de arte, um vislumbre do escritor por detrás do autor textual e do homem para lá do artista.

O epigrama que encerra a dedicatória proemial do *Liber IX* ilustra perfeitamente estas conexões complexas, contribuindo para a compreensão da forma como se opera esta revelação de identidade ante os olhos do leitor (e, até, do próprio autor), enquanto o artista desvela com súpera mestria a sua arte:

*hoc tibi sub nostra breue carmen imagine uiuat,  
quam non obscuris iungis, Auite, uiris:  
'ille ego sum nulli nugarum laude secundus'*  
(viva para ti este breve carme sob o meu retrato,  
que juntas, Avito, aos de varões não obscuros:  
"Eu sou aquele a ninguém segundo na glória das bagatelas").

A conselho de Marcial o seu retrato deveria ser legendado com as palavras poéticas da sua *persona* literária — o eu poético apresenta o homem e, ademais, este homem pretende, claramente, ser (re)conhecido como poeta.

Efetivamente, a poesia sobrevém, não raro, de uma projeção estética da realidade pessoal do poeta<sup>12</sup>, e a incompreensão deste fenómeno pode ser tão errónea quanto o descartar do fingimento poético<sup>13</sup>.

Esta não é uma preocupação nova: Hesíodo, nos versos 27 e 28 da *Teogonia*, expusera, já, através das suas Musas, as intrincadas relações poéticas mantidas entre verdade e falsidade: "ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα, / ἴδμεν δ', εὖτ' ἐθέλωμεν, ἀληθέα γηρύσασθαι". Assim, deverá, igualmente, o avisado leitor de Marcial esperar que tenha o poeta sido um leal servidor das musas, tendo declarado "muitas coisas falsas como se fossem verdadeiras", embora, certamente, também, proferido "verdades".

Na sua *Teoría de la Expresión Poética*, Carlos Bousoño estabelece uma comparação que, afigura, na perfeição, o *labor* literário de Marcial: "La relación entre poema y vida se parece a la relación que media entre dos líneas paralelas,

---

<sup>12</sup> Cf. C. Bousoño <sup>5</sup>1970: 26.

<sup>13</sup> Peter Howell procura, de facto, demarcar-se de uma perspetiva da vida de Marcial que parta de uma leitura, em certa medida, descontextualizada dos epigramas, como a que atribui a John Patrick Sullivan, na medida em que "care is needed as the first person singular may be the "authorial" use, rather than personal" (P. Howell 2009: 9). No entanto, não deixa de perscrutar a obra em busca da *persona* do seu autor, na senda de Don P. Fowler (cf. D. P. Fowler 1995: 199-226), John Garthwaite (cf. J. Garthwaite 1993: 78-102, J. Garthwaite 1998(a): 157-172, ou J. Garthwaite 2001: 46-55), Niklas Holzberg (cf. N. Holzberg 2002) e Sven Lorenz (S. Lorenz 2004: 255-278).

que sin tocarse nunca, cada una de ellas sigue las evoluciones de la otra en una mimesis perfecta.”<sup>14</sup>

Não é, pois, surpreendente encontrar os *Libri* plenamente imbuídos de toda a sua essência, quando, quer elevando-se através da escrita dos seus epigramas, quer submetendo-se à mendicância por uma espórtula, Marcial devotou à sua obra uma existência inteira.

Numerosas vezes, trouxe ele para o epigrama a mais elementar expressão da identidade — o nome:

*Vndenis pedibusque syllabisque  
et multo sale nec tamen proteruo  
notus gentibus ille Martialis  
et notus populis — quid invidetis? — (10.9.1-4)*  
*(À custa de meus versos de onze pés e de onze sílabas  
e de meu grande humor, isento de crueza,  
sou conhecido das nações como o famoso Marcial,  
e conhecido dos povos... Mas porque me invejam?).*

O *cognomen* — *Martialis* — usou-o para subscrever e individualizar a sua poesia, funcionando como um nome literário, ao dirigir-se ao amável leitor que o premiasse com o reconhecimento, como em 6.82, ao solícito valedor que favorecesse a sua escrita, como em 7.72, ou ao detestado usurpador que procura colher para si vantagens a expensas do trabalho do poeta, como em 1.117, ou, mesmo, aos intoleráveis invejosos, como sucede no supracitado epigrama 10.9. Na circunstância mais formal das cartas proemiais, na abertura dos *Libri II, VIII, e XII*, são os *tria nomina* (pese o *praenomen* ser, aqui, omitido) — *Valerius Martialis* — que integram as saudações iniciais dedicadas ao seu patrono Deciano, ao Imperador Domiciano César Augusto Germânico Dácico e ao seu protetor Terêncio Prisco, respetivamente. Seria, no entanto, o seu *praenomen* o mais frequentemente convocado aos epigramas. Quem foi humildemente apresentado ao benfeitor

---

<sup>14</sup> *Ibidem*: 28-29.



Frontão, em 1.55, ao amigo Júlio Marcial, em 3.5, ou a uma Ninfa, em 6.47, e quem foi citado numa resposta poética do César, em 1.5, ou sempre que a mordaz imaginação ditou que se esgrimissem argumentos, como em 8.76<sup>15</sup>, foi *Marcus*. Na verdade, as *nuces*<sup>16</sup> de Talia jogam melhor com um tom familiar.

O aniversário, anuem repetidos versos, Marcial celebrava-o nas calendas de março:

*Natales mihi Martiae Kalendae,  
lux formosior omnibus Kalendis* (10.24.1-2)<sup>17</sup>  
(Ó calendas de Março em que nasci,  
dia mais belo de todas as calendas),

e, à data de publicação do seu *Liber X*, teria o autor 57 anos de idade:

*quinguagensima liba septimamque  
uestris addimus hanc focis acerram.* (10.24.4-5)  
(pela quinquagésima sétima vez coloco,  
sobre os vossos altares, bolos e este incensário.).

O *dies natalis* de Marcial seria, então, presumivelmente, o primeiro dia de março do ano 38. Contudo, por um lado, a tradição romana de concentrar, nas calendas, as comemorações referentes aos aniversários celebrados durante todo o mês<sup>18</sup> e, por outro, os problemas de datação ocasionados pelo facto de ter apenas subsistido uma segunda edição deste livro, remontante ao ano 98, e que inabilita discernir se este epigrama 10.24 estaria ou não incluído na primeira edição de 95<sup>19</sup>, tornam muito difíceis asseverações mais seguras.

---

<sup>15</sup> Vide, também, 5.29 e 5.63.

<sup>16</sup> Vide 14.1.

<sup>17</sup> Vide, também, 9.53, 10.92 e 12.60.

<sup>18</sup> Cf. H. Lucas 1938: 5.

<sup>19</sup> Cf. L. Friedländer 1967: 64-65.

A sua filiação, se bem que mencionada uma única vez, é deixada bastante clara numa invocação emotiva, por ocasião da morte da pequena escrava Erócion<sup>20</sup>:

*Hanc tibi, Fronto pater, genetrix Flaccilla, puellam  
oscula commendo deliciasque meas (5.34.1-2)*

*(A ti, Frontão meu pai, a ti, mãe Flacila, esta donzela  
confio, os beijos e delícias minhas).*

Frontão e Flacila seriam, num outro epigrama, dados como os responsáveis pelo pendor para as *litterulas*, já que este terá resultado da diligente educação<sup>21</sup> que lhe foi assegurada na sua terra natal:

---

<sup>20</sup> A perspicuidade desta menção não bastou, porém, para alonjar da controvérsia a progénie de Marcial. As questões de tantos outros especialistas sintetizou-as Józef Mantke no seu artigo “Do we know Martial’s parents? (Mart. V 34)”, que problematiza poderem ser Frontão e Flacila os pais de Erócion e não os do próprio autor (cf. J. Mantke 1967-1968: 234-244). Aliás, quer este epigrama 5.34 quer os outros que à *puella* desaparecida dedica o poeta — 5.37 e 10.31 — o único acordo que reúnem entre os filólogos parece ser o de todos lhes reconhecerem a mestria, tanto os que, como Robert E. Colton (cf. R. E. Colton 1979: 1-3), confiam na profundidade do pesar demonstrado quanto os que, como Leslie John Lloyd (cf. L. J. Lloyd 1953: 39-41), chegam a descrever da sua sinceridade. Patricia Watson vislumbra, sobretudo na Erócion de 5.37, uma *puella delicata* do bilbilitano (cf. P. Watson 1992: 253-268). Para Albert A. Bell, a permanência na memória e os cuidados perpetuados, até 10.31, sugerem ser a criança uma filha e não uma escrava de Marcial (cf. A. A. Bell 1984: 21-24), mesmo porque, adianta, na senda de Leona Ascher (cf. L. Ascher 1977: 441-444) e reacendendo o confronto com os argumentos de John Wight Duff (cf. J. W. Duff 1964: 142), de Harry C. Schnur (cf. H. C. Schnur 1978: 98-99), ou de John Patrick Sullivan (cf. J. P. Sullivan 1978-1979: 238-239), não existem, de facto, provas de não ter o epigramatista contraído matrimónio. Todavia, na ausência de outro registo, também não é nos *Marci Valerii Martialis Epigrammaton Libri* que pode validar-se a hipótese de casamento: de todas as *uxores* referidas (e, as mais das vezes, com que impudência) nenhuma seria sua — isto mesmo concluiu, cabalmente, John Patrick Sullivan no seu *supra* mencionado estudo de 1978-1979, “Was Martial Really Married? A Reply.”, tese que retomaria, ainda, em *Martial — The Unexpected Classic* (cf. J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint): 25-26). Por outro lado, José Luís Lopes Brandão convoca o argumento de Patricia Watson para desconstruir a teoria do vínculo parental de Marcial a uma criança, cuja morte acaba por servir de mote para a crítica sarcástica a Peto, em 5.37; ao mesmo tempo que contesta, de forma plenamente fundamentada, a redução, por esta investigadora, de Erócion ao papel de um *delicium* de um homem cuja obra, relembra o estudioso, repetidamente repudia os abusos sexuais perpetrados pelos senhores sobre os seus escravos pueris (cf. J. L. L. Brandão 2004: 43-45). Do mesmo modo, desfazem Lindsay Watson e Patricia Watson a polémica em torno da ascendência de Marcial e, seguindo o conselho de Piergiorgio Parroni, que situava no próprio texto a chave interpretativa do mesmo (cf. P. Parroni 1979: 833-839), insistem na relevância do vocábulo *patronos*, salientando a sua inadequação ao contexto de uma relação paternal (cf. L. Watson and P. Watson 2003: 343-344).

*at me litterulas stulti docuere parentes (9.73.7)*

*(A mim, os meus pais, tontos, deram-me a aprender as letrinhas).*

Marcial era originário de *Augusta Bilbilis*, na província imperial romana da *Hispania Tarraconensis*; todavia, a sua vida vivê-la-ia, do alvor da maioridade ao ocaso da juventude, em Roma, onde alcançaria o reconhecimento, mas, também, a senectude:

*Municipes Augusta mihi quos Bilbilis acri  
monte creat, rapidis quem Salo cingit aquis,*

---

<sup>21</sup> No seu trabalho “Gli ‘stulti parentes’ di Marziale e il prezzo di una vocazione (Nota a Mart. 9.73)”, Piergiorgio Parroni explicita a opção de Marcial pelo diminutivo *litterulas*, em 9.73.7, com a intencional criação de um duplo sentido: a expressão literal da afeição pelos pais que cuidaram da sua instrução, pelo que as *litterulae* corresponderão a uma muito mais lata formação académica; concorrendo com a irónica manifestação do desapontamento que motiva não ter essa educação zelosa o resultado almejado pelo poeta (cf. P. Parroni 1979: 833-839), como o próprio acaba por clarificar em 9.73.8-10:

*quid cum grammaticis rhetoribusque mihi?  
frange leues calamos et scinde, Thalia, libellos,  
si dare sutori calceus ista potest.*

*(os gramáticos e os retores que ganho eu com eles?  
Quebra as penas fracotas, Talia, e rasga estes livrinhos,  
se tal lucro pode dar um sapato ao sapateiro.).*

Esta metáfora de 9.73.10 adquire maior expressividade, ainda, pela rememoração dos epigramas 3.1 e 3.59: quando até um sapateiro custeia, sem dificuldade aparente, um espetáculo de gladiadores, revelam-se, indubitavelmente, parcos os rendimentos dos poetas e inglórios os sacrifícios nos altares de Apolo. O ofício das letras (ontem como hoje) não assegura outro proveito que não o que possa advir da realização, mas até essa fica, a espaços, comprometida por algum desalento, que expressa Marcial ora no tom pungente de 1.76, ora no tom chocarreiro de 5.56. E é precisamente porque, como assegura a Sexto, em 3.38.9-10, *omnes gelidis quicumque lacernis / sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides*. (*em todos quantos estão para aí, / com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios*.), que o poeta desconsidera, na construção do seu epigrama 9.73, a educação recebida e metonimicamente os pais, *stulti*, (por)que lhe proporcionaram. Assim, considera também Christer Henriksén, quando, na senda da interpretação apresentada por Piergiorgio Parroni no estudo *supra* citado, apela à proposta avançada por Gertrude M. Hirst para clarificar este passo: “my poor foolish parents (viz. who put me in school to learn what they thought to be something honorable but which, in these times, is worth nothing)” (G. M. Hirst 1925 *apud* C. Henriksén 1998: 90). Gertrude M. Hirst alerta, aliás, para o facto de ter 9.73.7, por hipotextos, o verso 392 do livro primeiro da *Eneida* de Virgílio e o verso 343 (note-se que não menos o verso 344) do segundo livro dos *Tristia* de Ovídio, como uma leitura de ambos pode facilmente comprovar: “ni frustra augurium uani docuere parentes” e “ei mihi, quod didici! cur me docuere parentes / litteraque est oculos ulla morata meos?”, respetivamente.

*ecquid laeta iuuat uestri uos gloria uatis?  
nam decus et nomen famaque uestra sumus,  
nec sua plus debet tenui Verona Catullo  
meque uelit dici non minus illa suum.  
quattuor accessit tricesima messibus aestas,  
ut sine me Cereri rustica liba datis,  
moenia dum colimus dominae pulcherrima Romae:  
mutauere meas Itala regna comas.  
excipitis placida reducem si mente, uenimus;  
aspera si geritis corda, redire licet. (10.103)*

*(Ó vós, que a Augusta Bílbilis, na sua íngreme encosta  
cingida das rápidas águas do Salão, cria como meus concidadãos,  
acaso vos regozijais com a glória maior de vosso vate?  
Na verdade sou a vossa honra, nome e fama,  
e não deve mais a sua Verona ao delicado Catulo  
e ela não quererá menos que eu fosse chamado seu.  
Há quatro ceifas e trinta verões  
que vós, sem mim, dais a Ceres os rústicos bolos,  
enquanto eu tenho vivido dentro das admiráveis muralhas de Roma imperial.  
Mudaram o meu cabelo as regiões de Itália.  
Se de bom grado acolheis o meu regresso, eu venho;  
se alimentais um coração hostil, eu posso voltar para trás.).*

Ainda que, em Roma, não negue as suas origens pátrias, que ostentará, aliás, orgulhosamente, nos versos dos seus epigramas<sup>22</sup>, a verdade é que a sua *Augusta Bilbilis* natal não foi capaz de telurismo bastante que o prendesse, face ao magnetismo exalado pela capital do império, que o impeliu, em 64, a demandar a Urbe.

Roma, cuja imagem ainda hoje fascina, deveria ser deveras irresistível para um jovem do século primeiro oriundo da província. Ela era, ao tempo e a um tempo, a *Magna Vrbs* poderosa e monumental, a *Vrbs Aeterna* deificada e cultuada,

---

<sup>22</sup> Vide 1.49, 4.55 e 12.18.

o *Caput Mundi*, centro nevrálgico, onde tudo acontecia, de onde tudo emanava e por onde tudo se plasmava<sup>23</sup>.

Muitos foram, pois, os que, desejando experienciar esta cidade superlativa (ou vivenciar as experiências que, superlativamente, proporcionava), e os que, querendo conhecer o coração do império (ou, por ele, dar-se a conhecer *Vrbi et orbi*), encetaram o rumo de Roma.

Sêneca, também ele um dia recebido pela cidade, esboça do exílio, no seu *Ad Heluiam Matrem de Consolatione, Liber Duodecimus* dos *Dialogi*, 6.2, o que pode tomar-se por um irrecusável convite à observação deste fascinante influxo: “Ex municipiis et coloniis suis, ex toto denique orbe terrarum confluxerunt. Alios adduxit ambitio, alios necessitas officii publici, alios imposita legatio, alios luxuria opportunum et opulentum uitii locum quaerens, alios liberalium studiorum cupiditas, alios spectacula; quosdam traxit amicitia, quosdam industria laxam ostendendae uirtuti nanta materiam; quidam uenalem formam attulerunt, quidam uenalem eloquentiam — nullum non hominum genus concurrat in urbem et uirtutibus et uitii magna pretia ponentem. Iube istos omnes ad nomen citari et “unde domo” quisque sit quaere. Videbis maiorem partem esse, quae relictis sedibus suis uenerit in maximam quidem ac pulcherrimam urbem, non tamen suam.”.

Marcial não deve, seguramente, ter sido alheio a qualquer de entre a miríade de possibilidades que lhe permitia vislumbrar o caleidoscópio romano. Além disso, o exemplo do próprio Sêneca — seu conterrâneo e transformado numa das mais poderosas figuras do império — deve ter tido, como sugere Jean

---

<sup>23</sup> Entre outros especialistas, dedica a este tema John W. Spaeth, Jr., nos seus artigos “Martial looks at his world” (J. W. Spaeth, Jr. 1929: 361-373) e “Martial and the Roman Crowd” (J. W. Spaeth, Jr. 1932: 244-254), mais pormenorizadas páginas.

Paul Oltramare<sup>24</sup>, um efeito impactante sobre o bilbilitano, que, certamente, imaginava poder, por seu intermédio, alcançar o círculo imperial do *Iuuenis Deus*. E com Nero parecia ser possível recuperar a *Aurea Aetas Augusta* que, sucessivamente, Tibério, Calígula e Cláudio haviam comprometido. O *Quinquennium Neronis* tê-lo-ão tomado muitos, assim assente João Beato<sup>25</sup>, como a pedra de toque reveladora de que a Urbe retornava à sua glória inaugural. Para Marcial, cuja infância e juventude transcorreram sob o signo da inextricável governação de Cláudio, estes cinco anos bons, que se sucederam à inauguração do principado de Nero, no ano de 54, devem, também, ter pesado a favor da sua partida. Encorajou a ousadia de Marcial a própria BÍlbilis, que, flanqueando, como recorda Alfred Raymond Bellinger<sup>26</sup>, a grande *uia* que ligava Saragoça a Toledo, tinha franqueadas a Roma as suas portas: e, se por elas entravam soldados, diplomatas, correios, comerciantes e, até, escravos — viajantes, enfim, de toda a sorte e todos trazendo à cidade novas do império e da sua cabeça —, era inevitável que por elas saíssem filhos seus, almejando apreciar, *in loco*, essa Roma aliciante; era, pois, fatal, que, seduzido e expectante, Marcial, também ele, as transpusesse.

É entre os Sénecas e os Pisões que Marcial, recém-chegado à *Vrbs*, é acolhido, e pareciam não apenas cumprir-se expectativas acalentadas, como consolidar-se garantias de futuro. Contudo, este revelar-se-ia um momento pautado por crudelíssimos golpes que se abateriam sobre Roma e que, de forma colateral, mas não menos aguda, atingiriam Marcial. Ainda no ano 64, um violentíssimo incêndio, consumindo a cidade, agudizaria as dificuldades que enfrentava o império, a quem Nero negava agora a sua primeva apolínea face. O imperador, primeiro, persegue os cristãos a quem inculca as culpas pela catástrofe,

---

<sup>24</sup> Cf. J. P. Oltramare 1905: 40.

<sup>25</sup> Cf. J. Beato 2003: 88.

<sup>26</sup> Cf. A. R. Bellinger 1928: 425.

aumentando o número das suas mortes e espalhando o terror pela Urbe; para, depois, apresentar o seu novo projeto para a cidade — a sua *Domus Aurea* — a uma Roma cansada do seu despesismo e das suas imposições. E não terminariam por aqui as temeridades do *princeps*: no ano 65, a descoberta da conjura pisoniana arrastaria Pisão, como também, o próprio Séneca e dezenas de outros das relações de Marcial, para o rol dos que pereceriam executados, forçados a cometer suicídio ou degredados no exílio<sup>27</sup>.

A verdade é que esta congeminência representou um pungente golpe nos planos de Marcial; no entanto, seria a crise o motor de uma importantíssima transformação na sua vida. O bilbilitano, saído dos átrios para as ruas de Roma, assim indicia Cristina de Sousa Pimentel<sup>28</sup>, perdeu o contacto com os poderosos, mas ganhou a visão da turba; perdeu o tranquilo desafoço dos privilégios, mas ganhou a mais verdadeira experiência da romanidade. Marcial talvez não tenha podido, desde logo, suspeitá-lo; porém, seria o bulício da multidão a dar ao poeta o seu mote, glosado, primeiro, em germinais composições — as suas *apinas* de *iuvēnis et puer*, como as descreveria em 1.113 — para, depois, desabrochar na sua fulgurante obra. E, entre as ruidosas gentes de Roma (cadinho de virtudes e vícios), com as quais, no corre-corre do dia-a-dia, começou, silente, por identificar-se e acabaria por confundir-se, nem só o epigramatista se revelaria, senão também — acontecimento ainda mais subtil — se transformaria o homem.

Com efeito, já não era exatamente a de um bilbilitano em Roma a voz que de tão longo silêncio irrompeu, no ano 80, para celebrar a inauguração do

---

<sup>27</sup> Como conclui, enfim, Kirby F. Smith, num repente, “his Spanish blood was no longer a passport.” (K. F. Smith 1920: 4).

<sup>28</sup> Cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 10.

Anfiteatro Flávio<sup>29</sup> e, de certa forma, prestar tributo aos seus *principes*, Vespasiano e Tito, àquele, porque, procurando superar as mazelas infligidas pelas loucuras de Nero e pelo fatídico Ano dos Quatro Imperadores, se apostara, a partir de 69, em relançar o império e a este, porque, depois de 79, levava a bom porto as empresas lançadas por seu pai.

No *Liber de Spectaculis*, ora no assombro pela imponente do Anfiteatro de *Sp.* 1, ora na gratidão pela restituição das delícias ao povo e da cidade a si própria de *Sp.* 2, ora na estupefação pela diversidade dos espectadores de *Sp.* 3, ora no deslumbramento pelos incontáveis e prodigiosos espetáculos de *Sp.* 6, é Roma que se faz ouvir.

A fotografia do estrangeiro rendido à *Magna Vrbs* e que preenche a objetiva apurada de Marcial, em *Sp.* 27, não mais o retrata:

*Si quis ades longis serus spectator ab oris,  
cui lux prima sacri muneris ista fuit,  
ne te decipiat ratibus naualis Enyo  
et par unda fretis, hic modo terra fuit.  
non credis? specta, dum lassant aequora Martem:  
parua mora est, dices 'hic modo pontus erat.'*  
(Se és um espectador tardio, vindo de remotas paragens,  
para quem foi este o primeiro dia dos jogos sagrados,  
que te não iluda a náutica Enio com seus barcos  
e a onda gémea das vagas do mar: aqui, ainda agora era terra.  
Não me acreditas? Aguarda até que as águas fadiguem Marte:  
pequena será a espera e dirás: «Aqui, ainda agora era mar!»).

Entre ele e o *longis serus spectator ab oris* medeia a distância que separa o “eu” do “tu”.

Naturalmente que não seria sensata a premissa que advogasse a plena consciência do poeta relativamente a esta sua iniciada metamorfose, nem

---

<sup>29</sup> O impacto da edificação do Coliseu no coração da *Vrbs Aeterna* pelos Flávios, segundo sugere o *Liber de Spectaculis*, procurou, já, clarificá-lo o trabalho da autora “O Anfiteatro de César: a única obra que a Fama há-de celebrar” (cf. J. M. Costa 2009: *passim*).



tampouco a que defendesse ter-se Marcial apartado por completo da sua original *rusticitas*, em prol de uma *urbanitas* que, de facto, tão melhor lhe assenta. Para o homem, insiste Fustel de Coulanges<sup>30</sup>, não é possível desvincular-se do seu passado, e, efetivamente, a génese hispânica e a naturalidade bilbilitana não serão olvidadas por Marcial, sendo convocadas para os seus versos, em 1.49.2 — *nostraeque [...] Hispaniae* (da nossa Hispânia) — em 1.61.11-12 — *nostra / [...] Bilbilis* (a nossa BÍlbilis) — ou em 4.55.2 — *Tagumque nostrum* (o nosso Tago) — e 4.55.8-11 *nos Celtis genitos et ex Hiberis / nostrae nomina duriora terrae / grato non pudeat referre uersu: / saeuo Bilbilin optimam metallo* (Mas eu, de Celtas e de Iberos gerado, / o nome mais duro da minha terra / em verso grato não me pejo de referir: / BÍlbilis, famosa por seu fero metal). No entanto, BÍlbilis assemelha-se, mais e mais, com o *locus amoenus* idealizado da proveniência que com o espaço real da pertença:

*Vir Celtiberis non tacende gentibus  
nostraeque laus Hispaniae,  
uidebis altam, Liciniane, Bibilin,  
equis et armis nobilem,  
senemque Caium niuibus, et fractis sacrum  
Vadaueronem montibus,  
et delicati dulce Boterdi nemus,  
Pomona quod felix amat.  
tepidi natabis lene Congedi uadum  
mollesque Nympharum lacus,  
quibus remissum corpus astriges breui  
Salone, qui ferrum gelat.  
praestabit illic ipsa figendas prope  
Voberca prandenti feras.  
aestus serenos aureo franges Tago  
obscurus umbris arborum;  
auidam rigens Derceita placabit sitim  
et Nutha, quae uincit niues.  
at cum December canus et bruma impotens  
Aquilone rauco mugiet,*

---

<sup>30</sup> Cf. F. de Coulanges 1864 (réimpression 1984): 4-5.

*aprica repetes Tarraconis litora  
 tuamque Laletaniam.  
 ibi illigatas mollibus dammas plagis  
 mactabis et uernas apros  
 leporemque forti callidum rumpes equo —  
 ceruos relinques uilico.  
 uicina in ipsum silua descendet focum  
 infante cinctum sordido;  
 uocabitur uenator et ueniet tibi  
 conuiuia clamatus prope;  
 lunata nusquam pellis et nusquam toga  
 olidaeque uestes murice;  
 procul horridus Liburnus et querulus cliens,  
 imperia uiduarum procul;  
 non rumpet altum pallidus somnum reus,  
 sed mane totum dormies.  
 mereatur alius grande et insanum sophos:  
 miserere tu feliciū  
 ueroque fruire non superbus gaudio,  
 dum Sura laudatur tuus.  
 non impudenter uita quod relicum est petit,  
 cum fama quod satis est habet. (1.49)*

*(Ó varão que os povos celtiberos não devem calar,  
 e glória da nossa Hispânia,  
 verás, Liciniano, a altaneira Bílbilis,  
 ilustre pelos cavalos e armas,  
 e o velho Caio com suas neves, e o sacro  
 Vadaverão de montes escarpados,  
 e o agradável bosque do delicado Boterdo,  
 que a fértil Pomona ama.  
 Irás banhar-te nas suaves águas do tépido Congedo,  
 e nos lagos amenos das Ninfas,  
 e o corpo por eles amolecido, irás tonificá-lo no ténue  
 Salão, que dá têmpera ao ferro.  
 Ali à mão, fornecerá, fáceis de caçar,  
 os animais para o teu almoço, a própria Voberca.  
 Hás-de mitigar o calor dos dias de sol no aurífero Tago,  
 escurecido pelas sombras das árvores;  
 há-de aplacar-te a ávida sede a gélida Dercena  
 e Nuta que vence a neve.  
 E quando o branco dezembro e o inverno desenfreado  
 bramirem com o rouco Aquilão,  
 procurarás a costa soalheira de Tarragona  
 e a tua Laletânia.*

*Aí, gamos embaraçados nas flexíveis redes  
 tu imolarás e javalis das tuas terras,  
 e estafarás a lebre ágil com um possante cavalo,  
 e deixarás os cervos para o caseiro.  
 O vizinho bosque descera à tua lareira,  
 rodeada de crianças desgrenhadas;  
 será convidado o caçador, e virá até tua casa  
 como conviva que, de perto, tu chamaste;  
 nada de sapatos ornados de lúnula, nada de toga  
 nem de roupas que tresandem a púrpura;  
 longe do horrível liburno, e do queixoso cliente,  
 longe das exigências das viúvas;  
 o réu não virá, branco, quebrar-te o sono profundo,  
 antes dormirás toda a manhã.  
 Receba outro um desmedido e malsão aplauso:  
 quanto a ti, tem piedade dos afortunados  
 e, sem arrogância, goza uma alegria autêntica,  
 enquanto o teu Sura é exaltado.  
 Não é vergonha que a vida procure o que lhe resta,  
 quando a fama já tem o que lhe basta.).*

É a multímoda Roma que, deveras, o cativa, que lhe capta o olhar e lhe move a pena.

E ao poeta que, de permeio a uma crítica mordaz e a um elogio sincero, lhe oferece a sua Talia, o *Caput Mundi* presenteia-o com a fama:

*Laudat, amat, cantat nostros mea Roma libellos,  
 meque sinus omnes, me manus omnis habet. (6.60.1-2)<sup>31</sup>*  
 (Louva, ama, canta a minha Roma os meus livros,  
 e todos os regaços e todas as mãos me levam.)

— uma invejável fama na Urbe:

*Rumpitur invidia quidam, carissime Iuli,  
 quod me Roma legit, rumpitur invidia.  
 rumpitur invidia quod turba semper in omni  
 monstramur digito, rumpitur invidia.  
 rumpitur invidia tribuit quod Caesar uterque  
 ius mihi natorum, rumpitur invidia.*

---

<sup>31</sup> Vide, também, 5.16.

*rumpitur inuidia quod rus mihi dulce sub urbe est  
paruaque in urbe domus, rumpitur inuidia.  
rumpitur inuidia quod sum iucundus amicis,  
quod conuiua frequens, rumpitur inuidia.  
rumpitur inuidia quod amamur quodque probamur:  
rumpatur quisquis rumpitur inuidia. (9.97)*

*(Estoira de inveja um fulano, caríssimo Júlio,  
porque Roma me lê, estoira de inveja.  
Estoira de inveja por, em todos os ajuntamentos,  
com o dedo me indicarem, estoira de inveja.  
Estoira de inveja por dois Césares me facultarem  
o direito dos três filhos, estoira de inveja.  
Estoira de inveja por eu ter uma grata quinta suburbana  
e uma pequena casa urbana, estoira de inveja.  
Estoira de inveja por eu ser o deleite dos amigos,  
por ser muito convidado, estoira de inveja.  
Estoira de inveja porque sou amado e aplaudido.  
Estoire então quem quer que estoire de inveja.),*

e por todo o orbe:

*Liuet Charinus, rumpitur, furit, plorat  
et quaerit altos unde pendeat ramos:  
non iam quod orbe cantor et legor toto,  
nec umbilicis quod decorus et cedro  
spargor per omnes Roma quas tenet gentes (8.61.1-5)*

*(Está verde de inveja Carino, rebenta, fumeja, chora  
e procura altos ramos donde se enforque:  
não já porque sou cantado e lido no mundo todo,  
nem porque ornado de cilindros e cedro  
sou divulgado por todos os povos que Roma domina).*

E não só o império como, também, os seus imperadores se lhe rendem, agradados pela arte e, certamente, não menos, pelo encómio:

— *namque solent sacra Caesaris aure frui* — (7.99.4)  
(— pois eles costumam fruir do sacro ouvido de César —).

Assim, pôde Marcial beneficiar do reconhecimento de Tito, primeiro, depois, de Domiciano, como orgulhosamente refere em 3.95.5-12, alcançando,

como *praemia*, o *ius trium liberorum*<sup>32</sup> e o ingresso no *ordo equester*, e conquistando, ainda, dos *principes* a proximidade necessária para lhe ser permitido por *Caesareo* [...] *munere* transformar em *ciues* alguns antigos escravos:

*praemia laudato tribuit mihi Caesar uterque  
natorumque dedit iura paterna trium.  
ore legor multo notumque per oppida nomen  
non expectato dat mihi fama rogo.  
est et in hoc aliquid: uidit me Roma tribunum  
et sedeo qua te suscitatur Oceanus.  
quot mihi Caesareo facti sunt munere ciues,  
nec famulos totidem suspicor esse tibi.*

(Ambos os Césares me louvaram e dotaram com prémios  
e concederam-me o privilégio de paternidade de três rebentos.  
Sou lido por muitas bocas e um nome conhecido pelas cidades  
me dá a fama sem esperar pela pira.  
E olha que isto não é coisa pouca: viu-me Roma tribuno  
e sento-me onde Oceano te faz levantar.  
E suspeito, até, que não tens tantos escravos  
quantos os que, por minha intervenção, se tornaram cidadãos por graça imperial.).

Os seus epigramas chegaram tão alto quanto aos césares, tão longe quanto à *Britannia*, mas com eles não acumularia fortuna:

*sed meus in Geticis ad Martia signa pruinis  
a rigidio teritur centurione liber,  
dicitur et nostros cantare Britannia uersus.  
quid prodest? nescit sacculus ista meus. (11.3.3-6)<sup>33</sup>*

(pois, nas neves dos Getas e sob as insígnias de Marte,  
O meu livro é folheado amiúde pelo duro centurião  
e até se diz que a Britânia canta os meus versos.  
E que me aproveita? A minha bolsa ignora tais coisas.).

Privado, como qualquer dos seus pares, segundo Thomas Habinek<sup>34</sup> ou Catherine Connors<sup>35</sup>, de lucrar com a venda dos livros, e impedido, por isso,

---

<sup>32</sup>Vide, também, 2.91, 2.92 e 9.97.

<sup>33</sup> Vide, também, 5.13 e 11.108.

<sup>34</sup> Cf. T. Habinek 1998: 106.

contrariamente ao que sucedia com oradores e demais funcionários do Foro Romano<sup>36</sup>, com citaredos, flautistas, pregoeiros e arquitetos<sup>37</sup>, com sapateiros, pisoeiros e taberneiros<sup>38</sup> ou com aurigas<sup>39</sup>, de poder bastar-se através da sua profissão e na ausência, ainda, de desinteressados benfeitores que protegessem os artistas e promovessem as artes<sup>40</sup>, a Marcial não restava outra alternativa que não a sujeição perante patronos interesseiros, a quem ele, *cliens*, suplicasse pela *sportula*<sup>41</sup>, em troca da humilhação do homem e do emudecimento do poeta:

*Dum te prosequor et domum reduco,  
aurem dum tibi praesto garrienti,  
et quidquid loqueris facisque laudo,  
quot uersus poterant, Labulle, nasci!  
hoc damnum tibi non uidetur esse,  
si quod Roma legit, requirit hospes,  
non deridet eques, tenet senator,  
laudat causidicus, poeta carpit,  
propter te perit? hoc, Labulle, uerum est?  
hoc quisquam ferat? ut tibi tuorum  
sit maior numerus togatulorum,  
librorum mihi sit minor meorum?  
triginta prope iam diebus una est  
nobis pagina uix peracta. sic fit  
cum cenare domi poeta non uult. (11.24)<sup>42</sup>*

*(Enquanto te escolto e a casa te acompanho,  
enquanto presto atenção à tua tagarelance*

---

<sup>35</sup> Cf. C. Connors 2000: 214.

<sup>36</sup> Vide 1.76 e, ainda, 2.30.

<sup>37</sup> Vide 5.56 e, ainda, 3.4 e 6.8.

<sup>38</sup> Vide 3.59 e, ainda, 3.16 e 9.73.

<sup>39</sup> Vide 10.74 e, ainda, 10.76.

<sup>40</sup> Vide 11.3.

<sup>41</sup> A sorte do Bilbilitano, como frisa Kirby F. Smith, não era muito diferente da dos demais profissionais das letras: "In antiquity, therefore, unless an author possessed independent means, his only alternative was patronage; and until 1800 patronage was the general rule of literature." (K. F. Smith 1920: 16).

<sup>42</sup> Vide, também, 3.4, 3.14, 3.36, 5.19, 5.20, 10.58, 10.70, 10.74 e 10.96.

*e quanto dizes e fazes me ponho a aplaudir,  
quantos versos, Labulo, poderiam ter nascido!  
Não te parece isto ser um crime,  
se o que Roma lê e o forasteiro procura,  
o que não desagrada ao cavaleiro e o senador decora,  
o que louva o advogado e o poeta critica,  
por tua culpa se perder? Pode lá isso ser, Labulo?  
Pode alguém suportá-lo? Que, para ser maior  
o número dos teus clientecos togados,  
seja menor o número dos meus livros?  
Já quase trinta dias são passados e ainda uma  
página mal tenho completa. É o que acontece,  
quando jantar em casa um poeta não quer.).*

Vive, pois, prosternado, conquanto tenha alcançado mudar-se do terceiro andar arrendado no Quirinal, descrito em 1.117, para a pequena casa comprada na mesma vizinhança, referida, por exemplo, em 9.18<sup>43</sup>, ainda que mantivesse uma quintarola em Nomento, mencionada, também, em 9.18<sup>44</sup>, embora chegasse a possuir alguns escravos, como variadíssimas composições deixam divisar<sup>45</sup>. E tão mais miserável se sente — já num estudo prévio, em parceria com João Manuel Torrão, isto se concluía<sup>46</sup> — quanto mais se engrandece o seu nome.

Excessivamente indulgente, para com esta e outras proporcionalidades inversas que injustiçavam sobretudo os poetas, a *Magna Vrbs* acabaria por cunhar no espírito de Marcial também o selo do desapontamento magoado.

Um único, entre os seus múltiplos patronos (e já na retrospectiva a que convida a vetustez), poderia comparar Marcial a Mecenas, e não porque tivesse conseguido Terêncio Prisco para o seu protegido sorte igual à que alcançou Mecenas para os seus, mas, sobretudo, por tê-lo protegido nos tempos reconhecidamente ingratos que, sob Domiciano, se viveram:

---

<sup>43</sup> Vide, também, 9.97.

<sup>44</sup> Vide, também, 2.38 e 9.97.

<sup>45</sup> Vide 1.88, 1.101, 3.65, 5.34, 5.37, 5.46, 5.64, 6.34, 8.63, 8.67, 9.93, 10.61, 11.26, 11.58, 11.73 e 12.71.

<sup>46</sup> Cf. J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: 96.

*Quod Flacco Varioque fuit summoque Maroni  
 Maecenas, atavis regibus ortus eques,  
 gentibus et populis, hoc te mihi, Prisce Terenti,  
 fama fuisse loquax chartaque dicet anus.  
 tu facis ingenium, tu, si quid posse uidemur;  
 tu das ingenuae ius mihi pigritiae.  
 macte animi, quem rarus habet, morumque tuorum,  
 quos Numa, quos hilaris possit habere Cato.  
 largiri, praestare, breues extendere census  
 et dare quae faciles uix tribuere dei,  
 nunc licet et fas est. sed tu sub principe duro  
 temporibusque malis ausus es esse bonus. (12.3(4))*

*(Quanto Flaco e Vário e o incomparável Marão colheram  
 do cavaleiro Mecenas de antiga linhagem real,  
 colho eu de ti, Terêncio Prisco, — às nações e povos  
 o dirá a voz da fama e um anoso manuscrito.  
 A ti devo a inspiração, a ti os méritos que me atribuem;  
 tu me dás o ócio honesto de um livre cidadão.  
 Glória à tua alma incomum e aos teus costumes,  
 dignos de Numa ou de um Catão amante do riso.  
 Ser generoso, protector, aumentar os parques bens  
 e dar tanto quanto a custo os benignos deuses dão,  
 é agora legal e justo. Mas sob um príncipe cruel  
 e quando os tempos eram maus, tu ousaste ser bom.).*

Em Roma, alerta ele, por isso, o incauto Sexto de 3.38, o talento nem sempre vem acompanhado da merecida recompensa e a espórtula é tudo menos um rendimento confiável. A Urbe cede à Sorte o papel principal:

*Quae te causa trahit uel quae fiducia Romam,  
 Sexte? quid aut speras aut petis inde? refer.  
 'causas' inquis 'agam Cicerone disertior ipso  
 atque erit in triplici par mihi nemo foro.'  
 egit Atestinus causas et Cuius — utrumque  
 noras —; sed neutri pensio tota fuit.  
 'si nihil hinc ueniet, pangentur carmina nobis'<sup>47</sup>:  
 audieris, dices esse Maronis opus.'  
 insanis: omnes gelidis quicumque lacernis  
 sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides.*

---

<sup>47</sup> Ainda que a edição crítica registre *hobis*, como se trata de uma evidente gralha tipográfica, a autora propõe *nobis*.



*'atria magna colam.' uix tres aut quattuor ista  
res aluit, pallet cetera turba fame.  
'quid faciam suade: nam certum est uiuere Romae.'  
si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes.*

*(Que motivo ou confiança te puxa para Roma,  
Sexto? Que esperas ou que procuras daí? Conta lá.  
'Causas — replicas tu — defenderei com mais eloquência que o próprio Cícero  
e ninguém estará à minha altura nos três foros.'  
Defenderam causas Atestino e Cive — um e outro  
deves ter conhecido —; mas nenhum ganhou com que pagar totalmente a renda <da  
[casa]>.*

*'Se nada daqui advier, escreveremos poemas:  
quando os ouvires, dirás que são obra de Virgílio.'  
Endoideceste: em todos quantos estão para aí,  
com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios.  
'Frequentarei os grandes átrios.' Dificilmente alimentou tal ocupação  
três ou quatro, empalidece a restante turba com fome.  
«Que hei-de fazer? Aconselha-me lá. É que estou decidido a viver em Roma.»  
Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.).*

E Láquesis parecia apostada em embaraçar o fio da vida do poeta!

Domiciano, que maculara, pelo despotismo e pela barbárie, a dinastia flávia, mas a quem Marcial oferecera os mais elogiosos epigramas e dedicara, formalmente, 2 dos 13 livros que, até então, escrevera — os *Libri V* e *VIII* —, acabaria assassinado e votado à *damnatio memoriae*, no ano 96, derrubando, na sua queda, o epigramatista. O César, apesar de adulado, não seria benquisto por Marcial, cujas *blanditiae* eram ditadas por uma obrigação social de *clientela* para com o imperador, que Thomas Wiedemann explicita<sup>48</sup>, e não menos pela esperança de que as *gratiae* imperiais lhe pudessem vir a conceder as garantias que outrora assistiram aos poetas. A sujeição a Domiciano era só mais uma entre aquelas com as quais compactuava, a menos permissiva, no entanto. O *princeps* era o único patrono de quem não arriscaria desvincular-se e não apenas por uma questão de privilégio, mas por razões de segurança, sobretudo. O epigrama 7.34, como

---

<sup>48</sup> Cf. T. Wiedmann <sup>3</sup>1997: 6.

observou Cristina de Sousa Pimentel<sup>49</sup>, é o único em que fica a sugestão (e veladamente) da falta de liberdade e do clima de suspeição vivido em Roma, sob o mando deste imperador:

*Quo possit fieri modo, Seuere,  
ut uir pessimus omnium Charinus  
unam rem bene fecerit, requiris?  
dicam, sed cito. quid Nerone peius?  
quid thermis melius Neronianis?  
non deest protinus, ecce, de malignis  
qui sic rancidulo loquatur ore:  
'quid? tu tot domini dei que nostri  
praeferis muneribus Neronianas?'  
thermas praefero balneis cinaedi.*

*(Como pode ser isso, Severo,  
que de Carino, o pior dos homens,  
alguma coisa boa saia? — perguntarás.  
Já te digo, e depressa. Quem há pior que Nero?  
Que há melhor que as termas neronianas?  
E não faltará logo um desses maldizentes,  
que, com sua voz rançosa, há-de comentar:  
«Ora essa! A todas as obras do nosso deus e senhor  
tu vais preferir as termas de Nero?»  
Prefiro-as aos banhos de um paneleiro!).*

Muito embora pareça ser, precisamente, por causa da ameaça destes *malignis*, como Carino, (tão típicos de então) que, numa ocasião, em que convidaria para um banquete os seus amigos Arrúncio Estela, Nepos, Cânio Rufo, Júlio Cereal, Flaco e Lupo, Marcial se prontificasse a asseverar que não poderiam comprometê-los nem o vinho que lhes servisse, nem os jogos ou as conversas encetadas, por forma a excusar qualquer deles à posição de *reum*:

*saturis mitia poma dabo,  
de Nomentana uinum sine faece lagona,  
quae bis Frontino consule trima fuit.  
accedent sine felle ioci nec mane timenda  
libertas et nil quod tacuisse uelis:*

---

<sup>49</sup> Cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2001: 7-8.

*de prasino conuiua meus Scorpoque loquatur,  
nec faciant quemquam pocula nostra reum. (10.48.18-24)*

*(Aos convivas, quando saciados, darei maduros frutos,  
vinho sem borra em nomentana bilha,  
que, no consulado de Frontino, tinha duas vezes três anos.  
Seguir-se-ão jogos sem fel e uma desenvoltura que, de manhã,  
não compromete e nada que desejasses não ter dito.  
Que meu conviva fale dos verdes e de Escorpo;  
que meus copos não façam de ninguém um réu.).*

Apenas por um outro motivo e menos gravoso — o da substituição das espórtulas em dinheiro por jantares<sup>50</sup> — arriscou Marcial contestar abertamente a política de Domiciano, como faria em 3.7:

*Centum miselli iam ualete quadrantes,  
anteambulonis congiarium lassi,  
quos diuidebat balneator elixus.  
quid cogitatis, o fames amicorum?  
regis superbi sportulae recesserunt.  
'nihil stropharum est: iam salarium dandum est.'*<sup>51</sup>

*(Agora adeus, cem míseros quadrantes,  
gratificação de um batedor desfalecido,  
e que distribuía um banheiro assaz suado.  
Que pensam, amigos meus da fome?  
Recuaram as espórtulas de um patrono soberbo.  
«Deixemo-nos de cantigas: é preciso dar imediatamente um salário.»).*

Roma, porém, na alvorada dos Nerva-Antoninos, não se compadeceria dos receios do poeta, nem contabilizaria a sua pontual ousadia. De nada valeria também a Marcial procurar retratar-se, como pretendeu fazer, em 97 e 98, respetivamente, com a publicação da sua décima quarta obra, o *Liber XI*, em que tece o encómio de Nerva, e com a reedição do *Liber X*, donde é banida a figura de

---

<sup>50</sup> Cf. J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: 86-87.

<sup>51</sup> Vide, também, 8.49(50).

Domiciano, para se dar lugar ao panegírico a Trajano, que, entretanto já sucedera ao seu pai adotivo<sup>52</sup>.

É, precisamente, no *Liber X*, nessa segunda edição sobrevivente, que, como evidencia Isabel Graça<sup>53</sup>, o epigramatista ensaia o seu regresso à Hispânia, nesse ano, ainda, concretizado. Depois de trinta e quatro anos<sup>54</sup> na *Vrbs*, pautados por penas (e por quantas alegrias), BÍlbilis afluía, numa constante, ao seu pensamento, como o último reduto para uma velhice tranquila<sup>55</sup>:

*Saepe loquar nimium gentes quod, Auite, remotas  
miraris, Latia factus in urbe senex,  
auriferumque Tagum sitiam patriumque Salonem  
et repetam saturae sordida rura casae.  
illa placet tellus in qua res parua beatum  
me facit et tenues luxuriantur opes:  
pascitur hic, ibi pascit ager; tepet igne maligno  
hic focus, ingenti lumine lucet ibi;  
hic pretiosa fames conturbatorque macellus,  
mensa ibi diuitiis ruris operta sui;  
quattuor hic aestate togae pluresue teruntur,  
autumnis ibi me quattuor una tegit.  
i, cole nunc reges, quidquid non praestat amicus  
cum praestare tibi possit, Auite, locus. (10.96)*<sup>56</sup>

*(Admiras-te, Avito, de eu, que envelheci na cidade do Lácio,  
a miúdo falar muito de povos remotos,  
de eu ter sede do aurífero Tago e do meu pátrio Salão  
e de eu tornar aos duros campos de uma bem recheada quintinha.  
A terra que me apraz é aquela na qual sou rico  
com pouco e os magros recursos são um luxo.*

---

<sup>52</sup> Escrutine-se, para mais pormenores, o capítulo “Reading the Imperial Revolution: Martial, *Epigrams* 10” da autoria de Hannah Fearnley e que integra a obra *Flavian Rome — Culture, Image, Text* (cf. H. Fearnley 2003, pp. 613-635).

<sup>53</sup> Cf. I. Graça 2011: 35-52.

<sup>54</sup> Vide 10.103. Ou, eventualmente, 35, *uide* 12.31.

<sup>55</sup> Peter Howell questionou de forma exímia as razões aventadas, pelo próprio e por terceiros, para justificar o retorno de Marcial à Hispânia (cf. P. Howell 1998: *passim*).

<sup>56</sup> Vide, também, 10.13, 10.78, 10.92, 10.103 e 10.104.

*Aqui é sustentada, ali a terra sustenta; aqui se amorna  
a lareira com uma débil chama, ali com um clarão ela brilha;  
aqui é cara a fome e lugar de ruína o mercado,  
ali a mesa se cobre de riquezas do seu próprio campo;  
aqui quatro togas ou mais no verão se gastam,  
aí durante quatro outonos me cobre a mesma.  
Anda lá, serve agora os patronos, Avito, quando um lugar te  
pode dar tudo o que te não dá um amigo.).*

Em BÍlbilis, poderia, então, o poeta furtar-se aos pesados encargos económicos da vida urbana e às dificuldades em bastar-se, ao perigo de incêndio que sempre pairava sobre a cidade, à carestia dos bens e às ameaças da fome, ao desgaste acelerado que consumia as coisas, e, do mesmo modo, as pessoas. Lá também seria poupado a outras agruras urbanas: a falta de água<sup>57</sup>, o barulho incessante<sup>58</sup>, a permanente agitação<sup>59</sup>. Ali, estaria, ainda, a salvo de patronos impertinentes<sup>60</sup>, de livreiros avaros<sup>61</sup> e de vergonhosos plagiários<sup>62</sup> a sua *Thalia*.

Na verdade, a Roma de Marcial não se amiserara dos seus poetas, a quem, alheia a todas as súplicas, negava o salário e recusava um Mecenas e votava a um degradante percurso (ainda assim, o único a trilhar para um escritor que pretendesse sobreviver) — a detestável sujeição adulatória a um patrono, a exaustiva posição de *clientes*:

*Iam parce lasso, Roma, gratulatori,  
lasso clienti. quam diu salutator  
anteambulones et togatulos inter  
centum merebor plumbeos die toto,  
cum Scorpis una quindecim graues hora  
feruentis auri uictor auferat saccos?*

---

<sup>57</sup> Vide 9.18.

<sup>58</sup> Vide 12.57.

<sup>59</sup> Vide 4.8.

<sup>60</sup> Vide 1.70.

<sup>61</sup> Vide 7.77.

<sup>62</sup> Vide 1.66.

*non ego meorum praemium libellorum  
— quid enim merentur? — Apulos uelim campos;  
non Hybla, non me spicifer capit Nilus,  
nec quae paludes delicata Pomptinas  
ex arce cliui spectat uua Setini.  
quid concupiscam quaeris ergo? dormire. (10.74)*

*(Poupa enfim, Roma, o teu exausto cumprimentador,  
o teu exausto cliente. Por quanto tempo, como saudador,  
entre batedores de séquito e reles clientes,  
terei de ganhar cem cobres num dia inteiro,  
quando, ao vencer, Escorpo aufere numa hora  
quinze pesados sacos de ouro ainda rebrilhantes?  
Não que eu queira como prémio por meus  
livrinhos — que merecem eles afinal? - os campos da Apúlia;  
não me atraí o Hibla, nem o Nilo coroado de espigas,  
nem a delicada uva que, do alto  
de secina encosta, contempla os pântanos pontinos.  
Queres então saber o que mais almejo? Dormir.).*

O poeta, mais e mais consumido, confessava-se frustrado pelo vão desperdício a que considera aplicados todos os seus sóis:

*Si tecum mihi, care Martialis,  
securis liceat frui diebus,  
si disponere tempus otiosum  
et uerae pariter uacare uitae,  
nec nos atria nec domos potentum  
nec litis tetricas forumque triste  
nossemus nec imagines superbas;  
sed gestatio, fabulae, libelli,  
campus, porticus, umbra, Virgo, thermae,  
haec essent loca semper, hi labores.  
nunc uiuit necuter sibi, bonosque  
soles effugere atque abire sentit,  
qui nobis pereunt et imputantur.  
quisquam uiuere cum sciat, moratur? (5.20)<sup>63</sup>*

*(Se contigo eu pudesse, caro Marcial,  
gozar de tranquilos dias,  
se pudesse dispor de tempo livre  
e a teu lado abraçar a verdadeira vida,*

---

<sup>63</sup> Como uma prévia análise do epigrama 11.24 já permitiu elucidar, ao poeta consternava, sobretudo, a perda do mais precioso dos seus tempos: aquele que a Talia deveria ser destinado.

*não havíamos de conhecer os átrios nem as casas dos poderosos,  
nem os cruéis pleitos nem o sombrio foro  
nem as orgulhosas figuras dos antepassados;  
— mas os passeios de liteira, as histórias, a literatura,  
o Campo, os pórticos, a sombra, a Água Virgem, as termas,  
estes seriam sempre os locais, estes os trabalhos.  
Na realidade, nenhum dos dois vive para si, e os belos  
sóis sente fugirem e desaparecerem,  
os sóis que para nós morrem e nos são contados.  
Quem há que, sabendo viver, assim demora?).*

Esta partida, todavia, corresponderia menos a um desejo decorrente do cansaço citadino, que a uma necessidade motivada pela marginalização a que uma Roma pouco (ou nada) compreensiva o sacrificara<sup>64</sup>. Desiludido com a *Magna Vrbs*, Marcial prepara-se para deixar a cidade. Não sem nostalgia, como deixa transparecer o epigrama 10.92, em que recomendava a Márrio os cuidados da sua quinta:

*Marri, quietae cultor et comes uitae,  
quo ciue prisca gloriatur Atina,  
has tibi gemellas barbari decus luci  
commendo pinus ilicesque Faunorum  
et semidocta uilici manu structas  
Tonantis aras horridique Siluani,  
quas pinxit agni saepe sanguis aut haedi,  
dominamque sancti uirginem deam templi,  
et quem sororis hospitem uides castae  
Martem, mearum principem Kalendarum,  
et delicatae laureum nemus Florae,  
in quod Priapo persequente confugit.  
hoc omne agelli mite paruuli numen  
seu tu cruore siue ture placabis;  
'ubicumque uester Martialis est', dices,  
'hac ecce mecum dextera litat uobis*

---

<sup>64</sup> É tragicamente irónico o facto de a mesma Roma que obrigava à adulação penalizasse o adulator, sobretudo, um que, como Marcial, elogiasse mais por um princípio que apenas se veria formulado em 1422, aquando da transição entre os monarcas franceses Carlos VI e Carlos VII — “le roi est mort, vive le roi” — (cf. E. H. Kantorowicz 1997: 409 *et seq.*), que por autenticamente se identificar com o objeto do seu louvor.

*absens sacerdos; uos putate praesentem  
et date duobus quidquid alter optabit.'*

*(Márrio, cultor e companheiro de uma tranquila vida,  
cidadão que enche de orgulho a antiga Atina,  
a ti recomendo estes pinheiros gémeos, honra  
de um inculto bosque sagrado, e estas azinheiras dos Faunos  
e, erguidos pela mão meio hábil do meu caseiro,  
os altares de Tonante e do hirsuto Silvano,  
que o sangue de um cordeiro ou de um cabrito muitas vezes tingiu,  
e a deusa virgem, senhora de um sagrado templo  
e Marte, que vês como hóspede de sua casta  
irmã, senhor das minhas calendas,  
e o bosque de loureiros da delicada Flora,  
onde se refugiou quando Priapo a perseguia.  
A todas estas divindades de meu pequeno campo  
aplicarás ora com sangue ora com insenso,  
e dirás: «Onde quer que o vosso Marcial esteja,  
é pela minha mão, vejam, que juntamente comigo vos honra  
o ausente sacerdote. Vós, cuidai que eu estou presente  
e concedei aos dois o que qualquer um pedir.»).*

Não sem receios, assim indicia o pedido que, em 10.104, remete aos seus escritos, para que o precedam e o anunciem na Hispânia, procurando reverter o esquecimento e ultrapassar as mudanças decorrentes de trinta e quatro anos de afastamento:

*I nostro comes, i, libelle, Flauo  
longum per mare, sed fauentis undae,  
et cursu facili tuisque uentis  
Hispanae pete Tarraconis arces:  
illinc te rota tollet et citatus  
altam Bilbilin et tuum Salonem  
quinto forsitan essedo uidebis.  
quid mandem tibi quaeris? ut sodales  
paucos, sed ueteres et ante brumas  
triginta mihi quattuorque uisos  
ipsa protinus a uia salutes,  
et nostrum admoneas subinde Flauum  
iucundos mihi nec laboriosos  
secessus pretio paret salubri,  
qui pigrum faciant tuum parentem.  
haec sunt. iam tumidus uocat magister*



*castigatque moras, et aura portum  
laxauit melior. uale, libelle:  
nauem, scis, puto, non moratur unus.*

*(Vai, livrinho, vai com meu caro Flavo  
através do vasto mar, mas que as vagas te sejam propícias,  
e, em fácil jornada, com ventos de feição,  
alcança a acrópole da hispana Tarragona.  
Daí umas rodas te levarão e, em rápida viagem,  
verás, talvez no sexto percurso,  
a altaneira Bílbilis e teu caro Salão.  
Perguntas-me que encargo é que te dou? Que saúdes,  
logo que chegues, uns amigos, não muitos, mas de longa data,  
e que não vejo há trinta e quatro invernos  
e que exortes de vez em quando meu caro Flavo  
a preparar-me um agradável  
e não incómodo retiro por um preço razoável  
para fazer do teu autor um preguiçoso.  
E nada mais. Já o inchado comandante está a chamar  
e a censurar os atrasos, e brisa mais favorável  
abriu o porto. Adeus, livrinho.  
O barco, já sabes — parece-me —, não espera por um passageiro, se o único for.).*

Porém, faz-se ao caminho e troca Roma por Bílbilis.

Este homem, que, agora, retorna a Bílbilis, não é o mesmo que, um dia, chegara a Roma. A metamorfose completou-se e, definitivamente, já não é o bilbilitano que regressa. Marcial tanto se demorou sobre uma cidade que se transformava (é imperdível a imagem traçada por Ugo Enrico Paoli a este propósito<sup>65</sup>) que se transmutou com ela. Assim, as pendulares deslocações, efetivas ou idealizadas, que empreende Marcial e que brilhantemente sintetizou Isabel Graça, no seu já mencionado estudo, só fisicamente terminarão em Bílbilis<sup>66</sup>. É que por uma trágica ironia, apenas na Hispânia compreenderá cabalmente o poeta que, afinal, é romano.

---

<sup>65</sup> Cf. U. E. Paoli 1990 (1999 reprint): 299-302.

<sup>66</sup> Cf. I. Graça 2011: 35-52.

Ao gáudio da volta e à tranquila satisfação do bucolismo hispânico, que o fazem exclaimar:

*Dum tu forsitan inquietus erras  
clamosa, Iuuenalis, in Subura  
aut collem dominae teris Dianae;  
dum per limina te potentiorum  
sudatrix toga uentilat uagumque  
maior Caelius et minor fatigant:  
me multos repetita post Decembres  
accepit mea rusticumque fecit  
auro Bilbilis et superba ferro.  
hic pigri colimus labore dulci  
Boterdum Plateamque — Celtiberis  
haec sunt nomina crassiora terris —:  
ingenti fruor improboque somno  
quem nec tertia saepe rumpit hora,  
et totum mihi nunc repono quidquid  
ter denos uigilaueram per annos.  
ignota est toga, sed datur petenti  
rupta proxima uestis a cathedra.  
surgentem focus excipit superba  
uicini strue cultus iliceti,  
multa uilica quem coronat olla.  
uenator sequitur, sed ille quem tu  
secreta cupias habere silua;  
dispensat pueris rogatque longos  
leuis ponere uilicus capillos.  
sic me uiuere, sic iuuat perire. (12.18)*

*(Enquanto tu vagueias, afanoso talvez  
pela Suburra barulhenta, Juvenal,  
e gastas a colina da majestosa Diana;  
enquanto pelas soleiras dos poderosos  
te ventila o suadoiro da toga e erras,  
estafado, no Célio maior e no menor:  
a mim, há muitos Dezembros almejada,  
me acolheu e camponês me tornou  
Bílbilis, orgulhosa do ouro e do ferro.  
Aqui cultivo, em remanso, com suave labor,  
os campos de Boterdo e de Plateia — das terras  
celtibéricas estes são os nomes grosseiros —:  
gozo de um sono descaradamente longo  
que, amiúde, nem a terceira hora quebra,*

*e agora me desforro por inteiro  
de quanto eu não dormi uns bons trinta anos.  
A toga nem se conhece, mas dão-me, se a peço,  
uma túnica, ali à mão, numa cadeira cambada.  
Quando me levanto, acolhe-me o lume — de uma soberba  
pilha de lenha do vizinho azinhal —  
que a caseira coroa de inúmeras panelas.  
Depois vem o caçador, mas daqueles  
que gostarias de apanhar no segredo de um bosque;  
a dirigir os escravos está um caseiro imberbe  
que pede para cortar os cabelos quando longos.  
Assim me apraz viver, assim me apraz morrer.),*

sem demora, sucede o embaraço do confronto entre a BÍlbilis idealizada e a realidade que veio encontrar:

*otia me somnusque iuuant, quae magna negauit  
Roma mihi: redeo, si uigilatur et hic. (12.68.5-6)*  
(Agrada-me o sossego e o sono que a grandeza de Roma  
me negava então: regresso, se nem aqui posso dormir.)

e uma pungente saudade da *Vrbs* que Marcela, a custo, mitiga (ou procura, em vão, mitigar):

*tu desiderium dominae mihi mitius urbis  
esse iubes: Romam tu mihi sola facis. (12.21.10-11)*  
(Que me seja mais branda a saudade da *Urbe* soberana  
tu ordenas: só tu em mim preenches o lugar vago de Roma.).

Marcial parece, enfim, consciente (e dolorosamente consciente) de que deixara para trás, perdida na grande cidade, uma parte fundamental de si próprio. Tornara à sua Hispânia natal, mas tomara-o uma nostalgia imensa que silenciaria, até, a sua Talia.

Apenas um último livro — o *Liber XII* — (e, a acreditar nas suas palavras, por muita insistência de Prisco<sup>67</sup>) escreve o epigramatista, em BÍlbilis. Pudera

---

<sup>67</sup> Vide 12.*Praef.*.

encontrar, na província, os tanto e por tanto tempo almejados *otia*<sup>68</sup> e *munera*<sup>69</sup> que, conquanto não *Maecenatis*<sup>70</sup>, mas de bons amigos, lhe poderiam garantir uma vida sem cuidados e inteiramente dedicada à poesia. Porém, de nada lhe valeriam, agora que se alonjara de Roma.

Na dedicatória proemial do *Liber XII*, Marcial revela as razões do seu silêncio: fazem-lhe falta os seus concidadãos romanos, esses que garantem os leitores dos seus livros e os temas para os seus epigramas:

*accipe ergo rationem. in qua hoc maximum et primum est, quod ciuitatis aures, quibus assueueram quaero, et uideor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim quod in libellis meis placeat, dictauit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus, in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnia illa, quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti.*

(Vou dizer-te da minha justiça. A razão primordial é que busco os ouvidos da cidade, aos quais me habituara, e parece-me que estou a litigar num foro estrangeiro. Se alguma coisa há que nos meus livros agrade, foram os ouvintes que a ditaram: aquela argúcia dos juízos, aquela fecundidade dos argumentos, as bibliotecas, os teatros, as reuniões, onde se estuda sem que o prazer se ressinta — em suma, tudo aquilo que, por despeito, abandonei e de que agora sinto a falta, a modos que defraudado.).

Faz-lhe falta a *Vrbs*<sup>71</sup>, pois, tal como o seu livro *Hispaniensem*, que não pretendia *Hispanum*<sup>72</sup>, ele, possuía, também, uma origem diversa da pertença.

---

<sup>68</sup> Vide 1.107.3.

<sup>69</sup> Vide 8.55(56).23.

<sup>70</sup> Vide 8.55(56).23.

<sup>71</sup> Já o epigrama inaugural do *Liber III*, escrito em 87, durante a permanência do poeta em *Forum Cornelii*, na Gália Cispadana (*uide* 3.4), anunciara o telurismo de que estava eivado Marcial, para quem toda a grandeza estava na dependência de Roma:

*Hoc tibi, quidquid id est, longinquis mittit ab oris  
Gallia Romanae nomine dicta togae.  
hunc legis et laudas librum fortasse priorem:  
illa uel haec mea sunt, quae meliora putas.  
plus sane placeat domina qui natus in urbe est;  
debet enim Gallum uincere uerna liber.*

(Este livro, qualquer que seja o seu valor, te envia, de longínquas plagas,  
a Gália de nome oriundo da toga romana.

Para seu pesar e para prejuízo da sua criação poética, Marcial não volveria a Roma, pelo menos não fisicamente. Era lá, no entanto, que se pretendia e imaginava, neste derradeiro momento. Era lá, na verdade, que se sentia bem. Era essa *Terrarum dea gentiumque Roma, / cui par est nihil et nihil secundum*,<sup>73</sup> (Roma, deusa do mundo e das gentes, / a quem nada se compara, nem de perto nem de longe,) a sua pátria<sup>74</sup>.

Romano entre Romanos, o poeta, delineando uma representação caleidoscópica do quotidiano do primeiro século desta era, acabou por esboçar, também, a sua própria vida. Por entre os corruptivos vícios criticados e as edificantes virtudes exaltadas, por entre os tipos condenados e as figuras louvadas, o homem que projetou ser assim como aquele que efetivamente foi capaz de construir revelaram-se. O próprio Marcial engrandeceu (e, acima de tudo, enriqueceu) a miríade de personagens que povoam a sua obra, tornando-se aquela cuja identidade mais intensamente se desvelou.

O acontecimento do seu percurso que qualquer homem é incapaz de narrar — a própria morte — é, de facto, dos poucos a que não aludiram as páginas do autor<sup>75</sup> e o único que mencionaram terceiros<sup>76</sup>.

---

*Vais lê-lo e louvar talvez o livro precedente:  
qualquer que seja a tua preferência, um e outro são meus.  
Concordo que te agrade mais o livro que nasceu na cidade rainha:  
deve, com efeito, vencer um livro gaulês, o pátrio.).*

<sup>72</sup> Vide 12.*Praef.* Para a distinta significação do emprego dos adjetivos *Hispaniensis* — ‘um habitante da Hispânia’ — e *Hispanus* — ‘um nativo da Hispânia’ — alertara Henry Major Stephenson, em 1880, na sua edição *Selected Epigrams of Martial* (cf. H. M. Stephenson 1880: 411). Num dos estudos dedicados à topofilia de Marcial, *Hispania y Marcial*, Miguel Dolç clarifica esta opção do poeta (cf. M. Dolç 1953: 34).

<sup>73</sup> Vide 12.8.1-2.

<sup>74</sup> Fazendo jus às palavras que Cícero atribui a Pacúvio nas suas *Tusculanae Disputationes*, 5.37.108: “Patria est, ubicumque est bene”.

<sup>75</sup> Esta circunstância pretende, precisamente, salientar a irónica questão final de um estudo de Antonio Alvar: “¿Acaso Marcial ha muerto?” (A. Alvar Ezquerro 1986: 83).

No entanto, não deve o leitor concluir que o legado da própria biografia tenha constituído motivação para os escritos de Marcial. Com efeito, o autor textual, atraindo o autor empírico para a sua galeria, colocou a descoberto ambos: o carácter excecional do homem, cujo sentido crítico provou seguir não a presunção de uma moralidade superior, mas a assunção da sua profunda humanidade, e a agudíssima técnica do poeta, que, personalizando as situações, as proveu da autenticidade necessária e atraiu para a sua poesia a simpatia dos leitores.

E não apenas o conteúdo, senão também a forma foi decisiva para se efetivar este processo encantatório. Nada, para lá de um público leitor, pode assegurar universalidade e imortalidade, e Marcial pretendeu garantir que nenhuma das duas faltasse à sua obra.

Quantos versos apostrofam o leitor (um leitor milenar)? Quantas questões, deixadas em aberto, aguardam por uma resposta sua (ainda hoje)? Quantos apelos à sua sensibilidade pretendem que se compadeça ou se enfureça, que perdoe ou que condene (através das épocas)? Quantas convocações dos seus sentidos o

---

<sup>76</sup> Numa missiva — 3.21 — que, cerca do ano 104, endereçou ao seu amigo Cornélio Prisco, Plínio, o Moço, lastimava-se pela morte recente de Marcial, elogiando o poeta e lamentando o fado que, em vida, o subjugara à clientela e que, na morte, assim cuidava, o conduziria ao oblívio: “C. Plinius Cornelio Prisco Suo S. / Audio Valerium Martialem decessisse et moleste fero. Erat homo ingeniosus acutus acer, et qui plurimum in scribendo et salis haberet et fellis, nec candoris minus. Prosecutus eram uiatico secedentem; dederam hoc amicitiae, dederam etiam uersiculis quos de me composuit. Fuit moris antiqui, eos qui uel singulorum laudes uel urbium scripserant, aut honoribus aut pecunia ornare; nostris uero temporibus ut alia speciosa et egregia, ita hoc in primis exoleuit. Nam postquam desimus facere laudanda, laudari quoque ineptum putamus. Quaeris, qui sint uersiculi quibus gratiam rettuli? Remitterem te ad ipsum uolumen, nisi quosdam tenerem; tu, si placuerint hi, ceteros in libro requires. Adloquitur Musam, mandat ut domum meam Esquilis quaerat, adeat reuerenter: / Sed ne tempore non tuo disertam / pulses ebria ianuam uideto. / Totos dat tetricae dies Mineruae, / dum centum studet auribus uirorum / hoc, quod saecula posterique possint / Arpinis quoque comparare chartis. / Seras tutior ibis ad lucernas: / haec hora est tua, cum furit Lyaeus, / cum regnat rosa, cum madent capilli. / Tunc me uel rigidi legant Catones. / Meritone eum qui haec de me scripsit et tunc dimisi amicissime et nunc ut amicissimum defunctum esse doleo? Dedit enim mihi quantum maximum potuit, daturus amplius si potuisset. Tametsi quid homini potest dari maius, quam gloria et laus et aeternitas? At non erunt aeterna quae scripsit: non erunt fortasse, ille tamen scripsit tamquam essent futura. / Vale.”.

provocam para que veja, que cheire, que ouça, que toque ou que saboreie aquele mundo (à revelia do perigo do tempo)?

Perscrutando os seus *Epigrammaton Libri*, os leitores coetâneos de Marcial, decerto, imaginavam ter aberto uma janela para qualquer das ruas de Roma, os seus venturos acreditavam (os de hoje em dia, mesmo, supõem) ter viajado através do tempo e até ao centro do mundo do século I.

O marcador identitário com o qual o poeta cunhou os seus epigramas, contribuindo para este clima de cumplicidade com o leitor, foi, na verdade, um dos mais significativos tributos de Marcial para a revolução formal operada sobre a poesia epigramática e, conseqüentemente, um ímpeto crucial para uma produção única.

Queda-se seguro de que os *Libri* de Marcial possuem, verdadeiramente, esse *genium* o leitor esclarecido, que abarque o sentido das palavras do autor, em 6.61(60).9-10):

*nescioquid plus est, quod donat saecula chartis:  
uicturus genium debet habere liber."*

*(É um não sei que mais que torna imortais os escritos:  
um livro para viver é mister que tenha génio.).*

Na sua poesia, a conexão íntima entre artista e obra de arte ditou que o sucesso da primeira fosse o triunfo da última (e vice-versa), cumprindo-se, deste modo, as suas quase proféticas palavras:

*condere uicturas temptem per saecula curas  
et nomen flammis eripuisse meum. (1.107.5-6)*

*(eu tentaria erigir obras imorredouras através dos séculos  
e arrancar o meu nome às chamas.).*

Além do mais, ao desvelar a sua arte poética, Marcial acabou por revelar a própria identidade, enquanto poeta e, concomitantemente, enquanto homem, e é logo nessa grande abertura de uma ainda maior obra que tudo se prenuncia. É

certo que fala a voz de uma entidade literária, no entanto, um único vislumbre desta vida oferecida a Talia basta para acreditar estas palavras:

*Hic est quem legis ille, quem requiris,  
toto notus in orbe Martialis  
argutis epigrammaton libellis: (1.1.1-3)*

*(Este é aquele que lê, aquele que reclamas,  
Marcial, conhecido em todo o mundo  
pelos seus argutos livrinhos de epigramas.).*

A poética de Marcial apresenta-se, pois, como um organismo vivo que se enforma da existência de Marcial, mas, também, das de quantos o circuitam.

Ora, como alerta Margueritte Garrido-Hory: “Une écriture poétique qui s'est construite au sein de bricolages culturels multiples et complexes, une production variée de pièces à finalités diverses, pièces de commande, pièces de circonstances, jouant sur plusieurs plans de la réalité pour obtenir des effets satiriques, multipliait les difficultés d'approche. Il s'imposait donc de repérer à partir de lectures multiples les divers niveaux de lisibilité.”<sup>77</sup> Com efeito, a prova da consumação poética da vida, alteada no cumprimento épico do quotidiano, não pode obter-se senão por uma análise multimoda, que se fundeie em aturadas análises textuais, mas, também, contextuais. Uma ostensiva e multiforme visão histórica — política, social e cultural — revela-se fundamental, ao anelar-se uma perspectiva íntegra (na mais plena aceção da palavra) sobre os e a partir dos epigramas de Marcial, pois que “cela exigeait nécessairement que soient pris en compte tous les niveaux de fonctionnement du texte ce qui renvoyait aux conditions historiques de sa production, à la pratique sociale, aux positions de Martial, compte tenu de ses origines provinciales, ibériques, à ses types d'intervention dans le champ des luttes idéologiques du 1<sup>er</sup> siècle de notre ère.”<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup>M. Garrido-Hory 1981: 7.

<sup>78</sup>*Ibidem: loc. cit.*



## SEGUNDA PARTE — ÉPOCA ARGÊNTEA

*“Saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli,  
‘scribe aliquid magnum: desidiosus homo es.’  
otia da nobis, sed qualia fecerat olim  
Maecenas Flacco Vergilioque suo:  
condere uicturas temptem per saecula curas  
et nomen flammis eripuisse meum.”*

Marcus Valerius Martialis  
1.107.1-6



## I – MUDANÇAS POLÍTICAS E SOCIAIS DO SÉCULO I

*“A Caesare Augusto in saeculum nostrum haud multo minus anni ducenti, quibus inertia Caesarum quasi consenuit atque decoxit, nisi quod sub Traiano principe mouit lacertos et praeter spem omnium senectus imperii quasi reddita iuuentute reuirescit.”*

Lucius Anneus Florus

*Epitome de Tito Liuiio Bellorum Omnium Annorum DCC Libri Duo, 1.Praef. 8*

Roma, nos alvares do século I, como nunca concebera antes e nunca depois alcançaria, conheceu, fruto de intensas mudanças políticas e sociais, um tal incremento, que, pela primeira vez na já secular história da Urbe e pela segunda vez, apenas, na milenar história da Cultura Ocidental, esses novos tempos tomaram para si o nome do homem que, ao inaugurar o principado, todos os outros abraçaram como responsável imediato por tão profundas transformações. Assim, os anos por que transcorreu a vida do primeiro *princeps* ficariam, para a posteridade, conhecidos como o Século de Augusto<sup>79</sup>.

Trilhados, a custo, os ínvios caminhos que culminaram com a derrocada da instituição republicana, os Romanos não tinham como deixar de congratular-se com o novo rumo político que, enfim, plasmava institucionalmente o império.

---

<sup>79</sup> A propósito da instituição do *saeculum* de Augusto e introduzindo a obra que dedicou a esta temática escreve Robert Étienne: “Le 19 août 14 mourait l’empereur Auguste, à l’âge de 75 ans, 10 mois et 26 jours. Toute l’Italie pleura celui qui avait détenu pendant près de 57 ans l’imperium, et chacun à Rome rivalisa pour honorer sa mémoire. Au Sénat, les motions les plus diverses proposaient des honneurs extraordinaires: l’une d’elles souhaitait que «toute la période comprise entre le jour de sa naissance et sa mort fût appelée “siècle d’Auguste” [ou siècle auguste] et portée sous ce nom dans les fastes». Même si l’assemblée, dans sa majorité, n’entérina pas de telles marques d’adulation, l’expression allait s’imposer, et après le «siècle de Péricles» naissait le «siècle d’Auguste».” (R. Étienne <sup>2</sup>1989: 9).

Com efeito, conquista após conquista, em setecentos anos de história, os Romanos haviam-se tornado os senhores de praticamente todo o mundo conhecido<sup>80</sup>. No entanto, nunca antes de Augusto, nem a dignificante herança dos costumes<sup>81</sup>, nem as ações dos maiores vultos<sup>82</sup>, nem um quase invencido exército<sup>83</sup>, nem todas as demais instituições<sup>84</sup>, nem tampouco a vasta extensão territorial aglutinada sob a sua égide<sup>85</sup>, foram suficientes para que Roma se constituísse, formal ou sequer funcionalmente, império, porquanto, embora vencedora

---

<sup>80</sup> Políbio, ao incoar as suas *Historiae*, evoca, em 1.1.5, não sem admiração, os êxitos romanos, seus contemporâneos, sobre Cartagineses, Macedônios e Selêucidas que possibilitaram à *Vrbs* senhorear o Mediterrâneo da Hispânia à Síria: “τίς γὰρ οὕτως ὑπάρχει φαῦλος ἢ ῥάθυμος ἀνθρώπων ὃς οὐκ ἂν βούλοιο γινῶναι πῶς καὶ τίνι γένει πολιτείας ἐπικρατηθέντα σχεδὸν ἅπαντα τὰ κατὰ τὴν οἰκουμένην ἐν οὐχ ὅλοις πεντήκοντα καὶ τρισὶν ἔτεσιν ὑπὸ μίαν ἀρχὴν ἔπεσε τὴν Ῥωμαίων, ὃ πρότερον οὐχ εὐρίσκεται γεγονός,”. Na última centúria, antes da era cristã, não sucederia, na verdade, mais do que o adensar de uma política expansionista principiada, séculos antes, com a paulatina conquista da Península Itálica.

<sup>81</sup> Detendo-se sobre o percurso histórico da sociedade romana e, em particular, sobre o ancestral e hereditário sistema de valores que a regula, adianta Géza Alföldy: “The standard for thought and action was the *mos maiorum*, ancestral conduct as expressed in the Great deeds of the past. The collective memory of these deeds and their emulation ensured the continuity of state ideology.” (G. Alföldy 1988: 36).

<sup>82</sup> Roma foi, de facto, pródiga em figuras históricas maiores. Na introdução que faz Philip A. Stadter à tradução de Plutarco de Robin Waterfield, propõe o classicista terem servido, precisamente, as vidas desses notáveis homens de Estado e comandantes romanos de âmbito ao grande projeto do filósofo, que, com as suas *Vitae Illustrium Virorum*, pôde explorar a interação entre os caracteres e as ações políticas, com o propósito de sugerir mais do que paradigmas, convites à reflexão (cf. R. Waterfield and P. Stadter 1999: X-XX).

<sup>83</sup> Recorda Yann Le Bohec no estudo que, precisamente, dedica ao exército romano enquanto aliado fundamental da supremacia romana no mundo antigo: “la República había dispuesto ya de fuerzas bastante bien estructuradas para conquistar una buena parte del mundo mediterráneo” (Y. Le Bohec 2004: 256).

<sup>84</sup> A relevância que adquiriram, com a expansão gradual de Roma e o progressivo crescimento da sua população, as instituições sintetizou-a cabalmente Virgílio num verso da *Eneida*: “tu regere imperio populos, Romane, memento” (6.851), pois, segundo Léon Homo, “the line is not merely a maxim for foreign policy. The whole constitutional development of Rome bears its stamp and expresses its spirit.” (L. Homo 1929: 369).

<sup>85</sup> A excecional expansão imperial de Roma transforma-a, ainda durante o período republicano, na incontestada potência do Mediterrâneo, como escreve John North: “by the first century, it had become the richest and most powerful state in the Mediterranean area, ruling directly territories from Spain in the West to Anatolia in the East.” (J. North 2006: 257).

incontestada na guerra, ainda não havia conseguido ganhar, verdadeiramente, a paz<sup>86</sup>.

Às portas do século I, a guerra civil ameaçava a estabilidade da Urbe<sup>87</sup>; e o orbe, em expansão, acometido pelas revoltas das tribos a norte do império<sup>88</sup>, pelas investidas dos inimigos a este<sup>89</sup>, pelas tentativas de independência das províncias da Hispânia a oeste<sup>90</sup> e a sul pelo poderio dos territórios fronteiriços<sup>91</sup>, contribuía para acentuar esse desequilíbrio. Porém, eram os conflitos eclodidos *intra muros*,

---

<sup>86</sup> Muito embora sustente a tese de que, logo a partir do século II a.C. , se começam a esboçar condições favoráveis para a *Pax Romana* — “Although the standard textbook dates for the *Pax Romana*, the famous “Roman Peace” in the Mediterranean, are 31 BC to AD 250, the fact is that the Roman Peace was emerging in large regions of the Mediterranean at a much earlier date: Sicily after 210; peninsular Italy after 200; the Po Valley after 190; most of Spain after 133; North Africa after 100; and for ever longer stretches of time in the Greek East” (A. Eckstein 2006: 574) —, Arthur Eckstein concede que só depois de Augusto foi, de facto, possível a Roma governar um império relativamente pacificado, abrangendo todo o Mediterrâneo (cf. *Ibidem*: 567-585).

<sup>87</sup> Quer Floro quer Lucano viram, na expansão do império, as causas para a derrocada da república de Roma: o crescendo de terras e de riqueza também contribuiria, em virtude de uma distribuição pouco equitativa, para a dilatação do fosso que separava a população dos abastados e para as consequentes guerras civis que assolariam Roma. Se esta belicosidade se ficou a dever a uma progressiva degradação dos costumes, ou se foi o resultado da extrema pressão económica e social a que ficaram expostos os grupos mais desprotegidos, mormente o dos camponeses, é, de facto, a única questão remanescente dos esclarecimentos legados por Floro, em *Epitome Rerum Romanorum*, 1.47.7ss., e por Lucano, em *Bellum Ciuile*, 1.160ss.; esta questão retomá-la-ia Andrew W. Lintott (A. W. Lintott 1972: 626-638).

<sup>88</sup> Os avanços na conquista e pacificação das Gálias ver-se-iam perigados pela insurreição geral liderada por Vercingétorix, no ano 52 a.C., e que, não sem custo, Júlio César conseguiria debelar, convertendo-se em mais um problema, para lá dos colocados pela Germânia e pela Britânia. (cf. M. Goodman 1997: 10-16).

<sup>89</sup> No Leste, pesou, sobretudo, a Roma a derrota de Crasso, na batalha de Carras, frente às tropas de Orodes II, em 53 a.C., na medida em que culminou na vergonhosa perda dos estandartes romanos, em favor da Pártia, embora no planalto anatólio e nas cordilheiras do Cáucaso proliferassem, ainda, vários domínios insubmissos a que se somava o reino de Comagena (cf. *Ibidem*: *loc. cit.*).

<sup>90</sup> A meio século apenas do dealbar do novo milénio, as tribos de Celtas e Celtiberos dificultavam, ainda, uma integral submissão da Hispânia a Roma, recusando render-se a Pompeio. Em *Ab Vrbe Condita*, 28.12.12, salientaria Tito Lívio a indomabilidade hispânica “Itaque ergo prima Romanis inita prouinciarum, quae quidem continentis sint, postrema omnium nostra demum aetate ductu auspicioque Augusti Caesaris perdomita est.”.

<sup>91</sup> Conquanto o domínio romano no Norte de África assegurasse ao império estabilidade a sul, o Egito permanecia um Estado independente e poderoso (cf. M. Goodman *op cit*: *loc cit*).

inegavelmente, a maior ameaça à ordem instituída, tendo sido os principais responsáveis por tornar a soldadesca, vencedora invariável dos conflitos longínquos, mais fiel aos seus superiores imediatos do que ao mediato poder de Roma; por fazer do senado, sempre ávido de mando, uma instituição insegura e impotente pela incerteza da consistência dos seus poderes, já inúmeras vezes esvaziados; e por deixar o povo, amedrontado pela guerra, descontente mesmo na paz.

O despotismo corrupto que permitira, com a queda da monarquia, a inauguração da república em Roma vitimava, agora, o próprio regime republicano. Em 534 a.C., Tarquínio, o Soberbo, desvirtuara a monarquia romana ao ascender ao trono sem ter sido, para isso, eleito<sup>92</sup>, e, ao conduzir o seu reinado entre a prepotência e a tirania, condenara-o, em 509 a.C., ao fracasso e ao sistema monárquico votara-o à própria extinção<sup>93</sup>. Cinco séculos volvidos, era a ordem

---

<sup>92</sup> A monarquia romana não parece ter-se regido pelo princípio da hereditariedade para a transmissão do poder, como discute Gary Forsythe no seu estudo *A Critical History of Early Rome: from Prehistory to the First Punic War*. É provável que, à semelhança do que sucedera na Grécia Arcaica, a sucessão hereditária fosse possível, mas preterida em favor da opção por uma liderança forte, personificada no aristocrata mais capaz da comunidade (cf. G. Forsythe 1995: 98). Neste contexto, o trono que Tarquínio, o Soberbo, não teve como destino por nascimento, conquanto fosse filho, ou neto, do quinto dos monarcas de Roma, Tarquínio Prisco, também não parecia poder vir a alcançá-lo por mérito, uma vez que deitou mão ao sórdido expediente do assassinio para se poder tornar no sétimo rei (cf. *Ibidem*: 102).

<sup>93</sup> “According to the ancient literary tradition, Rome’s last king, Tarquinius Superbus (Tarquin the Proud), was a cruel tyrant. He murdered Servius Tullius, usurped royal power, oppressed the senate, and worked the Roman people to exhaustion by making them labor on the sewer system of the Cloaca Maxima which drained the runoff from the hills into the Tiber. He even used underhanded means to quell opposition throughout Latium in order to make himself the leader of the Latin League.” (*Ibidem*: 147). Ao gizar este incisivo perfil de Tarquínio, o Soberbo, com que principia o capítulo em que se dedica a aventar as causas para a queda da monarquia em Roma, Gary Forsythe não deixa de insistir no facto de ser esta a imagem que a tradição literária propalou acerca do último rei e de quão estereotipada ela era, quando comparada com os retratos de outros tiranos que, na Antiguidade, também permearam a transição de regime político (cf. *Ibidem*: 147-148). Porém, a imprudência da aceitação acrítica da genuinidade dos detalhes não deve, como conclui Forsythe, comprometer a compreensão do todo: “The ancient tradition concerning Rome’s last king could be regarded as basically correct in the sense that Tarquin’s corrupt, abusive, or ineffectual exercise of power could have led to his deposition by an opportunistic and ambitious

republicana que definhava, por não mais se concentrarem os poderes nas instituições, mas, novamente, nas mãos daqueles que detinham o poderio político-militar e que, servindo-se de regimes excepcionais de governação quer legítimos, quer ilegítimos, pretendiam impor a sua própria ordem à república<sup>94</sup>: Lúcio Cornélio Sula, aproveitando-se da ditadura para promover perseguições a inimigos pessoais e garantir o enriquecimento de conhecidos com a fortuna dos proscritos<sup>95</sup>; Júlio César, Gneu Pompeio Magno e Marco Licínio Crasso, formando o I Triunvirato para repartir entre si a condução dos destinos de Roma, através de um acordo pessoal nunca validado pelas instituições de direito<sup>96</sup>; e, outra vez, Júlio

---

group of aristocrats. Kingship is the simplest form of government and also the most easily corrupted, since its proper functioning depends upon the character and abilities of a single individual; the end of a monarchy can ensue simply from its tenure by one person unfit to occupy the office.” (*Ibidem*: 148).

<sup>94</sup> Thomas Wiedemann, num comentário às vicissitudes que a governação de Roma enfrenta neste período, fala numa experiência de “political oligopoly”, que mais que uma oligarquia chega a ser, mesmo, o monopólio do poder político por um oligarca: “Cassius Dio calls Rome’s constitution during the following fifty years no longer a republic, but not yet a monarchy, «the rule of a few dynasts» (*dynasteia*); we might say that it was a political oligopoly.” (T. Wiedemann<sup>3</sup>1997: 3-4).

<sup>95</sup> Sula foi, nas palavras de Frederico Santangelo, “um homem excecionalmente ambicioso” a quem “tempos excecionalmente exigentes” concederam a ribalta (cf. F. Santangelo 2007: 1). O sucesso militar, em Pompeios e Nola, na debelação da guerra social, fê-lo ousar sanar as investidas de Mitridates, que o fez opor a Mário, com quem partilhava o poder consular, o que, por sua vez, o fez encetar uma guerra civil contra aquele, conduzindo-o, finalmente, ao poder. À cabeça de uma ditadura, Sula, segundo o relato de Apiano, em *Historia Romana*, 1.482, não temeu condenar à morte ou ao exílio mais de cem senadores que se lhe haviam, anteriormente, oposto. Evidentemente que foram especialmente acossados os *populares* da causa de Mário, aos quais acabariam por somar-se aqueles a quem vitimou a própria riqueza, de que estavam ávidos os executores não menos do que o Estado — esclarece Philip Freeman que “by these so-called proscriptions, Sulla managed to combine murder and fund-raising on a grand scale” (P. Freeman 2008: 31).

<sup>96</sup> Como salienta David Shotter, “the compact formed between Pompey, Crassus and Caesar was informal, personal and temporary, an *amicitia* similar to that which had been agreed in the late 70s between Pompey and Crassus. Nonetheless, the date of its establishment (60/59) was seen by contemporaries as of significance” (D. Shotter 2005(a): 64). Esta aliança, ao impor-se às instituições republicanas de forma coerciva, pela ameaça latente que representavam os veteranos de Pompeio, denotava, de facto, a falência iminente do sistema.

César, agora, à semelhança de Tarquínio, o Soberbo, acumulando poderes desmedidos e paulatinamente asfixiando o regime<sup>97</sup>.

A centenária república de Roma denunciava incontestáveis sinais de caducidade na frequência progressivamente pungente dos ataques de que era alvo e na crescente incapacidade de lhes fazer face<sup>98</sup>. Durante sensivelmente um século, moribunda, agonizou em convulsões políticas com severas repercussões sociais. Primeiro, a espaços: na década de 90, a guerra social<sup>99</sup>; na de 80, as tensões entre

---

<sup>97</sup> Atribui Suetónio, na *Vita Diui Iulii*, 79.2, as seguintes palavras a Júlio César, como resposta à multidão que o aclamava, no regresso dos Montes Albanos, por ocasião do Festival Latino, a 26 de janeiro de 44 a.C.: “Caesarem se, non regem esse”. Porém, é forçoso concordar com David Shotter, quando diz: “that Caesar, from the mid-40s, was coming to dominate Rome cannot be easily denied” (*Ibidem*: 86). “Although Caesar” — expusera o autor, anteriormente, - “may have wished to provide a new start for the republic, a Phoenix rising from the ashes of civil war, control and setting himself above potential rivals appear to have been uppermost in his political thinking: his observation that Sulla simply demonstrated his political foolishness when he resigned his dictatorship seems to point to this. Thus, from the start, Caesar’s control was emphasised”: the basis of it was the dictatorship which he held for varying periods from 49, and which became ‘perpetual’ in 44.” (*Ibidem*: 82).

<sup>98</sup> Esta ideia explicita-a de modo exímio Martin Jehne, parafraseando Christian Meier: “For the fall of the Republic, Meier coined the phrase “crisis without alternative” He meant by this that at this time many political actors, if not necessarily all, were conscious that some things were not working as they should in the Republic, but that nobody knew how to repair the damage, and those who might have wielded political power in the system still felt sufficiently secure that no one had the idea of forming an entirely new political structure. Contemporaries were therefore aware of a crisis and also sensed that the crisis was fundamental and could not be made to go away with a few small reforms, but there was neither a plan nor even a kind of vague longing for the removal of the system.” (M. Jehne 2006: 8). E é na sequência desta linha de pensamento, que perspetiva uma república paulatinamente agonizante, mas, sobre a qual, nem o próprio Augusto desfere, de uma só vez, o golpe de misericórdia, que Nathan Rosenstein e Robert Morstein-Marx substituem a expressão “queda da república romana” por “transformação da república”. Esclarecem estes autores que “the end of the Republic was not something objectively and explicitly marked by some public fact in our evidence — the beheading of a king, the suicide of a dictator, the resignation of a General Secretary — but something that we must infer circumstantially from a variety of facts and factual changes over the course of several decades.” (N. Rosenstein and R. Morstein-Marx 2006: 625).

<sup>99</sup> Circunstâncias políticas e sociais multímodas e, não raro, contrapontísticas, nas diversas partes que compunham o crescente território dominado por Roma, acabariam por resultar em revoltas sociais, pontuadas pela mesma falta de coerência que marcava o próprio império e denotando, sobretudo, a necessidade de uma mudança fundamental. Estas sublevações conheceriam o seu acúmen, como clarifica Géza Alföldy, socorrendo-se dos testemunhos de Apiano (*Historia Romana*



Mário e Sula que degeneraram em guerra civil e as proscrições posteriores durante a ditadura de Sula<sup>100</sup>; na de 70, a revolta de Espártaco e o massacre dos escravos<sup>101</sup>; na de 60, a conspiração de Catilina e as medidas desesperadas de Cícero<sup>102</sup>; na de

---

— *De Bellis Ciuilibus*), Veleio Patérculo (*Historiae Romanae*) e Séneca (*De Breuitate Vitae*), no momento em que se inflamam contra Roma os *socii* italianos, dos seus mais elevados estratos à população, instigados todos pela obtenção da cidadania romana e por uma generalizada melhoria das condições sociais: “the hostility of the Italian allies manifested itself in a great uprising against Rome (bellum sociale), which from 91 to 89 BC turned almost the whole of Italy into a battle ground” (G. Alföldy 1988: 72). Frederico Santangelo complementa esta leitura com um mais recente ponto de vista, colocando, entre as motivações para o conflito, o projeto de deter a primazia da *Magna Vrbs* (F. Santangelo 2007: 4).

<sup>100</sup> O clima tenso que fustigava Roma acabou por degenerar no extremar de posições políticas, primeiro, e, depois, militares, entre *optimates* e *populares*, encabeçados estes por Públio Sulpício Rufo, Mário e Lúcio Cornélio Cina e aqueles por Lúcio Cornélio Sula. Quando Mário consegue o apoio dos seus veteranos e Sula mobiliza as tropas destacadas para combater Mitridates, o recontro torna-se inevitável. A vitória final de Sula na guerra civil resulta numa ditadura, que se prolongará de 82 a.C. a 79 a.C., marcada pelo reforço institucional do poder oligárquico e, mais gravosamente ainda, pela perseguição e pela chacina dos seus opositores, como uma nota anterior havia já explicitado (Cf. G. Alföldy *op.cit.*: 78-79).

<sup>101</sup> A revolta liderada pelo gladiador trácio, que se prolongaria do ano 74 a.C. ao ano 71 a.C., seria de todas as rebeliões a que mais ameaçaria Roma, pelo que a Urbe, pela mão de Crasso, reservou para os libertários de Cápua uma cruelíssima resposta em proporção, crucificando-os, ao longo da Via Ápia, até Roma (cf. *Ibidem*: 67 *et seq.*).

<sup>102</sup> A difícil questão em que, no ano 63 a.C., durante o consulado de Cícero, resultou a ação de Lúcio Sérgio Catilina e a reação senatorial subsequente penderia, como um ominoso presságio, sobre os destinos da instituição republicana: por um lado, revelando que a homogeneidade social sucumbira aos interesses individuais — afinal, como salienta Géza Alföldy (cf. G. Alföldy *op.cit.*: 83-84), em torno de um patricio empobrecido e sem esperança de uma regular ascensão política e das suas promessas de alterar o *status quo*, congregaram-se apoiantes de todos os estratos, de senadores a escravos (e que, nas palavras de Salústio, em *Bellum Catilinae*, 61.1, se dispuseram a lutar até ao fim: “Sed confecto proelio tum uero cerneret quanta audacia quantaque animi uis fuisset in exercitu Catilinae. Nam fere quem quisque uiuos pugnando locum ceperat, eum amissa anima corpore tegebat.”) —; por outro, expondo a lassidão, a incredulidade e a inépcia do senado, ante a ameaça que representava, para a república, esta conjura — pois, assim descreve Kathryn Tempest (cf. K. Tempest 2011: 90 *et seq.*), só após as muitas iniciativas e os discursos inflamados de Cícero (de que 1.4 das suas *Orationes in Catilinam* constitui um bom exemplo: “At uero nos uicesimum iam diem patimur hebescere aciem horum auctoritatis. Habemus enim eius modi senatus consultum, uerum inclusum in tabulis, tamquam in uagina reconditum, quo ex senatus consulto confestim te interfectum esse, Catilina, conuenit. Viuis, et uiuis non ad deponendam, sed ad confirmandam audaciam. Cupio, patres conscripti, me esse clementem, cupio in tantis rei publicae periculis non dissolutum uideri, sed iam me ipse inertiae nequitiaeque condemnno.”), os senadores se decidiram pela prisão e execução dos conspiradores, a que se seguiu a aniquilação do próprio Catilina, no campo de batalha, em Pistóia, em 62 a.C..

50, o assassinio de Públio Clódio, o agitador da plebe, e o incêndio do senado<sup>103</sup>. Finalmente, na década de 40, sucedendo-se, em catadupa, as dissidências políticas entre César e Pompeio com a consequente travessia do Rubicão por César e o dealbar de nova guerra civil, em 49 a.C.<sup>104</sup>, a batalha de Farsalo e a posterior morte de Pompeio no Egito, em 48 a.C.<sup>105</sup>, os Triunfos de César em Roma, em 46 a.C.<sup>106</sup>, o aniquilamento de César, em 44 a.C.<sup>107</sup>.

---

<sup>103</sup> O enfraquecimento da república degeneraria em ações desconcertadas, arbitrárias e, até, corruptas por parte dos seus órgãos: as honrarias excepcionais que concederia Roma a Cícero pela sua ação face à conjura perpetrada por Catilina — rememora Kathryn Tempest que o cônsul fora aclamado *Pater Patriae* no senado e pelo povo (cf. *Ibidem*: 97) — seriam as mesmas que haviam de valer-lhe o exílio, em 58 a.C., às mãos do tribuno Públio Clódio; César, Pompeio e Crasso assomavam como a tríplice cabeça do mundo romanizado (e a romanizar) e, *pari passu*, o império parecia ingovernável, votado à anarquia, instigada pelo mesmo Clódio. Depois de Catilina, Clódio era o novo alvoroçador das massas, tendo-se, desta vez, concentrado na Urbe o bulício, e não sem gravosas consequências conheceria o seu fim, como recorda Jeremy Paterson: “This period of urban disorder culminated in 52 BC with the death of Clodius in an affray and the burning of his body in the forum; the fire spread and destroyed the Senate-house.” (J. Paterson 1997(a) (1998 reprint): 43).

<sup>104</sup> O desaparecimento de Marco Licínio Crasso em Carras, o incêndio do senado e as dificuldades de fazer eleger os cônsules da república, nesses anos de 53 a.C. e 52 a.C., concorreriam para uma inusitada solução de fazer de Pompeio o cônsul único. Desta proposta diz Jeremy Paterson ter procurado a vantagem de limitar ao mando das instituições e ao mandato de um ano o que poderia, de outro modo, resvalar numa ditadura (cf. *Ibidem*: *loc. cit.*), porém não evitou um grande prejuízo: a revolta de César, que, pelo seu regresso da Gália, em 50 a.C., pretendia que lhe fossem concedidas prerrogativas que equivalessem às de Pompeio, e que culminaria com a marcha que o faria transpor o Rubicão e a consequente perseguição do rival pelo império.

<sup>105</sup> Na carta que escreve a Ático, a 16 de Outubro do ano 50 a.C., Cícero imputa a guerra civil à concorrência pessoal pelo poder, entre César e Pompeio: “nunc impendet, ut et tu ostendis et ego uideo, summa inter eos contentio.” (*Epist. ad Att.*, 7.1.3), de modo que o desfecho acabou por ser menos imprevisível que havia sido, em si, esta contenda. Se a morte de Pompeio permitiu à república recobrar o fôlego, com o fim da guerra civil, a ascensão de César abriria o caminho ao poder de um líder único, sucessoriamente transmitido, condenando-a, irrevogavelmente.

<sup>106</sup> Quatorze anos depois do seu triunfo hispânico, abriu-se para César, em Roma, a *porta triumphalis*, celebrando, em quatro triunfos de inenarrável esplendor, sobre que se detém Philip Freeman (cf. P. Freeman 2008: 328 *et seq.*), as quatro recentes vitórias cesáreas: na Gália, no Egito, na Ásia Menor e em África.

<sup>107</sup> Ao consumarem o homicídio de Júlio César, Cássio Longino e Marco Júnio Bruto almejavam reverter o processo de degradação das instituições republicanas que a ditadura acelerara; porém, o desaparecimento do ditador levaria o senado a sancionar os seus atos e a consagrar o seu vulto, o que acabaria por não bastar para evitar outra das consequências desta perda: o regresso da guerra civil (cf. *Ibidem*: 353 *et seq.*).

Assim, a 15 de março de 44 a.C., muito mais propriedade adquiria a expressão usada por César ao cruzar o Rubicão<sup>108</sup>. Na verdade, a 10 de janeiro de 49 a.C., César mais não terá feito que agitar os dados: só com a sua morte os dados são, efetivamente, lançados e apenas com a ascensão de Otávio pararão de rolar, sorrindo a este César (e a Roma) num “lance de Vénus”<sup>109</sup>.

Quando o jovem *Caius Octavius*, advindo do umbroso anonimato para reclamar o legado que o seu tio-avô Júlio lhe deixara por herança<sup>110</sup>, se assume como *Caius Iulius Caesar*<sup>111</sup> e é assumido enquanto novo César de Roma, conquanto fosse inegavelmente difícil estabelecer (e manter) a ordem nas fronteiras, pelas ruas e dentro do próprio senado, o seu objetivo é desmedidamente ambicioso, mas extremamente claro: devolver à Urbe o seu passado mítico e glorioso. E, com efeito, nem os seus mais acérrimos oponentes puderam negar que foi bem sucedido nos seus propósitos, pois, em breve, a reconstrução de Roma estava em marcha e, pelo império, a pouco e pouco, foi-se implantando a paz, alcançando a estabilidade política, restabelecendo a segurança económica e despontaria, até, a vitalidade social. A augusta *Pax Romana*<sup>112</sup> granjeou ao seu autor, no ano 27 a.C., o

---

<sup>108</sup> “Iacta alea est” — segundo o testemunho de Suetónio, em *De Vita Caesarum, Divus Iulius*, 32.1.

<sup>109</sup> O “lance de Vénus”, referido por Horácio nos seus *Carmina*, 2.7.25-26, era a designação, entre os Romanos, para o mais elevado resultado dos dados no jogo.

<sup>110</sup> Katherine Clarke sublinha ser, segundo as leituras que Suetónio e Apiano proporcionam, o principado criação e dádiva de Júlio César aos Júlio-Cláudios (K. Clarke 2003: 84-85). Com efeito, Suetónio faz recuar à figura de César a sua obra *De Vita Caesarum*, enquanto Apiano o apresenta, claramente, em *Historia Romana, Praef.* 6, como o mentor do principado: “τὸ μὲν σχῆμα τῆς πολιτείας καὶ τὸ ὄνομα ἐφύλαξε, μόναρχον δ' ἑαυτὸν ἐπέστησε πᾶσι”.

<sup>111</sup> A adoção testamental de Gaio Otávio manifestou-se pela aceitação oficial de um novo nome — *Caius Iulius Caii filius Caesar*, ou, simplesmente, *Caius Iulius Caesar* (para uma primeira compreensão da nomenclatura sucessivamente atribuída ao homem a quem a Fama haveria de celebrar como *Augustus*, cf. R. Syme 1958: 172-188).

<sup>112</sup> A paz foi o grande estandarte de entre as augustas consecuições e é não sem reverência que se lhe refere Tito Lívio, no seu *Ab Urbe Condita* 1.19.3: “post bellum Actiacum ab imperatore Caesare Augusto pace terra marique parta”. Entre os anos 13 a.C e 9 a.C., seria, aliás, erigida a mando do senado para a receção do *auctor* da Paz Romana, que regressava da Gália, a *Ara Pacis* —

comando do império. E é, então, sem oposição aparente, que Roma assiste à inevitável queda da república que por séculos a governara e, em sua substituição, à emergência do principado que a dirigiria pelos séculos vindouros e até à derrocada final do império.

A relativamente pacífica aceitação massiva do primado de Otaviano<sup>113</sup> é reveladora mais de um generalizado desejo de estabilidade, que ninguém acreditava poder advir novamente do atual regime republicano, que de um veraz anseio por um retorno, por mais encoberto, à monarquia, fazendo-nos recordar as palavras que o republicano Gordiano dos romances históricos da saga *Roma Sub Rosa* de Steven Saylor usou para exprimir a importância da vida do primeiro dos césares: “Foi a isto que as coisas chegaram? A termos de nos sujeitar a um Rei, e a querer que ele dure para sempre, porque a alternativa é demasiado terrível para conseguirmos sequer concebê-la?”<sup>114</sup>. Não possibilitar a república outra perspectiva que a de uma caótica e contínua guerra civil terá sido um dos fatores que mais contribuíram (senão, mesmo, o fator que mais contribuiu) para a transformação do Estado Romano numa monarquia *de facto*. E se César pôde, num repente de soberania, mostrar a Roma um vislumbre da acalmia, Roma buscou, à sua morte, no substituto que ele designou, o ansiado clarão da paz.

Porém, a legitimação do herdeiro de César como seu natural sucessor não foi nem universal nem imediata. Entre o desaparecimento do ditador e a

---

como o próprio Augusto fez questão de salientar nas suas *Res Gestae*, 12.2. Este altar, mais que as recentes campanhas vitoriosas, celebraria a paz que elas asseguraram ao império e o *princeps*, enquanto seu garante — demoram-se sobre esta questão Andrew Wallace-Hadrill e Karl Galinsky (cf. A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 70-75 e K. Galinsky <sup>2</sup>1998: 141-143).

<sup>113</sup> Pese o facto de, historicamente, se ter feito prova de que *Caius Iulius Caii Filius Caesar* não tomou para si ordinariamente esta designação, que, por isso, sempre se pospõe entre parêntesis ao seu nome — *C. Iulius C. f. Caesar (Octavianus)* —, é, precisamente, Otaviano o nome preferido pela tradição para designar Gaio Júlio César durante o período em que transcorre a sua ascensão política (cf. F. Adcock <sup>16</sup>2000: 73), e é essa a razão que motiva a presente opção.

<sup>114</sup> S. Saylor 2008: 193.

supremacia do *Caius Iulius Caii filius Caesar*, Roma foi forçada a trilhar um longo percurso de 17 anos, enquanto o novo César mobilizava os seus partidários, convencia os mais renitentes dos Romanos e debelava os seus opositores, e coagida a assistir, impotente, à chacina provocada por esta nova guerra civil.

As perturbações e desconfianças do povo, marcado por décadas de conflitos, perdas, carências e sofrimento, e as hesitações e os impedimentos do senado, alarmado com os desenvolvimentos políticos e pelas circunstâncias da vida e, sobretudo, da morte de César<sup>115</sup>, todos inseguros quanto ao futuro, entregues que estivessem (ou não) a um novo líder, dificultaram uma mais rápida ascensão de Otaviano, tendo, contudo, indiscutivelmente sido, a longo prazo, a maior garantia do seu sucesso<sup>116</sup>.

Embora, à sua chegada a Roma, na primavera de 44 a.C.<sup>117</sup>, o jovem pudesse contar com o apoio incondicional dos soldados e dos veteranos outrora leais ao seu pai adotivo<sup>118</sup>, aconselhou-o, certamente, a sua celebrada astúcia<sup>119</sup> a não

---

<sup>115</sup> Ao contexto da morte de Júlio César — motivos, expectativas e desfecho — já aludiu uma nota anterior: o assassinato do ditador resultaria de um inegável e num mais precipitado declínio das instituições republicanas, agudizando o clima vivenciado em Roma.

<sup>116</sup> De acordo com David Shotter, “After the battle of Actium, Augustus’ primacy rested partly on his undisputed factional leadership and partly on the near-universal recognition that he was at the time the only man of sufficient wealth and prestige (*auctoritas*) to be able to act as the centre of a stable government and prevent a return to civil strife.” (D. Shotter 1992: 16).

<sup>117</sup> Aquando do assassinato de César em Roma, Otaviano encontrava-se nos Balcãs, na companhia de Agripa, ambos a aguardar a integração na ofensiva do Leste, no intuito de validar os respetivos *cursus honorum*. Assim, é apenas em abril de 44 a.C. que Otaviano retorna a Roma (cf. *Idem* 2005(a): 91).

<sup>118</sup> David Shotter lembra que, para além dos amigos e dos veteranos de César, também alguns Republicanos, entre os quais podia contar-se, inclusivamente, Cícero, concederam o seu apoio a Otaviano, aproveitando esta oportunidade para fazer face a Marco António e às pretensões ditatoriais, que a este imputou o Arpinate, nas suas *Philippicae* (cf. *Ibidem: loc. cit.*).

<sup>119</sup> O carácter astuto do primeiro *princeps* de Roma salienta-o Antonio Santosuosso, recordando as palavras de Tibério, registadas por Dión Cássio, na sua *Historia Romana*, 56.41.8: “At Augustus’s funeral in A.D. 14 his successor, Tiberius, said that his stepfather had wealth, weapons, and power to become the “sole lord of all” but that he had refused to do so: “Like a good physician who takes in hand a disease-ridden body and heals it, he first restored to health and then gave back to you

desafiar abertamente o senado e a não hostilizar claramente o povo. Assim, e já depois de uma convivência difícil e mesmo belicosa<sup>120</sup>, alcança, em outubro de 43 a.C., assumir, com Marco António e Marco Emílio Lépido e por um período de cinco anos, poderes especiais de governação, pela constituição do II Triunvirato (embora, I *de iure*<sup>121</sup>). Esta medida, porém, no seu propósito de evitar desordem interna, revelar-se-á infrutífera (quantas outras fações discordantes terá deixado por abranger esta conciliação?<sup>122</sup>), conquanto tenha possibilitado a extinção progressiva dos vários focos de tensão e conflito, pelo que foi concedida aos Triúnviros uma extensão de mais cinco anos no prazo pelo qual se prolongariam as suas funções, a partir de 37 a.C.. Ora, em 36 a.C., Lépido afronta Otaviano, expulsando-o da Sicília, e desafia-o, ao reclamar a ilha para si, quando ambos a haviam acabado de recuperar ao usurpador Sexto Pompeio. Em consequência desta ação, Lépido foi excluído do Triunvirato e, limitado, primeiro, ao seu cargo de *Pontifex Maximus*, exilado, depois, numa *uilla* em *Circeii*, conheceu o fim das suas aspirações políticas. O mundo romano estava, agora, entregue a dois homens apenas: António somou ao Egito a província Africana de Lépido e passou a

---

[the Roman people] the whole body politic." It was the kind of public image that Augustus had carefully fashioned all his life." (A. Santosuosso 2001: 109).

<sup>120</sup> É imperioso não esquecer que Otaviano obtém o consulado, quando, sentindo-se afrontado pelo senado, que o dispensara após as batalhas movidas contra António, envia uma marcha sobre Roma (cf. J. Paterson 1997(a) (1998 reprint): 45).

<sup>121</sup> Como, oportunamente, uma nota anterior já teve ocasião de explicitar, o I Triunvirato, entre Júlio César, Gneu Pompeio Magno e Marco Licínio Crasso, não teve por base as instituições de direito, assentou, antes, numa relação de *amicitia*. Ao invés, o pacto estabelecido entre Otaviano, António e Lépido, foi um instrumento de governança oficialmente estabelecido, com a função de estabilizar a república (cf. D. Shotter *op. cit.*: 92).

<sup>122</sup> O Triunvirato não constituiu, sequer, um acordo sincero entre as partes, cujos interesses permaneceriam, mais ou menos veladamente, conflituosos. Quanto aos partidários mais fiéis da causa republicana, neste pacto viram o último dos atentados, e recusaram-se a apoiar os *Triumviri Rei Publicae Constituendae*. Assim, por esta ocasião e contra eles, recuperaram Otaviano, António e Lépido as proscritões e as perseguições, que acabariam por vitimar Cícero, o inveterado republicano, odiado por Marco António, Bruto e Cássio, os matadores de César, e Sexto Pompeio, o filho do Grande, feito líder da resistência e que pereceria na Sicília (cf. J. Paterson *op. cit.*: 46-47).

dominar todo o Oriente, mas Otaviano, ao tempo, já *Caius Iulius Diui filius Caesar*<sup>123</sup>, senhoreava, munido desta e doutras vantagens, a Hispânia, a Gália e a Itália e era no Ocidente que se encontrava a capital do império. Talvez a consciência da importante preponderância do César, filho de um Deus, tenha ditado a recusa de António à proposta de dissolução do Triunvirato, feita por aquele em 36 a.C.. Esta iniciativa de Otaviano mais que a pacificação do império praticamente concluída teve, por certo, como móbil essa mesma consciência de influência privilegiada, para além de uma intenção velada de construir uma imagem altruísta de si próprio, por oposição à de autocrata insaciado, que deixou transparecer António. Em parte, devido à atuação de Otaviano, mas, sobretudo, devido às suas próprias escolhas e ações, António enceta uma espiral descendente que culminará em suicídio. No ano 32 a.C., o senado revoga os poderes concedidos a António e declara guerra ao Egito, muito por força das declarações de Otaviano, que, entre outras coisas, o acusara de trair Roma, ao acumular, no Oriente, entre si e os seus, títulos e terras<sup>124</sup>. Posicionando-se ao lado do inimigo romano, António sairia derrotado da decisiva batalha travada ao largo de Áccio, a 2 de setembro de 31 a.C., e, novamente, em Alexandria, a 1 de agosto de 30 a.C.. Depois do triunfo sobre António e Cleópatra, estava, enfim, aberto, para os Romanos, o caminho da paz, e, em definitivo e em exclusivo, desimpedido, para Otaviano, o caminho do poder<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> Sensivelmente, após a deificação póstuma de Júlio César, no ano de 42 a.C., o próprio *Caius Iulius Caii filius Caesar* se eleva a *Caius Iulius Diui filius Caesar*. Ronald Syme faz, no entanto, menção de salientar, na sequência do estudo de Konrad Kraft — *Jahrbuch für Numismatik und Geldgeschichte* III/IV —, que a numismática não atestaria *Diui f.* antes do ano 38 a.C. (cf. R. Syme 1958: 175).

<sup>124</sup> Diz-nos Werner Eck: “On January 1 of the year 33 BC Octavian became consul again. He opened the first session of the Senate with a vehement attack on Anthony’s grants of territory and titles in the East, accusing him of betraying Roman interests.” (W. Eck 2003: 31).

<sup>125</sup> Especifica Thomas Wiedemann: “When Octavian defeated Mark Anthony at the Battle of Actium in 31 BC, he concentrated the ultimate authority to take all decisions into his own hands. Of course individual magistrates and officials continued to take decisions on the spot; but they

O seu tato impediu-o, uma vez mais, de se impor como mais um ditador ou um novo Rei, fazendo-o apostar em ganhar a confiança do senado e do povo de Roma<sup>126</sup>. Então, de regresso à Urbe, Otaviano aceita dividir o consulado com Agripa, até que, em 27 a.C., numa refinada estratégia propagandística, devolve ao senado e ao povo (que, entretanto, o seu consulado se encarregara de esvaziar de quaisquer poderes efetivos<sup>127</sup>) o poder<sup>128</sup>, renunciando ao controlo das províncias e dos exércitos de Roma. Num volte-face, porquanto Roma lhe pede que reassuma o comando, ratificando os seus poderes extra-constitucionais, o César assume dez anos de responsabilidade sobre as províncias por pacificar. Ora, as províncias colocadas sob a sua alçada compreendiam nada mais que parte substancial do mundo que Roma havia conquistado — a Hispânia, a Gália, o Egito, Chipre, a Síria, a Cilícia —, porém, o controlo exercido pelo senado sobre algumas das

---

were now answerable to one man. It was no longer possible, for example, for a provincial governor to wage war against the wishes of Augustus.” (T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: 4).

<sup>126</sup> A habilidade para influenciar o senado e a vocação na condução do povo são unanimemente reconhecidas ao novo César; refere Ronald Syme que “to retain power [...] he must base his rule upon general consent [...]. To that end, he modified the forms of the constitution to fit his policy, his policy to harmonize with Roman sentiment.” (R. Syme <sup>14</sup>2002: 322).

<sup>127</sup> Confirma Thomas Wiedemann que, às mãos do novo César, a salvação da república se fez do seu próprio aniquilamento pelo progressivo, ainda que quase impalpável, desaparecimento dos seus fundamentos — “The fact that Augustus claimed to have restored the republican constitution, that the republican magistrates such as consuls, praetors, quaestors and aediles continued to be elected and exercise the functions of their office, and that the emperor himself received his power to exercise command (*imperium*) by virtue of a law passed by the people, shows that formal constitutions do not always reflect the realities of the political system.” (T. Wiedemann *op. cit.*: 4).

<sup>128</sup> Como o próprio lembraria nas suas *Res Gestae Divi Augusti*, 34.1: “In consulatu sexto et septimo, postquam bella ciuilia exstinxeram, per consensum uniuersorum potitus rerum omnium, rem publicam ex mea potestate in senatus populique Romani arbitrium transtuli.”. A verdade é que o senado a cujas mãos devolveu a prerrogativa sobre os destinos de Roma, esclarece Dión Cássio, em *Historia Romana*, 53.4.3ss., era aquele ao qual, anos antes, subtraíra vários indesejáveis e acrescentara, em substituição dos últimos, os novos patrícios em cuja ascensão participara e que saberiam a quem seria devido agradecer. E o Povo, cioso da estabilidade recente, não imaginava como mantê-la sem o seu autor, preferindo a sua égide. Escreve, sobre esta ação de Otaviano, Finley Hooper que “a congenial big lie resulted in a unique arrangement” (F. Hooper 1979: 332).



províncias romanas ajudou a manter uma fachada republicana na constituição de um principado autocrático<sup>129</sup>.

A verdade é que, como clarifica Thomas Wiedemann, “political life was in fact no longer centred on the Senate or the popular assemblies, but on the Household of Caesar, the *domus Caesaris*”<sup>130</sup>, e, enquanto fosse o seu *Paterfamilias*, no próprio *Caius Iulius Diui filius Caesar*.

O senado, finalmente convencido, cumulou Otaviano de honrarias: ao *Diui filius Caesar*, foram, neste ano de 27 a.C., concedidos os novos títulos de *princeps*, que o elevava no plano dos mortais, através da distinção senatorial reservada à vetustez<sup>131</sup>, e de *Augustus*, que, ao conferir-lhe a máxima autoridade religiosa, mais o aproximava da divindade<sup>132</sup>; e, no ano de 23 a.C., a renúncia ao consulado granjeou-lhe, sucessivamente, o *Imperium Proconsulare Maius*, a *Tribunicia Potestas*, o papel de *Romanus Censor*<sup>133</sup>, que lhe garantiam, substituindo-se aos cônsules e

---

<sup>129</sup> Cf. W. Eder 2005: 24-25.

<sup>130</sup> T. Wiedemann *op. cit.*: 5.

<sup>131</sup> Pela designação honorária — *princeps* — conferida a 16 de janeiro do ano 27 a.C. pelo senado ao novo governante, este não se limitou a alcançar o plano de um *primus inter pares*, como, frequentemente, sucedia aos mais antigos dos senadores que, no seio dos seus iguais, se destacavam pela sabedoria da sua maior idade; este *princeps* conseguiu tornar-se oficialmente na cabeça de uma nova instituição, ao tempo, ainda embrionária — o principado.

<sup>132</sup> A denominação *Augustus*, atribuída ao novo governante de Roma na mesma ocasião em que o senado o titulou de *princeps*, outorgava-lhe honras, outrora, exclusivamente concedidas às divindades; no entanto, o novo César era, precisamente, filho de um deus e esperava-se dele que, um dia, ascendesse também ao Olimpo e fosse integrar o panteão adorado dos Romanos. Augusto ficava agora, ainda, nominalmente comprometido com a mítica fundação da cidade de Roma (cf. R. Syme 1958: 182-183).

<sup>133</sup> A atribuição destes poderes que se renovariam perpetuamente a cada ano e que outorgavam a Augusto uma *auctoritas* universal e sem precedentes em Roma, sob a qual permaneceriam governadores provinciais, magistrados, tribunos e senadores, não mereceu, ao contrário de outras conquistas suas, um panegírico pessoal. Segundo a interessante leitura de Augusto Fraschetti, por meio deste silêncio prudente, garantiria o *princeps* (de renomada astúcia) que não seria a sua autocracia apelidada de monarquia, ameaçando a sua ambição (cf. A. Fraschetti 2002: 49 *et seq.*).

aos Prefeitos<sup>134</sup>, o *imperium* absoluto dentro da cidade e reforçavam o quase total domínio que detinha sobre o resto do império.

O povo seduzido, confirmando as glórias acumuladas, considerou-o imprescindível, insubstituível e, em 19 a.C., exigiu que César Augusto tivesse assento entre os dois cônsules anualmente eleitos<sup>135</sup>.

No ano 13 a.C., já Augusto havia sido vinte e uma vezes aclamado *Imperator*, pelas suas tropas vitoriosas<sup>136</sup>. Mas esta designação, eleita pelo *Imperator*

---

<sup>134</sup> Na verdade, não apenas estava a eleição ou a nomeação sob a esfera de influência do *princeps*, como a ela estava também subjugada toda a ação daqueles que fossem eleitos ou nomeados para os cargos. Escreve Thomas Wiedemann guiado pelo testemunho de Tácito: “Under Augustus, ‘important elections were decided by the emperor, but some were left to the electoral units’ (Tacitus, Annals I, 15.1). Those who were chosen could now exercise only as much power as the emperor allowed.” (T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: 4).

<sup>135</sup> Quando, depois de ter postergado o poder consular, que detivera, entre 31 e 23 a.C., o período se revelou de agitação política, é ofertada ao *princeps* uma terceira cadeira curul, a qual, garante Richard Alston, “may represent a political victory for those who wished the emperor to have greater constitutional powers. The ultimate result of these revisions was that the emperor received the powers of the most important magistracies of the Republican constitution [...] without actually having to hold the offices.” (R. Alston 1998: 16).

<sup>136</sup> A sucessiva aclamação do imperador pelos seus exércitos acabaria por conduzir ao reconhecimento da glória do *triumphator* e corroboraria a opção do *Caius Iulius Diui filius Caesar* que, logo em 38 a.C., 5 anos volvidos sobre a primeira proclamação em Modena, adotaria, por *praenomen*, em substituição de *Caius*, a honorífica denominação de *Imperator*, de imediato monopolizada, embora não prontamente assumida como título de autoridade suprema. As justificações avançadas por Díon Cássio e Suetónio para fundamentar com a força da tradição esta ação inusual de Otaviano, alegando que, no ano 45 a.C., o senado votara pela atribuição da designação *Imperator* a Júlio César, enquanto nome próprio que poderia transmitir à sua descendência, não são, no entanto, suficientemente consistentes que conseguissem convencer Ronald Syme ou a tradição filológica que o precedeu. Na verdade, ao próprio Otaviano aproveita melhor apresentar o *praenomen Imperator* como meritória conquista mais que como mera herança. A designação *Imp. Caesar Diui Iuli f.* ou *Imp. Diui Iuli f. ter.*, cunhada, respetivamente, nos denários e nos *aurei* de Agripa, no ano 38 a.C, teve, de facto, como ponto de partida, a saudação imperial deste general, depois de, nesse mesmo ano, vitorioso na Gália, ter promovido a terceira aclamação *Imperator* a *Caius Iulius Diui filius Caesar*. O novo *praenomen* otaviano encerra, ainda, a memória de outras aceções: a do magistrado detentor do *Imperium* e a do general ou do comandante que lidera. Em calculada conjugação, *Imperator Caesar* — *praenomen* e *nomen* — representa a ambição do portador que pretende ser reconhecido como o líder por excelência, no campo militar e, quiçá, noutros domínios, ultrapassando, até pela escolha dos nomes e dos títulos, os seus rivais. (cf. R. Syme 1958: 175-182). Otaviano socorrendo-se de uma hábil propaganda, permitiu-se, mesmo sem força legal que lhe assistisse, consolidar a sua *auctoritas*. Destriçar tão bem tecida trama só nos

*Caesar Diui filius Augustus*<sup>137</sup> para seu primeiro nome, havia de, paulatinamente, agigantar-se, acompanhando os sucessos do César, até ultrapassar o seu literal significado, não mais nomeando, apenas, alguém com poder para construir vitoriosamente um império, mas assinalando o autêntico vencedor, aquele que detivesse o verdadeiro poder sobre um império<sup>138</sup>.

A 5 de fevereiro de 2 a.C., Augusto, num coroar das suas realizações, recebeu o título de *Pater Patriae*<sup>139</sup>.

---

arrancará elogios ao génio do urdidor. Com efeito, reconhece Ronald Syme: “Regarded as a personal name, ‘Imp.’ is exorbitant, far outdistancing any predecessor or competitor. So is Caesar’s heir. ‘Imp.’ is a name of power, precise yet mystical” (*Ibidem*:182).

<sup>137</sup> O *princeps* também não manteve, na reta final da sua ascensão, o seu nome gentílico — *Iulius* —, limitando a marca da sua ascendência familiar ao *cognomen* *Caesar* (cf. *Ibidem*: 175-176). O princípio da sua autocracia está, por essa razão, ligado ao nome *Imperator Caesar Diui filius*. Porém, a nova nomenclatura daquele que nascera *Caius Octavius* e, por adoção, se convertera em *Caius Iulius Caii filius Caesar* viria a ser, com o prenúncio de um verdadeiro principado, *Imperator Caesar Diui filius Augustus*, e seria esta a que haveria de manter-se, depois, ao longo de toda a sua vida. São um *praenomen* diferente, um *cognomen* feito *nomen* e um novo *cognomen*, enformando os renovados *tria nomina* otavianos. “He refurbishes the whole name, in every single member, transmuting ‘C. Julius C. f. Caesar’ into ‘Imp. Caesar Diui f. Augustus.’” — conclui Ronald Syme, adindo — “The founder of the monarchy at Rome proclaimed that he had restored the ‘res publica’. And, truly enough, the fabric is there, ‘senatus leges magistratus’, and the names, ‘eadem magistratum vocabula’. The genuine and unbroken continuity belongs elsewhere; it is exhibited in the development of dynastic politics, and even in the small matter of nomenclature.” (*Ibidem*:187). E, na verdade, o *princeps* transformaria, com o seu nome, impercetível mas definitivamente, a face e o mando de Roma e do seu império.

<sup>138</sup> Ronald Syme deixa a este propósito uma advertência: “None the less, and even though it may embody a claim to power as well as prestige, it has no legal force, no constitutional significance: it is a *praenomen* in rank and function. So closely does it adhere to Caesar Augustus that it is not transmitted to his son by adoption and successor, Ti. Caesar. Many years were to pass before the *praenomen* *imperatoris* became what Cassius Dio fancied it was from the beginning, the title of the imperial office” (*Ibidem*: 184-185). Com efeito, segundo Ronald Syme e na esteira de Arthur Rosenberg, o primeiro governante que ostentaria, enquanto título oficial, a denominação *Imperator Caesar* seria Vespasiano, patriarca da dinastia flávia (cf. *Ibidem*: 185). No entanto, senão *de iure* o império vigorava *de facto* — e esta vigência, à época, mais ou menos evidente, hoje, é incontestada.

<sup>139</sup> Como salienta Robert Étienne no estudo que dedica a Augusto e à época que, de modo indelével, ele marcou, neste como noutros casos, o senado mais não fez que ratificar uma opinião popular que, inclusivamente, já quatro anos antes, em 6 a.C., havia, depois de um decreto dos decuriões, assumido a forma de uma inscrição em Urgavo, na Bética (cf. R. Étienne<sup>2</sup>1989: 48).

Turvaria, de certo modo, todo este êxito alcançado pelo *princeps*, levantando, mesmo, suspeitas de que o seu principado tenha, efetivamente, correspondido a uma autêntica época dourada da história de Roma, o próprio caminho trilhado. Augusto foi, logo no seu tempo<sup>140</sup>, acusado de fazer da construção do império a sua própria construção: um desafio pessoal, motivado por uma ambição egoísta e desmedida, cujo triunfo implicou o ludíbrio do senado e do povo de Roma, prorrogando, *sine die*, a guerra civil, enquanto isso foi da sua conveniência, simulando, vezes sem conta, a sua retirada, apenas para se tornar indispensável à frente dos destinos militares e políticos do império.

---

<sup>140</sup> Na sua *Historia Romana*, 54.3.3, Díon Cássio, partindo da narração do julgamento de “um certo M. Primus”, destaca a moderação e o sentido de Estado de Augusto — muito apreciados, segundo o autor e não sem o sectarismo bastante, pelos homens “sensatos”, embora também houvesse, relata o mesmo testemunho, quem, duvidando, o desprezasse: “ἐπὶ οὖν τούτοις ὑπὸ μὲν τῶν εὖ φρονούντων ἐπηνεῖτο, ὥστε καὶ τὸ τὴν βουλὴν ἀθροίζειν ὁσάκις ἂν ἐθελήσῃ λαβεῖν, τῶν δ’ ἄλλων τινὲς κατεφρόνησαν αὐτοῦ”. Tácito, por outro lado, conta-se entre os críticos do *princeps*, conquanto apresente, também, a dualidade de pontos de vista dos contemporâneos de Augusto sobre a sua ação política — em *Ann.* 1.9, o da facção *pro*: “Hi pietate erga parentem et necessitudine rei publicae, in qua nullus tunc legibus locus, ad arma ciuilia actum, quae neque parari possent neque haberi per bonas artis.”; e, em *Ann.* 1.10, alicerçado em múltiplos exemplos, o do movimento *contra*: “Dicebatur contra: pietatem erga parentem et tempora rei publicae obtentui sumpta; ceterum cupidine dominandi concitos per largitionem ueteranos, paratum ab adulescente priuato exercitum, corruptas consulis legiones, simulatam Pompeianarum gratiam partium; mox ubi decreto patrum fascis et ius praetoris inuaserit, caesis Hirtio et Pansa, siue hostis illos, seu Pansam uenenum uulneri adfusus, sui milites Hirtium et machinator doli Caesar abstulerat, utriusque copias occupauisse; extortum inuito senatu consulatum, armaque quae in Antonium acceperit contra rem publicam uersa; proscriptionem ciuium, diuisiones agrorum ne ipsis quidem qui fecere laudatas. Sane Cassii et Brutorum exitus paternis inimiciis datos, quamquam fas sit priuata odia publicis utilitatibus remittere: sed Pompeium imagine pacis, sed Lepidum specie amicitiae deceptos; post Antonium, Tarentino Brundisinoque foedere et nuptiis sororis inlectum, subdolae adfinitatis poenas morte exsoluisse. Pacem sine dubio post haec, uerum cruentam: Lollianas Varianasque cladis, interfectos Romae Varrones, Egnatios, Iullos. Nec domesticis abstinebatur: abducta Neroni uxor et consulti per ludibrium pontifices an concepto necdum edito partu rite nuberet; Vedii Pollionis luxus; postremo Liuia grauis in rem publicam mater, grauis domui Caesarum nouerca. Nihil deorum honoribus relictum, cum se templis et effigie numinum per flamines et sacerdotes coli uellet. Ne Tiberium quidem caritate aut rei publicae cura successorem adscitum, sed, quoniam adrogantiam saeuitiamque eius intropexerit, comparatione deterrima sibi gloriam quaesiuisse. Etenim Augustus, paucis ante annis, cum Tiberio tribuniciam potestatem a patribus rursum postularet, quamquam honora oratione, quaedam de habitu cultuque et institutis eius iecerat, quae uelut excusando exprobraret.”.

A verdade, não há, hoje, como deixar de o reconhecer, é que, não fora o magnetismo de Augusto sobre os exércitos e o carisma com que arrastou para a sua facção, do mais influente dos *optimates* ao mais humilde dos cidadãos, um por um e quase sem exceção, todos os Romanos, e a guerra civil, até conhecer um fim, teria esgotado e exaurido Roma, e, provavelmente, a Urbe nunca chegaria a dominar um tão vasto orbe. Para além disso — é imperioso reconhecê-lo —, consolidada a sua posição, o César soube mudar os esquemas ardilosos do político e as manobras artificiosas do militar em diplomacia, justiça, conquistas e prosperidade<sup>141</sup>.

E, de facto, o dealbar do século I, com Augusto, conheceu não apenas a promessa de uma *Aurea Aetas*, mas um *princeps* apostado em cumprir os compromissos assumidos.

O primeiro imperador não se limitou a dilatar as fronteiras, dando continuidade ao mais antigo projeto romano, como, sobretudo, se ocupou da sua cimentação<sup>142</sup>. O império passou a integrar toda a Hispânia, incluindo a Cantábria

---

<sup>141</sup> Anthony Everitt, esboçando a biografia de Augusto, sintetizou magistralmente esta ideia: “Opposites do not have to be mutually exclusive, and we are not obliged to choose one or the other. The story of his career shows that Augustus was indeed ruthless, cruel, and ambitious for himself. This was only in part a personal trait, for upper-class Romans were educated to compete with one another and to excel. However, he combined an overriding concern for his personal interests with a deep-seated patriotism, based on nostalgia of Rome's antique virtues. In his capacity as *Princeps*, selfishness and selflessness coexisted in his mind. While fighting for dominance, he paid little attention to legality or to the normal civilities of political life. He was devious, untrustworthy, and bloodthirsty. But once he had established his authority, he governed efficiently and justly, generally allowed freedom of speech, and promoted the rule of law. He was immensely hardworking and tried as hard as any democratic parliamentarian to treat his senatorial colleagues with respect and sensitivity. He suffered from no delusions of grandeur.” (A. Everitt 2006: 324-325).

<sup>142</sup> Debruçando-se sobre o papel do exército na constituição do Império Romano e ao deter-se no principado de Augusto, Yann Le Bohec defende e sustenta a tese da defesa das qualidades militares do primeiro imperador, muito embora, segundo o próprio, contrariando, em certa medida, a tendência dos historiadores contemporâneos, como A. Piganiol ou P. Petit (cf. Y. Le Bohec 2004: 254). Mas, afinal, conquanto deva reconhecer-se que Augusto “no fue el inventor de todo, sino que recogió la herencia del ejército republicano” (*Ibidem: loc. cit.*), “la organización del

e as áreas mais a norte<sup>143</sup>; submeteu as regiões alpinas e as danubianas da Récia, da Vindelícia, do Nórico, da Panónia e os territórios da Ilíria<sup>144</sup>; à Galácia converteu-a em província Romana e à província da Síria anexou a Judeia<sup>145</sup>; em África, expandiu os seus limites a este e a sul<sup>146</sup>. Mas mais determinantes, nesta construção, que a conquista militar e que a ocupação territorial foram os processos de orientação política e de integração social, exercendo Roma sobre o campo magnético das suas conquistas uma inevitável atração.

---

ejército tal como podemos verla en el Alto Imperio data de su reinado" (*Ibidem*: 255), e, fruto de toda a sua "obra institucional y estratégica" (*Ibidem*: 258), "las conquistas cubren territorios inmensos" (*Ibidem*: 257). Assim, conclui o autor, "creemos que es necesario rehabilitar, si no la figura de Augusto como general, al menos la obra de su reinado en el aspecto militar" (*Ibidem*: 258).

<sup>143</sup> Yann Le Bohec, a propósito do domínio da Hispânia pelo primeiro *princeps*, recorda que "el propio Augusto, con la colaboración de Agrippa, se dedicó a conseguir de una vez por todas el sometimiento de Hispania. Esa conquista, emprendida al final del siglo III a.C., no estaba finalizada aún por completo: la zona noroeste de la península seguía siendo indomable. Durante diez años (del 29 al 19) combatieron siete legiones con sus correspondientes auxiliares" (*Ibidem*: 256).

<sup>144</sup> Refere Yann Le Bohec que, depois da Hispânia, a fronteira norte constituiu a segunda maior zona de atividade militar do império, durante o principado de Augusto: "Primero, y con el fin de garantizar la seguridad de las relaciones entre la Galia y Italia, por una parte, y entre Roma y esa frontera septentrional, por otra, era necesario acabar con la conquista de los Alpes: en el año 25 fueron sometidos los salasios, y en el 7 a.C. le tocó el turno a los grandes valles. Se conmemoró ese éxito con el célebre trofeo de la Turbia. [...] El sector norte comprende igualmente las regiones danubianas. En el 15 a.C., Druso y Tiberio ocupan Retia y la Vindelicia, a las que añaden la Nórica. Los acontecimientos más importantes suceden sobre todo entre el 12 y el 10: Tiberio acaba por pacificar los territorios situados en la margen derecha del Danubio, después de que otros prepararan su acción; la Panonia había sido ocupada desde el año 19 y, en el 13, Lucius Calpurnius Piso había hecho ya en Mesia una exhibición de las armas romanas; todas esas operaciones combinadas permitieron alcanzar el Elba también desde el Danubio. La seguridad de esa región quedaba también garantizada por la imposición del protectorado a los reinos de Tracia, Crimea y el Ponto." (*Ibidem*: 256-257).

<sup>145</sup> "Oriente — esclarece ainda Yann Le Bohec — es el tercer sector que solicitará la dedicación de Augusto. En primer lugar, el emperador refuerza allí la presencia romana: en el año 25 redujo la Galacia a provincia; entre el 1 a.C. y el 4 d.C. envía a Armenia a su nieto Cayo César, que muere al acabar su misión; finalmente, Judea, entregada a manos de reyes, el más conocido de los cuales es, sin duda, el célebre Herodes, queda dividida y, a continuación, confiada a prefectos a partir del 6 d.C." (*Ibidem*: 257).

<sup>146</sup> Relativamente à fronteira meridional do império, informa Yann Le Bohec: "Conquistado inmediatamente después de la batalla de Accio (31 a.C.), Egipto constituye rápidamente una base de partida para expediciones lejanas [...]; después, Aelius Gallus explora Arabia" (*Ibidem*: loc. cit.).

A romanização, potenciada por Augusto, pôde transformar os novos territórios de Roma em novos territórios romanos<sup>147</sup>: a par dos soldados e da sua força, políticos e as suas medidas, correios e as suas missivas, comerciantes e as suas mercadorias, artistas e as suas obras, ou, apenas, simples cidadãos e a sua demanda por melhores condições de vida, todos levando os usos e os costumes, as crenças e a religião, a língua e a cultura da Urbe, conseguiam, por meio de uma eficiente rede de vias, chegar aos habitantes dos mais remotos e recônditos pontos do império, e, a um tempo, abrir ao orbe os horizontes até Roma.

A criação de um exército permanente foi uma das primeiras medidas do *princeps*<sup>148</sup>. Para prosseguir com as conquistas e para conquistar a paz no império, César Augusto estabeleceu, com cerca de 170.000 soldados, recrutados entre a população da Urbe e do orbe<sup>149</sup>, 28 legiões<sup>150</sup>, sob o comando dos *Legati legionis* e

---

<sup>147</sup> Diria Kathryn Lomas que “The reign of Augustus [...] was characterised by the emergence of a more uniform culture throughout Italy and arguably throughout much of the western Mediterranean — a development which reflects both the political and social changes inherent in the Augustan regime and the evolution of a new and more coherent notion of *Romanitas*.” (K. Lomas 2001: 65).

<sup>148</sup> Antonio Santosuosso alude, precisamente, à importância desta nova força militarizada, profissional e centrada na figura do imperador, redesenhada por Augusto: “Augustus in fact reshaped Rome’s military apparatus, thereby strengthening the supremacy of the emperor as commander in chief and honing professionalization in the new army.” (A. Santosuosso 2001: 90).

<sup>149</sup> Explicita Antonio Santosuosso que a pertença às legiões se pautava pela estrita observação de certos requisitos, que a escravatura, a deportação, as condenações ou a deserção comprometiam, pela comprovada aptidão física e, condição *sine qua non*, pela posse da cidadania romana. Os legionários eram, durante o principado de Augusto, preferencialmente recrutados entre os italianos, ao contrário dos soldados que compunham as unidades auxiliares, regra geral, não italianos nem sequer cidadãos romanos. Contudo, primeiro nas fronteiras a este e mais tarde a oeste, tornou-se comum a presença de legionários autóctones; assim, militares oriundos da Ásia Menor constituiriam a maioria das tropas na fronteira do Eufrates e os naturais da Panónia parte substancial dos estacionados no Norte de África e em Alexandria, também a Hispânia, a Britânia ou a Germânia contariam nas suas hostes com Italianos e Gauleses e ainda legionários provenientes da Hispânia, do Norte de África, da Dalmácia e da Panónia. Este processo, aliado à ação de converter num corpo permanente do exército as multiculturais unidades auxiliares, representaria um dos mais fortes contributos de Augusto para a romanização de todo o império. (cf. *Ibidem*: 90-95, 97-106).

<sup>150</sup> Augusto conseguiu redimensionar o exército romano de forma a aproximar das necessidades de

respondendo perante o imperador, que poderiam ainda contar com o apoio de inúmeras unidades auxiliares de 500 soldados cada<sup>151</sup>, atuando, agora, também em permanência. Sustinha esta força uma outra obra de Augusto — o *aerarium militare*<sup>152</sup> — que, a partir do ano 6, provendo os militares veteranos, como os soldados no ativo, passou a garantir de todos os legionários a lealdade a Roma.

Também a planificação e a conceção de instrumentos e vias de comunicação conheceram o impulso do César que pretendia, assim, aproximar o vastíssimo território sob a sua égide. Foi Augusto quem estabeleceu o *cursus publicus*<sup>153</sup>, a primeira infraestrutura pública de transporte de missivas, valores, bens e pessoas, colocada sob a alçada do exército, através de um cargo de oficial criado para o efeito — o *Praefectus uehiculorum*<sup>154</sup>. Foi, ainda, ele quem impulsionou uma massiva construção de estradas e pontes, bem como acautelou a sua preservação,

---

Roma a resposta da sua força armada. Antonio Santosuosso coloca o foco da ação do imperador na proporcionalidade inversa que operou, fazendo o exército perder em número o que ganhou em eficácia, num contraponto da anterior tendência: “The disputants for power during the civil wars had increased the legions to an unyielding, inefficient, and costly number. At the time of the Battle of Actium in 31 B.C. there were at least 51 legions, probably 60, active in the territories of the Roman Empire. Augustus reduced them to 28 on the basis of a rational scheme of strategic deployment or, more likely, to relieve the empire’s financial burden and to establish a climate of peace and prosperity.” (*Ibidem*: 91).

<sup>151</sup> Na verdade, este número varia consoante a atuação esperada destas unidades auxiliares no campo de batalha, segundo elucida Antonio Santosuosso: “On the battlefield the auxiliaries performed different roles than the legionnaires and cavalrymen. They operated in units of 500 men (*ala*) if cavalry and 480 (*cohors*) if infantry.” (*Ibidem*: 94).

<sup>152</sup> Esclarece Antonio Santosuosso: “Paying legions in active service remained the burden of the imperial treasury, but all other military expenses needed a different system. Augustus established a military treasury (*aerarium militare*) to which he annually pledged a personal gift and, later, the revenues of a 5 percent inheritance tax and a 1 percent sales tax, thereby ensuring a constant flow of money to the fund.” (*Ibidem*: 101).

<sup>153</sup> Cornelis van Tilburg explicita que a designação *cursus publicus*, embora mais comum, é tardia — do século IV —, equivalendo, ao tempo, a uma outra: *vehiculatio* (cf. C. van Tilburg 2007: 57).

<sup>154</sup> Este, como os demais *Praefecti* da criação de Augusto, responderia diretamente ao imperador e seria, ainda, responsabilidade sua a provisão do exército. Cornelis van Tilburg, cujo estudo *Traffic and Congestion in The Roman Empire* permite a compreensão da evolução da comunicação no império, recorda, aliás, que, originalmente, uma das principais pretensões da introdução do *cursus publicus* consistia em assegurar a satisfação de necessidades militares (cf. *Ibid*: 58).



responsabilizando, para tal, um grupo de senadores — os *Curatores viarum* — que, em articulação com os magistrados e empreiteiros locais, se ocupavam de proceder a reparações regulares. O imperador lançou, enfim, as fundações necessárias para que todos os caminhos fossem, efetivamente, dar a Roma<sup>155</sup>.

Por iniciativa do *princeps*, a opulência de Roma também pôde chegar às suas províncias, tomando a forma de esplendorosos edifícios, como o Teatro de Mérida, a *Maison Carrée* de Nîmes, ou o Troféu de Augusto de La Turbie, a este de Marselha.

No entanto, é inegável ter sido na própria Roma que César Augusto gravou a sua mais monumental marca na topografia, principiando, em 29 a.C., com a construção do Arco de Augusto, para, em vida do imperador, não mais parar. Incitou a edificação do Teatro de Balbo, do Panteão; e são obra sua a *Ara Pacis*, o Templo de César, os Banhos de Agripa, o Pórtico de Otávia, o Teatro de Marcelo, o Templo de *Mars Ultor* e o próprio *Forum* de Augusto onde aquele se situa. O *princeps* mandou erguer até o seu próprio mausoléu, em que depositaria, antes de

---

<sup>155</sup> Esta ideia convertida, no dias de hoje, em adágio, disseminar-se-ia a partir de uma expressão cristalizada por Alain de Lille — “Mille viae ducunt homines per saecula Romam” —, que não surgiria, no entanto, antes de 1175, no seu *Liber Parabolarum*, 5.7, e como a leitura da sua subsequência deixa facilmente antever, num contexto bastante diferente daquele a que a ligaria a tradição: não era para a Roma Clássica que remetia este dito, aludindo, antes, a um conceito teológico, perfeitamente concatenado com a Roma Medieval, sede do Catolicismo. No entanto, não é casual, nem tampouco despropositada esta apropriação: os fundamentos de uma rede viária e de interdependências entre os diversos *loci* sob a influência de Roma se esboçaram, enquanto necessidade, ainda durante o período republicano, assomariam, como realidade, com o advento do império. É, pois, forçoso anuir à leitura de Nicholas Purcell: “There was a very high degree of interdependence in the Roman world. Place intermeshed with place, mobility was the order of the day, and the atmosphere that resulted was cosmopolitan.” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 158); e não menos ao ponto de vista de Bertrand Lançon, que a complementa, alertando para o facto de ser Roma o motor de duas forças simultâneas, embora uma centrípeta e uma outra centrífuga: “les Romains édifièrent un réseau routier reliant les provinces à Rome [...]. Si l’on pouvait dire alors que tous les chemins menaient à Rome, c’est en inversant le fait comme on retourne un gant: la réalité était que toutes les routes — les *Viae* — partaient de Rome pour rejoindre ses possessions. Un monument matérialisait cet état de fait: le Milliaire d’Or.” (cf. B. Lançon : 21).

tudo e numa realização pleonástica, as *Res Gestae Diui Augusti*<sup>156</sup>, plasmadas, depois, por todo o império. Werner Eck afirma mesmo que “It was Augustus who made the city the architectural centrepiece of the entire empire. From his reign on, the inhabitants of the capital could see the power of the monarchy with their own eyes, for it was now expressed in architectural imagery.”<sup>157</sup>.

O Século de Augusto modificou completa e profundamente a face de Roma. Paralelamente a estas metáforas de pedra que escoravam a força do império e que, diretamente, serviam o propósito de reforçar a política imperial, o poder do César alicerçou-se em mecanismos politicamente mais subtis, mas que, socialmente, representaram o cunho de urbanidade que faltava ainda à Urbe. Foi Augusto quem, de forma sistemática, procurou debelar o problema da manutenção do sistema de abastecimento de água da cidade<sup>158</sup>, atribuindo, no ano 12 a.C., ao senado, na figura dos *Curatores aquarum*, a responsabilidade sobre o fornecimento de água à população e sobre o estado de conservação dos aquedutos que asseguravam essa distribuição. Do mesmo modo e por iniciativa do *princeps*,

---

<sup>156</sup> Pelas *Res Gestae Diui Augusti*, propangandearia o *princeps*, já no final da vida, conquistas e feitos, inscrevendo-os, em bronze, no seu mausoléu, qual longo epitáfio, que haveria de se fazer conhecer por todo o império. A transformação operada por Augusto sobre Roma, e que garantiria ao *Caput Mundi* a monumentalidade que lhe era devida, pela sua importância, ocupa, nesta obra, um lugar privilegiado, a ponto de se repetir o elenco dos “opera [...] noua” e dos que “refecit”, no sumário final, que, de acordo com Mommsen, terá sido elaborado por um dos magistrados locais de Ancira. Segundo Finley Hooper, a perda deste registo epigráfico na Urbe repará-la-ia a descoberta do texto das *Res Gestae Diui Augusti* gravado nas paredes de um templo de Ancira, precisamente, já no século XVI (F. Hooper 1979: 331).

<sup>157</sup> W. Eck 2003: 106.

<sup>158</sup> Em 33 a.C., procurando suprir “as necessidades públicas e os prazeres privados”, como explicita Rabun Taylor no seu livro que, assim, sugestivamente, titula (R. Taylor 2000: 131 *et seq.*), Otaviano encetaria, secundado por Agripa, um plano de reorganização do abastecimento de água à cidade de Roma, que o próprio rememora, nas *Res Gestae Diui Augusti*, 20.2: “Riuos aquarum compluribus locis uetustate labentes refeci, et aquam quae Marcia appellatur duplicauit fonte nouo in riuum eius inmisit”. A verdade é que o crescimento da Urbe poria em evidência as suas carências hídricas: urgia saciar a população, mas, também, alimentar as termas e, até, sustentar os *horti* dos abastados, assim lembra Sêneca ao evocar, em *De Prouidentia*, 1.3.10, o quanto apreciava Mecenas o murmurar das águas das fontes do seu jardim.

foram atribuídos o cuidado sobre as margens e o leito do Tibre, para a prevenção das inundações, a *Curatores riparum et alvei Tiberis*; a gestão do funcionamento dos edifícios públicos e dos templos de culto a *Curatores locorum publicorum iudicandorum* e a *Curatores aedium sacrarum et operum locorumque publicorum*; a superintendência sobre os registos públicos a *Curatores tabularum publicarum*; e a direção do tesouro e a administração urbana a *Praefecti aerarii Saturni* e ao *Praefectus Vrbi*, respetivamente, escolhidos de entre os senadores uns, outros de entre os cavaleiros. E foi com o primeiro imperador romano que nasceu a primeira força policial e o primeiro corpo de bombeiros permanente em Roma. A unidade policial dividia-se em coortes de 500 homens cada, a brigada de combate ao fogo compreendia entre 500 a 1000 *uigiles* por cada uma das sete corporações que vigiavam e defendiam das chamas os catorze setores em que se encontrava dividida a cidade, ambos os grupos respondiam perante um gabinete municipal permanente, chefiado por prefeitos — *Praefecti Vigilum* e *Praefecti Praetorianorum*, encarregados de superintender o policiamento de Roma e a debelação dos frequentes incêndios da Urbe. Assim, Augusto iniciou a construção de uma engrenagem que, ainda que assente nos ancestrais princípios de uma reverente *amicitia*<sup>159</sup> se aproximaria, mais e mais, de um aparelho burocrático de Estado<sup>160</sup>.

---

<sup>159</sup> Afinal, insiste Richard Alston: “The emperor often responded by granting favours, and these established a personal relationship of mutual friendship between the emperor and the beneficiary. The emperor had powers to intervene in legal cases and also financial authority which would enable him to respond to specific requests. In addition, the emperor had in his direct gift most of the important appointments in the empire. His legates (representatives) governed the military provinces, and he also influenced appointments to other provinces and to magistracies in Rome.” (R. Alston 1998: 250).

<sup>160</sup> O modelo administrativo da Roma Republicana, que confiara, quase exclusivamente, aos magistrados eleitos a responsabilidade sobre os Romanos, seus pares e, em última análise, sobre Roma, revelaria, perante o agigantar da Urbe e do orbe sob o seu mando, a sua ineficácia. O império não se comprazeria com soluções privadas para problemas públicos, nem tampouco com respostas provisórias para questões permanentes. A validade da ação de Augusto, que, detalhadamente, descreve Díon Cássio, na sua *Historia Romana*, 53-55, *passim*, confirmá-la-ia o devir, porquanto, como salienta Andrew Wallace-Hadrill, sobrevivem ainda, na Roma hodierna,

De entre as mudanças políticas potenciadas por Augusto, das que mais impacto tiveram sobre a sociedade sua coeva terão sido a estabilização das contas públicas e a reforma dos impostos. Uma drástica redução do esforço de guerra, sobretudo dos dividendos cobrados pela guerra civil, combinada com uma organização mais estruturada do aparelho de Estado e com cortes pertinentes no excessivo despesismo público, fez tender para o equilíbrio as finanças do império e beneficiou sobremaneira as condições de vida dos cidadãos. O imperador não se coibiu de, em inúmeras ocasiões, fazer mesmo uso do seu património pessoal em prol de Roma e dos Romanos: no ano 29 a.C., por exemplo, distribuiu 400 sestércios a cada de 25.000 cidadãos e 1000 sestércios a cada de 120.000 veteranos nas colónias, tendo, ainda, despendido de cerca de 700 milhões de sestércios para comprar terras em que se instalassem soldados seus. As contas de Roma beneficiariam ainda da regularização do fluxo das receitas dos impostos, decorrentes de um novo regime proposto por Augusto. Esta reforma, porquanto logrou substituir os tributos variáveis, intermitentes e arbitrários cobrados, por quotas fixas para cada província, baseadas nos *census*, permitiu não apenas melhorar o orçamento de Estado, como (e não menos importante) as relações da Urbe com as suas províncias<sup>161</sup>. Foi, outrossim, bem acolhida, a ideia aventada pelo imperador de incidirem os impostos, antes de mais, sobre a riqueza<sup>162</sup>,

---

os *uigiles* do ano 6 nos *vigili* de hoje, ou as catorze *regiones* instituídas pelo primeiro *princeps*, nas atuais *rioni* (cf. A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 45-50).

<sup>161</sup> David Shotter acrescenta que tão importante para a estabilidade tributária do império quanto o estabelecimento das bases para uma mais justa distribuição dos impostos foi a reorganização da sua cobrança, que, pelo combate à corrupção, sob a tutela de um *procurator Augusti*, permitiu diminuir as perdas para o Estado e as afrontas aos contribuintes (D. Shotter 2005(b): 88-89).

<sup>162</sup> Como adianta Karl Loewenstein, na impossibilidade, económica e, mesmo, social, de continuar a aliviar (ou a isentar) os cidadãos romanos do pagamento de impostos, o *princeps* optou por taxar, prioritariamente, a riqueza. Esta tributação começou por compreender uma taxa de 1% sobre os bens vendidos em leilões, que se estendeu à venda de escravos — *centesima uenaliū* —, e uma taxa de 5% sobre a sucessão de bens, no caso de propriedades avaliadas em mais de 100.000 sestércios transmitidas a herdeiros indiretos — *uicesima hereditatū* (cf. K. Loewenstein 1973: 301).

porque, a par da assunção da responsabilidade pelo abastecimento (e, mesmo, pela distribuição) de cereal, prevenindo a fome em Roma ou do patrocínio à *mise-en-scène* de jogos e espetáculos, garantindo o divertimento à população, revelava as principescas preocupações sociais — faceta que o povo ansiava por ver e o César por mostrar.

Como, brilhantemente, conclui Tácito, ao finalizar o nono capítulo do *Liber I* dos seus *Annales*: “Non regno tamen neque dictatura, sed principis nomine constitutam rem publicam; mari Oceano aut omnibus longinquis saeptum imperium; legiones, provincias, classis, cuncta inter se conexa; ius apud civis, modestiam apud socios; urbem ipsam magnifico ornatu; pauca admodum ui tractata quo ceteris quies esset.”.

Na verdade, a experiência adquirida, a paciência e a persistência, o tato e a diplomacia, a agudeza política e o investimento social, combinados em Augusto, transformaram Roma de estado com vasta extensão territorial, à mercê do desgoverno republicano, em império governado por um imperador.

Depois de 19 de agosto do ano 14, ficou, porém, este império, que fora essencialmente mantido por uma sagaz gestão de equilíbrios delicados, roçando um precipício: é que a morte do primeiro *princeps* comprometeria os seus herdeiros com a nobre, mas árdua, tarefa de suceder ao *Diuus Augustus*.

A ordem estabelecida ameaçava degenerar em novo caos: eclodem revoltas descontroladas no orbe <sup>163</sup> e a custo se controlam os receos na Urbe<sup>164</sup>. Com

---

<sup>163</sup> Yann Le Boehec faz recuar para o final do principado de Augusto o clima de instabilidade no império: “las dificultades parecen acumularse hacia finales del reinado, con las revueltas de Panonia y Dalmacia en el 6 d.C., la guerra de Marbod del 6 al 9 y el desastre de Varus ese mismo año” (Y. Le Boehec 2004: 257). No entanto, seria apenas perante a mediocridade da estratégia político-militar dos seus sucessores, confrontada com a força dos acontecimentos, que o império ameaçaria ceder.

<sup>164</sup> Apesar de, à morte de Augusto, não restarem dúvidas sobre quem lhe sucederia, pois Tibério partilhava já do *imperium* do primeiro César, e conquanto a transição entre os dois *principes* tenha

feito, o império que acolheu, expectante, o principado revelava-se imprevisto para admitir uma monarquia sucessória, sobretudo uma tão mal conduzida, como se revelaria a dos descendentes do primeiro imperador. Assim, ainda no primeiro quartel do século I, não transcorrida uma década sequer sobre a morte do seu fundador, Roma começava a mostrar-se desiludida com a dinastia de Augusto.

Porém, o primeiro *princeps* deixaria nas fundações do regime uma marca indelével: a *Pax Augusta* e a prosperidade de Roma sobreviveriam ao seu mentor em cerca de 200 anos<sup>165</sup>, praticamente incólumes na sua essência; as diretrizes de César Augusto, desde a presença de um exército profissional em permanência nas regiões fronteiriças<sup>166</sup> à responsabilidade pessoalmente assumida pelo imperador sobre a Urbe que, a expensas suas, se conservaria grandiosa e magnífica<sup>167</sup>, ou mesmo o menos pacífico princípio dinástico para a sucessão imperial<sup>168</sup>,

---

sido, até, bastante pacífica, o pânico deflagrou como um incêndio pela Urbe, ante o desaparecimento do primeiro *princeps*, assim testemunhou Veleio Patérculo, em *Historiae Romanae*, 2.124: “Quid tunc homines timuerint, quae senatus trepidatio, quae populi confusio, quis Urbis metus, in quam arto salutis exitiique fuerimus confinio, neque mihi tam festinanti exprimere uacat neque cui uacat potest. Id solum uoce publica dixisse satis habeo: cuius orbis ruinam timueramus, eum ne commotum quidem sensimus, tantaque unius uiri maiestas fuit, ut nec pro bonis neque contra malos opus armis foret.”.

<sup>165</sup> Atestam a vitalidade e o poder centrípeto da Urbe as palavras de Peter Garnsey e Richard Saller: “throughout the period of the Principate, from about 27 BC to AD 235, the political axis and cultural base of the empire were to be found in the Mediterranean.” (P. Garnsey and R. Saller 1987 (1996 reprint): 8).

<sup>166</sup> Assim atesta Antonio Santosuosso: “The legions became a standing army of professionals, deployed — except for the garrison in Rome — at the frontiers and in the most dangerous areas of the empire.” (A. Santosuosso 2001: 91).

<sup>167</sup> Escreveria, como oportunamente lembra Andrew Wallace-Hadrill (cf. A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 62), o poeta Ovídio, contemporâneo de Augusto e, portanto, testemunha da transformação da Urbe, na sua *Ars Amatoria*, 3.113-122: “Simplicitas rudis ante fuit: nunc aurea Roma est, / Et domiti magnas possidet orbis opes. / Aspice quae nunc sunt Capitolia, quaeque fuerunt: / Alterius dices illa fuisse Iouis. / Curia concilio nunc est dignissima tanto: / De stipula Tatio regna tenente fuit. / Quae nunc sub Phoebus ducibusque Palatia fulgent, / Quid nisi araturis pascua bubus erant? / Prisca iuuent alios: ego me nunc denique natum / Gratulor: haec aetas moribus apta meis.”.

<sup>168</sup> Foi, de facto, Augusto o responsável pela dissimulada, mas indelével, reintrodução de uma linha sucessória à frente dos destinos de Roma. O *princeps* reconhecia que a legitimidade dos seus eleitos

cristalizaram-se e foram nos séculos subsequentes quase inquestionavelmente assumidas; o principado haveria de manter-se por 1400 anos, ininterruptamente, resistindo não só a Augusto, como à grande cisão entre o Ocidente e o Oriente e até à queda de Roma perante os bárbaros<sup>169</sup>; enfim, os nomes César e Augusto, respetivamente, o sobrenome herdado<sup>170</sup> e o título alcançado<sup>171</sup>, seriam adotados por todos os seus sucessores e ultrapassariam os próprios limites temporais do império<sup>172</sup>.

---

legatários careceria de reconhecimento pelo senado e pelo povo; contudo sabia, também, que estes últimos não poderiam ser indiferentes aos herdeiros a quem legasse a poderosíssima *domus Caesaris*, com a riqueza e as relações de patronato que lhe eram inerentes, muito menos, depois, de terem feito um voto de lealdade ao imperador e à família imperial (cf. J. Paterson 1997(b) (1998 reprint): 60-61).

<sup>169</sup> A tradição, assim confirma James Ermatinger, sustenta que o império colapsou, em Roma, frente às invasões das tribos germânicas, em 476 (J. Ermatinger 2004: 69). Revelar-se-á, porém, muito profícua uma leitura da obra *The Decline and Fall of the Roman Empire*, na medida em que o autor, à semelhança do que fizeram N. Rosenstein and R. Morstein-Marx, quanto à tese da queda da república, como oportunamente se pôde observar, alargou a leitura daquele sucesso, relacionando-o com outros acontecimentos cruciais, entre os quais a fundação de Constantinopla, em 324, a batalha de Adrianópolis, em 378, o saque de Roma por Alarico, em 410, a devastação da Urbe por Genserico, em 455, ou a deposição de Rómulo Augusto, em 476. A verdade é que a ruína de Roma motiva-a não apenas um evento isolado, mas um cúmulo de circunstâncias, às quais nem as cisões *intra muros*, violentas ou projetadas, especialmente marcantes no século IV, nem a guerra civil, a ameaça sassânida e o avanço da peste que degeneraram na crise do III século, nem a estagnação económica do Ocidente a partir de meados do século II, ou sequer os primevos problemas de sucessão do I século serão alheios.

<sup>170</sup> Como ficou com oportunidade explicitado em notas precedentes, *Caius Octavius* herdou de seu tio-avô Júlio César — preferindo-a, depois, ao nome gentílico *Iulius* —, a primeira das duas designações que legaria aos seus sucessores e por que haveria de ser conhecido pela posteridade.

<sup>171</sup> Segundo refere convenientemente uma nota anterior, o título de *Augustus* alcançou-o o *Caius Iulius Diui filius Caesar*, a 16 de janeiro do ano 27 a.C., ao encabeçar o próprio *Caput Mundi*, e seria esta a segunda das duas designações escolhidas pela Fama para o celebrar e a quantos lhe herdassem o governo do império.

<sup>172</sup> Os sucessores do *Imperator Caesar Augustus* seriam *Augusti* (embora Tibério, por exemplo, se mostrasse relutante quanto à sua utilização, tal era o vínculo desta designação à figura do primeiro *princeps*), e a sua descendência herdaria o *gentilicium Caesar* (cf. R. Syme 1958: 185). O *praenomen Imperator*, assim deixou claro uma nota antecedente, tomá-lo-iam os *principes* a partir de Vespasiano por título oficial. Edwin Schoonmaker inaugura o estudo que dedica à avaliação das causas e à predição das consequências da Primeira Guerra Mundial com um capítulo sugestivamente intitulado “From Caesar to Kaiser” onde, precisamente, aclara: “It is not by mere chance that the German Emperor wears today the title of Kaiser, a modification of Caesar, or that

E, depois — e é, novamente, de Tácito a acurada observação —, a longevidade de Augusto e, em consequência, a da sua autoridade sobre os destinos de Roma e do mundo romano condicionaram cabalmente as vivências das suas gentes, uma vez que, à data da morte do imperador, no ano 14, as gerações mais jovens não conheciam já outro regime de governação que não o principado<sup>173</sup>.

Tivesse, pois, Augusto morrido mais cedo, antes de ter conquistado a sua hegemonia e consolidado a sua trilha, e, certamente, teria sido outro (e bem diverso) o curso do império. Mas, assim, já com a sua imagem tomada pelo *ethos* político da era imperial como o paradigma do bom soberano<sup>174</sup>, ou, melhor ainda, do soberano perfeito<sup>175</sup>, perpetuado *Diuus Augustus Diui Filius*<sup>176</sup>, o primeiro

---

his royal cousin to the north wears the title of Czar, another modification of the same name.” (E. Schoonmaker 1915: 3).

<sup>173</sup> Regista Tácito no *Liber I* dos seus *Annales*, capítulo 3: “iuniores post Actiacam uictoriam, etiam senes plerique inter bella ciuium nati: quotus quisque reliquus, qui rem publicam uidisset?”.

<sup>174</sup> Meyer Reinhold e Michael Swan alvitram que, entre os livros 45 e 56 da sua *Historia Romana*, Dión Cássio, por quem, no entender de ambos, se obteve um dos mais fundamentais documentos para a compreensão desta época histórica, apresenta criticamente Augusto como o pai fundador do principado e como o cânone que deviam seguir os soberanos seus legatários, nomeadamente os Severos, que, ao tempo, detinham o poder sobre o império (M. Reinhold and P. M. Swan <sup>2</sup>1993: 156). Também Séneca, em *De Clementia*, 1.15.3, apontara Augusto como o *bonus princeps*, servindo-se do sucesso do filho de *Rufus Lucius Tarius* para demonstrar a clemência de Augusto, própria, do seu ponto de vista, do bom soberano e, até, do bom pai.

<sup>175</sup> Talvez a prova maior de que Augusto deixara o melhor dos exemplos daquilo em que consiste verdadeiramente ser *capax imperii* tenha ficado cristalizada no nome que, ao tempo da sua morte, lhe cabia, segundo documentos da época: *Imperator Caesar Diui filius Augustus, Pontifex Maximus, Consul XIII, Imperator XXI, Tribunicia Potestate XXXVII, Pater Patriae* (cf. K. Vierendeel und P. Zanker 1979: 40).

<sup>176</sup> Muito embora, em templos e altares, sobretudo pelo orbe, se deificasse o primeiro dos *principes*, independentemente do *genius Augusti* e ainda em vida do César, o seu louvor generalizado enquanto deus é, como faz prova Ittai Gradel, tardio e essencialmente póstumo. Ittai Gradel sublinha ter o próprio Augusto rejeitado ser oficialmente cultuado, embora, ao encontro do estudo de Paul Zanker que recorda as múltiplas e felizes conotações de *Augustus* (cf. P. Zanker <sup>18</sup>2007: 98), conceda que o novo *cognomen* do *princeps* era de óbvia interpretação (cf. I. Gradel 2002: 109 *et seq.*). Com efeito, já Suetónio, convocando um verso do *Liber XVIII* dos *Annales* de Énio, e Floro haviam verbalizado a sageza desta escolha, respetivamente, em *Aug.*, 7.2 — “Postea Gai Caesaris et deinde Augusti cognomen assumpsit, alterum testamenti maioris auunculi, alterum Munati Planci



*princeps* logrou assegurar a legitimidade da sua sucessão e da própria sucessão aos seus sucessores.

Tibério, pese não ter sido a primeira das escolhas de Augusto ao pensar num herdeiro que o substituísse no poder à frente dos destinos do Império Romano<sup>177</sup>, revelou-se, ainda em vida do primeiro imperador, um militar vencedor e um político hábil. Variados feitos bélicos e outras tantas consecuições diplomáticas ficou Augusto a dever a Tibério: a negociação com a Pártia, a reposição de Tigranes III no trono da Arménia e a vitória simbólica pela recuperação dos estandartes romanos perdidos em batalha por Crasso<sup>178</sup>; a conquista da região alpina<sup>179</sup>; a ofensiva contra a sublevação das tribos da Panónia e da Ilíria<sup>180</sup>. Do prestígio de Tibério no orbe dimanaram honras políticas na Urbe:

---

sententia, cum quibusdam censentibus Romulum appellari oportere quasi et ipsum conditorem urbis, praeualuisset, ut Augustus potius uocaretur, non tantum nouo sed etiam ampliore cognomine, quod loca quoque religiosa et in quibus augurato quid consecratur augusta dicantur, ab auctu uel ab auium gestu gustuue, sicut etiam Ennius docet scribens: Augusto augurio postquam incluta condita Roma est.” — e *Epit.*, 2.34.66 — “Tractatum etiam in senatu, an, quia condidisset imperium, Romulus uocaretur; sed sanctius et reuerentius uisum est nomen Augusti, ut scilicet iam tum, dum colit terras, ipso nomine et titulo consecraretur.”.

<sup>177</sup> De facto, documenta David Shotter, no completo estudo que dedica a Tibério, “many believed that Augustus had not wanted to adopt Tiberius and that it was only, as he himself stated in his will, the workings of a ‘cruel fortune’ that had prevented him handing his position on to others. It was felt too that it was only thanks to his mother that Tiberius had survived to be elevated to the principate.” (D. Shotter 1992: 17).

<sup>178</sup> Clarifica David Shotter: “In the late 20s BC, he was fully involved in the diplomatic and military activities which led to the recovery from the Parthians of the legionary standards lost by Crassus in 53 BC [...]. By this success, Roman pride in the east was salvaged and Rome’s superiority over Armenia and Parthia established.” (*Ibidem*: 8-10).

<sup>179</sup> “From then [the late 20s BC] until 7 BC, it was the battlefields of Europe that exercised Tiberius — first in Gaul”, esclarece David Shotter (*Ibidem*: 10).

<sup>180</sup> No decurso do último quartel do século I a.C., o projeto de uma fronteira Elba-Danúbio para o império, no Leste Europeu, chega a esboçar-se numa investida encabeçada por Tibério, Nero Druso e Marco Agripa (cf. *Ibidem*: loc. cit.), porém, uma rebelião na Panónia, entre os anos 6 e 9, invalida definitivamente a sua materialização. O desastre que, perto de Osnabruque, vitima Quintílio Varo e com ele três legiões, no ano 9, conduz ao estabelecimento de uma menos ambiciosa fronteira pelos Elba e Reno, sob os auspícios de Tibério, que dirime, assim, uma das maiores ameaças que enfrentou o império durante o governo do primeiro *princeps* (cf. *Ibidem*:13-14).

o consulado, bisado em 13 a.C. e em 7 a.C.; a partilha do Poder Tribunício, outorgada nos anos 6 a.C. e 4 d.C.; a concessão do Poder Proconsular, anuída em 4 d.C.; a quase co-regência do império, dividida com Augusto a partir do ano 12 d.C.<sup>181</sup>.

Augusto pôde, ainda, reconhecer em Tibério, para além de vasta experiência na vida pública de Roma, a faceta de um verdadeiro Romano, cuja vida privada espelha o *Mos Maiorum*, pois não terá sido outro que não o piedoso Tibério a regressar à Urbe na frente do cadáver do seu irmão morto pelo império<sup>182</sup>.

Todavia, Tibério foi, tão só, a derradeira alternativa que restou a Augusto e, mais, a escolha dúbia que, tantas vezes e em tantos, suscitou a insegurança, o herdeiro possível até no seu próprio sentir<sup>183</sup>.

Assegurar um sucessor que, à sua morte, ocupasse o seu lugar foi uma questão basilar do principado de Augusto. Na verdade, se a sua ocupação, entre os anos 44 a.C. e 27 a.C., fora a consecução do poder, a sua preocupação seria, desta data em diante, mais que mantê-lo, transmiti-lo — o seu carácter indicia-o e

---

<sup>181</sup> Cf. *Ibidem*: 87-88.

<sup>182</sup> Adianta David Shotter que, conquanto seja inegável a inépcia de Tibério nos seus relacionamentos pessoais, a sua incondicional entrega nas poucas ligações afetivas que se permitiu é, do mesmo modo, indesmentível. Devotado ao seu irmão, Tibério atesta esta dedicação quando acompanha, a pé, o cortejo fúnebre que devolveria Nero Druso a Roma, depois da sua prematura morte na Germânia no ano 9 a.C. (cf. D. Shotter *op.cit.*: 11).

<sup>183</sup> David Shotter introduz, precisamente, o livro que dedicou a Tibério, aventando as causas de ambas, da opção sucessória de César Augusto e da problemática em torno dessa preferência: "Tiberius Caesar was an enigma to his contemporaries; subsequent generations found this taciturn and reclusive figure no easier to fathom. When in AD 14, at the age of 56, he succeeded Augustus as *princeps*, he was a man of considerable — mostly military — experience; yet despite this, there were serious anxieties as to whether his character really suited him to the demands of the job, anxieties which he himself appears in some measure to have shared. Some felt that Augustus had adopted him as his successor either because there was no satisfactory alternative or even so that a poor successor would shed a particularly favorable light on his own memory. To many, Tiberius' reserved nature concealed haughtiness and arrogance, perhaps even a tendency to cruelty and perversion." (*Ibidem*: 1).

as suas ações denunciavam-no. A mesma lógica que o levou a pugnar pelo mando outrora de Júlio César, contra quaisquer opositores, presidiria a todas as demandas pelo seu herdeiro: o primado dos *Iulii*<sup>184</sup>. Assim, em 25 a.C., Augusto faz desposar a sua filha, Júlia, por Gaio Marcelo, filho de Otávia, sua irmã. Contudo, o desaparecimento precoce de Marcelo, que, sem deixar descendência, morre no ano 22 a.C., vem privar Augusto do seu eleito legatário. O *princeps* dá, então, Júlia, em casamento, a Marco Vipsânio Agripa, seu temerário e fiel general e seu amigo de longa data. Com este enlace, Augusto pretende, a um tempo, redimir-se pelo menosprezo anteriormente votado a Agripa em favor de Marcelo e assegurar a sua descendência; no entanto nada evidencia que Agripa possa ter sido sequer cogitado como seu sucessor. Efetivamente, do conúbio de Júlia e Agripa resultou um estreitamento do compromisso entre este último e o César para cuja ascensão contribuíra e cujo poder jamais agora ameaçaria e resultou ainda a tão desejada prole *Iulia* — Agripina, Júlia, Gaio, Lúcio e Agripa Póstumo — da qual tomou Augusto os seus sucessores. Em 17 a.C., ano do nascimento de Lúcio Vipsânio Agripa, segundo neto varão do *princeps*, este decide adotar por filhos e proclamar como herdeiros aquele e seu irmão mais velho, nascido no ano 20 a.C., Gaio Vipsânio Agripa. Augusto contava, porém, com o cuidado de Agripa para com os, agora, Gaio Júlio César e Lúcio Júlio César. Em 12 a.C., a morte prematura de Agripa promove uma autêntica reviravolta na sorte dos *Iulii* e do império e na vida de um homem, em particular: Tibério.

Tibério era filho do primeiro casamento de Lúvia Drusila, com Tibério Cláudio Nero, nascera no ano em que se travou a batalha de Filipos e em que Otaviano e Marco Antônio vingaram o assassinato de Júlio César com a morte de Bruto e Cássio, em 42 a.C.. Lúvia, tal como Tibério Cláudio Nero, descendia dos *Claudii*, antiquíssima *gens* e das mais influentes em Roma. Entrevendo Otaviano as

---

<sup>184</sup> Cf. *Ibidem*: 8.

evidentes vantagens que, para a sua ascensão, adviriam de uma união dos *Claudii* aos *Iulii*<sup>185</sup>, não hesitou em divorciar-se de Escribônia e em ajudar ao divórcio entre Tibério Cláudio Nero e Lívía, em 39 a.C., tendo-a desposado, nesse mesmo ano, ainda grávida do marido anterior. Desta união diz David Shotter ter sido das que mais influência tiveram no curso da história de Roma<sup>186</sup>. Efetivamente, por meio deste casamento, Otaviano pôde consolidar a sua posição, pela atração de mais apoiantes para a sua facção, e, deste modo, vir concretizar — como concretizaria em 27 a.C. — as suas ambições. No entanto, foi também este matrimônio que abriu aos *Claudii* a possibilidade de virem a alcançar a sucessão imperial, pois os filhos de Lívía — Tibério e Nero Druso — haviam-se tornado enteados de Otaviano. A argúcia de Otaviano, porém, conseguira desviar de qualquer dos *Claudii* o primado da sucessão e de forma bastante evidente, pelo menos até 12 a.C., ano em que o desaparecimento de Agripa precipitaria os acontecimentos. Conquanto permanecesse firme no seu propósito, é a um *Claudius* que o *princeps* recorre para confiar a guarda de Gaio César e Lúcio César, seus herdeiros — Tibério. É neste homem da sua confiança pessoal e política que Augusto deposita a segurança do futuro do império<sup>187</sup>, porém acompanhava este voto uma exigência: a do casamento entre Tibério e Júlia. Ignominiosa imposição, uma vez que Tibério era já casado com Vipsânia<sup>188</sup> e, com ela, tivera Druso. Depois de um indesejado

---

<sup>185</sup> Salienta David Shotter que “This marriage served to bind Octavian with the core of the republican nobility, and provided a social respectability which was lacking in his own more humble origins. It was probably the most important decision of Octavian’s life” (D. Shotter 1992: 7).

<sup>186</sup> Cf. *Ibidem: loc. cit.*.

<sup>187</sup> Quanto a esta opção de Augusto, como, de resto, relativamente a outras que implicaram a promoção da *gens Claudia*, resta a dúvida no tocante à intervenção de Lívía e ao ascendente que possa ter tido sobre o *princeps* e sobre a condução dos destinos do império (cf. *Ibidem: 10*).

<sup>188</sup> Vipsânia era filha de Marco Vipsânio Agripa, de um primeiro casamento que tivera com Cecília. Adquire outras proporções o golpe infligido por Augusto a Tibério, quando compreendemos que não apenas teria que abdicar da sua família, como de assumir a que seu sogro constituiria em segundas núpcias; que não apenas teria a lamentar o divórcio de Vipsânia, como também a perda

divórcio, Tibério cumpre a vontade de Augusto: desposa Júlia, ainda no ano 12 a.C., ao mesmo tempo que troca as batalhas militares no orbe pelas lutas políticas na Urbe.

Agora, então, sob a tutela de Tibério<sup>189</sup>, Gaio César e Lúcio César cresceram, somando aos sucessos a popularidade. Em 6 a.C., com 14 anos de idade e ainda sem envergar sequer a toga viril, Gaio César é o dileto da plebe para o consulado e, na impossibilidade de ocupar o cargo, é-lhe assegurado o assento no senado e o posto reservado até que complete vinte anos de idade. Gaio César é, agora, *Consul Designatus* e *Princeps Iuuentutis* e, no campo militar, acumula, já, gratas conquistas. E assim sucederia também com Lúcio César, com um intervalo de três anos. Num volte-face deveras dramático, os projetos de Augusto ruiriam: sucessivamente, em 2 d.C. e 4 d.C., Lúcio, primeiro, e Gaio, de seguida, sucumbiriam no campo de batalha lício.

Foi, com certeza, este um dos períodos mais volúveis na sucessão imediata a Augusto. Logo após a morte de Lúcio, deixa adivinhar a apreensão do *princeps* a reabilitação da figura de Tibério a quem Augusto, na sequência do seu prolongado retiro na ilha de Rodes, havia votado ao exílio. Com efeito, no ano 6 a.C., alegando cansaço e uma conveniente dádiva da primazia aos herdeiros do *princeps*<sup>190</sup>,

---

de Agripa.

<sup>189</sup> David Shotter faz, no entanto, questão de salientar, socorrendo-se do testemunho de Dión Cássio, em *Historia Romana*, 55.9, que a relação entre Tibério e os seus enteados, Gaio César e Lúcio César, nunca terá sido pacífica (cf. *Ibidem*: 11).

<sup>190</sup> Os verdadeiros motivos que terão conduzido ao refúgio de Tibério em Rodes, este nunca os terá confessado, pelo que apenas poderemos conjecturá-los, apoiando-nos no que nos dizem as fontes sobre as vivências experimentadas por Tibério à época e as diversas leituras que delas foram fazendo gerações de estudiosos, entre os quais se conta David Shotter. Já referenciámos oportunamente, em nota anterior, a menção de Dión Cássio às dificuldades de relacionamento entre Tibério e os seus enteados, Gaio César e Lúcio César. A esta contrariedade teremos de somar a prolixa fama de Júlia pelas suas infidelidades e a sentida perda do irmão, Nero Druso. E, certamente, Tibério não pudera ainda esquecer a morte de Agripa, o aviltante divórcio de Vipsânia para o casamento arranjado com Júlia e o afastamento do seu filho Druso, que Gaio Asínio Galo, novo marido de Vipsânia, pretendia contra a sua vontade, adotar. O somatório destes

Tibério fugira de Roma e alienara-se das decisões políticas, provocando o desagrado do César, que o havia investido de poder, e chegando mesmo, pela irredutibilidade na atitude, a incorrer na sua ira. Augusto empenhou-se, verdadeiramente, na ruína de Tibério: exilou-o, entregou ao seu rival Galo a jurisdição sobre a ilha de Rodes<sup>191</sup>, onde se havia radicado, e afastou-o, com o divórcio de Júlia, no ano 2 a.C., da linha de sucessão imperial<sup>192</sup>. Em 2 d.C., Tibério não é resgatado por Augusto na falta de *Iulii* que lhe assegurassem a sucessão, aliás, nem mesmo a morte de Gaio o deixaria sem herdeiros. Ao *princeps* restava, ainda, o mais jovem dos filhos de Júlia e Agripa, Agripa Póstumo, e a sua neta Agripina, que fora desposada por Germânico, filho do finado irmão mais novo de Tibério, Nero Druso, e de Antónia, filha de Otávia e, portanto, sobrinha do próprio Augusto. Porém, a sagacidade e a experiência anterior levariam o *princeps* a conceber, no ano 4 d.C., um mais intrincado esquema sucessório, que incluiria, para além do neto, Agripa, e do sobrinho-neto, Germânico, um Cláudio: Tibério. Assim, Augusto tomaria por herdeiros Agripa Póstumo e Tibério, que, pela adoção, passaria a chamar-se Tibério Júlio César, e este, em desprimor do seu

---

acontecimentos, emocionalmente dolorosos, poderá explicar esta ação particular de Tibério, como aclarar as opções que foi sucessivamente fazendo e, até, certos aspetos do seu carácter.

<sup>191</sup> Tendo em consideração a informação veiculada pela nota anterior sobre as divergências pessoais entre Tibério e Gaio Asínio Galo, motivadas pelo casamento deste último com Vipsânia e adensadas pela sua pretensão de adotar Druso, a medida de Augusto assume proporções avassaladoras.

<sup>192</sup> Conquanto Tibério não tivesse ainda, ao tempo, sido tomado por herdeiro do César, e a prioridade na sucessão a Augusto fosse dada a Gaio César e Lúcio César, adotados por filhos e designados legatários seus, pelo próprio *princeps*, a linha sucessória do imperador também incluía Tibério, em virtude do princípio que fazia dos homens que mantivessem ligações às mulheres da casa imperial potenciais sucessores na chefia da *domus Caesaris*. No ano 2 a.C., o divórcio entre Júlia e Tibério, arquitetado pelo *princeps*, priva este último de aspirar legalmente à chefia dos destinos de Roma; o concomitante destino de Júlia pelo seu comportamento adúltero, exilada por determinação de Augusto, assegura a inviolabilidade dos seus planos sucessórios. Na verdade, confirma Thomas Wiedemann, o afastamento de Júlia é ditado não tanto por preocupações morais, como por apreensões políticas, decorrentes do seu perigoso envolvimento com vários aristocratas, entre os quais o filho de Marco António (cf. T. Wiedemann<sup>3</sup>1997: 6-8).

próprio, tomaria, por filho e legatário, o sobrinho, Germânico<sup>193</sup>. Esta disposição não seria, ainda, a última tomada pelo *princeps*, que, anos mais tarde, cerca de 7 d.C., bane, por motivos pouco claros, mas que claramente ameaçaram a ordem imperial, Agripa Póstumo, e, logo depois, em 8 d.C., a irmã Júlia e o poeta Ovídio<sup>194</sup>. Remanescem Tibério e Germânico e é agora bastante claro que será aquele quem sucederá imediatamente a Augusto. Tibério passará os anos que lhe restam até ao seu principado ocupado, sobretudo, com campanhas no orbe; no entanto, não há como negar as palavras de David Shotter: “In Augustus last years Tiberius was the most powerful man in the Empire after the princeps himself”<sup>195</sup>. Só é discutível a real perceção que teriam desse poder o império e o seu futuro imperador.

O principado de Tibério seria quase exclusivamente marcado por problemas de sucessão, os mesmos que condicionaram de forma indelével toda a sua vida — um pesado legado de Augusto que o novo *princeps*, a custo, suportou.

Augusto vinculara à ideia de império a sua própria figura, para a qual cultivou uma aura de imortalidade, mas nem Augusto pôde subtrair-se a oferecer a Caronte o óbolo. E, nestas circunstâncias, a sua construção se era, por um lado, a garantia de que seria ratificada a sua vontade testamental de se ver sucedido por

---

<sup>193</sup> Thomas Wiedemann afirma, a este propósito, que “the most important policy every emperor had was to control his own succession: to decide, not just who would be his heir, but when” (T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: 8). Ora, o principado de Augusto revela a absoluta consciência do César relativamente ao ónus das suas opções. Assim, no ano 4 d.C., o *princeps* transige perante a possibilidade de um temporário governo dos Cláudios, para assegurar, no longo prazo, o cumprimento dos seus desígnios. De facto, segundo David Shotter, “Augustus had therefore compromised; realising the power of Livia, Tiberius and the older nobility, he had acknowledged their force as a faction. However, he had ensured that although his Julian faction might temporarily have to bear eclipse by the Claudians, it would on the death of Tiberius once again come into its own through Germanicus, Agrippina and their children.” (D. Shotter 1992: 13).

<sup>194</sup> Ameaçar a ordem do estado com desajustadas condutas sexuais ou a ordem imperial que ia, precisamente, de encontro aos preceitos de uma recente *Ars Amatoria* colocaria até familiares seus e amigos próximos, sob a suspeição de Augusto.

<sup>195</sup> D. Shotter *op. cit.*: 14.

Tibério, constituía, por outro, e para o seu sucessor, uma dificuldade acrescida quando este procurasse valer-se da sua *auctoritas*, enquanto novo *princeps* de uma Roma plasmada por Augusto.

A inexistência de precedente para a transmissão do poder e para o reconhecimento de um único homem à frente dos destinos de Roma, sem colocar em causa a república<sup>196</sup>, representava talvez, porém, o maior dos contra-sensos que minavam a *auctoritas* de Tibério. Aceitar Tibério simbolizava, para a república Romana, reconhecer a sua definitiva ruína<sup>197</sup>. Não prontamente, mas Roma aceitou Tibério; não de surpresa, mas a república irrevogavelmente ruiu. Contudo, Tibério, *princeps* não aclamado<sup>198</sup> e advindo de uma sucessão amplamente discutida<sup>199</sup>, teria, *ad aeternum*, relações tortuosas com os senadores, pela sua pouca segurança e pelas muitas reservas deles.

---

<sup>196</sup> Recorda, Thomas Wiedmann que “Sulla, Julius Caesar and Octavian had all been accepted as such as a matter of necessity, the result of the outcome of civil war” (T. Wiedmann 1997: 19).

<sup>197</sup> Aclarou, oportunamente, uma nota anterior, com base num estudo de Nathan Rosenstein e Robert Morstein-Marx, não ser possível precisar uma data para a queda da república em Roma, isto porque ela não caiu, antes foi caindo, ou foi-se transformando. Na verdade, o regime republicano, há muito em falência, deixa, sobretudo a partir da arquitetura do Triunvirato de César, Pompeio e Crasso, em 59 a.C., de conseguir oferecer resistência a crises progressivamente mais lancinantes. Porém, nem a ratificada concentração dos poderes na figura de Augusto, depois do ano 27 a.C., sentenciou de morte a instituição republicana, porquanto Augusto sabia quão autodestrutiva seria a proclamação aberta da sua autocracia, pelo que se escusou a fazê-la, como também nunca enquadrou abertamente os seus planos de sucessão como se se tratasse de uma sucessão dinástica (muito embora se tratasse, de facto). Portanto, será, efetivamente, a ascensão de Tibério, herdando de seu pai o poder, como sucederia num regime monárquico, que concretizará o termo da república.

<sup>198</sup> A aclamação de Augusto, no ano 27 a.C., constituiu um fortíssimo precedente para a necessidade da aclamação do seu sucessor. Porém, em 14 d.C., Tibério não é aclamado, reforçando-se, como esclarece David Shotter, a ideia de que o *princeps* não conquistara a primazia na governação, nem deteria, sem rivais, o poder (Cf. D. Shotter 1992: 18).

<sup>199</sup> Salienta David Shotter que terão constituído uma desastrosa publicidade para Tibério, no momento crucial da sua ascensão, as discussões sobre o funeral de Augusto e as dissidências quanto ao futuro da governação de Roma, que, entre o herdeiro da *domus Caesarea* e o senado, se mantiveram durante, sensivelmente, um mês. A coincidente morte criminosa de Agripa Póstumo terá ainda contribuído para adensar o clima de suspeição na Urbe (Cf. *Ibidem*: 18-21).



A somar aos problemas que lhe colocou, em Roma, o senado, as turbulências no seio do exército, surgidas nas legiões estacionadas no Reno e no Danúbio, que, muito embora nada pretendessem significar relativamente à posição dos militares romanos em face de um novo *Imperator*<sup>200</sup>, vieram dificultar a ação de Tibério.

Finalmente, as dissidências com Germânico, cuja ação no Reno, ao permitir uma campanha a este, desagradou a Tibério, apostado em dar cumprimento aos anelos últimos de Augusto pela manutenção das fronteiras do império, intensificam o sentimento de desconforto do *princeps* face ao seu herdeiro e o de Roma face ao seu César<sup>201</sup>.

Regista Suetónio na *Vita Tiberii*, 25.1, da sua obra *De Vita Caesarum* que Tibério (e não sem propriedade) terá dito sentir “ut saepe lupum se auribus tenere”, ainda assim, sublinha Thomas Wiedmann, foi esta das menos problemáticas das sucessões imperiais durante a dinastia júlio-cláudia<sup>202</sup>.

A verdade é que contra o novo *princeps*, e antes de quaisquer outros obstáculos, interpunha-se ele próprio: se uma excessiva reverência a Augusto condicionou sobremaneira a sua postura perante as responsabilidades e possibilidades do seu poder e fez dele um governante tímido e relutante, um carácter reservado alimentava suspeitas sobre a sua conduta e as suas ações e contribuía para um clima de cominação. A sua relação e as suas determinações para com Germânico são disto mesmo o exemplo por excelência. Tibério procurou pautar a sua atuação para com o seu herdeiro, tal como vira Augusto fazer com ele próprio: franqueou-lhe o consulado, no ano 17, e, ainda nesse ano, confiou-lhe as *curae* sobre as províncias orientais do império.

---

<sup>200</sup> Cf. *Ibidem*: 21.

<sup>201</sup> Cf. *Ibidem*: 22-23.

<sup>202</sup> Cf. T. Wiedmann <sup>3</sup>1997:19.

A morte de Germânico, no ano 19, longe de sanar, de uma vez, as dúvidas quanto às ações de Tibério, só as adensa. No entanto, é o próprio desempenho subsequente do *princeps* que vem confirmar uma ideia, que, por mais desacertada que fosse, constituía a mais lógica das deduções. Ante uma sucessão que o desaparecimento de Druso, em 23, mais ameaçara ainda, Tibério retira-se para Cápreas, tomando-a, do ano 26 em diante, por base, para o resto da vida, e fazendo-se depender e aos destinos de Roma e do império da mediação do prefeito dos pretorianos, Sejano. Em 31, depois da intervenção de Antónia, que o alerta para o perigo que o prefeito constitui não só para o imperador, como para todos os sucessores imperiais, nomeadamente, para Calígula, o filho de Germânico e Agripina, desfaz uma conspiração de Sejano<sup>203</sup>.

Nem a conjura de Sejano faria o *princeps* regressar a Roma. Na verdade, da única vez que o intentaria, a 16 de março do ano 37, sucumbiria pelo caminho, em Miseno.

Calígula é, dois dias volvidos sobre a morte de Tibério e dez antes de chegar a Roma, aclamado pelo senado, depois da própria *domus Caesaris* e da guarda pretoriana o terem arrogado como novo *princeps*, desconsiderando o testamento de Tibério que estabelecera Gemelo como co-herdeiro de Calígula.

Com a aceitação da investidura, Calígula assume, *de motu proprio*, o compromisso de adotar Tibério Gemelo, titulando-o *Princeps Iuventutis*, ao mesmo tempo que se obriga a dedicar ao senado e ao povo de Roma o respeito que, do seu ponto de vista, Tibério lhes não tivera. Calígula delineia, então, um extenso programa de promoção política que resultará no regresso à Urbe de muitos

---

<sup>203</sup> Quer tenha Sejano efetivamente conspirado contra os destinos que pretendia Tibério para a *domus Caesaris*, quer, como sugere Jeremy Paterson, a conjura de que foi acusado não tenha passado de um expediente de que se serviu o *princeps* para poder dirimir a influência do prefeito, permanece inabalável a convicção de que este constituía uma ameaça latente (cf. J. Paterson 1997(b) (1998 reprint): 63-64).

exilados, em diligências para a pronta resolução dos assuntos legais atrasados pelo recolhimento de Tibério, pelo relançamento das obras públicas em Roma, pela bisada distribuição pecuniária aos cidadãos, pela reposição das eleições populares e pela restituição dos espetáculos à cidade; de onde dimanará, também, o prestígio da ordem senatorial, a quem Calígula não se escusa a pedir permissão para a concretização dos seus intentos; e que, ainda, garantirá o reconhecimento do exército, dotando, cada soldado, com o dobro dos 500 sestércios que lhe haviam sido destinados, em testamento, por Tibério. Estes cuidados para com a população, o senado e o exército há de dourá-los o bronze das moedas que os levam cunhados para memória futura.

A numismática similarmente difundirá a sua imagem do *Paterfamilias*, sobre quem recaem, agora, a tradição, os cuidados e os destinos da Casa Imperial, corroborada pelas ações de um *princeps* que se mostra reverente para com a memória dos mortos, prestando as devidas honras divinas a Lúvia e a Antónia, e conhecedor dos direitos dos vivos, pelo que o olvidado Cláudio, seu tio, é chamado a partilhar consigo o consulado.

Contudo, o estadista calculoso e exímio propagandista acabará por dar lugar ao político calculista que, imperturbável, esmaga, um por um, os seus inimigos: Silano, pai da sua falecida esposa, Júlia Claudila, amigo pessoal de Tibério e, agora, líder da oposição a Calígula, bem como Germânico, o homem que havia adotado para lhe suceder, são ambos conduzidos ao suicídio; Mácron, o prefeito dos *Vigiles* a quem, em boa parte, devia a sua ascensão, é liquidado, entre as muitas eliminações metódicas das suas ameaças.

Porém, Calígula sabia-o, a cominação maior ao seu poder proviria das suas irmãs — Agripina, a Jovem, Júlia Livila e Lúvia Drusila —, na forma dos seus

descendentes e, sobretudo, dos genitores dessas proles<sup>204</sup>, pelo que, em finais de 37, o nascimento de Lúcio Domício Aenobarbo, filho de Agripina e de Domício Aenobarbo, o acua. Neste momento da governação, acomete-o, ainda, a instabilidade advinda da falta de um sucessor direto. Calígula concentra, então, as suas atenções sobre a *domus Caesaris*: desposa sucessivamente Lólia Paulina, no ano 38, e Milónia Cesónia, no ano 39, já grávida de uma filha de ambos; e empenha-se em dirimir, de forma sistemática, os restantes problemas familiares. Tranquilizam-no as mortes de Domício Aenobarbo e de Lívيا Drusila, mas não lhe bastam as ambições. Assim, ainda no ano 39, sob o pretexto de uma conspiração perpetrada contra o *princeps*, envolvendo o marido da finada Drusila, Lépido, Agripina e Livila, promove a aniquilação do cunhado e o exílio das irmãs.

Esta mudança de atuação não terá, como à época se assumiu, correspondido a uma efetiva alteração de carácter, mas, tão somente, a um reajustamento da estratégia de um *princeps* pouco escrupuloso na consolidação da sua *auctoritas*. Com efeito, Thomas Wiedmann sugere que, na prossecução dos seus objetivos, Calígula não terá, de facto, cedido à loucura, conquanto não tenha resistido à perversão<sup>205</sup>.

A popularidade de Calígula não poderia, já, restabelecê-la sequer a glória militar: nem as vitórias alcançadas na Germânia, nem os planos para a conquista da Britânia, com a criação das duas legiões *Primigeniae* e a construção de um farol no local que viria a ser, hodiernamente, conhecido por Boulogne-sur-Mer, junto ao Canal da Mancha, nem a deposição de Ptolomeu e a anexação da Mauritânia beneficiariam a imagem imperial; uma vez que, nestas ações, transpareciam, antes de tudo, as motivações financeiras de um *princeps* dissipador.

---

<sup>204</sup> Para o facto de os homens com ligações à *domus Caesaris* constituírem putativos candidatos à sua chefia, já alertou, com oportunidade, uma nota anterior.

<sup>205</sup> Cf. T. Wiedmann <sup>3</sup>1997: 39-40.

É inegável um descontentamento crescente; todavia nada fizera, até então, prever que o desfecho deste principado seria tão brutal, a ponto de, a 24 de janeiro de 41, por altura do seu regresso a Roma, Calígula ser assassinado, conjuntamente com a mulher e a filha, por um grupo de oficiais descontentes, liderados pelo pretoriano Cássio Quérea.

Sem legatário designado, a *domus Caesaris* será, à morte do seu *princeps*, disputada por dois homens: Marco Vinício e Cláudio, respetivamente, o marido da exilada Livila e o tio de toda a prole de Agripina e Germânico e, portanto, do próprio Calígula.

Vinício é quem primeiro toma a iniciativa, endereçando o seu propósito ao senado. E é enquanto o senado, que, relutante, não promove a aclamação imediata de Vinício, discute esta sua proposta, que, nos *Castra Praetoria*, Cláudio, aclamado imperador, assegura a *possessio* e toma o título de César. Vinício assume a sua derrota, o senado aquiesce e Cláudio, que nunca olvidará a sua dívida para com a guarda pretoriana<sup>206</sup>, finalmente, triunfa.

Porém, suceder a um tirano, como fora Calígula, dificulta, logo à partida, a missão de um novo imperador. Cumpria a Cláudio, como herdeiro, punir Quérea e os seus coadjuutores. Assim, a um tempo, o novo *princeps* decretava a execução dos responsáveis pela morte do seu predecessor, mas procurava, também, apagar a mácula de todas as mortes, brutalidades e desmandos que esse predecessor infligira a Roma.

---

<sup>206</sup> Isto mesmo nos certifica Thomas Wiedmann, sustentando-se no testemunho de Dión Cássio e na numismática: “Dio tells us that throughout his reign, he continued to pay them 100 sesterces annually. Coins depict Claudius holding a guardsman by the hand, with the various inscriptions ‘Loyalty’ (FIDES), ‘Commander Received’ (IMPER. RECEPT.) and ‘Praetorians Received’ (PRAETOR. RECEPT.).” (T. Wiedemann<sup>3</sup>1997: 45).

Sustentavam, todavia, a periclitante posição de Cláudio os seus herdeiros — Cláudia Otávia e Britânico, nascidos nos anos 40 e 41, respetivamente —, seus filhos com Valéria Messalina.

O *princeps* investiu, ainda, energia e fortuna em obras públicas de vulto: a drenagem do Fúicino, a edificação da *Aqua Claudia*, a intervenção no canal e no porto de Óstia, de forma a controlar as cheias em Roma e a garantir um regular afluxo de cereal à cidade, e as demais medidas fundamentais da sua *Ceres Augusta*. Sob o seu mando, foram alcançadas importantes consecuições militares: concluiu-se a anexação da Mauritânia, a incorporação da província da Lícia ou a invasão da Britânia, em que ele próprio interveio.

Plebe, exército e senado, favorecidos pela atuação imperial, concederam a Cláudio ser aclamado *Imperator*, por 27 vezes, ao longo do seu principado, proeza exclusiva, e, em janeiro de 42, saudado como *Pater Patriae*.

Mas nada disto bastaria para suprir a sua desvantagem. A verdade, sintetiza-a Thomas Wiedemann, cabalmente: “Before he became emperor, Claudius had known nothing of the workings of the imperial household”<sup>207</sup>. Assim, o *princeps* mostrava-se demasiadamente vulnerável à influência de terceiros, como os *liberti* ao serviço da *domus Caesaris* ou a sua própria esposa, Messalina, e excessivamente temeroso quanto aos perigos sucessórios que representavam as mulheres da casa imperial ou proeminentes figuras políticas e militares. A nada de bom conduziria este quadro: Cláudio decretaria o exílio de Júlia Livila, condicionaria as opções matrimoniais de Agripina e, sob o seu mando, a fazer fé nas palavras de Séneca, seriam executados 35 senadores e 200 membros da ordem equestre. Durante este principado, só Messalina terá ousado um dolo maior que o de Cláudio, quando, no ano 48, procura concretizar a suplantação do imperador.

---

<sup>207</sup> T. Wiedemann<sup>3</sup>1997: 48.

A conspiração de Messalina, procurando promover Britânico, numa ironia trágica, provoca nada mais que a sua substituição, na linha sucessória, por Lúcio Domício Aenobarbo ou Nero Cláudio César, como haveria de apelidar-se a partir de 50, ano em que foi adotado por Cláudio, na sequência do casamento deste com Agripina, sua mãe.

E como contestar que a sucessão seja assegurada por Nero?

Quando morre Cláudio, no ano 54, é a Nero que são entregues os destinos da *domus Caesaris*.

Seria Nero, porém, quem melhor demonstraria quão facilmente do poder absoluto pode advir a absoluta ruína. Depois do promissor *quinquennium Neronis*<sup>208</sup>, sucedem-se, as temeridades perpetradas pelo *princeps*.

Finalmente, na noite de 18 para 19 de julho de 64, Roma é assaltada pelas chamas de um violento incêndio e o caos parece ter-se instalado definitivamente. Nero, primeiro, chacina os cristãos a quem inculca as culpas pela catástrofe, aumentando o número das suas mortes e espalhando o terror pela cidade; para, depois, apresentar o seu novo projeto para a cidade — a sua *Domus Aurea* — a uma Roma cansada do seu despesismo e das suas imposições.

Nero desapareceria na derradeira tentativa de recuperar o seu prestígio, através de um empreendimento militar<sup>209</sup>.

---

<sup>208</sup> David Shotter esclarece, no entanto, que “Nero came to power in AD 54 amid general hopes and expectations; in the short term—outwardly, at least—he was not to disappoint. To distinguish this promising start from the evident deterioration of later years, many modern writers have applied to the first five years of Nero’s reign (AD 54–58) the term *quinquennium Neronis*: according to the fourth-century historian, Aurelius Victor, this term had been used of Nero by Trajan (AD 98–117), although it seems likely that by it Trajan was alluding with approval to the building activities of Nero’s final five years.” (D. Shotter <sup>2005</sup>(c): 19).

<sup>209</sup> “Roman emperors should not be credited with wide-ranging strategic defensive or offensive policies (certainly after Augustus). As with contemporary politicians, when emperors emphasised their role as military leaders, it was to buttress political weakness (eg. Claudius’ invasion of Britain, or the stress on military glory in Nero’s last years).” (T. Wiedemann <sup>1997</sup>: 8).

O *Iuuenis Deus* foi o último, embora, completamente, vão, esforço do primeiro principado romano em direção à sua glória inaugural<sup>210</sup>.

A morte de Nero, que, sem possuir um herdeiro, também não deixava intimado qualquer sucessor, gerou a extinção da dinastia de Augusto e obrigou a um ínvio caminho pelo Ano dos Quatro Imperadores, em que se sucederiam em assustadora catadupa: Galba, Otão, Vitélio e, final e felizmente, Vespasiano<sup>211</sup>.

Mas, mesmo antes da loucura de Nero, já o Século de Augusto conhecera o seu fim. O primeiro século da era cristã, que principiara como uma *Aurea Aetas*, não vivia mais, no dealbar da década de 70, sob os bons auspícios trazidos pelo primeiro *princeps*. Crescentes dificuldades políticas e transtornos sociais afastavam progressivamente a *Vrbs Aeterna* da concretização do seu mito épico.

Porém, Vespasiano, fundador da recém-inaugurada dinastia flávia, estava apostado em relançar o império.

A construção de Roma, que, como sugere Gustavo Giovannoni<sup>212</sup>, sempre se alicerçara em edifícios impactantes, que escorassem a adesão dos Romanos e que

---

<sup>210</sup> Nos seus *Annales* Tácito, ainda que sem conseguir furtar-se a um certo exagero, esboça o lamentável quadro dos Júlio-Cláudios que sucederiam a Augusto e que, em largas pinceladas, reproduzimos: Tibério troca Roma por Cápreas e vitimiza a sua própria família; Cláudio não é mais um grande conquistador, mas um fraco às ordens das suas mulheres e de ex-escravos; Nero inviabiliza a vitória em grandes batalhas, para triunfar nos palcos. (Cf. *Ibidem*: 10).

<sup>211</sup> Gizaram interessantes perspetivas sobre os acontecimentos que perfizeram o Ano dos Quatro Imperadores Kenneth Wellesley (cf. K. Wellesley <sup>3</sup>2000) e Austin Gwyn Morgan (cf. A. G. Morgan 2006).

<sup>212</sup> Gustavo Giovannoni observa que “to the Romans the chief aim of architecture and of the applied sciences was essentially utilitarian. Temples were no longer their chief monuments, but palaces, baths, amphitheatres, granaries, bridges, aqueducts, and drainage work. For the people, *panis et circenses*; for rich private individuals, the satisfaction of luxury and of material comforts; for the State, the government of the conquered peoples through the conferment of prosperity and through the impression of magnificence and power: so that it has been justly said that the construction of public buildings and public institutions had a real political function” (G. Giovannoni 1923: 430).



plasmassem na pedra a escala do império, foi, nesta ocasião, verdadeiramente impulsionada por uma singular obra do novo *princeps*: o Anfiteatro Flávio<sup>213</sup>.

Legatário de uma pesada herança, que compreendia desde a labilidade sucessória e governativa posterior a Augusto ao tumultuado Ano dos Quatro Imperadores, contando-se, de permeio, a atuação assoladora de Nero, e que comprometia desde a organização do exército à prosperidade económica, o patriarca dos Flávios soube ter a visão necessária para se lançar não apenas na legitimação de uma nova família imperial, senão também na reabilitação do *Imperium*. Vespasiano emulou os *exempla* do primeiro *princeps* — “there were parallels between Vespasian’s useful programme, temples, roads and bridges, and that of Augustus”, segundo salienta Barbara Levick <sup>214</sup> — e terá sido, mesmo, nos planos irrealizados do primeiro César<sup>215</sup>, que se inspirou para erguer aquele que viria a ser o símbolo de Roma por excelência<sup>216</sup>.

Efetivamente, é forçoso concordar com Brian Campbell: “The amphitheatre was in fact another triumphal monument”<sup>217</sup> — um verdadeiro monumento triunfal, porque, a um tempo e de forma grandiosa, celebra o triunfo passado do

---

<sup>213</sup> Não podemos, é certo, perder de vista que o Coliseu não foi, nem sequer em Roma, o primeiro dos anfiteatros. Com efeito, explica-nos Katherine Welsh que “the amphitheatre originated as a temporary wooden structure in the *Forum Romanum* during the republican period and was initially disseminated as a permanent stone building in Italy during the first century BC by Roman colonists. It then came to be monumentalized in Rome early in the reign of Augustus with the Amphitheatre of Statilius Taurus (30 BC)” (K. Welch 2007: 128). Porém, explica-nos ainda Katherine Welsh, “no earlier amphitheatre had looked like the Colosseum, and all securely dated amphitheatres built in important cities after the colosseum self-consciously draw on it in certain aspects of construction and decoration” (K. Welch 2007: 129). E, como permitira concluir a investigação de que é resultado o trabalho “O Anfiteatro de César: a única obra que a Fama há-de celebrar”, “as relações de mutualismo mantidas entre Roma e o Coliseu muito contribuíram para assegurar àquela o estatuto de *Vrbs Aeterna*” (J. M. Costa 2009: 199).

<sup>214</sup> B. Levick 1999: 73.

<sup>215</sup> Segundo Barbara Levick, “His [de Vespasiano] greatest building, the Colosseum, had originally been planned by Augustus” (*Ibidem: loc. cit.*).

<sup>216</sup> Cf. L. Stirling 2006: 80.

<sup>217</sup> B. Campbell 2002: 139.

*imperator*<sup>218</sup> e inaugura o triunfo futuro do *princeps*. Porém, a par da magnificência da construção, esta obra, pelo lugar que veio a ocupar na geografia da cidade, tornou-se simbólica<sup>219</sup>: “Era o local mais bem situado de Roma,” — descreve num dos seus romances históricos a escritora Lindsey Davis — “mesmo no final da Via Sacra, na principal via de acesso ao *Forum*. Vespasiano tencionava usar o espaço deixado pelo lago drenado para construir as fundações e as estruturas de uma imensa arena, que teria o seu nome de família. Esta foi a glória da cidade muito antes de o Imperador ter colocado a primeira pedra com a colher de pedreiro dourada.”<sup>220</sup>.

“De facto, a decisão de edificar sobre o espaço outrora ocupado pelo lago da *Domus Aurea* o seu anfiteatro” — como pode o prévio estudo a esta temática dedicado atestar — “assegurou que Vespasiano, de um só golpe, para além de embelezar a cidade com um edifício público que o dignificaria, tanto mais que exaltava as virtudes militares que lhe haviam granjeado a “púrpura”, fizesse retroceder o impopular plano de ordenamento da Urbe concebido por Nero pela base, pondo fim à apropriação de terrenos públicos para uso pessoal e devolvendo o coração da cidade ao Povo de Roma”<sup>221</sup>.

---

<sup>218</sup> Adianta David Bomgardner que “The early history and development of the amphitheatre have been closely linked [...] with the distinctively Roman military virtues [...]. It is, therefore, significant that the first of the soldier-emperors of the Roman empire should choose to commemorate his accession [...] to erect a permanent, monumental stone amphitheatre in the heart of Rome.” (D. Bomgardner 2000: 4), sendo esta ideia corroborada por Lea Stirling, que na senda de Katherine Welch, esclarece: “The amphitheatre format itself, linked to military culture, reflected Vespasian’s gratitude to the armies who had supported him in the recent civil war. Gladiatorial games and beast hunts were themselves significant symbols of imperial lavishness and Roman rule over the distant lands that supplied the animals and slaves.” (Cf. L. Stirling 2006: 80-81).

<sup>219</sup> Cf. J. M. Costa 2009: 203.

<sup>220</sup> L. Davis 2004: 375. Ao encontro das palavras da ficção de Lindsey Davis vão, no entanto, as dos investigadores, mormente, Barbara Levick (B. Levick 1999: 126-127), Lea Stirling (L. Stirling 2006: 80) ou David Bomgardner (D. Bomgardner 2000: 2-4).

<sup>221</sup> J. M. Costa *op. cit.: loc. cit.*.

O breve principado de Tito, entre os anos 79 e 81, tanto constituiu um prolongamento do de seu pai, Vespasiano, que foi a este Flávio que coube o privilégio de inaugurar o seu Anfiteatro.

Tito, renomado militar desde os tempos de Nero, experimentou, neste período, uma acalmia bélica, porém testá-lo-iam desafios não menos difíceis: a erupção do Vesúvio e a consequente destruição de Pompeios e Herculano, no ano 79, e, no ano seguinte, um novo incêndio que assolaria Roma.

O mais velho dos filhos de Vespasiano revelar-se-ia um imperador eficaz<sup>222</sup> e tornar-se-ia muito querido entre os Romanos — “amor ac deliciae generis humani”, na expressão recolhida por Suetónio, em *Vita Diui Titi*, 1.1.

Domiciano sucede a Tito, quando aquele é vitimado pela doença, mas não conhecerá a sorte do irmão: nem será benquisto, nem conhecerá uma morte natural.

É ao novo *princeps* que devem ser imputadas as culpas pelo seu malogrado destino. Domiciano revelou-se um autocrata calculista, assemelhando-se, pela sua ação, a Calígula ou a Nero.

O ano 96, com a morte de Domiciano, põe fim à dinastia flávia, que o último dos seus herdeiros maculara, e abre o caminho aos cinco bons imperadores — Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio —, que inaugurarão a dinastia dos Nerva-Antoninos e que, até ao ano 180, governarão o império sob a senda da prosperidade.

Embora estes 84 sejam comumente descritos como os Anos Bons, quando, na sua investigação, Finley Hooper procura dar resposta à questão que indaga os motivos da queda do Império Romano do Ocidente, em 476, vê-se, ao encontro das asserções de Arthur E. R. Boak e Edward T. Salmon, compelido a recuar aos

---

<sup>222</sup> F. Zosso et C. Zingg <sup>3</sup>2002: 37.

tempos de governação daqueles *principes* exemplares — de Marco Aurélio, sobretudo<sup>223</sup>.

Greg Woolf empenha-se numa análise ainda mais fundamental e, com as convenientes salvaguardas, recupera a tese da divisão da história de Roma em quatro períodos em consonância com as diferentes etapas da vida humana<sup>224</sup>, perspectivada por Floro, para demonstrar que a época dourada do império entraria, imediata e irreversivelmente, em declínio, com o desaparecimento do seu primeiro *princeps*: “Florus [...] divided Roman history into four ages, each corresponding to one stage of a man's life. Rome's childhood had been under the kings, and its adolescence was the Republican period up until the outbreak of the first Punic war. From then until the reign of Augustus, Rome pacified the entire world. 'This was at once the youth of empire and the robust maturity of Rome'. But in the succeeding period Rome had grown old. The biological analogy no longer seems such a good way to describe imperial history, but the reign of Augustus still seems to mark a rupture. The break is naturally a simplification. The emperors continued to celebrate their foreign victories on an unparalleled

---

<sup>223</sup> A verdade é que a barbarização do exército, como solução para compensar o decréscimo de alistamentos por parte de uma população dizimada pela guerra permanente e assolada pelas pestes recentes e a quem a extensibilidade crescente da atribuição automática da cidadania romana dispensava do serviço militar, permeabilizou o acesso dos estrangeiros a estruturas basais do império. Por outro lado, data desta época a deterioração da economia, que, num ciclo vicioso, potenciado pela exaustão dos solos agrícolas e consequente êxodo rural, decorre da diminuição dos contribuintes e do aumento dos impostos. Ante a ameaça de falência do Estado, a própria população dá sinais de degradação, agigantando-se a deterioração cultural e a corrupção moral. (Cf. F. Hooper 1979: 541-549).

<sup>224</sup> Hesíodo estabeleceu, entre os versos 109 e 201 dos seus *Opera et Dies*, uma partição do mundo em cinco idades sucessivas: do Ouro, da Prata, do Bronze, dos Heróis e do Ferro. O conceito da divisão da história do mundo em períodos é, com efeito, muito antiga. Quem, primeiro, terá estabelecido a analogia destas demarcações com a idade humana não é, porém, discernível. Ao caso concreto de Roma, aplicaram esta ideia, de diferentes modos e com propósitos diversos, autores como Cícero, em *De Republica*, 2.3, Lucrécio, em *De Rerum Natura*, 2.1150-1175, Tito Lívio, em *Ab Urbe Condita*, Praef. 3, Virgílio, em *Eclogae*, 4.18, 26 e 37, Floro, em *Epitome Rerum Romanorum*, 1.1-4, Lactânio, em *De Divinis Institutionibus*, 7.15, Flávio Vopisco, em *Vita Cariniana*, 2.3, Amiano Marcelino, em *Rerum Gestarum*, 14.6, elenca Paul Archambault (cf. P. Archambault 1966: 195 et seq.).

scale. They continued to fight wars after the death of Augustus, and even conquered a little more territory. But — leaving to one side a general trend to extend the system of provinces over regions previously governed by allied kings — there were only a few areas of genuine expansion.”<sup>225</sup> Floro apenas adita, em *Epitome Rerum Romanorum*, 1.*Praef.*, que “sub Traiano principe mouit lacertos et praeter spem omnium senectus imperii quasi reddita iuuentute reuirescit”, o que não contraria a sua visão declinante, somente lhe permite um intervalo<sup>226</sup>, e garante, até, a sintonia com a concepção tradicional dos cinco bons imperadores.

Porém, é possível fazer recuar mais ainda os primórdios da decadência do império<sup>227</sup>. Tito Lívio, contemporâneo de Augusto, assevera, em *Ab Vrbe Condita*, *Praef.* 8, ter-se já iniciado a declinação de Roma: “Sed haec et his similia, utcumque animaduversa aut existimata erunt, haud in magno equidem ponam discrimine: ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit; labente deinde paulatim disciplina uelut desidentes primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est.”. Por outro lado, em *De Diuinis Institutionibus*, 7.15, Lactâncio, decalcando o seu texto de um original que atribui a Sêneca<sup>228</sup>, baliza no início das guerras civis o começo da

---

<sup>225</sup> Greg Woolf 2012: 202.

<sup>226</sup> Convém rememorar que Floro terá vivido sob os principados de Trajano e de Adriano e que a sua *Epitome Rerum Romanorum* terá vindo a lume sob a égide daquele imperador. Paul Archambault advoga esta causa, apresentando como prova o louvor do César no prefácio da obra e num tempo verbal do presente (cf. P. Archambault 1966: 195). Ora, todos estes elementos permitem, ainda, uma leitura complementar: pode ser encomiástico o motivo que superintende a decisão do autor, ao apresentar o seu tempo como um oásis, de permeio ao crescente deserto em que reflete estar a tornar-se o império dos romanos.

<sup>227</sup> Cf. *Ibidem*: 195-198.

<sup>228</sup> Esta atribuição não permaneceria isenta de polémica, na medida em que há uma intertextualidade evidente com Floro — *Epitome Rerum Romanorum*, 1.1-4. A tradição tê-la-á

decrepitude de Roma, período no qual se inscreverá, já, portanto, o principado de Augusto. É, com efeito, bastante significativo que duas leituras (e destes leitores) lobriguem a queda, no acúmen que proporcionou o primeiro *princeps* e num tempo seu coevo.

Estas perspectivas — as últimas, sobretudo — permitem alcançar uma constatação: que o decesso de Roma principiou no mesmo momento em que ele assomou e que o seu declínio se acentuou, precisamente, no seu apogeu; e, a partir dela, ousar uma cosmovisão intemporal (e tão atual): que todos os impérios da história conheceram e conhecerão o mesmo sucesso<sup>229</sup>. É na prática e, notadamente, com a prática que ruem estas construções, seja pela inexequibilidade, seja pelo desvirtuamento, seja pela desatualização dos pressupostos teóricos instituidores.

*Mutatis mutandis*, assiste, hoje, o Mundo — a Europa, em particular e não sem pena — à incapacidade da União Europeia em lidar com uma construção que se agigantou e que está já a uma distância suficiente dos seus pais fundadores, para desprezar, ou se desacordar, ou se descuidar do escopo de Victor Hugo, do intuito de Jean Monet, do objetivo de Robert Schuman<sup>230</sup>.

---

procurado justificar, como discorre Paul Archambault, com uma confusão de Lactâncio, entre Lúcio Aneu Séneca e Lúcio Aneu Floro. Contudo, uma leitura atenta dos excertos permite, efetivamente, constatar as divergências entre eles, e eliminar Floro de entre as possibilidades de autoria. Aventa, com toda a propriedade, Paul Archambault a hipótese de ter tido, por hipotexto, o próprio Floro, à semelhança de Lactâncio, os escritos de Séneca (seja Séneca, como fica por esclarecer, o filósofo ou o pai deste) (cf. *Ibidem: loc. cit.*).

<sup>229</sup> Deste *fatum* não faltam *exempla*: o Império Persa, o Império de Alexandre, ainda na Antiguidade; o Império Carolíngio, durante a Idade Média; os Impérios Ameríndios, durante a Renascença Europeia; o Sacro Império Romano-Germânico e o Império Napoleónico, no dealbar do século XIX; o Império Russo, o Império Otomano, o Império Alemão, o Império Austro-Húngaro, o Império Chinês e o Império Português e os demais Impérios Coloniais Ultramarinos, até ao início do século XX; o Terceiro Reich e os Estados Totalitários e Comunistas na Europa, da Segunda Guerra Mundial em diante (cf. Greg Woolf *op. cit.: passim*).

<sup>230</sup> Corria o ano de 2007, tão alheio, ainda, à crise interna que atravessa, hoje, a União Europeia, e propunha Virgínia Soares Pereira, suportada numa atualíssima revisão bibliográfica e numa cosmovisão de largo espetro, própria dos classicistas, uma leitura da caducidade dos impérios,

Porém, haverá, atualmente, para a Construção Europeia, pelo menos, tanta esperança quanta houve para o Império Romano depois de Augusto — e, afinal, essa Época Argêntea dos herdeiros do primeiro *princeps*, sediada na *Vrbs*, sobreviver-lhe-ia, ainda, 462 anos.

---

tomando como paradigma a queda de Roma, e almejando concatená-la, numa assumida glosa ao mote de Mário de Carvalho, com os sucessos da contemporaneidade (cf. V. S. Pereira 2007: 275-300).





## II — TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS DITADAS POR UMA NOVA POLÍTICA, PARA UMA SOCIEDADE DIFERENTE

*“Magnum prouentum poetarum annus hic attulit [...] tametsi ad audiendum pigre coitur. [...] At hercule memoria parentum Claudium Caesarem ferunt, cum in Palatio spatiaretur audissetque clamorem, causam requisisse, cumque dictum esset recitare Nonianum, subitum recitanti inopinatumque uenisse. Nunc otiosissimus quisque multo ante rogatus et identidem admonitus aut non uenit aut, si uenit, queritur se diem — quia non perdidit — perdidisse.”*

C. Plinius Caecilius Secundus  
*Epistularum Libri, 1.13.1-4*

Independentemente da subsequência ou, mesmo, do desfecho do *Saeculum Augustum*, a mudança de paradigma operada por este César é inegável: na proporção exata com que Roma acumulou de glórias o seu primeiro *princeps*, Augusto poria fim aos precedentes e desastrosos *Saecula Impia*, inaugurando uma era de progresso, de grandeza e de uma certa felicidade, até; e alcançaria a *Vrbs* vislumbrar, no seu advento, “le début d’une ère nouvelle”<sup>231</sup>, concatenando-se, assim sintetiza magistralmente Robert Étienne, “le destin de Rome à l’âge d’or renaissant, et la jeunesse retrouvée de Rome à la jeunesse de ce *puer* promis par les dieux à l’Empire.”<sup>232</sup>.

*Vrbi et orbi*, as *Res Gestae Diui Augusti* desvelaram, então, uma política racional, uma finança ponderada, uma economia próspera, uma engenharia impressionante, uma diplomacia atenta, um expansionismo vitorioso, uma

---

<sup>231</sup> R. Étienne<sup>2</sup>1989: 10.

<sup>232</sup> *Ibidem*: loc. cit..

sociedade estável — tudo plasmado numa arte notável e propagandeado por uma cultura vívida.

No momento em que “the growing Imperial destinies of the Roman people” — como recorda Gordon McNeil Rushforth — “demanded magnificence in its public buildings”<sup>233</sup>, Augusto soube responder a este desafio, conferindo a Roma a urbanidade de uma metrópole, através de uma arquitetura imponente, que fizesse jus à força do *Caput Mundi* e à dimensão do seu império, e que complementavam apontamentos escultóricos e pictóricos, numa ornamentação tão faustosa, que impressionaria não apenas os Romanos, como o vastíssimo público, oriundo dos quatro cantos do império e, até, a posteridade<sup>234</sup>.

---

<sup>233</sup> G. McN. Rushforth 1923: 394.

<sup>234</sup> É isto, precisamente, que salienta Vitruvius, no prefácio do seu *De Architectura* — a urgência de um cunho civilizado, cosmopolita e imperial a que respondeu Augusto com a reconversão urbana de Roma; o quanto contribuiu este projeto para o cômputo das obras do César; a importância de registar os feitos arquitetónicos patrocinados pelo *princeps* para memória futura; e, até, o papel do próprio Vitruvius na celebração imperial, pela pena, não menos que pela pedra —: “Cum diuina tua mens et numen, imperator Caesar, imperio potiretur orbis terrarum inuictaque uirtute cunctis hostibus stratis triumpho uictoriaque tua ciues gloriarentur et gentes omnes subactae tuum spectarent nutum populusque Romanus et senatus liberatus timore amplissimis tuis cogitationibus consiliisque gubernaretur, non audebam, tantis occupationibus, de architectura scripta et magnis cogitationibus explicata edere, metuens, ne non apto tempore interpellans subirem tui animi offensionem. / Cum uero adtenderem te non solum de uita communi omnium curam publicaeque rei constitutionem habere sed etiam de opportunitate publicorum aedificiorum, ut ciuitas per te non solum prouinciis esset aucta, uerum etiam ut maiestas imperii publicorum aedificiorum egregias haberet auctoritates, non putavi praetermittendum, quin primo quoque tempore de his rebus ea tibi ederem, ideo quod primum parenti tuo de eo fueram notus et eius uirtutis studiosus. Cum autem concilium caelestium in sedibus immortalitatis eum dedicauisset et imperium parentis in tuam potestatem transtulisset, idem studium meum in eius memoria permanens in te contulit fauorem. Itaque cum M. Aurelio et P. Minidius et Cn. Cornelio ad apparationem ballistarum et scorpionum reliquorumque tormentorum refectionem fui praesto et cum eis comoda accipi, quae, cum primo mihi tribuisti, recognitionem per sororis commendationem seruasti. / Cum ergo eo beneficio essem obligatus, ut ad exitum uitae non haberem inopiae timorem, haec tibi scribere coepi, quod animaduerti multa te aedificauisse et nunc aedificare, reliquo quoque tempore et publicorum et priuatorum aedificiorum, pro amplitudine rerum gestarum ut posteris memoriae traderentur, curam habiturum. Conscripsi praescriptiones terminatas, ut eas adtendens et ante facta et futura qualia sint opera, per te posses nota habere.”.

A transformação da Urbe, centrada no *Forum* e no *Campus Martius*<sup>235</sup>, foi um apanágio do César, assim insistem François Zosso e Christian Zingg<sup>236</sup>, aludindo às palavras do imperador, registadas por Suetónio, na sua *Vita Diui Augusti*, 28: “Vrbem neque pro maiestate imperii ornatam et inundationibus incendiisque obnoxiam excoluit adeo, ut iure sit gloriatus marmoream se relinquere, quam latericiam accepisset. Tutam uero, quantum prouideri humana ratione potuit, etiam in posterum praestitit.”. Não sem um certo interesse pessoal se lançou Augusto neste empreendimento, buscando através de edifícios majestosos, mas, também úteis e populares<sup>237</sup>, a adesão de Roma ao seu programa político, eliminando as sombras do descontentamento e da resistência e reforçando a sua *auctoritas* absoluta.

Durante a Época de Augusto, não apenas o património edificado, mas todo o campo cultural medraria e floresceria, e como nunca antes. De acordo com Ettore Paratore, uma criação literária esplendorosa acompanhou os acontecimentos políticos e a evolução social — *aurei auctores* não só coexistiram com uma *Aurea Aetas*, em Roma, como, na verdade, ocasionaram mútuas menções e interferências,

---

<sup>235</sup> Sobressai, pelo seu carácter incisivo, o de Andrew Wallace-Hadrill, de entre os muitos estudos dedicados à metamorfose do Foro Romano e à transmutação do Campo de Marte — aquele, que Augusto converteria de reduto da romanidade em monumento que, por excelência, celebrava, como o cumprimento de uma promessa do passado, o *princeps* e a *domus Caesaris*; este, que, graças ao César, viria a ser o autêntico centro urbano de Roma, dotado dos mais variados equipamentos e comodidades (A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 51-61).

<sup>236</sup> Cf. F. Zosso et C. Zingg <sup>3</sup>2002: 10. Salienta Martin Goodman que “[in 50 BC] public buildings were still rather scarce and unimpressive by the standard of the contemporary cities in the Greek world” (M. Goodman 1997: 10), aliás, segundo Andrew Wallace-Hadrill “the Roman forum was clad in coarse limestones and peppery gray local tufas”, no entanto — adianta — “by the end of Augustus’ reign it was a forest of gleaming white marble columns, with highlights in multicoloured vanners from across the world” (A. Wallace-Hadrill *op. cit.*: 50).

<sup>237</sup> Robert Ling destaca a edificação do *Forum* de Augusto, do Teatro de Marcelo, do Pórtico de Otávia, dos aquedutos e dos Banhos de Agripa, a que este estudo já aludiu, para sobre ela acrescentar que “The pre-eminent factors in this programme are clear: a concern for the water-supply, an interest in keeping the public entertained, a desire to provide open spaces in an overcrowded city.” (R. Ling 1997 (1998 reprint): 303).

conduzindo a um momento único na história, mormente, na história da literatura<sup>238</sup>.

Efetivamente, naqueles tempos marcantes, as artes literárias beneficiaram de um dobrado incentivo: por um lado, a flamífera magnificência do momento, quase espontaneamente, promovia todos os tipos de celebrações, e, ofertando as suas *litterae* comemorativas, os escritores romanos juntavam-se à euforia global; por outro, garantindo a propalação destas notícias entre as gerações presentes e as futuras, a literatura era tomada como a fórmula alquímica contra o oblívio, tendo sido, conseqüentemente, apoiada e os seus *auctores* protegidos.

O próprio Augusto foi, também no plano literário, uma das figuras da época: autor dos *Rescripta Bruto de Catone*, das *Hortationes ad Philosophiam*, do poema *Sicilia*, da *Descriptio Italiae*, de uma *Vita* e das *Res Gestae Diui Augusti* — o *opus* que, de acordo com os críticos, disputa com o horaciano *Carmen Saeculare* o mérito de representar, com o maior virtuosismo, Roma no seu *acumen*<sup>239</sup> —; ele foi, ainda, patrono de poetas e artistas variados, cujo trabalho acreditava ser dos maiores e mais preciosos aliados para a legitimação do seu poder e para o triunfo do principado<sup>240</sup>.

As óbvias relações de convivência (e conveniência) entre política e cultura, em Roma e, sobretudo, neste período, em muito ficaram a dever-se ao pragmatismo dos Romanos: o “*do ut des*” não foi uma prerrogativa exclusivamente hierática, pois o investimento na arte, quando finalmente surgiu, veio para

---

<sup>238</sup> Cf. E. Paratore 1987: 345.

<sup>239</sup> Cf. *Ibidem*: 451.

<sup>240</sup> Peter Garnsey e Richard Saller veem, precisamente, na mudança do panorama cultural, uma influência direta da alteração do paradigma político: “Following the victory of Augustus, institutions, values and cultural life in Rome gradually adjusted to the monarchy. Augustus’ exercise of political patronage had its counterpart in the cultural sphere. As loyalty to the emperor became the key to office and his high status, so those writers and artists who were beneficiaries of the emperor’s patronage were expected to treat Augustan themes and to do so in a sympathetic manner.” (P. Garnsey and R. Saller 1987 (1996 reprint): 178).

cumprir o intuito de suprir uma necessidade de afirmação interna e externa. Quer na arquitetura quer na literatura, a frugalidade seria suplantada, ao vislumbrar-se uma clara *utilitas* no investimento artístico e que se faria, em Roma, ao sabor do helenismo.

Foi a “Graecia capta” horaciana que, com efeito, “ferum uictorem cepit et artis intulit agresti Latio”<sup>241</sup>, pois que até Virgílio concluía pelo carácter prático dos Latinos que, de sempre, os afastara da literatura: nenhuns outros, senão os Romanos, são, na verdade, as abelhas da quarta dos *Georgica* — essas que se excedem em qualquer campo, à exceção do canto<sup>242</sup>, e, assim, os seus congêneres humanos, que dominam todo o orbe, mas não as letras<sup>243</sup>. E a primazia da literatura grega sobre a latina atestara-a, de resto, Cícero, quando, no párrafo 23 da sua defesa do Poeta Árquias, discorre sobre o impacto universal das letras helénicas: “Nam si quis minorem gloriae fructum putat ex Graecis uersibus percipi quam ex Latinis, vehementer errat, propterea quod Graeca leguntur in omnibus fere gentibus, Latina suis finibus, exiguis sane, continentur. Qua re si res eae, quas gessimus, orbis terrae regionibus definiuntur, cupere debemus, quo manuum nostrarum tela peruenerint, eodem gloriam famamque penetrare, quod cum ipsis populis, de quorum rebus scribitur, haec ampla sunt, tum iis certe, qui de uita

---

<sup>241</sup> *Epist.*, 2.1.156-157.

<sup>242</sup> As abelhas descritas por Virgílio, incapazes de canto, produziam, apenas, ruído, como descreve, por exemplo, o verso 188 — “fit sonitus, mussantque oras et limina circum” —, contrariando as analogias convencionadas por uma já longa tradição literária — dos Gregos, como Platão, em *Ion*, 534b, aos Latinos, como Horácio, nos *Carmina*, em 4.2.27, ou nas *Epistulae*, em 1.19.44 —, e que, rememora Jasper Griffin, aos poetas e à sua poesia, associava as abelhas e o mel (cf. J. Griffin 1985 (1999 reprint): 167).

<sup>243</sup> Muito se recomenda, sobre este assunto, o capítulo “The Fourth Georgic, Virgil and Rome”, sito no estudo *Latin poets and Roman Life* de Jasper Griffin (cf. *Ibidem*: 163-182).

gloriae causa dimicant, hoc maximum et periculorum incitamentum est et laborum.”<sup>244</sup>.

De modo que chegaram das cidades tomadas, a um tempo, estátuas e pinturas gregas saqueadas, que incitariam à importação de matérias-primas e, sobretudo, de mão de obra do mundo helénico, para a construção e decoração dos edifícios, e, cativo, Parténio de Niceia, sob influência de quem, originalmente, o helenismo haveria de penetrar, em força, na literatura latina.

A verdade é que literatura latina não existiu ou não deixou traços até ao final do século III a.C., lembra Greg Woolf<sup>245</sup>, crescendo com a tradição de utilizar, na celebração militar e política, a arte. E se assim conheceram estímulo a pintura, a escultura, a arquitetura e a gravação numismática<sup>246</sup>, o mesmo sucederia com a literatura. A literatura surge, *pari passu*, com os templos comemorativos dos sucesso bélicos que os despojos de guerra permitiam construir. Com efeito, tão mais pujante se revelaria, quando se tornou fundamental pugnar contra um outro

---

<sup>244</sup> A excelência grega em tudo — da civilização à literatura, passando pela agricultura —, fizera questão Plínio, o Moço, de a recordar a Máximo, um seu amigo de partida para o governo da Acaia, aconselhando-o a prezá-la e a respeitá-la, a bem da própria Roma: “Amor in te meus cogit, non ut praecipiam — neque enim praeceptore eges —, admoneam tamen, ut quae scis teneas et obserues, aut nescire melius. Cogita te missum in prouinciam Achaïam, illam ueram et meram Graeciam, in qua primum humanitas litterae, etiam fruges inuentae esse creduntur; missum ad ordinandum statum liberarum ciuitatum, id est ad homines maxime homines, ad liberos maxime liberos, qui ius a natura datum uirtute meritis amicitia, foedere denique et religione tenuerunt. Reuerere conditores deos et nomina deorum reuerere gloriam ueterem et hanc ipsam senectutem, quae in homine uenerabilis, in urbibus sacra. Sit apud te honor antiquitati, sit ingentibus factis, sit fabulis quoque. Nihil ex cuiusquam dignitate, nihil ex libertate, nihil etiam ex iactatione decerpseris. Habe ante oculos hanc esse terram, quae nobis miserit iura, quae leges non uictis sed petentibus dederit, Athenas esse quas adeas, Lacedaemonem esse quam regas; quibus reliquam umbram et residuum libertatis nomen eripere durum ferum barbarum est. Vides a medicis, quamquam in aduersa uoletudine nihil serui ac liberi differant, mollius tamen liberos clementiusque tractari. Recordare quid quaeque ciuitas fuerit, non ut despicias quod esse desierit; absit superbia asperitas. Nec timueris contemptum.” (*Ep.* 8.24.1-6).

<sup>245</sup> Cf. G. Woolf 2012: 18.

<sup>246</sup> A numismática, enquanto aliada da difusão de uma determinada imagem política, revestiu-se de singular importância pela sua omnipresença — a moeda circulava por todo o império e por entre todos os seus estratos sociais (cf. R. Ling 1997 (1998 reprint): 301).

inimigo da Urbe: a perda da memória dos seus feitos — foram, por isso, de historiadores e de épicos, também, os escritos; e patrocinados, essencialmente, por militares e políticos os escritores<sup>247</sup>.

Augusto, mais do que qualquer outro que o houvesse precedido, estava preocupado em fixar a história de Roma e, ante a grandiosidade do momento, sem que houvesse uma fiel memória do passado que a favorecera, alimentou-se uma, em harmoniosa consonância com o presente majestoso da Urbe e com as necessidades dos homens que lhe queriam comandar os destinos.

Despojos da guerra gálica haviam servido a Júlio César para a construção, em Roma, do Templo de *Venus Genetrix*, que Augusto se empenharia em terminar, dele se servindo como expediente para a confirmação da sua esboçada ascendência divina. Seriam essas olímpicas origens de Augusto que a *Aeneis* haveria de vir reforçar, sendo que o próprio Eneias de Virgílio funcionaria, na obra, assim o perspectiva Jasper Griffin, como a sombra (e uma sombra tutelar, até) de Augusto<sup>248</sup>. Greg Woolf acrescenta que “Virgil wove together the many legends of Ancient Rome, making out of them a narrative that could only culminate in Augustus”<sup>249</sup>.

Tão importante quanto reescrever e fixar a história seria conseguir perpetuá-la, e a *Aeneis* era, cumulativamente, um excelente meio de propaganda<sup>250</sup>, porquanto, segundo Jasper Griffin, “The general influence of a milieu as a whole is

---

<sup>247</sup> Greg Woolf não deixa olvidar que o patrono de Quinto Énio era o general Marco Fúlvio Nobilior (cf. G. Woolf *op. cit.*: *loc cit.*).

<sup>248</sup> Cf. J. Griffin 1985: 197.

<sup>249</sup> G. Woolf *op. cit.*: 16.

<sup>250</sup> Cf. D. Quint 1993: 62.

clear enough, but it is also certain that particular individuals and particular books can have a mighty impact on the way others feel and live”<sup>251</sup>.

Augusto necessitava, então, de Virgílio, como Alexandre afirmara precisar de um Homero<sup>252</sup>: Augusto precisava da épica — o poema do império.<sup>253</sup> Com efeito, até a *recusatio* virgiliana faz prova disso, não sendo menos encomiástica<sup>254</sup>

Augusto, através de Virgílio e da sua epopeia, pôde constituir uma base que servisse a educação durante o principado, e mais, na verdade, não faria que aproveitar uma tendência secular: afinal, fora à luz dos *Annales* de Quinto Énio, dos quais não restam hoje mais que fragmentos, que, sob a república, os Romanos haviam sido educados. E também a esse poema épico competira estabelecer uma relação de mutualismo, entre o homens desse período e o seu sentido de engrandecimento histórico. A epopeia foi (e é) a voz do império (de qualquer império *de iure* ou *de facto*, apenas) por excelência<sup>255</sup>.

---

<sup>251</sup> J. Griffin *op. cit.*: 3.

<sup>252</sup> O episódio surge enfatizado pelas palavras de Cícero, no seu *Pro Archia*, 24: “Quam multos scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! Atque is tamen, quum in Sigeo ad Achillis tumulum astitisset: ‘O fortunate, inquit, adolescens, qui tuae uirtutis Homerum praeconem inueneris!’ Et uere. Nam nisi Ilias illa exstisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset.”.

<sup>253</sup> Confirma Philip Hardie que “In historical terms epic flourished because it answered to many of the political and ideological concerns of the first century A.D.. Epic and the empire share a number of obsessions.” (P. Hardie 1993: XI).

<sup>254</sup> Cf. J. Griffin 1985: 2 e 29.

<sup>255</sup> No seu estudo *Epic and Empire — Politics and Generic Form From Virgil to Milton*, David Quint conclui, a partir do estudo das relações de impérios, como o Romano, o Português, a Cruzada Cristã, ou a Britânica Commonwealth, com as suas epopeias, que “Epic draws an equation between power and narrative. It tells of a power able to end the indeterminacy of war and to emerge victorious, showing that the struggle had all along been leading up to its victory and thus imposing upon it a narrative teleology — the teleology that epic identifies with the very idea of narrative. Power, moreover, is defined by its capacity to maintain itself across time, and it therefore requires narrative in order to represent itself. In this sense, narrative, like ideology, is itself empowering. The epic victors both project their present power prophetically into the future and trace its legitimating origins back into the past.” (D. Quint 1993: 45).



Não apenas Virgílio, mas todo um círculo de literatos rodeava o imperador, mormente Horácio e Ovídio<sup>256</sup>. E se era Augusto quem retribuía o esforço literário destes escritores, suportando-os, “consequently,” — sublinha John Barsby — “a patron’s wishes had an importante influence upon a writer’s choice of material, genre and aesthetic and political stance.”<sup>257</sup> E, numa sociedade de dependências, na qual mesmo os patronos estão obrigados, em última análise, para com o *princeps*, pressente-se o impacto de uma força centrípeta, fazendo convergir o esforço de todos os escritores na direção das diretrizes, ou, tão só, dos anéis do senhor da *domus Caesaris*<sup>258</sup>.

Esta situação não implicaria, por parte dos autores, uma posição necessariamente acrítica, relativamente aos sucessos do principado. O próprio Virgílio, na sua *Aeneis*, questionaria o rumo de Roma e, portanto, metonimicamente, as opções do seu *princeps*<sup>259</sup>. Porém, e o caso de Ovídio foi, neste particular, paradigmático, a verdade é que o regime não conferia total liberdade aos poetas (como, de resto, não outorgaria a ninguém, quer respondesse imediatamente, quer não, ao imperador)<sup>260</sup>.

---

<sup>256</sup> Cf. F. Hooper 1979: 347 *et seq.*.

<sup>257</sup> J. Barsby 1997 (1998 reprint): 270.

<sup>258</sup> John Barsby apresenta, de resto, uma interessantíssima cosmovisão sobre uma progressiva tendência, política e culturalmente, centralizadora da época dourada da literatura romana: “It was a period of political turmoil followed by a political change which developed into the rule of one man, Augustus. In the earlier part of the period (Lucretius, Catullus, Gallus etc), we can see poets joining coteries with opposing aesthetic and, often, political views. But increasingly, from the 30s BC onwards, the successful writers (Virgil, Horace) have thrown in their lot with Octavian / Augustus, and literature begins to propagate the new ideology.” (*Ibidem*: 285).

<sup>259</sup> Philip Hardie salienta, precisamente, que “the *Aeneid* [...] helped both to crystallize and to problematize imperial ideology.” (P. Hardie 1993: XI).

<sup>260</sup> Recorda, justamente, John Barsby a proibição de versos difamatórios prescrita pela Lei das Doze Tábuas, que cita Horácio, em *Sermones*, 2.1.82, e uma outra promulgada pelo primeiro *princeps*, criminalizando a menção nominal nos versos satíricos, segundo o testemunho de Suetónio, em *Vita Diui Augusti*, 55 (*Ibidem*: 269).

Graças a estes círculos de homens (que não se confinaram a Augusto ou ao seu quase ministro da cultura, Gaio Cílnio Mecenas), dedicados a proteger o império e beneficiar as artes e os artistas, também a literatura alcançaria o zénite dos seus dias dourados. Com efeito, pertencem a esta época quase todos os nomes excepcionais e, certamente, os que mais rememora a tradição: Gaio Asínio Polião, Públio Virgílio Marão, Gaio Cornélio Galo, Quinto Horácio Flaco, Tito Lívio, Álbio Tibulo, Sexto Aurélio Propércio, Públio Ovídio Nasão, Gneu Pompeio Trogo, Lúcio Aneu Séneca.

Depois de Augusto, o mundo da cultura não conheceria qualquer outro impulso extraordinário, sob o mando de Tibério, ou sequer de Calígula, tendo tido de aguardar pelos principados de Cláudio e Nero.

Porém, uma das maiores consecuições artísticas de Nero — a sua *Domus Aurea* — seria, a um tempo, também, a mais impopular, não só do seu principado, como de todos os dos Júlio-Cláudios.

A verdade é que o grande legado político, mas, também, cultural de Augusto haveria de alimentar os principados dos seus herdeiros Júlio-Cláudios. Das medidas levadas a cabo pelo primeiro dos *principes* resultou que a tão almejada legitimação estava criada, daí em diante, necessário mais não seria do que perpetuá-la: com a coadjuvação das letras que haviam favorecido esta época dourada, da sua difusão e do seu ensino<sup>261</sup>; da Urbe que resplandecia; e do orbe crescente. E Robert Ling confirma que, de facto, “Augustus’ successors followed his lead in exploiting art for visual persuasion”<sup>262</sup>; mas, quanto à arte literária, essa

---

<sup>261</sup> Difusão e ensino esses que o próprio Augusto também potenciara, mormente, ao inaugurar, em Roma, a tradição das bibliotecas públicas (cf. M. H. da R. Pereira <sup>3</sup>2001: 211).

<sup>262</sup> R. Ling 1997 (1998 reprint): 305. Robert Ling destaca, por exemplo, o facto de serem os retratos dos Júlio-Cláudios muito similares entre si, por vezes, quase indistintos, em resultado de um modelo iconográfico que visava, por um lado, a legitimação sucessória e, por outro, a difusão de uma certa imagem idealizada, que se alonjava da humanidade de cada um dos *principes*, como a leitura de *De Vitis Caesarum* de Suetónio permite, facilmente, concluir (cf. *Ibidem*: 305-306).

não conheceria um verdadeiro incentivo, conquanto mantivessem os *principes* certas prerrogativas augustas, que, à semelhança do *ius trium liberorum*, beneficiavam os autores<sup>263</sup>.

A nova dinastia ressuscitaria velhos problemas de legitimação: Vespasiano deveria provar que mesmo, depois da extinção da *gens* para a qual havia Augusto justificado o mando sobre Roma, ainda era pertinente a concentração da *auctoritas* num só homem, e que era ele esse homem, não outro qualquer.

Para além da sagração da *libertas restituta* de Galba, o último dos Júlio-Cláudios, a emulação de Augusto seria, na validação de uma nova descendência, o seu principal escudo, nomeadamente pela recuperação de medidas populares (e, mesmo, populistas) assentes no patrocínio e enquadradas por um extenso programa cultural, como permite aferir o testemunho de Suetónio, na sua *Vita Diui Vespasiani*, 17-19<sup>264</sup>.

A arte, sobretudo a impactante, constituiu, no principado de Vespasiano, a sua maior bandeira e seria, simultaneamente, por meio dela, que procuraria vincar o seu plano de continuidade relativamente a Augusto, e a sua empresa de demarcação quanto a Nero: e o mais perfeito remate deste projeto do primeiro dos

---

<sup>263</sup> Theodor Mommsen faz questão de salientar que “The age of Claudius and Nero left a not inconsiderable literary legacy. Compared to the Augustan age, however, a lamentable retrogression is unmistakable here, as in all other spheres.” (T. Mommsen 1999: 198).

<sup>264</sup> Suetónio é, com efeito, muito claro: “In omne hominum genus liberalissimus expleuit censum senatorium, consulares inopes quingenis sestertiis annuis sustentavit, plurimas per totum orbem ciuitates terrae motu aut incendio afflictas restituit in melius, ingenia et artes uel maxime fouit. / Primus e fisco Latinis Graecisque rhetoribus annua centena constituit; praestantis poetas, nec non et artifices, Coae Veneris, item Colossi refectorem insigni congiario magnaue mercede donauit; mechanico quoque grandis columnas exigua impensa perducturum in Capitolium pollicenti praemium pro commento non mediocre optulit, operam remisit praefatus sineret se plebiculam pascere. / Ludis, per quos scaena Marcelliani theatri restituta dedicabatur, uetera quoque acroamata reuocauerat. Apellae tragoedo quadringenta, Terpno Diodoroque citharoedis ducena, nonnullis centena, quibus minimum, quadragena sestertia super plurimas coronas aureas dedit. Sed et conuiuabatur assidue ac saepius recta et dapsile, ut macellarios adiuuaret. Dabat sicut Saturnalibus uiris apophoreta, ita per Kal. Mart. feminis. Et tamen ne sic quidem pristina cupiditatis infamia caruit.”.

Flávios concretizar-se-ia no Coliseu — a obra que, substituindo a hedionda *Domus Aurea*, no coração da *Vrbs*, representaria a definitiva rutura com os delírios de Nero e o brilhante recobro dos sonhos de Augusto.<sup>265</sup>

Ora, a obra lançada por Vespasiano pôde ser, tão só, o edifício público capaz das maiores simbioses entre a grandeza de construção e o embelezamento das fachadas, responsável, segundo Katherine Welch, pela canonização de um estilo<sup>266</sup>, e é por isso que, como atesta Bomgardner, “the Colosseum [...] is at once both a symbol and a metaphor for the imperial might of the Roman empire”<sup>267</sup>.

A política cultural de Vespasiano não passaria, no entanto, por uma relação próxima com a literatura<sup>268</sup>, outro dos reflexos de o ter precedido um Nero promotor de uma cultura-espetáculo, muito centrada nas letras, e que perduraria, segundo o testemunho de Suetónio, até ao derradeiro momento da sua vida<sup>269</sup>.

E conquanto no plano literário Tito tenha sido mais interventivo, a ponto de se revelar ele próprio um escritor<sup>270</sup>, e Domiciano, pela forma como promoveu o

---

<sup>265</sup> Também a forma pela qual se faria representar o novo *princeps* flávio o diferenciava dos predecessores. Segundo Robert Ling, “His [Vespasian’s] new image is clearly signposted by his portraits, which break with the idealisation of the julio-Claudians and employ a type of verism; the emperor is depicted, no doubt realistically, as square-headed, wrinkled and balding.” (R. Ling *op. cit.*: 308).

<sup>266</sup> Cf. K. Welch 2007: 128-162.

<sup>267</sup> D. Bomgardner 2000: 1.

<sup>268</sup> Apesar desta reconhecida postura do primeiro dos Flávios, salientam Mario Citroni, Franca E. Consolino, Mario Labate e Emanuele Narducci que Vespasiano “É recordado por ter fundado bibliotecas, por atribuir prémios avultados a poetas e artistas e, de modo particular, por conferir privilégios aos docentes, a par da instituição de cátedras, financiadas pelo estado, destinadas a professores de retórica latina e grega.” (M. Citroni, F. E. Consolino, M. Labate e E. Narducci 2006: 824).

<sup>269</sup> “Qualis artifex pereo!” seriam as últimas palavras do imperador, que registaria a *Vita Neronis*, em 49.1.

<sup>270</sup> Para uma leitura das continuidades e descontinuidades entre as políticas literárias de Vespasiano e de Tito, concedeu Silvie Franchet d'Esperéy um valioso contributo (cf. S. Franchet d'Esperéy 1986: 3048-3086).

relançamento da produção e do mecenato literários<sup>271</sup>, se haja reaproximado dos maneirismos neronianos, promovendo, a um tempo, a adulação ao imperador e a proibição da liberdade intelectual, a verdade é que ambos dariam continuidade à estratégia cultural do pai<sup>272</sup> — “atitude inteligente, Flavianos!”<sup>273</sup>. Como não fazer eco das palavras de Lindsey Davis, quando estas importantes consecuições dos Flávios promoveriam o ressurgimento de uma nova época florescente, que os Nerva-Antoninos haveriam de consolidar?

Com efeito, depois do brevíssimo Nerva, Trajano, assim atesta a numismática, ter-se-á revelado (ou procurado revelar) um *optimus princeps*. O segundo dos Nerva-Antoninos, sob a orientação de Apolodoro de Damasco, preparou nova revolução arquitectónica e artística, mandando erguer uma ponte sobre o Danúbio e engrandecendo a Urbe com a construção de um novo *Forum*, no qual mandaria dispor aquela que ficou conhecida como a Coluna de Trajano, e que mais não era que uma forma de proclamação do (seu) poder imperial. Para o enobrecimento das letras, confiaria o imperador em Plínio, o Moço; parco, porém, se revelaria o investimento<sup>274</sup>.

A verdade é que, apesar de todos os esforços (mesmo quando os houve), era impossível a reabilitação desse augusto passado. O império não era mais o

---

<sup>271</sup> Ana Maria Lóio, na senda de Kathleen M. Coleman (cf. K. M. Coleman 1986: 3095-3098) e Ruurd R. Nauta (cf. R. R. Nauta 2002: 327-335), apelidá-lo-ia “o mais cobiçado dos mecenas” (A. M. Lóio 2009: 212).

<sup>272</sup> Se não é difícil conceber no principado de Tito a continuidade programática do seu progenitor, a verdade é que Domiciano, tal como sucedera com Vespasiano, antes dele, é, nas palavras de Brian Jones “the new Augustus” e não apenas na condução da economia e da finança ou na orientação moral e religiosa do império, mas também graças ao seu projeto cultural para Roma, assente, em muito, na edificação e no entretenimento (cf. B. Jones 1992: 72).

<sup>273</sup> L. Davis 2004: 374.

<sup>274</sup> O labor de Eugen Cizek resultou num importante contributo para a compreensão das condições de produção literária, sob o mando de Trajano. Recomenda-se a leitura complementar do seu artigo de cariz mais específico “La littérature et les cercles culturels et politiques à l’époque de Trajan” (E. Cizek 1989: 3-35) e da sua mais abrangente obra *L’époque de Trajan, circonstances politiques et problèmes idéologiques* (E. Cizek 1983).

mesmo: mais do que nunca antes, os poderosos buscavam a púrpura, e a população, na imortalizada expressão de Juvenal de *Saturae*, 10.81, clamava por *panem et circenses*.

A definitiva mudança dos tempos teve, na produção artística, uma das suas mais reveladoras provas<sup>275</sup>. Longe, os círculos de Mecenas, que haviam fomentado o surgimento (e suportado o amadurecimento) de autores, como Horácio ou Virgílio, a quem havia sido possibilitada uma dedicação exclusiva à sua arte. A Roma finissecular nada mais tinha para oferecer aos seus poetas que uma desprezível forma de patronato, baseada, portanto, numa mendicante *clientela*, e que deixava, entregues à sua sorte, os autores.

Teoricamente, como dilucida Ruurd R. Nauta, na senda de Peter White, “the patron is assumed to take an interest in the work of the writer, and to offer him the long-term material support which will enable him to pursue his work”<sup>276</sup> e, muito embora “this type of patron is «barely glimpsed» in the literary world of Ancient Rome”<sup>277</sup>, fora, sensivelmente, esta a prática seguida, no dealbar do século I, ainda que esse interesse tivesse sido, na larga maioria dos casos, não meramente filantrópico, mas, essencialmente, político e, mesmo, pessoal. No entanto, estes finisseculares patronos pareciam estar nos antípodas daqueles que haviam descerrado o século: pouco parecia interessar-lhes a produção literária, quem, verdadeiramente, para eles (isto é, para a manutenção, ou, melhor ainda, para a progressão do seu *status*), importava era o *cliens*, que, na maioria dos casos, seria, por azar, um escritor.

Estes *clientes*, acordando cedo para oferecerem aos seus patronos uma modelar saudação matinal, acompanhando-os, pelo labirinto das ruas da *Vrbs*, em

---

<sup>275</sup> Esta mutação ratificá-la-ia Juvenal, em *Sat.* 7.1.97.

<sup>276</sup> R. R. Nauta 2002: 12.

<sup>277</sup> *Ibidem*: loc. cit..

processionais deslocações, secundando-os, ao tomar o respetivo partido, com um sonoro aplauso no *Forum*, e granjeando-lhes os votos para a vitória nas eleições, mal pareciam e dificilmente se sentiriam os verdadeiros homens livres que eram. Fustel de Coulanges sumarizaria: “il y a quelqu’un qui ressemble mieux à l’ancien client, c’est l’affranchi”<sup>278</sup> — a obstar só o facto de o autor se estar a referir, no contexto, às origens de Roma e não ao final do século I, como, com efeito, parece.

E é nesta alteração da conjuntura cultural que aos *aurei auctores* sucederiam os argênteos. A designação tardiamente surgida, mas investida de grande justeza, procurou delimitar dois períodos, que ofereceram distintas condições para o labor literário e que, dessa forma, geraram as diferenças que na produção se intuem<sup>279</sup>.

No seu período áureo, resultaria a literatura latina numa poesia politizada, para fins de propaganda, ou, alternativamente, numa outra, em que atitudes e situações se submetiam às convenções, elas, também, revistas (quando não determinadas) pela *domus Caesaris*. Por isso, a poesia augusta, quando épica é a poesia da glorificação do herói — a do ponto de vista do crescendo honorífico do Império Romano personificado no *princeps* —; quando lírica (porque, também, é lírica: nos *Carmina* de Horácio ou nas *Eclogae* de Virgílio) igualmente insiste na glorificação de um qualquer mortal, “heroificando-o” — é, por isso, a poesia do ponto de vista contrastante com o dia a dia, uma que colocava qualquer Romano na esteira do *princeps*. Sobre esta visão do lirismo, Jonathan Griffin afirma, mesmo, que “No less important was the refinement and glorification of real life, as the poets turned the man about town in a romantic lover, picnics into pastorals, and

---

<sup>278</sup> F. de Coulanges 1864 (réimpression 1984): 317.

<sup>279</sup> Richard Jenkyns concederia: “it is indeed true that the poets who came after the Augustans were faced with a peculiar difficulty and a peculiar challenge” (R. Jenkyns 2001: 267).

amours into Amor.”<sup>280</sup>, como sucede, de facto, nos *Carmina* horacianos, mormente, em 2.4, 1.7, 2.11, 1.17.

No seu período argênteo, espelharia, em Roma, a literatura, o refinamento perdido, porquanto, se resumiu, mais vezes do que seria desejável, a emulações vazias de sentido (de sentido estético, até) dos temas e das formas que haviam marcado o período precedente.

Houve, entre o início e o final do século I, uma alteração de condições ou, pelo menos, uma mudança da percepção que se tinha dessas condições e, certamente, uma transformação de expectativas. Segundo Gordon Williams, “the intellectual strength that characterized writers of the Augustan age collapsed under new strains imposed by the imperial system no less than under that itch for novelty which itself grew up in response to social and political changes. Here cause and effect are particularly difficult to separate.”<sup>281</sup> E a verdade é que, com o avançar do século, uma crescente autocracia limitava, mais e mais, a expressão literária: o encómio dourou-se na inversa proporção em que surgiam as ações dignas de louvor, tendo-se tornado num expediente demasiado óbvio para que lhe pudesse ser reconhecida alguma sinceridade (ou para que o possam apreciar, sem demérito, os leitores de hoje); e a sorte dos poetas, perigada, já, pela frágil posição de *cliens*, via-se progressivamente mais ameaçada pelo poder — na sorte de Lucano às mãos de Nero, houve uma inflação clara do destino dado por Augusto a Ovídio. Ora, sendo desaconselhável a crítica, ainda que pelas páginas de uma epopeia, não admira, que mesmo um *princeps* como Domiciano, que Tácito, Plínio, o Moço, e Suetónio desconsiderariam, tenha suscitado o louvor<sup>282</sup>. A acrescer a

---

<sup>280</sup> J. Griffin 1985 (1999 reprint): XI

<sup>281</sup> G. Williams 1978: 4.

<sup>282</sup> Apesar da justa defesa que lhe concede Brian Jones, no seu estudo *The Emperor Domitian*, reabilitando a ação do César e fazendo dela depender, em muito, o sucesso dos vindouros Bons



tudo isto, não mais divisavam os poetas esse futuro mítico e glorioso, pelo que a sua poesia carecia da sensação de verdade emocional, que apesar das convenções, sempre imperara, entre os *aurei auctores*<sup>283</sup>, resultando que “The changed conception of the function of literature was bound, in the end, to be self-defeating and to lead to frustration, and even to hysteria, in the effort to satisfy the demands (often self-imposed) which increased at each new literary attempt.”<sup>284</sup>

Nestas circunstâncias, só não sairia derrotado e tomado pela frustração quem revelasse possuir a sabedoria de aproveitar a mudança e se dispusesse a produzir uma poesia de matriz diferente, que acompanhasse o tempo e em que houvesse glorificação da vida real (mas tal qual ela se apresentava) e que, por isso, soubesse a homem.

Este homem, contrastivamente com o do legado épico, não era um herói vencedor; e à revelia da herança dos *Carmina* ou das *Eclogae*, nem sempre estava apaixonado (logo, mais dificilmente se mostraria romântico) e, portanto, quase sempre prescindiria do piquenique, e os seus parceiros (que poderiam, inclusivamente, ser pagos) haveriam de nascer mais do desejo que do amor, não

---

Imperadores, Domiciano não foi um *optimus princeps*. Porém, as duríssimas críticas que ao último dos Flávios dirigem Tácito, Plínio, o Moço, e Suetónio devem ser observadas com prudência — a prudência que ao leitor avisado sugere a obra de Marcial, que, depois de, em vida de Domiciano, lhe ter votado os maiores encómios, de que 6.4, 7.2, 7.8, 8.2, 8.66, 8.82, 9.1, 9.3 ou 9.101 serão muito poucos *exempla*, lhe reserva, no desaparecimento, a crítica (que antes não seria prudente fazer e que, no momento, seria imprudente não fazer). São as convenções sociais, culturais e, consequentemente, literárias da época, na relação patrono-cliente que ditam o louvor em vida e a demarcação pela morte, quando isso ao novo *princeps* assim convinha, como conveio, de facto, a Trajano, sobretudo, uma vez que a Nerva coube um brevíssimo mando. Não significa isto, no entanto, que houvesse da parte dos poetas uma aceitação acrítica dos *principes* e das suas medidas, nem que, nas entrelinhas do panegírico, não possa, até, divisar-se um julgamento, ainda que velado, como, na primeira parte deste estudo, já se demonstrou — denomina-o Brian Jones, na esteira de Claude Bérard ou de Emilia Doruti-Boila, de “safe criticism” (B. Jones 1992: 39).

<sup>283</sup> Cf. J. Griffin *op. cit.*: IX.

<sup>284</sup> G. Williams 1978: 4.

podendo, pois, representá-lo — e esta, entre outras diferentes (diametralmente opostas, até) é só mais uma das inúmeras facetas humanas.

Com mais propriedade, sintetizaria Andrew Amos esta revolucionária matriz que gerou Marcial: “his epigrams relate chiefly to transactions of private life which are not of a romantic or impassioned character, and to things as they are.”<sup>285</sup>.

E foi por tudo isto que, nestas circunstâncias, alcançaria verdadeira e áurea fama Marcial.

---

<sup>285</sup> A. Amos 1858: X.

### III — A TALIA DE MARCIAL

*“Car, tel qu’il [l’homme] est lui-même à chaque époque, il est le produit et le résumé de toutes les époques antérieures. S’il descend en son âme, il peut y retrouver et distinguer ces différentes époques d’après ce que chacune d’elles a laissé en lui.”*

Fustel de Coulanges  
*La Cité Antique*, pp. 4-5

Houve, em Roma, uma geração inteira de homens, que, depois de ter experienciado os horrores da guerra civil, ameaçando a estabilidade da Urbe, e convivido com as terríveis cominações que pendiam sobre o orbe conquistado, periclitando o equilíbrio do império, ansiou por uma nova governação, capaz de restabelecer a concórdia entre os Romanos e consolidar as fronteiras de uma Roma, finalmente, pacificada, não mais do que por um novo governante, verdadeiramente hábil, para estas tão almejadas consecuições<sup>286</sup>.

Houve, também, uma geração inteira de outros homens, que, vivendo após uma época maior, possibilitada pelas oportunidades suscitadas por essa nova governação, não mais do que por esse oportuno novo governante, desesperou, ansiosa, conquanto, tenham emergido, no seu seio, alguns capazes de pugnar por um destino dourado e que gozaram alcançá-lo, por entre as ruínas poeirentas dos sonhos a que se atrevera o passado.

*Marcus Valerius Martialis* pertenceria ao último tipo desta derradeira geração.

Num oásis, que permeou estes dois períodos, a alguns homens afortunados foi, no entanto, concedido o privilégio de participarem da *Aurea Aetas* de Augusto!

---

<sup>286</sup> Cf. R. Étienne<sup>2</sup>1989: 10.

Se a Marcial, nascido durante o principado de Calígula ou Cláudio, não coube já em sorte a vivência desses tempos perdidos, terá tido, no entanto, a possibilidade de vislumbrá-los.

Afinal, ele era, como qualquer outro homem, o resultado da soma de todas as eras que o haviam precedido; ele era, também, como variadíssimos outros homens, um cidadão romano, de quem os pais haviam feito um *discipulus*, concedendo-lhe a oportunidade de alargar os horizontes; ele era, até, como poucos outros homens, um exímio observador e um ainda melhor crítico; e era, como dificilmente são os homens, um espírito sensível, tocado pelas Musas.

Marcial, ao ser-lhe concedido ver a face de Roma a mudar<sup>287</sup>, soube dizer dessa mudança e do que lhe estava subjacente: uma dupla alteração de paradigma — a primeira que permitira expectante a alvorada do principado, a segunda que, goradas as expectativas acalentadas, parecia substituir por uma argêntea a época áurea<sup>288</sup>.

No entanto, apenas essa *Aurea Aetas* se havia esfumado, não a aurífera produção que ela tinha, então, possibilitado, encorajado e, até, requerido.

---

<sup>287</sup> No capítulo XXVII da sua obra *Rome — Its People, Life and Customs*, que denominou “The Changing Face of Ancient Rome”, Ugo Enrico Paoli detendo-se sobre a transformação constante e radical da Urbe, entre o fim da segunda Guerra Púnica e o principado de Constantino, num curioso e valiosíssimo exercício, tomou por testemunhas dessas sucessivas modificações vultos seus contemporâneos, de Catão, o Censor, a Suetônio, na sua senectude, todos a partir do mesmo ponto de observação — aquele que, segundo o autor, garantia (como continua a garantir) a melhor das perspectivas sobre o coração de Roma, na *Via Sacra*, na extremidade ocidental do *Forum*, de costas para o Capitólio e aos pés do templo de Saturno, encarando o Esquilino (cf. U. E. Paoli 1990 (1999 reprint): 292-309). A Marcial, Ugo Enrico Paoli concede, merecidamente (é, aliás, o próprio investigador quem logo o reconhece: “He has a right to this, for nobody observed Rome more closely than he, or described it in greater detail.” (U. E. Paoli 1990 (1999 reprint): 299)), o privilégio de contemplar a Urbe do final da época dos Flávios, quando a cidade já congloba, em si, as mudanças físicas e, nestas, ocultadas, as políticas, sociais e culturais de duas (e, a largos passos, a terceira se anunciaria) *domus Caesarum*.

<sup>288</sup> Embora não devam ser desprezadas as advertências de Anthony James Boyle para os perigos da periodização, sobretudo uma que advogue estabelecerem-se ruturas drásticas entre os momentos considerados, na medida em que — assevera o autor — “Roman culture was a more lethargic beast” (cf. A. J. Boyle 2003: 1).

Marcial, no seguimento de todos esses venerandos mestres auríferos, sentiu-se, também ele, poeta, e, como sublinha Ettore Paratore, um com vocação exclusiva para a poesia<sup>289</sup>.

E se é verdade que o século primeiro, que alvoreceu como um esplendoroso período literário, não estava já, cerca do ano 64, a contemplar com a mesma *sors* os seus poetas, também é factual que “ces âges heureux où les arts ont été perfectionnées et qui, servant d’époque à la grandeur de l’esprit humain, sont l’exemple de la postérité”<sup>290</sup>, e que, mesmo quando se desvanece a chama que as atizou, ainda difundem, numa última incandescência, as esperanças de um novo fulgir. Terá encontrado, talvez, — inquestionavelmente, sem tê-lo buscado — Robert Étienne, aqui citando Voltaire, o *motus* que conduziu Marcial para Roma, ainda que, então, uma Roma declinatória.

Uma vez na *Vrbs*, Marcial tomou por patronos o notável estadista, filósofo estoico e dramaturgo Lúcio Aneu Séneca e um outro conterrâneo seu, também ele poeta, Marco Aneu Lucano. Ao juntar-se a este círculo, Marcial, partilhou, de alguma forma, o último, embora completamente ineficaz, esforço do primeiro principado de Roma pela recuperação da sua glória inaugural, que centraria no esperançosamente chamado *Iuuenis Deus*<sup>291</sup>.

A literatura não pôde escapar ao *fatum* do próprio império e, depois do desaparecimento de Nero, parecia, a par da própria Urbe, estar a aguardar por um tempo que fosse, finalmente, capaz de uma renovação e que acabaria, de facto, por chegar com a época dos Flávios. “This short period” — avança Anthony James

---

<sup>289</sup> Cf. E. Paratore 1987: 703.

<sup>290</sup> R. Étienne<sup>2</sup>1989: 12.

<sup>291</sup> A propósito desta designação atribuída a Nero, sugere-se, na esteira de João Beato (cf. J. Beato 1995: 618-619), a leitura de “A quelle époque vécut T. Calpurnius Siculus?” de Raoul Verdière (cf. R. Verdière 1987: 137-138), bem como o introito de Jacqueline Amat à sua edição de *Calpurnius Siculus, Bucoliques — Pseudo-Calpurnius, Eloge de Pison* (cf. J. Amat 1991: VII-XI).

Boyle, confirmando o que os anteriores capítulos já estabeleceram — “witnessed an unusual and unusually well documented degree of social change and cultural activity (in architecture, sculpture, literature, in the formation of a new social elite) within an extremely patronal and pyramidal society at the apex of which were the Flavian court and its emperor and a most unusual emperor at that, one not from the great families of the old Roman aristocracy, but from the Italian ‘middle-class’.”<sup>292</sup>

E é, neste contexto, que, entre os anos 80 e 103, depois de cerca de três silentes lustros, que terão correspondido a um período de adaptação, observação e introspeção, Marcial publica o seu *opus*.

Escrever e, sobretudo, publicar o que se escreveu fazia (como, ainda hoje, faz) onerar um orçamento, que numa grande cidade, como era a *Vrbs*, já tanto exigia à vida. E, se, para cúmulo, a venda de livros, como sustêm Thomas Habinek<sup>293</sup> ou Catherine Connors<sup>294</sup>, não permitia assegurar, à semelhança do que sucederia com todos os outros *officia*, quaisquer lucros ao escritor antigo — pelo menos nunca, para Marcial, como este tristemente deu conta, em 9.73.7-8:

*at me litterulas stulti docuere parentes:  
quid cum grammaticis rhetoribusque mihi?*

*(A mim, os meus pais, tontos, deram-me a aprender as letrinhas:  
os gramáticos e os retores que ganho eu com eles?)*

—, a única alternativa que restava para garantir a sobrevivência seria suplicar por uma *sportula*. Ver-se-ia, pois, deste modo, Marcial: ele que, certamente, nunca passara de um humilde cidadão na *Magna Vrbs*, culminaria, definitivamente, preso nas malhas desta perfidiosa teia.

---

<sup>292</sup> A. J. Boyle 2003: 2.

<sup>293</sup> Cf. T. Habinek 1998: 106.

<sup>294</sup> Cf. C. Connors 2000: 214.

Apesar dos dissabores experimentados ao procurar aproximar-se da *Domus Caesaris*, no ocaso dos Júlio-Cláudios, Marcial nunca deixou de almejar pelo favor imperial. Através do *Liber de Spectaculis* — essa verdadeira obra-prima, precisamente, dedicada a uma das primeiras glórias dos Flávios: a construção do Coliseu e a *mise-en-scène* dos seus majestosos jogos inaugurais —, terá ambicionado o poeta a proteção de Tito. No entanto, nem o segundo, nem o tão adulado terceiro dos Flávios fariam do poeta seu protegido, ou, sequer, seu direto *cliens*.

Se bem que devidamente reconhecido por ambos os *principes*, como orgulhosamente escreveria, na sua invetiva a Névolo<sup>295</sup>, um dos seus arrogantes contemporâneos, porquanto, tenha obtido por *praemia*<sup>296</sup>, como, na primeira parte deste estudo, se salientou, o *ius trium liberorum*, a admissão no *ordo equester*, e, até, alguma influência sobre os imperadores, que lhe permitiria por *Caesareo* [...] *munere*<sup>297</sup> demudar em *ciues*<sup>298</sup> alguns antigos escravos, Marcial sentir-se-ia indevidamente recompensado pela sua poesia. A verdade é que nunca lhe foi proporcionada a oportunidade de ascender a uma posição de verdadeira independência e ser-lhe-ia exigida uma contínua e árdua luta para escapar à pobreza — a única condição que admitiu ter conhecido, desta vez, dirigindo-se a Calístrato, um outro cidadão seu coevo e presunçoso:

*Sum, fateor, semperque fui, Callistrate, pauper* (5.13.1)

(Sou, reconheço-o, e sempre fui, Calístrato, pobre).

Já Horácio, na sua *Ars Poetica*, 345, adiantara que só aos Sósios, os livreiros, traria dinheiro o seu livro, muito embora do seu texto se depreenda com facilidade

---

<sup>295</sup> Vide 3.95.

<sup>296</sup> Vide 3.95.5.

<sup>297</sup> Vide 3.95.11.

<sup>298</sup> Vide 3.95.11.

que o não movia o dinheiro , mas a fama: “omne tulit punctum qui miscuit utile dulci / lectorem delectando pariterque monendo. / hic meret aera liber Sosiis, hic et mare transit / et longum noto scriptori prorogat aevum.”<sup>299</sup>. Ora, Horácio confirma a dependência do ofício das letras a que já se havia aludido, mas, ao mesmo tempo, o seu conforto pessoal que lhe permite não almejar por nada mais do que o prestígio<sup>300</sup>.

Ainda assim, Marcial nunca abandonaria o seu “comércio” com as Musas, pese, em troca, a vida, na Urbe, o tenha destinado a ser um eterno *cliens* — posição ingrata em que ele se conservaria por trinta e cinco anos e que o manteria em Roma; contudo, como rememoraria, amargamente, a Fabiano, seu patrono, em 3.36, profundamente consumido em detestáveis e servis correrias, bajulações e sujeições<sup>301</sup>.

E, assim confessaria ao seu amigo Júlio Marcial, na composição 5.20, a *clientela*, a que ele estava obrigado, ultrajava, não apenas o homem, espoliado de uma vida edificante da qual pudesse aproveitar cada dia, mas, simultaneamente, o escritor, privado do dignificante contacto com as Musas.

A Labulo, seu patrono, Marcial, não desprovido de um certo tom acusatório, queixar-se-ia, em 11.24, acerca deste cruel *fatum* de um poeta que não dispunha de tempo para a sua poesia. Para além disso, Labulo não era o único patrono de Marcial, porquanto não estaria aquele, certamente, na disposição de garantir, diariamente, ao seu *cliens* as suas *cenae*; e, *per se*, Marcial não estaria,

---

<sup>299</sup> Hor. *Ars Poet.* 343-346.

<sup>300</sup> As páginas de Marcial, Plínio, o Moço, ou Juvenal, porém, dão conta da mudança dos tempos. A sobrevivência destes autores não a bastava Domiciano, como bastara Augusto a de Virgílio ou Horácio.

<sup>301</sup> Kirby F. Smith fez questão de sublinhar que “Rome in the first century was quite expensive as New York in the twentieth century.” (K. F. Smith 1920: 9) Logo, não deve admirar o leitor hodierno que grassasse a pobreza na Roma Imperial, nem, tampouco, que a Marcial muito fosse exigido, ao procurar furtar-se-lhe (cf. J. L. L. Brandão 1999, pp. 51-60).



seguramente, na posição de assegurar as suas próprias *cenae*, todos os dias. Consequentemente, como determina Ruurd R. Nauta, “the poet could not limit himself to paying court to one or two very great man. Instead of one Maecenas or Seneca, there are a great many patrons on whose support Martial is dependent.”<sup>302</sup>.

Não obstante, a *sportula* alcançada, através de uma panóplia de patronos, crescia na proporção inversa a um minguante tempo dedicado às *litterae*:

*Quod mihi uix unus toto liber exeat anno,  
desidia tibi sum, docte Potite, reus.  
iustius at quanto mirere, quod exeat unus,  
labantur toti cum mihi saepe dies.  
non resalutantis uideo nocturnus amicos,  
gratulor et multis; nemo, Potite, mihi.  
nunc ad luciferam signat mea gemma Dianam,  
nunc me prima sibi, nunc sibi quinta rapit.  
nunc consul praetorue tenet reducesque choreae,  
auditur toto saepe poeta die.  
sed nec causicidico possis impune negare,  
nec si te rhetor grammaticusue rogent:  
balnea post decimam lasso centumque petuntur  
quadrantes. fiet quando, Potite, liber? (10.70)*

*(Lá porque a custo um livro publico por ano,  
sou a teus olhos, douto Potito, réu de malandrice.  
Mas mais justa seria a tua surpresa por ainda sair um,  
quando muitas vezes se me escapam dias inteiros.  
Ainda às escuras, vou ver amigos que não retribuem a minha saudação,  
e dou os parabéns a muita gente, quando a mim, Potito, ninguém os dá.  
Ora meu sinete firma no templo da lucífera Diana,  
ora me rouba para si a hora primeira, ora a quinta.  
Ora é um cônsul ou um pretor que me retêm, e os que o reconduzem a casa;  
muitas vezes, amargo um poeta todo o santo dia.  
E nem a um advogado se pode sem castigo dizer que não,  
nem se é um retor ou um gramático a chamar-te.  
À décima hora, exausto, procuro os banhos e meus cem  
quadrantes. Quando, Potito, se fará um livro?).*

---

<sup>302</sup> R. R. Nauta 2002: 87.

Esta última questão de 10.70.14, com a qual encerrou Marcial um epigrama em que procurou ilibar-se das injustas acusações de *desidia* que lhe fizera Potito, desvelou, propositadamente (ou não), um espírito atormentado — frustrado por um *opus* inacabado, por um tempo desaproveitado, por uma indigna ocupação.

A progressiva redução legal da espórtula, primeiro, sob a tutela de Nero, que a encurtou para a triste soma de cem *quadrantes*, depois, às mãos de Domiciano, que a restringiu à mais triste oportunidade de uma *cena* graciosa a expensas do patrono (nem sempre na sua companhia e quantas vezes diferente da sua própria<sup>303</sup>), era, ainda assim, geralmente ultrapassada pelos cortes que a avareza dos patronos ditava aplicar e, disso mesmo, acusa Marcial Postumiano:

---

<sup>303</sup> Vide 3.60. Mas não apenas Marcial se queixa da disparidade dos pratos que lhe são servidos e a *Ponticus* — ao poeta mexilhão (*mitulus*, para mais *inciso ore* — qualquer das interpretações propostas para este passo por Cristina de Sousa Pimentel são bastante sugestivas: depois de ter quebrado a sua concha ou cuja concha me deixa os lábios todos cortados (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 151, n. 129), pois a presença da concha no prato do convidado evidencia a falta de cuidado do anfitrião), cogumelos que se dão aos porcos (*fungos suillos*), uma bremazita (*sparulo*) e a pega morta na gaiola (*in cauea mortua pica*); enquanto que ao seu patrono ostras engordadas (*ostrea saturata*), boletos (*boleti*, esses que Cristina de Sousa Pimentel recorda serem a variedade mais dispendiosa de cogumelos (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2004: 152, n. 42)), um rodovalho (*rhombo*), uma rola dourada (*aureus turtur* e *inmodicis clunibus*, rivalizando, portanto, em tamanho, com o próprio rodovalho, que a leitura de 13.81 já faz supor enorme) —, também Plínio, o Moço, na missiva 2.6, que dirige a Avito, tece observações sobre o jantar em que o anfitrião distingue os seus convivas, ao oferecer-lhes qualidades diversas de pratos e diferentes bebidas: “C. Plinius Auito Suo S. / Longum est altius repetere nec refert, quemadmodum acciderit, ut homo minime familiaris cenarem apud quendam, ut sibi uidebatur, lautum et diligentem, ut mihi, sordidum simul et sumptuosum. Nam sibi et paucis opima quaedam, ceteris uilia et minuta ponebat. Vinum etiam paruolis lagunculis in tria genera discripserat, non ut potestas eligendi, sed ne ius esset recusandi, aliud sibi et nobis, aliud minoribus amicis — nam gradatim amicos habet —, aliud suis nostrisque libertis. Animaduertit qui mihi proximus recumbebat, et an probarem interrogauit. Negauit. 'Tu ergo' inquit 'quam consuetudinem sequeris?' 'Eadem omnibus pono; ad cenam enim, non ad notam inuito cunctisque rebus exaequo, quos mensa et toro aequauit.' 'Etiamne libertos?' 'Etiam; conuictores enim tunc, non libertos puto.' Et ille: 'Magno tibi constat.' 'Minime.' 'Qui fieri potest?' 'Quia scilicet liberti mei non idem quod ego bibunt, sed idem ego quod liberti.' Et hercule si gulae temperes, non est onerosum quo utaris ipse communicare cum pluribus. Illa ergo reprimenda, illa quasi in ordinem redigenda est, si sumptibus parcas, quibus aliquanto rectius tua continentia quam aliena contumelia consulas. / Quorsus haec? ne tibi, optimae indolis iuueni, quorundam in mensa luxuria specie frugalitatis imponat. Conuenit autem amor in te meo, quotiens tale aliquid inciderit, sub exemplo praemonere, quid debeas fugere. Igitur memento nihil magis esse uitandum quam istam luxuriae

*Quattuor argenti libras mihi tempore brumae  
 misisti ante annos, Postumiane, decem;  
 speranti plures — nam stare aut crescere debent  
 munera — uenerunt plusue minusue duae;  
 tertius et quartus multo inferiora tulerunt;  
 libra fuit quinto Septiciana quidem;  
 besalem ad scutulam sexto peruenimus anno;  
 post hunc in cotula rasa selibra data est;  
 octauus ligulam misit sextante minorem;  
 nonus acu leuius uix cocleare tulit.  
 quod mittat nobis decimus iam non habet annus:  
 quattuor ad libras, Postumiane, redi. (8.71)*

*(Quatro libras de prata na estação do inverno me  
 enviaste, Postumiano, há dez anos;  
 quando esperava mais — pois manter-se ou crescer devem  
 os presentes — só me chegaram mais ou menos duas;  
 o terceiro e o quarto anos muito menos me trouxeram;  
 uma libra tive no quinto, e septiciana para mais;  
 à escudela de oito onças chegámos no sexto ano;  
 depois deste, meia-libra sob a forma de uma medida me foi dada;  
 o oitavo uma colher de sobremesa me enviou, que nem duas onças valia;  
 o nono apenas uma colher mais leve que uma agulha me trouxe.  
 Que me possa enviar, já o não tem o décimo ano:  
 às quatro libras, Postumiano, volta.).*

Quer as privações elencadas, quer os desejos esboçados, ecoando verso após verso, são menos do homem e mais do poeta, que procurava aplacar as Musas. O nascimento da poesia sempre se revelou exigente — mesmo um espírito talentoso não podia, *per se*, garantir um *opus* imorredouro —, consequentemente Marcial faria por rememorar aos seus patronos: *si munera Maecenatis / des mihi*<sup>304</sup> (*se as dádivas de Mecenas / me concederes*), não seria o poeta obrigado a despender e desperdiçar o seu dia, em troca de uma desprezível *sportula*, podendo investi-lo na promoção da idílica ocasião de um *otium litteratum*; *otia da nobis*<sup>305</sup> (*Dá-me tempo*

---

et sordium nouam societatem; quae cum sint turpissima discreta ac separata, turpius iunguntur. Vale.”.

<sup>304</sup> Vide 8.55(56).23-24.

<sup>305</sup> Vide 1.107.3.

*livre*), então, pois seriam esses os preciosos momentos em que se inspiraria o seu espírito, em que se disporia a produzir a sua mente, em que se tornaria acolhedor, para cada novo poema, o seu coração; e, por essa razão, *da quod amem*<sup>306</sup> (*dá-me a graça de amar*), que não pode criar o poeta, sem que tenha um objeto de afeição, caro ao seu vático coração.

*Amores, otia e munera Maecenatis* não faltaram nunca aos *aurei auctores* do início do século, no entanto, foram estes os requisitos de que sempre careceu a produção poética de Marcial, bem como a de todos os outros autores finisseculares.

Marcial, porém, nunca desistiu da sua tão sonhada (ainda que inconcretizável) oportunidade dourada, fazendo uso de toda e qualquer ocasião para tentar obter, para si, as condições, outrora, concedidas aos seus predecessores — os seus *Libri*, repetidamente, solicitavam ao *princeps*, entre louvores, o favor imperial para os poetas:

*Dante tibi turba querulos, Auguste, libellos  
nos quoque quod domino carmina parua damus,  
posse deum rebus pariter Musisque uacare  
scimus et haec etiam certa placere tibi.  
fer uates, Auguste, tuos: nos gloria dulcis,  
nos tua cura prior deliciaeque sumus.  
non quercus te sola decet nec laurea Phoebi:  
fiat et ex hедера ciuica nostra tibi. (8.82)*

*(Enquanto muita gente te dá, Augusto, livrinhos de lamento,  
também eu, ao meu senhor, poemas curtos dou:  
sei que um deus pode ter, para o estado e para as musas,  
igual vagar e ainda que estas grinaldas te sorriem.  
Favorece, Augusto, os teus poetas: nós, a tua glória doce,  
nós, o teu cuidado primeiro, as tuas delícias fazemos.  
Nem só o carvalho te convém nem o loureiro de Febo:  
faça-se também de hera a nossa <coroa> cívica para ti.).*

---

<sup>306</sup> Vide 8.73.4.

Todavia, mesmo sem a face imperial a olhar para ele e por ele a olhar o imperial cuidado, Marcial pôde sobreviver a esses tempos e trazer à luz o seu *opus* — a uma muito especial e áurea luz, até, que, seriamente, competiria com aquela que emanara dos augustos *aurei auctores*, tornando proféticas as suas palavras de 1.1:

*Hic est quem legis ille, quem requiris,  
toto notus in Martialis  
argutis epigrammaton libellis:  
cui, lector studiose, quod dedisti  
uiuenti decus atque sentienti,  
rari post cineres habent poetae.*

*(Este é aquele que lê, aquele que reclamas,  
Marcial, conhecido em todo o mundo  
pelos seus argutos livrinhos de epigramas.  
Foi a ele que tu, dedicado leitor, deste,  
em vida e no seu perfeito juízo, uma glória  
que raros poetas alcançam depois das cinzas.).*

A verdade é que Marcial teve a capacidade de transformar todas as desvantagens do seu tempo em oportunidades únicas!

Inquestionavelmente, o mundo das artes, alonjado da costumeira ordem, vivia, internamente, tumultuado.

Os géneros mais considerados continuavam a ser aqueles que a tradição, escudada na *Poetica* de Aristóteles e, em certa medida, na *Ars Poetica* de Horácio, havia cristalizado como os *maiores*, sendo, entre todos, o primeiro o género do império — a epopeia.

O próprio Marcial tinha consciência destas predileções. Lendo os *Libri*, como fez Paulo Sérgio Ferreira, não resulta difícil topar, na opinião do poeta, a sua percepção do quanto eram ainda cridos prestigiantes para os escritores, e um símbolo de elegância, entre os leitores, os géneros elevados<sup>307</sup>.

---

<sup>307</sup> P. S. Ferreira 2004: 88.

*Melpomene* e *Calliope* facilitavam a um bom escritor a imortalidade, concluiria Marcial, ao evocar *Mémore*:

*Clarus fronde Iouis, Romani fama cothurni,  
spirat Apellea redditus arte Memor. (11.9)*

*(Ilustre graças à coroa de Júpiter, fama do coturno romano,  
Mémore respira, ao regressar à vida pela arte de Apeles.),*

ou Sílio Itálico:

*Perpetui numquam moritura uolumina Sili  
qui legis et Latia carmina digna toga,  
Pierios tantum uati placuisse recessus  
credis et Aoniae Bacchica sarta comae?  
sacra cothurnati non attigit ante Maronis  
impleuit magni quam Ciceronis opus:  
hunc miratur adhuc centum grauis hasta uirorum,  
hunc loquitur grato plurimus ore cliens.  
postquam bis senis ingentem fascibus annum  
rexerat asserto qui sacer orbe fuit,  
emeritos Musis et Phoebos tradidit annos  
proque suo celebrat nunc Helicon foro. (7.63)*

*(Tu, que as obras nunca morredouras do Sílio imortal  
lês e os seus carmes merecedores da toga do Lácio,  
irás crer que este poeta não apreciou senão os retiros  
da Piéria e as grinaldas báquicas da cabeleira aónia?  
Ele não ousou tocar a arte sagrada do coturno de Marão,  
antes de se haver saciado com a obra do grande Cícero:  
a ele o admira ainda a ponderada lança dos centúvrios,  
dele falam, com gratas palavras, muitos clientes.  
Depois de haver governado, com os doze feixes, o grande  
ano, que se tornou sagrado para a liberdade no mundo,  
dedicou às Musas e a Febo os anos de reforma  
e, em lugar do seu foro, celebra agora o Hélicon.).*

Não estaria, porém, nestes casos — e é esta a questão das entrelinhas destes epigramas —, a ser concedido à tradição, alienada do presente, um peso excessivo?

*Melpomene* e *Calliope* são, de facto, louvadas, admiradas e veneradas pelo público, admitiu Marcial; contudo — e, neste caso, os próximos versos apontá-lo-

iam explicitamente — todo este louvor, toda esta admiração e toda esta veneração nada mais são que a performance de um papel tradicional. Verdadeiramente, diria ele a Flaco, *Melpomene* e *Calliope* não são sequer mais lidas:

*Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce,  
qui tantum lusus illa iocosque uocat.  
ille magis ludit qui scribit prandia saeui  
Tereos aut cenam, crude Thyesta, tuam,  
aut puero liquidas aptantem Daedalon alas,  
pascentem Siculas aut Polyphemon ouis.  
a nostris procul est omnis uestica libellis,  
Musa nec insano syrmate nostra tumet.  
'illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant.'  
confiteor: laudant illa, sed ista legunt. (4.49)*

*(Vai por mim, Flaco, não sabe o que são epigramas  
quem lhes chama apenas frivolidades e passatempos.  
Mais frívolo é quem descreve os banquetes do feroz  
Tereu ou essa tua ceia, Tiestes de mau estômago,  
ou Dédalo a ligar ao filho as asas de fundir  
ou Polifemo a apascentar ovelhas da Sicília.  
Toda a empola arredada está dos meus livrinhos,  
nem a minha musa se infla com as vestes caudatas da insânia.  
'Aqueles, porém, todos louvam, admiram e veneram.'  
De acordo: louvam aquelas, mas são estas minhas que lêem.).*

Como poderia alguém erguer, ainda, uma festiva *tuba*?

O que iria esse alguém, então, celebrar?

Quem ousaria, louca ou nesciamente, o ridículo de uma *Aeneis* sem um *Aeneas*?

“La poesia ellenistica suggeriva ai Romani la tentazione di una poesia epica celebrativa, che facesse presa sull’attualità o sul piú recente passato.”<sup>308</sup>, recorda Alessandro Barchiesi. Ora a *Vrbs* estava, sob os Flávios (e sob o terceiro deles mais que sob nenhum outro), a viver nada mais do que um inseguro retorno de um ténue esplendor, e havia, com o último dos Júlio-Cláudios, experimentado (e

---

<sup>308</sup> A. Barchiesi <sup>2</sup>1993: 118.

celebrado, até, para sua maior derrota) fingidas alegrias e esperanças que, rápida, mas dolorosamente, acabariam desmascaradas.

Nenhum outro impulso, nenhuma outra inspiração profunda, assim conclui Ettore Paratore, iria permitir, nesses anos finisseculares, uma vera celebração épica<sup>309</sup>.

Tudo quanto Augusto colocara, outrora, à disposição dos seus poetas e que permitira o épico canto — um *princeps* cuja ascendência remontava aos tempos da fundação da *Vrbs*; que, no conjunto da sua *persona* e das suas *res gestae*, conseguia sintetizar e simbolizar a glória do império; que era tomado como o milagre cósmico capaz da *Pax Romana*, que veio pôr fim ao caos das quase intermináveis guerras civis, assim o descreveria Ettore Paratore<sup>310</sup> — repousava, lado a lado, com ele no seu túmulo.

Com os tempos (e as suas circunstâncias) irremediavelmente mudadas num permanente *fumoso Decembri*, ainda que ser um virtuoso dos géneros maiores não estivesse fora de questão, de onde adviriam razões que justificassem negar-se o mundo tal qual ele se apresentava, desperdiçando as oportunidades que oferecia a singeleza das *nuces*, sobretudo, quando Marcial intuitivamente percebeu o quanto eram apreciadas pela irmã que, de entre as nove, melhor se coadunava e mais abertamente compreendia esta nova época — Talia?

Varro, Sophocleo non infitiande cothurno  
nec minus in Calabria suspiciende lyra,  
differ opus nec te facundi scaena Catulli  
detineat cultis aut elegia comis;  
sed lege fumoso non aspernanda Decembri  
carmina, mittuntur quae tibi mense suo:  
commodius nisi forte tibi potiusque uidetur  
Saturnalicias perdere, Varro, nucs. (5.30)

---

<sup>309</sup> Cf. E. Paratore 1997: 677-686.

<sup>310</sup> Cf. E. Paratore 1997: 679.



(Varrão, a quem não desconviria o coturno de Sófocles  
e não és menos invejável na lira da Calábria,  
suspende o teu trabalho e não te prendas com os mimos do eloquente  
Catulo nem com a elegia de elegante penteado;  
mas lê, neste fumoso dezembro, poemas  
que se não devem desdenhar, e te são enviados no mês próprio:  
salvo se te parecer preferível e sobretudo mais vantajoso  
perder, Varrão, as nozes das Saturnais.).

Não seria esta, de facto, uma opção preferível àquela que pretendesse a escrita da muito reputada, porém, inegavelmente artificial épica de uma *Thebais*, para se obter não mais que a reputação de um Estácio<sup>311</sup>, que nem pelo *opus*, nem pela *fama*, igualaria as realizações de Marão?

Estas questões, sobretudo a última delas e que parece adivinhar-se nos subterfúgios das palavras que, neste epigrama, dirige Marcial ao seu amigo Varrão, não pode ter deixado Marcial de se confrontar com elas, porquanto a resposta (e acertadíssima, por sinal) que aguardavam surge sob a forma dos *Libri* do epigramatista.

Enquanto fruto dos mais verdadeiros (e dos melhores) que produziu o seu tempo e com ele absolutamente comprometido, este Bilbilitano que Roma fez seu afirmaria, então, categoricamente, não estar na disposição de perder, em troca de qualquer oniricamente épica Tebas, Tróia ou Micenas, qualquer das suas *nuces* romanas<sup>312</sup>:

*sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,  
quos tibi pro caelo filius ipse dedit?  
uis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenae?  
'lude' inquis 'nucibus': perdere nolo nucem. (14.1.9-12)*

---

<sup>311</sup> Autores contemporâneos, Marcial e Estácio demarcar-se-iam poeticamente, e da forma mais vinculada possível (cf. A. Fontan Perez 1986: *passim*).

<sup>312</sup> Ratifica, precisamente, Claudia Cenni, na sua dissertação *Ovidio e Marziale tra Poesia e Retorica*: “Del resto conosciamo bene l’idea che Marziale ha della mitologia, e probabilmente, la sua avversione per questa tematica, da lui spesso collegata al poema di grandi dimensioni, lontano dalla sua concezione letteraria si ripercuote anche nella rivisitazione del suo modello.” (C. Cenni 2009: 53)

(Mas que há de melhor para eu fazer, Saturno, nestes ébrios dias,  
que, em troca do céu, teu próprio filho te deu?  
Queres que escreva de Tebas ou Tróia ou da pérfida Micenas?  
«Brinca com as nozes,» dizes tu. Não quero perder as minhas nozes.).

Roma seria, definitivamente, o objeto da sua poesia, mas uma *Integra Roma* — uma cuja imagem não fosse apenas integral mas, sobretudo, fiel.

Efetivamente, nenhum outro autor se demorou, por tanto tempo e de forma tão íntima, com a *Vrbs*, detendo-se sobre as multidões e seguindo, com os olhos e o pulso, as suas vidas.

O latejar do século primeiro, mormente, o do seu ocaso, ficaria retratado, em cada detalhe, nos epigramas de Marcial. Atenta testemunha da Roma em que viveu, o poeta permitiu à posteridade conhecer a organização do seu quotidiano, das suas sinergias anuais, mensais e, mesmo, diárias: a atividade política e o seu decurso controverso de governantes; a economia, manipulada pelos ricos proprietários, suportada pela pobreza de tantos e contornada pelos *clientes* expectantes da *sportula*; a religião, que dava, em cada César, um novo *Augustus* e assim, mais um deus ao panteão do povo (e à idolatração adúladora dos poetas); o direito, não tanto pelo que devia fazer-se, como pelo que, indevidamente, era feito; a administração da justiça e, não raro, as injustiças, subsequentes; a convivência social, com as termas, os banquetes, as viagens e vilegiaturas, as leituras públicas, a caça, os *ludi scaenici* e os *ludi circenses*; a vida privada, da família — a célula base da organização hierárquica do Estado Romano —, tantas vezes tão, publicamente, corrompida...

Para cantar este “novo” império, a partir do seu dia a dia, elegante ao mesmo tempo que indecoroso, apenas uma rude *auena*, jocosa e mordaz, serviria.

Havia, com efeito, uma afinidade visceral entre Marcial e Talia, entre o cantor e a epigramática *auena*, entre o autor e o género que cultivou, porquanto estas pequenas composições poéticas, críticas e satíricas, encaixaram, com a mais

acurada precisão, no espírito percetivo (não menos que precativo) e sardónico do poeta:

*Dulcia cum tantum scribas epigrammata semper  
et cerussata candidiora cute,  
nullaque mica salis nec amari fellis in illis  
gutta sit, o demens, uis tamen illa legi!  
nec cibus ipse iuuat morsu fraudatus aceti,  
nec grata est facies cui gelasinus abest.  
infanti melimela dato fatuasque mariscas:  
nam mihi, quae nouit pungere, Chia sapit. (7.25)*

*(Se apenas e sempre escreves epigramas doces  
e mais cândidos que a pele alvaiada,  
sem que neles uma ponta de sal haja ou do amargo fel  
uma gota, ainda queres, insensato, que eles sejam lidos?  
Nem mesmo a comida sabe se lhe faltar o dente do vinagre  
nem agrada a cara que não tiver a cova de um sorriso.  
Às crianças entrega as maçãs doces e os figos insípidos:  
eu cá prefiro os de Quios, que sabem ser picantes.).*

É verdade que a Marcial já precedia uma longa tradição de epigramatistas, sobretudo gregos, mas, também, romanos. No entanto, talvez, porque, como enfatiza Ettore Paratore, este poeta se tenha, integralmente, dedicado ao epigrama, quando todos os outros, que cultivaram o género, lhe tinham votado, apenas, parte do seu tempo e do seu talento<sup>313</sup>, a ele coube o mérito de operar uma verdadeira revolução formal do género, e foi dele o engenho de cunhar estas composições com uma impressão pessoal de humanidade.

Marcial mais se notabilizaria, na medida em que teve a habilidade de criticar os, ao tempo, tão críticos *Romani mores*, sem um concreto propósito moralizante; e, procurando, apenas, socorrer-se do riso dos Romanos, dispôs-se a temperar os costumes com o *Romanae sale Mineruae*<sup>314</sup> dos seus epigramas. Diria

---

<sup>313</sup> Cf. E. Paratore 1987: 704.

<sup>314</sup> Vide 4.23.

Ugo Enrico Paoli que a poesia de Marcial teve engenho suficiente para “caricature Rome in Rome’s own spirit”<sup>315</sup>.

Marcial tinha consciência das suas capacidades e realizações, outorgando-se, portanto, o direito de pedir às Musas o justo reconhecimento:

*Dum tu lenta nimis diuque quaeris  
quis primus tibi quisue sit secundus  
Graium quos epigramma comparauit,  
palmam Callimachus, Thalia, de se  
facundo dedit ipse Bruttiano.  
qui si Cecropio satur lepore  
Romanae sale luserit Mineruae,  
ille me facias precor secundum. (4.23)*

*(Enquanto, indecisa, por longo tempo te perguntas  
qual será, para ti, o primeiro e qual o segundo  
dos poetas rivais na composição do epigrama grego,  
Calímaco, por vontade sua, Talia, a palma  
entregou ele mesmo ao facundo Brutiano.  
E se este, saciado da graça de Cécrope,  
quiser jogar com o sal da romana Minerva,  
peço-te que segundo me faças depois dele.).*

Afinal, era de pequenos aspetos da vida do quotidiano, como este último, precisamente — um poeta orgulhoso da sua poesia —, ou mais insignificantes, ainda, que se enformavam as existências humanas mais verdadeiras — e, sob o ponto de vista de Marcial, nada existia de mais digno de celebração e de canto.

O epigrama, não a épica, era a nova voz de Roma.

Marcial tão perfeitamente compreendeu a sua cidade que — e sobre isto ele foi, perentoriamente, assertivo —, mesmo que se viesse a concretizar o seu sonho dourado de uma proteção filantrópica, ser-lhe-ia intolerável trair a Roma sua coeva, ou os Romanos seus contemporâneos, trocando, por um épico, o seu tom epigramático:

---

<sup>315</sup> U. E. Paoli 1990 (1999 reprint): 275.

*ergo ero Vergilius, si munera Maecenatis  
des mihi? Vergilius non ero, Marsus ero. (8.55(56).23-24)*

*(Serei, portanto, um Virgílio, se as dádivas de Mecenas  
me concederes? Virgílio não serei, Marso serei.).*

Assim sendo, empunhou, elevando-a, a sua *auena* e empenhou toda a sua mestria na celebração desta Roma e destes Romanos, silenciando, com as exaustas e desajustadas *tubae*, irreais, ultrapassados e frívolos, os monstros e os heróis:

*Qui legis Oedipoden caligantemque Thyesten,  
Colchidas et Scyllas, quid nisi monstra legis?  
quid tibi raptus Hylas, quid Parthenopaeus et Attis,  
quid tibi dormitor proderit Endymion,  
exutusue puer pinnis labentibus, aut qui  
odit amatrices Hermaphroditus aquas?  
quid te uana iuuant miserae ludibria chartae?  
hoc lege, quod possit dicere uita 'meum est.'  
non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque  
inuenies: hominem pagina nostra sapit.  
sed non uis, Mamurra, tuos cognoscere mores  
nec te scire: legas Aetia Callimachi. (10.4)*

*(Tu, que lêes Édipos ou um Tiestes tenebroso,  
Cólquidas e Cilas, que lêes tu senão desvairas?  
Que lucrarás com o rapto de Hilas, com Partenopeu e Átis,  
que lucrarás com o dorminhoco Endimião  
ou com o menino despojado das asas que se soltam,  
ou com o ódio de Hermafrodito por águas amorosas?  
Que prazer tiras dos vãos fingimentos de um mísero papel?  
Lê isto, de que a vida pode dizer: «É meu.»  
Nem Centauros, nem Górgonas e Harpias aqui  
encontrarás: a minha página tem sabor a homem.  
Mas tu não queres, Mamurra, conhecer os teus costumes  
nem a ti próprio: pois lê então os Aitia de Calímaco.).*

Ter-se-á, então, perdido um talentoso épico, que devotou a sua perícia a um género menor, ou ter-se-á, pelo contrário, ganho um poeta singular, que viveu em perfeita harmonia com o seu próprio tempo?

Não poderia ser mais óbvia a resposta, porquanto os epigramas de Marcial, durante a sua vida e para seu deleite, verdadeiramente, puderam, para além de suscitar as mais verdes das invejas, deslumbrar leitores da Urbe como do orbe:

*Liuet Charinus, rumpitur, furit, plorat  
et quaerit altos unde pendeat ramos:  
non iam quod orbe cantor et legor toto,  
nec umbilicis quod decorus et cedro  
spargor per omnes Roma quas tenet gentes (8.61.1-5)*

*(Está verde de inveja Carino, rebenta, fumeja, chora  
e procura altos ramos donde se enforque:  
não já porque sou cantado e lido no mundo todo,  
nem porque ornado de cilindros e cedro  
sou divulgado por todos os povos que Roma domina),*

e, até, intentar desafiar e derrotar as eras:

*condere uicturas temptem per saecula curas  
et nomen flammis eripuisse meum. (1.107.5-6)*  
*(eu tentaria erigir obras imorredouras através dos séculos  
e arrancar o meu nome às chamas.).*

Estava, pois, claramente equivocado Plínio, o Moço, quando, cerca do ano 104, numa epistolar evocação póstuma do seu amigo, duvidou da perenidade das composições de Marcial, na medida em que não passavam de meros epigramas. E sonhava, certamente, inspirado pela sabedoria das Musas (e por um seguro autoconceito<sup>316</sup>), o poeta, quando escreveu:

*si uictura meis mandantur nomina chartis  
et fas est cineri me superesse meo (7.44.7-8)*  
*(Se não-de viver os nomes confiados às minhas páginas,  
se me for permitido sobreviver às minhas cinzas).*

Marcial conseguiu provar que alcançar a imortalidade não era exclusivo apanágio dos poetas épicos: de entre os épicos seus contemporâneos não se conta,

---

<sup>316</sup> Cf. J. M. Torrão 2000: 462.

com efeito, um único que haja sido capaz da proeza de igualar a fama granjeada pelo epigramatista.

São os *opera* legados que podem marcar a diferença, e é por isso mesmo, porque os seus epigramas provam que o autor pôde ultrapassar quaisquer obstáculos que a menoridade do género poderia ter imposto e gloriosamente emular todos os modelos anteriores, que o nome *Marcus Valerius Martialis* alcançou encontrar um espaço privilegiado entre os *maiores* da literatura latina e jamais será esquecido, tal como, um dia, o próprio, dirigindo-se a Liciniano, previra menos do que desejara:

*Verona docti sillybos amat uatis,  
Marone felix Mantua est,  
censetur Aponi Liuius suo tellus  
Stellaque nec Flacco minus,  
Apollodoro plaudit imbrifer Nilus,  
Nasone Paeligni sonant,  
duosque Senecas unicumque Lucanum  
facunda loquitur Corduba,  
gaudent iocosae Canio suo Gades,  
Emerita Deciano meo:  
te, Liciniane, gloriabitur nostra  
nec me tacebit Bilbilis. (1.61)*

*(Verona ama os metros do seu douto poeta,  
e com Marão se sente ditosa Mântua;  
a terra de Ápono é célebre pelo seu Lívio,  
por Estela e não menos por Flaco;  
a Apolodoro aplaude o transbordante Nilo;  
com Nasão ressoam os Pelignos;  
de dois Sénecas e do único Lucano  
fala a eloquente Córduba;  
alegra-se com o seu Cânio a divertida Gades,  
Emérita com o meu caro Deciano;  
contigo, Liciniano, se gloriará  
e de mim se não calará, a nossa Bîlbilis.).*

E, no entanto, o “singelo” feito de Marcial foi dar cumprimento às palavras inspiradas pela sua Talia — fazendo concorrer com as grandiosas teorias épicas

sonhadas para heróis idealizados as epigramáticas realidades quotidianas perfeitas pelos homens comuns no seu dia a dia; cometendo rivalizar com o som perfeito de uma *tuba*, o rumor *auenarius* da própria vida —, logrando, assim, tornar-se numa voz vitoriosa, mas, sobretudo única, em Roma:

*'Quinque satis fuerant: iam sex septemue libelli  
est nimium: quid adhuc ludere, Musa, iuuat?  
sit pudor et finis: iam plus nihil addere nobis  
fama potest: teritur noster ubique liber;  
et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt  
altaque cum Licini marmora pulvis erunt,  
me tamen ora legent et secum plurimus hospes  
ad patrias sedes carmina nostra feret.'*  
*finieram, cum sic respondit nona sororum,  
cui coma et unguento sordida uestis erat:  
'tune potes dulcis, ingrata, relinquere nugas?  
dic mihi, quid melius desidiosus ages?  
an iuuat ad tragicos soccum transferre cothurnos  
aspera uel paribus bella tonare modis,  
praelegat ut tumidus rauca te uoce magister  
oderit et grandis uirgo bonusque puer?  
scribant ista graues nimium nimiumque seueri,  
quos media miseros nocte lucerna uidet.  
at tu Romano lepidos sale tinge libellos:  
agnoscat mores uita legatque suos.  
angusta cantare licet uidearis auena,  
dum tua multorum uincat auena tubas.'* (8.3)

(«Cinco tinham sido bastantes: agora seis ou sete livrinhos  
são de mais. Que prazer te dão ainda, Musa, estes brinquedos?  
Tem lá vergonha e faz ponto final. Já nada mais me pode  
a fama acrescentar: por toda a parte se folheia o meu livro;  
e quando das pedras de Messala, por incúria, só restarem pedaços  
e quando os altos mármore de Lícino forem pó,  
eu ainda andarei nas bocas dos leitores e muito estrangeiro  
para a sua pátria de origem os meus poemas consigo levará.»  
Mal tinha acabado, quando assim respondeu a nona das irmãs,  
que tinha o cabelo e a veste untados de perfume:  
«Como podes tu, ingrato, abandonar as doces bagatelas?  
Diz-me cá: com a tua preguiça, que é que de melhor farás?  
Acaso te apraz trocar o soco pelos trágicos coturnos  
ou reboar, em verso de iguais pés, o horror das guerras,



*para seres ditado, com voz rouca, por um inchado professor  
e odiado por moças já grandotas e prendados rapazinhos?  
Cultivem esses géneros os ultra-austeros e ultra-severos,  
que a lucerna vê, a meio da noite, frustrados.  
Mas tu tempera, com o romano sal, os teus graciosos livrinhos;  
onde a vida, ao ler os seus costumes, neles se reconheça.  
E pouco importa que pareças cantar ao som de uma pequena flauta,  
desde que a tua flauta vença as tubas de muitos.»).*



## TERCEIRA PARTE — ÁUREO CANTO

*“Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce,  
qui tantum lusus illa iocosque uocat.  
ille magis ludit qui scribit prandia saeui  
Tereos aut cenam, crude Thyesta, tuam,  
aut puero liquidas aptantem Daedalon alas,  
pascentem Siculas aut Polyphemon ouis.  
a nostris procul est omnis uesica libellis,  
Musa nec insano syrmate nostra tumet.  
‘illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant.’  
confiteor: laudant illa, sed ista legunt.”*

Marcus Valerius Martialis  
4.49



## I — PERSPETIVA DA TEORIA LITERÁRIA PRECEDENTE: EPOPEIA E EPIGRAMA, GÊNEROS ANTIPODAIS

*"The main genres of literature had already been established by the Greeks [...]. They ascribed an 'inventor' to and made up 'rules' for each genre."*

John Barsby  
"Roman Literature", p. 276

Apelidar de "Epopéia do Quotidiano" a construção da obra poética de Marcial não pode reduzir-se a uma exacerbação apaixonada e permanecer um ato irrefletido, que não mereça um cuidado confronto com a teoria literária que o precedeu e da qual o poeta, assim provam as suas páginas, era um profundo conhecedor.

Segundo Horácio, nas suas *Epistulae*, 2.1.156-157, a Grécia conquistara Roma pelas artes<sup>317</sup>, mas não apenas: também pelo pensamento. E, por isso, no Lácio, para além da arte, a reflexão que lhe daria a forma e a que sobre os seus resultados se debruçaria, partilharia a matriz dos Helenos.

Assim, a herança grega na literatura latina, dado elementar a que o presente estudo já aludiu, é mais profunda, porque os próprios cânones dos Latinos (e não só os modelos) são primordialmente gregos.

A *Poetica* de Aristóteles constitui, com efeito, a mais cuidada e considerada súpula de preceitos poéticos e da sua interpretação decorre, claramente, serem

---

<sup>317</sup> "Graecia capta ferum uictorem cepit et artis / intulit agresti Latio".

epopeia e epigrama, aqui, conjuntamente convocados para a obra de Marcial, géneros antipodais<sup>318</sup>.

Porém, a genialidade de uma obra nem sempre decorre do estrito cumprimento das normas: o simulado olvido ou o desrespeito assumido das prescrições teóricas significou, muitas vezes, progresso e sucesso. Isto sucederia muito entre os autores latinos para os quais a alternativa à emulação dos clássicos gregos poderia residir numa reformulação genológica.

Maria Helena Ureña Prieto não deixa esquecer que a génese das *litterae* latinas, sendo grega, surge bem enraizada no Lácio: Lívio Andronico, a quem coube inaugurar a literatura latina, era um “Grego originário de Tarento”<sup>319</sup>, no entanto foi com “uma tradução da Odisseia, escrita no verso latino sátúrnio”<sup>320</sup> que o fez.

O mote para a renovação não estava, seguramente, na desconsideração dos modelos, antes na consciência da dificuldade em que consistia emulá-los, e, em boa parte, também, nas diferenças civilizacionais entre Romanos e Gregos.

Os Romanos procuraram, pois, adaptar a “frivolidade” grega à *utilitas* latina.

A epopeia de Virgílio, ao contrário das homéricas, serviu o principado e a necessidade que o poder tinha de uma narrativa para que pudesse instituir-se e manter-se e singrar<sup>321</sup>.

---

<sup>318</sup> Leia-se, complementarmente, o capítulo de John Patrick Sullivan “Form Opposed: Elegy, Epigram, Satire” constante no livro *Roman Epic* (cf. W. S. Anderson 1993 (1996 reprint): 143-161).

<sup>319</sup> M. H. Ureña Prieto 2007: 1.

<sup>320</sup> *Ibidem: loc. cit.*

<sup>321</sup> Assevera David Quint que “the Aeneid plots out just such a struggle for empowerment and for a narrative that is both the result and the means of empowerment” (D. Quint 1993: 51), e, aliás, um capítulo precedente tinha já deixado clara a apropriação política da epopeia.

Para além disso, Horácio, cuja *Ars Poetica* consistiu num tratado literário de origem latina, colocou em causa a proposta aristotélica de verosimilhança da narrativa<sup>322</sup>, tendo considerado, pois, preferível, nos versos 338-340, que esta se pautasse mais pela razão do que pela imaginação: “ficta uoluptatis causa sint proxima ueris, / ne quodcumque uelit poscat sibi fabula credi, / neu pransae Lamiae uiuum puerum extrahat aluo.”

Horácio faria, ainda, na *Ars Poetica*, a apologia da poesia como veículo do ensino, para além do deleite, nos versos 343-344, — “omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, / lectorem delectando pariterque monendo.” —, que, como este estudo já mencionou, se cumpriu na epopeia virgiliana, como se cumprira nos *Annales* de Quinto Énio.

Terá sido esta paulatina apropriação genológica trabalhada pelos poetas latinos que terá levado Propércio, em 2.34.65-66 das suas *Elegiae*, a dizer da *Aeneis* de Virgílio que nascera um canto superior ao da *Ilias*: “Cedite Romani scriptores, cedite Grai! / nescio quid maius nascitur Iliade.”

Assim, conquanto herdados dos Gregos, estes géneros que confluíram nos *Libri* vieram a ter, em Roma, modelos, preferencialmente, latinos: o paradigma para a épica viria a ser Virgílio, e para o epigrama o próprio Marcial.

Porém, para alcançar este lugar privilegiado entre os epigramatistas romanos, “il poeta di Roma vivente”<sup>323</sup> teria de operar uma autêntica revolução do género, ousando o impensável: arriscar uma dimensão épica para a sua obra.

---

<sup>322</sup> Setenciou Aristóteles na *Poetica*, em 1451a36, que “Φανερόν δὲ ἐκ τῶν εἰρημένων καὶ ὅτι οὐ τὸ τὰ γενόμενα λέγειν, τοῦτο ποιητοῦ ἔργον ἐστίν, ἀλλ’ οἷα ἂν γένοιτο, καὶ τὰ δυνατὰ κατὰ τὸ εἰκὸς ἢ τὸ ἀναγκαῖον.”, acrescentando, ainda, em 1454a33-36, “Χρὴ δὲ καὶ ἐν τοῖς ἡθεσιν ὥσπερ καὶ ἐν τῇ τῶν πραγμάτων συστάσει, αἰεὶ ζητεῖν ἢ τὸ ἀναγκαῖον ἢ τὸ εἰκὸς, ὥστε τὸν τοιοῦτον τὰ τοιαῦτα λέγειν ἢ πράττειν ἢ ἀναγκαῖον ἢ εἰκὸς, καὶ τοῦτο μετὰ τοῦτο γίνεσθαι ἢ ἀναγκαῖον ἢ εἰκὸς.”.

<sup>323</sup> “Il Poeta di Roma Vivente”, assim, titularia Ugo Enrico Paoli o capítulo que, num estudo seu, dedicou a Marcial (U. E. Paoli 1956: 551-567).

## 1. Sobre o modo narrativo, género épico

A epopeia, burilada, pelos séculos, na transmissão dos *ἀοιδοί* às suas audiências, pôde, finalmente, revelar, na sua forma escrita, a sua ancestralidade e a sua perfeição. Arrojado, John Miles Foley afirmou, mesmo, que “Epic is the master-genre of the ancient world.”<sup>324</sup>, e, para tal, é, segundo o autor, muito determinante o facto de “Wherever and whenever one looks, epics had major roles to play in ancient societies, functions that ranged from historical and political to cultural and didactic and beyond.”<sup>325</sup>.

No dealbar, a epopeia, para lá da sua tradição grega e, depois desta, da romana, possuíra uma outra, no Próximo Oriente e que os estudos mais recentes asseveram ter influenciado, sobremaneira, a épica grega, nos seus primórdios. Seria, contudo, grego o termo a conceder-lhe a designação<sup>326</sup>, gregas duas das principais obras-primas do género — as epopeias homéricas, no original, *Ἰλιάς* e *Ὀδύσσεια* — e, talvez mesmo por isso, grego, também, o seu principal teorizador — Aristóteles.

A *Poetica* de Aristóteles, procurando a criação de um *κόσμος* poético, centrado na tragédia, concebeu a epopeia — a mais direta concorrente daquela — como uma forma de poesia alteada ao ideal e cujo modelo natural seria Homero.

O Estagirita sempre elogioso para com Homero, como prova o excerto final de 1448b — “Ὡς περ δὲ καὶ τὰ σπουδαῖα μάλιστα ποιητὴς Ὅμηρος ἦν (μόνος γὰρ οὐχ ὅτι εὔ, ἀλλ’ ὅτι καὶ μιμήσεις δραματικὰς ἐποίησεν) οὕτω καὶ τὰ τῆς

---

<sup>324</sup> J. M. Foley 2005: 1.

<sup>325</sup> *Ibidem*: loc. cit..

<sup>326</sup> Richard P. Martin desvela, em “Epic as Genre”, como, na Antiguidade, se burilou, a um tempo, uma designação e uma definição para epopeia (R. P. Martin 2005: 9-19).



κωμωδίας σχήματα πρῶτος ὑπέδειξεν” —, considerou-o muito pelo seu desempenho literário, sobretudo porque a epopeia, pelas suas características, pleitearia aguerridamente com a tragédia o pódio poético, como admitiu em 1461b26: “Πότερον δὲ βελτίων ἢ ἐποποικὴ μίμησις ἢ ἡ τραγικὴ, διαπορήσειεν ἄν τις.”. Segundo Aristóteles, a poesia épica, à semelhança da poesia trágica, consistiria na imitação de personagens e ações elevadas<sup>327</sup>, desenvolvida por meio de reconhecimentos, peripécias e catástrofes, assim como beleza de pensamento e de elocução<sup>328</sup>; porém, contrariamente a esta, aquela possuiria uma extensão considerável, pois que se perfaria de episódios diversos, articulados com a ação principal, e em que a narrativa alternaria com o discurso; para além disto, o único adequado à epopeia seria o verso heroico, capaz de acolher expressões elevadas, pouco usuais e conotativas<sup>329</sup>.

Embora, de algum modo, também ele influenciado pela leitura de epopeia na *Poetica*, intentou Richard P. Martin uma definição menos normativa e mais compreensiva: “‘epic’ stands out precisely by presenting itself, time after time, as the ‘natural’ state of speech, the pre-existent mode, the word-before-genre, the matrix of the other forms.”<sup>330</sup>.

---

<sup>327</sup> Cf. *Poet.*1449b10.

<sup>328</sup> Cf. *Poet.*1459b10.

<sup>329</sup> Cf. *Poet.*1459b17ss.

<sup>330</sup> R. P. Martin *op. cit.*: 9-10. O autor demonstra estar consciente da dificuldade que representa formular uma definição precisa e universal de épica, tanto mais se, cingido à épica grega, se limitasse a partir da teoria aristotélica — “one problem in treating him [Aristotle] as an authority on ancient ‘epic’ is that he is relentlessly literary. By his era, the tradition of Homeric poems had most likely passed through two if not three stages of crystallization, in oral and textual phases, with relative degrees of fixity and vastly different conditions of audience reception. Thus a fourth-century Athenian intellectual’s perception of ‘epic’ gives no guarantee of resembling an eighth-century Ionian performer’s sense of his or her poetic repertoire. Paradoxally, performers of Homeric epic even in Athens, two centuries before Aristotle, may not have known that they were singing or reciting ‘epic’.” (*Ibidem*: 11).

A reflexão de Richard P. Martin lucra de uma perspectiva mais lata, que lhe concede a distância milenar e o somatório dos estudos que esta foi permitindo complilar, contudo, de certa forma, teoriza complementarmente o que percecionara Aristóteles: a epopeia, enquanto forma literária, é, de facto, matricial, como argumenta Richard P. Martin, mas a fonte permanente desse código primitivo, tal como adiantara o Estagirita, não é outra que Homero.

Apesar de os aedos terem permitido que, *pari passu*, sobrevivessem a *Ilias* e a *Odyssea* como a *Teogonia* e os *Opera et Dies* e ainda outras obras da mais vasta tradição do Ciclo Épico, a verdade é que, comparados com Homero, saem diminuídos os demais poetas, até Hesíodo, cuja obra Martin L. West descreveria como se feita por um artesão desajeitado, imitando, paciente e fascinadamente, a costura delicada de um alfaiate profissional<sup>331</sup>.

Assim, é sempre na sequência de Homero que os investigadores perspetivam a épica grega tardia de Apolónio de Rodes — *Argonautica* —, de Quinto de Esmirna — *Posthomeric* —, ou de Nono de Panópolis — *Dionysiaca* —; e o mesmo sucederia com a épica latina, tanto com a que se produziria das origens ao período republicano quanto com a *Aeneis*, muito embora o poema virgiliano seja, também ele, paradigmático<sup>332</sup>.

Os sucessores épicos de Virgílio não mais desvinculariam de correlações políticas as suas obras: Ovídio fez uso das *Metamorphoses* para uma manifestação de desagrado, construindo uma autêntica anti-epopeia<sup>333</sup>, e o mesmo faria Lucano

---

<sup>331</sup> Cf. M. L. West 1966: 72-73.

<sup>332</sup> Anthony J. Boyle conceberia, a este propósito, o capítulo “The Canonic Text: Virgil’s *Aeneid*”, que integra a obra *Roman Epic* (cf. W. S. Anderson 1993 (1996 reprint): 79-107).

<sup>333</sup> Leia-se, complementarmente, o capítulo de William S. Anderson “Form Changed: Ovid’s *Metamorphoses*” constante no livro *Roman Epic* (cf. W. S. Anderson 1993 (1996 reprint): 108-124), o que consagrou ao mesmo autor Carole E. Newlands na obra *A Companion to Ancient Epic* (cf. Carole E. Newlands 2005: 476-491), ou a obra *Desultoria scientia. Genre in Apuleius’ Metamorphoses and Related Texts* editada por Ruurd R. Nauta (R. R. Nauta 2006(b)).

com *Bellum Ciuile* ou *Pharsalia*, expondo-se facilmente à crítica de Marcial<sup>334</sup>; já a *Thebais* deixou-a Estácio marcada pelas exacerbadas conexões com Domiciano<sup>335</sup>, muito à semelhança do que intentaria Valério Flaco com *Argonautica*, relativamente a Vespasiano, embora, nesta última, sobressaíam sobremaneira as marcas de artificialidade<sup>336</sup>. Enfim, depois de Virgílio, tendeu a poesia épica para um generalizado afastamento da realidade social, que culminaria em Sílio Itálico — a sua *Punica* revelar-se-ia inequivocamente extemporânea e sem qualquer referência ao imperador<sup>337</sup>.

A permanência da estrutura pôde ser, porém, ao longo dos séculos e desde Homero, o elemento unificador. É, no entanto, precisamente, a fórmula épica que Marcial rejeita: mas o bilbilitano não é (nem aspira a ser, nem quer ser) um poeta épico.

---

<sup>334</sup> Para um maior detalhe devem consultar-se os capítulos “Form Empowered: Lucan’s *Pharsalia*” de Frederick Ahl na obra *Roman Epic* (cf. F. Ahl 1993 (1996 reprint): 125-142), e “Lucan” de Shadi Bartsch na obra *A Companion to Ancient Epic* (cf. S. Bartsch 2005: 492-502).

<sup>335</sup> Mais pormenores adiantam John Henderson no capítulo “Form Remade/Statiu’s *Thebaid*” da obra *Roman Epic* (cf. J. Henderson 1993 (1996 reprint): 162-191), William J. Dominik no capítulo dedicado ao mesmo autor na obra *A Companion to Ancient Epic* (cf. W. J. Dominik 2005: 514-527), ou Randall T. Ganiban no seu trabalho *Statiu and Virgil. The Thebaid and the Reinterpretation of the Aeneid* (R. T. Ganiban 2007).

<sup>336</sup> Andrew Zissos mais minuciosamente se deteve sobre Valério Flaco na obra *A Companion to Ancient Epic* (cf. A. Zissos 2005: 503-513) e o mesmo fariam Martha A. Malamud e Donald T. McGuire, jr. com o capítulo “Flavian Variant: Myth. Valerius’ *Argonautica*” da obra *Roman Epic* (cf. M. A. Malamud and D. T. McGuire, jr. 1993 (1996 reprint): 192-217).

<sup>337</sup> Para uma leitura mais completa de Sílio Itálico, escrutine-se o capítulo de Marcus Wilson “Flavian Variant: History. Silius’ *Punica*” da obra *Roman Epic* (cf. M. Wilson 1993 (1996 reprint): 218-236), bem como o de Raymond D. Marks na obra *A Companion to Ancient Epic* (cf. R. D. Marks 2005: 528-537), ou o de Piet H. Schrijvers “Silius Italicus and the Roman Sublime” em *Flavian Poetry* (P. H. Schrijvers 2006: 97-111).

## 2. Sobre o modo lírico, género epigramático

O epigrama surgiu entre os Gregos, cerca do século VII a.C. , consistindo em breves inscrições, em verso ou em prosa, gravadas, preferencialmente, sobre monumentos fúnebres, mas, também, comemorativos e, ainda, nos mais diversificados objetos, para abarcar, posteriormente, as pequenas composições poéticas críticas ou mordazes de género satírico.

Em antiguidade, estas composições chegam mesmo a concorrer de perto com a épica homérica: Juan Antonio López Férez fez recuar ao século VIII a.C. o surgimento dos primeiros epigramas, que coincidiriam com versos hexâmetros em inscrições tumulares<sup>338</sup>; não sendo, para além disto, de desconsiderar que o primeiro registo sobre versos inscritos tenha assomado na *Ilias*, em 7.73-93.

Porém, não antes que transcorressem, aproximadamente, trezentos anos sobre o surgimento dos primeiros versos preservados, se faria uso do termo epigrama, cujo privilégio caberia a Heródoto, em *Historiae*, 5.59-61 e 7.228, e a Tucídides, em *Historiae de bello Peloponnesiaco*, 6.59.2.

O vocábulo grego — ἐπίγραμμα —, como elucida o *Dictionnaire Grec-Français*, tem origem no verbo ἐπιγράφειν, que a mesma obra de Anatole Bailly traduz por “écrire sur, d’où inscrire, graver une inscription”<sup>339</sup>, socorrendo-se de textos de Heródoto, de Demóstenes, do *Corpus Inscriptionum Atticarum*, de Teócrito, de Platão de Aristófanes ou de Dionísio de Halicarnasso, e que, precisamente, fazem uso desta palavra num contexto, essencialmente, fúnebre — gravar uma inscrição tumular —, conquanto também por ocasião de uma oferta — pela inscrição na oferenda dos nomes de quem presenteia e/ou de quem é

---

<sup>338</sup> Cf. J. A. López Férez 1988: 842.

<sup>339</sup> A. Bailly <sup>50</sup>1999: 744.

presenteado — ou, mesmo, numa circunstância do quotidiano — pela gravação do nome das cidades sobre uma placa, ou pelas inscrições realizadas num escudo<sup>340</sup>.

Pautada pelas guerras greco-persas do século V a.C. , responsáveis por milhares de mortos, a quem se dispensariam as últimas honrarias, mas, também, por incontáveis heróis de guerra, a quem eram prestados os mais variados tributos, a subsequência histórica, se, por um lado, perpetuou a colagem do epigrama ao epitáfio, acabaria, por outro, por promover a sua plurissignificação.

Com efeito, Íon de Samos comporia um tríptico de epigramas votivos para grupo escultórico que, no santuário de Apolo, em Delfos, celebraria a tomada de Atenas por Lisandro, e seriam essas as mais antigas das composições epigramáticas que, reconhecendo-se-lhe a autoria, conheceria a posteridade<sup>341</sup>. Este tríptico, consistindo em três epigramas de dois dísticos elegíacos cada, alia, à fórmula originária, a originalidade do poeta se permitir ter, no poema, a voz ativa, que, ordinariamente, pertencia ao objeto:

“εἰκόνα ἐὺαν ἀνέθηκεν [ἐπὶ] ἔργῳ τῷδε ὅτε νικῶν

ναυσὶ θοαῖς πέρσεν Κε[κ]ροπιδᾶν δύναμιν

Λύσανδρος, Λακεδαίμονα ἀπόρθετον στεφανῶσα[ς]

Ἑλλάδος ἀκρόπολ[ιν, κ]αλλίχορον πατρίδα.

ἑξάμο ἀμφιρύτ[ας] τεῦξε ἐλεγείον Ἴων.” (CEG. 819.iii)

O epigrama não foi, com efeito, na sua origem, mais do que uma inscrição, muito embora se tratasse de uma inscrição métrica, e, preferencialmente,

---

<sup>340</sup> As inscrições epigráficas, documento fundamental para a compreensão dos *modi uiuendi*, foram uma constante quer no mundo grego quer no romano (neste último, assumindo um papel muito relevante no âmbito da construção imperial (cf. E. A. Meyer 2011: *passim*)) e que, *mutatis mutandis*, se manteria até à atualidade.

<sup>341</sup> Cf. J. A. López Férez *op. cit.*: *loc. cit.*.

elegíaca<sup>342</sup>; no entanto, uma crescente dilatação temática e a perda da afinidade fundamental ao objeto<sup>343</sup>, a par de uma emergente sensibilidade literária e de uma crescente consciência autoral<sup>344</sup>, fariam dele um género, de pleno direito, e que teria, logo na Hélade, uma quase infindável lista de cultores que sucederam àquele que é considerado o precursor do epigrama literário — Simónides de Ceos<sup>345</sup>.

---

<sup>342</sup> Sobre a ligação ancestral entre o epigrama e o metro elegíaco e a emancipação daquele, até se tornar num género de pleno direito, pronunciou-se Martin L. West: “When the term ἐλεγίον came into use, it was naturally applied both to literary elegy and to inscriptions, since its reference was strictly metrical. ἐπίγραμμα, equally naturally, was applied at first only to inscriptions. But by the Alexandrian age it had come to be used of any very short poem. An inscription of about 264 B. C. calls Posidippus ‘the ἐπιγραμματοποιός’ (IG 9<sup>2</sup>(1).17 A 24), and he, Callimachus and others apparently used the title Ἐπιγράμματα for their collections of short poems. Reitzenstein in particular has contributed to our understanding of the stages by which this came about. The first step was taken when old verse inscriptions, instead of being of interest simply as historical documents (as they are for Herodotus and Thucydides, who quote them mostly without poets’ names), came to be the subject of literary interest, and they began to be collected in books, with ascriptions to particular poets. This seems to have come about in the fourth century. [...] Epigram thus became a department of literature; Simonides’ epigrams were now on a par with his epinicians, his dirges, and so on. The period at which this happened was one at which Greek literature was coming to be ruled by the concept of genre. Here now, in Epigram, was a classic genre available to all for imitation.” (M. L. West 1974: 19-20).

<sup>343</sup> Cf. G. B. Conte <sup>2</sup>1999: 506.

<sup>344</sup> São estes, na verdade, os aspetos que, relativamente ao tríptico CEG. 819 de Íon de Samos, Marco Fantuzzi e Richard Hunter fazem questão de salientar: “Before the Hellenistic age, we simply cannot know whether an author deliberately decided to link his name to an inscribed text, which will thus also have had a non-epigraphic transmission where the name of the author was preserved. [...] What is certain is that in the fourth century, which was the crucial period for the development of the literary epigram, there were at least two clear examples of inscribed epigrams which include the name of the author in the text (CEG. 819 and 888); in one of these two cases, moreover, the epigrams of Ion of Samos (CEG. 819), the affirmation of authorship is found, together with an element of literary innovation; this raises doubts about the standard historical account, according to which (anonymous) inscribed epigrams were characterised by a relative roughness and conventionality, and were then replaced by the literary epigram, bringing with it greater refinement and a new importance for authorial identity. The epigrams of Ion, on the contrary, suggest that the verse inscriptions had already followed their own autonomous course towards literary pretension and an authorial awareness, when the high period of the ‘literary’ epigram dawned.” (M. Fantuzzi e R. Hunter 2004: 289-290).

<sup>345</sup> Cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 15.

“Μίλωνος τόδ’ ἄγαλμα καλοῦ καλόν, ὅς ποτε Πίσῃ  
ἐπτάκι νικήσας ἐς γόνατ’ οὐκ ἔπεσεν.” (A. Plan. 24)<sup>346</sup>

Porém, o epigrama, nem na sua tradição grega, nem na latina, que lhe deu continuidade, conseguia ultrapassar o estigma de género menor: primeiro, porque os poetas não ousaram ser epigramatistas, compondo, ocasionalmente apenas, epigramas; segundo, porque, ao compô-los, muitas vezes, não admitiam inequivocamente que de epigramas se tratava; terceiro, porque, sempre, ante estas suas composições, as diminuíam e, se possuidoras fossem de um tom menos polido (como, aliás, lhes convinha), logo se apressavam a desculpar-se e, quantas vezes, a asseverar que, o mais possível, as evitaram.

É programática destas conclusões a epístola que Plínio, o Moço envia a Paterno com os seus *hendecasyllabi*: “Tu fortasse orationem, ut soles, et flagitas et exspectas; at ego quasi ex aliqua peregrina delicataque merce lusus meos tibi prodo. Accipies cum hac epistula hendecasyllabos nostros, quibus nos in uehiculo in balineo inter cenam oblectamus otium temporis. His iocamur ludimus amamus dolemus querimur irascimur, describimus aliquid modo pressius modo elatius, atque ipsa uarietate temptamus efficere, ut alia aliis quaedam fortasse omnibus placeant. Ex quibus tamen si non nulla tibi petulantiora paulo uidebuntur, erit eruditionis tuae cogitare summos illos et grauissimos uiros qui talia scripserunt non modo lasciua rerum, sed ne uerbis quidem nudis abstinuisse; quae nos refugimus, non quia seueriores — unde enim? —, sed quia timidiore sumus. Scimus alioqui huius opusculi illam esse uerissimam legem, quam Catullus expressit: / Nam castum esse decet pium poetam / ipsum, uersiculos nihil necesse est, / qui tunc denique habent salem et leporem / si sunt molliculi et parum pudici.

---

<sup>346</sup> Considerado, sem espaço para grandes dúvidas, entre os seus primígenos epigramas, esta composição dedicada à vitória olímpica de Milon de Crotona ornou, segundo a nem sempre confiável *Anthologia Planudea*, a estátua votiva do atleta em Olímpia (cf. J. H. Molyneux 1992: 81-83).

/ Ego quanti faciam iudicium tuum, uel ex hoc potes aestimare, quod malui omnia a te pensitari quam electa laudari. Et sane quae sunt commodissima desinunt uideri, cum paria esse coeperunt. Praeterea sapiens subtilisque lector debet non diuersis conferre diuersa, sed singula expendere, nec deterius alio putare quod est in suo genere perfectum. Sed quid ego plura? Nam longa praefatione uel excusare uel commendare ineptias ineptissimum est. Vnum illud praedicendum uidetur, cogitare me has meas nugas ita inscribere 'hendecasyllabi' qui titulus sola metri lege constringitur. Proinde, siue epigrammata siue idyllia siue eclogas siue, ut multi, poematia seu quod aliud uocare malueris, licebit uoces; ego tantum hendecasyllabos praesto. A simplicitate tua peto, quod de libello meo dicturus es alii, mihi dicas; neque est difficile quod postulo. Nam si hoc opusculum nostrum aut potissimum esset aut solum fortasse posset durum uideri dicere: 'Quaere quod agas'; molle et humanum est: 'Habes quod agas.' Vale."<sup>347</sup>

Seria necessário aguardar até ao ano 85 (ou 86) da era cristã para que um poeta ousasse uma epístola em defesa do epigrama<sup>348</sup> — forma poética a que, aliás, dedicaria toda a sua obra e, além disso, toda a sua vida:

*Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quisquis de se bene senserit, cum salua infimarum quoque personarum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit ut nominibus non tantum ueris abusi sint sed et magnis. mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium. absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpretes nec epigrammata mea inscribat: improbe facit qui in alieno libro ingeniosus est. lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedit, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistula uel potius titulo contentus esse. epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. non intret Cato*

---

<sup>347</sup> Plin. Ep. 4.14.

<sup>348</sup> Assim faria Marcial no preâmbulo do seu *Liber I*. Mas não se limitariam a este introito as reflexões sobre a própria poesia, de que se ocupam também, entre outros, os epigramas 1.1, 1.3, 1.4, 1.16 ou 1.35.



*theatrum meum, aut si intrauerit, spectet. uideor mihi meo iure facturus si epistulam uersibus clusero:*

*Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae  
festosque lusus et licentiam uulgi,  
cur in theatrum, Cato seuere, uenisti?  
an ideo tantum ueneras, ut exires?*

(Espero ter seguido, nos meus escritos, tal comedimento que deles queixar-se não possa quem quer que tenha um bom conceito de si próprio, já que eles gracejam de modo a salvar o respeito até pelas pessoas mais humildes: respeito esse que faltou aos autores antigos, a ponto de abusarem não somente de nomes verdadeiros, mas até de grandes nomes. Que a fama me custe menor preço e o espírito mordaz seja a última coisa a ser apreciada em mim. Fique bem longe da inocuidade dos meus gracejos o glosador maligno e não se substitua ao autor dos meus epigramas: procede indignamente quem mostra talento à custa de um livro alheio. A sinceridade brejeira das palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, dela me escusaria, se fosse meu o exemplo: é que assim escreveu Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlio, assim qualquer um se quer ser lido de fio a pavio. Se alguém quer parecer tão austero que, junto dele, em nenhuma página, é lícito falar latim autêntico, pode contentar-se com a introdução, ou, antes, com o título. Os epigramas são escritos para aqueles que costumam ver as Florais. Não entre Catão no meu teatro, ou, se entrar, que seja espectador. Acho que estou no direito de encerrar este preâmbulo com alguns versos:

*Se conhecias o culto grato à jocosa Flora,  
os divertidos gracejos e a licenciosidade do vulgo,  
porque vieste, Catão severo, ao teatro?  
Terás vindo só com o fito de sair?).*

Não admira, pois, o sucesso que lhe atribuiu Hanna Szelest<sup>349</sup> e que Robson Cesila descreveria: “As características predominantes nos epigramas de Marcial acabaram se tornando, para sempre, as características do próprio gênero, a tal ponto que as definições que se encontram, nos dicionários modernos, para a palavra *epigrama*, contemplam sobretudo a brevidade e o teor satírico-jocoso, exatamente os traços marcantes da poesia de Marcial.”<sup>350</sup>

---

<sup>349</sup> Cf. H. Szelest 1986: 2563-2623.

<sup>350</sup> R. T. Cesila 2004: 26.

Em Roma, precederam Marcial vários cultores do gênero: Pórcio Lícino, Valério Edítuo, Lutácio Cátulo, Lévio, seguidos de Catulo, Domício Marso, Pedão, Getúlico, Calvo, Cina, Cornélio Nepos, Tícidas, Varrão Atacino, Fúrio Bibáculo, para além dos próprios César, Bruto, Otaviano, Mecenas, Tibério ou Virgílio, que, em dísticos elegíacos, hexâmetros, hendecassílabos falécios e trímetros iâmbicos, compuseram epigramas, dando azo, pelo sarcasmo e pela mordacidade de uma composição breve, ao gozo dos prazeres da vida. Marcial surge nesta esteira, que escoravam já (e escorariam) os Gregos Eurípides, Platão, Aristóteles, Ânite, Asclepiades, Brutiano, Calímaco, Posidipo, Leónidas de Tarento, Antípatro, Filodemo, Meleagro ou Marco Argentário<sup>351</sup>.

Não sendo apanágio seu, não foram (pelo menos, não exclusivamente) os epigramas curtos e satíricos que celebrizaram Marcial, até porque, como Robson T. Cesila faz questão de salientar, “ele também escreveu peças longas e de temática não-satírica”<sup>352</sup>. Para este especialista, “a maior contribuição de Marcial” — e

---

<sup>351</sup> É, aliás, o próprio Marcial quem concede, na sua obra, nutrir respeito pelos cultores do epigrama que o precederam, latinos, mormente, Marso, Pedão, Getúlico e Catulo, e gregos, sobretudo, Brutiano e Calímaco. “Curiosa é a atitude face aos venerandos mestres gregos... Não deixando de admirá-los, no sentido estabelecido por Dionísio de Halicarnasso no seu Tratado de Imitação — *uide* 4.23 —, sugere, logo no prólogo do seu primeiro livro, ter, por *exempla*, os latinos. Como se, na verdade, o *Cecropius lepos* já pelo *Romanae sal Mineruae* tivesse sido emulado!” (J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: 99-100). Para um maior detalhe, atente-se no artigo “Autores de referência na obra de Marcial” de João Manuel Torrão (cf. J. M. Torrão 2004: 137-159), bem como nos estudos “*Sic Scribit Catullus: The Importance of Catullus for Martial’s Epigrams*” de Bruce W. Swann (cf. B. W. Swann 1998: 48-58), “Marziale catulliano” de Paolo Fedeli (P. Fedeli 2004: 161-189), e “Identified Quotations and Literary Models: the example of Martial 2.41” de Craig Williams (cf. C. Williams 2006: 329-348).

<sup>352</sup> Vale a pena ler o estudo estatístico de José D. Dezotti citado por Robson T. Cesila, sobre o assunto, para uma compreensão mais visual e contrastiva da importância conferida por Marcial à *brevitas* e ao *Romanae sale Mineruae* de 4.23.7, que ecoa em 8.3.19 ou em 10.9.2 (J. D. Dezotti 1990: 76-77 *apud* R. T. Cesila *op. cit.*: 27). Kirby F. Smith adiantara, aliás, que “the proportion of these objectionable epigrams is by no means as large as the majority of people appear to suppose. The text of Martial contains 1555 epigrams. The Delphin edition of 1660 excluded 150 of this number. The standards of another age and a different nationality would probably exclude about 50 more. All told, hardly a seventh of the total. This leaves more than 1200 little poems into which anyone may dip without hesitation, and on this residuum Martial can easily support his claim to be called

afirma-o convocando Gian Biagio Conte<sup>353</sup>, Bruno Gentili<sup>354</sup>, Mario Citroni<sup>355</sup> e René Martin e Jacques Gaillard<sup>356</sup> — “está no aperfeiçoamento e na primazia com que usou a técnica de produção do humor e da graça no epigrama.”<sup>357</sup>

O poder do *fulmen* de Marcial é indiscutível. Mas há algo mais. Robson T. Cesila, intuiu-o, de certa forma, num estudo posterior, em que afirma “Marcial dialoga intertextualmente com uma infinidade de outros textos [...] tais intertextos, trazidos para os epigramas através dos mais diversos mecanismos, enriquecem, das mais diversas formas e nos mais diferentes níveis, os significados presentes nos epigramas”<sup>358</sup>.

O supremo engenho de Marcial consistiu em criar interações épicas, sem perder, nunca, de vista o homem, concebendo-o inteiro e cantando-o temperado com o *Romano sale*.

Este marcialino *Romano sale*, legatário do *Italo aceto*, que Horácio apresentou nos seus *Sermones*, em 1.7.31, e ambos das primevas Sátiras e dos Fesceninos<sup>359</sup>, é herdeiro, enfim, da tradição tão romana de maldizer<sup>360</sup>.

---

one of the wittiest, one of the most amusing, and at the same time one of the most instructive, writers in any period of the world's history.” (K. F. Smith 1920: 14-15).

<sup>353</sup> Cf. G. B. Conte 1994: 508 *apud* R. T. Cesila *op. cit.*: 28.

<sup>354</sup> Cf. B. Gentili 1987: 437-438 *apud* R. T. Cesila *op. cit.*: *loc. cit.*.

<sup>355</sup> Cf. M. Citroni 1991: 187 *apud* R. T. Cesila *op. cit.*: *loc. cit.*.

<sup>356</sup> Cf. R. Martin et J. Gaillard 1981: 409 *apud* R. T. Cesila *op. cit.*: *loc. cit.*.

<sup>357</sup> Para um maior detalhe sobre a marcialina técnica do epigrama, deve escrutinar-se o texto de Cristina de Sousa Pimentel (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 43-47).

<sup>358</sup> R. T. Cesila 2008: 19.

<sup>359</sup> Cf. M. Citroni 1991: 133-208, Idem: 21993: 311-341, E. Merli 2006: 257-270, K. Freudenburg 2007: 13-33 e F. Graf 2007: 117-131. Para mais pormenores, atente-se no capítulo “*Italum Acetum*” que a esta temática dedicou Ugo Enrico Paoli na sua obra *Rome — Its People, Life and Customs* (cf. U. E. Paoli 1990 (1999 reprint): 267-277). Pode consultar-se, também, pela leitura comparativa que propõe, a Dissertação de Doutoramento de Dina Baptista, titulada “O Burlesco e o Satírico na Obra de Marcial e Juvenal” (cf. D. Baptista 2009).

<sup>360</sup> Cf. J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: 71-73.

Ora, ante uma Roma tão ou mais viciosa que virtuosa, tudo, sem exceção, (se tudo diz respeito à vida e a nada do que é humano pretende Marcial ser alheio<sup>361</sup>) pode constituir um bom mote para um epigrama<sup>362</sup>.

---

<sup>361</sup> Cf. Aliás, uma alma sensível como a do epigramatista, fazendo jus às palavras de Terêncio, no seu *Heauton Timorumenos*, 77 — “homo sum: humani nil a me alienum puto” —, não pode, de facto, alienar-se da circunstância que o envolve.

<sup>362</sup> Concluiria Cristina de Sousa Pimentel: “Sátira de caracteres e profissões, descrição de obras de arte, propriedades ou monumentos, lamentos fúnebres (epicédios), celebração de nascimentos ou aniversários (genetlíacos), ou de casamentos (epitalâmios), mensagens de regozijo pelo restabelecimento de doença (*soteria*) ou desejos de boa viagem (*propemptika*), epinícios e todos os outros tipos de poemas de circunstância, epitáfios e *elogia*, cantos ao vinho e ao amor, alguns roçando claramente a pornografia, ridicularização implacável de defeitos físicos, louvor de personagens influentes, desde os *patroni* até ao imperador e seus próximos, convites e agradecimentos de convites para jantares e festins, ‘bilhetinhos’ a acompanhar presentes ou a pedir benesses e favores, retratos e instantâneos da vida em sociedade, da coscuvilhice e má-língua, dos interesses mesquinhos e das pequeninas maldades, esse é o magma de que nasce a poesia de Marcial.” (C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 17).

## II — NOVAS PERSPETIVAS DA MESMA TEORIA LITERÁRIA: A SIMBIOSE DE MARCIAL

*"Yet in an inferior genre he [Martial] is supreme."*

Heathcote William Garrod  
*The Oxford Book of Latin Verse, XXXVIII*

De todos os sentidos em que apontam os estudos que versam a obra de Marcial, variadíssimos e, quantas vezes, divergentes, dois reúnem o consenso dos investigadores: o mutualismo entre Marcial e o género epigramático e o quotidiano humano como objeto da sua poesia

Na verdade, reconhece-se haver um entrosamento visceral entre o autor e o género que cultivou, talvez porque, e na esteira da já mencionada observação de Paratore, Marcial tenha sido o único, de entre todos os Gregos e Latinos, a dedicar ao epigrama a totalidade do seu tempo e do seu talento<sup>363</sup>. Heathcote William Garrod acrescenta, ainda, ante o seu florilégio milenar de poesia latina, coligido a uma distância de cerca de dezoito séculos da criação de Marcial: "No other poet in any language has the same never-failing grace and charm and brilliance, the same arresting ingenuity, an equal facility and finish."<sup>364</sup>

Para lá do virtuosismo formal das suas composições, Marcial primou pela visão caleidoscópica que nos forneceu, em epigrama, da sociedade romana, alteando, assim, o género ao ideal. Afinal, se era dos ínfimos aspetos do dia-a-dia que se enformavam as existências humanas mais verdadeiras, nada, na perspetiva de Marcial, existia de mais digno de sublimação.

---

<sup>363</sup> Cf. E. Paratore 1987: 704.

<sup>364</sup> H. W. Garrod 1912: XXXVIII.

E não toleraria, na verdade, este pluriforme objeto do seu canto a rigidez de outra forma que não a do variegado epigrama, não temendo Marcial que saísse aquele prejudicado com esta opção sua, porquanto confiava o enobrecimento à própria mestria. Assim, afirmaria, temerário, pelo *fulmen* de 8.55 (56).24:

*“Vergilius non ero, Marsus ero”*

(Virgílio não serei, Marso serei.).

A eleição do epigrama foi, em Marcial, consciente e consistente<sup>365</sup>. A licenciosidade fez, por isso, parte (e das maiores) das suas páginas:

*Versus scribere me parum seueros  
nec quos praelegat in schola magister,  
Corneli, quereris: sed hi libelli  
tamquam coniugibus suis mariti,  
non possunt sine mentula placere.  
quid si me iubeas thalassionem  
uerbis dicere non thalassionis?  
quis Floralia uestit et stolatum  
permittit meretricibus pudorem?  
lex haec carminibus data est iocosis,  
ne possint, nisi pruriant, iuuare.  
quare deposita seueritate  
parcas lusibus et iocis rogamus,  
nec castrare uelis meos libellos.  
gallo turpius est nihil Priapo. (1.35)*

*(Que eu escreva versos pouco sérios,  
e que o professor, na escola, os não possa explicar,  
é o teu queixume, Cornélio: mas estes epigramas,  
tal como às esposas os seus maridos,  
não podem sem o membro dar prazer.  
Então se me mandas falar da alcova,  
não hei-de usar linguagem de alcova?  
Quem se lembra de vestir as Florais e autoriza  
às prostitutas o pudor da estola?  
Foi esta a lei dada aos versos brejeiros:*

---

<sup>365</sup> John Patrick Sullivan diria que “What gives inner shape to Martial’s work is his coherent view of Roman life and society and his determination that his chosen literary form best reflect that view.” (J. P. Sullivan 1987: 13.)

*que, se não excitarem, não possam agradar.  
Por isso, pondo de lado a severidade,  
te pedimos que perdoes as brincadeiras e os gracejos  
e que não queiras castrar os meus epigramas.  
Nada mais detestável que um Priapo capado.).*

Seria esta, ao tempo, uma atitude coerente com as convenções e expectativas do patronato literário em Roma? A questão é tão mais pertinente quanto claras foram as pistas que a análise histórica de capítulos precedentes possibilitou. A resposta legou-a Marcial, bem como a solução desse dilema:

*Dulcia cum tantum scribas epigrammata semper  
et cerussata candidiora cute,  
nullaque mica salis nec amari fellis in illis  
gutta sit, o demens, uis tamen illa legi!  
nec cibus ipse iuuat morsu fraudatus aceti,  
nec grata est facies cui gelasinus abest.  
infanti melimela dato fatuasque mariscas:  
nam mihi, quae nouit pun gere, Chia sapit. (7.25)*  
*(Se apenas e sempre escreves epigramas doces  
e mais cândidos que a pele alvaçada,  
sem que neles uma ponta de sal haja ou do amargo fel  
uma gota, ainda queres, insensato, que eles sejam lidos?  
Nem mesmo a comida sabe se lhe faltar o dente do vinagre  
nem agrada a cara que não tiver a cova de um sorriso.  
Às crianças entrega as maçãs doces e os figos insípidos:  
eu cá prefiro os de Quios, que sabem ser picantes.).*

Não se fizessem, afinal, presentes *sal* e *fel* nos epigramas e a estes faltariam os leitores e, conseqüentemente, aos *patroni* a possibilidade de inscreverem os seus nomes na memória do futuro (ou, até, do presente)<sup>366</sup>.

Seria, aliás, logo no prólogo do seu *Liber I*, que mencionaria Marcial a *lasciuam uerborum ueritatem* (*A sinceridade brejeira das palavras*). E era por ser essa, afinal, a expressão dos epigramas que deixaria a advertência: *non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet*. (*Não entre Catão no meu teatro, ou, se entrar,*

---

<sup>366</sup> Cf. J. Garthwaite 1998(b): 161-175.

*que seja espectador*.). Este conselho de Marcial a Catão nem partiu de uma prometida garantia de austeridade e comedimento do primeiro, nem a moveu uma vontade de constranger o segundo; antes, foi um indício de que, nos *Libri*, se exporiam, ao ridículo da condenação, os vícios, mas também se exaltariam, e elevadamente até, as mais dignas das virtudes: Carino assomaria com Erócion, e Talia convocaria Priapo, mas, também, Calíope!

O cânone epigramático Marcial não o seguiria sem desvios, porque a vida — seu objeto — nem ela se dispunha a seguir um curso estável e previsível.

A primeira lei das Saturnais, que Luciano de Samósata haveria, ainda, de descrever, em *Saturnalia*, 13 — “Μηδένα μηδέν μήτε ἀγοραῖον μήτε ἴδιον πράττειν ἐντὸς τῆς ἐορτῆς ἢ ὅσα ἐς παιδιὰν καὶ τρυφήν καὶ θυμηδίαν· ὀψοποιοὶ μόνοι καὶ πεμματουργοὶ ἐνεργοὶ ἔστωσαν. / Ἰσοτιμία πᾶσιν ἔστω καὶ δούλοις καὶ ἐλευθέροις καὶ πένησι καὶ πλουσίοις. / Ὀργίζεσθαι ἢ ἀγανακτεῖν ἢ ἀπειλεῖν μηδενὶ ἐξέστω. / Λογισμοὺς παρὰ τῶν ἐπιμελουμένων Κρονίοις λαμβάνειν μηδὲ τοῦτο ἐξέστω. / Μηδεὶς τὸν ἄργυρον ἢ τὴν ἐσθῆτα ἐξεταζέτω μηδὲ ἀναγραφέτω ἐν τῇ ἐορτῇ μηδὲ γυμναζέσθω Κρονίοις μηδὲ λόγους ἀσκεῖν ἢ ἐπιδείκνυσθαι, πλὴν εἴ τινες ἀστεῖοι καὶ φαιδροὶ σκῶμμα καὶ παιδιὰν ἐμφαίνοντες.” — deve tê-la reconhecido Marcial incontáveis vezes, noutros tantos exemplos, nas suas deambulações pelas ruas da Urbe, e não apenas, quando essa inversão da ordem era tolerada, durante os festejos em honra de Saturno que, ano após ano e durante quase quarenta, celebrou, em Roma.

Parece ter sido, justamente, Saturno quem instigou Talia a abraçar, em definitivo, o poeta (ou vice-versa). É certo que remonta ao ano 80 a obra inaugural do epigramatista, mas o *Liber de Spectaculis* foi de todos aquele em que Talia menos se regozijou: o motivo era elevado e elevadas procuraram ser as imagens, a linguagem e, até, as personagens convocadas a acompanhar bestas e *morituri* à arena; e tudo pontuado por motivos tão caros a Calíope — uma quase proposição,



dedicatórias e, até, várias invocações divinas. Um novo período silente seguiria, bem mais curto que o dos primeiros dezasseis anos de observações e, talvez diferente, porque lhe poriam fim as Saturnais de 84 ou de 85. Nesse Dezembro, Marcial trouxe consigo, para os festejos, duas compilações de epigramas alusivos ao momento — os *Xenia*, para presentear os amigos, e os *Apophoreta*, para brindar os convivas<sup>367</sup> —; e, a partir de então, Talia, que começara por espriar-se timidamente, quase sempre em dísticos de metro elegíaco, perdeu a vergonha, por mais dez livros de epigramas, em que a *uariatio* ditou estrofes com os mais díspares números de versos e servindo-se do metro que melhor se adequasse ao teor da composição<sup>368</sup>. Dos objetos do quotidiano trocados como presentes ou presentes nas mesas dos banquetes Marcial avançou sobre Roma inteira — a Roma demoradamente observada e que, por isso, se lhe ofereceu. Porém, cantar a *Magna Vrbs* (e desse canto poder colher a Fama e almejar o sustento) não era uma tarefa banal: e se Talia assentava na perfeição ao canto do quotidiano, celebrá-lo na medida em que Roma merecia implicava convocar, de novo, Calíope, uma e outra vez, nem que fosse para uma *recusatio*<sup>369</sup>.

Marcial subverteu o cânone; todavia, a regra na poesia e mais ainda na vida é sempre uma orientação para o que deveria fazer-se e quase nunca o espelho

---

<sup>367</sup> Sobre as composições constantes nos *Xenia* e nos *Apophoreta* aconselha-se a leitura dos trabalhos “*Lemmata sola legas. Una revisión de Xenia y Apophoreta*” de Francisco Socas (F. Socas 2004: 227-246) e “*Invaluable Collections: the Illusion of Poetic Presence in Martial’s Xenia and Apophoreta*” de Sarah C. Stroup (S. C. Stroup 2006: 299-314).

<sup>368</sup> Permite detalhar este tópico a análise do capítulo “*Contextualizing Martial’s Metres*” da autoria de Patricia Watson, constante na obra *Flavian Poetry* (cf. P. Watson 2006: 285-298) e, complementarmente, a da obra de Rosa María Marina Sáez *La métrica de los epigramas de Marcial: esquemas rítmicos y esquemas verbales* (cf. R. M. Marina Sáez 1998).

<sup>369</sup> A compreensão cabal do motivo da *recusatio* em Marcial beneficia-a a perspetiva da sua utilização no contexto da produção poética da época dos Flávios, pelo que é imperativo escrutinar-se o estudo da responsabilidade de Ruurd R. Nauta a esta temática dedicado (cf. R. R. Nauta 2006(a): 21-40).

daquilo que se faz — Amalia Lejavitze Lapoujade arrisca que Marcial reivindicou, para os seus epigramas, o carácter das Saturnais<sup>370</sup>.

Este estudo ousa ir um pouco mais longe: os epigramas de Marcial foram a “Epopéia das Saturnais” (e continuam a sê-lo), na medida em que o epigramatista operou uma revolução do género, imprimindo-lhe um cunho próprio, pela convergência de duas realidades distintas: as existências humanas do dia-a-dia e a celebração e o canto.

Foi esta a original simbiose que lhe garantiu o triunfo. Marcial, sendo epigramatista, soube dosear a licenciosidade do seu verso, e, sem ser um épico, soube altear o objeto do seu canto. Resultou o seu labor na superação do modelo epigramático (até do grego) e numa claríssima vantagem sobre a epopeia do seu tempo.

---

<sup>370</sup> Cf. A. L. Lapoujade 2000: 50.

## 1. Sobre o tratamento epigramático / quotidiano de temas épicos

Este estudo já refletiu sobre a relação de proximidade entre poeta e a sua poesia e que acontece a dois níveis — o do conteúdo e o da forma.

A inovação aludida não denota uma grosseira perversão do cânone, donde resultasse o desconceito dos *Libri*, cuja sequência interna revela um fino cuidado de encadeamento — com remissões, como entre 3.16, 3.59 e 3.99; com esclarecimentos e/ou contestações, como 1.5 em relação a 1.4; com jogos de sucessão temática e de variação de dimensão —; não significando, também, que grande parte dos seus poemas não se atenha às características do epigrama — a linguagem simples e direta de 1.24, ou, mesmo, o palavreado obsceno de 1.34, 1.77, 1.83, 1.90, 1.92, 1.94; os jogos de palavras, a partir da sua plurissignificação, como em 1.67, 1.79, 1.84; a onomástica expressiva de 1.110 ou de 3.93; a onnipresença de tipos; o jogo com os leitores, pelo recurso à segunda pessoa verbal e pelo convite a que adiram ativamente à tese do epigrama, a que lhe sigam as antíteses, pese sempre serem defraudados na síntese<sup>371</sup>.

Mas é inegável que, muitas vezes (mais do que seria de esperar) a linguagem simples, realista e irónica cede ante uma mais subjetiva e elevada, grandiloquente, até — são comparações elevadas, como em 1.25 ou 1.62; é um som alto, como em 1.21; é, mesmo, um tom sublimado, como em 1.61.

---

<sup>371</sup> Porém, Marcial nunca se ateu estritamente à regra. Diria Patricia Watson que “Martial’s vibrant use of language is one of the most striking features of his epigrams. It plays a fundamental role in his portrayal of contemporary Roman life and is integral to the effectiveness of his satire. The keynote is originality, whether in the liberal coining of new words, in the introduction of vocabulary not previously found in Latin poetry, or in the novel employment of both individual words and combinations of words. In addition, Martial makes considerable use, often for humorous purposes, of figures of speech such as metaphor, personification and word-play.” (P. Watson 2002: 202).

Do mesmo modo, sucede que a forma se deixa alongar (e muito para lá do que é devido, ainda que sem ameaçar a unidade do epigrama<sup>372</sup>) — exemplos não faltarão, sendo 3.58 dos mais icónicos, pela experiência sinestésica que permite ao leitor:

*Baiana nostri uilla, Basse, Faustini  
non otiosis ordinata myrtetis  
uiduaque platano tonsilique buxeto  
ingrata lati spatia detinet campi,  
sed rure uero barbaroque laetatur.  
hic farta premitur angulo Ceres omni  
et multa fragrat testa senibus autumnis;  
hic post Nouembres imminente iam bruma  
seras putator horridus refert uuas.  
truces in alta ualle mugiunt tauri  
uitulusque inermi fronte prurit in pugnam.  
uagatur omnis turba sordidae chortis,  
argutus anser gemmeique pauones  
nomenque debet quae rubentibus pinnis  
et picta perdix Numidicaeque guttatae  
et impiorum phasiana Colchorum;  
Rhodias superbi feminas premunt galli;  
sonantque turres plausibus columbarum,  
gemit hinc palumbus, inde cereus turtur.  
auidi secuntur uilicae sinum porci  
matremque plenam mollis agnus expectat.  
cingunt serenum lactei focum uernae  
et larga festos lucet ad lares silua.  
non segnis albo pallet otio copo,  
nec perdit oleum lubricus palaestrita,  
sed tendit auidis rete subdolum turdis  
tremulae captum linea trahit piscem  
aut impeditam cassibus refert dammam.  
exercet hilares facilis hortus urbanus,  
et paedagogo non iubente lasciui  
parere gaudent uilico capillati,  
et delicatus opere fruitur eunuchus.  
nec uenit inanis rusticus salutator:  
fert ille ceris cana cum suis mella  
metamque lactis Sassinate de silua;*

---

<sup>372</sup> Cf. L. Watson 2006: *passim*.

somniculosos ille porrigit glires,  
hic uagientem matris hispidae fetum,  
alius coactos non amare capones.  
et dona matrum uimine offerunt texto  
grandes proborum uirgines colonorum.  
facto uocatur laetus opere uicinus;  
nec auara seruat crastinas dapes mensa,  
uescuntur omnes ebrioque non nouit  
satur minister inuidere conuiuiae.  
at tu sub urbe possides famem mundam  
et turre ab alta prospicis meras laurus,  
furem Priapo non timente securus;  
et uinitorem farre pascis urbano  
pictamque portas otiosus ad uillam  
holus, oua, pullos, poma, caseum, mustum.  
rus hoc uocari debet, an domus longe?

(A quinta, Basso, do nosso amigo Faustino em Baías,  
não se dispõe em murtais improditivos,  
em plátanos viúvos e em buxais tosquiados;  
não ocupa as vastas extensões de uma planura ingrata,  
mas alegre-a o campo autêntico e selvoso.  
Aqui se topa com a farta Ceres a cada canto  
e muitas ânforas exalam o odor dos produtos outonais envelhecidos pelos anos;  
aqui, passados os novembros, já no limiar do inverno,  
o podador hirsuto transporta as uvas tardias.  
No fundo vale, muge os touros bravios  
e o vitelo, de frente ainda inerme, anseia pela refrega.  
Vagueia toda a turba da sórdida cortelha,  
o ganso estrídulo e os variegados pavões  
e a ave que deve o nome às penas vermelhas  
e a perdiz pintalgada e as galinhas pedreses da Numídia  
e os faisões dos ímpios Colcos;  
soberbos galos cobrem as fêmeas de Rodes;  
ressoam os pombais com o bater de asas das pombas,  
arrulha de um lado o pombo bravo, do outro, a rola cor de cera.  
Seguem o avental da caseira os porcos ávidos  
e o tenro cordeiro espera a mãe de gordas tetas.  
Os escravos da casa, de tez cor de leite, rodeiam uma agradável lareira  
e a frondosa ramagem flameja, nos dias de festa, diante dos Lares.  
O indolente despenseiro não empalidece em langoroso ócio,  
e nem o untado palestrita gasta o óleo,  
mas a rede matreira estende-se sobre os ávidos tordos,  
ou a linha trémula arrasta o peixe apanhado

ou captura o gamo, enredado nas armadilhas.  
 O horto produtivo exercita e alegra os escravos da cidade;  
 e, sem pedagogo que lhes dê ordens, os jovens brincalhões,  
 de cabelos compridos, alegram-se por obedecerem ao quinteiro;  
 e até o efeminado eunuco se compraz no trabalho.  
 E o camponês não vem, de mãos vazias, saudar o patrão:  
 um traz os claros méis com sua cera  
 e um cone de queijo da boscosa Sásina;  
 outro apresenta-te os arganazes sonolentos,  
 este, o rebento a vagir da mãe peluda;  
 o outro, capões obrigados a ignorar o amor.  
 E os presentes das mães, em vime entrelaçado, te apresentam  
 as alentadas moças, filhas de camponeses honrados.  
 Findo o trabalho, convida-se o alegre vizinho;  
 e nem uma mesa avara guarda os alimentos para o dia seguinte,  
 saciam-se todos e até o escansão, de farto,  
 não sabe o que é invejar o comensal já ébrio.  
 Mas tu, nas abas da cidade, possuis <uma casa em que se passa> uma fome elegante  
 e de alta torre avistas apenas os loureiros,  
 em segurança, pois teu Priapo não teme o ladrão;  
 e nutres o vinhateiro com o trigo da cidade  
 e, no jeito dos ociosos, levás para a tua quinta, coberta de pinturas,  
 legumes, ovos, frangos, frutos, queijo e vinho.  
 Casa de campo é o que deve chamar-se a esta ou casa afastada da cidade?).

Claro que, conquanto longe dos *uici* de Roma, entre o Quirinal e o Foro, a quinta de Faustino, em Baías era real, porém Marcial iria mais além: o quotidiano havia de se deixar perpassar por um conteúdo mais fantástico.

Quando o conteúdo épico traía a forma do epigrama, deuses, musas e heróis e as suas peripécias invadiam o universo de Talia, ora Apolo:

*Campis diues Apollo sic Myrinis,  
 sic semper senibus fruarer cyncis,  
 doctae sic tibi seruiant sorores  
 nec Delphis tua mentiatur ulli,  
 sic Palatia te colant amentque:  
 bis senos cito te rogante fasces  
 det Stellae bonus annuatque Caesar.  
 felix tunc ego debitorque uoti  
 casurum tibi rusticas ad aras  
 ducam cornibus aureis iuuenecum.  
 lecta est hostia, Phoebe; quid moraris? (9.42)*

(Assim sejas rico, Apolo, em teus campos de Mirina,  
 assim dos cisnes velhos sempre possas tu gozar,  
 assim as doudas irmãs te continuem serviçais  
 e a tua Pítia, em Delfos, jamais engane alguém,  
 assim todo o Palácio te venere e te ame:  
 ora duas vezes seis feixes, a teu pedido,  
 a Estela o bom César logo dê e aprove.  
 Eu então, feliz, e em dívida pelo voto,  
 para morrer em sacrifício sobre o rústico altar,  
 um vitelo hei-de levar e de cornos de ouro.  
 Nasceu já a vítima, Febo; de que estás à espera?),

ora Polifemo:

*Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce,  
 qui tantum lusus illa iocosque uocat.  
 ille magis ludit qui scribit prandia saeui  
 Tereos aut cenam, crude Thyesta, tuam,  
 aut puero liquidas aptantem Daedalon alas,  
 pascentem Siculas aut Polyphemon ouis.  
 a nostris procul est omnis uestica libellis,  
 Musa nec insano syrmate nostra tumet.  
 'illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant.'  
 confiteor: laudant illa, sed ista legunt. (4.49)*

(Vai por mim, Flaco, não sabe o que são epigramas  
 quem lhes chama apenas frivolidades e passatempos.  
 Mais frívolo é quem descreve os banquetes do feroz  
 Tereu ou essa tua ceia, Tiestes de mau estômago,  
 ou Dédalo a ligar ao filho as asas de fundir  
 ou Polifemo a apascentar ovelhas da Sicília.  
 Toda a empola arredada está dos meus livrinhos,  
 nem a minha musa se infla com as vestes caudatas da insânia.  
 'Aqueles, porém, todos louvam, admiram e veneram.'  
 De acordo: louvam aquelas, mas são estas minhas que lêem.),

ora, até, a Nau de Argos:

*Fragmentum quod uile putas et inutile lignum,  
 haec fuit ignoti prima carina maris.  
 quam nec Cyaneae quondam potuere ruinae  
 frangere nec Scythici tristior ira freti,*

*saecula uicerunt: sed quamuis cesserit annis,  
sanctior est salua parua tabella rate. (7.19)*<sup>373</sup>

(Este pedaço de lenho, que julgas vil e sem valor,  
foi a primeira quilha a sulcar o mar ignoto.  
Outrora, não puderam escolhos das Ciâneas  
destruçá-la nem a fúria mais brutal de ondas da Cítia.  
Venceu-a o tempo, mas, ainda que tenha sucumbido aos anos,  
é mais venerável esta pequena tábua do que seria intacto o navio.),

ora toda uma miscelânea mitológica, ao serviço do humor mais grosseiro:

*Pontice, quod numquam futuis, sed paelice laeua  
uteris et Veneri seruit amica manus,  
hoc nihil esse putas? scelus est, mihi crede, sed ingens,  
quantum uix animo concipis ipse tuo.  
nempe semel futuit, generaret Horatius ut tres;  
Mars semel, ut geminos Ilia casta daret.  
omnia perdiderat, si masturbatus uterque  
mandasset manibus gaudia foeda suis.  
ipsam crede tibi naturam dicere rerum:  
'istud quod digitis, Pontice, perdis, homo est.'* (9.41)

(Pôntico, se nunca fodes, e por concubina da esquerda  
te serves e ao serviço de Vénus tens a mão por amante,  
julgas que não faz mal? É crime, acredita, e tão grande,  
quanto na tua mente mal podes abarcar.  
É certo que bastou uma foda para Horácio fazer três filhos;  
bastou Marte dar só uma, para a casta Ília ter gémeos.  
Tudo se tinha perdido se, masturbando-se os dois,  
confiassem às mãos os imundos prazeres.  
Trata de acreditar que a própria natureza te diz:  
"o que com os dedos destróis, Pôntico, é um homem.").

---

<sup>373</sup> Andrew Zissos apresenta no seu trabalho "Navigating genres: Martial 7.19 and the «Argonautica» of Valerius Flaccus" uma interessante leitura destes autores e respetivos *opera*: "the notion of the Argo's disintegration through the ages (*saecula vicerunt*) carries a now fairly transparente double sense. While on the surface level, the 'physical' ship is simply said to have decomposed with the passage of time, the phrase has a more poignant metaliterary implication — namely, that the long years of the epic tradition have exhausted the tale, rendering it moribund and unappealing in its 'loftier' guise. Valerius recounted the Argonautic myth in a conspicuously elevated and aesthetically-distanced style; the scathing indictment of *Epigram* 7.19 is the appropriate programmatic 'response' to such a reactionary poetics. Martial's own 'Argonautica' thus registers the important cultural shift whereby 'high' culture is displaced by 'low' — in this case, epic by epigram." (A. Zissos 2003-2004: 419).



São a este propósito incortornáveis as palavras de Claudia Cenni sobre uma leitura das de Andrea Perruccio: “La forte presenza della mitologia in Marziale potrebbe sembrare a una prima analisi incompatibile sia con la volontà di trattare una materia quotidiana lontana dai toni alti della poesia tradizionale, sia con la scelta di un linguaggio realistico che contribuisca alla rappresentazione veritiera dei personaggi che identifica. L’atteggiamento di Marziale nei confronti dell’elemento mitologico, infatti, è vario e diversificato: da una parte un esiguo numero di epigrammi, circa una decina, affronta il tema della polemica letteraria, con giudizi e ironiche allusioni che rendono particolarmente vivace la critica alla poesia intrisa di mitologia; dall’altra, e ciò avviene in almeno duecentocinquanta epigrammi, la materia mitologica resta lontana da dichiarazioni di tipo letterario o polemico, per essere impiegata in contesti diversi e con modalità varie, come strumento funzionale alla struttura epigrammatica e ai suoi esiti espressivi”.<sup>374</sup>

A verdade é que na própria *recusatio* se fazia presente a épica, no seio do epigrama. Porém, e é paradigmática, programática mesmo, a afirmação de *Sp.* 6.1-2, se *accepit fabula prisca fidem* (a velha fábula ganhou autoridade)<sup>375</sup> foi precisamente quando e porque a mitologia se conseguiu furtar ao plano do fantástico, ganhando a corpórea textura do quotidiano.

---

<sup>374</sup> C. Cenni 2009: 92-93.

<sup>375</sup> Vide *Sp.* 6.2.

## 2. Sobre o tratamento épico de temas epigramáticos / quotidianos

Também formalmente — e será esta, das duas, a mais evidente inovação<sup>376</sup> — se fez a presença de Calíope sentir nos *Libri*.

Esta perspectiva sobre a obra de Marcial torna-se, prontamente, irrefutável, uma vez encetada a leitura do epigrama que descerra o primeiro livro composto pelo epigramatista:

*Barbara pyramidum sileat miracula Memphis,  
Assyrius iactet nec Babylona labor;  
nec Triviae templo molles laudentur Iones,  
dissimulet Delon cornibus ara frequens;  
aere nec uacuo pendentia Mausolea  
laudibus immodicis Cares in astra ferant.  
omnis Caesareo cedit labor Amphitheatro,  
unum pro cunctis Fama loquetur opus. (Sp. 1)*

*(Cale a bárbara Mênfis o prodígio das suas pirâmides,  
não mais o labor assírio se ufane da Babilónia;  
o templo de Trívia glória não procure aos requintados Iónios,  
ofusque-se em Delos o altar de múltiplos cornos;  
nem, suspenso no vazio do ar, o Mausoléu,  
com louvores desmedidos, os Cários aos céus elevem.  
Todo o labor ao anfiteatro de César o posto cede:  
a única obra que, pelas outras juntas, a fama há-de celebrar.).*

Como não reviver, neste, um passo particular da epopeia lusa?

*Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandre e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.*

---

<sup>376</sup> Era, com efeito, muito mais comum serem os heróis perspectivados fora dos seus habituais contextos literários épicos ou trágicos.

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta* (Os *Lusíadas*, canto I, 3).

Com efeito, até certo ponto, a proposição d'Os *Lusíadas* e o epigrama inaugural do *Liber de Spectaculis*, à semelhança da proposição de uma epopeia, correm em paralelo.

É a “Epopeia do Quotidiano”, que, aqui, com tanta desenvoltura, se desvela.

Não cessam, todavia, por aqui, as coincidências: há, além da proposição, dedicatórias e invocações aos deuses<sup>377</sup> e toda a história da inauguração do Anfiteatro dos Flávios que vai sendo dada a conhecer; e há, também, nos demais *Libri*, afora o *de Spectaculis*, a intervenção de Calíope.

O género epigramático opõe-se, diametralmente, ao género épico, em que se celebra, numa narrativa em verso, uma ação grandiosa e heroica, correspondendo, ao “som alto e sublimado”, um objeto de canto elevado: a cólera de Aquiles, na *Ilias*; o homem dos mil expedientes, Ulisses, na *Odyssea*; as armas e o varão, Eneias, na *Aeneis*; e as armas e os varões assinalados, n'Os *Lusíadas*.

Pode a Roma que emerge dos *Libri* de Marcial constituir-se num vitorioso herói, à semelhança dos demais, se a erguem as virtudes, não menos que a derrubam os vícios?

Esta questão vem suscitar uma outra: será possível prosperar por outras vias que não as do heroísmo?

Como resultado da sua agudeza de espírito e da sua disponibilidade para observar e considerar o humano, Marcial pôde, primeiro, questionar-se também, para, depois, desconstruir, com o seu *opus*, uma dicotomia: os homens não eram ou os heróis virtuosos das epopeias clássicas, ou viciosos perdedores que, nas epopeias contra-corrente, descredibilizavam a superação heroica; os homens seus

---

<sup>377</sup> Já, num capítulo anterior, se aludira a estas características do *Liber de Spectaculis*.

coevos eram antes (como são os de hoje e foram os de todos os tempos) a sùmula ou uma fração de ambas as hipóteses. E é esta extraordinária (ela própria épica!) constatação que descerra ao epigramatista a possibilidade de construir a sua “epopeia”: não à semelhança das que outros haviam já empreendido, ora para os *uictores*, ora para os *uicti*, respeitando os cânones aristotélicos; mas uma para os anti-heróis, em que o heroísmo não consista em mais do que ser humano, e em que a vida seja o próprio desafio, uma que caiba no epigrama, mas que eleve o seu objeto, de um modo que este género, *per se*, não seria capaz de alcançar. Concretizava-se, assim, a “Epopeia das Saturnais” — Saturnais que outorgaram ao quotidiano a possibilidade de se tornar objeto de exaltação e de canto, à margem do puro heroísmo e prescindindo dos preceitos épicos<sup>378</sup>, e ao epigrama a primazia de ser o veículo, uma vez que o som da *auena* se faria ouvir por sobre o da *tuba*<sup>379</sup>.

Mas a mais ousaria Calíope, chegando a acomodar-se no espaço de Talia.

Para lá de serem identificáveis as partes da estrutura interna da epopeia, também este *opus* se lança, *grosso modo*, *in medias res*, e, no seu conjunto, os epigramas contam a história da Roma sua coeva. Uma certa coerência narrativa, que ultrapassa a que é costumeira no género epigramático, e que o próprio epigrama encerra, é conferida aos *Libri* pela presença de ciclos de epigramas, como atesta Mark A. Paulinus Greenwood<sup>380</sup>. É, no entanto, a partir dos muitos

---

<sup>378</sup> Vide, a título de exemplo, as composições 8.36, 8.39, 8.49(50), 8.53(55) ou 8.65, em que se sublima o tom do epigrama, na medida em que são as glórias de um Júpiter (embora Palatino Júpiter) que se celebram.

<sup>379</sup> Vide, paradigmaticamente, 8.3, que concretiza as palavras de Robson T. Cesila: “Marcial, apesar de estabelecer frequentemente, em sua obra, a oposição entre a sua poesia epigramática e a poesia dos gêneros ditos “maiores”, não se furta a colher, em obras desta última, material conteudístico ou formal que possa ser criativamente incorporado e manipulado, nos epigramas, para a criação dos mais diversos efeitos de sentido” (R. T. Cesila 2008: 246).

<sup>380</sup> Cf. M. A. P. Greenwood 1998: 367-368. Com o seu trabalho “‘Talking to water’: an epigram-cycle in Martial, book 4 (4.18; 4.22; 4.63)”, Mark A. Paulinus Greenwood retomou os estudos sobre a deteção e a análise dos ciclos de epigramas, na obra de Marcial, que, décadas antes, haviam conhecido um extraordinário impulso, sintetizado no artigo de Karl Barwick “Zyklen bei Martial

episódios do quotidiano, epigrama a epigrama apresentados, que pode reconstruir-se a narrativa do século I, não havendo a unidade de ação que caracteriza a epopeia<sup>381</sup>. Calíope abandona, definitivamente, os *Libri*, no que à teleologia da ação diz respeito: em Marcial, ela é mecanicista, marcadamente ao sabor das vivências da Urbe.

Quanto à estrutura externa, Victoria Rimell salientou a coincidência de ser dividido em *Libri* o *opus* do epigramatista<sup>382</sup>, como se de cantos de um labor épico se tratasse. Os quase 10000 versos que integram as 1561 composições de Marcial também não andam longe do número total de versos das epopeias. No metro, Marcial atendeu menos a Aristóteles e mais à fluência do seu verso, mesmo quando elevou o tom e a linguagem, optou, preferencialmente, pelo dístico elegíaco. O hexâmetro dactílico — metro épico, por excelência —, em Marcial, é

---

und in den kleinen Gedichten des Catull” (cf. K. Barwick 1958: 284-318). Na última década, este mecanismo de que se serviu Marcial para conferir uma certa unidade a uma obra necessariamente vária, exploraram-no já outros investigadores, no intuito de validar os *Libri* enquanto *opera* coerentes e perfeitos, mormente, John Garthwaite, procedendo a uma releitura dos ciclos epigramáticos do segundo dos *Libri* (cf. J. Garthwaite 2001: 46-55), Sven Lorenz, concentrando-se na completude do quarto *Liber*, a partir de conexões entre poemas individuais e ciclos (cf. S. Lorenz 2004: 255-278), ou Alfredo M. Morelli, detendo-se sobre o ciclo de Rufo (cf. A. M. Morelli 2009: 34-49). Complementarmente, sugere-se ainda a leitura do artigo “Linking the Epigrams With A Theme: The Example of Martial, Books Two and Three” de Francesca Sapsford (cf. F. Sapsford 2009: 44-62). Em Portugal, merece particular destaque a atenção dedicada ao tema por Cristina de Sousa Pimentel, no contexto da investigação que resultaria na sua Dissertação de Doutoramento (cf. C. S. Pimentel 1993: 166-177), bem como os posteriores artigos publicados por Delfim F. Leão “Marcial e a javalina prenhe — três variações sobre um tema” (cf. D. F. Leão 2000: 47-52) e “‘Zoilo e Trimalquião’: duas variações sobre o tema do novo-rico” (cf. D. F. Leão 2004: 191-208.).

<sup>381</sup> Ou, pelo menos, não havendo uma unidade de ação qual ela se apresenta no género épico. Com efeito, Francesca Sapsford, na senda de Niklas Holzberg (cf. N. Holzberg 2002, e *Idem* 2006: 143-168) e de Sven Lorenz (cf. S. Lorenz 2004: 255-278), fala dos doze *Libri* sequenciais como um “dodecapartite whole”, relativamente aos quais antevê tão arriscada uma leitura demasiado fragmentária (veja-se aquela a que se propuseram na sua seleção Lindsay Watson e Patricia Watson (cf. L. Watson and P. Watson 2003)), como uma que da *Aeneis* se propusesse a seleccionar arbitrariamente passagens de interesse, sem atender ao seu contexto ou à sua ordem original no seio do *opus* (cf. F. Sapsford 2009: 14-18).

<sup>382</sup> Cf. V. Rimell 2008: 8.

muito pouco expressivo: ritmando quatro epigramas, apenas: 1.53, 2.73, 6.64 e 7.98<sup>383</sup>.

Carmelo Salemme remataria com mestria as afirmações de Francesco Arnaldi, que cita: “L’uso dei metri, in Marziale, sembra dunque per lo più adeguarsi alla grande varietà della vita ritratta negli epigrammi: «con un distico elegiaco che ha facilità ovidiana, un trimetro giambico, flessibilissimo, per cui non era stata vana la lesione di Seneca, con un falecio, che, liberato dalla schiavitù della paratassi ritmica e sintattica, ha ormai le possibilità di un nostro gran verso: l’endecasillabo», il poeta mostra d’aver saputo riprodurre la multiforme sua ispirazione poética, un suo particolare ‘stato d’animo’.”<sup>384</sup>

Pois que, apesar de todas estas aproximações e da sua validade e pertinência, sobretudo, porquanto terão sido, pelo menos, parcialmente, resultado de uma opção, não é de uma epopeia que se trata, senão de uma dimensão épica de um poeta.

Se este estudo se intitula “Epopeia do Quotidiano”, deve-o, primordialmente, ao tratamento que concede o epigramatista ao objeto do seu canto.

Como confirma Sara Myers: “life is his stated theme”<sup>385</sup> — e ao objeto do seu canto procurou Marcial percebê-lo e desvelá-lo, em todas as suas representações possíveis<sup>386</sup>. Caso os olhos do poeta perspetivassem a *Magna Vrbs*, como os dos demais — ou ofuscados ou dolosos —, fariam dela uma epopeia

---

<sup>383</sup> À forma dos epigramas de Marcial dedicou Jesús Luque Moreno um estudo cuja leitura faculta grande detalhe sobre o tema, mormente, porque apresenta dados comparativos entre as opções métricas do epigramatista de BÍlbilis e de Roma e as de outros cultores do género e, ainda, entre os diversos *Libri* do poeta (J. Luque Moreno 1986: 263-281).

<sup>384</sup> C. Salemme 1976: 60.

<sup>385</sup> K. S. Myers 2006: 452.

<sup>386</sup> John Spaeth diria que “In fact, he was interested in life at all levels. He took it as he found it, and wherever he sensed matter fit for quip or jest or stinging satire, hem ade use of it, generally regardless of whom he offended, in order, as he remarks, that life might be cognizant of its ways.” (J. Spaeth 1929: 361).

insípida e inautêntica; ele, porém, pôde olhar Roma inteira e a sua sensibilidade cuidou, ainda assim, que ela era digna do multiforme canto do seu génio. Diria acertadamente José Luís Lopes Brandão que "muitas vezes esconde [o poeta], por detrás dos gracejos, uma concepção pessoal da vida humana e da sociedade que muitas vezes escapa ao leitor distraído"<sup>387</sup>

Assim, porque Marcial, nos seus epigramas, fez a “representação crítica da vida integral”<sup>388</sup>, exaltando-a pela sua grandeza, confrontando-a com a sua crueza, é possível atribuir-lhe a primeira e, talvez a única, “Epopéia do Quotidiano”.

---

<sup>387</sup> J. L. L. Brandão 1998(b): 124.

<sup>388</sup> C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 17.





## QUARTA PARTE — O CUMPRIMENTO ÉPICO DO QUOTIDIANO

*“Qui legis Oedipoden caligantemque Thyesten,  
Colchidas et Scyllas, quid nisi monstra legis?  
quid tibi raptus Hylas, quid Parthenopaeus et Attis,  
quid tibi dormitor proderit Endymion,  
exutusue puer pinnis labentibus, aut qui  
odit amatrices Hermaphroditus aquas?  
quid te uana iuuant miserae ludibria chartae?  
hoc lege, quod possit dicere uita ‘meum est.’  
non hic Centauros, non Gorgonas Harpyiasque  
inuenies: hominem pagina nostra sapit.  
sed non uis, Mamurra, tuos cognoscere mores  
nec te scire: legas Aetia Callimachi.”*

Marcus Valerius Martialis

10.4



## I — O SÉCULO I TORNADO IMORTAL

*“Wenn Ihr Alltag Ihnen arm scheint, klagen Sie ihn nicht an; klagen Sie sich an, sagen Sie sich, daß Sie nicht Dichter genug sind, seine Reichtümer zu rufen.”*

Rainer Maria Rilke  
*Briefe an einen jungen Dichter*, p. 77

Marcial seria, pois, um desses poetas excepcionais a quem não foi alheia a riqueza de que era possuidor o dia a dia!

A importância do quotidiano em Marcial já considerados estudos, mormente, de Jean Paul Oltramare — “Les Épigrammes de Martial et le Témoignage qu’elles apportent sur la Société Romaine”<sup>389</sup> —, de Alfred Raymond Bellinger — “Martial, the suburbanite”<sup>390</sup> —, de John W. Spaeth, Jr. — “The Daily Life of a Roman Gentleman in the First Century A. D.”<sup>391</sup>, “Martial looks at his World”<sup>392</sup> e “Martial and the Roman Crowd”<sup>393</sup> —, de Ugo Enrico Paoli — “Il Poeta di Roma Vivente”<sup>394</sup> —, de Giuseppe Lugli — “La Roma di Domiziano nei versi di Marziale e di Stazio”<sup>395</sup> —, ou de Giuseppe Augello — “Roma e la vita romana testimoniata da Marziale”<sup>396</sup>, a haviam colocado em evidência.

---

<sup>389</sup> Cf. J. P. Oltramare 1905: 37-60.

<sup>390</sup> Cf. A. R. Bellinger 1928: 425-435.

<sup>391</sup> Cf. J. W. Spaeth, Jr. 1924: 90-95.

<sup>392</sup> Cf. *Idem* 1929: 361-373.

<sup>393</sup> Cf. *Idem* 1932: 244-254.

<sup>394</sup> Cf. U. E. Paoli 1956: 551-567.

<sup>395</sup> Cf. G. Lugli 1961: 1-17.

<sup>396</sup> Cf. G. Augello 1968-1969: 234-270.

Haveria de caber, no entanto, a José Luís Lopes Brandão, em *Da quod amem: Amor e Amargor na Poesia de Marcial*, o mais vívido testemunho dessa circunstância, por meio desta magistral descrição: "Através dos epigramas de Marcial percorremos as ruas de Roma, acompanhamos os clientes na saudação matinal, num roçar de togas apressadas, entramos no foro, subimos ao Capitólio, vamos ao teatro e às termas, somos convidados de vários banquetes e ouvimos muitos poetas, conhecemos as pessoas mais notáveis de então e também as mais pobres, convivemos com algumas cortesãs e entramos na intimidade de algumas alcovas, ouvimos boatos que correm de boca em boca, aprendemos a analisar criticamente as reacções de algumas personagens e, ao anoitecer, regressamos, cansados, à água-furtada no Quirinal, àquele espaço exíguo que o poeta partilha connosco para o descanso merecido, após um dia fatigante. E aprendemos muito acerca da alma humana: a poesia de Marcial *hominem sapit*."<sup>397</sup>

O que pretende, agora, o presente estudo é, por um lado, completar, com a análise dos episódios do quotidiano, o labor de Isabel Graça, que se deteve sobre os ecos e as imagens de Roma nos seus espaços físico e social<sup>398</sup>; e, por outro, fazer prova da presença de um pendor epopeico nesta narração demorada em detalhes de todo o quotidiano do *Caput Mundi* do século I.

Com efeito, quando, epigrama após epigrama, o dia a dia da *Vrbs* se vai cumprindo, por entre a jocosa exposição dos vícios e o aclamado relato das virtudes, é o triunfo da imortalidade que é dado a alcançar aos homens de Roma e às suas ações — objeto eleito do canto de Marcial —, perspectivados, que foram, a partir do seu contexto. E, apesar do permeio da subjetividade do poeta, é a Urbe “em carne viva”<sup>399</sup> que se deixa contemplar.

---

<sup>397</sup> J. L. L. Brandão 1998(b): 51.

<sup>398</sup> I. Graça 2011.

<sup>399</sup> J. L. L. Brandão 2012: 137.

O retrato que propôs Marcial da sociedade sua coeva é menos o estático da objetiva fotográfica que o variegado de uma tela impressionista. Marcial logrou concretizar com a sua obra o afamado verso 361 da *Ars Poetica* horaciana: “ut pictura poesis”<sup>400</sup>.

E, como sucederia, nas palavras do bilbilitano, com a arte de Fídias:

*Artis Phidiaeae toreuma clarum  
pisces aspicias: adde aquam, natabunt.* (3.35)

*(Estás a olhar estes peixes, cinzelado admirável  
da arte de Fídias: junta-lhes água, poderão nadar.),*

assim, continua, hoje ainda, a suceder com a do próprio Marcial: se alerta estiverem os sentidos, todo o bulício do século I da *Magna Vrbs* ganhará nova vida, ante o surpreso e deleitado leitor.

---

<sup>400</sup> Uma lata perspectiva sobre este símile construiu-a Carlos de Miguel Mora no seu estudo: “Os limites de uma comparação: *ut pictura poesis*” (cf. C. de Miguel Mora 2004: 7-26).

## 1. *De Vrbe*

Deslumbrado pela magnificência da Urbe<sup>401</sup> e atônito com os seus contrastes, Marcial far-se-ia, primeiro, pela sua vinda para o *Caput Mundi*, e, depois, nos seus périclos diários através dos labirintos da cidade<sup>402</sup>, mais um dos que contribuíam para aumentar a população crescente e o congestionamento do tráfego nas ruas<sup>403</sup>; e das suas observações resultou que, no seu dia a dia, se confundiram o quotidiano de Roma e, até, em certa medida, o do seu império:

*Prima salutantes atque altera conterit hora,  
exercet raucos tertia causidicos,  
in quintam uarios extendit Roma labores,  
sexta quies lassus, septima finis erit,  
sufficit in nonam nitidis octava palaestris,  
imperat extractos frangere nona toros:  
hora libellorum decima est, Eupheme, meorum,  
temperat ambrosias cum tua cura dapes  
et bonus aetherio laxatur nectare Caesar  
ingentique tenet pocula parca manu.  
tunc admitte iocos: gressu timet ire licenti  
ad matutinum nostra Thalia Iouem. (4.8)<sup>404</sup>*

*(A primeira hora e a seguinte desgasta os saudadores,  
a terceira empenha os roucos advogados,*

---

<sup>401</sup> De Roma diria Jeremy Paterson: "No other city in antiquity was larger and only a very few even approached being in the same league." (J. Paterson 1997 (1998 reprint): 183-184), e Andrew Wallace-Hadrill: "Rome was a phenomenon among ancient cities." (A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 43).

<sup>402</sup> Labirintos físicos, decorrentes de uma cidade que cresce desenfreadamente, mas, também, como salientam João Manuel Torrão e António Manuel Lopes de Andrade, dédalos sociais e enleios pessoais (cf. J. M. Torrão e A. M. L. Andrade 2008: 63-80).

<sup>403</sup> A este propósito registaria Séneca, no seu diálogo *Ad Helviam Matrem de Consolatione*, 6.2: "Aspice aedum hanc frequentiam, cui uix urbis immensae tecta sufficiunt; maxima pars istius turbae patria caret."; rematando, em 6.3: "nullum non hominum genus concucurrit in urbem et uirtutibus et uitiis magna pretia ponentem.".

<sup>404</sup> Vide, também, 1.108, 8.67 e 10.48.

*até à quinta prolonga Roma os seus vários labores,  
a sexta trará repouso aos fatigados e a sétima o seu fim,  
a oitava até à nona basta aos luzentes ginásios  
e a nona manda que se abatam os leitos preparados.  
A hora dos meus livrinhos é a décima, Eufemo,  
quando, com teu zelo, se prepara a ambrósia e o banquete  
e o nobre César se deixa relaxar pelo néctar celeste,  
ao erguer, na mão possante, uma taça modesta.  
Acolhe, então, estes gracejos: a minha Talia receia mostrar-se,  
com passo ousado, a um Júpiter madrugador.).*

É forçoso aquiescer, porém, a John Spaeth: não foi programático o papel que coube ao quotidiano nos *Libri* de Marcial, e, à exceção deste epigrama 4.8, não existem outros em que acompanhe os seus patrícios pelas vinte e quatro horas de um dia<sup>405</sup>. Acima de tudo — adianta o classicista — “he has furnished us lively epigrams with multifarious facts concerning the life of his day, and offers us a challenge to patch them together into as continuous a whole as we can”<sup>406</sup>.

Foi, enfim, a partir da turba fervilhante, circulando por ruas cada vez mais apertadas entre prédios e contemplando do *Forum* o esplendoroso Palatino, que construiu Marcial a sua obra, à semelhança de um diamante lapidado, cujas faces desvelassem as diferentes facetas da realidade.

### 1.1. No Palatino

A partir da Urbe, o Palatino constituiria, de entre todas as colinas de Roma, aquela para onde, certamente, mais se elevaria o olhar do poeta, pela sua privilegiada posição geográfica, mas, sobretudo, política: as *plurimae imagines* de

---

<sup>405</sup> Cf. J. W. Spaeth, Jr. 1924: 90.

<sup>406</sup> *Ibidem*: loc. cit..

Domiciano, ladeando o *sacrum cliuum*<sup>407</sup>, lembravam os mais distraídos dos concidadãos de Marcial que, muito embora, permeando o aurífero e o inigualável, ainda aí residissem alguns detentores de *excelsas domus*, a exemplo de Próculo:

*Vade salutatum pro me, liber: ire iuberis  
ad Proculi nitidos, officiose, lares.  
quaeris iter, dicam. uicinum Castora canae  
transibis Vestae uirgineamque domum;  
inde sacro ueneranda petes Palatia cliuo,  
plurima qua summi fulget imago ducis.  
nec te detineat miri radiata colossi  
quae Rhodium moles uincere gaudet opus.  
flecte uias hac qua madidi sunt tecta Lyaei  
et Cybeles picto stat Corybante tholus.  
protinus a laeua clari tibi fronte Penates  
atriaue excelsae sunt adeunda domus.  
hanc pete: ne metuas fastus limenque superbum:  
nulla magis toto ianua poste patet,  
nec proprior quam Phoebus amat doctaeque sorores.  
si dicet 'quare non tamen ipse uenit?'  
sic licet excuses: 'quia qualiacumque leguntur  
ista, salutator scribere non potuit'. (1.70)*

*(Vai, ó livro, saudar em vez de mim: ordeno-te que vás,  
serviçal, até à resplendente morada de Próculo.  
Queres saber o caminho; vou indicar-to. O templo de Castor, vizinho  
da antiga Vesta, tu atravessarás e a casa das virgens;  
daí dirigir-te-ás ao venerando Palatino pela ladeira sagrada,  
ao longo da qual brilham muitas imagens do supremo príncipe.  
E não te detenham os raios do admirável colosso,  
que se compraz em vencer no volume a obra de Rodes.  
Muda de direcção onde está o monumento do ébrio Lieu  
e onde está a cúpula de Cíbele com um coribante pintado.  
Logo à esquerda te fica a fachada dos ilustres Penates,  
e deves aproximar-te do átrio da sublime mansão.  
Dirige-te para ela. Não temas o luxo ou um limiar arrogante:  
não há porta mais aberta do que todo este umbral,  
e nenhuma que Febo e as suas doudas irmãs amem mais de perto.  
Se ele disser: 'Mas porque não veio ele próprio?'*

---

<sup>407</sup> Vide, também, 4.78.



*assim me debes desculpar: 'Porque, seja qual for a apreciação  
destes versos, quem vem saudar não os teria podido escrever.'*),

esta era cada vez menos a morada dos homens<sup>408</sup>, e cada vez mais a morada dos deuses, mormente, desse *summi ducis*, a quem ousou apelidar de *nostro Tonante* (nosso Tonante), em 7.56.4, ou de *Palatinum Tonantem* (Tonante palatino), em 9.86.7, colocando-o em paralelo com o próprio Júpiter.

### 1.1.1. A ação dos césaes

Muito embora tenha sido Domiciano, por excelência, o *princeps* do poeta, e conquanto coubesse a Tito a primazia de lhe ter conhecido a obra e de lhe haver reconhecido o mérito, de Calígula (de Cláudio, pelo menos, seguramente) a Trajano, foram bastantes os césaes de Marcial, e sobre as suas ações, que tanto influenciariam o quotidiano de Roma e dos Romanos, se haveria de demorar o epigramatista.

#### 1.1.1.1. Augusto

Augusto que, para Marcial, mais que o promotor, era, metonimicamente, o símbolo da *Aurea Aetas* de Roma e, conseqüentemente, da literatura latina, foi apontado, nos *Libri*, como uma referência para a ação dos seus sucessores.

Tito, segundo Marcial, pôde inspirar-se no primeiro dos *principes* e superá-lo, por ocasião da inauguração do Anfiteatro Flávio:

*Augusti labor hic fuerat committere classes  
et freta nauali sollicitare tuba.  
Caesaris haec nostri pars est quota? uidit in undis  
et Thetis ignotas et Galatea feras;*

---

<sup>408</sup> Cf. G. Carettoni 1987: 776 *apud* I. Graça 2011: 65.

*uidit in aequoreo feruentes puluere currus  
et domini Triton isse putauit equos:  
dumque parat saeuis ratibus fera proelia Nereus,  
horruit in liquidis ire pedestris aquis.  
quidquid et in Circo spectatur et Amphitheatro,  
id diues, Caesar, praestitit unda tibi.  
Fucinus et diri<sup>409</sup> taceantur stagna Neronis:  
hanc norint unam saecula naumachiam. (Sp. 34)*

*(A obra de Augusto, aqui, consistiu em fazer recontros de frotas  
e em agitar as vagas com a tuba marinha.  
Mas que é isso perante as empresas do nosso César? Nas ondas viu  
Tétis, e também Galateia, monstros desconhecidos;  
na rebentação da água, carros efervescentes viu-os  
Tritão e cuidou que haviam passado os cavalos do seu senhor.  
E, quando aparelhava ferozes combates entre terríveis navios, Nereu  
sentiu arrepios ao percorrer a pé as límpidas águas.  
Tudo quanto no circo e no anfiteatro se pôde ver  
outro tanto a engenhosa onda, César, em tua honra excedeu.  
Calem-se o Fúcano e os lagos do sinistro Nero:  
as gerações futuras recordarão somente esta batalha naval.).*

Mas, apesar de todo o encómio que lhes vota, o epigramatista pressentia serem os sucessores de Augusto meras sombras, não se atrevendo, portanto, a grandes comparações. Ousaria, no entanto, lançar a Nerva um desafio. Se o primígeno dos Nerva-Antoninos, constituía, depois de Domiciano, uma esperança de renovação e triunfo, qual, no seu tempo, Augusto pudera ser, talvez o eco das palavras de Marcial se pudesse, de facto, concretizar e novo golpe de Vénus coubesse em sorte aos poetas, aos bons poetas, sobretudo:

*Non urbana mea tantum Pipleide gaudent  
otia nec uacuis auribus ista damus,  
sed meus in Geticis ad Martia signa pruinis  
a rigidio teritur centurione liber,  
dicitur et nostros cantare Britannia versus.  
quid prodest? nescit sacculus ista meus.*

---

<sup>409</sup> À semelhança da opção do tradutor foi, também, *diri* a lição seguida, segundo a proposta de Daniel Heinsius.

*at quam uicturas poteramus pangere chartas  
quantaque Pieria proelia flare tuba,  
cum pia reddiderint Augustum numina terris,  
et Maecenatem si tibi, Roma, darent! (11.3)*

*(A minha Pimpleide não agrada apenas aos ociosos  
da cidade, nem eu a dirijo a ouvidos desocupados,  
pois, nas neves dos Getas e sob as insígnias de Marte,  
o meu livro é folheado amiúde pelo duro centurião  
e até se diz que a Britânia canta os meus versos.  
E que me aproveita? A minha bolsa ignora tais coisas.  
Mas quantas páginas imorredouras poderia eu compor  
e quantas batalhas com a tuba da Piéria entoar,  
se, depois de restituírem Augusto ao mundo, os deuses  
benfazejos te concedessem, Roma, também um Mecenas!).*

Porém, ainda que nova *Aurea Aetas* se não repetisse, Augusto permaneceria uma referência para Marcial e não apenas pela literatura que, sob a sua égide, promoveu, mas, também, pela que ele próprio produziu, ou não tivesse sido o primeiro *princeps* um poeta e, para mais, um poeta de epigramas:

*Caesaris Augusti lasciuos, liuide, uersus  
sex lege, qui tristis uerba Latina legis:  
'quod futuit Glaphyran Antonius, hanc mihi poenam  
Fulvia constituit, se quoque uti futuam.  
Fuluiam ego ut futuam? quid si me Manius oret  
pedicem? faciam? non puto, si sapiam.  
"aut futue; aut pugnemus" ait. quid quod mihi uita  
carior est ipsa mentula? signa canant!'  
absoluis lepidos nimirum, Auguste, libellos,  
qui scis Romana simplicitate loqui. (11.20)*

*(Ora lê, meu invejoso, estes seis versos lascivos de César Augusto,  
tu que franzes a testa quando certas palavras latinas lês:  
«Lá porque António fodeu Gláfira, esta pena Fúlvia  
me fixou a mim: que também a foda eu.  
Mas Fúlvia hei-de eu foder? E se Mânio me pedisse  
para lhe ir à peida? Havia eu de ir? Não creio, se miolo tiver.  
"Ou fodes ou vamos à porrada!" — diz ela. E agora, se a pichota  
eu prezo mais do que a própria vida? Ressoem as trombetas!»  
Absolverás, pela certa, os meus graciosos livrinhos, Augusto,  
tu que sabes falar com simplicidade bem romana.).*

### 1.1.1.2. Nero

Nero, esse *princeps* que, com a sua ambição alucinadamente desmedida, defraudou, com as de Roma, as expectativas do poeta foi apresentado, logo no *Liber de Spectaculis*, como o *feri regis*, cuja ação devastadora esperavam os Romanos poder ser dirimida pelos Flávios:

*Hic ubi sidereus propius uidet astra colossus  
et crescunt media pegmata celsa uia,  
inuidiosa feri radiabant atria regis  
unaque iam tota stabat in urbe domus.  
hic ubi conspicui uenerabilis Amphitheatri  
erigitur moles, stagna Neronis erant.  
hic ubi miramur uelocia munera thermas,  
abstulerat miseris tecta superbus ager.  
Claudia diffusas ubi porticus explicat umbras,  
ultima pars aulae deficientis erat.  
reddita Roma sibi est et sunt te praeside, Caesar,  
deliciae populi, quae fuerant domini. (Sp. 2)*

*(Aqui, onde o colosso radiante mais de perto os céus contempla  
e onde se elevam, no meio da Via, soberbas maquinarias,  
odiosos brilhavam os átrios do fero tirano  
e um único palácio se erguia então em toda a cidade;  
aqui, onde, bem visível, do majestoso anfiteatro  
se projecta o edifício, ficavam os lagos de Nero;  
aqui, onde admiramos as termas, célere benesse,  
aos pobres o tecto arrebatara um arrogante parque;  
onde o pórtico de Cláudio estende as vastas sombras,  
a derradeira ala do palácio se extinguiu.  
Restituída a si mesma foi Roma e sob o teu governo, César,  
São do povo as delícias que só do tirano eram.).*

Com efeito, a Nero nem a sua paixão pelas artes pôde redimi-lo, se, também neste particular, deixou que se sobrepusesse a sua loucura:

*Barbatus rigido nupsit Callistratus Afro  
hac qua lege uiro nubere uirgo solet.  
praeluxere faces, uelarunt flammea uultus,  
nec tua defuerunt uerba, Thalasse, tibi.*

*dos etiam dicta est. nondum tibi, Roma, uidetur  
hoc satis? expectas numquid ut et pariat? (12.42)<sup>410</sup>*

*(O barbudo Calístrato desposou o robusto Afro  
segundo a lei que une uma donzela a um homem.  
Acenderam-se tochas, cobriu-se o rosto com o véu,  
e nem te faltaram os teus cantos, Talassião.  
Fixou-se até o dote. Não te parece, Roma,  
que já chega? Esperas, se calhar, que ele até dê à luz?).*

### 1.1.1.3. Vespasiano

Muito embora não pudesse já aproveitar ao poeta a lisonja ao primeiro dos Flávios, Marcial adulou Vespasiano e tê-lo-á feito por duas ordens de razões: por um lado, havia, com certeza, uma genuína gratidão pela mudança que incutiu nos destinos de Roma, conquanto o almejado olhar sobre os poetas nunca tenha surtido o desejado efeito; por outro, como no-lo recorda Cristina de Sousa Pimentel, sendo pai de Tito e de Domiciano e o precursor de uma nova *domus Caesarea*, a *adulatio* a Vespasiano, que colocasse em destaque (as suas e as dos seus herdeiros) glórias militares e políticas, tornou-se uma inevitabilidade<sup>411</sup>:

*Creta dedit magnum, maius dedit Africa nomen,  
Scipio quod uictor quodque Metellus habet;  
nobilius domito tribuit Germania Rheno,  
et puer hoc dignus nomine, Caesar, eras.  
frater Idumaeos meruit cum patre triumphos,  
quae datur ex Chattis laurea, tota tua est. (2.2)*

*(Creta deu um grande nome, maior deu a África,  
o que Cipião, vencedor, possui e o que possui Metelo.  
Um mais nobre concedeu a Germânia, subjugado o Reno,  
e tu, César, ainda jovem, eras digno deste nome.  
Teu irmão mereceu, com teu pai, o triunfo sobre os Idumeus.  
Mas o louro dado pelos Catos é teu por inteiro.).*

---

<sup>410</sup> Vide, também, 11.6.

<sup>411</sup> Cf. C. S. Pimentel 1993: 12.

#### 1.1.1.4. Tito

A magnificência dos jogos oferecidos por Tito, que, por cem dias e quase ininterruptamente, celebraram a inauguração do Anfiteatro dos Flávios, não apenas instigaria o dealbar dos *Libri* de Marcial, como deixaria, no poeta, uma admiração profunda pelo autor de semelhante proeza. A *adulatio* que Marcial consagrou a Tito caracterizou-se pela preocupação de vincar uma rutura: dos tempos, porque pretendia demarcar aquele momento extraordinário, relativamente à *longaeva uetustas*; das circunstâncias, porque as presentes pertenciam ao domínio da realidade, as precedentes ao da fantasia:

*Iunctam Pasiphaen Dictaeo credite tauro:  
uidimus, accepit fabula prisca fidem.  
nec se miretur, Caesar, longaeva uetustas:  
quidquid Fama canit, praestat harena tibi. (Sp. 6)<sup>412</sup>*

*(Acreditem que Pasífae se uniu ao touro de Dicte:  
vimo-lo — e a velha fábula ganhou autoridade.  
De si não pasme, César, a vetusta antiguidade:  
tudo quanto a fama canta, para ti a arena o reproduz.).*

E é este cunho humano, que ganham, pela representação, na arena de Tito, os mitos e as fábulas ancestrais, que permite, numa disputa, o triunfo deste sobre o próprio Júpiter:

*Vexerat Europen fraterna per aequora taurus:  
at nunc Alciden taurus in astra tulit.  
Caesaris atque Iouis confer nunc, Fama, iuuencos:  
par onus ut tulerint, altius iste tulit. (Sp. 19)*

*(Um touro havia carregado Europa através de águas fraternas,  
mas hoje um touro projectou Alcides até aos céus.  
Compara agora, fama, o novilho de César e o de Júpiter:  
terão levado um peso semelhante, mas este levou-o mais alto.).*

---

<sup>412</sup> Vide, também, Sp. 7, Sp. 8, Sp. 24, Sp. 32.

A *adulatio* ao *princeps* culmina, inclusivamente, na deificação de Tito, ante cuja majestade até as próprias feras se curvariam<sup>413</sup>:

*Quod pius et supplex elephas te, Caesar, adorat  
hic modo qui tauro tam metuendus erat,  
non facit hoc iussus, nulloque docente magistro:  
crede mihi, nostrum sentit et ille deum.* (Sp. 20)

(Lá porque piedoso e suplicante, César, um elefante se dobra a teus pés,  
— o mesmo que, pouco antes, pavor tamanho incutia num touro —,  
não o faz ao mando nem por instrução de qualquer domador:  
crê em mim, também ele sente a presença do nosso deus.).

A verdade é que, remanesca por detrás da *adulatio* que a Tito o poeta pudesse oferecer, um *princeps* reconhecidamente capaz.

Em Sp. 23, por ocasião do *dulce ingenium*<sup>414</sup> (*benévolo engenho*) demonstrado na resolução da querela entre as claques de Mírino e Triunfo, Marcial apelidou-o de *inuicti principis*<sup>415</sup> (*príncipe invencível*), porém, esta designação não deixa de aludir a esse homem que, detendo o poder sobre a vida dos outros — dentro da arena<sup>416</sup> ou num campo de batalha<sup>417</sup> ou mesmo sob o jugo do seu principado<sup>418</sup> —,

---

<sup>413</sup> O poeta do real, levado pelo espetáculo não menos que pela vontade de agradar a Tito, hiperboliza um comportamento do animal, que havia, obviamente, sido treinado. Aqui, a convenção da *adulatio*, mas, também, a intromissão da dedicatória épica deixaram, claramente, a sua marca.

<sup>414</sup> Sp. 23.4.

<sup>415</sup> Sp. 23.4.

<sup>416</sup> Depois de qualquer recontro na arena, era na mão do *princeps* que residia, para o vencido, a esperança da vida, que lhe garantiria um *munus sine missione*. Marcial retrata, metaforicamente, até, esta realidade, na salvação de Leandro, em Sp. 28, ou na da gazela de Sp. 33. O *princeps* possuía, ainda, a autoridade para conceder, além das *palmas* (*a palma da vitória*) que premiavam o vencedor, as *rudes* (*a vara da dispensa*) que lhe permitissem a honra da reforma, como sucedeu com Prisco e Vero, em Sp. 31. Contudo, um César justo não se coibia das mais severas condenações, se o crime o exigisse:

*Laeserat ingrato leo perfidus ore magistrum,  
ausus tam notas contemnerare manus;  
sed dignas tanto persoluit crimine poenas,  
et qui non tulerat uerbera, tela tulit.*

procurava, sempre e para bem de Roma, escudar-se no seu engenho e na sua invencibilidade.

Assim, seria expectável, que, quer na Urbe quer pelo orbe, em contexto festivo ou fora dele, Tito pudesse granjear uma universal aclamação (que transcendia Marcial, mas que este bem soube aproveitar):

*Quae tam seposita est, quae gens tam barbara, Caesar,  
ex qua spectator non sit in urbe tua?  
uenit ab Orpheo cultor Rhodopeius Haemo,  
uenit et epoto Sarmata pastus equo,  
et qui prima bibit deprensi flumina Nili,  
et quem supremae Tethyos unda ferit;  
festinauit Arabs, festinauere Sabaei,  
et Cilices nimbis hic maduere suis.  
crinibus in nodum tortis uenere Sygambri,  
atque aliter tortis crinibus Aethiopes.  
uox diuersa sonat populorum, tum tamen una est,  
cum uerus patriae diceris esse pater. (Sp. 3)*

*(Que terra haverá tão remota, que gente tão bárbara, César,  
da qual um espectador não se ache na tua cidade?)*

---

*quos decet esse hominum tali sub principe mores,  
qui iubet ingenium mitius esse feris! (Sp. 12)*

*(Um pérfido leão, de boca ingrata, ferido tinha o domador  
e ousara manchar de sangue mãos tão familiares.  
Purgou, porém, uma pena digna de tamanho crime;  
e ele, que não quisera sofrer o chicote, sofreu os dardos.  
Assim devem ser os costumes dos homens sob o governo de um tal príncipe,  
que obriga a amansar a própria natureza das feras.).*

<sup>417</sup> Antes mesmo de assumirem, em Roma, o principado, os Flávios já se haviam destacado pelas glórias militares alcançadas. A Tito, durante a governação de seu pai, coube, como refere o epigrama 2.2, o derradeiro triunfo sobre Jerusalém.

<sup>418</sup> Tito procurou, seguindo de perto as ações de Vespasiano, pautar pela justiça a sua governação sobre o *Caput Mundi*. De entre os seus contributos mais notáveis para o história do principado romano, Marcial salientaria dois: a restituição de Roma a si própria, segundo *Sp. 2*, possível pela derradeira transformação da *Domus Aurea* e da sua colossal estátua — esta, tomando, o rosto do Sol, aquela, dando lugar não apenas ao Anfiteatro dos Flávios, mas, também, às Termas de Tito; e o pleito contra a (quantas vezes tão injusta e sempre perigosa) delação, assim documentam *Sp. 4* e *Sp. 5*.



*Veio o habitante de Ródope, do órfico Hemo,  
veio ainda o Sárмата, saciado em sangue de cavalo,  
e o que à nascente, as linfas bebe do Nilo descoberto  
e o que a vaga da derradeira Tétis vem bater;  
acorreu o Árabe, acorreram os Sabeus,  
e os Sílices nas nuvens do seu açafraão aqui se embeberam.  
De cabelos enrolados em nó, vieram os Sigambros,  
e também os Etiopes, de cabelos doutra sorte entrançados.  
Diversa ressoa a língua destes povos; contudo, é uma só,  
quando verdadeiro pai da pátria te proclama.).*

#### 1.1.1.5. Domiciano

O maior lucro da atenção que, nos seus *Libri*, dispensaria Marcial a Domiciano, redundaria no facto de eles poderem somar-se às demais fontes que documentam a vida deste *princeps*: o poeta registou, através dos seus epigramas, desde episódios da vida privada a medidas públicas, passando pela sua carreira política e militar<sup>419</sup>.

Um grande cuidado, porém, se exige na leitura destes epigramas em particular, tão grande quanto o lucro que deles se procure obter. Com efeito, com nenhum outro *princeps* foi Marcial tão desmedido no louvor, nem tão recatado na crítica; a realidade da turba a nenhum outro ocultaria, nem de nenhum outro, perante Roma, omitiria a verdade. Segundo Kathleen M. Coleman, as *Siluae* de Estácio espelham a literatura de uma sociedade subjugada ao César<sup>420</sup>; Marcial, por ter por seu socorro o epigrama, promoveu um jogo de espelhos e, entre a adulação interessada e bajulações ora programáticas ora a pender para o exagero do

---

<sup>419</sup> Cf. B. W. Jones 1992: 37.

<sup>420</sup> Cf. K. M. Coleman 2003: 12.

ridículo, desvelou, através da literatura, uma sociedade à mercê do seu imperador<sup>421</sup>.

Nos *Libri*, a primeira referência ao *princeps* surge, na *captatio benevolentiae*, em que consiste 1.4:

---

<sup>421</sup> Na esteira de Paolo Tremoli, José Luís Lopes Brandão considera, mesmo, “que Marcial não tinha uma verdadeira alma de adulator” (J. L. L. Brandão 1998(b): 146). Ademais, considerando que, como muito bem documentou com o seu estudo *A Adulatio em Marcial* Cristina de Sousa Pimentel, Domiciano não foi o único que granjeou o louvor de Marcial (cf. C. S. Pimentel 1993), e relacionando este dado com os efetivos proventos que conseguiu obter da *domus Caesarea* o epigramatista, tudo aparentemente se encaminha para uma óbvia conclusão: “Parece-nos existir, em muitos epigramas, mais ironia que adulação.” (J. L. L. Brandão 1998(b): 146) — e, se mais ironia não houve, tê-la-á tolhido o receio. Porém, revela-se forçoso aquiescer com Cristina de Sousa Pimentel: “Relativamente à adulação, julgo pertinente lançarmos as seguintes questões: Marcial adulou porque quis adular, uma vez que admirava o *princeps* e a época em que vivia? Ou tê-lo-á feito porque lhe era necessária e conveniente essa atitude para alcançar a fama e, em última instância, sobreviver? Adiantando uma resposta, e sem prejuízo do debate que estas perguntas possam suscitar, direi que, quanto mais leio os Epigramas e estudo a época dos Flávios e o dealbar da dos Nerva-Antoninos, mais me parece que a poesia de Marcial deixa transparecer a simbiose entre dois sentimentos: a admiração pela obra feita pelos *principes* e pela expressão do seu poder, e o desejo, afinal bem compreensível, de assegurar a sua própria fama e garantir o pão de cada dia. Nos seus louvores, Marcial procede segundo um esquema de círculos que, em termos de poder e influência, progressivamente se afastam de um centro, obviamente ocupado pelos *principes* sob quem escreveu, Tito, Domiciano, Nerva e Trajano, alvos preferenciais da sua poesia, incluindo nessa galáxia de astros também os membros da família imperial já desaparecidos, em culto rendido a quem fora transformado em *diuus*.” (Idem 2012: 127). Ora, que Marcial admirou as criações dos *principes* (e graças ao seu caráter conservador, algumas das mais controversas, até) parece ser tão óbvio que muitas vezes delas fez o objeto da sua poesia. Não significa isto que tenha admirado, na mesma proporção, os seus criadores, ainda que a todos tenha adulado, direta e indiretamente, e acima de qualquer deles Domiciano. Concluiria, também, Cristina de Sousa Pimentel: “Naquele que, na expressão feliz de Jean-Luc Hennig, era o ‘carnet d’adresses’ de Marcial, alguns nomes parecem ser mais importantes que outros, tendo em vista o objectivo primeiro da adulação, e esses são os que gozavam de uma maior proximidade do imperador, os que partilhavam da sua intimidade e, por isso, se encontravam em posição de o recomendar e proteger. O poeta faz uma abordagem sistemática e quase exaustiva dos *ministri*, *pueri*, amigos e conselheiros de Domiciano, ensaia todas as técnicas e experimenta todos os recursos, umas vezes com sucesso, outras em vão, tanto quanto podemos depreender da presença repetida ou do desaparecimento dos nomes a quem se dirige ou refere. No entanto, é um só o patrono que deseja tocar, um único o farol que deseja por guia: Domiciano. É nele que tudo aposta, dos mais leves elogios às mais servis louvaminhas, não hesitando em enaltecer todos os seus actos e determinações. Se até 96 a recompensa foi, sem dúvida, escassa, nesse ano do assassinio do último Flávio Marcial colheu os mais amargos frutos que a sua arte semeara. Obrigado a desdizer-se e a contradizer-se, empurrado para o limbo da fama e do reconhecimento, sem futuro e com o peso de um passado embaraçoso, a vida em Roma tornou-se-lhe agreste e revelou-se no mais fundo desencanto de trinta e quatro anos de fadigas e humilhações.” (Idem 2004: 30).

*Contigeris nostros, Caesar, si forte libellos,  
terrarum dominum pone supercilium.  
consuevere iocos uestri quoque ferre triumphi,  
materiam dictis nec pudet esse ducem.  
qua Thymelen spectas derisoremque Latinum,  
illa fronte precor carmina nostra legas.  
innocuos censura potest permittere lusus:  
lasciua est nobis pagina, uita proba.*

*(Se por acaso, César, pegares nos meus epigramas,  
desfranze o cenho que governa o mundo.  
Também os teus triunfos estão habituados a suportar gracejos,  
nem se envergonha o general de ser assunto de anedotas.  
Tal como assistes à exibição de Tímele e do cómico Latino,  
com os mesmos olhos te peço que leias meus poemas.  
A censura pode permitir gracejos inocentes:  
a minha página é licenciosa; a vida, honesta.).*

Marcial pretendia que, à semelhança de Tito (ou de forma mais declarada, ainda, se possível), também o irmão atentasse na sua poesia (e no próprio poeta): então, adulou-o, alonjando convenientemente a sua humildade desse *terrarum dominum supercilium*, para, logo, naquele pedido, *pone*, procurar promover uma reaproximação. Aliás, general que era e triunfante, estaria Domiciano familiarizado com o tom dos *carmina triumphalia*, e apreciador sabido da brejeirice dos mimos de Tímele e de Latino, o *princeps* não poderia estranhar a linguagem do epigrama de Marcial. Perpassa, contudo, pelo louvor, que, num relance, já engrandeceu o senhor do *Caput Mundi*, celebrou o militar vitorioso, memorou o espírito tolerante e, mesmo, descontraído, a sombra da austeridade e da censura, que resultariam num extraordinário *fulmen*, dos melhores de uma *apologia pro opere suo* e, mais, sob tal governo, *pro uita sua*.

E, pela ocasião da publicação do *Liber Primus*, cerca de quatro anos, apenas, havia o mando do último dos Flávios, que, para que se completasse, teria de contar mais dez, ao longo dos quais se foi, sem proveito próprio (só a esperança nele) e com razões em diminuendo, inflamando a *adulatio*.

Principiaria por celebrar Domiciano e os seus triunfos militares, rememorando uma votiva naumaquia, e fazendo por revelar a bonomia do *princeps* perante os seus versos:

*Do tibi naumachiam, tu das epigrammata nobis:  
uis, puto, cum libro, Marce, natate tuo. (1.5)*

*(Dou-te uma batalha naval, tu epigramas me dás:  
queres, julgo eu, Marco, com teu livro nadar.).*

Depois, evocando uma comemoração na arena, Marcial faria o imperador bater-se com Júpiter, sem que este conseguisse, na *clementia* inspirada aos animais, levar qualquer vantagem sobre aquele:

*Aetherias aquila puerum portante per auras  
illaesum timidis unguibus haesit onus:  
nunc sua Caesareos exorat praeda leones  
tutus et ingenti ludit in ore lepus.  
quae maiora putas miracula? summus utrisque  
auctor adest: haec sunt Caesaris, illa Iouis. (1.6)<sup>422</sup>*

*(Quando a águia levava o menino pelas etéreas brisas,  
o peso dele pendia, incólume, das temerosas garras.  
Agora, aos leões de César, demove-os a sua presa  
e, em segurança, brinca na enorme boca, uma lebre.  
Qual destes prodígios julgas tu maior? A cada um  
preside um autor supremo: os leões são de César; a águia, de Jove.).*

E, até ao seu *Liber Decimus* não mais se susteriam as *blanditiae* dirigidas a Domiciano<sup>423</sup>, a quem todos os *Libri* seriam oferecidos<sup>424</sup>, ainda que, apenas no *Quintus* e no *Octauus*, surja a dedicatória expressa ao *princeps*.

---

<sup>422</sup> Vide, também, 1.14, 1.22, 1.44, 1.48, 1.51, 1.60 e 1.104.

<sup>423</sup> Entre outros classicistas, detem-se John Garthwaite sobre a *adulatio* votada por Marcial a Domiciano, mormente, em *Domitian and the court poets Martial and Statius* (J. Garthwaite 1978), “The Panegyrics of Domitian in Martial, Book 9” (J. Garthwaite 1993: 78-102), ou “Putting a Price on Praise: Martial's Debate with Domitian in Book 5” (J. Garthwaite 1998(a): 157-172).

<sup>424</sup> Cristina de Sousa Pimentel salienta, até, o facto de a dedicatória do *Liber Sextus* a Júlio Marcial se tratar de um brilhante expediente, pela sugestão de poder oferecê-lo mais polido ao *princeps*,

O *Liber Decimus* do poeta, o último editado em vida de Domiciano e o único que sentiu necessidade de reeditar após a sua morte<sup>425</sup>, encerra, na inconexão da sua forma final a dualidade de um poeta que, vergado pelas convenções, elogia e reprova. A verdade desta postura não se alonja, porém, dos *Libri*, muito embora exija atenção e cuidado para se deixar ler, por exemplo, num epitáfio sentido e dedicado a Páris, que a ira e o ciúme de Domiciano tolheram cedo demais dos palcos de Roma, mas que só o *Liber Vndecimus* poderia, já sem sustos, trazer a lume:

*Quisquis Flaminiam teris, uiator,  
noli nobile praeterire marmor.  
urbis deliciae salesque Nili,  
ars et gratia, lusus et uoluptas,  
Romani decus et dolor theatri  
atque omnes Veneres Cupidinesque  
hoc sunt condita, quo Paris, sepulchro. (11.13)*

*(Sejas quem fores, viajante que trilhas a via Flaminia,  
não passes ao largo deste mármore ilustre.  
As delícias da cidade e o sal do Nilo,*

---

depois de cuidadosamente revisto pelo amigo (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. II: 11).

<sup>425</sup> A primeira edição do *Liber Decimus* data de 96 e vem a lume, *pari passu*, com o assassinio de Domiciano. Embora se tenha perdido, à semelhança do que sucedera, desde o *Liber Primus*, esta edição havia, certamente, sido elaborada sob e para o *princeps*, que, uma vez morto e votado à *damnatio memoriae*, poderia contaminar a obra e o seu poeta. Não admira, pois, que, logo no ano 98, uma edição revista do *Liber* haja sido publicada. E, conquanto o epigramatista escude a sua ação sob o signo da busca da perfeição poética:

*Festinata prius, decimi mihi cura libelli  
elapsum manibus nunc reuocauit opus.  
nota leges quaedam sed lima rasa recenti;  
pars noua maior erit: lector, utrique faue, (10.2.1-4)*

*(Apressada na inicial, a edição do meu décimo livrinho  
agora me obriga a rever a obra que das mãos se escapou.  
Conhecidos são já alguns carmes que lerás, mas polidos com recente lima;  
a maioria será nova. Leitor, a uns e outros concede o teu favor),*

é bem diversa a verdade. Contudo, condenar-lhe a atitude seria quase cruel: não era ele, afinal, mais que um *cliens*, em busca da sobrevivência, e um poeta, vergado às convenções?

*a arte e a fineza, o gracejo e o prazer,  
a honra e o pesar do teatro romano,  
as Graças e Amores todos reunidos  
neste sepulcro estão, onde Páris jaz.),*

o mesmo sucedendo com a verdade sobre as vitórias viciadas dos Verdes nas corridas de carros — evidente vigarice, mas principesca, e que deveria, portanto, ser silenciada, sobretudo sob o mando de tiranos, fosse Domiciano fosse Nero, com quem é aquele identificado<sup>426</sup>:

*Saepius ad palmam prasinus post fata Neronis  
peruenit et uictor praemia plura refert.  
i nunc, liuor edax, dic te cessisse Neroni:  
uicit nimirum non Nero, sed prasinus. (11.33)*

*(Depois da morte de Nero, mais amiúde o cocheiro dos Verdes  
a palma alcança e a vitória mais prémios lhe dá.  
Anda agora, inveja roaz, diz lá que perdias para Nero:  
não era por certo Nero o vencedor, mas o cocheiro dos Verdes.).*

Seria, inegavelmente, após a morte do *princeps* que Marcial se demarcaria, em definitivo, da esfera de Domiciano e censuraria, sem meias palavras, a sua postura e as suas ações:

*Quidquid Parrhasia nitebat aula  
donatum est oculis deisque nostris.  
miratur Scythicas uirentis auri  
flammas Iuppiter et stupet superbi  
regis delicias grauesque luxus:  
haec sunt pocula quae decent Tonantem,  
haec sunt quae Phrygium decent ministrum.  
omnes cum Ioue nunc sumus beati;  
at nuper — pudet, ah pudet fateri —  
omnes cum Ioue pauperes eramus. (12.15)*

*(Tudo quanto refulgia no palácio parrásio  
foi dado aos nossos olhos e aos deuses.*

---

<sup>426</sup> Em nota à tradução do epigrama, Cristina de Sousa Pimentel alerta, porém, para uma leitura alternativa do epigrama, em que é, de facto, ao tempo de Nero que se alude, e não, por comparação, ao de Domiciano (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2004: 83).

*Admirar as esmeraldas cítricas a verdejar no ouro  
pode agora Júpiter; e pasmar com os deleites  
e dispendiosos jogos do monarca arrogante.  
São estas as taças dignas de Tonante,  
são estas as dignas do copeiro frígio.  
Agora todos, com Jove, partilhamos a fortuna;  
mas há pouco — oh! vergonha é confessá-lo —  
todos, com Jove, a pobreza partilhávamos.).*

Postura e ações desonrosas, até, da memória dos restantes Flávios:

*Flauia gens, quantum tibi tertius abstulit heres!  
paene fuit tanti, non habuisse duos. (Sp. 37)<sup>427</sup>*

*(Dinastia Flávia, quanto valor te retirou o terceiro herdeiro!  
Quase mais valia que não houvesse tido os outros dois.).*

Haveriam, portanto, de refletir os *Libri Vndecimus* e *Duodecimus*, a supracitada reedição do *Decimus* e todas as dos demais *Libri* essa mudança que, em 10.72, aventaria o poeta — *dicturus dominum deumque non sum*<sup>428</sup> (Não hei-de dizer “nosso senhor e deus”) —, pois fora, na verdade, como admitiria, em 12.3(4), *sub principe duro / Temporibusque malis*<sup>429</sup> (sob um príncipe cruel / e quando os tempo eram maus,) que tinham transcorrido os últimos anos.

#### 1.1.1.6. Nerva

A ascensão de Nerva parece tê-la perspectivado Marcial como uma benesse para si próprio, confiado (e tanto que lhe dedica o seu nono livrinho) na influência que Parténio, seu velho conhecido, pudesse ter (e usar em benefício do poeta) junto do novo imperador:

---

<sup>427</sup> Salientou Cristina de Sousa Pimentel, em nota à tradução de *Sp.* 37, que, não antes de uma edição do século XVII, integrava este epigrama o *Liber de Spectaculis*, tratando-se, portanto, de um poema espúrio do *Liber*, provindo de um escólio a Juvenal (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 38).

<sup>428</sup> Vide 10.72.3.

<sup>429</sup> Vide 12.3(4).11-12.

*Quo tu, quo, liber otiose, tendis  
cultus Sidone non cotidiana?  
numquid Parthenium uidere? certe:  
uadas et redeas ineuolutus.  
libros non legit ille sed libellos;  
nec Musis uacat, aut suis uacaret.  
ecquid te satis aestimas beatum,  
contingunt tibi si manus minores?  
uicini pete porticum Quirini:  
turbam non habet otiosiore  
Pompeius uel Agenoris puella,  
uel primae dominus leuis carinae.  
sunt illic duo tresue qui reuoluant  
nostrarum tineas ineptiarum,  
sed cum sponsio fabulaeque lassae  
de Scorpo fuerint et Incitato. (11.1)*

*(Aonde vais tu? aonde, livro ocioso, te diriges  
todo elegante, nesta Sídón nada ordinária?  
Não irás tu visitar Parténio? Pela certa.  
Pois hás-de ir e voltar por desenrolar!  
Livros não os lê ele, mas petições apenas,  
nem para as Musas tem vagar, ou às suas o daria.  
Acharás, porventura, felicidade bastante  
se te calharem menos ilustres mãos?  
Vai até ao pórtico de Quirino, aqui vizinho:  
turba mais descontraída não a tem  
Pompeio ou a filha de Agenor  
ou o leviano capitão da primeira nau.  
Há por ali dois ou três amadores capazes  
de sacudir a traça às minhas ninharias,  
mas só quando as apostas e conversas  
sobre Escorpo e Incitato já cansarem.),*

e não menos como a oportunidade de liberdade de expressão por que ansiavam os seus escritos:

*Triste supercilium durique seuera Catonis  
frons et aratoris filia Fabricia  
et personati fastus et regula morum,  
quidquid et in tenebris non sumus, ite foras.  
clamant ecce mei 'Io Saturnalia' uersus:  
et licet et sub te praeside, Nerua, libet.*



*lectores tetrici salebrosum ediscite Santram:  
nil mihi uobiscum est: iste liber meus est. (11.2)*

*(Sobrolho carregado e sisuda fronte do austero  
Catão e filha de Fabrício, o lavrador,  
e tu, orgulho mascarado, e moral dos bons costumes  
e tudo quanto nas trevas não somos — fora daqui!  
Eis o que gritam meus versos: «Vivam as Saturnais!».  
É permitido e sob o teu governo é um prazer, Nerva.  
Decorai, severos leitores, as grosseiras obras de Santra;  
eu nada tenha a ver convosco: este livro é todo meu!).*

A verdade é que se esperava, com o primeiro dos Nerva-Antoninos, o fim do terror vivido sob o último dos Flávios, e, em uníssono, pediriam, por isso, poetas — Marcial e todos os outros —, bem como, inteira a *pia Roma* e seus *populi gentesque* longa vida ao *princeps* e que outros como ele se lhe seguissem<sup>430</sup>:

*Quae modo litoreos ibatis carmina Pyrgos,  
ite Sacra, iam non puluerulenta, uia.  
contigit Ausoniae procerum mitissimus aulae  
Nerua: licet tuto nunc Helicone frui:  
recta fides, hilaris clementia, cauta potestas  
iam redeunt; longi terga dedere metus.  
hoc populi gentesque tuae, pia Roma, precantur:  
dux tibi sit semper talis, et iste diu. (12.5(2+6,1-6))*

*(Íeis há pouco, ó carmes, para a costeira Pirgos,  
ide pela Sacra Via que de pó já se não cobre.  
Chegou ao sumo palácio ausónio o tão indulgente Nerva:  
agora em segurança se pode fruir do Hélicon.  
A boa-fé da lealdade, o sorriso da clemência, a cautela do poder  
estão agora de regresso; o longo Medo foi-se embora.  
Um voto fazem, pia Roma, os povos e as tuas gentes:  
tenhas sempre chefes destes, e este por longo tempo.).*

---

<sup>430</sup> Uma trágica ironia defraudaria, não tarde, este voto: o mando de Nerva ver-se-ia encurtado, por Láquesis, para dezasseis meses apenas, e Trajano não viria, apesar de tudo, a corresponder a este pedido que a *Vrbs* formulou, aqui, em 12.5(2+6,1-6).8, pela pena de Marcial. À semelhança de Marcial, no desfecho dos seus epigramas, também ao *Fatum* aprazia (e quantas vezes) um inesperado e surpreendente *fulmen* — aliás, talvez se deva reorganizar o período: pois não é a vida que se pauta pelo epigrama, mas Marcial que nela inspira o seu canto.

Com efeito, Nerva é adulado como o *princeps* que possui *recti reuerentia* [...] *et aequi* e, em virtude do seu carácter, mais do que outro algum, assim haveriam de reconhecer todos os vultos da Antiguidade, merecedor do lugar que ocupa:

*Tanta tibi est recti reuerentia, Caesar, et aequi  
quanta Numae fuerat: sed Numa pauper erat.  
ardua res haec est, opibus non tradere mores  
et, cum tot Croesos uiceris, esse Numam.  
si redeant ueteres, ingentia nomina, patres,  
Elysium liceat si uacuare nemus,  
te colet inuictus pro libertate Camillus,  
aurum Fabricius te tribuente uolet,  
te duce gaudebit Brutus, tibi Sulla cruentus  
imperium tradet, cum positurus erit,  
et te priuato cum Caesare Magnus amabit,  
donabit totas et tibi Crassus opes.  
ipse quoque infernis reuocatus Ditis ab umbris  
si Cato reddatur, Caesarianus erit. (11.5)<sup>431</sup>*

*(É tanto o respeito que tens, César, pela rectidão e pela justiça  
quanto o que Numa havia tido: todavia, Numa era pobre.  
É coisa difícil esta, de não acomodar os costumes às riquezas  
e de ser um Numa, quando tantos Cresos se superam.  
Se os nossos velhos pais, de grande renome, voltassem à terra,  
se fosse lícito despovoar os Bosques Elísios,  
receberias as honras de Camilo, invicto campeão da liberdade,  
Fabrício gostaria de aceitar o ouro que lhe desses,  
de servir às tuas ordens se agradaria Bruto, o cruel Sula  
te entregaria o governo, assim que resignasse,  
e Magno te amaria, juntamente com César, cidadão privado,  
e a ti outorgaria Crasso todas as suas riquezas.  
E se o próprio Catão, das infernais sombras de Dite  
regressasse também, partidário de César se tornaria.).*

E é, neste contexto de uma *adulatio*, que ensaia Marcial, em epopeico estilo elevado, uma invocação aos deuses, que parece, no entanto, encerrar, para além da bajulação interessada, um desejo genuíno (que a não estar ao alcance da mortalidade de Nerva, decerto, será possível para as divindades imortais):

---

<sup>431</sup> Vide, também, 5.28, 8.70 e 11.26.

*Sacra laresque Phrygum quos Troiae maluit heres  
 quam rapere arsuras Laomedontis opes,  
 scriptus et aeterno nunc primum Iuppiter auro  
 et soror et summi filia tota patris,  
 et qui purpureis iam tertia nomina fastis,  
 Iane, refers Neruae; uos precor ore pio:  
 hunc omnes seruare ducem, seruare senatum;  
 moribus hic uiuat principis, ille suis. (11.4)*

*(Cultos sagrados e Lares da Frígia, que o herdeiro de Tróia salvar  
 preferiu, sobre as riquezas de Laomedonte, ao fogo condenadas,  
 e Júpiter, gravado agora, pela primeira vez, em ouro eterno,  
 e a irmã e a filha, inteiramente do excelso pai,  
 e tu, Jano, que já pela terceira vez nos purpúreos fastos  
 o nome de Nerva inscreves — a vós peço, de lábios piedosos:  
 velai todos pelo nosso chefe, velai pelo senado;  
 que este siga o exemplo do príncipe e aquele o de si mesmo.).*

#### 1.1.1.7. Trajano

A receção a Trajano, que, vindo da *Germania Superior*, era ansiosamente aguardado, como o novo *princeps* do império, preparavam-na todos os Romanos — Marcial com o seu verso entusiasmado:

*Felices, quibus urna dedit spectare coruscum  
 solibus Arctois sideribusque ducem.  
 quando erit ille dies, quo campus et arbor et omnis  
 lucebit Latia culta fenestra nuru?  
 quando morae dulces longusque a Caesare puluis  
 totaque Flaminia Roma uidenda uia?  
 quando eques et picti tunica Nilotide Mauri  
 ibitis et populi uox erit una 'uenit'? (10.6)*

*(Felizes aqueles a quem a urna concedeu que contemplassem o nosso Chefe  
 a fulgir aos sóis e às estrelas arctoas!  
 Quando será o dia em que Campo e árvores brilharão,  
 e todas as janelas, adornadas com as mulheres do Lácio?  
 Quando, as doces demoras e, atrás de César, longa nuvem de pó  
 e Roma apinhada ao longo da via Flaminia?  
 Quando, ó cavaleiros e coloridos mauros em vestes do Nilo,  
 tornareis, e se ouvirá o povo em uníssono: «Ei-lo que chega.»?),*

não menos do que esperançoso de que a subserviência postulada pudesse mitigar a adulação outrora votada ao, agora, odioso Domiciano:

*Di tibi dent quidquid, Caesar Traiane, mereris  
et rata perpetuo quae tribuere uelint:  
qui sua restituis spoliato iura patrono  
— libertis exul non erit ille suis —,  
dignus es ut populum possis seruare clientem,  
ut — liceat tantum uera probare — potes. (10.34)*

*(Que os deuses te concedam, César Trajano, tudo o que mereces  
e queiram que seus presentes sejam válidos para sempre.  
Tu que restituis seus direitos ao esbulhado patrono  
— ele não será um exilado para os seus próprios libertos —,  
és digno de poder conservar todo o povo qual teu cliente,  
basta que te seja lícito fazê-lo — e podes provar a verdade da minha afirmação.).*

Sob Trajano, um clima não muito diferente do que promovera o último dos Flávios<sup>432</sup> instaurar-se-ia, apesar de tudo — até do que registariam as penas elogiosas da nova liberdade, pelos punhos de Plínio, o Moço, de Tácito, de Marcial:

*Terrarum dea gentiumque Roma,  
cui par est nihil et nihil secundum,  
Traiani modo laeta cum futuros  
tot per saecula computaret annos,  
et fortem iuuenemque Martiumque  
in tanto duce militem uideret,  
dixit praeside gloriosa tali:  
'Parthorum procere ducesque Serum,  
Thraces, Sauromatae, Getae, Britanni,  
possum ostendere Caesarem; uenite.' (12.8)*

*(Roma, deusa do mundo e das gentes,  
a quem nada se compara, nem de perto nem de longe,  
alegre, futurava há pouco os anos  
que contaria Trajano pelas gerações além,  
e ao ver a força e a juventude e a bravura  
de um soldado em tão grande imperador,*

---

<sup>432</sup> Cf. K. M. Coleman 2003: 12.

*disse toda ufana de tal protector:  
«Soberanos dos Partos e chefes dos Seres,  
Trácios, Sármatas, Getas, Britanos,  
posso mostrar-vos um César; vinde.»).*

A condenação da *adulatio*, que propagandearam os versos do epigramatista, mais não foi que uma repetida tentativa de agradar ao novo *princeps* de Roma, compactuando com o seu programa oficial:

*Frustra, Blanditiae, uenitis ad me  
atritis miserabiles labellis:  
dicturus dominum deumque non sum.  
iam non est locus hac in urbe uobis;  
ad Parthos procul ite pilleatos  
et turpes humilesque supplicesque  
pictorum sola basiate regum.  
non est hic dominus, sed imperator,  
sed iustissimus omnium senator,  
per quem de Stygia domo reducta est  
siccis rustica Veritas capillis.  
hoc sub principe, si sapis, caueto  
uerbis, Roma, prioribus loquaris. (10.72)*

*(Em vão, Lisonjas, vindes até mim,  
pobres criaturas com vossos gastos beicinhos:  
Não hei-de dizer "nosso senhor e deus".  
Já não há lugar nesta cidade para vós.  
Ide para longe, para os Partos que trazem turbante  
e, servis e rasteiras e súplices,  
beijai as solas de reis de roupas pintalgadas.  
Não há aqui um senhor, mas um chefe supremo,  
mas um senador, justo entre todos,  
que, da estígia morada, reconduziu  
a rústica Verdade de cabelos isentos de perfumes.  
Sob este príncipe, Roma, se és sensata,  
guarda-te de falar a linguagem de outrora.).*

De nada lhe valeria, porém, adular o novo *princeps* de Roma, aquiescendo nas suas determinações e louvando as suas conseqüências: o poeta parecia, juntamente com a poesia com que o louvara, votado à mesma *damnatio memoriae* que o último dos Flávios.

## 1.2. Em pleno *Forum*

Era o *Forum Romanum*, centro nevrálgico da *Vrbs*, que, diariamente, acolhia os passos dos Romanos que, nas suas lides políticas, jurídicas ou, até, religiosas o percorriam sem cessar. Era, ainda, ao Foro que acorriam, de todo o orbe e em toda a espécie de missões, de cidadãos a estrangeiros, toda a sorte de gentes.

### 1.2.1. Política, Direito e o Desgoverno das Ilegalidades

Do cidadão romano era esperado, ainda no século I, que a educação e a ambição dele fizessem um bom orador, de forma a poder participar (na medida do que possível permitido lhe fosse) na defesa dos interesses e no auxílio da governação da grande Urbe. Quer, então, advogando ou julgando causas, quer integrando cargos políticos, o Foro Romano era o destino natural de um cidadão bem sucedido — e mais e melhor fortuna a boa fortuna atrairia:

*O mihi curarum pretium non uile mearum,  
Flacce, Antenorei spes et alumne laris,  
Pierios differ cantusque chorosque sororum;  
aes dabit ex istis nulla puella tibi.  
quid petis a Phoebos? nummos habet arca Mineruae;  
haec sapit, haec omnes fenerat una deos.  
quid possunt hederæ Bacchi dare? Pallados arbor  
inclinat uarias pondere nigra comas.  
praeter aquas Helicon et certa lyrasque dearum  
nil habet et magnum, sed perinane sophos.  
quid tibi cum Cirrha? quid cum Permesside nuda?  
Romanum propius diuitiusque forum est.*

*illic aera sonant: at circum pulpita nostra  
et steriles cathedras basia sola crepant. (1.76)*

(Ó não baixa recompensa dos meus cuidados,  
Flaco, esperança e filho da casa de Antenor,  
deixa para depois os cantos piérios e os coros das [nove] irmãs,  
nenhuma destas virgens te dará um chavo.  
Que pretendes tu de Febo? Dinheiro tem o cofre de Minerva;  
ela é esperta, ela é a única que empresta a todos os deuses.  
Que podem as heras de Baco oferecer? A árvore de Palas  
verga os ramos variegados, negra da sua carga.  
O Hélicon, além das águas, das coroas e das liras das deusas,  
nada tem de grande, só estéreis bravos.  
Que te interessa Cirra? Que te interessam as águas do Permesse?  
O foro romano é mais perto e mais rico.  
Ali tilinta o dinheiro, enquanto em volta dos nossos palcos  
e cadeiras estéreis ressoa apenas o estalar dos beijos.).

Conquanto certos *negotia* e *officia* mais práticos permitissem rendimentos maiores ainda<sup>433</sup>, Marcial reconhecia serem, de facto, as do Foro Romano das mais dinheiras das artes, pelo que muito feria a sua Talia o conselho de Gaio, tanto mais duro quanto mais verdadeiro:

*Mutua uiginti sestertia forte rogabam,  
quae uel donanti non graue munus erat.*

---

<sup>433</sup> Não seria, afinal, do ponto de vista financeiro, disparate algum preferir, como genro, um leiloeiro a quaisquer pretores, tribunos, advogados ou poetas, como sugere Marcial a Severo, através da pergunta retórica que remata o epigrama:

*Praetores duo, quattuor tribuni,  
septem causidici, decem poetae  
cuiusdam modo nuptias petebant  
a quodam sene. Non moratus ille  
praeconi dedit Eulogo puellam.  
Dic, numquid fatue, Severe, fecit? (6.8)*

(Dois pretores, quatro tribunos,  
sete advogados, dez poetas,  
a mão da uma tal ainda há pouco pediam  
a um tal ancião. Sem demora ele  
deu a moça ao leiloeiro Êulogo.  
Diz-me cá, Severo, achas que fez alguma patetice?).

*quippe rogabatur fidusque uetusque sodalis  
et cuius laxas arca flagellat opes.  
is mihi 'diues eris, si causas egeris' inquit.  
quod peto da, Gai: non peto consilium. (2.30)*

*(Pedia eu, por acaso, emprestados vinte mil sestércios,  
o que até para quem os desse não era pesada oferta,  
porquanto os pedia a um fiel e velho amigo,  
com o cofre a abarrotar de riquezas a granel.  
«Serias rico, se advogasses causas» me disse ele.  
Dá-me o que te peço, Gaio: não te peço um conselho.).*

Para com um advogado ficaria, ontem como hoje, o cliente da sua causa ganha em quase eterna dívida (seria a duração da dívida diretamente proporcional à dificuldade da causa), e, depois de pagos os honorários, suceder-se-iam as calendas ou as Saturnais ávidas de presentes<sup>434</sup>:

---

<sup>434</sup> Apesar desse *status quo*, também não eram alheias a Marcial as ofertas modestas (quando não avaras) atribuídas a alguns defensores de causas, como Sabelo, de quem afirma o poeta, com toda a ironia (e tão mais sarcástico, quanto Sabelo se revela desajustadamente ostentatório), terem feito rico as Saturnais:

*Saturnalia diuitem Sabellum  
fecerunt: merito tumet Sabellus,  
nec quemquam putat esse praedicatque  
inter causidicos beatiorem.  
Hos fastus animosque dat Sabello  
farris semodius fabaeque fresae,  
et turis piperisque tres selibrae,  
et Lucanica uentre cum Falisco,  
et nigri Syra defruti lagona,  
et ficus Libyca gelata testa  
cum bulbis cocleisque caseoque.  
Piceno quoque uenit a cliente  
parcae cistula non capax oliuae  
et crasso figuli polita caelo  
septenaria synthesis Sagunti,  
Hispanae luteum rotae toreuma,  
et lato uariata mappa clauo.  
Saturnalia fructuosiora  
annis non habuit decem Sabellus. (4.46)*

*(As Saturnais fizeram Sabelo  
rico: com razão anda inchado Sabelo*



*Octobres age sentiat Kalendas  
facundi pia Roma Restituti:  
linguis omnibus et fauete uotis;  
natalem colimus, tacete lites.  
absit cereus aridi clientis,  
et uani triplices breuesque mappae  
expectent gelidi iocos Decembris.  
certent muneribus beatiores:  
Agrippae tumidus negotiator  
Cadmi municipes ferat lacernas;  
pugnorum reus ebriaque noctis  
cenatoria mittat aduocato;  
infamata uirum puella uicit,  
ueros sardonychas, sed ipsa tradat;  
mirator ueterum senex auorum  
donet Phidiaci toreuma caeli;  
uenator leporem, colonus haedum,  
piscator ferat aequorum rapinas.*

---

*e pensa e proclama que ninguém,  
entre os advogados, mais ditoso é.  
O que orgulha e anima Sabelo é isto:  
meio alqueire de farinha e favas moídas  
e três meias-libras de incenso e pimenta  
e salpicões da Lucânia com tripas dos Faliscos  
e uma bilha síria de negro mosto cozido  
e um gelado de figos numa jarra da Líbia,  
à mistura com cebolas, caracóis e queijo.  
De um cliente do Piceno, veio-lhe ainda  
um cestito incapaz de umas poucas azeitonas  
e um conjunto de sete peças cinzeladas  
pelo buril grosseiro de um artífice de Sagunto,  
uma obra em cerâmica rodada na Hispânia  
e um guardanapo ornado com larga faixa de púrpura.  
Saturnais que lhe dessem mais fruto  
não tinha, havia dez anos, Sabelo.).*

Nem, tampouco, as faltas de pagamento com que tantos endividados faziam penar os seus advogados:

*Litigat et podagra Diodorus, Flacce, laborat.  
sed nil patrono porrigit: haec cheragra est. (1.98)*

*(Diodoro anda em justiça e sofre, Flaco, de gota nos pés.  
Mas nada dá ao advogado: isso é gota... nas mãos.).*

*si mittit sua quisque, quid poetam  
missurum tibi, Restitute, credis? (10.87)*

*(Vamos, que a devota Roma festeje  
as calendas de outubro do eloquente Restituto;  
favoreçam-no com todas as vossas vozes e votos.  
Festejamos seus anos: calem-se, processos.  
Ao largo o círio de um cliente pobre,  
e as ociosas tríplices e os pequeninos guardanapos  
esperem pelos brinquedos do gélido dezembro.  
Que porfiem os mais ricos com seus presentes.  
Que o inchado lojista de Agripa  
traga as lacernas conterrâneas de Cadmo;  
que o acusado de murros e de cardina  
nocturna envie trajes de mesa ao advogado.  
Uma difamada rapariga venceu seu marido em tribunal,  
que lhe entregue verdadeiras sardônicas, mas em mãos;  
que o velho admirador de antiguidades  
lhe ofereça um cinzelado do buril de Fídias;  
que o caçador lhe traga uma lebre, o feitor  
um cabrito, o pescador as presas dos mares.  
Se cada um envia as suas coisas, que  
esperas, Restituto, que um poeta te possa enviar?).*

No entanto, permeando o sucesso de um largo número de oradores competentes, também havia os que revelavam manifesta carência de qualidades<sup>435</sup>, por maior que fosse a conta em que se tivessem:

---

<sup>435</sup> Aliás, entre os atores da política e do direito, chegavam a ser, tantas vezes, tão manifestos a desordem das incompetências e o desgoverno das ilegalidades que foram, nas páginas de Marcial, alvos preferenciais de crítica os defensores de causas, da pública e de todas as outras. A opção preferencial pela designação *causidicus* (termo depreciativo já nas páginas do próprio Cícero, como salienta Fernando Lemos (cf. F. Lemos 2007: 137)) é reveladora da falta de consideração que o poeta vota à classe; e que reforça, ora através de adjetivação expressiva, como em 4.8.2 — *raucos [...]* *causidicos* — ou em 14.219 — *Pauper causidicus* —, ora por meio da ironia, pela metafórica oferta de um coração de boi e pela insinuação da falta de juízo de um mau advogado que se transformara num mau poeta, novamente, em 14.219, ora valendo-se, mesmo, do sarcasmo, com que simula o desconhecimento ou a ameaça, como em 5.33:

*Carpere causidicus fertur mea carmina: qui sit  
nescio. Si sciero, uae tibi, causidice.*

*(Censura os meus poemas, diz-se, um certo advogado: quem é,  
não sei. Se chegar a saber, ai de ti, advogado!).*

*Cum clamant omnes, loqueris tunc, Naeuole, tantum,  
et te patronum causidicumque putas.  
hac ratione potest nemo non esse disertus.  
ecce, tacent omnes: Naeuole, dic aliquid. (1.97)*

*(Quando todos gritam, é que tu falas, Névolo: só nessa altura;  
e julgas-te defensor e advogado.  
Desta forma ninguém pode deixar de ser eloquente.  
Eis que todos se calam: Névolo, diz lá qualquer coisa!),*

ou os que, aliando alguma falta de valor a uma boa dose de falta de coragem, não conseguiam decidir-se por uma das carreiras do Foro<sup>436</sup>:

*Dum modo causidicum, dum te modo rhetora fingis  
et non decernis, Laure, quid esse uelis,  
Peleos et Priami transit et Nestoris aetas  
et fuerat serum iam tibi desinere.  
incipi, tres uno perierunt rhetores anno,  
si quid habes animi, si quid in arte uales.  
si schola damnatur, fora litibus omnia feruent,  
ipse potest fieri Marsua causidicus.  
heia age, rumpe moras: quo te sperabimus usque?  
dum quid sis dubitas, iam potes esse nihil. (2.64)*

*(Enquanto fazes ora de advogado, ora de retor,  
e não decides, Lauro, o que queres ser,  
passa a idade de Peleu e de Príamo e de Nestor  
e seria já tarde para te retirares.  
Começa lá — três retores morreram num só ano —,  
se tens alguma coragem, se tens algum valor na arte.  
Se a escola está condenada, cá fora tudo fervilha em litígios.  
Até o Mársias pode tornar-se advogado.  
Anda lá, deixa-te de demoras: até quando esperamos por ti?  
Enquanto hesitas sobre o que serás, ainda podes ser nada.).*

---

Obviamente, que Marcial também sabia reconhecer e premiar o dom da eloquência, como se pôde já apreciar, relativamente a Restituto, que, no epigrama 10.87, favoreceu com a única designação *aduocatus* presente nos *Libri*. De facto, nem a Régulo, a quem dedica doze elogiosas composições (*uide* 1.12, 1.82, 1.111, 2.74, 2.93, 4.16, 5.10, 5.21, 5.28, 5.63, 6.38 e 6.64), coube esta denominação, talvez por ser a dívida ao *patronus* a motivar a *adulatio* e não um vero sentimento ou uma autêntica perceção.

<sup>436</sup> Com Lauro, foi Marcial particularmente irónico, sobretudo no *fulmen*, na medida em que ambas as profissões — a de advogado e a de retor — não são, de todo, incompatíveis.

Mas, em Roma, como, afinal, em qualquer outro espaço num qualquer outro tempo, a qualidade do advogado não poderia ser tomada por garantia de um julgamento justo; e, do mesmo modo, a validade da causa não poderia assegurar, *per se*, o seu triunfo, aliás, por vezes, não asseguraria, sequer, a sua defesa:

*Lis mihi cum Balbo est, tu Balbum offendere non uis,  
Pontice: cum Licino est, hic quoque magnus homo est.  
uexat saepe meum Patrobas confinis agellum,  
contra libertum Caesaris ire times.  
abnegat et retinet nostrum Laronia seruum,  
respondes 'orba est, diues, anus, uidua.'  
non bene, crede mihi, seruo seruitur amico:  
sit liber, dominus qui uolet esse meus. (2.32)*

*(Tenho um litígio com Balbo; tu a Balbo não queres ofender,  
Pôntico: outro com Lícino; também este é um tipo importante.  
O meu vizinho Pátrobas assola o meu pequeno campo:  
tu tens medo de atacar um liberto de César.  
Larónia diz que não é meu, e retém o meu escravo.  
Respondes «não tem filhos, é rica, é velha, é viúva.»  
Ninguém, vai por mim, é bem servido por um amigo que é um servo:  
seja livre quem meu patrono quiser ser.).*

A bem da verdade, a situação que, aqui, descreve Marcial, e conquanto a atualidade não conheça as relações impostas pela *clientela*, não dista de muitas que, nos dias de hoje, ocorrem ainda.

Desgovernos e ilegalidades não se cingem à Antiguidade, lamentável é a sua permanência, quer sob a forma da morosidade da justiça, quer nas nem sempre transparentes vantagens económicas apetecidas<sup>437</sup> — essas que levam

---

<sup>437</sup> Com efeito, a Marcial deixa reservas a remuneração combinada antes do serviço praticado, como denota, a título de exemplo, o epigrama 8.17, ou as alongadas defesas com o fito numa maior recompensa, assim sugere a composição 6.35. Fernando Lemos explicitaria este volúvel contexto: “A tradição de exercerem o patrocínio sem nada receberem foi consagrada pela *lex Cincia* de 204 a.C., mas supõe que os actores judiciais tinham outras fontes de rendimento e assim estávamos perante uma justiça administrada apenas por plutocratas, que tinham disponibilidade para adiarem por algum tempo a cobrança dos serviços prestados e ficarem na expectativa de,

Marcial a aconselhar o endividado Sexto a abandonar a causa, sob pena de se agigantar a sua dívida, distribuída, agora, pelo credor, mas, também, pelo juiz e pelo advogado:

*Et iudex petit et petit patronus:  
soluas censeo, Sexte, creditori. (2.13)*

*(E pede dinheiro o juiz e pede dinheiro o advogado:  
Aconselho-te a pagar, Sexto, mas é ao credor.).*

Menos perceptíveis, talvez, para a contemporaneidade serão outros cambiantes da justiça romana, materializados, por exemplo, nas claques que instavam, pelo aplauso, à vitória da facção que defendiam, ora por convicção, ora por obrigações de *clientela*<sup>438</sup>, a que admite estar sujeito (e a que, também por interesse, se nega), em 12.25, o próprio Marcial:

*Cum rogo te nummos sine pignore, 'non habeo' inquis;  
idem, si pro me spondet agellus, habes:  
quod mihi non credis ueteri, Telesine, sodali,  
credis coliculis arboribusque meis.  
ecce reum Carus te detulit: adsit agellus.  
exilio comitem quaeris: agellus eat.*

*(Quando sem penhor te peço dinheiro, respondes "Não tenho!";  
mas, se eu der por fiança o meu campinho, já tens.  
O crédito que me negas, Telesino, a mim, teu velho amigo,  
vais depositá-lo nas minhas couves e árvores.  
Pois olha, Caro acusa-te em tribunal: o meu campinho te assista.  
Buscas companhia para o exílio? O meu campinho te acompanhe.).*

---

porventura bastantes anos depois, vir a receber honras, condecorações e outras benesses não menos proveitosas. Cláudio achou preferível acabar com esta situação e permitiu que recebessem honorários até 10.000 sestércios. Esta mudança pode explicar procedimentos diversificados por parte dos advogados e as críticas de Marcial em alguns dos seus epigramas, centrados nesta temática." (F. Lemos 2007: 131-132).

<sup>438</sup> Conquanto Élio, que apresentou Marcial, em 1.95, fosse pago pelo seu patrono para se calar, pois, certamente, como sugere Cristina de Sousa Pimentel, a sua voz deveria ser daquelas que, pretendendo ajudar, mais prejudicaria (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 87).

A Roma do século I tinha, ainda, o seu *princeps* como o seu supremo julgador, responsável último pela reposição da justiça, muito embora se multipliquem exemplos do contrário. Marcial regista, em 10.34, a ocasião em que Trajano garante os direitos sobre os respetivos libertos aos patronos retornados do exílio:

*Di tibi dent quidquid, Caesar Traiane, mereris  
et rata perpetuo quae tribuere uelint:  
qui sua restituis spoliato iura patrono  
— libertis exul non erit ille suis —,  
dignus es ut populum possis seruare clientem,  
ut — liceat tantum uera probare — potes.*

*(Que os deuses te concedam, César Trajano, tudo o que mereces  
e queiram que seus presentes sejam válidos para sempre.  
Tu que restituis seus direitos ao esbulhado patrono  
— ele não será um exilado para os seus próprios libertos —,  
és digno de poder conservar todo o povo qual teu cliente,  
basta que te seja lícito fazê-lo — e podes provar a verdade da minha afirmação.).*

A aspiração a uma carreira judicial e/ou política, que, não raro, se confundiam, era, no entanto, quase universal: uma herança republicana, segundo a qual a ocupação do cidadão consistia, primordialmente, no governo da cidade. E da insistência do sistema de ensino na aprendizagem da retórica e da oratória, ao convidativo percurso do *Cursus Honorum*, passando pelo cerimonial público de imposição da toga, tudo encaminhava o homem romano para o cumprimento dessa obrigação de zelar pela Urbe, pela sua justiça, pela sua defesa, pela sua prosperidade<sup>439</sup>.

E pese toda a controvérsia que experimentou o direito romano, desde a primeva codificação das suas leis, *circa* 450 a.C., nas Doze Tábuas, a verdade é que,

---

<sup>439</sup> Tudo isto se reveste de singular importância, na medida em que da Urbe dimanava para todo o orbe a aplicação da justiça e só na Urbe poderia o orbe obtê-la, assim realça Barbara Levick: “Rome was the Empire’s centre of justice: there sat the supreme judicial authority, with the dispensing of justice one of his main functions; the senate, the jury courts. Litigation brought strangers to Rome” (B. Levick 1999: 132).

como sintetizaria Simon Price: “It has formed the basis for the laws of subsequent societies for a millenium and more, and is still a part of some universities law courses.”<sup>440</sup>.

### 1.2.2. Crenças, Crentes e Festividades

De entre festividades celebradas pelos Romanos, eram os *Floralia* e os *Saturnalia* os mais caros ao poeta, por compactuarem ambos com o espírito do epigrama<sup>441</sup>.

Os *Ludi Florae*<sup>442</sup>, que se encontram descritos nos *Fasti* de Ovídio<sup>443</sup>, comemoravam, entre o final de abril e o início de maio, a fertilidade, chegando, na época imperial, a prolongar-se por seis dias<sup>444</sup>, durante os quais, e segundo o relato de Juvenal<sup>445</sup>, concedido às prostitutas o direito de participação, estas dançavam nuas pelas ruas e zombeteiramente imitavam as lutas dos gladiadores. Lactânio

---

<sup>440</sup> S. Price 1997 (1998 reprint): 255. Sobre esta mesma contiguidade se debruçaria, ainda, Keith Sidwell (cf. K. Sidwell 1997 (1998 reprint): 321-322).

<sup>441</sup> Como deixa claro a expressão de Nicholas Purcell — “A year of festivals” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 144) —, as festividades públicas, em Roma, eram muitíssimo frequentes; e apesar das preferências do poeta, quase todas elas, em referências mais ou menos explícitas, perpassam o seu *opus*.

<sup>442</sup> Na sua *Naturalis Historia*, 18.286, Plínio, o Velho, explica ter-se erguido, em Roma, no ano de 238 a.C., sob os desígnios de um oráculo dos Livros Sibílicos, um templo em honra da deusa Flora, cuja data da dedicação haveria de ser celebrada pelos ritos dos *Floralia*.

<sup>443</sup> Deter-se-ia o poeta sobre este festival, em *Fast.* 5.185-190, ou, precisamente, em *Fast.* 4.943-948:

“Cum Phrygis Assaraci Tithonia fratre relicto  
sustulit immenso ter iubar orbe suum,  
mille uenit uariis florum dea nexa coronis;  
scaena ioci morem liberioris habet.  
Exit et in Maias sacrum Florale Kalendas:  
tunc repetam, nunc me grandius urget opus.”.

<sup>444</sup> Cf. H.H. Scullard 1981: 110.

<sup>445</sup> Cf. Juv. *Sat.* 6.249-251.

acrescentaria<sup>446</sup> que a estas concupiscências outras se somavam, da licenciosidade das palavras à perversão dos gestos, passando pela nudez feminina a pedido, sobretudo nos teatros. Seria, aliás, a reação de Catão, numa destas ocasiões, que daria, no prefácio do *Liber Primus*, o mote à glosa de Marcial:

*Nossas iocosae dulce cum sacrum Florae  
festosque lusus et licentiam uulgi,  
cur in theatrum, Cato seuere, uenisti?  
an ideo tantum ueneras, ut exires?*

*(Se conhecias o culto grato à jocosa Flora,  
os divertidos gracejos e a licenciosidade do vulgo,  
porque vieste, Catão severo, ao teatro?  
Terás vindo só com o fito de sair?).*

Para as celebrações em honra de Saturno, comporia, inclusivamente, o epigramatista as suas obras segunda e terceira<sup>447</sup>, e, depois destas, todos os seus doze *Libri* se deixaram a tal ponto contagiar pela exaltação da liberdade humana, que este estudo já arriscou chamar ao *opus* do epigramatista a “Epopéia das Saturnais”.

Na verdade, os *Saturnalia* permitiam-lhe brincar com as suas *nuces*:

*Synthesibus dum gaudet eques dominusque senator  
dumque decent nostrum pillea sumpta Iouem;  
nec timet aedilem moto spectare fritillo,  
cum uideat gelidos tam prope uerna lacus:  
diuitis alternas et pauperis accipe sortes:  
praemia conuiuae det sua quisque suo.  
'sunt apinae tricaeque et si quid uilius istis.'  
quis nescit? uel quis tam manifesta negat?  
sed quid agam potius madidis, Saturne, diebus,  
quos tibi pro caelo filius ipse dedit?*

---

<sup>446</sup> Cf. Lactant. *Diu. Inst.* 1.20.

<sup>447</sup> Trata-se, obviamente, dos *Xenia* e dos *Apophoreta*, que, *a posteriori*, os editores catapultariam para o final do conjunto do *opus* marcialino, sob as mais vulgares designações de *Liber XIII* e *Liber XIV*, respetivamente. As composições constantes nestes *libri* destinaram-se a acompanhar os presentes trocados pelas Saturnais (cf. L. R. Leite 2006: 103-108). Para um maior detalhe sobre esta temática escrutine-se, ainda, “Martial’s Early Saturnalian Verse” de T. J. Leary (cf. T. J. Leary 1998: 37-47).



*uis scribam Thebas Troiamue malasue Mycenae?*  
*'lude' inquis 'nucibus': perdere nolo nubes. (14.1)*

*(Enquanto se alegram o cavaleiro e o senador, nosso amo, em seus trajes de jantar  
e enquanto o uso do barrete da liberdade convém ao nosso Júpiter,  
enquanto o escravo, ao abanar o copo de dados, não teme olhar  
para o edil, embora veja os gelados charcos tão perto:  
aceita estas sortes, dons ora do rico, ora do pobre:  
que cada um, segundo as suas posses, dê a seu conviva um prêmio.  
«São nicas e tricas e coisas ainda mais banais que isso, se pode haver.»  
Quem o não sabe? Ou quem nega uma coisa tão evidente?  
Mas que há de melhor para eu fazer, Saturno, nestes ébrios dias,  
que, em troca do céu, teu próprio filho te deu?  
Queres que escreva de Tebas ou Tróia ou da pérfida Micenas?  
«Brinca com as nozes,» dizes tu. Não quero perder as minhas nozes.).*

A permissividade dos *Saturnalia* consentia a Marcial uma ilimitada e tolerada licenciosidade e aquiescia a que Roma pudesse com ela divertir-se sem os costumados pudores:

*Vinctis falciferi senis diebus,  
regnator quibus imperat fritillus,  
uersu ludere non laborioso  
permittis, puto, pilleata Roma.  
risisti; licet ergo, non uetamur.  
pallentes procul hinc abite curae;  
quidquid uenerit obuium loquamur  
morosa sine cogitatione.  
misce dimidios, puer, trientes,  
quales Pythagoras dabat Neroni,  
misce, Dindyme, sed frequentiores:  
possum nil ego sobrius; bibenti  
succurrent mihi quindecim poetae.  
da nunc basia, sed Catulliana:  
quae si tot fuerint quot ille dixit,  
donabo tibi Passerem Catulli. (11.6)*

*(Durante os dias lautos do velho portador da foice,  
sobre os quais é soberano absoluto o copo dos dados,  
penso que me permitirás com verso nada elaborado  
gracejar, Roma que trazes o gorro do liberto.  
Soltaste uma risada: é lícito portanto, não mo proíbes.  
Pálidas canseiras, ide-vos para longe daqui;*

quero dizer o que à cabeça me vier,  
sem me atardar em longas meditações.  
Mistura, meu rapaz, taças meias de vinho,  
como aquelas que Pitágoras dava a Nero;  
mistura-as, Díndimo, mas uma atrás da outra:  
sóbrio, não acerto uma; depois de beber,  
virão quinze poetas em meu auxílio.  
Agora, dá-me beijos, mas ao jeito de Catulo:  
e se forem tantos como os que ele dizia,  
hei-de oferecer-te o pardal de Catulo.).

Com efeito, festejar Saturno fazia um *pater et frugi*, pelo regresso do filho, na  
sexta bruma, permitir *ut Ausonio similis pompa macello pendeat e non parca manus*  
*largaeque nomismata mensae*:

*Antiqui rex magne poli mundique prioris,*  
*sub quo pigra quies nec labor ullus erat,*  
*nec regale nimis fulmen nec fulmine digni,*  
*scissa nec ad Manes, sed sibi diues humus:*  
*laetus ad haec facilisque ueni sollemnia Prisci*  
*gaudia: cum sacris te decet esse tuis.*  
*tu reducem patriae sexta, pater optime, bruma*  
*pacifici Latia reddis ab urbe Numae.*  
*cernis ut Ausonio similis tibi pompa macello*  
*pendeat et quantus luxurietur honos?*  
*quam non parca manus largaeque nomismata mensae,*  
*quae, Saturne, tibi pernumerentur opes?*  
*utque sit his pretium meritis et gratia maior,*  
*et pater et frugi sic tua sacra colit.*  
*at tu, sancte — tuo sic semper amere Decembri —*  
*hos illi iubeas saepe redire dies. (12.62)*

(Ó grande rei do céu antigo e do mundo anterior  
sob quem a quietude era ociosa sem sombra de trabalho;  
nem violência tirânica nem homens dignos de violência;  
o solo não era cavado até aos Manes, mas rico por si só.  
Vem contente e benigno à alegre festa de Prisco:  
é mister que tu assistas aos teus sacros rituais.  
Tu, óptimo pai, o restituís à pátria, passados seis Invernos,  
regressado da Urbe latina do pacífico Numa.  
Vês que iguala o mercado ausónio a abundância de comida  
que está pendurada e quanta honra te é dedicada?

*Quanta liberdade em fichas sobre a larga mesa,  
quantas riquezas para ti, Saturno, são contadas?  
E, para ser maior o valor e a graça destes méritos,  
é pai e moderado quem assim celebra os teus ritos.  
Mas tu, ó santo — assim em Dezembro sejas sempre amado —,  
manda-lhe amiúde mais dias como este.).*

E a Marcial, de facto, o vislumbre das riquezas que reclamavam estes ritos permitiam, como indiciam os quatro versos iniciais, reviver a ancestral e mítica *Aurea Aetas* de Saturno; à sua poesia ousar o ouro em argênteo momento.

Paralelamente a estes cultos populares, os oficiais, ora celebrando as divindades do Olimpo, ora as do Palatino, acrescentavam os momentos de festa, como sugere o epigrama 10.6, em que Marcial desvela as ânsias com que aguardava Roma o seu novo *princeps*:

*Felices, quibus urna dedit spectare coruscum  
solibus Arctois sideribusque ducem.  
quando erit ille dies, quo campus et arbor et omnis  
lucebit Latia culta fenestra nuru?  
quando morae dulces longusque a Caesare pulvis  
totaque Flaminia Roma uidenda uia?  
quando eques et picti tunica Nilotide Mauri  
ibitis et populi uox erit una 'uenit'? (10.6)*

*(Felizes aqueles a quem a urna concedeu que contemplassem o nosso Chefe  
a fulgir aos sóis e às estrelas arctoas!  
Quando será o dia em que Campo e árvores brilharão,  
e todas as janelas, adornadas com as mulheres do Lácio?  
Quando, as doces demoras e, atrás de César, longa nuvem de pó  
e Roma apinhada ao longo da via Flaminia?  
Quando, ó cavaleiros e coloridos mauros em vestes do Nilo,  
tornareis, e se ouvirá o povo em uníssono: «Ei-lo que chega.»?).*

Ainda, os triunfos militares ou arquitetónicos da Urbe — tudo era passível de faustosas comemorações. Recorde-se, apenas a título de exemplo, que a inauguração do Anfiteatro Flávio se espraiou por cem dias de festejo, dando azo, *per se*, à composição do marcialino *Liber de Spectaculis*.

À pena do poeta não seriam também alheios os cultos orientais, embora, de entre todas as crenças estrangeiras<sup>448</sup>, coubesse aos adoradores de Cíbele e ao judaísmo o maior número de composições.

Os *Galli*, cuja emasculação favorecia o surgimento de traços efeminados, eram alvos preferenciais da mordacidade de Marcial, precisamente motivada pela sua aversão, relativamente àquele violento rito e a esta imprópria fisionomia<sup>449</sup>. E mais que o facto de serem *steriles [...]* uiri ou uma *semiuiro Cybeles [...]* grege, incomodava o poeta que pudessem constituir-se estes cultores, durante os seus rituais, numa *noxia turba*, como denuncia no epigrama 3.91:

*Cum peteret patriae missicius arua Rauennae,  
semiuiro Cybeles cum grege iunxit iter.  
Huic comes haerebat domini fugitiuus Achilles  
insignis forma nequitiaque puer.  
Hoc steriles sensere uiri: qua parte cubaret  
quaerunt. Sed tacitos sensit et ille dolos:  
mentitur, credunt. Somni post uina petuntur:  
continuo ferrum noxia turba rapit  
exciduntque senem spondae qui parte iacebat;  
namque puer pluteo uindice tutus erat.*

---

<sup>448</sup> Para uma mais cabal compreensão do cadinho religioso em que se transformou a Urbe, contribui sobremaneira Nicholas Purcell: "Rome collected cults as it collected people, but only in part *because* it collected people. First, Romans of the Republic had thought of themselves as especially loved by the Gods, and their success as a clear sign of divine favour. Second, they systematically invited the Gods of their enemies to join them and give up protecting their former clients. Third, they cemented the relationship between themselves and their subjects by encouraging them to worship the gods of Rome with equal loyalty and reverence. Fourth, since so many thousands of foreigners came to Rome anyway, it was inevitable that Rome would become a centre of many different cults. But immigrant communities did not bring their gods merely as an accompaniment. Rome was the sacred capital of the world. Immigrants who practised their religion there could argue that this gave their cult precedence over that of others. This is certainly what happened with Christianity. These foreign cults were important in the life of the city. Particularly numerous in the more important centres, they were in Rome itself another visible sign of the cosmopolitanism that went with power. Even if they were very exotic, some were officially recognised by the state." (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 172).

<sup>449</sup> Vide, a título de exemplo, 1.35, 1.70, 2.36, 3.47, 3.58, 4.43, 5.41, 7.95, 9.2, 11.74, 11.84, 13.63 ou 14.204.

*Subpositam quondam fama est pro uirgine ceruam,  
at nunc pro ceruo mentula subposita est.*

*(Quando certo soldado licenciado demandava os campos da pátria Ravena,  
a viagem juntou-o com um grupo de sacerdotes efeminados de Cíbele.  
O soldado trazia por companheiro Aquilas, escravo fugitivo do seu senhor,  
rapaz que se distinguia pela beleza e pela matreirice.  
Os homens impotentes deram conta do facto: em que parte do leito se deitaria,  
perguntam eles. Mas o rapaz pressente a cilada perpetrada em segredo:  
mente, eles acreditam. Sob os efeitos do vinho, entregam-se ao sono:  
imediatamente a turba criminoso toma o ferro  
e castra o veterano que dormia naquela parte do leito;  
pois o rapaz, atrás do espaldar do leito, estava em segurança.  
Diz-se que, outrora, a cervo foi posta no lugar da virgem,  
mas, desta vez, o cervo foi substituído por um membro viril.).*

Para além disso, geravam-lhe estes eunucos algumas dúvidas, quanto à sua verdadeira orientação sexual:

*Quid cum femineo tibi, Baetice galle, barathro?  
Haec debet medios lambere lingua uiros.  
Abscisa est quare Samia tibi mentula testa,  
si tibi tam gratus, Baetice, cunnus erat?  
Castrandum caput est: nam sis licet inguine gallus,  
sacra tamen Cybeles decipis: ore uir es. (3.81)*

*(Que tens que ver, ó galo Bético, com sorvedoiros de mulher?  
Esta língua deve lamber, a meio, os homens.  
Por que razão te foi cortado, com um caco de Samos, o membro,  
se tão agradável te era, Bético, a rata?  
O que se te deve castrar é a cabeça: embora, pelo membro, sejas galo,  
Frustras, no entanto, os ritos de Cíbele: és homem pela boca.).*

Porém, a presença dos sacerdotes de Cíbele, na Urbe, tornara-se mais e mais comum, com a progressiva adesão dos Romanos ao culto da deusa, o que acabou por obrigar o estado romano a custear, através dos seus pretores, os jogos que em sua honra se realizavam, os *Megalensia*. As crescentes despesas com as celebrações de Cíbele glosa-as, com ironia, Marcial em 10.41, comentando o inesperado pedido de divórcio de Proculeia, para salientar que temia esta mulher a pobreza ao lado de um marido recém-eleito pretor:

*Mense nouo Iani ueterem, Proculeia, maritum  
deseris atque iubet res sibi habere suas.  
Quid, rogo, quid factum est? Subiti quae causa doloris?  
Nil mihi respondes? Dicam ego: praetor erat.  
Constatura fuit Megalensis purpura centum  
milibus, ut nimium munera parca dares,  
et populare sacrum bis milia dena tulisset.  
Discidium non est hoc, Proculeia: lucrum est.*

*(No mês novo de Jano, Proculeia, teu velho marido  
deixas e mandas que fique com todos os seus bens.  
Que foi, por favor, que foi que aconteceu? Porquê esta brusca antipatia?  
Nada me respondes? Vou-to dizer eu próprio: ele era pretor.  
A púrpura dos Megalenses ia custar cem  
mil, por mais baratos que desses os ditos jogos,  
e as plebeias festas levariam mais vinte mil.  
Isto não é divórcio, Proculeia: é uma pechincha.).*

Os judeus tinha-os o Bilbilitano, na senda de autores como Cícero<sup>450</sup> ou Tácito<sup>451</sup>, como indivíduos bizarros, pelas suas práticas tão díspares das dos Romanos. O poeta, dando azo ao preconceito generalizado<sup>452</sup>, critica, em 4.4, o jejum ritual do sábado, comparando o seu efeito ao fedor emanado por Bassa, e atingindo, desta forma, ambos: a sua visada e as próprias judias que o praticavam; já, em 7.30, 7.35, 7.55 ou 7.82, através do sarcasmo, condena o preceito semita da circuncisão. Porém, Marcial, nos seus comentários, não se limita a satirizar as estritas observâncias hieráticas dos crentes, na medida em que lhes imputa, nas mais das vezes, perversões de cariz sexual. Em 11.94, por exemplo, o repetidamente invocado *uerpe poeta* é tão mais condenado pela sua suposta relação

---

<sup>450</sup> Cf. Cic. *Flac.* 27.64-28.69.

<sup>451</sup> Cf. Tac. *Hist.* 5.4-5.

<sup>452</sup> A intolerância para com os judeus era fomentada pelos próprios césores: se Tito, responsável pela destruição de Jerusalém, os obrigou ao pagamento de vexatórias obrigações, sob a forma de um tributo pecuniário e da diáspora, Domiciano criou o *fiscus Iudaicus*, que comprometia duramente todos os circuncidados (cf. C. S. Pimentel 1993: 159). Complemente-se esta leitura com a do ensaio “Jews and Jewish communities in the Roman empire” de Margaret Williams (cf. M. Williams 2000: 305-334).

com o escravo de Marcial<sup>453</sup> que pelos condenáveis plágios, censuras, críticas e invejas a que expõe os versos do Bilbilitano:

*Quod nimium liues nostris et ubique libellis  
detraxis, ignosco: uerpe poeta, sapis.  
Hoc quoque non curo, quod cum mea carmina carpas,  
compilas: et sic, uerpe poeta, sapis.  
Illud me cruciat, Solymis quod natus in ipsis  
pedicas puerum, uerpe poeta, meum.  
Ecce negas iurasque mihi per templa Tonantis.  
Non credo: iura, uerpe, per Anchialum.*

*(Que tanta inveja tenhas dos meu livros e por todo o lado  
os critiques, eu perdoo: és sensível, poeta circunciso.  
Não me preocupa ainda que, embora os meus versos censures,  
tu os copies: também aí és sensível, poeta circunciso.  
O que me crucifica é que tu, na mesma Sólima nascido,  
andes a enrabar o meu escravo, poeta circunciso.  
Mas tu negas e juras-me pelo santuário do Tonante.  
Não acredito: jura, circunciso, antes por Anquíalo!).*

Dos cristãos não possuiria Marcial muito melhor opinião que dos judeus: Cristina de Sousa Pimentel lê, na designação *Chrestus* do epigrama 7.55, uma invetiva, em que propositadamente são confundidos os credos, e todos os crentes apontados como viciosos<sup>454</sup>:

*Nulli munera, Chreste, si remittis,  
nec nobis dederis remiserisque:  
credam te satis esse liberalem.  
Sed si reddis Apicio Lupoque  
et Gallo Titioque Caesioque,  
linges non mihi — nam proba et pusilla est —  
sed quae de Solymis uenit perustis  
damnatam modo mentulam tributis.*

---

<sup>453</sup> Muito embora o visado negue a relação com o escravo de Marcial, invocando Júpiter por testemunha, precisamente por esta jura, se nega o Bilbilitano a acreditá-lo, a menos que se comprometa com a sua divindade: ‘o Deus vivo’ — *Anchialum*, segundo a percepção fonética de Marcial, como esclarece Cristina de Sousa Pimentel (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2004: 102).

<sup>454</sup> Cf. C. S. Pimentel 1993: 159.

(Se a ninguém, Cresto, presentes envias  
e nem a mim os dás ou envias também,  
mesmo assim te acharia bastante liberal.  
Mas se os envias a Apício e a Lupo  
e ainda a Galo e a Tício e a Césio,  
não é a minha que chupas (que é honesta e pequena),  
mas a que vem da requeimada Sólina,  
essa verga condenada há pouco a pagar imposto.).

Muito embora fossem os cultos oficiais os que estavam efetivamente vinculados à vida política da cidade, a verdade é que, como salienta Simon Price, todas as religiões e, sobretudo, todos os festivais religiosos eram fundamentais na definição da identidade da cidade e dos seus habitantes<sup>455</sup>.

### 1.3. Pelos *Vici*

Os *uici* de Roma eram a estrutura labiríntica e viva que crescera em torno do centro da cidade e onde se (de)organizava, (sobre)vivendo e trabalhando, boa parte da imensa massa humana que habitava a Urbe ou que se encontrava de passagem, apenas, pelo *Caput Mundi*.

Sem o serem *de iure*, os *uici* eram *de facto* o coração da *Vrbs*, que progressivamente *Magna* se tornava, a cada nova volta do enleado dédalo das ruas dos seus bairros.

À semelhança de muitas das megalópoles de hoje, também Roma não dormia: numa incessante rotina pessoal e profissional, aos matutinos sucediam-se, pelos diversos *uici* da cidade, com maior ou menor especificidade, os vespertinos e a estes os noctívagos, que aos matutinos, novamente, haveriam de ceder o lugar.

---

<sup>455</sup> Cf. S. Price 1997 (1998 reprint): 236.



### 1.3.1. De manhã

Sem estar a noite inteiramente findada, já, na Roma do século I, se inaugurava o bulício de um novo dia. E o rumor da madrugada, paulatinamente, se converteria, manhã adentro, numa babel.

#### 1.3.1.1. Escravatura

Embora se organizassem as atividades do dia a dia, entre a *prima* e a *duodecima* horas, nem todos os habitantes de Roma se regiam, escrupulosamente, por este horário solar: os escravos, que, no fundo, suportavam o organograma romano<sup>456</sup>, tinham o seu quotidiano regido pelos escrúpulos (ou pela falta deles) dos seus *domini*.

Não admira, pois, que fossem os *serui* os últimos a deitar-se e, também, os primeiros a acordar, mormente, os domésticos, a quem cabia toda a sorte de tarefas no lar. Em epigrama, retratou Marcial um certo *cliens* que chegaria tão cedo para reclamar ao seu patrono uma refeição, que nem os escravos haviam ainda começado a trabalhar, acusando-o, por isso, de procurar não o almoço, mas o pequeno-almoço<sup>457</sup>.

É verdade, porém, que a diversidade dos escravos (e de senhores) lhes ditava um tratamento muito diferenciado, e não apenas quanto às horas de sono que lhes eram permitidas, como, também, quanto ao tratamento genérico que lhes era conferido.

---

<sup>456</sup> Deles diria, precisamente, Nicholas Purcell: “Slaves are the most obvious sort of dependant, and there were very many of them. A city which had a reasonable number of wealthy families could almost be called a city of slaves.” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 148). Para mais pormenores, reflita-se sobre as páginas que a esta temática dedicou Lionel Casson (cf. L. Casson 1998: 57-64).

<sup>457</sup> Vide 8.67.

Dentro da *domus*, os servos faziam parte da *familia*<sup>458</sup>, por mais humildes que fossem as suas funções, e aos escravos literatos estava reservado um estatuto especial, bem como aos *pueri delicati*, se os houvesse, ainda que o seu cariz fosse bem diverso do dos primeiros<sup>459</sup>. Todavia, também os havia, pela cidade, a

---

<sup>458</sup> Marcial alerta, porém, para os perigos das relações desregradadas entre senhores e escravos, mormente, brincando com a história de Quirinal, que dispensara esposa, mas não descendência:

*Vxorem habendam non putat Quirinalis,  
cum uelit habere filios, et inuenit  
quo possit istud more: futuit ancillas  
domumque et agros implet equitibus uernis.  
pater familiae uerus est Quirinalis. (1.84)*

*(Quirinal não acha necessário ter esposa,  
embora queira ter filhos; e encontrou  
a forma de resolver o problema: fode as escravas  
e enche a mansão e os campos de servos cavaleiros em casa nascidos.  
Quirinal é um verdadeiro pater familiae.)*

<sup>459</sup> Já, anteriormente, ao analisar a história de Erócion, se concluiu, na senda de José Luís Lopes Brandão, que repudiaria Marcial a pederastia (cf. J. L. L. Brandão 2004: 43-45). Porém, os *Libri* também deixam claro o quanto o seu poeta admirava a juventude prazenteira dos seus escravos — assim, em 11.8 — e dos seus amigos:

*Addat cum mihi Caecubum minister  
Idaeo resolutior cinaedo,  
quo nec filia cultior nec uxor  
nec mater tua nec soror recumbit,  
uis spectem potius tuas lucernas  
aut citrum uetus Indicosque dentes?  
Suspectus tibi ne tamen recumbam,  
praesta de grege sordidaque uilla  
tonsos, horridulos, rudes, pusillos  
hircosi mihi filios subulci.  
Perdet te dolor hic: habere, Publi,  
mores non potes hos et hos ministros. (10.98)*

*(Quando me enche o copo de céculo o teu escanção  
mais mimoso que o efeminado do Ida,  
que nem tua filha nem tua esposa excedem em elegância  
nem tua mãe, nem tua irmã recostadas à mesa,  
tu queres que eu contemple de preferência as tuas lucernas  
ou a antiga mesa de tuia e as suas indianas defesas?  
Mas para que eu não seja suspeito à tua mesa,  
dá-me, adquiridos no monte e da rústica*

desempenhar as funções mais aviltantes, e, no anfiteatro, à mercê de uma morte que divertisse os homens<sup>460</sup>.

Para o homem romano, os escravos, maioritariamente estrangeiros<sup>461</sup>, tolhidos da sua liberdade, como condição de nascimento ou em virtude de uma captura, não eram considerados seres humanos na sua plenitude, era, por isso, lícita a sua posse, bem como o seu comércio, e o cumprimento das leis que os regulamentavam a ambos era, em parte, duvidoso. Para Marcial, o princípio vigente sobre a escravatura era perfeitamente aceitável: é esse o retrato que permitem colher os seus epigramas — *ab ouo*, na arena do *Liber de Spectaculis*, *ad mala*, nos mais diversificados serviços em que os descreve o *Liber Duodecimus*.

Contudo, há, intrínseco ao poeta, um inegável humanismo *avant la lettre*, relativamente a este tópico<sup>462</sup>: a Marcial doeu a morte prematura da sua

---

*quinta, escravos rapados, desleixados, toscos,  
enfezados, filhos de porqueiro que cheira a bode.  
Este despeito te deitará a perder: não consegues,  
Públio, ter tal disposição e tais escanções.).*

<sup>460</sup> O anfiteatro era, efetivamente, um dos principais responsáveis pela diminuta esperança média de vida que tocava ao escravos em Roma. Eram, no entanto, raras as funções que poupavam os escravos, como dá a conhecer no seu estudo Richard Alston (R. Alston 1998: 208-211).

<sup>461</sup> Sobre as origens e a mobilidade dos escravos detiveram-se Richard Alston (*Ibidem*: 208) e Nicholas Purcell (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 169-172).

<sup>462</sup> Embora não tenha sido esta característica um apanágio exclusivo do poeta de BÍLBILIS, na medida em que os escravos integrando, formalmente, a estrutura familiar, por vezes, acabavam por integrá-la também sentimentalmente. Andrew Wallace-Hadrill a este propósito registaria: “But given all this, it is much more remarkable to discover the extent of the evidence for affection between slave and owner, and far more of a challenge to our powers of interpretation. When confronted with the real friendship between Cicero and Tiro, the unfeigned grief of a Pliny or a Martial at the death of a young favourite, or the widespread signs of affection on tombstones, for nannies and nurses, for young favourites (*deliciae*) and concubines or trusted retainers, for slave foster-children (*alumni*), or on the part of slaves for beloved patrons, the temptation is to say that perhaps slavery cannot have been that bad after all. But to use the happiness of some to offset the misery of others (surely the majority) is pointless.” (A. Wallace-Hadrill 1997 (1998 reprint): 231-232).

escravazinha Erócion<sup>463</sup>, porque viu nela a criança que era; e contristou a de Álcimo<sup>464</sup>, seu escravo, porque o percebeu um moço; e magoou a de seu escriba Demétrio, porque lhe reconheceu o valor, para lá da juventude — compungia-se, por ser, enfim, capaz de reconhecer neles a humanidade. Deste reconhecimento, talvez tanto quanto da consideração que lhe tinha pelos bons serviços<sup>465</sup>, resultou que a Demétrio, enfermo, concedeu a *manumissio* e o direito de, na última vez em que este se lhe dirigiu, não o chamar *dominus*, mas *patronum*:

*Illa manus quondam studiorum fida meorum  
et felix domino notaque Caesaribus,  
destituit primos uiridis Demetrius annos:  
quarta tribus lustris addita messis erat.  
ne tamen ad Stygias famulus descenderet umbras,  
ureret implicitum cum scelerata lues,  
cauimus et domini ius omne remisimus aegro:  
munere dignus erat conualuisse meo.  
sensit deficiens sua praemia meque patronum  
dixit ad infernas liber iturus aquas. (1.101)*

*(Aquele era a mão outrora confidente dos meus escritos,  
útil ao patrão e conhecida dos Césares:  
Demétrio abandonou o primeiro verdor dos anos,  
quando uma quarta colheita fora somada a três lustros.  
Para que não descesse escravo às estígias sombras,  
pois que o queimava, entranhada, uma doença horrível,  
providenciei e a todo o direito de dono sobre o doente renunciei:  
era justo que recuperasse a saúde com a minha dádiva.  
Ele entendeu, ao morrer, a sua recompensa e 'patrono'  
me chamou, enquanto se dirigia, livre, às águas infernais.).*

---

<sup>463</sup> Vide 5.34, 5.37 e 10.61.

<sup>464</sup> Vide 1.88.

<sup>465</sup> Rememora, no entanto, Cristina de Sousa Pimentel que a manumissão de um escravo, no seu leito de morte, motivada pela afetividade e pela gratidão, não era prática incomum, em Roma, apesar do imposto de 1/20, cobrado, pelo erário público, pela libertação (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 89).

Tão mais excepcional era esta compaixão, porquanto transpunha as portas da sua *domus* e se estendia a qualquer escravo injustamente vitimizado, como se de um ser humano se tratasse (leia-se: porque de um ser humano se tratava).

E se não perdoou ao leão a morte dos escravozinhos que para o recontro seguinte preparavam a arena, por este episódio apelidada de a mais impiedosa:

*Verbera securi solitus leo ferre magistri  
insertamque pati blandus in ora manum  
dedidicit pacem subito feritate reuersa,  
quanta nec in Libycis debuit esse iugis.  
nam duo de tenera puerilia corpora turba,  
sanguineam rastris quae renouabat humum,  
saeuos et infelix furiali dente peremit:  
Martia non uidit maius harena nefas.  
exclamare libet: 'crudelis, perfide, praedo,  
a nostra pueris parcere disce lupa!' (2.75)*

*(Um leão habituado a suportar os chicotes do confiado domador,  
a tolerar mansamente na boca, introduzida, uma mão,  
desaprendeu a mansidão, recaindo de súbito numa ferocidade  
tal que nem existe nas montanhas da Líbia.  
A dois corpos infantis da tenra turba  
que recompunha com ancinhos o chão ensanguentado,  
cruel e impiedoso, assassinou-os com uma dentada furiosa.  
Nunca a arena de Marte viu maior impiedade.  
Apetece gritar: «Cruel, pérfido, salteador,  
aprende da nossa loba a poupar as crianças!»),*

menos compactuaria com as bárbaras atitudes que, sobre os seus escravos, perpetrassem outros seres humanos, sobretudo romanos, pelo que, para a cruel Lálage, invoca quase cruento castigo:

*Vnus de toto peccauerat orbe comarum  
anulus, incerta non bene fixus acu.  
hoc facinus Lalage speculo, quo uiderat, ulta est,  
et cecidit saeuis icta Plecusa comis.  
desine iam, Lalage, tristes ornare capillos,  
tangat et insanum nulla puella caput.  
hoc salamandra notet uel saeua nouacula nudet,  
ut digna speculo fiat imago tua. (2.66)*

*(Um só ficara mal, em todo o orbe da cabeleira,  
um só anel não estava bem seguro com um gancho vacilante.  
Lálage puniu este erro com o espelho com que o descobrira  
e Plecusa tombou, ferida pela cruel cabeleira.  
Deixa, Lálage, de arranjar os sinistros cabelos,  
e mais nenhuma escrava te toque na malsã cabeça.  
Uma salamandra a marque ou uma cruel navalha a desnude  
para que a tua imagem se torne digna do espelho.).*

A verdade — expô-la Marcial — é que, as mais das vezes, os destinos e destratos que davam os *domini* aos seus *serui* mais não eram do que expedientes para servirem os seu próprios interesses; ou para se desobrigarem das suas próprias culpas; ou para manterem ocultados os seus segredos, ou, ainda, para, à margem da sociedade, poderem dar largas às suas perversões. Sucedeu, deste modo, com o senhor que adquiriu o escravo mouco de 11.38:

*Mulio uiginti uenit modo milibus, Aule.  
miraris pretium tam graue? surdus erat.*

*(Um cocheiro foi agora vendido por vinte mil sestércios, Aulo.  
Admiras-te de ser um preço tão elevado? É que ele era surdo.).*

Assim, com a avara Névvia de 3.13:

*Dum non uis pisces, dum non uis carpere pullos  
et plus quam patri, Naeuia, parcis apro,  
accusas rumpisque cocum, tamquam omnia cruda  
attulerit. numquam sic ego crudus ero.*

*(Como não queres trincar os peixes, como não queres trincar os frangos  
e, mais do que a teu pai, Névvia, respeitas o javali,  
acusas e sovas o cozinheiro, como se tivesse trazido  
tudo cru. Eu é que, deste jeito, jamais terei uma indigestão.).*

Assim, com o indigno Pôntico de 2.82:

*Abscisa seruuum quid figis, Pontice, lingua?  
nescis tu populum, quod tacet ille, loqui?*

*(Porque crucificas um escravo, Pôntico, com a língua cortada?  
Não sabes tu que o que ele cala, o conta o povo?).*

Assim, com o minguado, mas licencioso Caliodoro de 10.31:

*Addixti seruuum nummis here mille ducentis,  
ut bene cenares, Calliodore, semel.  
nec bene cenasti: nullus tibi quattuor emptus  
librarum cenae pompa caputque fuit.  
exclamare libet: 'non est hic, improbe, non est  
piscis, homo est; hominem, Calliodore, comes.'*

*(Vendeste ontem um escravo por mil e duzentos sestércios  
para jantares bem, Caliodoro, uma única vez.  
Mas bem não jantaste tu: o ruivo de quatro libras que  
compraras foi a pompa e o prato principal do teu jantar.  
Apetece gritar: «Isto não é um peixe, não,  
meu desgraçado, é um homem: é um homem, Caliodoro, que tu comes.»).*

A consciência de todos estes padecimentos a que estavam sujeitos e a percepção de que boa parte destes *serui* eram verdadeiramente dedicados, inspirou o agudo sentido de observação do poeta que, nos louvores aos homens justos, passou a incluir a bondade de que faziam uso no tratamento dos seus escravos, como denota a composição 10.37, relativamente a Materno<sup>466</sup>.

Além disso, inspiraria Marcial um profundo respeito pelos *liberti*:

*Has cum gemina compede dedicat catenas,  
Saturne, tibi Zoilus, anulos priores. (3.29)*

*(Estas correntes com duplos grilhões te  
dedica Zoilo, ó Saturno: foram seus primeiros anéis.).*

O que não significa que aprovasse a fuga, mais ainda desaprovando uma que resultasse ocultada por um grosseiro exibicionismo:

*Rufe, uides illum subsellia prima terentem,  
cuius et hinc lucet sardonychata manus  
quaeque Tyron totiens epotauere lacernae  
et toga non tactas uincere iussa niues,  
cuius olet toto pinguis coma Marcellano  
et splendent uulso brachia trita pilo,*

---

<sup>466</sup> Vide, concretamente, 10.37.9-12.

*non hesterna sedet lunata lingula planta,  
coccina non laesum pingit aluta pedem,  
et numerosa linunt stellantem splenia frontem.  
ignoras quid sit? splenia tolle, leges. (2.29)*

*(Rufo, vês aquele tipo alapado na primeira fila,  
de quem até daqui brilha a mão cheia de sardónicas,  
cujo manto se embebeu várias vezes da púrpura de Tiro,  
e a toga foi preparada para vencer as imaculadas neves,  
cuja farta cabeleira enche de perfume o teatro de Marcelo,  
e os polidos braços alvejam depilados,  
e uma fivela nova se apoia sobre o sapato ornado de lúnula,  
e um couro escarlata lhe orna, sem magoar, o pé,  
e numerosos sinais lhe cobrem a fronte brilhante.  
Não sabes o que é? Tira os sinais. Lerás.).*

#### 1.3.1.2. Patronato e Clientela

Além dos *serui* também os *clientes* seriam dos mais madrugadores dos Romanos, afinal ao *patronus* era devida, na sua *domus* e independentemente das distâncias a percorrer, uma matutina saudação:

*Est tibi — sitque precor multos crescatque per annos —  
pulchra quidem, uerum Transtiberina domus:  
at mea Vipsanas spectant cenacula laurus  
factus in hac ego sum iam regione senex.  
migrandum est, ut mane domi te, Galle, salutem:  
est tanti, uel si longius illa foret.  
sed tibi non multum est, unum si praesto togatum:  
multum est hunc unum si mihi, Galle, nego.  
ipse salutabo decima te saepius hora:  
mane tibi pro me dicet hauere liber. (1.108)*

*(Tu tens — e oxalá assim continue e aumente pelos anos fora —  
uma casa bela, é verdade, mas do outro lado do Tibre:  
ora o meu sótão tem vista para os loureiros de Vipsânio;  
nesta região já eu me tornei velho.  
É preciso viajar, para, de manhã, em tua casa, Galo, te saudar:  
vale o esforço, até mesmo que ela fosse mais longe!...  
Mas para ti não é muito, se te ofereço um único cliente:  
para mim é muito, se a mim nego, Galo, este único.*



*Eu irei saudar-te mais vezes em pessoa à décima hora:  
de manhã, te dará por mim os bons dias, o meu livro.).*

Marcial procura, neste epigrama, fazer-se substituir pelo seu *liber* para dar os bons dias ao seu patrono, dizendo preferir a visita da *decima hora*, essa que, se lhe permitissem, já lhe asseguraria a *cena*. Alega o poeta que *tibi non multum est, unum si praesto togatum*, dando a entender que os demais *clientes* de Galo já perfariam um bom número, no seu átrio e, depois, certamente, no cortejo em que se disporiam a segui-lo, até ao Foro, corporizando o seu poder<sup>467</sup>. Mas nem sempre (ou quase nunca) conseguia Marcial ver concretizadas as suas ambições: Fabiano, por exemplo (e até patrono de já longa data) a nada o poupava:

*Quod nouus et nuper factus tibi praestat amicus,  
hoc praestare iubes me, Fabiane, tibi:  
horridus ut primo semper te mane salutem  
per mediumque trahat me tua sella lutum,  
lassus ut in thermas decima uel serius hora  
te sequar Agrippae, cum lauer ipse Titi.  
hoc per triginta merui, Fabiane, Decembres,  
ut sim tiro tuae semper amicitiae?  
hoc merui, Fabiane, toga tritaque meaque,  
ut nondum credas me meruisse rudem? (3.36)*

---

<sup>467</sup> Esta procissão de apoiantes era a tal ponto importante, para um Romano, que alguns, como faria o Saufeio de 2.74, empenhar-se-iam para a manter:

*Cinctum togatis post et ante Saufeium,  
quanta reduci Regulus solet turba,  
ad alta tonsum templa cum reum misit,  
Materne, cernis? inuidere nolito.  
comitatus iste sit precor tuus numquam.  
hos illi amicos et greges togatorum  
Fuficulenius praestat et Fauentinus.*

*(Saufeio rodeado de gente de toga, atrás e à frente,  
com tal multidão qual costuma acompanhar Régulo,  
depois de este enviar o réu barbeado aos altos templos,  
estás a vê-lo, Materno? Não tenhas inveja.  
Oxalá este nunca seja o teu acompanhamento.  
Estes amigos e bandos de toga  
são dos que lhe arranjam Fuficuleno e Faventino.).*

(O que te faz um novo e recente amigo,  
isto me obrigas, Fabiano, a fazer-te:  
que a tiritar sempre te saúde ao dealbar do dia  
e que a tua liteira me arraste pelo meio da lama,  
que fatigado te siga, à hora décima ou <até> mais tarde,  
para as termas de Agripa, embora me lave nas de Tito.  
Isto, Fabiano, mereci durante trinta dezembros:  
ser eternamente principiante na tua amizade?  
Isto, Fabiano, mereci com uma toga bem gasta e adquirida a minhas expensas:  
que tu ainda não estejas convencido de que mereci a vara <da libertação>?).

O patronato, em Roma, era, portanto, uma antiquíssima instituição cheia de preceitos, e foi, com efeito, escorada numa sociedade de dependências que se engrandeceu a Urbe.

Mas a *clientela* era, para além de uma prática definida pela tradição, determinada também pela necessidade<sup>468</sup>. Nicholas Purcell explica que, numa cidade com um custo de vida elevado e onde não seria fácil sobreviver sem um trabalho, boa parte das contratações laborais eram diárias e sem vínculo<sup>469</sup>.

O *cliens* movia-se, então, como documenta 12.18.1-6, pendularmente, entre a Subura, onde a sua parca existência podia pagar por bens e serviços e, tantas vezes, por um teto, e o Aventino, o Célio e as demais localizações dos bairros dos poderosos, onde trocava, permeados por suor e cansaço, o orgulho e, até, a dignidade pela *sportula*:

*Dum tu forsitan inquietus erras  
clamosa, Iuuenalis, in Subura  
aut collem dominae teris Dianae;  
dum per limina te potentiorum*

---

<sup>468</sup> Sobre as perspectivas de Marcial relativamente à situação do *cliens*, leiam-se, entre outros, os estudos de Margueritte Garrido-Hory — “Le statut de la clientèle chez Martial” — (M. Garrido-Hory 1985: 381-414), de Elda Cecco e Angélica M. Mansilla — “La clientela en la época de los Flavios según el testimonio de Marcial” — (E. Cecco y A. M. Mansilla 1998: 23-55), de Barbara K. Gold — “Accipe Diuitias et Vatum Maximus Esto: Money, Poetry, Mendicancy and Patronage in Marcial” — (B. K. Gold 2003: 591-612), ou de Leni Ribeiro Leite — *O patronato em Marcial* — (L. R. Leite 2003).

<sup>469</sup> N. Purcell 1997 (1998 reprint): 148-149.

*sudatrix toga uentilat uagumque  
maior Caelius et minor fatigant*

*(Enquanto tu vagueias, afanoso talvez  
pela Suburra barulhenta, Juvenal,  
e gastas a colina da majestosa Diana;  
enquanto pelas soleiras dos poderosos  
te ventila o suadoiro da toga e erras,  
estafado, no Célio maior e no menor).*

Contudo por mais difícil que fosse obtê-la e por mais parca que se apresentasse, essa *sportula* era para muitos *clientes*, como para Marcial, essencial à sua sobrevivência, vendo-se, por isso, na obrigação de tolerar a avareza dos patronos, muito embora não a calá-la:

*Felicem fieri credis me, Zoile, cena?  
felicem cena, Zoile, deinde tua?  
debet Aricino conuiua recumbere cliuo,  
quem tua felicem, Zoile, cena facit. (2.19)*

*(Pensas que fico feliz, Zoilo, com um jantar?  
Feliz com um jantar, Zoilo, ainda por cima o teu?  
Deve estar deitado na ladeira de Arícia o conviva  
a quem o teu jantar, Zoilo, faz feliz.).*

E a única forma de contornar a falta de generosidade estaria na obtenção de (leia-se: sujeição a) novos patronos, como intenta Marcial ao rogar amizade a Fusco<sup>470</sup>:

*Si quid, Fusce, uacas adhuc amari —  
nam sunt hinc tibi, sunt et hinc amici —  
unum, si superest, locum rogamus,  
nec me, quod tibi sim nouus, recuses:  
omnes hoc ueteres tui fuerunt.  
tu tantum inspice qui nouus paratur  
an possit fieri uetus sodalis. (1.54)*

---

<sup>470</sup> Alerta Cristina de Sousa Pimentel, na nota à tradução deste epigrama, que Marcial poderia, de facto, pretender a amizade de Fusco, porém, e dada a polissemia do termo, no contexto, parece ser mais provável que do estabelecimento de uma relação de *clientela* se tratasse (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 73).

(Se ainda tens algum espaço, Fusco, para a amizade —  
já que tens amigos dum lado, tens amigos do outro —,  
se um lugar te sobra, por favor te peço,  
não mo recuses a mim, que para ti sou novo:  
também já o foram, os teus velhos amigos.  
Tu pondera somente se este novo que se apresenta,  
se pode vir a tornar um velho amigo.).

A relação entre *patronus* e *cliens* era, de facto, baseada na *amicitia*, que não deve ser, no entanto, confundida com uma amizade entre iguais<sup>471</sup>. Marcial deixou, de resto, isso bem claro, em 2.55:

*Vis te, Sexte, coli: uolebam amare.  
parendum est tibi: quod iubes, coleris.  
sed si te colo, Sexte, non amabo.*

(Queres, Sexto, que te corteje: eu queria ser teu amigo.  
É preciso obedecer-te: já que o ordenas, serás cortejado.  
Mas, se te cortejo, Sexto, não serei teu amigo.).

Aliás, segundo Richard Saller: “The verses of Martial (Epig. 10.70; 74 ; 82) suggest that the early morning scramble to the house of the patron was an imposition that put the caller in his place.”<sup>472</sup> Um *patronus*, ainda que tal possa ser chamado, é, portanto, muito diverso de um *amicus*, na medida em que com um patrono ou com um amigo podia conhecer um homem sortes muito diferentes: se

---

<sup>471</sup> Ruurd R. Nauta esclarece, com efeito, que “the word *amicus* and the corresponding noun *amicitia* were used for a wide variety of relationships, whether between equals ou unequals, whether marked by deeply felt affection or by mere urban politeness, whether founded on selfless devotion or on the interested exchange of goods and services” (R. R. Nauta 2002: 15). A esta dilucidação deve aditar-se a de Richard Saller: “the Romans applied the language of patronage to a range of relationships, with both humble dependants and their junior aristocratic colleagues labelled *clientes*: usage was more fluid than usually supposed, and the connotations of *amicus*, *cliens* and *patronus* were subtly and variously manipulated in different circumstances”, acrescentando, ainda, e como o próprio confirma, na senda do estudo de Peter White (cf. P. White 1978: 74-92), que os “*amici* were subdivided into categories: *superiores*, *pares* and *inferiores* (and then lower down the hierarchy, humble *clientes*)” (R. Saller 1989: 57). Isto mesmo confirmaria José Luís Lopes Brandão, nas páginas do epigramatista — “a vida de cliente é um obstáculo à verdadeira amizade que Marcial tanto preza. Reconhece, pois, que é incapaz de se dizer amigo daquele a quem corteja: das duas uma, ou é cliente ou é amigo.” (J. L. L. Brandão 1998: 158).

<sup>472</sup> R. Saller *op. cit.*: *loc. cit.*.

entre amigos tudo se partilharia, graças e desgraças, com o *cliens* o *patronus* só se dispunha a partilhar o infortúnio:

*Si det iniqua tibi tristem fortuna reatum,  
squalidus haerebo pallidiorque reo:  
si iubeat patria damnatum excedere terra,  
per freta, per scopulos exulis ibo comes.  
dat tibi diuitias: ecquid sunt ista duorum?  
das partem? 'multum est.' Candide, das aliquid?  
mecum eris ergo miser: quod si deus ore sereno  
annuerit, felix, Candide, solus eris. (2.24)*

*('Se a injustiça da sorte te der a desgraça de uma acusação,  
vestido de luto, ficarei junto ao réu e mais pálido do que ele;  
se ela te ordenar que, condenado, deixes a terra pátria,  
pelas ondas, pelos rochedos eu irei, companheiro de exílio.'  
A fortuna dá-te riquezas: são elas então dos dois?  
Dás-me a minha parte? 'É muito.' Cândido, dás-me alguma coisa?  
Comigo estarás, portanto, na desgraça: porque se um deus, com rosto benigno,  
te favorecer, Cândido, serás feliz sozinho.).*

Mas, para o patrono, é esta a melhor das noções de amizade, e Cândido, para repugnância de Marcial, chama-lhe, em 2.43, *Κοινὰ φίλων*:

*'Κοινὰ φίλων.' haec sunt tua, Candide, κοινὰ,  
quae tu magnilocus nocte dieque sonas?  
te Lacedaemonio uelat toga lota Galaeso  
uel quam seposito de grege Parma dedit:  
at me, quae passa est furias et cornua tauri,  
noluerit dici quam pila prima suam.  
misit Agenoreas Cadmi tibi terra lacernas:  
non uendes nummis coccina nostra tribus.  
tu Libycos Indis suspendis dentibus orbis:  
fulcitur testa fagina mensa mihi.  
immodici tibi flaua tegunt chrysendeta mulli:  
concolor in nostra, cammare, lance rubes.  
grex tuus Iliaco poterat certare cinaedo:  
at mihi succurrit pro Ganymede manus.  
ex opibus tantis ueteri fidoque sodali  
das nihil et dicis, Candide, κοινὰ φίλων?*

*(Communauté d'amis. É esta, é esta, Cândido, a tua communauté  
que tu com ênfase noite e dia apregoas?*

*Cobre-te uma toga lavada no lacedemónio Galeso  
 ou que Parma forneceu de um rebanho escolhido;  
 mas à minha, nem o primeiro fantoche, que sofre as fúrias  
 e os cornos dos touros, quereria chamar-lhe sua.  
 Enviou-te a terra de Cadmo lacernas de Agenor:  
 não venderás por três sestércios o meu manto escarlate.  
 Tu apoias as mesas líbias em pés de marfim:  
 apoia-se a minha mesa de faia num tijolo.  
 Enormes salmonetes te cobrem os dourados pratos cinzelados:  
 tu, caranguejo, estás rubro, no meu prato da mesma cor.  
 O teu bando de escravos podia rivalizar com o invertido de Ílion:  
 mas a mim socorre-me, em vez de um ganimedes, a mão.  
 De tantas riquezas, ao teu velho e fiel camarada  
 não dás nada e dizes Communauté d'amis?).*

Claro que há uma forma de escapar a esta humilhante sobrevida: Marcial  
 elencou-a, em 2.53, a Máximo, como se a sua própria coragem avaliasse:

*Vis fieri liber? mentiris, Maxime, non uis:  
 sed fieri si uis, hac ratione potes.  
 liber eris, cenare foris si, Maxime, nolis,  
 Veientana tuam si domat uua sitim,  
 si ridere potes miseri chrysendeta Cinnae,  
 contentus nostra si potes esse toga,  
 si plebeia Venus gemino tibi iungitur asse,  
 si tua non rectus tecta subire potes.  
 haec tibi si uis est, si mentis tanta potestas,  
 liberior Partho uiuere rege potes.*

*(Queres tornar-te livre? Mentas, Máximo, não queres.  
 Mas se queres tornar-te, podes consegui-lo desta forma.  
 Livre serás, se jantar fora, Máximo, não quiseses,  
 se é a uva de Veios a matar a tua sede,  
 se és capaz de trocar da baixela de ouro do desgraçado Cina,  
 se és capaz de te contentar com a minha toga,  
 se fazes amor pelo vulgar preço de dois asses,  
 se és capaz de não entrar direito debaixo do teu tecto.  
 Se tens esta força, se tens tamanha força de vontade,  
 podes viver mais livre que um rei parto.).*

Mas seria, claramente, muito alto o preço a pagar, sobretudo, quando é  
 vicioso o ciclo, quando todos proferem e, em simultâneo, ouvem a fórmula

*dominus et rex*, quando, na verdade, ninguém é rei de si mesmo, como conclui revoltado, em 1.112, o poeta:

*Cum te non nossem, dominum regemque uocabam:  
nunc bene te noui: iam mihi Priscus eris.*

(Quando ainda não te conhecia, chamava-te 'senhor' e 'rei'.  
Agora bem te conheço: doravante para mim serás Prisco.).

E não apenas Prisco, de entre os seus patronos, mas, também, Máximo é *cliens* de outrem:

*Capto tuam, pudet heu, sed capto, Maxime, cenam.  
tu captas aliam: iam sumus ergo pares.  
mane salutatum uenio, tu diceris isse  
ante salutatum: iam sumus ergo pares.  
sum comes ipse tuus tumidique anteambulo regis,  
tu comes alterius: iam sumus ergo pares.  
esse sat est seruum, iam nolo uicarius esse.  
qui rex est regem, Maxime, non habeat. (2.18)*

(Faço-me, com que vergonha, mas faço-me, Máximo, ao teu jantar;  
tu fazes-te a outro: portanto nisto já somos iguais.  
De manhã venho para te saudar, dizem-me que tu saíste  
já antes para saudar: portanto nisto já somos iguais.  
Sou eu próprio do teu séquito e marchó à frente de um soberbo rei,  
tu és do séquito de outro: portanto nisto já somos iguais.  
Já basta ser servo, não quero agora ser servo de um servo!  
Quem é rei, Máximo, que não tenha rei.).

O agastamento de Marcial é legítimo, porém, só existe, em toda a Roma, um único indivíduo capaz de cumprir a premissa de Marcial — *qui rex est regem, Maxime, non habeat*. — o próprio *princeps*, de quem, diretamente ou por meio desta complexa tessitura de dependências, todos eram *clientes*.

Com efeito, adianta Richard Alston: “The emperor, too, greeted his friends and clients at the morning *salutatio*. Much of the political business was conducted through a network of ‘friendships’ and thus accessibility and affability were

highly desirable attributes.”<sup>473</sup> Mas, por pouca sorte sua, não por falta de empenho, nunca pôde Marcial privar tão de perto com qualquer dos césaes.

### 1.3.1.3. Mesteres

Uma megalópole como Roma, a que, para mais, acrescia um extenso subúrbio, atravessava um rio e banhava um mar, concentrava em si todos os ofícios possíveis, num contínuo e acelerado labor:

*Cur saepe sicci parua rura Nomenti  
laremque uillae sordidum petam, quaeris?  
nec cogitandi, Sparse, nec quiescendi  
in urbe locus est pauperi. negant uitam  
ludi magistri mane, nocte pistorum,  
aerariorum marculi die toto;  
hinc otiosus sordidam quatit mensam  
Neroniana nummularius massa,  
illinc balucis malleator Hispanae  
tritum nitenti fuste uerberat saxum;  
nec turba cessat entheata Bellonae,  
nec fasciato naufragus loquax trunco,  
a matre doctus nec rogare Iudaeus,  
nec sulphuratae lippus institor mercis.  
numerare pigri damna quis potest somni?  
dicet quot aera uerberent manus urbis,  
cum secta Colcho Luna uapulat rhombo.  
tu, Sparse, nescis ista nec potes scire,  
Petilianis delicatus in regnis,  
cui plana summos despicit domus montis,  
et rus in urbe est uinitorque Romanus  
nec in Falerno colle maior autumnus,  
intraque limen latus essedo cursus,  
et in profundo somnus et quies nullis  
offensa linguis, nec dies nisi admissus.  
nos transeuntis nisus excitat turbae,  
et ad cubile est Roma. taedio fessis  
dormire quotiens libuit, imus ad uillam. (12.57)*

---

<sup>473</sup> R. Alston 1998: 249. A contrapartida desta rede de relações baseada na *amicitia* era a eliminação da burocracia e a acumulação de poder pelo patrono, o que redundava, no poder absoluto do imperador a quem todos estavam, direta ou indiretamente, ligados (cf. *Ibidem*: 250).



*(Porque busco amiúde o recanto árido de Nomento  
e o humilde lar da minha quinta — queres saber?  
Para pensar, Esparso, ou para descansar  
na Urbe o pobre não tem lugar. Não o deixam viver,  
de manhã, os professores; à noite, os padeiros;  
os martelos dos fundidores, o dia inteiro;  
aqui, ocioso, bate na mesa avara  
um cambista com um maço de moedas de Nero;  
ali um batedor de areia de ouro hispânico  
percute a pedra gasta com um bastão brilhante;  
e não se calam, inspirados, os seguidores de Belona,  
nem o verboso náufrago de peito enfaixado,  
nem o pedinte judeu pela mãe industrializado,  
nem o rameloso vendedor de fósforos de enxofre.  
Quem puder contar os óbices a um sono descansado  
poderá dizer quantas mãos batem no bronze pela cidade,  
quando o fuso da Cólquida fustiga a Lua eclipsada.  
Tal não sabes tu, Esparso, nem podes saber,  
entregue aos prazeres dos domínios de Petílio,  
numa suave mansão com vista para o alto dos montes;  
tens um campo na cidade e um vinhateiro romano,  
e não há melhor vindima na colina de Falerno;  
dentro das extremas há o largo giro de um carro,  
e, no interior, o sono descansado sem perturbação  
de vozes, e nem o dia entra, se não for admitido.  
A mim acorda-me o afã da multidão que passa,  
e tenho Roma à cabeceira. Moído de chatice,  
se me apetece dormir, lá vou até à quinta.).*

Isabel Graça, certamente inspirada por esta variegada descrição, concluiria:

“A actividade fervilha em cada recanto físico de Roma: vias, foros, pórticos, banhos, bibliotecas, templos, anfiteatros, circos, teatros, mercados, escolas, entre outros. São verdadeiros palcos que sustentam a interação humana, aos mais diferentes níveis. Os tecidos produtivo, industrial, comercial, organizacional e administrativo exigem uma multiplicidade de intervenientes ativos, de forma a satisfazerem-se as necessidades prementes da metrópole do momento. É, pois, nesta conformidade, que encontramos uma grande diversidade de agentes e

profissionais directamente ligados aos diferentes sectores: primário, secundário e terciário.”<sup>474</sup>

A vertente sócio-profissional da *Vrbs* só tangencialmente a abordará este estudo, primeiro, porque competir com o completíssimo trabalho de Isabel Graça seria um atrevimento a não ousar neste contexto, depois, porque o mundo dos mesteres é, para o quotidiano, um, apenas, dos seus múltiplos aspetos. Porém, está tão completa e ricamente exposto nos *Libri* o universo dos ofícios, que se torna impossível abordá-los como um todo, sem ceder a qualquer particularização.

Assim, e porque não fora neste âmbito e ficariam excluídos do presente estudo dos principais destinatários da sátira marcialina, deter-se-á, ainda que não longamente, a análise sobre os médicos.

Os esculápios eram, em Roma, um controverso grupo profissional, na medida em que, ao contrário do seu patrono, nem sempre se mostravam capazes de patrocinar as curas.

Revelava a tendência global do tempo que, mais e mais, se fazia notar a presença dos clínicos e não raro de iátricos especialistas: dentistas, oftalmologistas<sup>475</sup>, otorrinolaringologistas, dermatologistas ou cirurgiões<sup>476</sup>, como documenta o epigrama 10.56:

*Totis, Galle, iubes tibi me servire diebus  
et per Auentinum ter quater ire tuum.  
Eximit aut reficit dentem Cascellius aegrum,  
infestos oculis uris, Hygine, pilos;  
non secat et tollit stillantem Fannius uuam,  
tristia saxorum stigmata delet Eros;  
enterocelarum fertur Podalirius Hermes:  
qui sanet ruptos dic mihi, Galle, quis est?*

---

<sup>474</sup> I. Graça 2011: 225-226.

<sup>475</sup> Vide, também, 8.74.

<sup>476</sup> Vide, também, 11.84.

*(Mandas, Galo, que eu te sirva a toda a hora  
e que três e quatro vezes palmilhe o teu Aventino.  
Ora, Cascélio arranca ou chumba um dente cariado;  
tu queimas, Higino, os pelos que afectam a vista;  
Fânio não corta, mas recupera uma supurante úvula,  
Eros apaga as infames marcas das fronte;  
Hermes passa por ser o Podalírio das hérnias...  
Mas diz-me lá, Galo: quem há que cure os tipos estafados?),*

e, até, ginecologistas, que, pela idiossincrasia de Leda, surgem (para logo desaparecerem) no epigrama 11.71<sup>477</sup>:

*Hystericam uetulo se dixerat esse marito  
et queritur futui Leda necesse sibi;  
sed flens atque gemens tanti negat esse salutem  
seque refert potius proposuisse mori.  
Vir rogat ut uiuat uirides nec deserat annos,  
et fieri quod iam non facit ipse sinit.  
Protinus accedunt medici medicaeque recedunt,  
tollunturque pedes. O medicina grauis!*

*(Depois de ao velho marido ter dito que era histérica,  
Leda queixa-se de que ser fodida é para si uma necessidade.  
Mas, entre choros e gemidos, nega-se a pagar tão cara  
a saúde e declara que teria preferido morrer.  
Roga-lhe o homem que viva e não renuncie aos verdes  
anos e permite-lhe fazer o que ele já não pode.  
Logo chegam os médicos e afastam-se as médicas:  
e toca a alçar as pernas... Oh que remédio penoso!).*

Porém, os avanços na arte médica não eram ainda tão substanciais que pudessem as suas práticas ou as suas prescrições grangear uma absoluta confiança:

*Leniat ut fauces medicus, quas aspera uexat  
assidue tussis, Parthenopae, tibi,*

---

<sup>477</sup> Para o tratamento das afeções ginecológicas são sempre convocadas médicas e é esse, nos *Libri*, em 11.71 ou em 11.60, o único dos cuidados iátricos confiado às mulheres. Contudo, regista com sarcasmo Marcial, em ambos os *fulmina*, às pacientes, assim Leda e assim Flógis, não surtem efeito outros tratamentos que não os de um médico.

*mella dari nucleosque iubet dulcesque placentas  
et quidquid pueros non sinit esse truces.  
At tu non cessas totis tussire diebus.  
Non est haec tussis, Parthenopae, gula est. (11.86)*

*(Para te aliviar a garganta, que uma penosa tosse atormenta  
sem cessar, Partenopeu, o médico te receitou  
umas colheres de mel, amêndoas e doces bolos  
e tudo o mais que não deixa as crianças birras fazer:  
mas tu não paras todos os dias de tossir.  
Uma tosse dessas não é tosse, Partenopeu: é gula!)*

E as dúvidas adensavam-nas a condição e a proveniência dos praticantes de medicina — para além de muitos escravos ou libertos, eram imigrantes, sobretudo gregos<sup>478</sup>, os médicos, embora também os houvesse judeus —, e, ainda, o teor experimental da ciência nem sempre seguro de resultados. Em 6.53<sup>479</sup>, um desses iátricos gregos, Hermócrates, é, hiperbolicamente, responsabilizado pela morte de um Andrágoras saudável mas que, para seu infortúnio, teria sonhado com o médico:

*Lotus nobiscum est, hilaris cenauit, et idem  
inuentus mane est mortuus Andragoras.  
Tam subitae mortis causam, Faustine, requiris?  
in somnis medicum uiderat Hermocraten.*

*(Tomou banho connosco, alegre jantou, e mesmo assim,  
de manhã, foi encontrado morto Andrágoras.  
A causa de tão repentina morte, Faustino, queres sabê-la?  
Em sonhos vira Hermócrates, o médico.)*

---

<sup>478</sup> Isabel Graça salienta o facto de serem doze os gregos de entre os dezasseis médicos convocados por Marcial para os seus *Libri*, a saber: Álcon, Críton, Diaulo, Eros, Eucto, Heras, Hermes, Hermócrates, Herodes, Higino, Símaco e Sotas (cf. I Graça 2010: 319).

<sup>479</sup> Vide, também, 1.30.

Não significa isto que não houvesse bons (e bem sucedidos) médicos<sup>480</sup>, a verdade é que, tão diversamente do contexto atual, não seria esta das mais dignificantes das profissões<sup>481</sup> da Roma do século I.

Ora, por um lado, os progressos que a medicina conheceu, sobretudo do século vinte em diante, haveriam de ditar, que se sobrepusesse o número dos iátricos competentes e eficientes sobre o dos malsãos; e, por outro, o primado da vida humana determinaria que a ironia se afastasse progressivamente do ataque à classe médica.

Já de outros ofícios o mesmo não pode ser dito. A advogados, arquitetos, banqueiros, cangalheiros, empreiteiros, juízes, taberneiros, livreiros, políticos continuam a ser hodiernamente imputados boa parte dos vícios que lhes apontou Marcial, e aprecia rir-se deles o século XXI, como apreciara o I.

### 1.3.2. Durante a tarde e à noite

Se a manhã servia, essencialmente os propósitos de uma Roma sócio-profissional, à medida que o sol avançava para o ocaso, era a Roma sócio-recreativa que despertava, primeiro nos banhos, depois nas *cenae*, às vezes num ou noutro espetáculo, e, em seguida, aonde quer que a noite a conduzisse. E não quer isto dizer que, *post meridiem*, os negócios cessassem ou que se não fizessem movimentações políticas, significa, apenas, que, ainda que fossem os mesmos os fins, agora, seriam diversos os meios.

---

<sup>480</sup> Desses diria, no entanto, Jacques André: “Le bon médecin n’est pas un beau sujet pour l’historien et le satirique.” (J. André 1987: 151 *apud* I. Graça 2010: 322).

<sup>481</sup> A classe estava não apenas francamente exposta à crítica de Marcial, como também se revelava alvo da depreciação de Juvenal, como sucederia em *Sat.* 3.74-78. Havia, de facto, uma timbrante tradição satírica relativamente aos médicos e que, como salienta Cristina Sousa Pimentel, perduraria, inclusivamente, até Bocage (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. II: 119-120).

Para Marcial, e se na companhia dos seus literatos amigos, Arrúncio Estela, Nepos, Cânio Rufo, Júlio Cereal, Flaco e Lupo, era esta, como a descreveu, em 10.48, a melhor parte do dia:

*Nuntiat octauam Phariae sua turba iuuencae,  
et pilata redit iamque subitque cohors.  
temperat haec thermas, nimios prior hora uapores  
halat, et immodico sexta Nerone calet.  
Stella, Nepos, Cani, Cerialis, Flacce, uenitis?  
septem sigma capit, sex sumus, adde Lupum.  
exoneraturas uentrem mihi uilica maluas  
attulit et uarias, quas habet hortus, opes,  
in quibus est lactuca sedens et tonsile porrum,  
nec deest ructatrix mentha nec herba salax;  
secta coronabunt rutatos oua lacertos  
et madidum thynni de sale sumen erit.  
gustus in his; una ponetur cenula mensa:  
haedus inhumani raptus ab ore lupi,  
et quae non egeant ferro structoris ofellae  
et faba fabrorum prototomique rudes;  
pullus ad haec cenisque tribus iam perna superstes  
addetur. saturis mitia poma dabo,  
de Nomentana uinum sine faece lagona,  
quae bis Frontino consule trima fuit.  
accedent sine felle ioci nec mane timenda  
libertas et nil quod tacuisse velis:  
de prasino conuiuia meus Scorpoque loquatur,  
nec faciant quemquam pocula nostra reum.*

*(Anunciam os seus sacerdotes a oitava hora à fária novilha,  
e, de dardo em punho, uma coorte já regressa e outra lhe sucede.  
Esta hora tempera os banhos quentes, a anterior exala demasiado  
vapor, e a sexta aquece ao máximo nas termas de Nero.  
Estela, Nepos, Cânio, Cereal, Flaco, vêm ou não?  
O sigma leva sete, somos seis, ajunta Lupo.  
A caseira trouxe-me umas malvas para purgar  
o ventre e outros recursos do meu horto,  
entre as quais a alface remansada e o aparado alho-porro,  
e nem falta hortelã que faz arrotar nem a erva rinchoa.  
Ovos cortados vão coroar cavalas a saber à arruda  
e haverá tetas de porca em salmoura de atum.  
Aqui estão as entradas. O meu jantarinho constará de um único prato:  
um cabrito roubado aos dentes de um lobo feroz,*

*e costeletas que dispensem o ferro do trinchador  
e as favas de artesãos e brócolos temporãos.  
A isto se ajuntarão o frango e o presunto que já subsistiu a três  
jantares. Aos convivas, quando saciados, darei maduros frutos,  
vinho sem borra em nomentana bilha,  
que, no consulado de Frontino, tinha duas vezes três anos.  
Seguir-se-ão jogos sem fel e uma desenvoltura que, de manhã,  
não compromete e nada que desejasses não ter dito.  
Que meu conviva fale dos verdes e de Escorpo,  
que meus copos não façam de ninguém um réu.).*

### 1.3.2.1. Banhos

Mais que a salubridade de Roma, embora não possa esta, como documenta o epigrama 2.12, ser desmerecida:

*Esse quid hoc dicam quod olent tua basia murrum  
quodque tibi est numquam non alienus odor?  
hoc mihi suspectum est, quod oles bene, Postume, semper:  
Postume, non bene olet qui bene semper olet.*

*(Que posso eu dizer, se os teus beijos cheiram a mirra  
e se tu nunca tens senão um perfume exótico?  
Isso para mim é suspeito, Póstumo, que cheires sempre bem:  
Póstumo, bem não cheira quem sempre bem cheira.),*

os banhos<sup>482</sup> eram, em toda a Urbe, o local preferencial para se fazerem negócios — dos mais lucrativos aos mais duvidosos —, e, claro, para se combinarem ou, quantas vezes, cravarem as *cenae*, como procura Sélvio, repetidamente, fazer:

*Nil intemptatum Selius, nil linquit inausum,  
cenandum quotiens iam uidet esse domi.  
currit ad Europen et te, Pauline, tuosque  
laudat Achilleos, sed sine fine, pedes.  
si nihil Europe fecit, tunc Saepta petuntur,  
si quid Phillyrides praestet et Aesonides.*

---

<sup>482</sup> Sobre as perspectivas do epigramatista, relativamente às práticas balneares romanas, perscrute-se, complementarmente, o artigo “Marcial e os Banhos de Roma” de Isabel Graça (cf. I. Graça 2004: 117-136).

*hic quoque deceptus Memphitica templa frequentat,  
 assidet et cathedris, maesta iuuenca, tuis.  
 inde petit centum pendentia tecta columnis,  
 illinc Pompei dona nemusque duplex.  
 nec Fortunati spernit nec balnea Fausti,  
 nec Grylli tenebras Aeoliamque Lupi:  
 nam thermis iterum ternis iterumque lauatur.  
 omnia cum fecit, sed renuente deo,  
 lotus ad Europes tepidae buxeta recurrit,  
 si quis ibi serum carpat amicus iter.  
 per te perque tuam, uector lasciue, puellam,  
 ad cenam Selium tu, rogo, taure, uoca. (2.14)<sup>483</sup>*

*(Sélio nada deixa de tentar, nada deixa de ousar,  
 sempre que se vê obrigado a jantar em casa.  
 Corre ao pórtico de Europa e a ti, Paulino, e aos teus  
 pés de Aquiles enche de louvores, e sem parar.  
 Se Europa nada ofereceu, dirige-se então aos Septa,  
 a ver se o filho de Fílira e de Éson lhe valem.  
 Daqui também desenganado, frequenta os templos de Mênfis  
 e senta-se nas tuas cadeiras, ó triste novilha;  
 daqui dirige-se ao tecto suspenso sobre cem colunas,  
 dali aos dons de generosidade de Pompeio e ao duplo bosque;  
 não despreza os banhos de Fortunato e de Fausto  
 nem o antro tenebroso de Grilo, nem o eólico de Lupo:  
 pois, nas termas, se lava e volta a lavar.  
 Quando tudo tentou, mas o deus foi desfavorável,  
 já lavado, volta de novo aos buxos da tépida Europa,  
 a ver se algum amigo aí toma um caminho tardio.  
 Por ti, lascivo raptor, e pela tua amada,  
 convida tu Sélio, peço-te, ó Touro, para o teu banquete.).*

---

<sup>483</sup> A demanda de Sélio por um jantar não se limita às termas: ele dispunha-se a correr os pórticos os templos, os teatros e os bosques adjacentes. Todos os espaços públicos e buliciosos eram propensos aos encontros com patronos ou amigos, sobretudo dos que se dispusessem a pagar o jantar, por isso, um certo parasita, Vacerra, não descarta sequer as latrinas:

*In omnibus Vacerra quod conclauibus  
 consumit horas et die toto sedet,  
 cenaturit Vacerra, non cacaturit. (11.77)*

*(Embora em todas as retretes Vacerra  
 horas consuma e o dia sentado passe,  
 Vacerra tem vontade é de jantar, não de cagar.).*



### 1.3.2.2. Banquetes

Os Romanos tomavam duas refeições principais: o *prandium* e a *cena* e se eram ambas essenciais ao corpo, a mente, numa delas mais do que na outra, se deleitava.

A *cena* era, efetivamente e por excelência, o momento do dia, quer para o Romano abastado, que se reclinava, entre amigos, boa comida e melhor bebida, para saborear o jantar e o momento, quer para o pelintra, se se tivesse conseguido fazer convidar para a mesa de um dos muitos fartos banquetes. Assim, a *cena* revestia-se de uma enorme importância social para quem a oferecia e para quem era para ela convidado.

E se a um *cliens*, por mais que o ditasse a necessidade, ficava mal tal disponibilidade para sempre jantar fora de casa que o fizesse parecer um parasita<sup>484</sup>:

*Quod fronte Selium nubila uides, Rufe,  
quod ambulator porticum terit seram,  
lugubre quiddam quod tacet piger uultus,  
quod paene terram nasus indecens tangit,  
quod dextra pectus pulsat et comam uellit:  
non ille amici fata luget aut fratris,  
uterque natus uiuit et precor uiuat,  
salua est et uxor sarcinaeque seruique,  
nihil colonus uilicusque decoxit.  
maeroris igitur causa quae? domi cenat. (2.11)*

*(Lá porque vês Sélio de cenho enevoado, Rufo,  
lá porque tão tarde anda errante a polir esquinas no pórtico,  
lá porque o seu rosto abatido cala qualquer coisa sinistra,  
lá porque o seu nariz quase toca indecentemente o chão,  
lá porque bate com a direita no peito e arranca os cabelos,  
não chora o tipo a morte de um amigo ou de um irmão,  
os dois filhos vivem e oxalá continuem a viver,*

---

<sup>484</sup> Sobre esta tipologia de *clientes* debruçou-se Cynthia Damon com o seu estudo *The Mask of the Parasite: A Pathology of Roman Patronage* (cf. C. Damon <sup>4</sup>2000).

*a mulher está de saúde e os bens e os escravos,  
e o feitor e o caseiro em nada o defraudaram.  
Qual é então a causa da tristeza? Janta em casa.),*

mal ficaria a um *patronus*, tendo-os convidado para a sua *cena*, servir mal os seus convivas:

*Atreus Caecilius cucurbitarum:  
sic illas quasi filios Thyestae  
in partes lacerat secatque mille.  
gustu protinus has edes in ipso,  
has prima feret alteraque cena.  
has cena tibi tertia reponet,  
hinc seras epidipnidas parabit.  
hinc pistor fatuas facit placentas,  
hinc et multiplices struit tabellas  
et notas caryotidas theatris.  
hinc exit uarium coco minuta,  
hinc lentem positam fabamque credas;  
boletos imitatur et botellos,  
et caudam cybii breuesque maenas.  
hinc cellarius<sup>485</sup> experitur artes,  
ut condat uario uafere sapore  
in rutae folium Capelliana.  
sic implet gabatas paropsidasque,  
et leues scutulas cauasque lances.  
hoc lautum uocat, hoc putat uenustum,  
unum ponere ferculis tot assem. (11.31)*

*(Cecílio é o Atreu das abóboras:  
como se elas os filhos de Tiestes fossem,  
dilacera-as e esquarteja-as em mil pedaços.  
São elas que vais comer logo à entrada;  
a elas, no primeiro e segundo prato, irá recorrer;  
a elas no terceiro irá também apelar;  
e com elas preparará as tardias sobremesas.  
Com elas faz o pasteleiro insípidos bolos,  
com elas cria também múltiplas peças  
e as tâmaras bem conhecidas nos teatros.  
Com elas inventa o cozinheiro picados vários,  
a ponto de julgares que lentilhas ou favas te serviram;*

---

<sup>485</sup> Em consonância com a opção do tradutor, foi *cellarius* a lição seguida, contrariando a proposta *bellarius* de David Roy Shackleton Bailey.

*com elas imita cogumelos e chouriços  
e rabos de atum e pequenos arenques.  
Com elas exercita o despenseiro a sua arte,  
que hábil disfarça, por meio de sabores vários,  
um petisco de Capélio em folha de arruda.  
Assim preenche a escudela e amplas bandejas,  
os pires ligeiros e as fundas travessas.  
E a isto chama requinte, isto julga refinado:  
para tantas iguarias, de um só asse dispor.),*

e melhor não lhe ficaria, se bem os servisse, mas na expectativa de obter deles  
igual receção, quando iguais entre si não eram estes *amici*:

*Boletos et aprum si tamquam uilia ponis  
et non esse putas haec mea uota, uolo:  
si fortunatum fieri me credis et heres  
uis scribi propter quinque Lucrina, uale.  
lauta tamen cena est: fateor, lautissima, sed cras  
nil erit, immo hodie, protinus immo nihil,  
quod sciat infelix damnatae spongea uirgae  
uel quicumque canis iunctaque testa uiae:  
mullorum leporumque et suminis exitus hic est,  
sulphureusque color carnificesque pedes.  
non Albana mihi sit comissatio tanti  
nec Capitolinae pontificumque dapes;  
imputet ipse deus nectar mihi, fiet acetum  
et Vaticani perfida uappa cadi.  
conuiuas alios, cenarum, quaere, magister,  
quos capiant mensae regna superba tuae:  
me meus ad subitas inuitet amicus ofellas.  
haec mihi quam possum reddere cena placet. (12.48)*

*(Se me serves cogumelos e javali como banais,  
e não os consideras os meus sonhos, aceito;  
mas se pensas fazer-me feliz, e meu herdeiro  
queres ser por cinco ostras do Lucrino, adeus.  
O jantar é opulento, confesso, opulentíssimo, mas amanhã,  
nada será; mesmo hoje, já a seguir, é nada;  
bem o sabe a infeliz esponja de uma haste ultrajada  
ou um qualquer cão ou bacio à beira do caminho.  
É este o fim dos salmonetes, das lebres e tetas de porca,  
e uma tez cor de enxofre e um verdugo nos pés.  
A tal preço não me fica uma orgia albana,  
nem um banquete capitolino e dos pontífices.*

*Até o néctar com que um deus me penhorasse azedo se tornaria  
e pérfida zurrapa de uma pipa do vaticano.  
Procura outros convidados para os jantares que reges  
a quem seduza a arrogância do reino da tua mesa:  
convide-me o meu amigo para um petisco de improvisado.  
Agrada-me o jantar que eu possa retribuir.).*

As *cenae*, pela sua natureza, deveriam dispensar atropelos desta e doutras naturezas; porém, as situações injustas, embaraçosas, ou, simplesmente, insólitas sucediam-se, no quotidiano, e era delas, afinal, que ia Marcial tomar o *Romano sale*<sup>486</sup> para os seus gracejos, como, em 11.79, faria:

*Ad primum decima lapidem quod uenimus hora,  
arguimur lentae crimine pigritiae.  
non est ista uiae, non est mea, sed tua culpa est,  
misisti mulas qui mihi, Paete, tuas.*

*(Porque cheguei ao primeiro marco à hora décima,  
acusam-me de ser lento e preguiçoso.  
Mas a culpa não é da estrada nem minha, mas sim tua,  
já que as mulas que me enviaste, Peto, são tuas.).*

Havia, ainda, em Roma, *cenae* particularmente celebrativas: as das ocasiões festivas, mormente dos *Saturnalia*, as quais inspirariam a Marcial o seu *opus Apophoreta*; e as de casamentos ou de aniversários. O epigrama 11.65 espelha bem a importância de convidar os amigos para o festejo genetliaco:

*Sescenti cenant a te, Iustine, uocati  
lucis ad officium quae tibi prima fuit.  
inter quos, memini, non ultimus esse solebam;  
nec locus hic nobis inuidiosus erat.*

\* \* \* \* \*

*postera sed festae reddis sollemnia mensae:  
sescentis hodie, cras mihi natus eris.*

*(Pessoas aos centos, Justino, convidaste para jantar,  
a fim de celebrares o dia que te viu nascer.*

---

<sup>486</sup> Vide 8.3.19 e, paralelamente, 10.9.2 ou 4.23.7.

*Entre eles, bem me lembro, eu não usava ser o último,  
nem essa honra me suscitava invejas.*

\* \* \* \* \*

*No dia seguinte, renovas a cerimónia da mesa em festa:  
hoje nasces para centenas, amanhã para mim nascerás.).*

Entre os Romanos, os banquetes, das *cenae* mais privadas aos festins que celebravam os festivais públicos, serviam, então, o propósito de reforçar laços pessoais ou uniões comunitárias, mas, também, vínculos sociais<sup>487</sup>.

### 1.3.2.3. Leituras públicas

A tradição oral da literatura clássica remanesceu, na Roma do século I, sob a forma de leituras públicas. Estes momentos recitativos cumpriam a dupla função de celebrar os autores e as suas obras e de proporcionar às audiências deleitosos (ou, dependendo do poeta, penosos) momentos culturais.

Nas *recitationes* em que apresentasse o seu *opus*, procurava o poeta fazer prova de engenho que lhe concedesse a fama, tarefa dificultada, caso tivesse de partilhar o momento com outros pares e, sobretudo, se, como no sucesso relatado por Marcial, em 2.71, estes se excusassem às próprias criações e se escudassem em obras dos *maiores*:

*Candidius nihil est te, Caeciliane. notaui,  
si quando ex nostris disticha pauca lego,  
protinus aut Marsi recitas aut scripta Catulli.  
hoc mihi das, tamquam deteriora legas,  
ut collata magis placeant mea? credimus istud;  
malo tamen recites, Caeciliane, tua.*

*(Nada é mais ingénua que tu, Ceciliano. Reparei  
que sempre que eu leio uns poucos dísticos dos meus,  
logo recitas textos de Marso ou de Catulo.  
Concedes-me isto, como se lesses versos inferiores,*

---

<sup>487</sup> Nicholas Purcell, precisamente, concluiria: “Here too the dependence of lower-status groups on the generosity of the rich could be seen on every occasion.” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 155).

*para que, comparados, os meus agradem mais? Acredito;  
mas antes quero, Ceciliano, que leias os teus.).*

Também havia, entre os maus poetas, os que, sem terem disso consciência aparente, se não calavam:

*Perfixisse tuas questa est praefatio fauces:  
cum te excusaris, Maxime, quid recitas? (3.18)*

*(Iniciaste o discurso a dizer que tinhas apanhado frio na garganta.  
Agora que te desculpaste, Máximo, porque declamas?).*

As leituras públicas eram, ainda, ocasiões propensas ao plágio, como se queixa, em 12.63, Marcial, alegando que o roubo literário é muito pior, quando advindo do mau poeta, na medida em que não poderia o epigramatista ousar recitar, por retaliação, as composições do plagiador:

*Vincto Corduba laetior Venafro,  
Histra nec minus absoluta testa,  
albi quae superas oues Galaesi  
nullo murice nec cruore mendax,  
sed tinctis gregibus colore uiuo:  
dic uestro, rogo, sit pudor poetae  
nec gratis recitet meos libellos.  
ferrem, si faceret bonus poeta,  
cui possem dare mutuos dolores.  
corrumpit sine talione caelebs,  
caecus perdere non potest quod aufert:  
nil est deterius latrone nudo:  
nil securius est malo poeta.*

*(Ó Córdova, mais rica que o azeitado Venafro,  
e não menos perfeita que uma talha de Ístria,  
que superas as ovelhas do branco Galeso,  
não pela falsidade da púrpura ou do sangue,  
mas pela cor viva que tinge os rebanhos:  
manda, por favor, o teu poeta ter vergonha  
para que os meus versos não recite de graça.  
Eu suportaria, se ele fosse poeta dos bons  
a quem eu dar pudesse uma dor igual.  
Não teme a vingança um mulherengo solteiro,  
um cego não pode perder o que pode tirar a outrem.*

*Nada é pior que um ladrão despojado:  
quem tem menos a temer é o mau poeta.).*

A *recitatio* servia, muitas vezes, o propósito de animar as *cenae*, sobretudo aquelas entre literatos ou grandes apreciadores de cultura. Em casa de Marcial e, como corolário de um dia perfeito com um amigo, assim sucedia:

*Cenabis belle, Iuli Cerialis, apud me;  
condicio est melior si tibi nulla, ueni.  
octauam poteris seruare; lauabimur una:  
scis quam sint Stephani balnea iuncta mihi.  
prima tibi dabitur uentri lactuca mouendo  
utilis, et porris fila resecta suis,  
mox uetus et tenui major cordyla lacerto,  
sed quam cum rutae frondibus oua tegant;  
altera non deerunt leni uersata fauilla,  
et Velabrensi massa coacta foco,  
et quae Picenum senserunt frigus oliuae.  
haec satis in gustu. cetera nosse cupis?  
mentiar, ut uenias: pisces, coloephia, sumen,  
et chortis saturas atque paludis aues,  
quae nec Stella solet rara nisi ponere cena.  
plus ego polliceor: nil recitabo tibi,  
ipse tuos nobis relegas licet usque Gigantas,  
rura uel aeterno proxima Vergilio. (11.52)*

*(Jantarás bem, Júlio Cereal, em minha casa;  
se proposta melhor não tiveres, aparece.  
Podes reservar a hora oitava; juntos iremos ao banho:  
sabes como as termas de Estéfano ficam perto daqui.  
Primeiro serás servido de alface, um laxativo  
recomendado, e alhos-porros de rebentos talhados;  
a seguir atum, de conserva, maior que cavala miúda,  
mas com guarnição de ovos sobre folhas de arruda;  
não faltarão outros, mexidos em lume brando,  
e queijo coalhado ao lume do Velabro  
e azeitonas que experimentaram o frio do Piceno.  
Como aperitivo basta. Queres saber do resto?  
Mentirei, para que venhas: peixe, almôndegas, tetas  
de porca e gordas aves de capoeira e de caça,  
que mesmo Estela só em raros jantares serve.  
Ainda te prometo mais: não te vou recitar nada,*

*mesmo que de fio a pavio me releias os teus Gigantes  
e as Geórgicas, tão próximas do eterno Virgílio.).*

Muito embora, alguns se aproveitassem deste facto para, a contragosto dos seus convivas, fazerem da literatura o prato principal, como sempre pretendia Ligurino com os seus banquetes:

*Haec tibi, non alia, est ad cenam causa uocandi,  
uersiculos recites ut, Ligurine, tuos.  
deposui soleas, affertur protinus ingens  
inter lactucas oxygarumque liber:  
alter perlegitur, dum fercula prima morantur:  
tertius est, nec adhuc mensa secunda uenit:  
et quartum recitas et quintum denique librum.  
putidus est, totiens si mihi ponis aprum.  
quod si non scombris scelerata poemata donas,  
cenabis solus iam, Ligurine, domi. (3.50)<sup>488</sup>*

---

<sup>488</sup> Vide, também, 3.45. Ligurino seria, aliás, hiperbolicamente apresentado por Marcial como o caso patológico do poeta que precisa, desesperadamente e em toda a parte, de um ouvido para as suas criações:

*Occurrit tibi nemo quod libenter,  
quod, quacumque uenis, fuga est et ingens  
circa te, Ligurine, solitudo,  
quid sit, scire cupis? nimis poeta es.  
hoc ualde uitium periculosum est.  
non tigris catulis citata raptis,  
non dipsas medio perusta sole,  
nec sic scorpios improbus timetur.  
nam tantos, rogo, quis ferat labores?  
et stanti legis et legis sedenti,  
currenti legis et legis cacanti.  
in thermas fugio: sonas ad aurem.  
piscinam peto: non licet natare.  
ad cenam propero: tenes euntem.  
ad cenam uenio: fugas edentem.  
lassus dormio: suscitās iacentem.  
uis, quantum facias mali, uidere?  
uir iustus, probus, innocens timeris. (3.44)*

*(Visto que ninguém se encontra contigo de bom grado,  
visto que, onde quer que vás, todos fogem e profunda  
solidão, Ligurino, te rodeia,  
qual a razão, desejas saber? És demasiado poeta.*



*(Com este, e não outro intuito, me convidas para jantar:  
para recitares, Ligurino, os teus versinhos.  
Mal pousei as sandálias, logo é trazido entre as alfaces  
e a salmoura avinagrada um enorme livro;  
outro é completamente lido, enquanto os primeiros pratos demoram;  
um terceiro também, e ainda nem chegou a sobremesa;  
e recitas um quarto e, por fim, um quinto livro.  
Seria um enjoo, se tantas vezes me servisses javali.  
Por isso, se não ofereces os celerados poemas às cavalas,  
passarás, Ligurino, a jantar em casa sozinho.).*

John Barsby adianta que a poesia, sobretudo, ainda que pensada pelo seu autor para um público leitor, era, não raro, apresentada, primeiro, perante uma audiência<sup>489</sup>. É neste sentido que apontam os versos de Marcial, eles próprios escrutinados, por vezes, em primeira mão, por um auditório atento. E seriam esses auditores quem buscaria, depois, as páginas do poeta de BÍLBILIS, ao mesmo tempo que, certamente, preteriria as composições de um Ligurino. Com efeito, foi Marcial que pôde singrar até aos olhos do presente.

---

*E este é um vício muito perigoso.  
Nem a tigre-fêmea, acossada pelo rapto dos filhotes,  
nem a serpente, inflamada com o sol do meio-dia,  
nem o escorpião cruel se temem desta maneira.  
Com efeito, quem — diz-me, por favor — pode suportar calvário de tal sorte?  
Quando estou de pé, lê e lê quando estou sentado,  
quando corro, lê e lê quando defeco.  
Fujo para as termas: cantas-me ao ouvido.  
Procuro a piscina: não se pode nadar.  
Corro para o jantar: reténs-me no caminho.  
Chego ao jantar: afugentas-me quando estou a comer.  
Durmo de cansaço: fazes-me saltar da cama.  
Queres ver a porção de mal que tu me fazes?  
És um homem justo, honesto, isento de culpa... mas temido.).*

<sup>489</sup> Cf. J. Barsby 1997 (1998 reprint): 264.

#### 1.3.2.4. *Ludi*

Considerando as afamadas palavras de Juvenal<sup>490</sup>, pão e circo eram dois dos alicerces da *Vrbs Aeterna*.

Os *ludi* remontam, em Roma, a um tempo tão ancestral quanto o do reinado do primeiro monarca etrusco, Tarquínio Prisco, a quem a voz da tradição, propalada por Tito Lívio, no seu *Ab Vrbe Condita*, 1.35, imputa os alvares da edificação e utilização do Circo Máximo. A verdade é que o percurso da Urbe é indissociável do desenvolvimento destes *ludi*, que nascem como manifestações religiosas de periodicidade anual com o propósito de gratificar os deuses.

Paralelamente aos *ludi circenses*, os *ludi scaenici*, herdados da dramaturgia grega, muito embora os mais populares dos *ludi* viessem a ser os *gladiatorii* — *munera*, com mais propriedade —, introduzidos em 246 a.C., as *uenationes*, adotadas em 186 a.C., e, também, as *naumachiae*, apresentadas pela primeira vez em 46 a.C..<sup>491</sup>

A complexidade crescente dos jogos, aliada a um interesse massificado sem precedentes, obrigaria por questões de segurança e aconselharia por motivos populistas à criação de infraestruturas permanentes e cada vez mais complexas, que haviam de se tornar fundamentais para a dinâmica do espaço urbano, quer físico quer social<sup>492</sup>. Aventa Jonh R. Patterson que “The emperors followed the lead given by Pompey (who had constructed Rome’s first permanent theatre there in 55 BC) and Statilius Taurus (an associate of Octavian who had given the city its first permanent amphitheatre in 29 BC), and build a whole séries of monuments associated with entertainment and spectacle. [...] The *stabula factionum*, the

---

<sup>490</sup> Cf. *Sat.* 10.81.

<sup>491</sup> D. S. Potter and D. J. Mattingly <sup>4</sup>2002: 206-207, 224-243.

<sup>492</sup> Recomenda-se a este propósito a leitura de “Théâtres et Amphithéâtres, Codes de l’Espace Romanisé” de Gérard Chouquer (G. Chouquer 1995: 12-23).

headquarters of the teams of charioteers who performed in the circus, were now a more importante feature of the Campus Martius than those of the *diuiores*.”<sup>493</sup>

Circo, teatros e anfiteatro foram, progressivamente colocados ao serviço do entretenimento dos Romanos. Seriam, no entanto, esses que se disporiam a “to be burned by the fire, bound in chains, to be beaten, to die by the sword”<sup>494</sup> que se catapultariam, pela contingência da morte, para a fama, fazendo dos jogos de gladiadores os mais capazes de mover os espectadores. Os grandes espetáculos começaram, então, a organizar-se, reservando para o fim a grande atração que eram os *munera*, e principiando por acicatar, com *uenationes* e execuções<sup>495</sup>, as multidões atraídas da própria Urbe como de todo o orbe. Com efeito, salienta Andrew Wallace-Hadrill: “The eyes of the world were on Rome. When Augustus put on shows, he was not simply playing to a local audience. Shows attracted vast crowds of visitors: foreign kings and ambassadors got special seating. And in general, Rome was the show place of the empire.”<sup>496</sup>

Os *ludi* passaram, pois, a constituir um reforço da imagem imperial, na medida em que asseguravam à turba dos Romanos e dos estrangeiros que se deslocavam até à Urbe a feliz possibilidade de fruírem, em conjunto com os aristocratas e, não raro, com o próprio imperador, dos *commoda* sempre invejados aos abastados<sup>497</sup>.

---

<sup>493</sup> J. R. Patterson 2000: 77-78.

<sup>494</sup> D. Kyle 2001: 87.

<sup>495</sup> Esta fórmula acabaria por se cristalizar, programando um dia no Coliseu (cf. Fik Meijer 2004: 135-175).

<sup>496</sup> A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 50.

<sup>497</sup> Na época imperial, os *ludi* foram, mais do que nunca, usados ao serviço dessa sociedade de dependências que estruturava Roma. Nicholas Purcell isto mesmo denota “Dependency made these features of aristocratic life briefly available to the whole Roman people. But the reason was not altruism. It was a truly remarkable city in which the poor were able to share in some of the goodies of the rulers, and the culture of the *commoda*, through promoting dependence and advertising the wealth and felicity of the state, helped the wealthy to go on living in a self-

É, então, inegável que os jogos não foram, de todo, uma inovação deste ano 80, na inauguração do Coliseu. Porém, a novidade não está nos jogos (nem no seu intento<sup>498</sup>), mas no modo como, nesta ocasião, foram jogados:

*Lusit Nereidum docilis chorus aequore toto  
et uario faciles ordine pinxit aquas.  
fuscina dente minax recto fuit, ancora curuo:  
credidimus remum credidimusque ratem,  
et gratum nautis sidus fulgere Laconum  
lataque perspicuo uela tumere sinu.  
quis tantas liquidis artes inuenit in undis?  
aut docuit lusus hos Thetis aut didicit. (Sp. 30)*

*(Exibiu-se um gracioso cortejo de Nereides por toda a líquida planura  
e coloriu as águas dóceis de variegados quadros.  
Foi um tridente ameaçador, com seu dente espetado, uma âncora recurva;  
julgámos ver um remo e julgámos ver um barco  
e refulgir a constelação dos Lacónios, aos nautas grata,  
e enfunarem-se as largas velas, de bojo bem traçado.  
Quem seria o inventor de tamanhas artes nas límpidas ondas?  
Ou Tétis estes jogos ensinou ou então aprendeu-os ela.).*

Pela primeira vez, assumiram os *ludi*, a um tempo, tão variegadas cores: de impressionantes *ballets* aquáticos capazes de surpreender a própria Tétis, como hiperbolicamente os descrevem os dois últimos versos do epigrama supracitado, ou acérrimas *naumachiae*, numa arena coberta de água, a surpreendentes *uenationes*, que punham em confronto homens e animais, ou às famosas e lotadas *pugnae* de gladiadores, homens e mulheres, numa arena manchada de sangue<sup>499</sup>.

---

congratulatory cocoon.” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 150). E, no mesmo sentido, se pronunciaria, na senda de Cristina de Sousa Pimentel (cf. C. S. Pimentel 2000: 127-150) e Francisco de Oliveira (cf. F. de Oliveira 1993: 121-142 e *Idem* 2000: 111-126), António Melo (cf. A. Melo 2007: 164).

<sup>498</sup> Espontânea ou interessadamente (ou por uma mistura de ambos), “in the *Liber spectaculorum* Martial addresses ‘Caesar’ eleven times, and the epigrams repeatedly stress the emperor’s miraculous power over nature and his authority in the human realm.” (K. M. Coleman 2006: xliii). Conseguiu, pois, Tito, na obra de Marcial (e não só), o panegírico imperial pela obra inaugurada e pelos jogos que ofereceu para a apresentar.

<sup>499</sup> Uma análise um pouco mais demorada sobre a novidade que permitiu a inauguração do Anfiteatro Flávio intentou-a a autora no seu trabalho “O Anfiteatro de César: a única obra que a

Marcial, no seu *Liber de Spectaculis*, conseguiu retratar os cem dias inaugurais do Coliseu, entre abril e julho, apresentando, ao ritmo do epigrama, a diversidade dos jogos e os seus matizes, qual eles se revelaram ante os incontáveis e extasiados espectadores<sup>500</sup> que, vindos de todo o império, ocuparam, diariamente, cada um dos cinquenta mil lugares disponíveis, e por quem aguardavam ainda, oferta do César, *missilia* e açafrão.

Engenharia e arte parecem nunca ter concorrido na criação de esplendor semelhante:

*Barbara pyramidum sileat miracula Memphis,  
Assyrius iactet nec Babylona labor;  
nec Triviae templo molles laudentur Iones,  
dissimulet Delon cornibus ara frequens;  
aere nec uacuo pendentia Mausolea  
laudibus immodicis Cares in astra ferant.  
omnis Caesareo cedit labor Amphitheatro,  
unum pro cunctis Fama loquetur opus. (Sp. 1)*

*(Cale a bárbara Mênfis o prodígio das suas pirâmides,  
não mais o labor assírio se ufane da Babilónia;  
o templo de Trívia glória não procure aos requintados Iónios,  
ofusque-se em Delos o altar de múltiplos cornos;  
nem, suspenso no vazio do ar, o Mausoléu,  
com louvores desmedidos, os Cários aos céus elevem.  
Todo o labor ao anfiteatro de César o posto cede:  
a única obra que, pelas outras juntas, a fama há-de celebrar.).*

---

Fama há-de celebrar” (cf. J. M. Costa 2009: *passim*). Escrutine-se, para mais pormenores, o capítulo “The Flavian Amphitheatre: all the World as Stage” da autoria de Erik Gunderson e que integra a obra *Flavian Rome — Culture, Image, Text* (cf. E. Gunderson 2003, pp. 637-658), bem como o de Kathryn M. Coleman “The liber spectaculorum: perpetuating the ephemeral”, constante no livro *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation* (K. M. Coleman 1998: 15-36).

<sup>500</sup> Era em êxtase (e muito, dadas as circunstâncias) que, de facto, se encontravam estes espectadores. A prosa de Mário de Carvalho, por exemplo, denota tê-lo claramente percebido (cf. M. de Carvalho 2003: 179). O fenómeno não surpreenderá tanto, se à memória se convocar o arrebatamento recentemente provocado pelos Jogos Olímpicos de Londres (inclusivamente aos que não puderam testemunhá-los *in loco*) ou, mesmo, a ansiedade que despoletam, já, os próximos no Rio de Janeiro, e menos, ainda, se, ao invés de nas Olimpíadas, se pensar nos mais populares jogos dos Mundiais e Europeus de futebol.

O Anfiteatro dos Flávios sempre falará por si mesmo, pelos seus jogos inaugurais as palavras do poeta<sup>501</sup>:

*Iunctam Pasiphaen Dictaeo credite tauro:  
uidimus, accepit fabula prisca fidem.  
Nec se miretur, Caesar, longaeua uetustas:  
quidquid fama canit, praestat harena tibi. (Sp. 6)*

*(Acreditem que Pasífae se uniu ao touro de Dicte:  
vimo-lo — e a velha fábula ganhou autoridade.  
De si não pasme, César, a vetusta antiguidade:  
tudo quanto a fama canta, para ti a arena o reproduz.)*

#### 1.3.2.5. Luxo, prazer e jogo

Pelos *uici* de Roma, de forma mais ou menos legal, ostentava-se o luxo, comprava-se o prazer, arriscava-se no jogo.

A pompa alardeada em abundantes pratos requintados e raros vinhos dispendiosos, perante os comensais, numa *cena* era um exercício de poder, que, normalmente, a magnificência da *domus* amplificava. Uma sem a outra não deixava consolidar influências, antes levantava suspeições:

*Daphnonas, platanonas et aërios pityonas  
et non unius balnea solus habes,  
et tibi centenis stat porticus alta columnis,  
calcatusque tuo sub pede lucet onyx,  
puluerumque fugax hippodromon ungula plaudit  
et pereuntis aquae fluctus ubique sonat,  
atria longa patent. sed nec cenantibus usquam  
nec somno locus est. quam bene non habitas! (12.50)*

*(Áleas de louros, de plátanos e de elevados pinheiros  
e banhos colectivos tu possuis sozinho,  
e tens um alto pórtico sobre cem colunas  
e o ónix te brilha calcado sob os pés,*

---

<sup>501</sup> É fundamental não olvidar que “Marcial está entre os espectadores e é dos mais atentos e deslumbrados”, como salienta Cristina de Sousa Pimentel (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 10-11). É ele, aliás, quem adverte o leitor: *credite [...] uidimus*.

*e no poento hipódromo ressoam cascos velozes,  
e flui por todo o lado o cantar de água corrente;  
átrios se estendem imensos. Mas não há sítio para jantar,  
e nem para dormir. É em grande que não habitas!).*

Mas, pelos *uici*, o luxo que deslumbrava era o dos séquitos de clientes e escravos, o da sumptuosidade do transporte, o do brilho de raras e dispendiosas jóias, o da fragrância elegante de um perfume, o da qualidade e perfeição de uma toga. Esse fausto de uma boa toga agradava, particularmente e como Romano dos melhores, a Marcial:

*Littera facundi gratum mihi pignus amici  
pertulit, Ausoniae dona, Seuere, togae,  
qua non Fabricius, sed uellet Apicius uti,  
uellet Maecenas, Caesarianus eques. (10.73.1-4)*

*(A carta de um eloquente amigo trouxe-me um grato  
penhor, Severo: o presente de uma ausónia toga,  
que não Fabrício, mas Apício teria querido usar;  
tê-la-ia querido Mecenas, o cavaleiro de César.).*

Não seria o luxo da luxúria menos sedutor. O prazer, como é possível constatar, nos *Libri*, podia chegar a ser muito dispendioso<sup>502</sup>:

*Milia uiginti quondam me Galla poposcit  
et, fateor, magno non erat illa nimis.  
annus abit: 'bis quina dabis sestertia', dixit.  
poscere plus uisa est quam prius illa mihi.  
iam duo poscenti post sextum milia mensem  
mille dabam nummos. noluit accipere.  
transierant binae forsan trinaeue Kalendae,  
aureolos ultro quattuor ipsa petit.  
non dedimus. centum iussit me mittere nummos;  
sed uisa est nobis haec quoque summa grauis.  
sportula nos iunxit quadrantibus arida centum;  
hanc uoluit: puero diximus esse datam.*

---

<sup>502</sup> Jasper Griffin realça que “Outside marriage there were spread out for his [of a Roman man] pleasure, and at his expense, the various temptations of the demi-monde.” (J. Griffin 1985 (1999 reprint): 54).

*inferius numquid potuit descendere? fecit.  
dat gratis, ultro dat mihi Galla: nego. (10.75)*

*(Vinte mil, outrora, Gala me pediu  
e, confesso, seu preço não era muito alto.  
Um ano passou: «Dez mil me darás,» disse-me ela.  
Pareceu-me que ela pedia mais que dantes.  
Seis meses depois, quando ela já me pedia dois mil,  
eu dava-lhe mil. Não quis aceitar.  
Tinham passado talvez duas ou três calendas:  
foi ela que, de livre vontade, me pediu quatro moedas de ouro.  
Não lhas dei. Mandou-me enviar-lhe cem sestércios,  
mas até esta soma me pareceu excessiva.  
Uma magra espórtula me chegou de cem quadrantes;  
ela a quis: respondi que a tinha dado ao meu rapaz.  
Acaso foi capaz de descer mais baixo? Foi.  
Dá-se de graça, de livre vontade se dá a mim Gala: e eu recuso.).*

Muito embora — e Gala é disso mesmo um exemplo — o montante a pagar tendesse a ser inversamente proporcional à idade, podendo, pois, atingir-se, por trágica ironia, o cúmulo de a Gala — a mesma que tão apetecida fora<sup>503</sup> — não a querer Marcial (nem ninguém mais, talvez) de graça, sequer<sup>504</sup>.

Sem poder de atração, a velhice, sobretudo se ignorada, dava motivos à chacota:

*Quid uellis uetulum, Ligeia, cunnum?  
quid busti cineres tui laccessis?*

---

<sup>503</sup> Vide 2.25.

<sup>504</sup> Por essa mesma razão, ironiza o poeta com a velhice de Matrínia:

*Non possum uetulam. quereris, Matrinia? possum  
et uetulam, sed tu mortua, non uetula es.  
possum Hecubam, possum Niobam, Matrinia, sed si  
nondum erit illa canis, nondum erit illa lapis. (3.32)*

*(Se posso fazer amor com uma velha — é a tua pergunta, Matrínia. Até com uma velha eu posso, mas tu és uma defunta, não uma velha.  
Posso com Hécuba, posso com Niobe, ó Matrínia, desde que  
uma ainda não seja uma cadela, desde que a outra ainda não seja uma pedra.).*



*tales munditiae decent puellas;  
as tu iam nec anus potes uideri.  
istud, crede mihi, Ligeia, belle  
non mater facit Hectoris, sed uxor.  
erras, si tibi cunnus hic uidetur,  
ad quem mentula pertinere desit.  
quare, si pudor est, Ligeia, noli  
barbam uellere mortuo leoni. (10.90)*

*(Porque depilas, Ligeia, a tua cona velha?  
Porque irritas as cinzas de teu sepulcro?  
Tais donaires convêm às raparigas;  
mas tu já nem por velha podes passar.  
Essa atitude, acredita em mim, Ligeia, fica  
bem, não à mãe de Heitor, mas à esposa.  
Enganas-te, se cuidas que esta é uma cona,  
já que o vergalho deixou de lhe ligar.  
Por isso, Ligeia, se tens algum pudor, não  
te ponhas a arrancar a barba a um leão já morto.).*

O mesmo sucedendo com o defeito, que não aliciava, e, mal disfarçado, tornava-se risível:

*Lomento rugas uteri quod condere temptas,  
Polla, tibi uentrem, non mihi labra linis.  
simpliciter pateat uitium fortasse pusillum:  
quod tegitur, maius creditur esse, malum. (3.42)<sup>505</sup>*

*(Quando procuras ocultar as estrias do teu ventre com farinha de favas,  
Pola, untas a tua barriga, não untas os meus beiços.  
Deixa simplesmente que o defeito, talvez mínimo, se exponha à vontade:  
é que defeito escondido por defeito maior é crido.).*

---

<sup>505</sup> Marcial chegava mesmo a ser cruel (risivelmente, cruel, porém), relativamente aos defeitos físicos e à fealdade das mulheres:

*Cur non basio te, Philaeni? calua es.  
cur non basio te, Philaeni? rufa es.  
cur non basio te, Philaeni? lusca es.  
haec qui basiat, o Philaeni, fellat. (2.33)*

*(Porque te não beijo, Filene? És calva.  
Porque te não beijo, Filene? És ruiva.  
Porque te não beijo, Filene? És zanolha.  
Quem beija uma coisa destas, Filene, faz um broche.).*

Marcial disse preferir, acima de todas, a mulher de *facie ingenua*, resultando do seu jogo de palavras<sup>506</sup> que preteriria uma mulher livre, por uma escrava, se esta fosse mais bela:

*Ingenuam malo, sed si tamen illa negetur,  
libertina mihi proxima condicio est.  
extremo est ancilla loco; sed uincet utramque  
si facie, nobis haec erit ingenua. (3.33)*

*(Prefiro uma mulher livre, mas se, no entanto, ela me for negada,  
tenho numa liberta a opção mais chegada.  
Em último lugar está a escrava; mas triunfará de uma e de outra,  
se para mim tiver a cara de uma mulher livre.).*

A verdade é que o prazer era a beleza da juventude que o assegurava (e pouco, neste domínio, terá mudado), sendo, portanto, entre os escravos mancebos, as escravas moças, os libertos juvenis ou as prostitutas recentes que o procuravam os Romanos, quando evitavam ferir a conjugalidade.

O luxo, que atentava contra a frugal austeridade latina, e o prazer, que, pago, atentava contra o pudor e, adúltero, contra a *pietas* que era devida na *familia*, representavam um desrespeito dos *mores* por que se regiam os Romanos, da *fides* e da *uirtus*, sobretudo.

E a busca do prazer incorria, não raro, em crime, como lembra a Hilo, Marcial, quando aquele, envolvido num amor adúltero, confia que a sua juventude o livre de castigo, olvidando-se, porém, que, ao mesmo tempo que proibira a castração juvenil, o *princeps* recuperara a *lex Iulia de adulteriis coercendis*, prevendo esta sancionar, com a adúltera, o parceiro:

*Vxorem armati futuis, puer Hylle, tribuni,  
supplicium tantum dum puerile times.*

---

<sup>506</sup> O adjetivo *ingenuus* possuía, em Latim, um duplo significado, qualificando, como rememora Cristina de Sousa Pimentel, em nota à tradução deste epigrama, de ‘livre’ a mulher do primeiro verso e de ‘delicada’ a face da mulher do último (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 140).

*uae tibi, dum ludis, castrabere. iam mihi dices  
'non licet hoc.' quid? tu quod facis, Hylle, licet? (2.60)*

*(Andas a foder, jovem Hilo, a mulher de um tribuno militar,  
porquanto só tens a temer o castigo previsto para crianças.  
Ai de ti! enquanto brincas, serás capado. Ainda me dizes:  
«Isso não é legal.» Ah, sim?... E isso que fazes, Hilo, é legal?).*

Além dos jogos amorosos, dedicavam-se, em certos *uici*, os Romanos aos jogos de azar. Mas, ilegal era, também, em Roma, este jogo, que, como se pôde constatar em 14.1, anteriormente transcrito, só a permissividade dos *Saturnalia* toleraria<sup>507</sup>.

Marcial não conseguiu ou não pretendeu esconder que luxo, prazer e jogo, em diversas medidas (diversas sobretudo das dos seus desejos), perpassaram, para além de pelas suas páginas, na sua vida. No entanto, é perentório, pertencesse a escolha ao bilbilitano que era (ainda que poucas coisas lhe tenha, de facto, dado a escolher) e alonjar-se-ia de Roma e dos seus excessos: se pudesse trocaria a incerteza em que vivia e do que podia possuir, pela garantia de um pouco de luxo, de um certo prazer e de algum jogo:

*Coponem laniumque balneumque,  
tonsorem tabulamque calculosque  
et paucos, sed ut eligam, libellos:  
unum non nimium rudem sodalem  
et grandem puerum diuque leuem  
et caram puero meo puellam:  
haec praesta mihi, Rufe, uel Butuntis,  
et thermas tibi haue Neronianas. (2.48)*

*(Um taberneiro e um talhante e um balneário,  
um barbeiro e um tabuleiro e as pedrinhas  
e poucos, mas por mim escolhidos, os livros;  
um companheiro não demasiado inculto,  
um escravo crescidinho e longo tempo imberbe  
e, grata ao meu escravo, uma mocinha:*

---

<sup>507</sup> Adianta Jasper Griffin que “comon to life and poetry is gambling (*alea*), intensely popular, Greek in inspiration, and (of course) forbidden by the law.” (J. Griffin 1985 (1999 reprint): 13-14).

*concede-me tudo isto, Rufo, mesmo em Butuntos,  
e guarda para ti as termas neronianas.).*

E quanto mais exigia dele a *Vrbs* mais ele condescendia nas suas exigências:

*Quintiliane, uagae moderator summe iuuentae,  
gloria Romanae, Quintiliane, togae,  
uiuere quod propero pauper nec inutilis annis,  
da ueniam: properat uiuere nemo satis.  
differat hoc patrios optat qui uincere census  
atriaue immodicis artat imaginibus.  
me focus et nigros non indignantia fumos  
tectata iuuant et fons uiuus et herba rudis.  
sit mihi uerna satur, sit non doctissima coniunx,  
sit nox cum somno, sit sine lite dies. (2.90)*

*(Quintiliano, supremo educador da juventude errante,  
ó glória, Quintiliano, da toga romana,  
se, pobre e não em vão, me apresso a viver os anos,  
dá-me o teu perdão: a viver ninguém se apressa o bastante.  
Adia a vida quem deseja exceder a riqueza paterna  
e desmedidos, lhe atulham os átrios, os retratos.  
A mim, uma lareira e um tecto, que não desdenhe os negros fumos,  
me basta, e uma fonte a correr e uma relva por tratar.  
Tenha eu um escravo bem nutrido, tenha uma mulher pouco erudita,  
tenha a noite com sono, tenha os dias sem querelas.).*

#### 1.4. Dentro da *domus*

Para além de, nas suas observações, Marcial conduzir o leitor, através das ruas, também o introduz na esfera mais privada que encerram as portas da *domus*. E não apenas na casa do epigramatista é dado ao leitor o privilégio de entrar, mas em inúmeras outras das que abarrotavam Roma: numa cidade carente de espaço, nem só os muros das casas se partilham, de forma que não era difícil que se tornasse do domínio público o mais íntimo dos segredos.

#### 1.4.1. Família e vizinhança

Era a família, na sua *domus* e sob a responsável alçada do seu chefe, o *Pater Familiae*, a célula matricial, natural da *Vrbs*, que, plasmada incontáveis vezes, redundava numa organização como o Império Romano<sup>508</sup>.

Na família romana, os papéis de cada um dos seus elementos eram bastante claros: cada qual — o *Pater Familiae*, a *Matrona*, os *pueri* e, até, os escravos domésticos — sabia delimitar com precisão as suas responsabilidades, os seus deveres, os seus direitos e as suas liberdades.

E apesar de toda a funcionalidade que lhe incutiu o carácter do povo, a família romana não deixava de ser, como as de hoje, um lugar de afeto sincero. Ante uns hodiernos olhos, choca o vislumbre das diferenças de tratamento, de opções e de punições, inclusive, entre homens e mulheres (chocará tanto assim?) e logo desde o berço.

Para o menino romano cada aniversário celebrado encurta a distância que fará dele um homem e que, encalçando o seu pai, o fará percorrer o *Cursus Honorum* e tornar-se ele, também, no *Pater Familiae* da sua própria *domus*. E é disto, precisamente, que Marcial procurou consciencializar Marcelino, ao demonstrar-lhe todo o enlevo de seu pai, pela celebração do *dies natalis*, não menos que pelas cerimónias públicas em que viu o filho envergar, finalmente, a *toga uiril*:

*Lux tibi post Idus numeratur tertia Maias,  
Marcelline, tuis bis celebranda sacris.  
imputat aetherios ortus haec prima parenti,  
libat florentes haec tibi prima genas.*

---

<sup>508</sup> Para mais pormenores deve ler-se o capítulo “The Roman Family” que elaborou Andrew Wallace-Hadrill para o estudo *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture* (cf. A. Wallace-Hadrill 1997 (1998 reprint): 208-234), bem como o de Lionel Casson, “The Family”, constante na obra *Everyday Life in Ancient Rome* (cf. L. Casson 1998: 10-23).

*magna licet dederit iucundae munera uitae,  
plus numquam patri praestitit ille dies. (3.6)*

*(Cumpre-se para ti, Marcelino, o terceiro dia  
após os Idos de Maio. Uma data que com dupla cerimónia deve ser celebrada:  
este é o primeiro dia em que os astros nascem para teu pai,  
este dia colhe a primeira barba de tuas faces.  
Embora lhe tenha dado o grande dom de uma vida feliz,  
jamais aquele dia proporcionou maior alegria a teu pai.).*

Embora fosse, de facto, diferente a condição feminina, pelas palavras que dedicou ao epitáfio de uma matrona, Marcial não esboçou o retrato de uma mulher descontente com a sua sorte (claro que foi um homem o retratista):

*Marmora parua quidem sed non cessura, uiator,  
Mausoli saxis pyramidumque legis.  
bis mea Romano spectata est uita Tarento  
et nihil extremos perdidit ante rogos:  
quinque dedit pueros, totidem mihi Iuno puellas,  
cluserunt omnes lumina nostra manus.  
contigit et thalami mihi gloria rara fuitque  
una pudicitiae mentula nota meae. (10.63)*

*(O mármore que lê é, na verdade, pequeno mas nem por isso se dirá inferior,  
viandante, às pedras de Mausolo e às pirâmides.  
Duas vezes foi minha vida aprovada no romano Tarento  
e nenhum desaire sofreu antes da pira derradeira.  
Deu-me Juno cinco rapazes, e outras tantas raparigas:  
todas as suas mãos cerraram os meus olhos.  
Coube-me uma glória rara do meu leito conjugal e foi  
apenas um membro o que meu pudor conheceu.).*

E o mais provável seria que a memória desta casta e sábia mulher acabasse por se perder no seu túmulo, uma vez que as honras do átrio da *domus* reservadas para os vultos dos antepassados eram, essencialmente, concedidas aos mais insígnies dos varões.

Mais perfeitamente encaixa o paradigma acima descrito no quotidiano das famílias distintas, sendo, portanto, o protótipo de certas vizinhanças de *uillae* ou quase.

Onde quer que grassasse a falta de dinheiro, o padrão familiar tornava-se bem menos rígido e a família, por necessidade ou imposição das circunstâncias, adotava uma postura relativamente diferenciada, ao mesmo tempo que prescindia de muitos escravos (ou, mesmo, de todos), e ganhava imensos vizinhos, sendo o caso mais flagrante e menos agradável o dos habitantes das *insulae*. Marcial, por exemplo, enquanto habitante de um andar arrendado no Quirinal, afirmava poder, sem esforço, apertar, através das respectivas janelas, a mão ao seu vizinho Nívio, embora de poucos Romanos, em toda a Urbe, se sentisse tão distante:

*Vicinus meus est manuque tangi  
de nostris Nouius potest fenestris.  
quis non inuideat mihi putetque  
horis omnibus esse me beatum,  
iuncto cui liceat frui sodale?  
tam longe est mihi quam Terentianus,  
qui nunc Niliacam regit Syenen.  
non conuiuere, nec uidere saltem,  
non audire licet, nec urbe tota  
quisquam est tam prope tam proculque nobis.  
migrandum est mihi longius uel illi.  
uicinus Nouio uel inquilinus  
sit, si quis Nouium uidere non uult. (1.86)*

*(Nívio é meu vizinho, e até apertar a mão  
se pode das nossas janelas.  
Quem há que não me inveje e julgue  
que eu sou feliz a toda a hora,  
por poder fruir de um tão próximo amigo?  
Para mim está tão longe como Terenciano  
que governa agora a nilíaca Siene.  
Nem conviver, nem vê-lo sequer,  
nem ouvi-lo é possível, e em toda a cidade  
não há ninguém tão próximo e tão longe de mim.  
É necessário que eu me mude para mais longe, ou ele.  
Seja vizinho de Nívio ou co-locatário  
quem não quiser ver Nívio.).*

Já em Nomento, onde veio a possuir uma quintinha, aparentava ser bem diferente a relação que mantinha com Ovídio, seu vizinho. Talvez mais próximo,

por não lhe estar tão próximo<sup>509</sup>, a Ovídio se dirige, num tom relativamente familiar, em 1.105:

*In Nomentanis, Ouidi, quod nascitur agris,  
accepit quotiens tempora longa, merum  
exuit annosa mores nomenque senecta,  
et quidquid uoluit, testa uocatur anus.*

*(O que se produz, Ovídio, nos campos de Nomento,  
é um vinho que, quando alcança longa idade,  
despe, com o anoso envelhecimento, o carácter e o nome:  
uma ânfora velha pode chamar-se o que quiser.).*

#### 1.4.2. Casamento e relações extraconjugais

O casamento romano era, essencialmente, um contrato estabelecido entre dois indivíduos. O que nesse pacto diferia do que sucede nos dias de hoje era a negociação que o precedia, devendo o resultado do negócio ser do agrado de ambas as partes — condição *sine qua non* para a concretização do casamento —, e sendo que estas não correspondiam exclusivamente aos indivíduos em questão, mas, também, às respetivas famílias<sup>510</sup>. Não raro, sucedia não haver entre as partes a equidade necessária a um acordo equilibrado, de qualquer forma, uma vez

---

<sup>509</sup> Será importante recordar que a proximidade demasiada a que estavam obrigados, em certos *uici*, os habitantes da *Vrbs* degenerava numa desconfortável falta de privacidade. Para Cristina de Sousa Pimentel essa é uma das possibilidades que explica o distanciamento que procurava manter Nónio relativamente a Marcial (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 84).

<sup>510</sup> Recorda Andrew Wallace-Hadrill que “Some of the arrangements of the Roman marriage appear to us heartless and unfeeling. In particular many now find marriage arrangements for political and financial ends alien and shocking. In theory, *patria potestas* meant that a father could hand over his daughter in marriage to anyone he liked to construct an alliance. [...] Augustus, in urging his marriage laws, read out an old speech by a censor: the message was that though marriage was a disagreeable burden, it was nevertheless what citizen owed to his country.” (A. Wallace-Hadrill 1997 (1998 reprint): 227-228). No mesmo sentido, apontam outros estudos do mesmo autor (cf. *Idem* 1993 (1998 reprint): 66-68), bem como de Jasper Griffin (J. Griffin 1985 (1999 reprint): 54).



selado o compromisso, a *matrona* ficaria sempre (ou quase sempre, sobretudo retrospectivamente) em posição de desvantagem<sup>511</sup>.

Nada do que foi exposto pretende justificar a falta de afetividade dentro desta instituição, porque tal incorreria num equívoco — dois milénios transmutaram boa parte das noções, mas, ainda que sob roupagens diversas, as emoções existiam e em toda a sua variedade das mais castas às mais concupiscentes:

*Omnes Sulpiciam legant puellae,  
uni quae cupiunt uiro placere;  
omnes Sulpiciam legant mariti  
uni qui cupiunt placere nuptae.  
non haec Colchidos asserit furorem,  
diri prandia nec refert Thyestae;  
Scyllam, Byblida nec fuisse credit:  
sed castos docet et pios amores,  
lusus, delicias facetiasque.  
cuius carmina qui bene aestimarit,  
nullam dixerit esse nequiores,  
nullam dixerit esse sanctiores.  
tales Egeriae iocos fuisse  
udo crediderim Numae sub antro.  
hac condiscipula uel hac magistra  
esses doctior et pudica, Sappho:  
sed tecum pariter simulque uisam  
durus Sulpiciam Phaon amaret.  
frustra: namque ea nec Tonantis uxor  
nec Bacchi nec Apollinis puella  
erepto sibi uiueret Caleno. (10.35)*

*(Leiam Sulpícia todas as bem-amadas  
que desejem agradar a um só homem;  
leiam Sulpícia todos os maridos  
que desejem agradar a uma só esposa.*

---

<sup>511</sup> Andrew Wallace-Hadrill, inclusivamente, observaria: “It is fascinating that wives and children could in some limited ways be legally assimilated to slaves, for instance in marriage or adoption by sale, or in the shared institution of *peculium*. But the very similarities merely underlined the differences: no father was going to treat a son or a wife like a slave, for that would be a humiliation to the whole family.” (A. Wallace-Hadrill 1997 (1998 reprint): 231).

*Esta não reclama a loucura da Cólquida  
nem relata o festim do bárbaro Tiestes;  
e Cila, Bîblis, não crê que tenham existido  
— mas fala de castos e puros amores,  
de divertidos caprichos e brinquedos.  
Quem apreciar com justiça os seus versos  
dirá que poetisa alguma é mais maliciosa,  
dirá que poetisa alguma é mais virtuosa.  
Tais seriam, eu posso imaginar, os folguedos  
de Egéria na húmida gruta de Numa.  
Fora esta tua colega ou tua professora,  
e terias sido mais douta, permanecendo casta, Safo;  
mas, se tivesse visto, a um tempo e a par contigo,  
Sulpícia, tê-la-ia amado o inflexível Fáon.  
Em vão: porque esta, nem como esposa de Tonante  
nem como amante de Baco nem de Apolo,  
quereria viver, se Caleno lhe tivesse sido arrebatado.).*

A Marcial, talvez por, de facto, ter sido o poeta que buscava um amor<sup>512</sup>, ou talvez por ser a história de Árria e Peto uma dessas em que a realidade transcende de longe o mito<sup>513</sup> e, por isso, tão ao agrado daquele que procurava extrair a

---

<sup>512</sup> "O poeta que buscava um amor" foi o título escolhido por Walter de Medeiros para um dos seus estudos dedicados ao epigramatista (W. de Medeiros 1988: 1-15).

<sup>513</sup> Pelo seu carácter de exceção, à narrativa do suicídio de Árria, precedendo, por amor, o de Peto, seu esposo e um dos conspiradores do ano de 42, já, Plínio, o Moço, havia dedicado as suas *litterae* epistolares, em *Ep.* 3.16: "C. Plinius Nepoti Suo S. / Adnotasse uideor facta dictaque uirorum feminarumque alia clariora esse alia maiora. Confirmata est opinio mea hesterno Fanniae sermone. Neptis haec Arriae illius, quae marito et solacium mortis et exemplum fuit. Multa referebat auiae suae non minora hoc sed obscuriora; quae tibi existimo tam mirabilia legenti fore, quam mihi audienti fuerunt. Aegrotabat Caecina Paetus maritus eius, aegrotabat et filius, uterque mortifere, ut uidebatur. Filius decessit eximia pulchritudine pari uerecundia, et parentibus non minus ob alia carus quam quod filius erat. Huic illa ita funus parauit, ita duxit exsequias, ut ignoraret maritus; quin immo quotiens cubiculum eius intraret, uiuere filium atque etiam commodiorem esse simulabat, ac persaepe interroganti, quid ageret puer, respondebat: 'Bene quieuit, libenter cibum sumpsit.' Deinde, cum diu cohibitae lacrimae uincerent prorumperentque, egrediebatur; tunc se dolori dabat; satiata siccis oculis composito uultu redibat, tamquam orbitatem foris reliquisset. Praeclarum quidem illud eiusdem, ferrum stringere, perfodere pectus, extrahere pugionem, porrigere marito, addere uocem immortalem ac paene diuinam: 'Paete, non dolet.' Sed tamen ista facienti, ista dicenti, gloria et aeternitas ante oculos erant; quo maius est sine praemio aeternitatis, sine praemio gloriae, abdere lacrimas operire luctum, amissoque filio matrem adhuc agere. / Scribonianus arma in Illyrico contra Claudium mouerat; fuerat Paetus in partibus, et occiso Scriboniano Romam trahebatur. Erat ascensurus nauem; Arria milites orabat, ut simul imponeretur. 'Nempe enim' inquit 'daturi estis consulari uiro seruolos aliquos, quorum e manu

epopeia do quotidiano, ou talvez, até, por ambos, enlevaria o episódio, que celebraria, em elevado epigrama:

*Casta suo gladium cum traderet Arria Paeto,  
quem de uisceribus strinxerat ipsa suis,  
'si qua fides, uulnus quod feci non dolet,' inquit,  
'sed tu quod facies, hoc mihi, Paete, dolet.'* (1.13)

(A casta Árria, ao entregar ao seu Peto o gládio  
que, por suas mãos, retirara das entranhas,  
Exclamou "podes crer: o golpe que abri em mim não me dói",  
"mas o que tu vais abrir em ti, esse sim, Peto, é que me dói.").

Mas a Talia, decerto, agradou muito mais, pelo excecional *fulmen* que permitiu, a história de Levina, de que dá conta a composição 1.62:

*Casta nec antiquis cedens Laeuina Sabinis  
et quamuis tetrice tristior ipsa uiro,  
dum modo Lucrino, modo se permittit Auerno,  
et dum Baianis saepe fouetur aquis,  
incidit in flammas: iuuenemque secuta relicto  
coniuge Penelope uenit, abit Helene.*

(Não ficava atrás das antigas Sabinas, tão casta era Levina,  
e esta, mais austera mesmo que o severo marido,  
à força de se lançar, ou no Averno, ou no Lucrino,  
e à força de se esquentar nas águas de Baías,  
ficou em fogo: e foi atrás de um jovem, abandonando  
o marido: uma Penélope chegou, outra Helena partiu.),

---

cibum capiat, a quibus uestiatur, a quibus calciatur; omnia sola praestabo.' Non impetravit: conduxit piscatoriam nauculam, ingensque nauigium minimo secuta est. Eadem apud Claudium uxori Scriboniani, cum illa profiteretur indicium, 'Ego' inquit 'te audiam, cuius in gremio Scribonianus occisus est, et uiuis?' Ex quo manifestum est ei consilium pulcherrimae mortis non subitum fuisse. Quin etiam, cum Thræsea gener eius deprecaretur, ne mori pergeret, interque alia dixisset: 'Vis ergo filiam tuam, si mihi pereundum fuerit, mori mecum?', respondit: 'Si tam diu tantaque concordia uixerit tecum quam ego cum Paeto, uolo.' Auxerat hoc responso curam suorum; attentius custodiebatur; sensit et 'Nihil agitis' inquit; 'potestis enim efficere ut male moriar, ut non moriar non potestis.' Dum haec dicit, exsiluit cathedra aduersoque parieti caput ingenti impetu impexit et corruit. Focilata 'Dixeram' inquit 'uobis inuenturam me quamlibet duram ad mortem uiam, si uos facilem negassetis.' Videntur haec tibi maiora illo 'Paete, non dolet', ad quod per haec peruentum est? cum interim illud quidem ingens fama, haec nulla circumfert. Unde colligitur, quod initio dixi, alia esse clariora alia maiora. Vale."

e talvez mais ainda a da esposa de Meciliano, pelas tontas (ou grosseiramente interesseiras) diligências do marido, em 1.73:

*Nullus in urbe fuit tota qui tangere uellet  
uxorem gratis, Maeciliane, tuam,  
dum licuit: sed nunc positis custodibus ingens  
turba fututorum est: ingeniosus homo es.*

*(Não havia ninguém em toda a cidade que quisesse tocar  
de graça na tua mulher, Meciliano,  
enquanto era permitido: mas agora, que lhe colocaste guardas,  
imensa é a turba dos que a fodem: tu és um tipo esperto.).*

Ilustram estes e muitos outros epigramas<sup>514</sup> que, embora a castidade fosse uma das obrigações da esposa<sup>515</sup>, nem sempre eram submissamente fiéis as *Romanae matronae*, mesmo arriscando as penas severas que condenavam a mulher adúltera, mormente, a ultrajante imposição do uso da toga, de que adverte Marcial um prevaricador, em 2.39<sup>516</sup>:

*Coccina famosae donas et ianthina moechae:  
uis dare quae meruit munera? mitte togam.*

*(Ofereces vestidos escarlates e violetas a uma adúltera de má fama.  
Queres dar-lhe o que ela merece? Envia-lhe uma toga.).*

---

<sup>514</sup> Vide, também, 2.56 ou 3.26.

<sup>515</sup> Na verdade e segundo dispunham as leis que Augusto criara para a regulação da sexualidade, em Roma, não apenas à mulher casada era exigida a castidade, mas a toda a mulher romana (cf. A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 67), o que poderia explicar a atitude de Paula, com que brincou Marcial em 1.74:

*Moechus erat: poteras tamen hoc tu, Paula, negare.  
ecce uir est: numquid, Paula, negare potes?*

*(O tipo era teu amante: tu, no entanto, Paula, podias negar.  
Eis que agora é teu marido: acaso, Paula, ainda te atreves a negar?).*

<sup>516</sup> Vide, também, 10.52.

E podia, ainda, por lei, o marido traído punir, juntamente com a mulher, o seu companheiro de adultério, como sucederia, no relato do epigrama 3.85, muito embora tenha advertido Marcial não ter esta sido a mais eficaz das punições<sup>517</sup>:

*Quis tibi persuasit naris abscidere moecheo?  
non hac peccatum est parte, marite, tibi.  
stulte, quid egisti? nihil hic tua perdidit uxor,  
cum sit salua tui mentula Deiphobi.*

*(Quem te convenceu a cortar o nariz ao adúltero?  
Não é esta parte, ó marido, que te dá prejuízo.  
Pateta, que fizeste? Por aqui nada perdeu tua mulher,  
desde que esteja a salvo o membro de teu Deífobo.).*

Particularmente transgressoras eras as *matronae* que se envolviam com os seus escravos, sobretudo, quando resultasse desse relacionamento um filho, numa deliberada violação das determinações da legislação augusta. A criança que nascesse de pai escravo e mãe livre e casada ficaria sob a alçada do *Pater Familiae*, na condição de seu servo, como ilustra, na prática, o epigrama 1.81, porquanto Sosibiano trata o marido de sua mãe por *dominum*, não pelo respeito que lhe devesse como filho, mas pela deferência que lhe devia enquanto escravo:

*A seruo scis te genitum blandeque fateris,  
cum dicis dominum, Sosibiane, patrem.*

*(Sabes que és filho de escravo e com civilidade o confessas  
quando, Sosibiano, chamas 'senhor' a teu pai.).*

Sem tão restritivos deveres de fidelidade para com a esposa, aos maridos não era, no entanto, tudo permitido. Com efeito, a um Romano adulto não era tolerado que mantivesse ligações sexuais com outro homem, permitindo-se ser o elemento passivo da relação<sup>518</sup>. Marcial retrata risivelmente, por isso, a inversão

---

<sup>517</sup> Vide, também, 2.83.

<sup>518</sup> Cf. A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): 67.

dos papéis entre Lino e a sua esposa, quando é esta que procura, como fizera o Miceliano de 1.73, guardar (ou salvaguardar) o marido:

*Quid de te, Line, suspicetur uxor  
et qua parte uelit pudiciorem,  
certis indiciis satis probauit,  
custodem tibi quae dedit spadonem.  
nil nasutius hac maligniusque. (2.54)*

*(Que suspeitas, Lino, tem de ti a tua mulher  
e em que parte ela te quer mais casto,  
com indícios bastante claros o provou,  
ao dar-te, por guarda, um castrado.  
Nada mais sagaz do que ela, nem mais malicioso.).*

#### 1.4.3. Infância e educação

Na sociedade romana a criança possuía o lugar especial que é cedido àqueles nos quais se vislumbra o futuro<sup>519</sup>, na medida em que foi um visionário, Marcial, sempre, cedeu aos *pueri* as mais meigas e puras das suas palavras, bem como, também, as mais doídas. O sofrimento e a morte infantis são dos mais

---

<sup>519</sup> Contrariando alguma infundada especulação sobre o tema, que apontava a *patria potestas* como fera castradora das saudáveis relações entre pais e filhos, os *exempla* que perduraram são, não raro, reveladores de fortes ligações emocionais. Alerta, no entanto, Andrew Wallace-Hadrill que “Certainly, there were several factors which might tend to make the parent-child bond more distant than in modern circumstances. A high rate of infant mortality may have led to parents hardening their hearts against loss. More important, child-care was extensively delegated to slaves: from the wet-nurse who suckled, to the nurses and minders who cared for the infant, to the pedagogues who superintended the growing child and its education.” (*Idem* 1997 (1998 reprint): 230), reforçando ainda que “The Romans evidently had a highly authoritarian image of how a father should behave. [...] What Roman morality demanded of the child was *pietas*, respectful obedience of the type also demanded by fatherland and gods. Affection was neither an alternative to respect for authority, nor incompatible with it.” (*Ibidem*: 230-231). Por outro lado, é fundamental não perder de vista que essa *patria potestas* prevalecia, como rememora Paul Veyne, sobre o destino de uma nova vida: “Infants came into the world, or at any rate were received into society, only as the head of the family willed. Contraception, abortion, the exposure of freeborn infants, and infanticide of slaves’ children were common and perfectly legal practices. [...] A citizen of Rome did not “have” a child; he “took” a child, “raised” him up (*tollere*).” (P. Veyne <sup>3</sup>2002: 9)

chocados dos episódios que relata, em epigrama, e, não raro, reserva estes *fulmina* para sublinhar a injustiça de uma morte prematura:

*Proxima centenis ostenditur ursa columnis,  
exornant fictae qua platanona ferae.  
huius dum patulos alludens temptat hiatus  
pulcher Hylas, teneram mersit in ora manum.  
uipera sed caeco scelerata latebat in aere,  
uiuebatque anima deteriore fera.  
non sensit puer esse dolos, nisi dente recepto  
dum perit. o facinus, falsa quod ursa fuit! (3.19)*

*(Junto das cem colunas, mostra-se a estátua de uma ursa,  
no lugar em que feras esculpidas ornaram a vereda de plátanos.  
Enquanto, por brincadeira, testa aquele espaço aberto,  
o belo Hílas, na boca mergulhou a sua delicada mão:  
uma víbora criminoso se escondera, porém, no escuro bronze  
e <ali> vivia com alma mais feroz que a fera.  
Não deu a criança pela cilada, senão quando, ferida pelo dente,  
pereceu. Que desgraça que a ursa era fingida!).*

A infância, em Roma, decorria entre as costumeiras (ainda hoje, costumeiras) brincadeiras e tropelias pueris e, dependendo, então, do estrato da respectiva família, a tutoria progressiva dos mestres<sup>520</sup> — primeiro, um *magister* ou *litterator* e, em alguns casos, um *calculator*, depois, um *grammaticus*, finalmente, um *rhetor* — que a fizessem singrar e almejar pela completude do *Cursus Honorum*, ou a aprendizagem de um ofício, que podia ser o paterno e que lograria, desta forma, garantir a continuidade do negócio familiar (caso o houvesse e dependendo do número dos herdeiros).

Para Marcial, que nem sempre tem dos professores, sobretudo dos que se ocupam do *ludus litterarius*, a mais abonatória das opiniões, seja pelos destratos

---

<sup>520</sup> Para mais pormenores, siga-se a leitura de David Taylor (D. Taylor 1997 (1999 reprint): 42-46). Ainda a propósito do papel (e da imagem) dos professores no seio da sociedade romana, consulte-se o estudo de Isabel Graça *Roma na Poesia de Marcial: imagens e ecos de um espaço físico e social* (cf. I. Graça 2011: 341-344).

sobre os *pueri* infligidos<sup>521</sup>, seja sobre os tratos menos adequados pressentidos<sup>522</sup>, há longe dos educadores grandes oportunidades de aprendizagem:

*Ludi magister, parce simplici turbae:  
sic te frequentes audiant capillati  
et delicatae diligat chorus mensae,  
nec calculator nec notarius uelox  
maiore quisquam circulo coronetur.  
albae leone flammeo calent luces  
tostamque feruens Iulius coquit messem.  
cirrata loris horridis Scythae pellis,  
qua uapulauit Marsyas Celaenaeus,  
ferulaeque tristes, sceptrum paedagogorum,  
cessent et Idus dormiant in Octobres:  
aestate pueri si ualent, satis discunt. (10.62)<sup>523</sup>*

*(Mestre-escola, poupa esta inocente turba:  
assim te ouçam assíduos jovens cabeludos  
e te estime o grupo recostado à delicada mesa;*

---

<sup>521</sup> Com altos berros de 5.84, 9.68 ou 12.57 ou com açoutes, mormente, recorrendo ao azorrague, de 10.62 ou 14.80, os *magistri* impunham a ordem e buscavam, nem sempre bem sucedidos, para si, o respeito e, para os *pueri*, a educação.

<sup>522</sup> Aproveitando-se da proximidade com os *pueri*, também entre os *magistri*, havia odiosos pederastas (ou, pelo menos, aspirantes), como denunciou Marcial, em 12.49.

<sup>523</sup> Cerca de 20 séculos mais tarde, esta lição continuaria a fazer sentido e um antiquíssimo eco, quicá destes versos de Marcial ressoaria nestes outros do poema “Instrução Primária” de Miguel Torga:

“Não saibas: imagina...  
Deixa falar o mestre, e devaneia...  
A velhice é que sabe, e apenas sabe  
Que o mar não cabe  
Na poça que a inocência abre na areia.  
  
Sonha!  
Inventa um alfabeto  
De ilusões...  
Um a-bê-cê secreto  
Que soletres à margem das lições...  
  
Voa pela janela  
De encontro a qualquer sol que te sorria!  
Asas? Não são precisas:  
Vais ao colo das brisas,  
Aias da fantasia...”.



*nenhum mestre de contas, nenhum estenógrafo  
veloz seja rodeado por maior círculo.  
Luminosos dias aquecem sob o flamejante Leão  
e, em brasa, julho recoze a tostada messe.  
O cítico coiro, com hórridas correias na ponta,  
com que foi açoutado Mársias de Celenas,  
as férulas tristes, ceptros dos pedagogos,  
cessem e durmam até aos idos de outubro.  
No verão, se estiverem de saúde, os meninos aprendem o suficiente.).*

#### 1.4.4. Vida e morte

Apesar da inegável e colossal influência que o pragmatismo do espírito romano tinha sobre todos os seus valores e crenças, as duas principais filosofias que problematizavam, em Roma, os conceitos de vida e morte — epicurismo e estoicismo — eram de origem grega.

Marcial, porém, não era um epicurista e muito menos seria um estoico. Cristina de Sousa Pimentel descreve-o como “Adepto, na prática de um epicurismo que o levava a repetir princípios que ecoavam o *carpe diem* horaciano, o poeta não se empenhava, todavia, mais que ao nível do diletantismo ou do aproveitamento calculado do que há de pessoalmente frutuoso numa doutrina, rejeitando dela o que não interessa, não convém ou incomoda.”<sup>524</sup>; para Isabel Graça concluir que não seria o poeta “um ser particularmente dado a sistemas filosóficos.”<sup>525</sup>.

Era a vida (bem se percebe pela epopeia que lhe dedica) que tinha Marcial pelo maior dos bens aos homens concedidos pelas divindades, e, por conseguinte o apelo permanente dos *Libri* é para que dela ninguém desperdice um só momento, sucedesse isso de forma mais ou menos elevada.

---

<sup>524</sup> C. S. Pimentel 1993: 47.

<sup>525</sup> I. Graça 2011: 300.

No entanto, seria em memória desse sapientíssimo *carpe diem* horaciano<sup>526</sup>, herdeiro, ainda, de Epicuro, que Júlio Marcial tinha de lembrar-se da efemeridade das alegrias e, por isso, de *haec utraque manu complexuque assere toto*:

*O mihi post nullos, Iuli, memorande sodales,  
si quid longa fides canaque iura ualent,  
bis iam paene tibi consul tricensimus instat,  
et numerat paucos uix tua uita dies.  
non bene distuleris uideas quae posse negari,  
et solum hoc ducas, quod fuit, esse tuum.  
exspectant curaeque catenatique labores,  
gaudia non remanent, sed fugitiua uolant.  
haec utraque manu complexuque assere toto:  
saepe fluunt imo sic quoque lapsa sinu.  
non est, crede, mihi, sapientis dicere 'uiuam':  
sera nimis uita est crastina: uiue hodie. (1.15)*

(Ó Júlio, amigo nunca depois de outros digno de memória,  
se longa cumplicidade e encanecidos laços têm algum valor,  
duas vezes o trigésimo cônsul quase já por ti passou,  
quando apenas contou poucos dias tua vida.  
Olha que não fazes bem em adiar o que pode ser negado  
e considera teu somente o que passou.  
Esperam-te cuidados e uma cadeia de trabalhos;  
as alegrias não duram, mas, fugidias, se evolum.  
Agarra-as com ambas as mãos e com todo o teu abraço.  
Até assim, muitas vezes se escoam e se escapam do peito.  
Vai por mim; não é próprio do sábio afirmar «hei-de viver»:  
demasiado tardia é a vida de amanhã. Vive hoje!),

e que devia, pois, Faustino publicar a sua obra:

*Ede tuos tandem populo, Faustine, libellos  
et cultum docto pectore profer opus,  
quod nec Cecropiae damnent Pandionis arces  
nec sileant nostri praetereantque senes.  
ante fores stantem dubitas admittere Famam  
teque piget curae praemia ferre tuae?  
post te uicturae per te quoque uiuere chartae  
incipiant: cineri gloria sera uenit. (1.25)*

---

<sup>526</sup> Cf. Hor. Carm. 1.11.8.

*(Mostra enfim ao povo, Faustino, os teus escritos  
e publica uma obra ornada de sapiente engenho,  
que não a condene a cidadela cecrópia de Pandíon,  
nem a calem ou desprezem os nossos anciãos.  
Hesitas em acolher a fama que espera à tua porta  
e envergonhas-te de receber o prémio dos teus trabalhos?  
As páginas destinadas a viver depois de ti, por meio de ti a viver  
comecem. Às cinzas a glória chega tarde.).*

É que uma vida bem vivida teria menos a temer à morte:

*Iam numerat placido felix Antonius aeuo  
quindecies actas Primus Olympiadas  
praeteritosque dies et tutos respicit annos  
nec metuit Lethes iam propioris aquas.  
nulla recordanti lux est ingrata grauisque;  
nulla fuit cuius non meminisse uelit.  
ampliat aetatis spatium sibi uir bonus: hoc est  
uiuere bis, uita posse priore frui. (10.23)*

*(Já conta o feliz António Primo quinze  
olimpíadas volvidas em sua tranquila vida  
e olha para os passados dias e os vividos anos,  
e não teme as águas do Letes, agora mais próximas.  
Não há dia de que se arrependa e que pese na sua memória;  
não houve dia que ele preferisse não lembrar.  
O homem de bem prolonga a sua vida. Isto é  
viver duas vezes: poder fruir da vida passada.).*

Marcial admira, porém, o homem capaz de um último ato estoico:

*Indignas premeret pestis cum tabida fauces  
inque ipsos uultus serperet atra lues,  
siccis ipse genis flentes hortatus amicos  
decreuit Stygios Festus adire lacus.  
nec tamen obscuro pia polluit ora ueneno  
aut torsit lenta tristia fata fame,  
sanctam Romana uitam sed morte peregit  
dimisitque animam nobiliore rogo.  
hanc mortem fati magni praeferre Catonis  
fama potest: huius Caesar amicus erat. (1.78)*

*(Pois que uma doença contagiosa injustamente lhe oprimia a garganta,  
e a negra infecção se estendia para o rosto,*

*animando ele próprio, de rosto enxuto, os amigos em pranto,  
Festo decidiu encaminhar-se para os lagos estígios.  
Não desfigurou o virtuoso rosto com um secreto veneno,  
ou distorceu os funestos fados com uma lenta fome,  
mas, com uma morte à romana, terminou a honesta vida  
e abandonou a alma na mais nobre pira.  
Preferir esta morte aos fados do grande Catão,  
bem o pode a Fama: porque deste, César era amigo.),*

embora só naquele em que uma morte já certa e menos honrosa diminuiria a vida.

É essa a mensagem que envia a Deciano:

*Quod magni Thraseae consummatique Catonis  
dogmata sic sequeris saluus ut esse uelis,  
pectore nec nudo strictos incurris in ensis,  
quod fecisse uelim te, Deciane, facis.  
nolo uirum facili redimit qui sanguine famam,  
hunc uolo, laudari qui sine morte potest. (1.8)*

*(Enquanto do grande Trásea e do modelar Catão  
segues as doutrinas, mas de modo a desejar viver,  
e não te lanças de peito aberto sobre espadas nuas,  
fazes, Deciano, o que eu desejaria que fizesses.  
Não quero um herói que com sangue fácil compra a fama:  
quero aquele que pode ser louvado sem morrer.).*

A vida, por tudo quanto encerra, seria, sempre (ou quase sempre), preferível à morte: a vida era uma miríade de possibilidades em aberto, a morte só cinza e ruína. Por isso, por ocasião do seu quinquagésimo sétimo aniversário, Marcial pede ainda às suas Calendas que lhe permitam atingir a idade de Nestor, antes que da vida se despeça<sup>527</sup>:

*Natales mihi Martiae Kalendae,  
lux formosior omnibus Kalendis,  
qua mittunt mihi munus et puellae,  
quinguagensima liba septimamque  
uestris addimus hanc focis acerram.*

---

<sup>527</sup> Recorda Cristina de Sousa Pimentel não se ter cumprido, para o poeta, este ensejo, pois dos “*bis nouenos annos*” almejados, apenas, mais cinco ou seis haveria de viver (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2004: 33).

*his uos, si tamen expedit roganti,  
annos addite bis, precor, nouenos,  
ut nondum nimia piger senecta  
sed uitae tribus arcubus peractis  
lucos Elysiae petam puellae.  
post hunc Nestora nec diem rogabo. (10.24)*

*(Ó calendas de Março em que nasci,  
dia mais belo de todas as calendas,  
em que até as moças me enviam presentes,  
pela quinquagésima sétima vez coloco,  
sobre os vossos altares, bolos e este incensário.  
A estes anos — mas só se tal voto me for útil —  
ajuntem, por favor, duas vezes nove anos,  
para que, ainda sem o cansaço de uma excessiva idade,  
mas com os três arcos do curso da vida completos,  
eu possa demandar os bosques da elísia moça.  
Além desta vida de Nestor, nem mais um dia pedirei.).*

A morte, tantas vezes imputada à inveja dos deuses, era sobretudo um desígnio de Láquesis, como concluiria Marcial, procurando confortar Sílio, aquando do desaparecimento de Severo, seu filho. Com efeito, nem os deuses imortais (quanto mais o humano deus do Palatino<sup>528</sup>) puderam dela furtar os seus. No *fulmen* deste epigrama, depreciaria, por isso, Marcial a força do *φθόνος θεῶν*,

---

<sup>528</sup> A verdade é que também Domiciano havia perdido, em 81, com a tenra idade de 8 anos, o seu único filho. Sem desmerecer na dor que, certamente, este facto terá causado ao César de Roma, Marcial, no seu *Liber Secundus*, não diretamente (que a tanto seria, talvez, arriscado ousar), mas pela animização da *Mica Aurea* do palácio do *princeps*, de onde se avistaria ou o mausoléu de Augusto ou o Palácio dos Imperadores (como adianta Cristina de Sousa Pimentel, na nota à tradução, Marcial, quanto a isto, não foi claro (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 117)), na dos seus predecessores, recorda-o, da sua própria mortalidade — facto de que Domiciano, *Palatinus Tonans* (uide 9.86.7), parece, por vezes olvidar-se:

*Mica uocor: quid sim cernis, cenatio parua:  
ex me Caesareum prospicis ecce tholum.  
frange toros, pete uina, rosas cape, tinguere nardo:  
ipse iubet mortis te meminisse deus. (2.59)*  
*(‘Mica’ me chamam: estás a ver o que sou: pequena sala de jantar.  
De mim, repara, podes contemplar a abóbada de César.  
Fatiga os leitos, pede vinhos, coroa-te de rosas, unge-te com nardo:  
lembra-te da morte, é o que te ordena um deus em pessoa.).*

ante o poder avassalador de Láquesis, que deitava as sortes sobre mortais e imortais:

*Festinata sui gemeret quod fata Seueri  
Silius, Ausonio non semel ore potens,  
cum grege Pierio maestus Phoebique querebar.  
'ipse meum fleui' dixit Apollo 'Linon':  
respexitque suam quae stabat proxima fratri  
Calliopen et ait: 'tu quoque uulnus habes.  
aspice Tarpeium Palatinumque Tonantem:  
ausa nefas Lachesis laesit utrumque Iouem.  
numina cum uideas duris obnoxia Fatis,  
inuidia possis exonerare deos.'* (9.86)

*(Gemia a morte temporã do seu filho Severo  
Sílio, douto na língua ausónia, e não num só campo;  
eu, triste, me queixava, com o piério grupo e Febo.  
"Também eu", disse Apolo, "chorei o meu Lino".  
Voltou-se para a sua Calíope que do irmão estava perto  
e acrescentou: "Também tu tens uma ferida.  
Olha o Tonante tarpeio e olha o palatino:  
a um e outro Jove os feriu o nefasto ousar de Láquesis.  
Se vês as deidades aos duros destinos sujeitas,  
bem podes absolver da inveja os deuses.").*

Segundo os ditames de Láquesis e os golpes de Átropos, desapareceriam do convívio do poeta algumas figuras que prezava, outros tantos bons amigos seus, livres ou escravos, e ternos *pueri* a cuja morte não conseguia nunca permanecer indiferente, ditando que, nos *Libri* — vozes da vida (e da morte) do poeta e da sua Roma —, permeando uma e outra risada, penetrasse o tom grave dos epicédios<sup>529</sup>.

O epigramatista lamenta, assim, a morte, em solo egípcio, de Varo, centurião de boa memória, mas que não tornaria a ver a pátria:

*Vare, Paraetonias Latia modo uite per urbes  
nobilis et centum dux memorande uiris,*

---

<sup>529</sup> Com precisão cirúrgica se deteve sobre estas composições do *corpus* marcialino Christer Henriksén no capítulo "Martial's modes of mourning. Sepulchral epitaphs in the Epigrams", que preparou para a obra *Flavian Poetry* (cf. C. Henriksén 2006: 349-367).

*at nunc Ausonio frustra promisse Quirino,  
hospita Lagei litoris umbra iaces.  
spargere non licuit frigentia fletibus ora,  
pinguia nec maestis addere tura rogis.  
sed datur aeterno uicturum carmine nomen:  
numquid et hoc, fallax Nile, negare potes? (10.26)*

*(Varo, há pouco conhecido por teu lácio ramo de vide nas cidades  
paretónias e chefe memorando para teus cem soldados,  
eis que, prometido em vão ao ausónio Quirino,  
agora jazes, sombra estrangeira, em lageia plaga.  
Não pude banhar de lágrimas a tua regelada face,  
nem espesso incenso ajuntar à tua triste pira.  
Mas meu imortal poema dá-te um nome eterno.  
Acaso, Nilo enganador, até esta homenagem me podes recusar?),*

ou de Flávio Escorpo, o auriga vitorioso, que, antes que pudesse conquistar todas as palmas em vida, se atrelou aos *nigros equos*:

*Frangat Idumaeas tristis Victoria palmas,  
plange, Fauor, saeua pectora nuda manu;  
mutet Honor cultus, et iniquis munera flammis  
mitte coronatas, Gloria maesta, comas.  
heu facinus! prima fraudatus, Scorpe, iuuenta  
occidis et nigros tam cito iungis equos.  
curribus illa tuis semper properata brevisque  
cur fuit et uitae tam prope meta tuae? (10.50)<sup>530</sup>*

*(Quebre a triste Vitória as palmas da Idumeia.  
Bate, Favor, no peito nu com mão cruel.  
Que a Honra vista o luto, e tu, Glória entristecida, envia,  
como oferenda às iníquas chamas, tua coroada cabeleira.  
Ai, que crime! Fraudado, Escorpo, da tua primeira juventude,  
sucumbes e bem depressa vais aos negros cavalos atrelar-te.  
De teu carro sempre ao vertiginoso alcance e à justa contornada,  
— porque esteve, também da tua vida, tão perto esta meta?).*

Mas doer-lhe-iam mais as dos seus, como sucederia, por exemplo, com o desaparecimento de Álcimo, seu escravo, a quem prestou a homenagem que, para si próprio, aguardaria:

---

<sup>530</sup> Vide, também, 10.53.

*Alcime, quem raptum domino crescentibus annis  
 Labicana leui caespite uelat humus,  
 accipe non Pario nutantia pondera saxo,  
 quae cineri uanus dat ruitura labor,  
 sed faciles buxos et opacas palmitis umbras  
 quaeque uirent lacrimis roscida prata meis  
 accipe, care puer, nostri monumenta doloris:  
 hic tibi perpetuo tempore uiuet honor.  
 cum mihi supremos Lachesis perneuerit annos,  
 non aliter cineres mando iacere meos. (1.88)*

*(Álcimo, que, arrebatado ao seu senhor no florir dos anos,  
 a terra labicana cobre com suave relva,  
 aceita, não a vacilante massa de mármore de Paros,  
 que um vão afã oferece, destinada a ruir, à tua cinza,  
 mas os flexíveis buxos e as espessas sombras das videiras  
 e as ervas que reverdecem orvalhadas pelas minhas lágrimas.  
 Aceita, caro rapaz, o testemunho da minha dor:  
 esta homenagem viverá para ti, pelo tempo sem fim.  
 Quando Láquesis tiver acabado de fiar os meus derradeiros anos,  
 não de outro modo recomendo que possam repousar minhas cinzas.).*

Ainda assim, eram as das crianças as mortes que mais lamentava: contristou-se tanto pelo desaparecimento de Erócion<sup>531</sup>, a sua escravazinha, quanto se condeou da dor de Fénio Telésforo, perdido com a perda de Antula:

*Hos tibi uicinos, Faustine, Telesphorus hortos  
 Faenius et breue rus udaeque prata tenet.  
 condidit hic natae cineres nomenque sacrauit  
 quod legis Antullae, dignior ipse legi.  
 ad Stygias aequum fuerat pater isset ut umbras:  
 quod quia non licuit, uiuat, ut ossa colat. (1.114)<sup>532</sup>*

*(Estes jardins de ti vizinhos, Faustino,  
 Fénio Telésforo os possui, o breve campo e os húmidos prados.  
 Sepultou aqui as cinzas da sua filha e imortalizou o nome  
 que tu lêes, de Antula; era mais justo que aqui se lesse o nome dele:  
 mais justo fora que tivesse sido o pai a descer às sombras estígias.  
 Já que isso não foi permitido, que ele viva, para venerar os ossos dela.).*

---

<sup>531</sup> Vide 5.34, 5.37 e 10.61.

<sup>532</sup> Vide, também, 1.116.



Esta sua emotividade só não era extensível a lutos como o que a Rabírio coube em sorte (verdadeira sorte, segundo a perspectiva Marcial), porquanto eram os seus genitores já anciãos:

*Quisquis laeta tuis et sera parentibus optas  
fata, breuem titulum marmoris huius ama.  
condidit hac caras tellure Rabirius umbras;  
nulli sorte iacent candidiore senes:  
bis sex lustra tori nox mitis et ultima clusit,  
arserunt uno funera bina rogo.  
hos tamen ut primis raptos sibi quaerit in annis.  
improbius nihil his fletibus esse potest. (10.71)*

*(Todo o que deseje para seus pais uma feliz e tardia  
morte, aprecia a breve inscrição deste mármore:  
'Neste solo enterrou Rabírio as suas caras sombras;  
não há velhos que repousem com mais luminosa sorte:  
doze foram os lustros nupciais que uma doce e última noite encerrou,  
arderam os dois corpos em uma única pira.'  
Mas Rabírio ainda os chora, como se deles fora privado no verdor da infância.  
Nada mais injusto que estas lágrimas.).*

E chegava mesmo a irritar-se a sensibilidade do poeta com a insensibilidade demonstrada por alguns dos seus pares, em lágrimas fingidas:

*Amissum non flet cum sola est Gellia patrem;  
si quis adest, iussae prosiliunt lacrimae.  
non luget quisquis laudari, Gellia, quaerit;  
ille dolet uere qui sine teste dolet. (1.33)*

*(A perda do seu pai não a chora Gélia quando está só;  
se alguém está presente jorram lágrimas de encomenda.  
Não sente o luto, Gélia, quem procura ser louvado.  
Sente dor verdadeira quem, sem audiência, sente dor.).*

#### 1.4.5. Mores, virtudes e vícios

Os *mores* herdados dos antigos pais fundadores e enobrecedores da *Vrbs* não os desconhecia qualquer dos Romanos. Marcial não seria a exceção.

No prefácio com que descerra o *Liber Primus*, o poeta pretendeu, logo, deixar bem claro que, embora epigramatista, era Romano, e não pretendia com a sua poesia ferir os valores por que ele próprio se regia:

*Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quisquis de se bene senserit, cum salua infimarum quoque personarum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit ut nominibus non tantum ueris abusi sint sed et magnis. mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium.*

(Espero ter seguido, nos meus escritos, tal comedimento que deles queixar-se não possa quem quer que tenha um bom conceito de si próprio, já que eles gracejam de modo a salvaguardar o respeito até pelas pessoas mais humildes: respeito esse que faltou aos autores antigos, a ponto de abusarem não somente de nomes verdadeiros, mas até de grandes nomes. Que a fama me custe menor preço e o espírito mordaz seja a última coisa a ser apreciada em mim.).

E, muito embora a mordacidade do seu *ingenium* tenha, de facto, sido das mais apreciadas das características do seu *opus*, o epigramatista escusou-se, ao longo de mais onze livros, tal como neste primeiro havia asseverado, a devassar o nome de quem quer que fosse, protegendo, com a sua *fides* (e uma certa dose de *clementia*), a vida privada, até do mais humilde dos cidadãos<sup>533</sup>. Com efeito, foi sem um preciso cariz moralizante que Marcial compôs os seus versos: o objetivo primeiro dos *Libri* era expor Roma inteira, concedendo-lhe, qual Saturno, permissão para que se risse, e claro que era de si própria que haveria de, num repente, se dar conta de estar a rir-se.

Claro que nem Saturno, nem Flora, que convocaria, também, no epigrama com que encerrou o citado prefácio, se compadeceriam, licenciosos que eram, com a *grauitas*. Mas a verdade é que deste preceito, tão caro a Catão, andava bem

---

<sup>533</sup> O cumprimento desta promessa, que, como sublinha Cristina de Sousa Pimentel, lhe permitiu diferenciar-se de autores como Lucílio ou Catulo, indo, ainda, ao encontro da legislação com que proibira Domiciano a infâmia personalizada (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 49), resultou numa mais-valia para o *opus* do poeta, que todos podiam ler, sem o medo de, numa qualquer página, encontrar, manchado, o seu nome. Porém, assim rememora a mesma autora, “o poeta não deixa de desferir setas venenosas sobre variadas vítimas, valendo-se de nomes fictícios que representam tipos que suscitam a crítica e motivam o sarcasmo, embora, ao que tudo indica, pelo menos em alguns casos não deixassem de corresponder a personagens reais e identificáveis pelos leitores.” (*Idem* 2003: 180).

alojada a turba romana. E, se era sobre a *Vrbs* que se demorava Marcial, a libertinagem não poderiam calá-la os seus versos, ainda que acabasse por desagradar-se Catão:

*Nossas iocosae dulce cum sacrum Florae  
festosque lusus et licentiam uulgi,  
cur in theatrum, Cato seuere, uenisti?  
an ideo tantum ueneras, ut exires?*

*(Se conhecias o culto grato à jocosa Flora,  
os divertidos gracejos e a licenciosidade do vulgo,  
porque vieste, Catão severo, ao teatro?  
Terás vindo só com o fito de sair?).*

O poeta insistiu, no entanto, ainda, para que se fizesse Catão um espectador — *si intrauerit, spectet* (se entrar, que seja espectador) —, para que pudesse conhecer Roma tal qual ela era, e não se limitasse a idealizar tal qual ela deveria ser. O poeta, comprometido com a verdade, nada mais faria que retratar a verdade, advertindo:

*“lasciua est nobis pagina, uita proba”* (1.4.8)  
*(“a minha página é licenciosa; a vida, honesta”).*

A *dignitas* e a *uirtus* reclamava-as, então, para si; nos seus escritos, bem as sabia, lado a lado, com os maiores dos vícios.

Marcial reconhecia que, na prática, não era difícil, até para alguém manifestamente reverente à *pietas*, almejar mais do que lhe era devido, incorrendo no risco de uma desonra<sup>534</sup>:

*Cum tibi sit sophiae par fama et cura deorum,  
ingenio pietas nec minor ipsa tuo:  
ignorat meritis dare munera, qui tibi librum  
et qui miratur, Regule, tura dari.* (1.111)

---

<sup>534</sup> Muito embora, este argumento do poeta pareça muito conveniente, também, para justificar a justeza dos seus presentes a Régulo.

*(Já que tens uma fama e dedicação aos deuses igual à sabedoria  
e a própria devoção não é menor que o teu engenho:  
não sabe honrar tais méritos quem se admira que te ofereçam um livro  
e quem se admira, Régulo, que te seja dado incenso.).*

Contudo, para o poeta, uma das maiores desonras em que podia incorrer um Romano adviria da traição àquela que era, por ele, considerada uma das maiores virtudes — a amizade<sup>535</sup>. É por condensar em si o reto cumprimento de todos os costumes, mas, sobretudo, por o considerar Marcial um bom amigo (e, ademais, um bom poeta) que é Deciano (ele e nenhum outro) apresentado como o paladino da virtude:

*Si quis erit raros inter numerandus amicos,  
quales prisca fides famaue nouit anus,  
si quis Cecropiae madidus Latiaeque Mineruae  
artibus et uera simplicitate bonus,  
si quis erit recti custos, mirator honesti,  
et nihil arcano qui roget ore deos,  
si quis erit magnae subnixus robore mentis:  
dispeream si non hic Decianus erit. (1.39)*

*(Se alguém houver que deva ser contado entre os raros amigos,  
como os que a tradição antiga e a velha fama conhecem;  
se alguém houver ungido da Minerva cecrópia e latina  
nas artes, e bom homem pela sinceridade autêntica;  
se alguém houver paladino da rectidão, admirador da virtude,  
que não peça aos deuses com secreta voz;  
se alguém houver robustecido de grande força de vontade,  
raios me partam, se este não for Deciano.).*

---

<sup>535</sup> Sobre esta virtude se deteria demoradamente no capítulo “A amizade: a grandeza da alma humana”, Célia Alves, no contexto da sua Dissertação de Mestrado *O Homem na Perspectiva de Marcial*, (cf. C. Alves 2003: 120-159). Poucos anos antes, havia escrito Marc Kleijwegt o interessante estudo “*Extra fortunam est quiquid donatur amicis: Martial on Frienship*” (cf. M. Kleijwegt 1998: 256-277).

Marcial a tal ponto considerava a *amicitia* que a que dedicava a Estela fá-lo-ia vê-lo superior a Catulo, quando das letras daquele pouco mais se sabe, hoje, que a elas se terá dedicado<sup>536</sup>:

*Stellae delictum mei Columba,  
Verona licet audiente dicam,  
uicit, Maxime, Passerem Catulli.  
tanto Stella meus tuo Catullo  
quanto passere maior est columba. (1.7)<sup>537</sup>*

*(A pomba, enlevo do meu caro Estela,  
mesmo com Verona a ouvir, hei-de dizê-lo,  
vence, Máximo, o pardal de Catulo.  
O meu Estela é tanto maior que o teu Catulo  
quanto a pomba é maior que o pardal.).*

A verdade é que para o poeta gozar da amizade de alguém era honra das maiores, superior, até, a qualquer glória militar alcançada:

*Fabricio iunctus fido requiescit Aquinus,  
qui prior Elysias gaudet adisse domos.  
ara duplex primi testatur munera pili:  
plus tamen est, titulo quod breuiore legis:  
'iunctus uterque sacro laudatae foedere uitae,  
famaque quod raro nouit, amicus erat.' (1.93)*

*(Lado a lado com o fiel Fabrício, repousa Aquino,  
que se alegra de ter sido o primeiro a rumar às moradas elísias.  
Um altar duplo testemunha o grau de primipilo;  
mas é mais grandioso o que se lê em tão breve inscrição:  
'Unidos pelos sagrados laços de uma vida de glória,  
o que rara fama conhece, um e outro eram amigos'.).*

---

<sup>536</sup> A *amicitia* entre Marcial e Arrúncio Estela não era das mais lineares relações de amizade, porquanto, influente e rico e protetor assumido do poeta, Estela não era um igual, relativamente a Marcial, e este sentia-se, por isso, na obrigação de o bajular, como aqui faria, tomando o emblemático poema de Catulo por intertexto.

<sup>537</sup> Vide, também, em 1.25, as palavras que dirige Marcial a Faustino. Esclarece Cristina de Sousa Pimentel que era, ao tempo, comum que lisonjeassem os poetas um protetor amigo e com gosto pelas letras, pelo elogio das obras e pelo incitamento à respetiva publicação (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 59).

E podia gratular-se o poeta por possuir amigos que lhe eram tão devotos quanto Fabrício e Aquino teriam sido um ao outro, contando-se entre eles, obviamente, Terêncio Prisco ou Júlio Marcial:

*Vis commendari sine me cursurus in urbem,  
parue liber, multis, an satis unus erit?  
unus erit, mihi crede, satis, cui non eris hospes,  
Iulius, assiduum nomen in ore meo.  
protinus hunc primae quaeres in limine Tectae;  
quos tenuit Daphnis, nunc tenet ille lares.  
est illi coniunx, quae te manibusque sinuque  
excipiet, tu uel puluerulentus eas.  
hos tu seu pariter siue hanc illamue priorem  
uideris, hoc dices: 'Marcus hauere iubet.'  
et satis est. alios commendet epistula: peccat  
qui commendandum se putat esse suis. (3.5)<sup>538</sup>*

(Queres ser recomendado, tu que, sem mim, te preparas para correr para a cidade,  
ó meu livrinho, a muita gente? Acaso uma pessoa não será suficiente?  
Uma será, acredita em mim, suficiente. Para ela não serás um forasteiro:  
<falo de> Júlio, nome tantas vezes presente na minha boca.  
Deves ir logo procurá-lo no início da via Coberta:  
a casa que Dáfnis ocupava, ocupa-a ele agora.  
Tem uma esposa, que nas mãos e no regaço te  
acolherá, ainda que chegues coberto de pó.  
Quer te apresentes aos dois simultaneamente, quer primeiro a um,  
depois a outro, dirás o seguinte: 'É Marco que lhes envia saudações',  
e basta. Os outros podem recorrer a cartas de recomendação. Engana-se  
quem julga que é necessário ser recomendado aos seus amigos.).

Mas ficava, com facilidade, comprometida uma amizade, sempre que a esta virtude deixavam os Romanos sobrepor um certo vício:

*Emi seu puerum togamue pexam  
seu tres, ut puta, quattuorue libras,  
Sextus protinus ille fenerator,  
quem nostis ueterem meum sodalem,  
ne quid forte petam timet cauetque,  
et secum, sed ut audiam, susurrat:  
'septem milia debeo Secundo,*

---

<sup>538</sup> Vide, também, 1.15.

*Phoebo quattuor, undecim Phileto,  
et quadrans mihi nullus est in arca.'  
o grande ingenium mei sodalis!  
durum est, Sexte, negare, cum rogaris,  
quanto durius, antequam rogeris! (2.44)*

*(Mal comprei ou um escravo ou uma toga novinha  
ou três, vê lá tu, ou quatro libras de prata,  
imediatamente Sexto, aquele usurário  
que conheces como meu velho camarada,  
teme que eu algo lhe peça e põe-se à defesa,  
e, para os seus botões, mas de modo que eu ouça, murmura:  
'Devo sete mil sestércios a Secundo,  
a Febo, quatro mil, onze mil a Fileto,  
e não tenho um quadrante no cofre.'  
Que grande astúcia a do meu camarada!  
É duro, Sexto, dizer que não quando se pede,  
quanto mais duro antes que se peça!).*

Com efeito, de entre os tantos e tão praticados vícios dinheirosos — roubo, esbanjamento, jogo, vigarice —, a avareza deveria ser um dos mais comuns em Roma, se bem que a posição financeira frágil do poeta em muito deve ter contribuído para esta visão que legou, em que a mesquinhez corrói amizades e afeições, para além de tornar mais difíceis e penosas as relações entre o patrono e o seu *cliens*, ora quando este se recusava a emprestar-lhe um asse que fosse:

*Cedere de nostris nulli te dicis amicis.  
sed, sit ut hoc uerum, quid, rogo, Crispe, facis?  
mutua cum peterem sestertia quinque, negasti,  
non caperet nummos cum grauīs arca tuos.  
quando fabae nobis modium farrisue dedisti,  
cum tua Niliacus rura colonus aret?  
quando breuis gelidae missa est toga tempore brumae?  
argenti uenit quando selibra mihi?  
nil aliud uideo quo te credamus amicum  
quam quod me coram pedere, Crispe, soles. (10.15(14))<sup>539</sup>*

*(Dizes que não ficas atrás de nenhum dos meus amigos.  
Mas, para o comprovares, diz-me lá, Crispo, que é que fazes?)*

---

<sup>539</sup> Vide, também, 2.30.

*Queria que me emprestasses cinco mil: negaste-mos,  
embora a tua pesada arca esteja a abarrotar de dinheiro.  
Quando me deste um moio de favas ou de trigo,  
embora um nílíaco colono lavre os teus campos?  
Quando me enviaste uma toga, curta que fosse, no frio tempo de inverno?  
Quando vi eu chegar meia libra de prata?  
Nada mais vejo que me faça ter-te por amigo  
senão os traques que, diante de mim, Crispo, costumava dar.),*

ora quando, na cena obsequiada, oferecia aos seus convivas o que de pior podia:

*Quid te, Tucca, iuuat uetulo miscere Falerno  
in Vaticanis condita musta cadis?  
quid tantum fecere boni tibi pessima uina?  
aut quid fecerunt optima uina mali?  
de nobis facile est; scelus est iugulare Falernum  
et dare Campano toxica saeua mero.  
conuiuiae meruere tui fortasse perire:  
amphora non meruit tam pretiosa mori. (1.18)*

*(Porque te agrada, Tuca, misturar com o anoso falerno  
vinho novo guardado em vasilhas de vaticano?  
Que bem tão grande te fizeram os vinhos muito maus?  
Ou que mal te fizeram os vinhos muito bons?  
Por mim, tudo bem; mas é um crime assassinar um falerno  
e dar venenos horríveis a um campano puro.  
Os teus convidados mereceram talvez perecer:  
uma ânfora tão preciosa não mereceu morrer.),*

e, mais gravoso ainda, se ousasse explicitamente discriminar os seus *clientes*, para si guardando, o que de melhor houvesse:

*Dic mihi, quis furor est? turba spectante uocata  
solus boletos, Caeciliane, uoras.  
quid dignum tanto tibi uentre gulaque precabor?  
boletum qualem Claudius edit, edas. (1.20)*

*(Diz-me cá: que loucura é esta? Com a turba dos convidados a olhar,  
só tu, Ceciliano, devoras cogumelos.  
Que hei-de eu desejar digno de tal bandulho e da tua glotonaria?  
Que um cogumelo como o que Cláudio comeu, o comas tu.),*

ou a única coisa que houvesse:



*Bis tibi triceni fuimus, Mancine, uocati  
 et positum est nobis nil here praeter aprum,  
 non quae de tardis seruantur uitibus uuae  
 dulcibus aut certant quae melimela fauis,  
 non pira quae longa pendent religata genesta  
 aut imitata breuis Punica grana rosas,  
 rustica lactantes nec misit Sassina metas  
 nec de Picenis uenit oliua cadis:  
 nudus aper, sed et hic minimus qualisque necari  
 a non armato pumilione potest.  
 et nihil inde datum est; tantum spectauimus omnes:  
 ponere aprum nobis sic et harena solet.  
 ponatur tibi nullus aper post talia facta,  
 sed tu ponaris cui Charidemus apro. (1.43)*

*(Éramos, Mancino, duas vezes trinta convidados teus,  
 e nada mais ontem nos foi servido além de um javali:  
 nem uvas que se conservam das vides serôdias,  
 ou maçãs doces que rivalizam com os bolinhos de mel;  
 nem peras que pendem atadas de uma longa giesta,  
 ou as romãs púnicas que imitam as efêmeras rosas;  
 a rústica Sássina não enviou cónicos queijos,  
 nem veio a azeitona dos potes do Piceno:  
 só um javali simples, e para mais, de tão pequeno,  
 podia ser morto por um anão desarmado.  
 E dele nada nos foi dado; ficámos todos só a olhar:  
 javali assim também a arena nos costuma servir.  
 Mais nenhum javali te seja servido depois de tal proeza,  
 mas sejas tu servido ao mesmo javali que Caridemo.).*

A avareza, pelo desgosto que lhe causava, expô-la, enfim, Marcial, em todas as suas vertentes, não se coibindo sequer de apontar aqueles que, à semelhança de Luperco, desejavam ler as suas composições, mas se escusavam a comprá-las:

*Occurris quotiens, Luperce, nobis,  
 'uis mittam puerum' subinde dicis,  
 'cui tradas epigrammaton libellum,  
 lectum quem tibi protinus remittam?'  
 non est quod puerum, Luperce, uexes.  
 longum est, si uelit ad Pirum uenire,  
 et scalis habito tribus, sed altis.  
 quod quaeris propius petas licebit.  
 argi nempe soles subire Letum:*

*contra Caesaris est forum taberna  
scriptis postibus hinc et inde totis,  
omnis ut cito perlegas poetas.  
illinc me pete. tñect roges Atrectum —  
hoc nomen dominus gerit tabernae —  
de primo dabit alteroue nido  
rasum pumice purpuraque cultum  
denaris tibi quinque Martialem.  
'tanti non es' ais? sapis, Luperce. (1.117)*

*(Sempre que nos encontramos, Luperco,  
'Queres que te envie um escravo — dizes logo —  
a quem entregues o livro dos epigramas  
para que eu to devolva prontamente lido?'  
Não é caso para estafar o escravo, Luperco.  
É longe, se ele quiser vir ao Piro;  
vivo no terceiro andar e é alto.  
O que procuras poderás pedi-lo mais perto.  
Certamente costumás frequentar o Argileto.  
Em frente ao foro de César está uma loja  
com as ombreiras de um lado e doutro cheias de inscrições,  
de modo que rapidamente se leia o nome de todos os poetas.  
Procura-me aí. Nem precisas de pedir a Atrecto  
— este é o nome do dono da loja —;  
ele da primeira estante ou da seguinte te há-de dar,  
polido pela pedra-pomes e ornado de púrpura,  
por cinco denários, Marcial.  
«Não vales tanto!» dizes tu. Tu és sabidão, Luperco.),*

ou de denunciar todos quantos, bafejados pela fortuna, evitavam partilhá-la ou, sequer, aproveitá-la:

*'Si dederint superi decies mihi milia centum'  
dicebas nondum, Scaeuola, iustus eques,  
'qualiter o uiuam, quam large quamque beate!'  
riserunt faciles et tribuere dei.  
sordidior multo post hoc toga, paenula peior,  
calceus est sarta terque quaterque cute,  
deque decem plures semper seruantur oliuae,  
explicat et cenas unica mensa duas,  
et Veientani bibitur faex crassa rubelli,  
asse cicer tepidum constat et asse Venus.  
in ius, o fallax atque infitiator, eamus:  
aut uiue aut decies, Scaeuola, redde deis. (1.103)*

(*'Se os deuses do alto me dessem um milhão de sestércios,'  
dizias tu, Cévola, (e ainda não eras cavaleiro de pleno direito),  
'oh como viveria, com que liberalidade e com que felicidade!'*  
*Sorriram-te complacentes os deuses e concederam-te a graça.*  
*Depois disto, a toga é muito mais suja, a pénula mais miserável,*  
*o calçado é de couro três e quatro vezes remendado,*  
*de dez azeitonas guarda-se sempre a maior parte,*  
*e uma única refeição se desdobra em dois jantares,*  
*e bebe-se borra espessa de tinto de Veios,*  
*um asse custa o grão-de-bico e um asse o amor.*  
*Vamos para justiça, ó aldrabão e caloteiro:*  
*trata de viver ou, o milhão, Cévola, devolve-o aos deuses.).*

Não muito longe do da *auaritia*, considerava Marcial o vício dos que se dedicavam à caça de fortunas, como faria um certo Gemelo, ao pretender desposar uma adoentada Maronila:

*Petit Gemellus nuptias Maronillae  
et cupit et instat et precatur et donat.  
adeone pulchra est? immo foedius nil est.  
quid ergo in illa petitur et placet? tussit. (1.10)<sup>540</sup>*

*(Gemelo pede em casamento Maronila  
e anda apaixonado e porfioso e suplicante e dadivoso.  
É assim tão bela? Qual quê? Nada há mais feio!  
Então o que é que dela quer e o que o seduz? É que ela tosse.).*

Sob a sardónica mira de Marcial, melhor julgamento que qualquer dos anteriores, embora nos seus antípodas, não podia ter o vicioso endividamento:

*Sexte, nihil debes, nil debes, Sexte, fatemur.  
debet enim, si quis soluere, Sexte, potest. (2.3)<sup>541</sup>*

*(Sexto, não deves nada a ninguém, não deves nada, Sexto, confesso:  
só deve de verdade quem pode pagar, Sexto.),*

sobretudo, se galopantemente viciante:

---

<sup>540</sup> Vide, ainda, o epigrama 2.26, em que Bitínico ansiava por ser o viúvo de Névia, ou o 2.65, em que Saleiano chegou mesmo a conseguir herdar a fortuna de Secundila, ou, ainda, o 11.55, em que Lupo, trapaceando-o, se faz à herança de um Urbico sem descendência.

<sup>541</sup> Vide, também, 2.13.

*Hic quem uidetis gressibus uagis lentum,  
amethystinatus media qui secat Saepta,  
quem non lacernis Publius meus uincit,  
non ipse Cordus alpha paenulatorum,  
quem grex togatus sequitur et capillatus  
recensque sella linteisque lorisque,  
oppigneravit modo modo ad Cladi mensam  
uix octo nummis anulum, unde cenaret. (2.57)<sup>542</sup>*

*(Este que vêem, indolente, com passos incertos,  
que, com roupas cor de ametista, abre caminho pelos Septa,  
a quem, nas lacernas, não o vence o meu amigo Públio,  
nem o próprio Cordo, o ás dos que vestem pénula,  
a quem segue uma turba de toga e de escravos de longa cabeleira  
e uma liteira com cortinas e correias novas,  
ainda agora acabou de empenhar, na banca de Clado,  
o anel, por uns míseros oito sestércios, para poder jantar.).*

Eram, no entanto, os mais risíveis dos vícios os sexuais<sup>543</sup> — o que permite conceber o pouco que mudaram, nesta esfera, as mentalidades dos homens, nestes mais de dezanove séculos.

A Marcial, homem de gostos que a sua poesia bem permitiu definir, dava particular gozo descobrir (e pôr a descoberto) a homossexualidade dos seus pares<sup>544</sup>, e, embora sem revelar declaradamente as suas verdadeiras identidades,

---

<sup>542</sup> Vide, também, 2.58.

<sup>543</sup> Com efeito, apesar das severas leis que desde Augusto procuravam regular, a bem do próprio estado, os comportamentos sexuais, muitos eram os que, cedendo à luxúria, à perversão, à homossexualidade passiva ou à pederastia, se expunham às gargalhadas e à censura dos demais (mesmo tendo os Flávios — Domiciano, em particular — apostado no seu reforço e no do seu cumprimento (cf. F. Grelle 1980: *passim*)).

<sup>544</sup> A homossexualidade em Roma, ou, melhor, a perspectiva que dela se tinha, em muito difere da forma como é conceptualizada nos dias de hoje, porquanto possuía matizes vários, mormente, o da ligação que mantivesse um Romano com um escravo ainda jovem e que, desde que não assumisse o primeiro um papel passivo na relação, era tolerada como habitual. A dificuldade que destas relações poderia advir e dada a limitação temporal a que estavam sujeitas, seria a da gestão dos sentimentos que viessem a gerar-se. No epigrama 1.31, Marcial, observando Encolpo que desabrochava, doía-se pelo seu amo que, cedo ou tarde, seria forçado a terminar a ligação mantida com o escravo:

como foi seu apanágio nos *Libri*, por pistas e indícios os ia assinalando (se alguém os toparia, como até é bem provável, não há absolutas certezas):

*Si non molestum est teque non piget, scazon,  
nostro rogamus pauca uerba Materno  
dicas in aurem sic ut audiat solus.  
amator ille tristium lacernarum  
et baeticatus atque leucophaeatus,  
qui coccinatos non putat uiros esse  
amethystinasque mulierum uocat uestes,  
natiua laudet, habeat et licet semper  
fuscus colores, galbinos habet mores.  
rogabit unde suspicer uirum mollem.  
una lauamur: aspicit nihil sursum,  
sed spectat oculis deuorantibus draucos  
nec otiosis mentulas uidet labris.  
quaeris quis hic sit? excidit mihi nomen. (1.96)*

*(Se não é incomodo e se não te aborrece, escazonte,  
peço-te que ao meu amigo Materno umas poucas palavras  
lhe digas ao ouvido de forma que só ele ouça:  
'Aquele apreciador de capas sombrias  
e de lã bética e de cinzento-escuro,  
que julga que os que vestem de escarlate não são homens,  
e chama às roupas cor de ametista vestidos de mulher,  
ainda que louve as cores naturais, e vista sempre  
cores escuras, tem costumes verde-amarelos.'*

---

*Hos tibi, Phoebe, uouet totos a uertice crines  
Encolpos, domini centurionis amor,  
grata Pudens meriti tulerit cum praemia pili.  
quam primum longas, Phoebe, recide comas,  
dum nulla teneri sordent lanugine uultus  
dumque decent fusae lactea colla iubae;  
utque tuis longum dominusque puerque fruuntur  
muneribus, tonsum fac cito, sero uirum.*

*(A ti, Febo, consagra todos os cabelos da sua cabeça  
Encolpo, dilecto do centurião seu amo,  
quando Pudente obtiver a grata distinção, merecida, de primipilo.  
Corta, Febo, quanto antes a longa cabeleira,  
enquanto nenhuma penugem mancha o rosto tenro,  
e enquanto as madeixas esparsas ficam bem ao lácteo colo;  
e, para que senhor e escravo gozem por longo tempo  
dos teus favores, torna-o cedo tosquiado, tarde um homem.).*

*Ele perguntará donde me vem a suspeita de que o tipo é maricas.  
Tomamos banho juntos: ele nunca olha para cima,  
mas observa, com olhos devoradores, os sodomitas,  
e não olha os seus membros com lábios indiferentes.  
Perguntas quem é o tipo? Olha, esqueceu-me o nome.);*

tornando-se este jogo particularmente irresistível, pela caricatura que possibilitavam algumas personagens, fosse pelo seu *triste supercilium* que a ninguém (ou a quase ninguém, porquanto não foi esse o caso de Marcial) faria supor tal opção sexual:

*Aspicias incompertis illum, Deciane, capillis,  
cuius et ipse times triste supercilium,  
qui loquitur Curios adsertoresque Camillos?  
nolito fronti credere: nupsit heri. (1.24)*

*(Vês, Deciano, aquele tipo de cabelos desganhados,  
de quem até tu temes o austero cenho,  
que fala dos Cúrios e dos Camilos libertadores?  
Não te fies na cara: ainda ontem fez de noiva.),*

fosse pela loucura que representaria usar o único denário para alimentar o vício e não a fome:

*Vnus saepe tibi tota denarius arca  
cum sit et hic culo tritior, Hylle, tuo,  
non tamen hunc pistor, non auferet hunc tibi copo,  
sed si quis nimio pene superbus erit.  
infelix uenter spectat conuiuia culi  
et semper miser hic esurit, ille uorat. (2.51)*

*(Tens tu, muitas vezes, um só denário em todo o cofre  
e este mais puído, Hilo, que o teu cu.  
Mas não to receberá o pasteleiro, não o taberneiro,  
mas alguém que se orgulhe do tamanho do pénis.  
A infeliz barriga espreita os banquetes do cu  
e enquanto aquela infeliz passa fome, este alarvemente come.).*

Menos frequente (pelo menos, nos *Libri*), embora não menos criticada que a homossexualidade masculina<sup>545</sup> era a feminina:

*Quod numquam maribus iunctam te, Bassa, uidebam  
quodque tibi moechum fabula nulla dabat,  
omne sed officium circa te semper obibat  
turba tui sexus, non adeunte uiro,  
esse uidebaris, fateor, Lucretia nobis:  
at tu, pro facinus, Bassa, fututor eras.  
inter se geminos audes committere cunnos  
mentiturque uirum prodigiosa Venus.  
commenta es dignum Thebano aenigmate monstrum,  
hic ubi uir non est, ut sit adulterium. (1.90)*

*(Já que nunca te via, Bassa, rodeada de machos,  
já que nenhum rumor te atribuía um amante,  
mas, para todo o serviço, à tua volta, se afadigava  
uma multidão do teu sexo, sem um homem presente,  
parecias-me, confesso, uma Lucrecia:  
mas ó desgraça, eras tu, Bassa, o garanhão.  
Ousas unir entre si duas ratas,  
e faz de homem a tua Vénus de aberração.  
Inventaste um prodígio digno do enigma de Tebas:  
aqui não há homem, embora haja fornicção.);*

e a ambas quase superava a felação, quer praticada por uma mulher, como a Lésbia de 2.50<sup>546</sup>:

*Quod fellas et aquam potas, nil, Lesbia, peccas.  
qua tibi parte opus est, Lesbia, sumis aquam.*  
*(Se fazes broches e bebes água, Lésbia, não estás errada:  
pela parte que precisa, Lésbia, tomas a água.),*

quer a realizada por um homem, como o Gauro de 2.89<sup>547</sup>, a quem quase todos os vícios se podiam perdoar:

---

<sup>545</sup> Desta, efetivamente, proliferam os *exempla*: 1.9, 1.23, 1.65, 2.28, 2.45 ou 2.54.

<sup>546</sup> *Vide*, também, 2.73.

<sup>547</sup> *Vide*, também, 2.42 ou 2.70.

*Quod nimio gaudes noctem producere uino,  
ignosco: uitium, Gaure, Catonis habes.  
carmina quod scribis Musis et Apolline nullo  
laudari debes: hoc Ciceronis habes.  
quod uomis, Antoni: quod luxuriaris, Apici.  
quod fellas, uitium, dic mihi, cuius habes?*

*(Se gostas de alongar a noite com vinho em demasia,  
perdo-te: tens, Gauro, o vício de Catão.  
Se escreves poemas sem Musas e sem Apolo,  
deves ser louvado: tens o vício de Cícero.  
Se vomitas, o de Antônio; se te empanurras, o de Apício.  
Se fazes broches, diz-me lá de quem é este vício que tu tens.).*

Mas preenchem as páginas do epigramatista uma miríade de outros vícios sexuais: desde o *voyeurismo* a que se prestava Lésbia, a quem ridicularizaria Marcial, em 1.34; aos serviços sexuais altamente lucrativos a que se dispunha Febo, e que lhe permitiriam alimentar os seus próprios gostos, como referiria (desgostoso) o poeta, em 1.58; passando pelos mais variados desvios sexuais, como o doentio do adoentado Carino:

*Pulchre ualet Charinus et tamen pallet.  
parce bibit Charinus et tamen pallet.  
bene concoquit Charinus et tamen pallet.  
sole utitur Charinus et tamen pallet.  
tingit cutem Charinus et tamen pallet.  
cunnum Charinus lingit et tamen pallet. (1.77)*

*(Passa bem Carino e, mesmo assim, é pálido.  
Pouco bebe Carino e, mesmo assim, é pálido.  
Digere bem Carino e, mesmo assim, é pálido.  
Apanha sol Carino e, mesmo assim, é pálido.  
Tinge a pele Carino e, mesmo assim, é pálido.  
Lambe conas Carino e, mesmo assim, é pálido.),*

e o incompreensível e tão condenável do incesto:

*O quam blandus es, Ammiane, matri!  
quam blanda est tibi mater, Ammiane!  
fratrem te uocat et soror uocatur.  
cur uos nomina nequiora tangunt?  
quare non iuuat hoc quod estis esse?*



*lusum creditis hoc iocumque? non est:  
matrem, quae cupit esse se sororem,  
nec matrem iuuat esse nec sororem. (2.4)*

*(Oh quão meigo tu és, Amiano, para a tua mãe!  
Quão meiga é para ti a tua mãe, Amiano!  
Por irmão te trata e por irmã é tratada.  
Porque vos dão gozo tratamentos tão equívocos?  
Por que razão vos não agrada ser o que são de facto?  
Pensam que isto é um jogo e uma brincadeira? Não é:  
a mãe, que deseja ser uma irmã,  
mãe não lhe apetece ser, nem irmã.).*

Aos desvios de outra ordem — os de carácter —, ou às fraquezas desta mesma natureza também dedicaria Marcial deliciosas páginas.

A soberba, sobretudo aquela que exibicionista se revelasse, mereceu-lhe especial atenção, porquanto percebera o poeta que se trataria, as mais das vezes, de um expediente que pretendia ocultar uma outra e mais repreensível realidade. E, na verdade, com *sardonychata manus*, purpuríssimas *lacernae* e uma muito alva *toga*, uma *pinguis coma* coberta de perfume, *uulso bracchia trita pilo* e, nos pés, *coccina aluta*, ornada por uma *lunata lingula*, disfarçava-se, em 2.29, um escravo fugitivo, no Teatro de Marcelo, em plena fila reservada aos senadores; e, do mesmo modo, esse *amethystinatus media qui secat Saepta, quem grex togatus sequitur et capillatus recensque sella linteisque lorisque* de 2.57 não passava de um devedor, obrigado a empenhar o anel, para poder jantar. Ora, também Átalo, vaidoso de *omnia belle* fazer, antiteticamente, a *nil bene* efetivamente se atreve:

*Declamas belle, causas agis, Attale, belle,  
historias bellas, carmina bella facis,  
componis belle mimos, epigrammata belle,  
bellus grammaticus, bellus es astrologus,  
et belle cantas et saltas, Attale, belle,  
bellus es arte lyrae, bellus es arte pilae.  
nil bene cum facias, facias tamen omnia belle,  
uis dicam quid sis? magnus es ardalio. (2.7)*

*(Recitas lindamente, advogas causas, Átalo, lindamente;  
 histórias lindas, poemas lindos tu escreves;  
 compões lindamente mimos, compões epigramas lindamente;  
 és um lindo gramático, és um lindo astrólogo,  
 e lindamente cantas, e danças, Átalo, lindamente;  
 és lindo a tocar lira, és lindo a jogar à bola.  
 Conquanto nada faças bem, fazes tudo lindamente.  
 Queres que diga o que tu és? És uma grande seca.),*

e Zoilo, esse encobre, sob as mantas de uma maleita fingida, a sua verdadeira doença que é a da ostentação:

*Zoilus aegrotat: faciunt hanc stragula febrem.  
 si fuerit sanus, coccina quid facient?  
 quid torus a Nilo, quid Sidone tinctus olenti?  
 ostendit stultas quid nisi morbus opes?  
 quid tibi cum medicis? dimitte Machaonas omnis.  
 uis fieri sanus? stragula sume mea. (2.16)<sup>548</sup>*

*(Zoilo está doente: são as colchas que provocam esta febre.  
 Se estivesse são, as cobertas de escarlata para que servissem?  
 Para quê o leito importado do Nilo, para quê a tintura perfumada de Sídon?  
 Então não é doença ostentar riquezas tolas?  
 Para que precisas dos médicos? Manda embora todos os Macáones.  
 Queres tornar-te são? Pega lá as minhas colchas.).*

Todos quantos assim se revelavam altivos procurou Marcial sensibilizar: de modo a que não ferissem quantos os cercavam e, até, em benefício próprio, deveriam os emproados procurar cultivar a humildade, sob pena de mais viciosos que Dídimos e Filomelos se tornarem, como adverte 3.31, dirigido a Rufino:

*Sunt tibi, confiteor, diffusi iugera campi,  
 urbanique tenent praedia multa lares,  
 et seruit dominae numerosus debitor arcae  
 sustentatque tuas aurea massa dapes.  
 fastidire tamen noli, Rufine, minores:  
 plus habuit Didymus, plus Philomelus habet.*

*(Tu possuis, admito-o, as jeiras de vastas propriedades  
 e teus lares urbanos ocupam o lugar de muitos lotes*

---

<sup>548</sup> Vide, também, 2.46.

*e numerosos devedores se sujeitam a teu cofre-forte  
e em baixela de ouro se servem as tuas iguarias.  
Mas não te ponhas, Rufino, a desprezar os mais humildes:  
mais teve Dídimos, mais Filomelo possui.).*

Tanto ou mais que a jactância condenaria o poeta um outro vício, muitas vezes, por este instigado: a inveja<sup>549</sup>. E, quanto mais injuriosa se revelasse, mais impiedoso seria o poeta:

*Cum tibi uernarent dubia lanugine malae,  
lambebat medios improba lingua uiros.  
postquam triste caput fastidia uispiilonum  
et miseri meruit taedia carnificis,  
uteris ore aliter nimiaque aerugine captus  
allatras nomen quod tibi cumque datur.  
haereat inguinibus potius tam noxia lingua:  
nam cum fellaret, purior illa fuit. (2.61)*

*(Quando as tuas faces floresciam de incerta penugem,  
a tua perversa língua lambia os homens mesmo a meio.  
Depois que a tua sinistra cabeça a repugnância dos cangalheiros  
e a aversão dos infelizes carrascos passou a merecer,  
usas de outro modo a boca e, tomado de desenfreada inveja,  
injurias todo o nome que te vem à cabeça.  
Agarre-se antes ao baixo-ventre tão malfazeja língua:  
é que, quando chupava, era mais pura.).*

Claro que, sendo o plagiário “um invejoso dos piores”<sup>550</sup> e Marcial um dos seus mais caros alvos, o plágio<sup>551</sup> foi, nos *Libri*, um vício sumamente apontado:

---

<sup>549</sup> Sobre o vício da inveja, concretamente em correlação com a emulação, já produziram João Manuel Torrão e Joana Mestre Costa o artigo “Inveja e Emulação em... Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal romano” (cf. J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: *passim*).

<sup>550</sup> *Ibidem*: 79. A visceral antipatia que nutria o poeta pelos invejosos desta espécie é, hoje ainda, absolutamente compreensível, na medida em que os *plagiarii* não apenas cobiçavam como efetivamente roubavam os *opera* alheios, e com a autoria a própria identidade do criador. Para mais detalhadas informações sobre este tema, aconselha-se a leitura dos artigos de Peter J. Anderson “Martial 1.29: appearance and authorship” (P. J. Anderson 2006: 119-122) e de Joanne M. Seo “Plagiarism and poetic identity in Martial” (J. M. Seo 2009: 567-593).

<sup>551</sup> Cristina de Sousa Pimentel crê ter cabido a Marcial a primazia de aplicar o termo ‘plágio’ à apropriação indevida das composições literárias de outrem, porquanto, na sua aceção denotativa primeva, este significaria uma apropriação indevida mas de um escravo de outrem que alguém

*Commendo tibi, Quintiane, nostros —  
nostros dicere si tamen libellos  
possum, quos recitat tuus poeta —:  
si de seruitio graui queruntur,  
assertor uenias satisque praestes,  
et, cum se dominum uocabit ille,  
dicas esse meos manuque missos.  
hoc si terque quaterque clamitaris,  
impones plagiario pudorem. (1.52)<sup>552</sup>*

*(Encomendo-te, Quinciano, os meus —  
se é que meus posso chamar,  
os epigramas que recita um teu amigo poeta —:  
se eles se queixam de dura servidão,  
vem afiançar que são livres e garante o que for preciso;  
e quando essoutro se intitular seu dono,  
diz-lhe que são meus e por minha mão libertos.  
Se três e quatro vezes isto gritares,  
hás-de incutir vergonha ao plagiário.).*

A verdade é que o poeta concebia os seus epigramas como escravos seus, primeiro, de um pequeno círculo conhecidos, e a quem, depois, concederia a manumissão, tornando-os libertos, ao publicá-los. Ora, se alguém deles de novo se apropriasse, quando já o autor os ofertara a Roma inteira, não era outra a pele que assumiria esse indivíduo que não a do *plagiarius*<sup>553</sup>. Assim sendo, o epigramatista não vislumbrava outra hipótese a não ser a da compra dos *Libri*, para que Fidentino seus, aos versos de Marcial pudesse chamar:

*Fama refert nostros te, Fidentine, libellos  
non aliter populo quam recitare tuos.*

---

procuraria comerciar como seu ou, em alternativa, a apropriação indevida da vida de um homem já de alguém liberto (cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. I: 71).

<sup>552</sup> Vide, também, 1.63 ou 2.6.

<sup>553</sup> A metáfora criada por Marcial é, de facto, soberba, e a essa excelência deverá a sua cristalização. De relevar que, hodierna e compreensivelmente, se perdeu a aceção original da palavra, cujo primeiro sentido é, atualmente, o que Marcial para ela criou.

*si mea uis dici, gratis tibi carmina mittam:  
si dici tua uis, hoc eme, ne mea sint. (1.29)*<sup>554</sup>

(Corre o boato, Fidentino, que tu os meus epigramas  
recitas ao povo, sem tirar nem pôr, como se fossem teus.  
Se queres que os considerem meus, de graça te enviarei os poemas:  
se queres que os considerem teus, compra este livro, para não serem meus.).

Mas, mesmo a compra, alertaria Marcial, dando, em 1.66, continuidade a este jogo, nada mais que a posse material dos *Libri*, e jamais o seu domínio, garantiria<sup>555</sup>:

---

<sup>554</sup> Vide, também, 2.20.

<sup>555</sup> Com efeito, não temia Marcial o plágio de Fidentino (ou de qualquer outro), apesar do manifesto desagrado. A *recitatio*, *per se*, encarregar-se-ia de desvelar as autorias:

*Quem recitas meus est, o Fidentine, libellus:  
sed male cum recitas, incipit esse tuus. (1.38)*

(É meu, Fidentino, o livro de epigramas que recitas:  
mas, quando o recitas mal, começa a ser teu.),

tanto que, sempre que procurava o plagiário uns versos seus permear nos do epigramatista, se tornava ainda mais flagrante o resultado:

*Vna est in nostris tua, Fidentine, libellis  
pagina, sed certa domini signata figura,  
quae tua traducit manifesto carmina furto.  
sic interpositus uillo contaminat uncto  
urbica Lingonicus Tyrianthina bardocucullus,  
sic Arretinae uiolant crystallina testae,  
sic, niger in ripis errat cum forte Caystri,  
inter Ledaeos ridetur coruus olores,  
sic, ubi multisona feruet sacer Atthide lucus,  
improba Cecropias offendit pica querelas.  
indice non opus est nostris nec iudice libris:  
stat contra dicitque tibi tua pagina 'fur es.' (1.53)*

(Uma só página nos meus livros, Fidentino, é tua,  
mas está assinada com o retrato chapado do dono,  
que acusa os teus poemas de furto flagrante.  
Como, interposto, de pêlo untado, o manto língone  
macula as vestes citadinas de púrpura violácea;  
ou como os vasos de Arrécio profanam os de cristal,  
ou como, negro, se acaso vagueia nas margens de Caístro,  
o corvo é objecto de troca entre os cisnes de Leda;  
ou como, quando o sagrado bosque ressoa com a melodiosa Átis,  
uma importuna pega turba os queixumes da descendente de Cécrope.

*Erras, meorum fur auare librorum,  
fieri poetam posse qui putas tanti,  
scriptura quanti constet et tomus uilis:  
non sex paratur aut decem sophos nummis.  
secreta quaere carmina et rudes curas  
quas nouit unus scrinioque signatas  
custodit ipse uirginis pater chartae,  
quae trita duro non inhorruit mento.  
mutare dominum non potest liber notus.  
sed pumicata fronte si quis est nondum  
nec umbilicis cultus atque membrana,  
mercari: tales habeo; nec sciet quisquam.  
aliena quisquis recitat et petit famam,  
non emere librum, sed silentium debet.*

*(Estás enganado, ávido ladrão dos meus livros,  
que julgas tornar-te poeta só pelo preço  
que custa a escrita e um rolo barato:  
os vivos não se compram por seis ou dez sestércios.  
Procura poemas inéditos e obras inacabadas,  
que, ocultas no escrínio, só uma pessoa conhece:  
guarda-as o próprio pai do papiro virgem,  
que se não enrugou puído por um queixo áspero.  
Um livro conhecido não pode mudar de dono.*

---

*Os meus livros não precisam de acusador ou juiz:  
é a tua página que está contra ti e te diz: «És um ladrão.»).*

A Fidentino (ou a qualquer outro), por isso, ninguém, jamais, o creria:

*Nostris uersibus esse te poetam,  
Fidentine, putas cupisque credi?  
sic dentata sibi uidetur Aegle  
emptis ossibus Indicoque cornu;  
sic, quae nigrior est cadente moro,  
cerussata sibi placet Lycoris.  
hac et tu ratione qua poeta es,  
caluus cum fueris, eris comatus. (1.72)*

*(Que tu és um poeta, à custa dos meus versos,  
julgas e desejas que se acredite, Fidentino?  
Assim Egle considera que tem dentes,  
depois de comprar ossos e marfim das Índias;  
assim, mais negra que uma amora cadente,  
coberta de alvaiade, Licóris sente-se bela.  
Da mesma forma que és poeta,  
quando estiveres careca, serás cabeludo.).*

*Mas se há algum com o rosto ainda não polido da pedra-pomes,  
e não adornado de cilindros e de capa protectora,  
compra-o: desses tenho eu; e ninguém o saberá.  
Quem recita o que é dos outros e procura a fama,  
não deve comprar o livro, mas o silêncio.).*

Mais controverso (sobretudo aos olhos dos leitores) que o do plágio seria o *uitium* da adulação: Marcial criticou-o, mas também não se escusou de o praticar! E, na verdade, nem na desculpa de ter sempre sido mais comedido que o Sélio de 2.27 se poderia escudar<sup>556</sup>:

*Laudantem Selium, cenae cum retia tendit,  
accipe, siue legas siue patronus agas:  
'effecte! grauitur! cito! nequiter! euge! beate!  
hoc uolui!' 'facta est iam tibi cena, tace.'*

*(A Sélio, adulator, quando lança as redes ao jantar,  
escuta-o, quer recites, quer advogues causas:  
'Perfeito! De peso! Nem mais! Malicioso! Bravo! Muito bem!  
Era isso que eu queria!'. 'Já tens o jantar no papo, vê se te calas.').*

Já as fraquezas de carácter que empurravam alguns dos Romanos, pelas sendas do alcoolismo, davam mote a mais risíveis censuras:

*Sextiliane, bibis quantum subsellia quinque  
solus: aqua totiens ebrius esse potes;  
nec consessorum uicina nomismata tantum,  
aera sed a cuneis ulteriora petis.  
non haec Paelignis agitur uindemia prelis,  
uua nec in Tuscis nascitur ista iugis,  
testa sed antiqui felix siccatur Opimi,  
egerit et nigros Massica cella cados.  
a copone tibi faex Laetana petatur,  
si plus quam decies, Sextiliane, bibis. (1.26)<sup>557</sup>*

*(Sextiliano, bebes tanto como cinco filas de bancos de cavaleiros,  
só à tua conta: mesmo sempre com água que seja, podes ficar bêbedo.*

---

<sup>556</sup> Chega a haver um tom mais laudatório, nos seus poemas, sobretudo nos que a Domiciano dirigiu, e o fito, sendo distinto, não divergia, na sua essência, tanto assim do da obtenção de uma *cena*.

<sup>557</sup> Vide, também, 1.11.

*Não te bastam as vizinhas fichas dos que se sentam a teu lado,  
mas pedes as mais distantes, dos assentos em cunha.  
Olha que esta vindima não se faz nos lagares pelignos  
nem esta uva nasce nos montes etruscos,  
mas trata-se de emborcar uma garrafa afortunada de velho opimiano  
e uma cave do Mássico fornece estes negros tonéis.  
Ao taberneiro deve pedir-se para ti zurrapa laletana,  
se mais de dez rodadas, Sextiliano, bebes.).*

E nem só os homens, senão, também, as mulheres se entregavam a estas excessivas celebrações de Baco:

*Ne grauis hesterno fragres, Fescennia, uino,  
pastillos Cosmi luxuriosa uoras.  
ista linunt dentes iantacula, sed nihil obstant,  
extremo ructus cum redit a barathro.  
quid quod olet grauius mixtum diapasmate uirus  
atque duplex animae longius exit odor?  
notas ergo nimis fraudes deprensaque furta  
iam tollas et sis ebria simpliciter. (1.87)<sup>558</sup>*

*(Para não tresandares, Fescénia, ao vinho de ontem,  
fartas-te de mastigar pastilhas de Cosmo.  
Este pequeno-almoço limpa os dentes, mas em nada obsta,  
quando o arroto brota do fundo sorvedouro.  
E então? Não é mais forte a mistura de fedor e perfume  
e, redobrada, não vai mais longe a exalação do hálito?  
Já são de sobra conhecidos os truques, e os ardis desmascarados:  
deixa-te disso e sê simplesmente bêbeda.),*

que nem uns nem outros, por causa do fedor que exalavam, conseguiam, por mais que, pertinazes, o intentassem, disfarçar, assim sucedia, portanto, a Fescénia, como a Acerra de 1.28.

Porém, numa Urbe que celebrava os *Saturnalia* com ordem invertida, seria lícito o vinho transmutar-se de vício em virtude, sobretudo, quando ajudar podia na composição da “Epopéia das Saturnais”:

---

<sup>558</sup> Vide, também, 1.28.



*Vinctis falciferi senis diebus,  
regnator quibus imperat fritillus,  
uersu ludere non laborioso  
permittis, puto, pilleata Roma.  
risisti; licet ergo, non uetamur.  
pallentes procul hinc abite curae;  
quidquid uenerit obuium loquamur  
morosa sine cogitatione.  
misce dimidios, puer, trientes,  
quales Pythagoras dabat Neroni,  
misce, Dindyme, sed frequentiores:  
possum nil ego sobrius; bibenti  
succurrent mihi quindecim poetae.  
da nunc basia, sed Catulliana:  
quae si tot fuerint quot ille dixit,  
donabo tibi Passerem Catulli. (11.6)*

*(Durante os dias lautos do velho portador da foice,  
sobre os quais é soberano absoluto o copo dos dados,  
penso que me permitirás com verso nada elaborado  
gracejar, Roma que trazes o gorro do liberto.  
Soltaste uma risada: é lícito portanto, não mo proíbes.  
Pálidas canseiras, ide-vos para longe daqui;  
quero dizer o que à cabeça me vier,  
sem me atardar em longas meditações.  
Mistura, meu rapaz, taças meias de vinho,  
como aquelas que Pitágoras dava a Nero;  
mistura-as, Díndimo, mas uma atrás da outra:  
sóbrio, não acerto uma; depois de beber,  
virão quinze poetas em meu auxílio.  
Agora, dá-me beijos, mas ao jeito de Catulo:  
e se forem tantos como os que ele dizia,  
hei-de oferecer-te o pardal de Catulo.).*

Roma era, aliás, senhora das mais incríveis metamorfoses!

## 2. *De orbe*

Qual sistema solar se conjugavam a Urbe e o seu imenso orbe, este sob a irresistível influência do campo de gravitação daquela.

*Prouvinciae*, estados clientes ou mesmo os que simplesmente confinavam com os limites do vasto Império Romano, todos procuravam, em alguma medida, plasmar-se pelo modelo de triunfante cosmopolitismo que constituía a *Vrbs*. Roma incentivava esta modelação, dispartindo, por todo o orbe conquistado, estradas, pontes, aquedutos, faróis, templos, e, ainda, gentes e deuses, que os erguessem e vigiassem; e, a um tempo, obrigava-se a si própria, engalanando-se com impactantes edificações à escala do seu império, a sustentar essa fama de grande cidade, capaz de encabeçar o mundo.

Então, a Urbe determinava o orbe, como o orbe influía na Urbe; e, na proporção em que almejavam os provinciais (e até alguns estrangeiros) a cidadania romana, preocupava os Romanos (os cidadãos de pleno direito e todos quantos habitavam na cidade) a manutenção do *status quo*.

Marcial não foi alheio a estas mútuas relações entre a cidade que habitava e o mundo que ela dominava e de onde ele, afinal, provinha. Sendo certo que foi a Urbe o seu universo, não é menos verdade ter-se detido outrossim sobre o orbe, tão seu também, afinal, por ser Bilbilitano, mas, sobretudo, por ser Romano.

Assim, o mundo que ecoa nos versos de Marcial é todo aquele que circuita em torno de Roma: da sua Ibéria natal aos confins arábicos, da latitude quase polar da *Britannia* à que abraça os Afros.

## 2.1. O orbe na Urbe

A presença do orbe na Urbe fazia-se sentir, antes de mais, na postura de Roma e dos Romanos, cientes de serem o centro de onde tudo emanava e para onde todos convergiam<sup>559</sup>.

Porém, era, indiscutivelmente, em cada um desses forasteiros que acorriam à cidade, trazendo consigo as suas feições, os seus usos e costumes, as suas práticas e religiões, os seus intuitos tão distintos entre si e tão diferentes dos dos Romanos, que o orbe em toda a sua extensão e diversidade se materializava na Urbe.

### 2.1.1. Romanos e estrangeiros

Sendo a *Vrbs* esse pólo aglutinador das gentes, a toda a sorte de estrangeiros estavam os Romanos acostumados, muito embora as diferentes proveniências ditassem agrados e desagradados, confianças e desconfianças.

As novidades religiosas que chegavam do Oriente já se constatou serem, na maior parte das vezes, apenas toleradas e não bem-vindas. Adoradores de Cíbele, judeus e cristãos foram, na obra de Marcial, os alvos preferenciais, personificando, no decurso das suas crenças e observâncias, temores, aversões e antipatias do poeta e, não raro, de todos os Romanos<sup>560</sup>. No entanto, o influxo de orientais ou de

---

<sup>559</sup> Sobre a postura de Roma e dos Romanos, Nicholas Purcell afirmaria que “What went on at Rome was very markedly shaped and influenced by the fact that it was at the centre of the world. Inhabitants of Rome behaved as they did because their city was one in which horizons were really wide” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 158).

<sup>560</sup> Assim, permitiu concluir a anterior análise de 3.91, 3.81 e 10.41, 4.4, 7.30, 7.35, 7.55, 7.82 e 11.94, e 7.55, respetivamente.

egípcios era uma constante, e a alguns deles movia, mesmo, essa consciência de que a aceitação do seu credo em Roma representaria a respetiva disseminação pelo império: era isso que, de alguma forma, estava a suceder com o culto a Cíbele<sup>561</sup> ou com a adoração a Osíris e Ísis, mais e mais tolerados, até pelo próprio poeta, que toma como válidos os juramentos em nome destes deuses realizados<sup>562</sup>:

*Non per mystica sacra Dindymenes  
nec per Niliacae bouem iuuencae,  
nullos denique per deos deasque  
iurat Gellia, sed per uniones.* (8.81.1-4)

*(Nem pelos místicos rituais de Dindimene  
nem pelo boi da nilíaca novilha,  
enfim por deuses e deusas alguns  
Gélia é capaz de jurar, mas pelas suas pérolas.).*

Não eram, contudo, as hieráticas as mais comuns das motivações que impeliam as gentes para a Urbe. Ontem, como hoje, era a busca de prosperidade o principal catalisador dos homens, muito embora, Roma não oferecesse a garantia de se enriquecer. Marcial disto mesmo dá conta, através do hilariante caso de Túcio:

*Romam petebat esuritor Tuccius  
profectus ex Hispania.  
Occurrit illi sportularum fabula:  
a ponte rediit Muluio* (3.14)

*(A Roma se dirigia Túcio,  
que partira da Hispânia.  
Chegou-lhe no caminho a história das espórtulas:  
já na ponte Milvío resolveu regressar.).*

---

<sup>561</sup> Vide, também, 10.41.

<sup>562</sup> Seriam, aliás, a progressiva adoção das suas práticas pelos Romanos, a posterior conversão de Constantino, nos primórdios do século IV, e a subsequente transformação em religião oficial do império por Teodósio I, no ano de 380, que resultariam na tendência ecuménica do próprio Cristianismo, que Marcial, obviamente, já não conheceria.

De entre as diversas profissões, seriam as da esfera do comércio as que mais sucesso assegurariam. Roma, repleta de tão diversas gentes, tornara-se numa voraz consumidora de todo o tipo de bens<sup>563</sup>.

Na *Vrbs*, não faltavam boas oportunidades para os vendedores (e vendedores de muitas sortes<sup>564</sup>), na medida em que tudo (ou quase tudo) era passível de ser comercializado: de coisas a corpos. Efetivamente, não se saíam mal nem as prostitutas<sup>565</sup>, nem, tampouco, os traficantes de escravos<sup>566</sup>, num universo em que os médicos prescreviam sexo<sup>567</sup> e onde abundava o trabalho que homens livres não se dispunham a fazer<sup>568</sup>. Estes escravos na sua quase totalidade (bem como boa parte das prostitutas) eram estrangeiros, e não era por inicitiva própria, mas em virtude dos negócios de outrem que chegavam a Roma.

A Urbe, centro de conhecimento, fonte da lei, sede da diversão, recebia, ainda, visitantes ocasionais (que, não raro, se tornavam residentes), na demanda da completude dos seus estudos, da justiça para as suas causas e de pão e circo com que se deleitassem.

---

<sup>563</sup> Nicholas Purcell explicita que “when the city was at its most crowded, it depended for survival on people on the move to bring in the Staples for the food of the masses, and the luxuries of life for the wealthy [...] The materials for all this came from all over the Roman world.” (N. Purcell 1997 (1998 reprint): 158).

<sup>564</sup> *Vide* 1.41.

<sup>565</sup> Relembre-se o altíssimo preço de que se cobrava a jovem Gala de 10.75, e atente-se nas características do bordel descrito em 1.34:

*At meretrix abigit testem ueloque seraque  
raraque Submemmi fornice rima patet.* (1.34.5-6)

*(Uma prostituta afasta os curiosos com a cortina e a chave,  
e poucas fendas se vêem no bordel de Subménio.).*

<sup>566</sup> A avaliar pela quantia por que arrematou Febo um rapazinho ao seu traficante, em 1.58, certos lanços podiam assegurar boas maquinas aos captores.

<sup>567</sup> Cf. Cels. *Med.* 3.22.

<sup>568</sup> Como o descreve o epigramatista, em 8.75, o trabalho destinado aos *serui*, sobretudo aos escravos públicos, podia ser bastante repulsivo.

Pela ocasião da abertura do Anfiteatro Flávio, a diversa multidão dos forasteiros avolumar-se-ia, como regista o *Liber de Spectaculis*:

*Quae tam seposita est, quae gens tam barbara, Caesar,  
ex qua spectator non sit in urbe tua?  
uenit ab Orptheo cultor Rhodopeius Haemo,  
uenit et epoto Sarmata pastus equo,  
et qui prima bibit deprensi flumina Nili,  
et quem supremas Tethyos unda ferit;  
festinauit Arabs, festinauere Sabaei,  
et Cilices nimbis hic maduere suis.  
crinibus in nodum tortis uenere Sygambri,  
atque aliter tortis crinibus Aethiopes.  
uox diuersa sonat populorum, tum tamen una est,  
cum uerus patriae diceris esse pater. (Sp. 3)*

*(Que terra haverá tão remota, que gente tão bárbara, César,  
da qual um espectador não se ache na tua cidade?  
Veio o habitante de Ródope, do órfico Hemo,  
veio ainda o Sarmata, saciado em sangue de cavalo,  
e o que à nascente, as linfas bebe do Nilo descoberto  
e o que a vaga da derradeira Tétis vem bater;  
acorreu o Árabe, acorreram os Sabeus,  
e os Sílices nas nuvens do seu açafraão aqui se embeberam.  
De cabelos enrolados em nó, vieram os Sigambros,  
e também os Etíopes, de cabelos doutra sorte entrançados.  
Diversa ressoa a língua destes povos; contudo, é uma só,  
quando verdadeiro pai da pátria te proclama.).*

Mas não apenas de espectadores se compunha a massa dos estrangeiros, na medida em que o mesmo exotismo que se exigia nas feras também era esperado nos homens e mulheres que se apresentassem na arena. Com efeito, para muitos artistas, que não apenas os dos *munera*, das *uenationes*, das *naumachiae* ou dos *ballets* aquáticos, Roma era ponto obrigatório de passagem ou mesmo de definitiva paragem. E entre os mais apreciados de todos, mais do que os dos *ludi scaenici*, certamente<sup>569</sup>, e, pelo menos, tanto quanto os do anfiteatro ou os do circo,

---

<sup>569</sup> Cristina Sousa Pimentel não deixa, porém, de alertar para o facto de não corresponder, em absoluto, à realidade a repetida ideia de que, após Terêncio, o teatro latino, em declinação, veria

contavam-se, as dançarinas de Gades<sup>570</sup>, cuja sensualidade deixava rendido Marcial:

*Tam tremulum crisat, tam blandum prurit, ut ipsum  
masturbatorem fecerit Hippolytum. (14.203)<sup>571</sup>*

*(Tão lúbricos os seus meneios, tão excitante o seu prurido, que faria  
do próprio Hipólito um masturbador.).*

Porém, Roma constituiria, *per se*, um pólo de atração. Muitos sentiriam, então, como Sexto, essa empatia com a Urbe que os fazia, a todo o custo, demandá-la:

*Quae te causa trahit uel quae fiducia Romam,  
Sexte? quid aut speras aut petis inde? refer.  
'causas' inquis 'agam Cicerone disertior ipso  
atque erit in triplici par mihi nemo foro.'  
egit Atestinus causas et Ciuis — utrumque  
noras —; sed neutri pensio tota fuit.*

---

esvaziarem-se os seus palcos e, sobretudo, as suas bancadas (cf. C. S. Pimentel 2001: *passim*). Corroboram, aliás, as palavras da classicista as de Marcial, como torna claro o epitáfio poético de Páris:

*Quisquis Flaminiam teris, uiator,  
noli nobile praeterire marmor.  
Vrbis deliciae salesque Nili,  
ars et gratia, lusus et uoluptas,  
Romani decus et dolor theatri  
atque omnes Veneres Cupidinesque  
hoc sunt condita, quo Paris, sepulchro. (11.13)*

*(Sejas quem fores, viajante que trilhas a via Flâminia,  
não passes ao largo deste mámore ilustre.  
As delícias da cidade e o sal do Nilo,  
a arte e a fineza, o gracejo e o prazer,  
a honra e o pesar do teatro romano,  
as Graças e Amores todos reunidos  
neste sepulcro estão, onde Páris jaz.).*

<sup>570</sup> Leia-se, para mais pormenores, o estudo de Isabel Graça *Roma na Poesia de Marcial: imagens e ecos de um espaço físico e social* (cf. I. Graça 2011: 274-279).

<sup>571</sup> Vide, também, 3.63, 5.78, 6.71 e 11.16.

*'si nihil hinc ueniet, pangentur carmina nobis'*<sup>572</sup>:

*audieris, dices esse Maronis opus.'*

*insanis: omnes gelidis quicumque lacernis*

*sunt ibi, Nasones Vergiliosque uides.*

*'atria magna colam.' uix tres aut quattuor ista*

*res aluit, pallet cetera turba fame.*

*'quid faciam suade: nam certum est uiuere Romae.'*

*si bonus es, casu uiuere, Sexte, potes. (3.38)*

*(Que motivo ou confiança te puxa para Roma,*

*Sexto? Que esperas ou que procuras daí? Conta lá.*

*'Causas — replicas tu — defenderei com mais eloquência que o próprio Cícero*

*e ninguém estará à minha altura nos três foros.'*

*Defenderam causas Atestino e Cive — um e outro*

*deves ter conhecido —; mas nenhum ganhou com que pagar totalmente a renda <da  
[casa>.*

*'Se nada daqui advier, escreveremos poemas:*

*quando os ouvires, dirás que são obra de Virgílio.'*

*Endoideceste: em todos quantos estão para aí,*

*com enregeladas lacernas, podes ver Nasões e Virgílios.*

*'Frequentarei os grandes átrios.' Dificilmente alimentou tal ocupação*

*três ou quatro, empalidece a restante turba com fome.*

*«Que hei-de fazer? Aconselha-me lá. É que estou decidido a viver em Roma.»*

*Se és honesto, Sexto, por obra da Sorte poderás viver.).*

E, apesar de, repetidamente, advertir Sexto das dificuldades que comportava a vida na cidade, o próprio Marcial se havia um dia deixado seduzir irremediavelmente por ela.

## 2.2. A Urbe no orbe

Se a maior das forças que mediavam a relação entre a Urbe e o orbe foi, em vida de Marcial, centrípeta, não pode olvidar-se que esta afinidade promoveu-a uma fortíssima iniciativa centrífuga, que impulsionou Roma, primeiro, a

---

<sup>572</sup> Ainda que a edição crítica registre *hobis*, como se trata de uma evidente gralha tipográfica, a autora propõe *nobis*.



conquistar e, depois, a romanizar o seu mundo, para, finalmente, se converter em império.

### 2.2.1. Vida militar

Consciente da importância de que se revestiu a presença da Urbe no orbe (ou não proviesse ele de uma província imperial romana), Marcial dedicaria inúmeros versos aos soldados, os primeiros a fazer chegar ao mundo tomado o cunho da romanidade, abrindo caminho à língua, à economia à administração legislativa e judicial e à cultura latinas.

O elogio que atribui ao centurião estacionado no território dos Getas, em 11.3, não o motiva exclusivamente o facto daquele apreciar o *opus* do poeta a ponto de o levar consigo para as mais distantes plagas. O epigramatista aprecia, sobremaneira, a dureza brava da soldadesca e as suas conquistas sob o estandarte romano, e tanto que nos dá no percurso bélico de Marcelino uma cartografia do leste do mundo romano seu coevo<sup>573</sup>. Na composição 6.25, situa-se o soldado numa região setentrional, possivelmente no território dos Dacos<sup>574</sup>:

*Marcelline, boni suboles sincera parentis,  
horrida Parrhasio quem tegit ursa iugo,  
ille uetus pro te patriusque quid optet amicus  
accipe et haec memori pectore uota tene:  
causa sit ut uirtus nec te temerarius ardor  
in medios enses saeuaque tela ferat.  
Bella uellint Martemque ferum rationis egentes,  
tu potes et patris miles et esse ducis.*

---

<sup>573</sup> O itinerário de Marcelino constitui um exemplo, apenas, na medida em que todo o mapa do Império Romano, à época, pode efetivamente ser traçado, a partir dos *Libri* de Marcial.

<sup>574</sup> Cf. C. S. Pimentel, D. F. Leão, J. L. L. Brandão e P. S. Ferreira 2000 Vol. II: 110.

*(Marcelino, de um bom pai honesto rebento,  
que a arrepiante Ursa cobre com o parrásio jugo,  
o que o teu velho amigo, e de teu pai, te deseja  
acolhe, e guarda estes votos nas lembranças do peito:  
prudente seja a coragem, e um temerário ardor  
te não lance no meio das espadas e impiedosos dardos.  
Desejem guerras e o fero Marte os insensatos,  
tu podes de teu pai ser soldado e do imperador.),*

para, no epigrama 7.80, se localizar já mais a sul, na Trácia:

*Quatenus Odrysios iam pax Romana triones  
temperat et tetricae conticuere tubae,  
hunc Marcellino poteris, Faustine, libellum  
mittere: iam chartis, iam uacat ille iocis.  
Sed si parua tui munuscula quaeris amici  
commendare, ferat carmina nostra puer:  
non qualis Geticae satiatu lacte iuuencae  
Sarmatica rigido ludit in amne rota,  
sed Mitylenaei roseus mangonis ephebus  
uel non caesus adhuc matre iubente Lacon.  
At tibi captiuo famulus mittetur ab Histro  
qui Tiburtinas pascere possit oues.*

*(Pois que a paz romana as constelações odrísias  
acalmou e se calaram as odiosas tubas,  
poderias, Faustino, este livrinho a Marcelino  
enviar: já tempo lhe sobra para versos e folias.  
Porém, se estes parques presentitos quiseses ao teu amigo  
recomendar, que leve os nossos carmes um servo:  
não daqueles saciados em leite da novilha dos Getas,  
que brincam no ribeiro gelado com um arco dos Sármatas,  
mas antes um róseo efebo dos negociantes de Mitilene  
ou então um Lacónio que a mãe não mandou ainda açoitar.  
Tu, porém, irás receber um escravo do Istro dominado,  
que apascentar as tuas ovelhas de Tibur possa.),*

e, finalmente, em 9.45, se encontrar a caminho do Cáucaso:

*Miles Hyperboreos modo, Marcelline, triones  
et Getici tuleras sidera pigra poli:  
ecce Promethei rupes et fabula montis  
quam prope sunt oculis nunc adeunda tuis!  
uideris immensis cum conclamata querelis*

*saxa senis, dices 'Durior ipse fuit.'  
et licet haec addas: 'Potuit qui talia ferre,  
humanum merito finxerat ille genus.'*

*(Como soldado, Marcelino, as Ursas hiperbóreas  
e os lentos astros do pólo gético há pouco suportaras.  
Ora o rochedo de Prometeu e a mítica montanha,  
quão de perto os teus olhos os devem buscar agora!  
Ao veres as pedras que ecoaram os longos lamentos  
do velho, hás-de dizer: "Mas ele ainda foi mais duro!"  
E poderás acrescentar: "Quem tais penas pôde suportar,  
de modelar o género humano, era bem merecedor.").*

Assim, não causa admiração que o decesso de Varo, centurião no Egito, lhe provoque grande pesar, sobretudo sabendo que não retornará, sequer depois de morto, ao solo pátrio:

*Vare, Paraetonias Latia modo uite per urbes  
nobilis et centum dux memorande uiris,  
at nunc Ausonio frustra promisse Quirino,  
hospita Lagei litoris umbra iaces.  
spargere non licuit frigentia fletibus ora,  
pinguia nec maestis addere tura rogis.  
sed datur aeterno uicturum carmine nomen:  
numquid et hoc, fallax Nile, negare potes? (10.26)*

*(Varo, há pouco conhecido por teu lácio ramo de vide nas cidades  
paretónias e chefe memorando para teus cem soldados,  
eis que, prometido em vão ao ausónio Quirino,  
agora jazes, sombra estrangeira, em lageia plaga.  
Não pude banhar de lágrimas a tua regelada face,  
nem espesso incenso ajuntar à tua triste pira.  
Mas meu imortal poema dá-te um nome eterno.  
Acaso, Nilo enganador, até esta homenagem me podes recusar?).*

### 2.2.2. Viagens e vilegiaturas

Viajava-se, em Roma, a negócio e por ócio: para fins militares, administrativos ou transacionais e por todo o império, para complementar estudos ao encontro de mestres renomados, para participar em festivais religiosos como os *ludi Romani*, para visitar familiares ou amigos distantes, para recuperar a saúde ou o bem-estar em *Aquae Calidae*, *Aquae Sextiae* ou *Aquae Sulis*<sup>575</sup>, para uma temporada de descanso no campo ou numa estância balnear, para conhecer o mundo<sup>576</sup>.

As viagens e as vilegiaturas eram, pois, muito comuns, mormente, entre os Romanos abastados.

Baias, localizada na baía de Nápoles, na Campânia, era a zona balnear de eleição<sup>577</sup>, onde possuíam uma casa de férias os mais endinheirados dos Romanos. Para Marcial, dada a sua condição, eram proibitivos os banhos em Baias. Assim, com a costumeira ironia pautada por questões retóricas, confronta o patrono Flaco:

*Dat Baiana mihi quadrantes sportula centum:  
inter delicias quid facit ista fames?  
Redde Lupi nobis tenebrosaque balnea Grylli:  
tam male cum cenem, cur bene, Flacce, lauer? (1.59)*

*(Rende-me cem quadrantes a espórtula de Baias.  
No meio das delícias o que vale esta quantia de fome?  
Restitui-me os sombrios banhos de Lupo e de Grilo:  
tão mal como janto, para quê, Flaco, lavar-me bem?).*

Porém, não se viu o poeta privado do descanso de uma vilegiatura, a partir do momento em que lhe foi dado passar os verões em Nomento, na sua quintinha, furtando-se à canícula romana, e despertando a inveja de Carino:

---

<sup>575</sup> Banhos que se mantiveram nas atuais estâncias termais de Vichy, Aix-en-Provence e Bath.

<sup>576</sup> Lionel Casson rememora que "From at least the second century B.C., there were available such titles as *The Athenian Acropolis*, *Spartan Cities*, and *Guidebook to Troy*" (L. Casson 1998: 120), obras que certamente despoletariam a curiosidade do leitor, levando os mais afortunados a procurar conhecer, *in situ*, as atrações descritas.

<sup>577</sup> Outras havia competindo com Baias, como *Antium* ou *Formiae*, e, mais alonjados do mar, outros locais de visita, nomeadamente, *Tusculum*, e a todos a renomada rede viária romana, convidativamente, aproximava da Urbe.

*Liuet Charinus, rumpitur, furit, plorat  
et quaerit altos unde pendeat ramos:  
non iam quod orbe cantor et legor toto,  
nec umbilicis quod decorus et cedro  
spargor per omnes Roma quas tenet gentes  
sed quod sub urbe rus habemus aestiuum  
uehimurque mulis non ut ante conductis.  
Quid inprecabor, o Severe, liuenti?  
Hoc opto: mulas habeat et suburbanum. (8.61)*

*(Está verde de inveja Carino, rebenta, fumeça, chora  
e procura altos ramos donde se enforque:  
não já porque sou cantado e lido no mundo todo,  
nem porque ornado de cilindros e cedro  
sou divulgado por todos os povos que Roma domina,  
mas porque, perto da cidade, tenho uma casa de campo estival  
e me faço transportar em mulas não, como antes, de aluguer.  
Que imprecações hei-de dirigir, Severo, contra este invejoso?  
Isto lhe desejo: que tenha mulas e uma casa de campo.).*

Foi, no entanto, em Roma que transcorreu a maior parte da sua existência, após ter partido de Bílbilis e até regressar. Das viagens que fizesse não deixou outro registo que não a passagem por *Forum Cornelii*, na Gália Cisalpina, onde comporia o seu *Liber III*:

*Romam uade, liber: si, ueneris unde, requiret,  
Aemiliae dices de regione uiae;  
si, quibus in terris, qua simus in urbe, rogabit,  
Corneli referas me licet esse Foro.  
Cur absim, quaeret; breuiter tu multa fateri:  
"Non poterat uanae taedia ferre togae."  
"Quando uenit?" dicet; tu respondeto: "Poeta  
exierat: ueniet, cum citharoedus erit." (3.4)*

*(Vai a Roma, livro meu: se, de onde vieste, alguém o perguntar,  
da região, dirás, que atravessa a via Emília;  
se, em que terras, em que cidade estamos, indagar,  
podes dizer que estou no Foro de Cornélio.  
Porque me ausentei, se alguém te perguntar, faz, em breves palavras, uma longa  
[confissão:*

*'Não podia suportar os enjoos da toga vã.'  
'Quando volta?' hão-de inquirir, e tu responde: 'Poeta  
partiu: voltará, quando for citaredo.')*

Apesar de o mundo romano ser, de facto, “a mobile world”, como o apelidou Nicholas Purcell<sup>578</sup>, a Marcial, pessoalmente, agradava menos integrar essa mobilidade do que observá-la. De Foro de Cornélio voltaria ainda poeta, e disposto a voltar a sujeitar-se, por longos anos, aos *uanae taedia togae*. Do seu posto de vigia, na Urbe, não deixou, porém, de contemplar e comentar as viagens dos outros, sobretudo, quando davam azo a uma crítica mordaz:

*Casta nec antiquis cedens Laeuina Sabinis  
et quamuis tetrice tristior ipsa uiro  
dum modo Lucrino, modo se demittit Auerno,  
et dum Baianis saepe fouetur aquis,  
incidit in flammis: iuuenemque secuta relicto  
coniuge Penelope uenit, abit Helene. (1.62)*

*(Não ficava atrás das antigas Sabinas, tão casta era Levina,  
e esta, mais austera mesmo que o severo marido,  
à força de se lançar, ou no Averno, ou no Lucrino,  
e à força de se esquentar nas águas de Baías,  
ficou em fogo: e foi atrás de um jovem, abandonando  
o marido: uma Penélope chegou, outra Helena partiu.).*

### 2.3. A fuga da Urbe

A experiência de Roma não era universalmente equivalente: muito diferente se revelava, aliás, a sorte da população dos abastados. De forma geral, porém, a força gravítica da Urbe bastava para que aqueles se conformassem a viver à sombra e das sobras destes.

Mais difícil era, no entanto, ser um *cliens* que almejasse por benesses do Palatino e tivesse de se contentar com as que lhe proporcionava a Subura. E mais difícil ainda era ser esse *cliens* e esclarecido — com consciência de si próprio e do

---

<sup>578</sup> N. Purcell 1997 (1998 reprint): 157.

seu valor e sem vislumbrar a hipótese de obter uma justa recompensa que lhe permitisse, pelo menos, dedicar-se ao seu labor. Nestes casos, uma *recusatio* era inevitável, redundando numa fuga da *Vrbs*, e tão mais precipitada quanto maior fosse o íntimo desejo de não partir.

### 2.3.1. *Otium* (*Litteratum*?)

O *otium* romano surge de encontro ao *negotium*. Segundo a tradição integravam os momentos ociosos as atividades de lazer edificantes nunca as indolentes<sup>579</sup>: a dedicação que às letras pudesse votar-se ou o estudo tranquilo e prazenteiro ou, mesmo, segundo o Arpinate, a serena meditação sobre os *negotia*<sup>580</sup>.

Nem a todos os Romanos, porém, sobejava tempo para fruir o *otium*, apanágio dos abastados (e de alguns venturosos), as mais das gentes eram sorvidas pelas exigências dos seus *negotia* ou pelos deveres da *clientela* de que dependiam as suas existências.

A aventura de Túcio<sup>581</sup> é, portanto, a desventura de Marcial, na medida em que este, ao contrário daquele, transpôs a ponte Mílvio, e a cidade que o atraíra, mais e mais, o enredaria em promessas e expectativas que o fariam ficar (apesar de as saber falsas e vãs) e que haveriam de o exaurir:

*Iam parce lasso, Roma, gratulatori,  
lasso clienti. quam diu saluator  
anteambulones et togatulos inter  
centum merebor plumbeos die toto,*

---

<sup>579</sup> Afirmaria Cícero “mihi fuit ne otium quidem umquam otiosum” (cf. Cic. *Planc.* 66).

<sup>580</sup> Cf. Cic. *Off.* 3.1.

<sup>581</sup> Vide 3.14.

*cum Scorpis una quindecim graues hora  
feruentis auri uictor auferat saccos?  
non ego meorum praemium libellorum  
— quid enim merentur? — Apulos uelim campos;  
non Hybla, non me spicifer capit Nilus,  
nec quae paludes delicata Pomptinas  
ex arce cliui spectat uua Setini.  
quid concupiscam quaeris ergo? dormire. (10.74)*

*(Poupa enfim, Roma, o teu exausto cumprimentador,  
o teu exausto cliente. Por quanto tempo, como saudador,  
entre batedores de séquito e reles clientes,  
terei de ganhar cem cobres num dia inteiro,  
quando, ao vencer, Escorpo aufere numa hora  
quinze pesados sacos de ouro ainda rebrilhantes?  
Não que eu queira como prémio por meus  
livrinhos — que merecem eles afinal? - os campos da Apúlia;  
não me atraí o Hibla, nem o Nilo coroadado de espigas,  
nem a delicada uva que, do alto  
de secina encosta, contempla os pântanos pontinos.  
Queres então saber o que mais almejo? Dormir.).*

Sem tempo sequer para dormir<sup>582</sup>, certamente não lhe sobejariam muitos momentos de lazer<sup>583</sup>, porquanto se revelava ameaçada a sua Talia. É ela que o instiga a rogar ao seu patrono Lúcio Júlio o tão desejado *otium litteratum*:

*Saepe mihi dicis, Luci carissime Iuli,  
«Scribe aliquid magnum: desidiosus homo es.»  
Otia da nobis, sed qualia fecerat olim  
Maecenas Flacco Vergilioque suo:  
condere uicturas temptem per saecula curas  
et nomen flammis eripuisse meum.  
In steriles nolunt campos iuga ferre iuuenci:  
pingue solum lassat, sed iuuat ipse labor. (1.107)*

*(Muitas vezes me dizes, caríssimo Lúcio Júlio,  
«Escreve qualquer coisa grande: és um tipo preguiçoso.»*

---

<sup>582</sup> E não era apenas o tempo que faltava, eram escassas, na verdade, as verdadeiras oportunidades de descanso numa cidade de bulícios como, descrita em 12.57, se apresenta Roma.

<sup>583</sup> Marcial não negou conhecer momentos de descontração, mormente os passados na companhia de Arrúncio Estela, Nepos, Cânio Rufo, Júlio Cereal, Flaco e Lupo, a que alude, por exemplo, em 10.48.



*Dá-me tempo livre, qual concedeu outrora  
Mecenas a Flaco e ao seu Virgílio:  
eu tentaria erigir obras imorredouras através dos séculos  
e arrancar o meu nome às chamas.  
Por campos estéreis não querem os novilhos arrastar o jugo:  
o solo fecundo cansa, mas até dá prazer o trabalho.).*

Todavia, em Roma, nenhum lance de Vénus o beneficiaria. É, então, na BÍlbilis natal que deposita a esperança da sua liberdade e da sua ventura<sup>584</sup>. A Hispânia poupá-lo-ia, de facto, à servil clientela, concedendo-lhe o *otium*<sup>585</sup>, ainda que não o presenteasse com a felicidade de uma produção literária profícua.

No fim da vida, sem conhecer o vero *otium litteratum*, Marcial acabaria por admitir preterir a mortíça tranquilidade de BÍlbilis pelas inspiradoras inquietações de Roma<sup>586</sup>: “Se pudesse — ah, se pudesse! — voltaria a Roma. Mas a morte chegou primeiro e apagou aquele coração desencontrado.”<sup>587</sup>

#### 2.4. O orbe sem Urbe

Paradoxo apenas aparente, esta circunstância do orbe sem Urbe foi uma realidade, e encontra-se documentada nos versos do epigramatista. A verdade é que, apesar dos seus múltiplos tentáculos, Roma não conseguiu atender de igual forma aos diversos *loci* que compunham o império.

---

<sup>584</sup> Percorre os *Libri* um clamor crescente de 1.49 para 10.96. José Luís L. Brandão observa que “Na obra do poeta de Roma e de BÍlbilis encontramos frequentemente expressa a ânsia de libertação do Homem do jugo que o domina. O poeta visa, em última análise, a felicidade. Este grito pela liberdade é uma constante em todos os tempos.” (J. L. L. Brandão 1998: 151).

<sup>585</sup> Vide 12.18.

<sup>586</sup> Para uma mais lata compreensão deste *desiderium Urbis* experienciado pelo provector Marcial, e que o próprio admite em 12.21, consulte-se o artigo de Piergiorgio Parroni “Nostalgia di Roma nell’ultimo Marziale” (cf. P. Parroni 1984: 126-134).

<sup>587</sup> W. de Medeiros 2004: 10-11.

#### 2.4.1. Um império, dois universos

Manter-se-iam à margem da influência de Roma e da sua polida *urbanitas*, pequenos vilarejos rurais. A própria Bílbilis carregaria, na memória e nas palavras do seu poeta, a marca de uma deliciosa rusticidade:

*Vir Celtiberis non tacende gentibus  
nostraeque laus Hispaniae,  
uidebis altam, Liciniane, Bibilin,  
equis et armis nobilem,  
senemque Caium niuibus, et fractis sacrum  
Vadaueronem montibus,  
et delicati dulce Boterdi nemus,  
Pomona quod felix amat.  
tepidi natabis lene Congedi uadum  
mollesque Nympharum lacus,  
quibus remissum corpus astriges breui  
Salone, qui ferrum gelat.  
praestabit illic ipsa figendas prope  
Voberca prandenti feras.  
aestus serenos aureo franges Tago  
obscurus umbris arborum;  
avidam rigens Derceita placabit sitim  
et Nutha, quae uincit niues.  
at cum December canus et bruma impotens  
Aquilone rauco mugiet,  
aprica repetes Tarraconis litora  
tuamque Laletaniam.  
ibi illigatas mollibus dammas plagis  
mactabis et uernas apros  
leporemque forti callidum rumpes equo —  
ceruos relinques uilico.  
uicina in ipsum silua descendet focum  
infante cinctum sordido;  
uocabitur uenator et ueniet tibi  
conuiuia clamatus prope;  
lunata nusquam pellis et nusquam toga  
olidaeque uestes murice;*

*procul horridus Liburnus et querulus cliens,  
imperia uiduarum procul;  
non rumpet altum pallidus somnum reus,  
sed mane totum dormies.  
mereatur alius grande et insanum sophos:  
miserere tu feliciū  
ueroque frui non superbus gaudio,  
dum Sura laudatur tuus.  
non impudenter uita quod relicum est petit,  
cum fama quod satis est habet. (1.49)<sup>588</sup>*

*(Ó varão que os povos celtiberos não devem calar,  
e glória da nossa Hispânia,  
verás, Liciniano, a altaneira Bîlbilis,  
ilustre pelos cavalos e armas,  
e o velho Caio com suas neves, e o sacro  
Vadaverão de montes escarpados,  
e o agradável bosque do delicado Boterdo,  
que a fértil Pomona ama.  
Irás banhar-te nas suaves águas do tépido Congedo,  
e nos lagos amenos das Ninfas,  
e o corpo por eles amolecido, irás tonificá-lo no ténue  
Salão, que dá têmpera ao ferro.  
Ali à mão, fornecerá, fáceis de caçar,  
os animais para o teu almoço, a própria Voberca.  
Hás-de mitigar o calor dos dias de sol no aurífero Tago,  
escurecido pelas sombras das árvores;  
há-de aplacar-te a ávida sede a gélida Dercena  
e Nuta que vence a neve.  
E quando o branco dezembro e o inverno desenfreado  
bramirem com o rouco Aquilão,  
procurarás a costa soalheira de Tarragona  
e a tua Laletânia.  
Aí, gamos embaraçados nas flexíveis redes  
tu imolarás e javalis das tuas terras,  
e estafarás a lebre ágil com um possante cavalo,  
e deixarás os cervos para o caseiro.  
O vizinho bosque descera à tua lareira,  
rodeada de crianças desgrenhadas;*

---

<sup>588</sup> Em 12.18, manter-se-ia, no Bilbilitano acabado de regressar a solo pátrio, o mesmo encantamento; comum, também, à descrição que havia feito da quinta de Faustino em Baías, na composição 3.58.

*será convidado o caçador, e virá até tua casa  
 como conviva que, de perto, tu chamaste;  
 nada de sapatos ornados de lúnula, nada de toga  
 nem de roupas que tresandem a púrpura;  
 longe do horrível liburno, e do queixoso cliente,  
 longe das exigências das viúvas;  
 o réu não virá, branco, quebrar-te o sono profundo,  
 antes dormirás toda a manhã.  
 Receba outro um desmedido e malsão aplauso:  
 quanto a ti, tem piedade dos afortunados  
 e, sem arrogância, goza uma alegria autêntica,  
 enquanto o teu Sura é exaltado.  
 Não é vergonha que a vida procure o que lhe resta,  
 quando a fama já tem o que lhe basta.).*

E esse enlevo da virtuosa pureza rural confronta-o Marcial com o desprezo de que era merecedora a Urbe, viciosa de tão refinada:

*Saepe loquar nimium gentes quod, Auite, remotas  
 miraris, Latia factus in urbe senex,  
 auriferumque Tagum sitiam patriumque Salonem  
 et repetam saturae sordida rura casae.  
 illa placet tellus in qua res parua beatum  
 me facit et tenues luxuriantur opes:  
 pascitur hic, ibi pascit ager; tepet igne maligno  
 hic focus, ingenti lumine lucet ibi;  
 hic pretiosa fames conturbatorque macellus,  
 mensa ibi diuitiis ruris operta sui;  
 quattuor hic aestate togae pluresue teruntur,  
 autumnis ibi me quattuor una tegit.  
 i, cole nunc reges, quidquid non praestat amicus  
 cum praestare tibi possit, Auite, locus. (10.96)*

*(Admiras-te, Avito, de eu, que envelheci na cidade do Lácio,  
 a miúdo falar muito de povos remotos,  
 de eu ter sede do aurífero Tago e do meu pátrio Salão  
 e de eu tornar aos duros campos de uma bem recheada quintinha.  
 A terra que me apraz é aquela na qual sou rico  
 com pouco e os magros recursos são um luxo.  
 Aqui é sustentada, ali a terra sustenta; aqui se amorna  
 a lareira com uma débil chama, ali com um clarão ela brilha;  
 aqui é cara a fome e lugar de ruína o mercado,  
 ali a mesa se cobre de riquezas do seu próprio campo;*

*aqui quatro togas ou mais no verão se gastam,  
aí durante quatro outonos me cobre a mesma.  
Anda lá, serve agora os patronos, Avito, quando um lugar te  
pode dar tudo o que te não dá um amigo.).*

Não havia, de facto, como negá-lo: Roma, capital e símbolo do império<sup>589</sup>, era uma megalópole, onde circulavam, *pari passu*, grandes vícios, ruínas e tumultos<sup>590</sup>, mas, também, grandes virtudes, oportunidades e dinamismos.

Uma vez (re)instalado em Bílbilis, a frugalidade da *rusticitas* foi-se convertendo em escassez e a tranquilidade em monotonia; e a *romanitas*, por seu turno, deixava-lhe uma falta que não conseguira antecipar. A verdade é que, sob a ascendência de Roma, se havia o poeta tornado menos Bilbilitano e mais Romano<sup>591</sup>:

*Terrarum dea gentiumque Roma,  
cui par est nihil et nihil secundum* (12.8.1-2)

*(Roma, deusa do mundo e das gentes,  
a quem nada se compara, nem de perto nem de longe).*

Marcial, o exímio observador (e relator) da realidade, quando alonjado do campo e acometido pelos excessos da cidade, parece ter cedido perante o bucolismo das recordações<sup>592</sup>. Não foi caso único<sup>593</sup>. Ainda hoje é possível cair-se na mesma tentação, e talvez, por isso mesmo — por se revelar tão humano — tantos o creram e continuam a crê-lo.

---

<sup>589</sup> Cf. V. Hope 2000: *passim*.

<sup>590</sup> Como não recordar o bulício urbano de 12.57?

<sup>591</sup> Régine Chambert, na senda de Miguel Dolç (M. Dolç 1974: 109-125 e *Idem* 1986: 11-22.) e de John Patrick Sullivan (J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint)), considera, precisamente, que “Martial se sent romain avant d’être espagnol” (R. Chambert 2004: 76).

<sup>592</sup> Cf. F. Arranz Sacristán 1986: 222-226.

<sup>593</sup> Jeremy Paterson alertaria para o facto de “the countryside hardly exists in Roman literature as a closely observed phenomenon. Descriptions are mediated by the conventions of rhetoric and a sentimental idealisation of the countryside. People saw what they wanted to see.” (J. Paterson 1997(c) (1998 reprint): 185-186).

Na verdade, dele diria Kirby F. Smith que “he is natural and sensible as he is witty and brilliant. Therefore he was in harmony with his own days, and would have been equally in harmony with ours. For if Martial seems so intensely modern, it is not because he has advanced beyond his own time. It is because he is universal. Martial is a cosmopolitan poet”<sup>594</sup>; e Cristina de Sousa Pimentel considerá-lo-ia um “cronista de hoje na Roma de ontem”<sup>595</sup> — o único capaz, afinal, de intentar a “Epopéia do Quotidiano”.

---

<sup>594</sup> K. F. Smith 1920: 21.

<sup>595</sup> Esta expressão deu, inclusivamente, título a um dos artigos da especialista “Marcial anacronizado: um cronista de hoje na Roma de ontem” (cf. C. S. Pimentel 1992(a): 165-186).

## II — O POETA QUE SE IMORTALIZA E O SEU CANTO IMORTALIZADO PELA VOZ DE TANTOS OUTROS

*“Tametsi quid homini potest dari maius, quam gloria et laus et aeternitas?”*

C. Plinius Caecilius Secundus  
*Epistularum Libri*, 3.21.6

Marcial tornou-se, ainda em vida e para gáudio seu, conhecido em todo o mundo<sup>596</sup> e nem o transcurso de quase dois milénios pôde apagar a sua fama, que preconceitos moralizantes posteriores (e mesmo seus coevos) chegaram a ameaçar<sup>597</sup>. Como sublinhou Antonio Portolano “Marziale è stato sempre censurato per la licenziosità dei suoi epigrammi”<sup>598</sup> e, em virtude dessa censura, viu-se obrigado a defender-se<sup>599</sup>:

*“lasciua est nobis pagina, uita proba”* (1.4.8)

*(“a minha página é licenciosa; a vida, honesta”)*

---

<sup>596</sup> Vide, a título de exemplo, 8.3, 8.61, 8.69, 10.9.

<sup>597</sup> Kirby F. Smith fez a este propósito questão de sublinhar: “I know of no ancient writer whose personal character has been more bitterly assailed by modern critics of a certain class. I know of a few who have deserved it so little. We may say, at once, that all Martial’s faults are on the surface. Otherwise, many of his critics never would have discerned them at all. The just and sympathetic appreciation of an ancient author demands a much larger background of knowledge and experience than seems to be generally supposed.” (K. F. Smith 1920: 13). Para um maior detalhe, escrutine-se o artigo de Cristina de Sousa Pimentel “Marcial moralizado: o risco da literatura fragmentária” (cf. C. S. Pimentel 1991: 109-120).

<sup>598</sup> A. Portolano 1975: 38.

<sup>599</sup> Leia-se, sobre o assunto, o artigo “Marcial perante o público e os críticos: autodefesa do poeta” de José Luís Lopes Brandão (cf. J. L. L. Brandão 1987: 177-195).

E se não foi a apologia que fez de si próprio que o salvou foi, com efeito, a sua página: lasciva, sim (e quanto), mas genial<sup>600</sup>!

Marcial padeceria, no entanto, dos tormentos que fustigam qualquer génio, como conclui Giuseppe Norcio: “capire e gustare Marziale è difficile, perché la cultura e la sensibilità alla poesia non bastano. È necessaria una ricchezza di esperienza umana, che non tutti possegono.”<sup>601</sup> — felizmente, a História abarcaria, em seu próprio benefício, a importância do fundamento desta genialidade.

Assim, pôde inspirar o bilbilitano todos quantos se demoraram sobre a turba, como faria o cronista português Fernão Lopes, os que, como Cervantes, adotaram as suas perspectivas e, sobretudo, os que, cultores do epigrama, se foram revelando, nas palavras de Paratore, “filhos espirituais de Marcial”<sup>602</sup>, entre os quais se contam, inclusivamente, poetas da atualidade, como, confesso, o espanhol Enrique Badosa.

A reabilitação da obra do epigramático é fruto da dedicação dos estudiosos nos últimos anos, porém, não fosse extraordinária a produção de Marcial, ter-lhe-ia sido impossível sobreviver às suas cinzas<sup>603</sup>, ficando votado ao olvido do devir.

O legado de Marcial congloba um dos mais valiosos e fiéis retratos da Roma sua coeva e uma extraordinária revolução do género epigramático, que burilaria até à sua forma mais sublime e para o qual forjaria um inovador e arrojado conteúdo, precisamente, pela veraz perspectiva que, entre a sinceridade de um elogio e a mordacidade de uma crítica, nos oferece do homem romano.

---

<sup>600</sup> Genialidade da qual teve consciência o próprio Marcial: “He can admit to faults and unevenness in his prolific output (I.16), but he believes in his own already-established fame, the durability of his work (I.1) and, above all, in the value of his writing (X.4).” (J. P. Sullivan 1987: 11).

<sup>601</sup> G. Norcio 1980: 31.

<sup>602</sup> E. Paratore 1987: 710.

<sup>603</sup> Vide 7.44.



As suas composições revelaram-se, ao longo de quase dois milénios, passíveis das mais ricas e aliciantes abordagens, para a descoberta desse mundo em que firmam as nossas raízes.

Em pleno século I, a obra de Marcial conhecia, já, um fulgurante acolhimento e é a sua própria a melhor memória dessa projeção alcançada.

Em numerosos epigramas, deleitar-se-á o poeta, porque, na Urbe e por todo o orbe, é lido, comentado e recitado; para noutros, se lamentar do plágio de que chega a ser vítima e da inveja que lhe têm<sup>604</sup>, e a que alude, no epigrama 10.9:

*Vndenis pedibusque syllabisque  
et multo sale nec tamen proteruo  
notus gentibus ille Martialis  
et notus populis — quid invidetis? —  
non sum Andraemone notior caballo. (10.9)*

*(À custa de meus versos de onze pés e de onze sílabas  
e de meu grande humor, isento de crueza,  
sou conhecido das nações como o famoso Marcial,  
e conhecido dos povos... Mas porque me invejam?  
Não sou mais conhecido que o cavalo Andrémon.)*

Marcial irritado por, repetidas vezes, ser alvo de invejas alheias, que não compreende — pois se até um *caballus* o pode igualar em prestígio —, remata, um tanto frustrado, mas de forma magistral esta composição. O tom desiludido, para que aponta Virgínia Soares Pereira<sup>605</sup>, seria, no entanto, vingado pelo devir, que dificilmente reconhecerá prontamente Flávio Escorpo para ao menos poder ter consciência da importância do seu cavalo.

Confirmando (e acrescentando) estes sucessos estão as disposições imperiais de Tito e Domiciano, outorgando-lhe repetidos *praemia*, ou o lugar cativo alcançado nas primeiras estantes dos livreiros.

---

<sup>604</sup> Mais pormenores adiantam João Manuel Torrão e Joana Mestre Costa no artigo “Inveja e Emulação em... Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal romano” (cf. J. M. Torrão e J. M. Costa 2010: 71-101).

<sup>605</sup> Cf. V. S. Pereira 2010: 105.

Tal recepção permitiu-lhe, adianta em 1.1, alcançar, em vida, a fama que a poucos é concedida, sequer, a título póstumo — proeza notável, como valida Jean Paul Oltramare<sup>606</sup>, e que ao seu génio ficou a dever.

Juvenal, cultor da sátira, contemporâneo e amigo de Marcial, terá feito uso, assim sugere Robert E. Colton<sup>607</sup>, dos epigramas do bilbilitano, porém, será o olhar crítico sobre a sociedade a maior influência que dele apresará.

Na literatura clássica tardia e pelo período carolíngio, o epigramatista logrou ser alvo da mão dos copistas, que garantiriam a preservação quase integral da sua obra. E, ainda fruiu a emulação de muitos autores menores, como o inglês Godfrey of Winchester, o *Martialis Cocculus*<sup>608</sup>.

Durante o Renascimento, os *Libri* de Marcial estiveram entre as mais icónicas das obras.

O seu trabalho, como recordam Robert DeMaria e Robert Duncan Brown<sup>609</sup>, seria impresso logo depois do invento de Gutenberg, cerca de 1470, e são ainda os mesmos autores que insistem que os seus epigramas seriam, entre os poetas quinhentistas e seiscentistas, nomeadamente, em Inglaterra, de leitura comum<sup>610</sup>. Assim, não raro as composições de Sir Thomas Wyatt ou de Benjamin Jonson, por exemplo, ecoam os versos do bilbilitano<sup>611</sup>. Contudo, seria aos autores franceses, aos italianos e, sobretudo, aos espanhóis do *Siglo de Oro* — de autores como Francisco de Quevedo, Lope de Vega ou Miguel de Cervantes aos veros

---

<sup>606</sup> Cf. J. P. Oltramare 1905: 40.

<sup>607</sup> Cf. R. E. Colton 1991.

<sup>608</sup> Arnaldo M. Espírito Santo mais minuciosamente se deteve sobre este tópico no artigo “*Toto notus in orbe Martialis*: a recepção de Marcial na Idade Média” (cf. A. M. Espírito Santo 2004: 209-224).

<sup>609</sup> Cf. R. DeMaria, and R. D. Brown 2007: 464.

<sup>610</sup> Cf. *Ibidem*: loc. cit..

<sup>611</sup> Para um maior detalhe deve consultar-se a obra *Martial and the English Epigram from Sir Thomas Wyatt to Ben Jonson* de Thomas K. Whipple (cf. T. K. Whipple 1925).

epigramatistas como Baltazar de Alcázar, segundo os estudos de Vicente Cristóbal<sup>612</sup> ou María Pilar Cuartero Sancho<sup>613</sup> — que Marcial seria mais caro.

Facto relevante é o serem as produções destes autores escritas nas respetivas línguas nacionais, às quais chegará, nesta altura, pela primeira vez, a poesia epigramática.

Porém, em Espanha, sobressai ainda, como evidenciam Dionisio Ollero Granados<sup>614</sup> e José M. Maestre<sup>615</sup>, a produção literária dos humanistas que, em verso latino, ousaram composições à maneira de Marcial<sup>616</sup>: Jeroni Pau, Jaime Falcó, Juan de Mal Lara, Juan de Aguilar, Francisco Cascales ou Domingo Andrés.

As Pasquinadas em Latim, principalmente em Roma, ocupam também, relembra-o John W. Spaeth, Jr.<sup>617</sup>, um lugar fulcral entre a emulação votada a Marcial no período renascentista.

Em Portugal, primeiro, o cronista Fernão Lopes inspirar-se-ia no génio do poeta, para se debruçar sobre a turba e acompanhar, com o olhar e com o pulso, as suas vivências, para, depois, Diogo Pires, médico e poeta novilatino, se ter deixado influenciar pelo epigramatista de Bílbilis e de Roma, na composição do seu *Cato Minor*<sup>618</sup>; também, no então Brasil colonial, surgiu, sob o signo de Marcial, a mais

---

<sup>612</sup> Cf. V. Cristóbal 1986.

<sup>613</sup> Cf. M. P. Cuartero Sancho 2004.

<sup>614</sup> Cf. D. Ollero Granados 1986: *passim*.

<sup>615</sup> Cf. J. M. Maestre 2004: *passim*.

<sup>616</sup> Dionisio Ollero Granados não deixa, outrossim, esquecer os humanistas espanhóis que se dedicaram à tradução, ao comentário e mesmo à publicação do *opus* marcialino, como Bartolomé Jiménez Patón, Baltasar de Céspedes ou Lorenzo Ramírez de Prado, ou os já mencionados poetas Juan de Mal Lara, Juan de Aguilar e Francisco Cascales (cf. D. Ollero Granados *op. cit.*: *passim*).

<sup>617</sup> Cf. J. W. Spaeth, Jr. 1939: 242.

<sup>618</sup> Para uma leitura mais completa de Diogo Pires, escrutine-se a Dissertação de Doutoramento *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI* de António Manuel L. Andrade (cf. A. M. L. Andrade 2005), bem como o artigo do mesmo autor titulado “A mundividência de Diogo Pires à luz da colectânea poética dos *Xenia*” (cf. A. M. L. Andrade 2009: 345-351). Complementarmente,

importante referência da poesia satírica de expressão portuguesa na época, Gregório de Matos.

No dealbar da Modernidade são, sobretudo, os poetas ingleses e alemães os que se reveem em Marcial<sup>619</sup>, tendência que o surgimento do Romantismo mitigaria, ao valorizar a subjetividade em detrimento da poesia do objeto. Alexander Pope será, por isso, um dos últimos e exímios herdeiros de Marcial, antes do advento do Movimento Romântico.

Na Espanha aragonesa barroca, Juan Jaime Esporrín toma o epigramatista como representante e mentor dos homens da sua geração, sobretudo dos que prepunham ao exagero um estilo claro, e, assim, sucederia com o Conde del Villar ou com Tafalla<sup>620</sup>.

Entre os escritores portugueses será, curiosamente, a Bocage, um arcádico eivado pelo Romantismo, que tocará, aponta Raquel Filipe<sup>621</sup>, a mais expressiva herança de Marcial.

Aos olhos do século XX, o epigrama não se restabelecerá facilmente da sua condição de género marginal. São, apesar de tudo, do início deste século, conceituadíssimos estudos da obra do epigramatista, que o curso das décadas só faria aumentar.

Acabariam, inevitavelmente, por ressurgir os cantores inspirados por Marcial, com obra publicada ou simples confessos: Pier Paoli Pasolini, em Itália, Enrique Badosa, em Espanha, Mário-Henrique Leiria ou Alberto Pimenta, em Portugal, a título de exemplo. Luís Filipe de Castro Mendes, alicerçado no

---

leia-se o capítulo “Plantas de uso terapêutico e alimentar em Amato Lusitano e Diogo Pires” de Virginia Soares Pereira, constante na obra *Humanismo, Diáspora e Ciência: séculos XVI E XVII — Estudos, Catálogo, Exposição* (cf. V. S. Pereira 2013: 313-326).

<sup>619</sup> Um conhecimento mais profundo desta matéria poderá suportar-se na leitura da obra *Martial and the Moderns* de Andrew Amos (cf. A. Amos 1858).

<sup>620</sup> Cf. M.-R. Juste Sanchez 1986: 126-128.

<sup>621</sup> Cf. R. Filipe 2010.

epigramatista, integrou no seu livro *Os Dias Inventados* uma declarada “Homenagem a Marcial”<sup>622</sup>. E sobre Hugo Santos diria, ainda, Adriano Cordeiro: “o azedume político de Marcial está tantas e tantas vezes presente nos seus labores literários”<sup>623</sup>.

E apareceriam, também, os cultores do romance histórico — a britânica Lindsey Davis ou o português Mário de Carvalho — e que beberiam de Marcial as imagens da Roma multiforme.

Através do século XXI e na direção do futuro, seguirão, segundo o prognóstico de Patrícia Larash<sup>624</sup>, Marcial e a sua obra.

A nova centúria colhe o fruto das tendências finisseculares e vive, ainda, na esfera de influência das comemorações dos 1900 anos da morte do poeta, em 2004, impulsionadoras de novos trabalhos.

Por outro lado, o ensino do Latim, que volta a conhecer, pela Europa (infelizmente não ainda em Portugal), um novo alor, renova a esperança de, finalmente, se estabelecer com este autor uma promissora relação simbiótica<sup>625</sup>. Afinal, que fonte melhor para o estudo da língua que não os versos daquele que provou saber fazer dela um exímio uso? E que mais proba fonte para as pesquisas culturais que não as páginas de quem soube ler e gizar Roma inteira? Kirby F. Smith comentaria que “However that may be, the genius of Martial was the genius of one who knew how to write for time, and time has justified his methods. As he

---

<sup>622</sup> Procure ler-se, para um maior detalhe o trabalho “Presença de Marcial em *Os Dias Inventados* de Luís Filipe Castro Mendes” de Isabel Graça (cf. I. Graça 2003: 265-277).

<sup>623</sup> A. Cordeiro 2007: 57. Consulte-se, complementarmente, o artigo do mesmo autor “Classicismo e modernidade na obra de Hugo Santos” (*Idem* 2010: 360-374).

<sup>624</sup> P. Larash 2008.

<sup>625</sup> Sobre a proficuidade da utilização dos epigramas de Marcial para o ensino da língua e da cultura latinas, aditam mais pormenores Cristina Sousa Pimentel no artigo “Outros textos para o ensino do Latim: um epigrama de Marcial”(cf. C. S. Pimentel 1992(b): 83-89), ou João Manuel Torrão no artigo “As potencialidades didáticas da obra de Marcial” (cf. J. M. Torrão 2006: 207-217).

himself said, "his page has the true relish of human life." And in its essentials human life is unchangeable. Thus it was that the first and last great poet whom the Provinces gave to the literature of Imperial Rome could also take his place among the few who have written for all men and for all time"<sup>626</sup>.

Hoje como ontem, reconhecendo-lhe a genialidade, gerações de poetas ou de simples leitores continuam a render-se-lhe, parecendo proféticos os versos do epigramatista:

*[...] iam plus nihil addere nobis  
fama potest: teritur noster ubique liber;  
et cum rupta situ Messalae saxa iacebunt  
altaque cum Licini marmora pulvis erunt,  
me tamen ora legent et secum plurimus hospes  
ad patrias sedes carmina nostra feret.'* (8.3.3-8)

*([...] Já nada mais me pode  
a fama acrescentar: por toda a parte se folheia o meu livro;  
e quando das pedras de Messala, por incúria, só restarem pedaços  
e quando os altos mármores de Lícino forem pó,  
eu ainda andarei nas bocas dos leitores e muito estrangeiro  
para a sua pátria de origem os meus poemas consigo levará.»).*

De facto, não mais que pedaços restam do túmulo de Messala e o de Lícino encontra-se reduzido a pó, já Marcial continua a ver a sua obra lida, traduzida, imitada, tomada como ponto de partida para a criação própria.

O poeta pôde sobreviver à sua Roma e levar a palma de vate ao próprio Júpiter, que predissera, na epopeia virgiliana, a eternidade do império<sup>627</sup>.

Marcial, enfim, permanece.

---

<sup>626</sup> K. F. Smith 1920: 36.

<sup>627</sup> "Imperium sine fine dedi.", Verg. *Aen.* 1.279.

## POST REM

*“Ohe, iam satis est, ohe, libelle,  
iam peruenimus usque ad umbilicos.  
tu procedere adhuc et ire quaeris,  
nec summa potes in schida teneri,  
sic tamquam tibi res peracta non sit,  
quae prima quoque pagina peracta est.  
iam lector queriturque deficitque,  
iam librarius hoc et ipse dicit  
‘ohe, iam satis est, ohe, libelle.’”*

Marcus Valerius Martialis  
4.89

Bastam, de facto, as palavras escritas, pois que, após 1900 anos de leituras, nada há de verdadeiramente novo que possa tomar largas centenas de páginas<sup>628</sup>. Já, no *Liber Ecclesiastae* da *Biblia Sacra*, 1.10-11, sabiamente, foi escrito: “nihil sub sole nouum nec ualet quisquam dicere ecce hoc recens est iam enim praecessit in saeculis quae fuerunt ante nos non est priorum memoria sed nec eorum quidem quae postea futura sunt erit recordatio apud eos qui futuri sunt in nouissimo”.

---

<sup>628</sup> Sobretudo pela pena de uma iniciada, cuja extensão do trabalho mais e mais arrisca o lamento e o desânimo do leitor, e, ainda, segundo a advertência de 2.1.4, um maior estrago de papel. A autora teme, realmente, a sabedoria das palavras de Marcial:

*esse tibi tanta cautus breuitate uideris?  
ei mihi, quam multis sic quoque longus eris! (2.1.11-12)*  
  
*(Parece-te que estás seguro com tão grande brevidade?  
Ai de mim, quão longo tu serás, ainda assim, para muita gente!)*

Ademais, a “Epopéia do Quotidiano” em que resulta a obra de Marcial é auto-evidente, e este estudo mais não fez que procurar destacar dos *Libri* essa prova e almejar por apresentá-la. Ora, conquanto o presente *libellus* pareça ter deixado incompleta a missão, a verdade é que “*quae prima quoque pagina peracta est*”<sup>629</sup>!

A originalidade demandada por este projeto reside, com efeito, na disposição de elementos sobejamente conhecidos, mas nunca antes, deste modo, convocados e, a partir dos quais, nunca se haviam produzido semelhantes conclusões. Será das suas mais evidentes singularidades a insistência na contextualização histórica, mormente, numa que recuperasse Augusto e o nascimento e construção do império *ab ouo*, para que se pudesse compreender a ambição de Marcial (e o modo como este homem, em virtude dela, optou por conduzir a sua vida), mas, sobretudo, clarificar a origem da propensão épica do poeta. O humanismo de Marcial era inato, tanto quanto a veia poética, só a forma como os combinou com a herança épica terá ficado a devê-la ao momento histórico: afinal, seria extemporânea uma epopeia, quando a conjuntura refletia o declínio, e desocasionadas acabaram, efetivamente, por revelar-se as que surgiram pela pena dos poetas seus contemporâneos.

Os *Libri* constituíram a oportunidade para que ficasse provado que o canto devia mais ao *ingenium* do poeta que às convenções da tradição literária, e que cumprir o quotidiano mais ordinário poderia ser, pelo seu cunho de realidade, proeza mais extraordinária que a de qualquer herói fantástico — bastava apenas que alguém que se demorasse sobre os homens e que possuísse talento para o ousar.

---

<sup>629</sup> 4.89.6.



A presente Dissertação foi a ocasião de validar que Marcial mais por estas que por quaisquer outras razões veio a ser apelidado o clássico inesperado<sup>630</sup>.

Intentou, então, a Primeira Parte deste estudo dedicado ao quotidiano humano expor que o dia a dia mais presente no *opus* é o do próprio Marcial.

Procurou ser o lucro da Segunda Parte a convocação de dados históricos, que a tradição vinha olvidando integrar nestas análises, mas que estabeleceram o fundamento teórico da produção cultural e literária do tempo, permitindo compreender a coerência das opções de Marcial.

A Terceira Parte deter-se-ia sobre a perspetivação do estado da arte, ao nível da teoria literária, e da revolução genológica operada por Marcial, segundo uma análise quase tão arrojada como a fusão que intentou o poeta.

Para a Quarta Parte reservou-se a demonstração da “Epopéia do Quotidiano”, extraindo do *corpus* epigramático *exempla* que explicitassem quanto se demorou o poeta no canto do dia a dia.

Prisciano, na epístola proemial, em que dedica ao seu patrício e cônsul Juliano a sua obra *Institutionum Grammaticarum*, adiantara uma irrefutável verdade: “nihil enim ex omni parte perfectum in humanis inuentionibus esse posse credo”<sup>631</sup>. Por outro lado, Bernardo de Chartres foi, de acordo com o testemunho de João de Salisbúria, em *Metalogicon*, 3.4, o primeiro a utilizar a imagem dos anões aos ombros dos gigantes — “nani super gigantum humeros” — para representar o progresso da ciência, em que os mais novos sobem aos ombros dos seus mestres. Este estudo, pese o seu contributo, deixa evidente que a grandeza dos mestres em muito supera a pequenez da investigadora, que espera só não desonrar o saber e os ensinamentos que aqueles procuraram transmitir-lhe.

---

<sup>630</sup> Cf. J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint).

<sup>631</sup> Prisc. *Inst. Gram. Praef.*, ed. Hertz, GL, 2.3.13-14.

A consciência primitiva da incompletude que sempre sobrevém a estas pesquisas revela-se agora insuficiente para alcançar alguma tranquilidade, na hora de as encerrar. O percurso foi feito de escolhas pessoais e iníquas, até: por cada capítulo, ficou omissa um outro, pelo menos, e a todos eles era devido um mais profundo e demorado olhar; por cada epigrama convocado, muitos e quiçá mais ricos foram relegados para notas de rodapé, evidenciando diversas possibilidades e, por vezes, mesmo outros rumos, não contando sequer quantos foram simplesmente votados ao oblívio; por cada ponto final ficou, enfim, um mundo por dizer.

A importância de reabilitar os clássicos (e as clássicas), objetivo último deste estudo e para o qual se crê ter ele, em certa medida, podido contribuir, constitui uma luta em prol do progresso científico e da própria humanidade.

Aristóteles preconizou uma divisão tripartida da atividade global do ser humano — *theoria*, *poiesis* e *praxis*. Porém, a urgência ditada pela globalização deu primazia ao cientificismo técnico, de onde resultaram avanços notabilíssimos, mas também a inoportuna cisão entre os vários domínios do saber e a temerária ideia de que um futuro de crescimento poderia prescindir do arcaísmo do passado.

Hoje, sob pena de deixar de haver uma direta correspondência entre a quantidade e a qualidade dos resultados, a ciência pugna contra essa especialização hermética e fragmentária, regressando à postulação dos seus pressupostos inaugurais<sup>632</sup>. E o século XXI já questiona as opções do século XX, que perante a voracidade dos acontecimentos, ousou considerar o passado obsoleto e o futuro a única direção em que seria importante olhar.

No contexto da crise atual, urge, mais do que nunca pugnar contra a perda de referências e de valores, urge difundir a ideia de que é grega toda a Europa, de que é grego, afinal, boa parte do mundo.

---

<sup>632</sup> Morin, 1990: *passim*.

O ganho maior que resultou deste labor foi pessoal (ou não se inspirasse ele em Marcial) — foi o de contemplar e refletir sobre circunstâncias, em tão larga medida, análogas às contemporâneas: humanos cunhados pela romanidade, vivendo, por largos anos, o sonho de um império sob o signo da prosperidade, que, despertados pelo som da derrocada, ficam apesados entre as memórias que gostariam de poder perpetuar e o futuro que recusam viver, comprometendo, com o presente, as suas existências.

Revela-se, pois, fundamental escutar, entre outras vozes, a de James Ermatinger: “Like Rome, modern societies look back to a golden age that never really existed. By concentrating on this false past, societies often ignore chances for productive change.”<sup>633</sup> Assim, deve o engenho de Marcial inspirar a superação, ousando uma produção áurea em época argêntea!

Aos desafios hodiernos — do Mundo, da Europa, de Portugal, da Universidade — e às suas lutas — contra a autocracia ou contra a opressão económica —, urge responder como fez o epigramatista: com humildade e procurando a melhor das perspectivas.

A análise do presente e a preparação do futuro são a verdadeira peleja dos estudos clássicos. James Evans diria que o “Study of the ancient world, like study of contemporary cultures other than one’s own, has more than academic or exotic value. First, study of the past seeks meaning beyond solely acquiring factual knowledge. It strives to understand the human and social dynamics that underlies any historical event and what these underlying dynamics teach us about ourselves as human beings in interaction with one another.”<sup>634</sup>

Aliás, o fenómeno literário, as descobertas científicas e o desenvolvimento tecnológico nasceram, na Antiguidade, conjuntamente: das mesmas cabeças e

---

<sup>633</sup> J. W. Ermatinger 2004: 71.

<sup>634</sup> James A. S. Evans 2005: VIII.

pelas mesmas mãos. Na senda de muitos outros clássicos, o Estagirita é disso mesmo um bom exemplo. Depois dos Helénicos e dos Romanos, só os Homens do Renascimento viriam a preconizar o ideal do humanista que dominava os vários campos do saber. Finalmente, parece pretender o momento presente, cioso de que o progresso não se veja comprometido por uma tendência focada no particular, no inconexo e no estanque, trazer à comunidade científica o repto de relançar a integração das investigações específicas no universo da pluridisciplinaridade — é a oportunidade para que, na prática, possam ressurgir as clássicas.

O contributo tentado da investigadora consistiu num projeto, propondo o estudo linguístico, a tradução do Latim e a edição portuguesa da *Flora Cochinchinensis* de João de Loureiro que pretendia, precisamente, dar resposta a uma necessidade premente de atualização da História da Ciência e concorrer para a própria indagação crítica nas áreas da Botânica, da Farmácia e da Medicina. O mote desta nova empresa continua a pertencer a Marcial, que, a cada epigrama, instiga à valorização da atualidade e à consideração da realidade no seu polimorfismo e múltiplas conexões.

Os planos para o futuro também supõem, obviamente, voltar aos *Libri*, mormente, ao por fazer — terminar o que decididamente ficou imperfeito, por meio de um estudo mais detalhado, que, por livro ou ciclo de epigramas, se proponha elencar todas as subtilezas épicas; e por uma exploração mais demorada das situações do quotidiano, se possível em articulação com os pontos de vista dos autores que se foram deixando inspirar pelo poeta de BÍLBILIS e de ROMA.

Na verdade, a Marcial volta-se sempre — é irresistível! Apesar das muitas vezes em que é preciso renunciar ao pudor, ninguém ousa fechar o livro, muito menos definitivamente:

*Huc est usque tibi scriptus, matrona, libellus.  
cui sint scripta rogas interiora? mihi.*

*gymnasium, thermae, stadium est hac parte: recede.  
exuimur: nudos parce uidere uiros.  
hinc iam deposito post uina rosasque pudore,  
quid dicat nescit saucia Terpsichore,  
schemate nec dubio, sed aperte nominat illam  
quam recipit sexto mense superba Venus,  
custodem medio statuit quam uilicus horto,  
opposita spectat quam proba uirgo manu.  
si bene te noui, longum iam lassa libellum  
ponebas, totum nunc studiosa leges. (3.68)*

*(Até aqui foi escrito para ti, matrona, este livrinho de epigramas.  
Para quem são, perguntas, os poemas seguintes? Para mim.  
O ginásio, as termas e o estádio estão nesta parte: retira-te.  
Vamo-nos despir: dispensa-te de ver homens nus.  
Doravante, tendo renunciado, após o vinho e as rosas, ao pudor,  
já tocada, Terpsícore não sabe o que diz;  
designa, não por meias palavras, mas claramente, a oferenda  
que Vénus recebe, com ufania, no sexto mês,  
que o quinteiro coloca de guarda no meio do jardim,  
e que uma honesta donzela só mira, depois de tapar os olhos com as mãos.  
Se bem te conheço, já tinhas, com o cansaço, posto de parte o livro, porque longo;  
agora com renovado alento, o vais ler todo inteiro.).*



## **BIBLIOGRAFIA**





## I — EDIÇÕES / ANTOLOGIAS / TRADUÇÕES / COMENTÁRIOS

### 1. Marcial

**AMOS, A.** *Martial and the Moderns*. Cambridge and London, Deighton, Bell and Co., 1858.

**CITRONI, M.** *Marco Valério Marcial — Epigrammaton liber primus*. Firenze. La Nuova Italia, 1975.

**COLEMAN, K. M.** *Martial: Liber Spectaculorum*. Oxford, Oxford University Press, 2006.

**DOLÇ, M.** *M. Valeri Marcial — Epigrammes*. Vols. I-V, Col·lecció Catalana dels Clàssics Grecs i Llatins — Escriptors Llatins, Barcelona, Fundació Bernat Metge, 1949-1960.

**FRIEDLÄNDER, L.** *M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri*. Amsterdam, A. M. Hackett, 1967.

**GALÁN VIOQUE, G.** (comentary); **ZOLTOWSKI, J. J.** (translation). *Martial, Book VII: A Commentary*. Mnemosyne: Bibliotheca Classica Batava Series, Leiden, Boston and Köln, Brill, 2002.

**GARROD, H. W.** *The Oxford Book of Latin Verse — From the Earliest Fragments to the End of the 5th Century A.D.*. Oxford, Clarendon Press, 1912.

**GREWING, F.** *Martial, Buch VI (Ein Kommentar)*. Hypomnemata — Untersuchungen zur Antike und zur ihrem Nachleben, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

**HENRIKSÉN, C.** *Martial, Book IX: A Commentary*. Vols. I-II; Acta Vniuersitatis Vpsaliensis: Studia Latina Vpsaliensia, Vol. 24, Uppsala, Academia Upsaliensis, 1998.

**HOWELL, P.** *Martial — Epigrams*. Warminster, Aris & Phillips, 1995.

**IZAAC, H. J.** *Martial — Epigrammes*. Vols. I et II (1<sup>ère</sup> et 2<sup>ème</sup> parties), Collection des Universités de France, Paris, Les Belles Lettres, <sup>3</sup>1969, <sup>3</sup>1973 et <sup>2</sup>1971.

**KLEIJWEGT, M.** “*Extra fortunam est quiquid donatur amicis: Martial on Frienship*”, in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspecktiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998, pp. 256-277.

**LEARY, T. J.** *Martial — Book XIV: The Apophoreta*. Classical Interfaces, London, Duckworth, 1996.

**LEARY, T. J.** *Martial — Book XIII: The Xenia*. Classical Interfaces, London, Duckworth, 2001.

**MORENO SOLDEVILA, R.** (introducción); **FERNÁNDEZ VALVERDE, J.** (edición); **MONTERO CARTELLE, E.** (traducción). *Marco Valerio Marcial — Epigramas*. Vol. I-II, Colección de Autores Griegos y Latinos, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas — Departamiento de Publicaciones, 2004-2005.

**NORCIO, G.** *Epigrammi di Marco Valerio Marziale*. Classici Latini, Torino, Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1980.

**PALEY, F. A.; STONE, W. H.** *M. Val. Martialis Epigrammata Selecta / Select Epigrams from Martial*. Grammar School Classics, London, Whittaker & CO., 1868.

**PIMENTEL**, C. S. (introdução e notas); **LEÃO**, D. F.; **BRANDÃO**, J. L. L.; **FERREIRA**, P. S. (tradução). *Marcial — Epigramas*. Vols. I-V, Clássicos Gregos e Latinos, Lisboa, Edições 70, 2000-2004.

**SHACKLETON BAILEY**, D. R.. *Martial — Epigrams*. Vols. 1-3, Loeb Classical Library, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1993.

**STEPHENSON**, H. M.. *Selected Epigrams of Martial*. London and New York, Macmillan and Co., 1880 (1895 reprint).

**SULLIVAN**, J. P.; **WHIGHAM**, P.. *Epigrams of Martial Englished by Divers Hands*. Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press, 1987.

**WATSON**, L.; **WATSON** P.. *Martial — Select Epigrams*. Cambridge Greek and Latin Classics, Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

**WILLIAMS**, C. A.. *Martial — Epigrams: Book Two*. Oxford, Oxford University Press, 2004.

**WILLIAMS**, C. A.. *A Martial Reader: Selections from the Epigrams*. Bolchazy-Carducci Latin Readers, Mundelain, Bolchazy-Carducci Publishers, Inc., 2011.

## 2. Outros autores clássicos

### 2.1. AA.VV.

**GRYSON**, R.; **FISCHER**, B.; **FREDE**, H. I.; **SPARKS**, H. F. D.; **THIELE**, W. (edition). *Biblia Sacra Vulgata*. Peabody, Hendrickson Publishers, 2006.

## 2.2. Apiano

**WHITE, H.** *Appian — Roman History*. Vols. 1-4, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1912 (1982 reprint) — Vol. 1 —, 1912 (1988 reprint) — Vol. 2 —, 1913 (1995 reprint) — Vol. 3 —, 1913 (1990 reprint) — Vol. 4.

## 2.3. Aristóteles

**HALLIWELL, S.** (translation of Aristotle); **FYFE, W. H.** (translation of Longinus); **RUSSELL, D.** (revision of Longinus); **INNES, D. C.** (translation of Demetrius, based on W. R. Roberts). *Aristotle — Poetics; Longinus — On the Sublime; Demetrius — On Style*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1995 (2005 reprint).

**HARDY, J.** (texte établi et traduit par). *Aristotle — Poétique*. Collection des Universités de France — Série Grecque, Paris, Les Belles Lettres, <sup>2</sup>1995.

**SOUSA, E. de.** *Aristóteles — Poética*. Textos Universitários, Lisboa, Guimarães Editores, <sup>2</sup>1964.

**SOUSA, E. de.** *Aristóteles — Poética*. Estudos Gerais — Série Universitária, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1994.

## 2.4. Augusto

**SHIPLEY, F.** *Velleius Paterculus — Compendium of Roman History; Augustus — Res Gestae Diui Augusti*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1924 (1998 reprint).

## 2.5. Calpurnio Sículo

**AMAT, J.** (texte établi et traduit par). *Calpurnius Siculus — Bucoliques; Pseudo-Calpurnius — Éloge de Pison*. Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1991.

## 2.6. Celso

**SPENCER, W. G.** *Celsus — On Medicine, Books 1-4*. Vol 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1935.

## 2.7. Cícero

**CERUTTI, S. M.** *Cicero — Pro Archia Poeta Oratio*. Wauconda, Bolchazy-Carducci Publishers, 1998.

**GRIFFIN, M. T.; ATKINS, E. M.** *Cicero — On Duties*. Cambridge, Cambridge University Press, 2000.

**KER, W. C. A.** *Cicero — Philippics*. N<sup>o</sup>. 15, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1926 (1995 reprint).

**KEYS, C. W.** *Cicero — On the Republic. On the Laws*. N<sup>o</sup>. 16, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1928 (2000 reprint).

**KING, J. E.** *Cicero — Tusculan Disputations*. N<sup>o</sup>. 18, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1945 (1996 reprint).

**MACDONALD, C.** *Cicero — Orations In Catilinam 1-4; Pro Murena; Pro Sulla; Pro Flacco*. Nº. 10, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1977 (1996 reprint).

**SHACKLETON BAILEY, D. R.** *Cicero — Letters to Atticus*. Vols. 1-4, Nºs. 22, 23, 24, 29, Loeb Classical Library, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1999.

**WATTS, N. H.** *Cicero — Orations: Pro Archia; Post Reditum in Senatu; Post Reditum Ad Quirites; De Domo Sua; De Haruspicum; Responsis; Pro Plancio*. Nº. 11, Loeb Classical Library, Cambridge, Massachusetts and London, Harvard University Press, 1923 (1993 reprint).

## 2.8. Díon Cássio

**CARY, E.** *Dio's Roman History — Books 1-80*. Vols. 1-9, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1914 (1990 reprint) — Vol. 1 —, 1914 (1970 reprint) — Vol. 2 —, 1914 (1984 reprint) — Vol. 3 —, 1914 (1987 reprint) — Vol. 4 —, 1914 (1989 reprint) — Vol. 5 —, 1914 (1994 reprint) — Vol. 6 —, 1914 (1994 reprint) — Vol. 7 —, 1914 (1995 reprint) — Vol. 8 —, 1914 (1982 reprint) — Vol. 9.

## 2.9. Dionísio de Halicarnasso

**FERNANDES, R. M. R.** *Dionísio de Halicarnasso — Tratado da Imitação*. Biblioteca Euphrosyne, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica e Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1986.

2.10. Énio

**WARMINGTON**, E. H.. *Remains of Old Latin — Ennius, Caecilius*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1935 (1988 reprint).

2.11. Estácio

**CURRIE**, H. MacL.. *Silver Latin Epic — A Selection from Lucan, Valerius Flaccus, Silius Italicus and Statius*. London, Bristol Classical Press, 1985 (2004 reprint).

**SHACKLETON BAILEY**, D. R. (edition and translation); **COLEMAN**, K. M. (recent scholarship). *Statius — Silvae*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 2003.

2.12. Floro

**FORSTER**, E. S.. *Florus — Epitome of Roman History*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1929 (1995 reprint).

2.13. Heródoto

**GODLEY**, A. D.. *Herodotus — The Persian Wars, Books 5-7*. Vol. 3, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1922 (1994 reprint).

2.14. Hesíodo

**MOST**, G. W.. *Hesiod — Theogony. Works and Days. Testimonia*. Vol 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 2006.

**WEST**, M. L.. *Hesiod — Theogony (Edited with Prolegomena and Commentary)*. Oxford, Oxford University Press, 1966.

### 2.15. Homero

**LOURENÇO, F..** *Homero — Odisseia*. Lisboa, Livros Cotovia, 2003.

**LOURENÇO, F..** *Homero — Iliada*. Lisboa, Livros Cotovia, 2005.

**MURRAY, A. T.** (translation); **WYATT, W. F.** (revision). *Homer — Iliad, Books 1-24*. Vols. 1-2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1924-1925 (1999 reprint).

**MURRAY, A. T.** (translation); **DIMOCK, G. E.** (revision). *Homer — Odissey, Books 1-24*. Vols. 1-2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1995 (1998 reprint).

### 2.16. Horácio

**BENNETT, C. E..** *Horace — Odes and Epodes*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1968 (1995 reprint).

**FAIRCLOUGH, H. R..** *Horace — Satires, Epistles, Art of Poetry*. Vol. 2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1929 (1991 reprint).

### 2.17. Íon de Samos

**EDMONDS, J. M..** *Elegy and Iambus: being the remains of all the Greek elegiac and iambic poets from Callinus to Crates excepting the choliambic writers; Anacreon — Anacreontea*. Vol. I, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1961.



**HANSEN, P. A.** *Carmina Epigraphica Graeca Saeculi IV a.Chr.N.*. Vol. 2, Berlin und New York, Walter de Gruyter & Co, 1989.

2.18. Juvenal

**RAMSAY, G. G.** *Juvenal and Persius*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1918 (1996 reprint).

**RUUD, N.; COURTNEY, E.** *Juvenal — Satires I, III, X*. Bristol and Wauconda, Bristol Classical Press and Bolchazy-Carducci Publishers, 1982 (1990 reprint).

2.19. Lactâncio

**BOWEN, A.; GARNSEY, P.** *Lactantius — Divine Institutes*. Translated Texts for Historians, Liverpool, Liverpool University Press, 2004.

2.20. Lucano

**CURRIE, H. MacL.** *Silver Latin Epic — A Selection from Lucan, Valerius Flaccus, Silius Italicus and Statius*. Bristol, Bristol Classical Press, 1985 (2004 reprint).

**DUFF, J. D.** *Lucan — The Civil War*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1928 (1988 reprint).

2.21. Luciano de Samósata

**KILBURN, K.** *Lucian*. Vol 6, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1959 (1990 reprint).

## 2.22. Ovídio

**FRAZER**, J. G. (translation); **GOOLD**, G. P. (revision). *Ovid — Fasti*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>2</sup>1989 (1996 reprint).

**MILLER**, F. J. (translation); **GOOLD**, G. P. (revision). *Ovid — Metamorphoses, Books 1-8*. Vol. 3, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>3</sup>1984.

**MOZLEY**, J. H. (translation); **GOOLD**, G. P. (revision). *Ovid — The Art of Love and Other Poems*. Vol. 2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>2</sup>1979 (1999 reprint).

**WHEELER**, A. L. (translation); **GOOLD**, G. P. (revision). *Ovid — Tristia. Ex Ponto*. Vol. 6, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1924 (1996 reprint).

## 2.23. Platão

**FOWLER**, H. N.; **LAMB**, W. R. M.. *Plato — Statesman. Philebus. Ion*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1925 (1975 reprint).

## 2.24. Plínio, o Velho

**RACKHAM**, H.. *Pliny — Natural History, Books 17-19*. Vol. 5, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1950.

## 2.25. Plínio, o Moço

**RADICE**, B.. *Pliny — Letters, Books 1-7*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1969 (1989 reprint).

**RADICE, B.** *Pliny — Letters, Books 8-10. Panegyricus*. Vol. 2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1969 (1997 reprint).

2.26. Plutarco

**WATERFIELD, R.** (translation); **STADTER, P.** (introduction and explanatory notes). *Plutarch — Roman Lives: A selection of eight Roman Lives*. Oxford World's Classics, Oxford, Oxford University Press, 1999.

2.27. Políbio

**PATON, W. R.** (translation); **WALBANK, F. W.**; **HABICHT, C.** (revision). *Polybius — The Histories, Books 1-2*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1923 (1998 reprint).

2.28. Propércio

**GOOLD, J. P.** *Propertius — Elegies*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1990 (1999 reprint).

**PAGANELLI, D.** (texte établi et traduit par). *Propertius — Élégiés*. Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1995.

2.29. Salústio

**ROLFE, J. C.** *Sallust*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1921 (1995 reprint).

2.30. Séneca

**BASORE**, J. W.. *Seneca — Moral Essays*. Vols. 1-2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1928 (1994 reprint) — Vol. 1 — , 1932 (1996 reprint) — Vol. 2.

**WALTZ**, R.. *Sénèque — Dialogues: De la Vie Heureuse, De la Brièveté de la Vie*. Vol. 2, Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1923.

**WALTZ**, R.. *Sénèque — Dialogues: Consolations*. Vol. 3, Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1923.

**WALTZ**, R.. *Sénèque — Dialogues: De la Providence. De la constance du sage. De la tranquillité de l'ame. De l'oisiveté*. Vol. 4, Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1927.

### 2.31. Sílio Itálico

**CURRIE**, H. MacL.. *Silver Latin Epic — A Selection from Lucan, Valerius Flaccus, Silius Italicus and Statius*. London, Bristol Classical Press, 1985 (2004 reprint).

**DUFF**, J. D.. *Silius Italicus — Punica, Books 1-17*. Vols. 1-2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1934 (1983 reprint) — Vol. 1 — , 1934 (1989 reprint) — Vol 2.

### 2.32. Simónides de Ceos

**CAMPBELL**, D. A.. *Greek Lyric — Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others*. Vol. 3, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1991.

### 2.33. Suetónio

**ROLFE, J. C..** *Suetonius — The Lives of the Caesars*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>3</sup>1998.

**ROLFE, J. C..** *Suetonius — The Lives of the Caesars, The Lives of Illustrious Men*. Vol. 2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>2</sup>1997.

#### 2.34. Tácito

**MOORE, C.; JACKSON, J..** *Tacitus — Histories 4-5, Annals 1-3*. Vol. 3, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1931 (1992 reprint).

#### 2.35. Terêncio

**BARSBY, J..** *Terence — The woman of Andros. The self-tormentor. The Eunuch*. Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1990.

#### 2.36. Tito Lívio

**FOSTER, B. O..** *Livy — History of Rome, Books 1-45*. Vols. 1-5, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1919 (1988 reprint) — Vol. 1 —, 1922 (1984 reprint) — Vol 2 —, 1924 (1984 reprint) — Vol. 3 —, 1926 (1982 reprint) — Vol. 4 —, 1929 (1982 reprint) — Vol. 5.

#### 2.37. Tucídides

**SMITH, C. F..** *Thucydides — History of the Peloponnesian War, Books 5-6*. Vol. 3, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1921 (1992 reprint).

2.38. Valério Flaco

**CURRIE, H. MacL..** *Silver Latin Epic — A Selection from Lucan, Valerius Flaccus, Silius Italicus and Statius.* London, Bristol Classical Press, 1985 (2004 reprint).

**MOZLEY, J. H..** *Valerius Flaccus — Argonautica.* Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1934 (1998 reprint).

2.39. Veleio Patérculo

**SHIPLEY, F..** *Velleius Paterculus — Compendium of Roman History; Augustus — Res Gestae Divi Augusti.* Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1924 (1998 reprint).

2.40. Virgílio

**FAIRCLOUGH, H. R.** (translation); **GOOLD, G. P.** (revision). *Virgil — Eclogues. Georgics, Aeneid 1-6.* Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>2</sup>1935 (1998 reprint).

**FAIRCLOUGH, H. R.** (translation); **GOOLD, G. P.** (revision). *Virgil — Aeneid 7-12, The Minor Poems.* Vol. 2, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, <sup>2</sup>1934 (1998 reprint).

2.41. Vitróvio

**FLEURY, P.** (texte établi, traduit et commenté par). *Vitruve — De L'Architecture, Livre 1.* Collection des Universités de France — Série Latine, Paris, Les Belles Lettres, 1990.

**GRANGER, F.** *Vitruvius — On Architecture, Books I-V*. Vol. 1, Loeb Classical Library, Cambridge and London, Harvard University Press, 1931 (1998 reprint).

### 3. Autores Medievais

#### 3.1. Alain de Lille

**HUNT, T.** *Les Paraboles — Maître Alain en François*. MHRA Critical Texts, Vol 2, London, The Modern Humanities Research Association, 2005.

**SENFTLEBEN, A.** *Alani ab Insulis Parabolae et ad easdem Andreae Senftlebi Notae Philologicae Opusculum Postumum*. Wratislaviae, Esaias Fellgiebell, 1663.

#### 3.2. João de Salisbúria

**McGARRY, D.** *The Metalogicon of John of Salisbury: A Twelfth-century Defense of the Verbal and Logical Arts of the Trivium*. Berkeley, University of California Press, 1955.

#### 3.3. Prisciano

**KEIL, H.; HERTZ, M.** *Grammatici Latini — Volume 2: Prisciani Institutionum Grammaticarum Libri I-XII*. Cambridge Library Collection, Cambridge, Cambridge University Press, 1855 (<http://www.stgallpriscian.ie/>).

### 4. Autores Renascentistas

#### 4.1. Diogo Pires

**ANDRÉ, C. A.** *Diogo Pires — Antologia Poética*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1983.

### 5. Autores Setecentistas

#### 5.1. João de Loureiro

**LOUREIRO, J.** *Flora Cochinchinensis: sistens plantas in regno Cochinchina nascentes*. 2 Vols., Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1790.

### 6. Autores Portugueses

#### 6.1. Camões

**SARAIVA, A. J.** (organização da edição). *Luís de Camões — Os Lusíadas*. Porto, Figueirinhas, 1982.

**VIEIRA, A. L.** (iniciativa da edição); **RODRIGUES, J. M.** (revisão); **MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, C.** (prefácio). *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1971.

#### 6.2. Luís Filipe de Castro Mendes

**MENDES, L. F. de Castro.** *Os Dias Inventados*. Lisboa, Editorial Gótica, 2001.



### 6.3. Pessoa

**QUADROS, A.** (introdução e organização da edição). *Fernando Pessoa — Obra Poética e em Prosa*. Vol. I — Poesia, Porto, Lello & Irmão Editores, 1986.

### 6.4. Torga

**TORGA, M..** *Poesia Completa*. Lisboa, Colecção Autores de Língua Portuguesa, Publicações Dom Quixote, 2000.

## 7. Autores Estrangeiros

### 7.1. Rilke

**CASTRO, F.** (tradução). *Rainer Maria Rilke — Cartas a um Poeta*. Documentos Humanos, Lisboa, Portugália Editora, 1944.

**GÖEBEL, H.** (ausgabe). *Rainer Maria Rilke — Briefe an junge Dichter*. Göttingen, Wallstein Verlag, 1998.



## II — OBRAS DE REFERÊNCIA

**BAILLY, A.** *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Hachette, <sup>50</sup>1999.

**BOWDER, D.** *Dizionario dei Personaggi dell'Antica Roma: una guida completa e precisa per conoscere tutti coloro che hanno avuto un ruolo nel mondo romano, dalla fondazione della città al creollo dell'impero*. Coordinamento della edizione italiana a cura di C. Antonelli, Roma, Newton Compton Editori, 1990.

**FREDOUILLE, J.-Cl.** *Dictionnaire de la Civilisation Romaine*. Paris, Larousse, <sup>2</sup>1999.

**GAFFIOT, F.** *Dictionnaire Latin-Français*, Paris, Hachette, <sup>2</sup>2001.

**GLARE, P. G. W.** (editor). *Oxford Latin Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, 1982 (1985 reprint).

**GRANT, M.** *A Guide to the Ancient World: A Dictionary of Classical Place Names*. New York, Barnes & Noble, <sup>2</sup>1997.

**GRIMAL, P.** *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Coordenação da Edição Portuguesa por V. Jabouille, Algés, Difel, <sup>3</sup>1999.

**HAMMOND, N. G. L.; SCULLARD, H.H.** (editors). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford, Clarendon Press, <sup>2</sup>1970.

**HEILPRIN, A.; HEILPRIN, L.** (Edited by); **RAZA, M.** (Introduction to the reprint edition by). *Geographical Dictionary Of The World In The Early 20th Century With Pronouncing Gazetteer*. 2 Vols., New Delhi, Logos Press, 1906 (1990 reprint).

**HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A.** (editores). *Diccionario del Mundo Clásico*. Corrección y Revisión General (de la Edición Española) a cargo de C. Belza, Barcelona, Crítica, 2002.

**LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.** (compilers); **JONES, H. S.** (editor); **MCKENZIE, R.** (assistant). *A Greek-English Lexicon*. Oxford, Oxford University Press, 1940 (1996 revised reprint with a supplement).

**MACBEAN, A.** *A Dictionary of Ancient Geography: explaining the local appellations in sacred, Grecian, and Roman history; exhibiting the extent of kingdoms, and situations of cities, &c., and illustrating the allusions and epithets in the Greek and Roman poets. The whole established by proper authorities, and designed for the Use of Schools*. London, G. Robinson and T. Cadell, 1773.

**MARTÍNEZ-PINNA, J.; MONTERO HERRERO, S.; GÓMEZ-PANTOJA, J.** *Diccionario de Personajes Históricos Griegos y Romanos*. Madrid, Ediciones Istmo, 2008.

**MELVILLE-JONES, J. R.** *A Dictionary of Ancient Roman Coins*. London, Spink and Son L<sup>td</sup>., 1990.

**PRIETO, M. H. T. C. U.; PRIETO, J. M. T. C. U.; PENA, A. N.** *Índices de Nomes Próprios Gregos e Latinos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1993.

**REIS, C.; LOPES, A. C. M.** *Dicionário de Narratologia*. Coimbra, Livraria Almedina, 2000.

**ROBERTS, J.** (editor). *The Oxford Dictionary of the Classical World*. Oxford, Oxford University Press, 2005.

**SPEAKE**, G. (editor). *Diccionario Akal de Historia del Mundo Antiguo*. Coordinación de la Edición Española por M. G. Quintela, Madrid, Ediciones Akal, 1999.



### III — ESTUDOS

**ADCOCK, F..** *Roman Political Ideas and Practice*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, <sup>16</sup>2000.

**AHL, F..** "Form Empowered: Lucan's *Pharsalia*", in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 125-142.

**ALFÖLDY, G..** *The Social History of Rome*. Translation by D. Braund and F. Pollock, London, Routledge, 1988.

**ALSTON, R..** *Aspects of Roman History, AD 14-117*. London and New York, Routledge, 1998.

**ALVAR EZQUERRA, A..** "Marcial visto de sí mismo", in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 69-86.

**ALVES, C..** *O Homem na perspectiva de Marcial*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2003.

**ANDERSON, P. J..** "Martial 1.29: appearance and authorship", *Rheinisches Museum für Philologie*. Neue Folge, 149. Bd., H. 1, 2006, pp. 119-122.

**ANDERSON, W. S..** "Form Changed: Ovid's *Metamorphoses*", in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 108-124.

ANDRÉ, J.. *Être Médecin à Rome*. Realia, Paris, Les Belles Lettres, 1987.

ANDRADE, A. M. L.. *O Cato Minor de Diogo Pires e a poesia didáctica do século XVI*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2005.

ANDRADE, A. M. L.. "A mundividência de Diogo Pires à luz da colectânea poética dos *Xenia*", in F. de Oliveira, C. Teixeira e P. B. Dias (coordenadores). *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. 2 — Línguas e Literaturas: Idade Média, Renascimento e Recepção. Humanitas Supplementum, Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 345-351.

ARCHAMBAULT A.. "The Age of Man and the Ages of the World: A Study of Two Traditions", *Revue des Études Augustiniennes*. Vol. 12, Tomes 3-4, 1966, pp. 193-228.

ARRANZ SACRISTÁN, F.. "Hispania vista por Marco Valerio Marcial", in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 211-236.

ASCHER, L.. "Was Martial Really Unmarried?", *The Classical World*. Vol. 70, Nº. 7, 1977 (April - May), pp. 441-444.

AUGELLO, G.. "Roma e la vita romana testimoniata da Marziale", *Annali del Liceo Classico G. Garibaldi di Palermo*. Vol. V-VI, 1968-1969, pp. 234-270.



**BAPTISTA, D..** *O Burlesco e o Satírico na Obra de Marcial e Juvenal*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2009.

**BARCHIESI, A..** “L’Epos”, in G. Cavallo, P. Fedeli e A. Giardina (direttori). *Lo Spazio Letterario di Roma Antica — La Produzione del Testo*. Vol. I, Roma, Salerno Editrice, <sup>2</sup>1993, pp. 115-141.

**BARSBY, J..** “Roman Literature”, in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint), pp. 262-286.

**BARTSCH, S..** “Lucan”, in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 492-502.

**BARWICK, K..** “Zyklen bei Martial und in den kleinen Gedichten des Catull”, *Philologus: Zeitschrift Fur Klassische Philologie*. Vol. 102, 1958, pp. 284-318.

**BAUMBACH, M.; PETROVIC, A.; PETROVIC, I..** “Archaic and classical Greek epigram: an introduction”, in M. Baumbach, A. Petrovic and I. Petrovic (editors). *Archaic and Classical Greek Epigram*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010: 1-19.

**BEATO, J..** “Calpúrnio Sículo: um poeta pobre ou um pobre poeta?”, *Humanitas*. Vol. 47, 1995, pp. 617-627.

**BEATO, J..** “Da normalidade de Calpúrnio à singularidade de Nemesiano”, *Ágora — Estudos Clássicos em Debate*. Nº. 5, 2003, pp. 83-105.

**BELL, A. A..** “Martial’s Daughter”, *The Classical World*. Vol. 78, Nº. 1, 1984 (September - October), pp. 21-24.

**BELLINGER, A. R.** “Martial, the suburbanite”, *The Classical Journal*. Vol. 23, Nº. 6, 1928, pp. 425-435.

**BEST, Jr, E. E.** “Martial’s Readers in the Roman World”, *The Classical Journal*. Vol. 64, Nº. 5, 1969, pp. 208-212.

**BOMGARDNER, D.** *The Story of the Roman Amphitheatre*. London and New York, Routledge, 2000.

**BOUSOÑO, C.** *Teoría de la Expresión Poética*. Vol I, Biblioteca Románica Hispánica: Estudios y Ensayos, 7, Madrid, Gredos, <sup>5</sup>1970.

**BOYLE, A. J.** “The Canonic Text: Virgil’s *Aeneid*”, in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 79-107.

**BOYLE, A. J.** “Introduction: Reading Flavian Rome”, in A. J. Boyle and W. J. Dominik (editors). *Flavian Rome — Culture, Image, Text*. Leiden and Boston, Brill, 2003, pp. 1-68.

**BRANDÃO, J. L. L.** “Marcial perante o público e os críticos: autodefesa do poeta”, *Humanitas*. Vol. 49, 1987, pp. 177-195.

**BRANDÃO, J. L. L.** “Marcial e o amor da liberdade”, *Humanitas*. Vol. 50.1, 1998(a), pp. 151-172.

**BRANDÃO, J. L. L.** *Da quod amem: Amor e Amargor na Poesia de Marcial*. Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Lisboa, Edições Colibri, 1998(b).

**BRANDÃO, J. L. L.** “Marcial nas aulas de Latim: A pobreza na Roma Imperial”, *Boletim de Estudos Clássicos*. Vol. 31, 1999, pp. 51-60.

**BRANDÃO, J. L. L.** “Amor e Morte em Marcial”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 33-48.

**BRANDÃO, J. L. L.** “Marcial e a Urbe: o meio físico e histórico-social dos epigramas”, in C. S. Pimentel, J. L. L. Brandão e P. Fedeli (coordenadores). *O Poeta e a Cidade no Mundo Romano*. Humanitas Supplementum, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 134-161.

**CAMPBELL, B.** *War and Society in Imperial Rome 31 BC-AD 284*. London and New York, Routledge, 2002.

**CARETTONI, G.** “La X Regione: Palatium”, in *L’Urbs: Espace Urbain et Histoire (Ier siècle av. J.-C. – IIIe siècle ap. J. -C.) — Actes du Colloque International de Rome*. Rome, École Française de Rome, 1987, pp. 771-779.

**CASSON, L.** *Everyday Life in Ancient Rome*. Ancient Studies, Baltimore and London, The Johns Hopkins University Press, 1998.

**CECCO, E. ; MANSILLA, A. M.** “La clientela en la época de los Flavios según el testimonio de Marcial”, *Revista de estudios clásicos*. Vol. 27, 1998, pp. 23-55.

**CENNI, C.** *Ovidio e Marziale tra Poesia e Retorica*. Bologna, Università di Bologna, 2009.

**CESILA, R. T.** *Metapoesia nos Epigramas de Marcial: tradução e análise*. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem — Unicamp, 2004.

**CESILA, R. T..** *O Palimpsesto Epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de BÍlbilis*. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem —Unicamp, 2008.

**CHAMBERT, R..** “L’Espagne de Lucain et de Martial”, in J.-M. André (Actes réunis et présentés par). *Hispanité et romanité*. Collection de la Casa de Velázquez, Madrid, Casa de Velázquez, 2004, pp. 59-80.

**CHOUQUER, G..** “Théâtres et Amphithéâtres, Codes de l’Espace Romanisé”, in J. Annequin (numéro édité par). *Dialogues d’histoire ancienne*. Vol. 11, Centre de Recherche d’Histoire Ancienne, 69, et Annales Littéraires de l’Université de Besançon, 330, Paris, Les Belles Lettres, 1985, pp. 12-23.

**CITRONI, M..** “Satira, epigramma, favola”, in F. Montanari (editore). *La poesia Latina — Forme, Autori Problemi*. Roma, La Nuova Italia Scientifica, 1991, pp. 133-208.

**CITRONI, M..** “Musa Pedestre”, in G. Carvallo, P. Fedelli e A. Giardina (editori). *Lo Spazio Letterario di Roma Antica — La Produzione del Testo*. Vol 1, Salerno Editrice, 1993, pp. 311-341.

**CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M; NARDUCCI, E..** *Literatura de Roma Antiga*. Tradução de I. Hipólito e M. Miranda e revisão de W. Medeiros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

**CIZEC, E..** *L’époque de Trajan, circonstances politiques et problèmes idéologiques*. Bucarest et Paris, Les Belles Lettres, 1983.

**CIZEC, E..** “La littérature et les cercles culturels et politiques à l’époque de Trajan”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Vol. II.33.1, 1989, pp. 3-35.

**CLARKE, K.** “*In arto et inglorius labor: Tacitus’s Anti-history*”, in A. K. Bowman, H. M. Cotton, M. Goodman and S. Price (editors). *Representations of Empire: Rome and the Mediterranean World*. Proceedings of The British Academy, Oxford, Oxford University Press, 2002 (2004 reprint).

**COLEMAN, K. M.** “The empereur Domitian and literature”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Vol. II.32.5, 1986, pp. 3087-3115.

**COLEMAN, K. M.** “The *liber spectaculorum*: perpetuating the ephemeral”, in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998, pp. 15-36.

**COLTON, R. E.** *Juvenal’s use of Martial’s Epigrams: a Study of Literary Influence*. Las Palmas, Adolf M. Hakkert, 1991.

**CONNORS, C.** “Imperial space and time: The literature of leisure”, in O. Taplin (editor). *Literature in the Roman World*. Oxford, Oxford University Press, 2000, pp. 208-234.

**CONTE, G. B.** *Latin Literature: A History*. Translation by Joseph B. Solodow, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1994 and <sup>2</sup>1999.

**CORDEIRO, A.** “A Indelével Busca da Luz na Obra de Hugo Santos”, in A. F. Nogueira (coordenadora). *Otium et Negotium: As Antíteses na Antiguidade — Actas do IV Colóquio da APEC*. Lisboa, Vega, 2007, pp. 49-60.

**CORDEIRO, A.** “Classicismo e modernidade na obra de Hugo Santos”, in *Al Límite — I Congreso de la SEEPLU*. Cáceres, Editorial Avuelapluma, 2010, pp. 360-374.

**COSTA, J. M.** “O Anfiteatro de César: a única obra que a Fama há-de celebrar”, in F. de Oliveira, C. Teixeira e P. B. Dias (coordenadores). *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. 1 — Línguas e Literaturas: Grécia e Roma, Humanitas Supplementum, Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 199-206.

**COULANGES, F.** *La Cité Antique*. Champs Classiques, Paris, Flammarion, 1864 (réimpression 1984).

**CRISTÓBAL, V.** “Marcial en la Literatura Española”, in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 145-210.

**CUARTERO SANCHO, M. P.** “Pervivencia de Marcial en la Prosa Castellana del Siglo de Oro”, in J. Iso Echegoyen y A. Encuentra Ortega (directores). *Hominem pagina nostra sapit — Marcial, 1900 años después*. Zaragoza, Diputación General de Aragón, Institución Fernando El Católico y Universidad de Zaragoza, 2004, pp. 323-367.

**DAMON, C.** *The Mask of the Parasite: A Pathology of Roman Patronage*. Michigan, The University of Michigan Press, 42000.

**DEMARIA, R.; BROWN R. D.** (editors). *Classical Literature and its Reception: an Anthology*. Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2007.

**DEZOTTI, J. D.** *O Epigrama Latino e a sua Expressão Vernácula*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1990.

**DOLÇ, M.** *Hispania y Marcial: contribución al conocimiento de la España antigua*. Filología Clásica, 13, Barcelona, Escuela de Filología, 1953.

**DOLÇ, M.** "Due passioni di Marziale, Roma e Hispania", in *Colloquio italo-spagnolo sul tema: Hispania Romana*. Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1974, pp. 109-125.

**DOLÇ, M.** "Marcial, entre Roma y Bilbilis" in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 11-22.

**DOMINIK, W. J.** "Statius", in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 514-527.

**DUFF, J. W.** *Roman Satire — Its Outlook on Social Life*. Hamden, Archon Books, 1964.

**ECK, W.** *The Age of Augustus*. s. l., Blackwell Publishing, 2003.

**ECKSTEIN, A.** "Conceptualizing Roman Imperial Expansion under the Republic: An Introduction", in N. Rosenstein and R. Morstein-Marx (editors). *A Companion to the Roman Republic*. Blackwell Companions to the Ancient World, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2006, pp. 567-589.

**EDER, W.** "Augustus and the Power of Tradition", in K. Galinsky (editor). *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge, Cambridge University Press, 2005, pp. 13-32.

**ERMATINGER, J. W..** *The Decline And Fall Of The Roman Empire*. Greenwood Guides to Historic Events of the Ancient World, Westport, Greenwood Publishing Group, 2004.

**ESPÍRITO SANTO, A. M..** “*Toto notus in orbe Martialis: a recepção de Marcial na Idade Média*”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 209-224.

**ÉTIENNE, R..** *Le Siècle d’Auguste*. Paris, Armand Colin Éditeur, 1989.

**EVANS, J. A. S..** *The Emperor Justinian And The Byzantine Empire*. Greenwood Guides to Historic Events of the Ancient World, Westport, Greenwood Publishing Group, 2005.

**EVERITT, A..** *Augustus: The Life of Rome’s First Emperor*. New York, Random House Books, 2006.

**FANTUZZI, M.; HUNTER, R..** *Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004.

**FEARNLEY, H..** “Reading the Imperial Revolution: Martial, *Epigrams* 10”, in A. J. Boyle and W. J. Dominik (editors). *Flavian Rome — Culture, Image, Text*. Leiden and Boston, Brill, 2003, pp. 613-635.

**FEDELI, P..** “Marziale catulliano” in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de



Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 161-189.

**FERREIRA, P. S..** “Marcial e o Teatro”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 87-116.

**FILIFE, R..** *O legado clássico em Bocage — A elegia erótica latina e os sonetos amorosos bocageanos*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2010.

**FITZGERALD, W..** *Martial — The World of the Epigram*. Chicago and London, The University of Chicago Press, 2007.

**FOLEY, J. M..** “Introduction”, in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 1-6.

**FONTAN PEREZ, A..** “Marcial y Estacio: Dos vates contemporáneos, dos poéticas opuestas”, in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. I, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 339-356.

**FORSYTHE, G..** *A Critical History of Early Rome: from Prehistory to the First Punic War*. Berkeley, University of California Press, 2005.

**FOWLER, D. P.** "Martial and the book", in A. J. Boyle (editor). *Roman Literature and Ideology — Ramus essays for J.P. Sullivan*. Victoria, Aureal Publications, 1995, pp. 199-226.

**FRANCHET D'ESPÈREY, S.** "Vespasian, Titus et la littérature", *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Vol. II.32.5, 1986, pp. 3048-3086.

**FRASCHETTI, A.** *Auguste et Rome*. Suivi de **PAVOLINI, C.** *Ostie, port et porte de Rome*. Amphi 7 — Histoire, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2002.

**FREEMAN, P.** *Julius Caesar*. New York, Simon & Schuster, 2008.

**FREUDENBURG, K.** "Introduzione: la satira a Roma", in K. Freudenburg, A. Cucchiarelli e A. Barchiesi (editori). *Musa pedestre — storia e interpretazione della satira in Roma antica*. Traduzione dall'inglese e riadattamento a cura di A. Cucchiarelli, Roma, Carocci, 2007, pp. 13-33.

**GALINSKY, K.** *Augustan Culture: An Interpretative Introduction*. Princeton and Chichester, Princeton University Press, 1998.

**GANIBAN, R. T.** *Statius and Virgil. The Thebaid and the Reinterpretation of the Aeneid*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

**GARNSEY, P; SALLER, R.** *The Roman Empire: Economy, Society and Culture*. London, Duckworth, 1987 (1996 reprint).

**GARRIDO-HORY, M.** *Martial et l'Esclavage*. Centre de Recherche d'Histoire Ancienne, 40, et Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 255, Paris, Les Belles Lettres, 1981.

**GARRIDO-HORY, M.** "Le statut de la clientèle chez Martial", in J. Annequin (numéro édité par). *Dialogues d'histoire ancienne*. Vol. 11, Centre de Recherche

d'Histoire Ancienne, 69, et Annales Littéraires de l'Université de Besançon, 330, Paris, Les Belles Lettres, 1985, pp. 381-414.

**GARTHWAITE, J..** *Domitian and the court poets Martial and Statius*. Michigan, Ann Arbor, 1978.

**GARTHWAITE, J..** "The Panegyrics of Domitian in Martial, Book 9", *Ramus*. Vol. 22, 1993, pp. 78-102.

**GARTHWAITE, J..** "Putting a Price on Praise: Martial's Debate with Domitian in Book 5", in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998(a), pp. 157-172.

**GARTHWAITE, J..** "Patronage and Poetic Immortality in Martial, Book 9", *Mnemosyne*. Vol. 51, 1998(b), pp. 161-175.

**GARTHWAITE, J..** "Re-evaluating Epigrammatic Cycles in Martial, Book Two", *Ramus: Critical Studies in Greek and Roman Literature*. Vol. 30, N°. 1, 2001, pp. 46-55.

**GENTILI, B..** "Realtà e Intellettualismo negli 'Epigrammi' di Marziale", in B. Gentili, L. Stupazzini e M. Simonetti (editori). *Storia della Letteratura Latina*. Collezione Scolastica, Bari e Roma, Laterza, 1987.

**GIOVANNONI, G..** "Building and Engineering", in C. Bailey (editor). *The Legacy of Rome*. Oxford, Clarendon Press, 1923, pp. 429-474.

**GOLD, B. K..** "Accipe Diuitias et Vatum Maximus Esto: Money, Poetry, Mendicancy and Patronage in Marcial", in A. J. Boyle and W. J. Dominik (editors). *Flavian Rome — Culture, Image, Text*. Leiden and Boston, Brill, 2003, pp. 591-612.

**GOODMAN, M..** *The Roman World: 44 BC-AD 180*. The Routledge History of the Ancient World, London and New York, Routledge, 1997.

**GRAÇA, I.** “Marcial e os Banhos de Roma”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 117-136.

**GRAÇA, I.** “Presença de Marcial em *Os Dias Inventados* de Luís Filipe Castro Mendes”, in C. de Miguel Mora (coordenador). *Sátira, paródia e caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2003, pp. 265-277.

**GRAÇA, I.** *Roma na Poesia de Marcial: imagens e ecos de um espaço físico e social*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2011.

**GRADEL, I.** *Emperor Worship and Roman Religion*. Oxford Classical Monographs, Oxford and New York, Oxford University Press, 2002.

**GRAF, F.** “La satira e il rito”, in K. Freudenburg, A. Cucchiarelli e A. Barchiesi (editori). *Musa pedestre — storia e interpretazione della satira in Roma antica*. Traduzione dall’inglese e riadattamento a cura di A. Cucchiarelli, Roma, Carocci, 2007, pp. 117-131.

**GREENWOOD, M. A. P.** “‘Talking to Water’: An Epigram-Cycle in Martial, Book 4 (4.18; 4.22; 4.63)”, *Rheinisches Museum*. Vol. 141, 1998, pp. 367-372.

**GRELLE, F.** “La ‘correctio morum’ nella legislazione flavia”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*. Vol. II.13, 1980, pp. 340-365.

**GRIFFIN, J.** *Latin Poets and Roman Life*. Bristol, Bristol Classical Press, 1985 (1999 reprint).

**GUNDERSON**, E.. "The Flavian Amphitheatre: all the World as Stage", in A. J. Boyle and W. J. Dominik (editors). *Flavian Rome — Culture, Image, Text*. Leiden and Boston, Brill, 2003, pp. 637-658.

**HABINEK**, T.. *The Politics of Latin Literature: writing, identity, and Empire in Ancient Rome*. Princeton and Oxford, Princeton University Press, 1998.

**HARDIE**, P.. *The Epic Successors of Virgil: a study in the dynamics of a tradition*. Roman Literature and its Contextes, Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

**HENDERSON**, J.. "Form Remade/Statiu's *Thebaid*", in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 162-191.

**HENRIKSÉN**, C.. "Martial's Modes of Mourning — Sepulchral Epitaphs in the Epigrams", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 349-367.

**HIRST**, G. M.. "Note on Martial 9.73.7", *The Classical Weekly*. Vol. 19, Nº. 8, 1925, p. 66.

**HOLZBERG**, N.. *Martial und das antike Epigramm*. Stuttgart, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2002.

**HOLZBERG**, N.. "Onomato-Poetics: A Linear Reading of Martial 7.67-70", in J. Booth and R. Maltby (editors). *What's In A Name? The Significance of Proper Names in Classical Latin Literature*. Swansea, The Classical Press of Wales, 2006, pp. 143-168.

**HOMO, L. P.** *Roman Political Institutions: from City to State*. Translation by M. R. Dobie, The History of Civilization, London, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., L<sup>td</sup>., 1929.

**HOPE, V.** "The city of Rome: capital and symbol", in J. Huskinson (editor). *Experiencing Rome — Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. Ancient History, London and New York, Routledge, 2000, pp. 64-94.

**HOOPER, F.** *Roman Realities*. Detroit, Wayne State University Press, 1979.

**HOWELL, P.** "Martial's Return to Spain", in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998, pp. 173-186.

**HOWELL, P.** *Martial*. Ancients in Action, London, Bristol Classical Press, 2009.

**JEHNE, M.** "Methods, Models, and Historiography", in N. Rosenstein and R. Morstein-Marx (editors). *A Companion to the Roman Republic*. Blackwell Companions to the Ancient World, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2006, pp. 3-28.

**JENKYN, R.** "Silver latin Poetry and the Latin Novel", in J. Boardman, J. Griffin and O. Murray (editors). *The Oxford Illustrated History of the Roman World*. Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 267-287.

**JONES, B. W.** *The Emperor Domitian*. London and New York, Routledge, 1992.

**JUSTE SANCHEZ, M.-R.** "Marcial y la poesía aragonesa de la segunda mitad del siglo XVII", in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. I, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza,

Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 125-129.

**KANTOROWICZ, E. H.** *The King's Two Bodies — A Study in Medieval Political Theology*. Princeton and Chichester, Princeton University Press, 1997.

**KYLE, D. G.** *Spectacles of Death in Ancient Rome*. London and New York, Routledge, 2001.

**LANÇON, B.** *Les Romains*. Idées Reçues, Paris, Le Cavalier Bleu — Éditions, 2005.

**LAPOUJADE, L. A.** *Hacia una génesis del epigrama en Marcial: Xenia y Apophoreta*. México, Facultad de Filosofía y Letras y División de Estudios de Posgrado de la Universidad Nacional Autónoma de México, 2000.

**LARASH, P.** *Martial's lector, the practice of reading, and the emergence of the general reader in Flavian Rome*. Berkeley, University of California, 2004.

**LARASH, P.** "Review Article: *Reading Martial in the Twenty-First Century: Recent Work by Fusi, Moreno Soldevila, Spisak, and Fitzgerald*", *International Journal of the Classical Tradition*. Vol. 15, Nº. 2, 2008, pp. 233-261.

**LÁZARO CARRETER, F.** *De poética y poéticas*. Madrid, Cátedra, 1990.

**LE BOHEC, Y.** *El Ejército Romano — Instrumento para la Conquista de un Imperio*. Traducción de I. Hierro con Revisión Científica por F. Gracia Alonso, Barcelona, Ariel, 2004.

**LEÃO, D. F.** "Marcial e a javalina prenhe — três variações sobre um tema", *Boletim de Estudos Clássicos*. Vol. 32, 2000, pp. 47-52.

**LEÃO, D. F.** “‘Zoilo e Trimalquião’: duas variações sobre o tema do novo-rico”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 191-208.

**LEARY, T. J.** “Martial’s Early Saturnalian Verse”, in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998, pp. 37-47.

**LEITE, L. R.** *O patronato em Marcial*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

**LEITE, L. R.** “Saturnalia — Tempo de Presentes”, in A. T. B. Vieira e A. L. Teixeira (organizadores). *Intertextualidade e Pensamento Clássico — Anais da XXV Semana de Estudos Clássicos*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006, pp. 103-108.

**LEITE, L. R.** *O Universo do Livro em Marcial*. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

**LE MOS, F.** “Causídico, Patrono ou Advogado nos Epigramas de Marcial”, in A. F. Nogueira (coordenadora). *Otium et Negotium: As Antíteses na Antiguidade — Actas do IV Colóquio da APEC*. Lisboa, Vega, 2007, pp. 127-137.

**LEVICK, B.** *Vespasian*. London and New York, Routledge, 1999.

**LING, R.** “Roman Art and Architecture”, in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint), pp. 287-316.



LINTOTT, A. W.. "Imperial Expansion and Moral Decline in the Roman Republic", *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. Vol. 21, Nº. 4, 1972, pp. 626-638.

LLOYD, L. J.. "Erotion: A Note on Martial", *Greece and Rome*. Vol. 22, Nº. 64, 1953, pp. 39-41.

LOEWENSTEIN, K.. *The Governance of Rome*. The Hague, Martinus Nijhoff, 1973.

LÓIO, A. M.. "De rio lamacento a corrente cristalina: a transformação do espaço e da paisagem em *Siluas* 4.3", in F. de Oliveira, C. Teixeira e P. B. Dias (coordenadores). *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*. Vol. 1 — Línguas e Literaturas: Grécia e Roma, Humanitas Supplementum, Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 207-214.

LOMAS, K.. "Roman Imperialism and the city in Italy", in R. Laurence e J. Berry (editors). *Cultural Identity in the Roman Empire*. London and New York, Routledge, 2001, pp. 64-78.

LÓPEZ FÉREZ, J. A.. *Historia de la Literatura Griega*. Madrid, Cátedra, 1988.

LORENZ, S.. "Waterscape With Black and White: Epigrams, Cycles, and Webs in Martial's *Epigrammaton Liber Quartus*", *American Journal of Philology*, Vol. 125.2, 2004, pp. 255-278.

LUCAS, H.. "Martial's *Kalendae Nataliciae*", *The Classical Quarterly*. Vol. 32, 1938, pp. 5-6.

LUGLI, G.. "La Roma di Domiziano nei versi di Marziale e di Stazio", *Studi Romani*. Nº. 9, 1961, pp. 1-17.

**LUQUE MORENO, J..** “Los versos del epigrama de Marcial”, in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 263-281.

**LUTTWAK, E. N..** *The Grand Strategy of the Roman Empire: From the First Century A.D. to the Third*. Johns Hopkins Paperback Series, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1976 (1979 reprint).

**LYNE, R. O. A. M.** “Augustan Poetry and Society”, in J. Boardman, J. Griffin and O. Murray (editors). *The Oxford Illustrated History of the Roman World*. Oxford, Oxford University Press, 2001, pp. 182-205.

**MAESTRE, J. M..** “En torno al influjo de Marcial en el humanista alcañizano Domingo Andrés”, in J. Iso Echegoyen y A. Encuentra Ortega (directores). *Hominem pagina nostra sapit — Marcial, 1900 años después*. Zaragoza, Diputación General de Aragón, Institución Fernando El Católico y Universidad de Zaragoza, 2004, pp. 415-440.

**MALAMUD, M. A. ; MCGUIRE, D. T..** “Flavian Variant: Myth. Valerius’ *Argonautica*”, in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 192-217.

**MANTKE, J..** “Do we know Martial’s parents? (Mart. V 34)”, *Eos — Commentarii Societatis Philologiae Polonorum*. Vol. 57, 1967-1968, pp. 234-244.

**MARINA SÁEZ, R. M..** *La métrica de los epigramas de Marcial: esquemas rítmicos y esquemas verbales*. Zaragoza, Institución “Fernando el Católico”, 1998.

**MARKS, W. J..** "Silius Italicus", in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 528-537.

**MARTIN, R.; GAILLARD, J..** *Les genres Littéraires à Rome*. Paris, Nathan, 1981.

**MARTIN, R. P..** "Epic as Genre", in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 9-19.

**MEDEIROS, W..** "O poeta que buscava um amor", *Biblos — Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*. Vol. 64, 1988, pp. 1-15.

**MEDEIROS, W..** "A cinza falante do poeta. Na celebração dos 1900 anos da morte de Marcial.", in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 5-11.

**MEIJER, F..** *The Gladiators: History's Most Deadly Sport*. Translated by Liz Waters, London, Souvenir Press, 2005.

**MELO, A..** "Desporto e Solidariedade: um Testemunho Escolar Quinhentista", in A. F. Nogueira (coordenadora). *Otium et Negotium: As Antíteses na Antiguidade — Actas do IV Colóquio da APEC*. Lisboa, Vega, 2007, pp. 157-170.

**MERLI, E..** "Identity and Irony — Martial's Tenth Book, Horace, and the Tradition of Roman Satire", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 257-270.

**MEYER, E. A.** "Epigraphy and Communication", in M. Peachin (editor). *The Oxford Handbook of Social Relations in the Roman World*. Oxford, Oxford University Press, 2011, pp. 191-226.

**MIGUEL MORA, C. de.** "Os limites de uma comparação: *ut pictura poesis*", *Ágora — Estudos Clássicos em Debate*. Nº. 6, 2004, pp. 7-26.

**MOLYNEUX, J. H.** *Simonides — A Historical Study*. Wauconda, Bolchazy-Carducci Publishers, 1992.

**MOMMSEN, T.** *A History of Rome under the Emperors*. Based on the lecture notes of S. and P. Hensel, edited by B. and A. Demandt, translated by C. Krojzl, London and New York, Routledge, 1999.

**MORELLI, A. M.** "Sighs of lost love : the Rufus cycle in Martial (1.68 and 1.106)", *Classical Philology*. Vol. 104, Nº. 1, 2009, pp. 34-49.

**MORGAN, A. G.** *69 AD: The Year of Four Emperors*. Oxford, Oxford University Press, 2006.

**MORIN, E.** *Introduction à la pensée complexe*. Collection Communication et Complexité, Paris, ESF Éditeur, 1990.

**MYERS, K. S.** "Imperial Poetry", in D. S. Potter (editor). *A Companion to the Roman Empire*. Malden, Blackwell Publishing, 2006, pp. 439-452.

**NAUTA, R. R.** *Poetry for Patrons: Literary Communication in the Age of Domitian*. Leiden, Boston and Köln, Brill, 2002.

**NAUTA, R. R.** "The *Recusatio* in Flavian Poetry", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006(a), pp. 21-40.

**NAUTA, R. R.** (editor). *Desultoria scientia. Genre in Apuleius' Metamorphoses and Related Texts*. Leuven, Peeters, 2006(b).

**NEWLANDS, W. J.** "Ovid", in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 476-491.

**NORTH, J.** "The Constitution of the Roman Republic", in N. Rosenstein and R. Morstein-Marx (editors). *A Companion to the Roman Republic*. Blackwell Companions to the Ancient World, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2006, pp. 256-277.

**OLIVEIRA, F. de.** "Teatro e poder em Roma", in J. Torrão (editor). *As Línguas Clássicas — Investigação e Ensino*. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1993, pp. 121-142.

**OLIVEIRA, F. de.** "Actividades lúdicas em Roma", in F. de Oliveira (coordenador). *O Espírito Olímpico no novo milénio*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000, pp. 111-126.

**OLLERO GRANADOS, D.** "Marcial y el Humanismo", in J. R. Costas (director). *Actas del Simposio sobre Marco Valerio Marcial, Poeta de Bilbilis y de Roma*. Vol. II, Calatayud, Universidad Nacional de Educación a Distancia — Centro Asociado de Calatayud, Diputación Provincial de Zaragoza, Caja de Ahorros de la Inmaculada, Ayuntamiento de Calatayud y Centro de Estudios Bilbilitanos, 1986, pp. 327-337.

**OLTRAMARE, J. P.** "Les Épigrammes de Martial et le Témoignage qu'elles apportent sur la Société Romaine", *Bulletin de l'Institut National Genevois*. Vol. 36, 1905, pp. 37-60.

**PAOLI, U. E.** "Il Poeta di Roma Vivente", in U. E. Paoli. *Cane del Popolo — Uomini e Cose del Mondo Antico*. Firenze, Felice Le Monnier, <sup>2</sup>1956, pp. 551-567.

**PAOLI, U. E.** *Rome — Its People, Life and Customs*. Translated from the Italian by R. D. Macnaghten, London, Bristol Classical Press, 1990 (1999 reprint).

**PARATORE, E.** *História da Literatura Latina*. Tradução de M. Losa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

**PARRONI, P.** "Gli 'stulti parentes' di Marziale e il prezzo di una vocazione (Nota a Mart. 9.73)", in *Studi di Poesia Latina in Onore di Antonio Traglia*. Tomo II, Storia e Letteratura — Racolta di Studi e Testi, Vol. 147, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1979, pp. 833-839.

**PARRONI, P.** "Nostalgia di Roma nell'ultimo Marziale", *Vichiana*. Vol. 13, 1984, pp. 126-134.

**PATERSON, J.** "The Idea of Rome", in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997(a) (1998 reprint), pp. 1-48.

**PATERSON, J.** "Rome's New Kings (31 BC — AD 476)", in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997(b) (1998 reprint), pp. 49-82.

**PATERSON, J.** "Production and Consumption", in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997(c) (1998 reprint), pp. 181-207.

**PATTERSON, J. R.** *Political Life in the City of Rome*. Classical World Series, London, Bristol Classical Press, 2000.

**PEREIRA, M. H. da R..** *Estudos de História da Cultura Clássica*. Vol. II — Cultura Romana, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, <sup>3</sup>2001.

**PEREIRA, V. S..** “Da caducidade dos impérios: o caso de Roma”, *Diacrítica*. Nº21/2, Série Filosofia/Cultura, 2007, pp. 275-300.

**PEREIRA, V. S..** “Inveja e Emulação em... Plínio-o-Moço”, in B. F. Pereira e J. Deserto (organizadores). *Symbolon II — Inveja e Emulação*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, pp. 103-124.

**PEREIRA, V. S..** “Plantas de uso terapêutico e alimentar em Amato Lusitano e Diogo Pires”, in A. M. L. Andrade, J. M. Torrão, J. Costa e J. Costa (organização e coordenação editorial). *Humanismo, Diáspora e Ciência: séculos XVI E XVII — Estudos, Catálogo, Exposição*. Porto, Universidade de Aveiro e Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2013, pp. 313-326.

**PIMENTEL, C. S..** “Marcial moralizado: o risco da literatura fragmentária”, *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica*. Vol. 19, 1991, pp. 109-120.

**PIMENTEL, C. S..** “Marcial anacronizado: um cronista de hoje na Roma de ontem”, *Euphrosyne — Revista de Filologia Clássica*. Vol. 20, 1992(a), pp. 165-186.

**PIMENTEL, C. S..** “Outros textos para o ensino do Latim: um epigrama de Marcial”, *Classica — Boletim de Pedagogia e Cultura*. Vol. 18, 1992(b), pp. 83-89.

**PIMENTEL, C. S..** *A Adulatio em Marcial*. Lisboa, Universidade de Lisboa, 1993.

**PIMENTEL, C. S..** “O espírito agónico no Alto Império Romano”, in F. de Oliveira (coordenador). *O Espírito Olímpico no novo milénio*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2000, pp. 127-150.

**PIMENTEL, C. S.** “Teatro, actores e público no Alto Império Romano”, in M. F. Brasete (coordenadora). *Máscaras, Vozes e Gestos: nos caminhos do teatro clássico*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001, pp. 329- 348.

**PIMENTEL, C. S.** “*Barbam uellere mortuo leoni*”, in C. de Miguel Mora (coordenador). *Sátira, Paródia e Caricatura: da Antiguidade aos nossos dias*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2003, pp. 179- 198.

**PIMENTEL, C. S.** “Política e história nos Epigramas de Marcial”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 13-32.

**PIMENTEL, C. S.** “A Roma dos Flávios: gente e sentimentos nos *Epigramas* de Marcial”, in C. S. Pimentel, J. L. L. Brandão e P. Fedeli (coordenadores). *O Poeta e a Cidade no Mundo Romano*. Humanitas Supplementum, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2012, pp. 121-133.

**PORTOLANO, A.** *Lettura di Marziale*. Napoli, Casa Editrice Federico & Ardia, 1975.

**POTTER, D. S.; MATTINGLY, D. J.** *Life, Death and Entertainment in the Roman Empire*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 2002.

**PRICE, S.** “The Roman Mind”, in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint).



**PURCELL, N.** "The Life of the City", in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint), pp. 140-180.

**QUINT, D.** *Epic and Empire — Politics and Generic Form From Virgil to Milton*. Literature in History, Princeton, Princeton University Press, 1993.

**REINHOLD, M.; SWAN, P. M.** "Cassius Dio's Assessment of Augustus", in K. A. Raaflaub and M. Toher (editors). *Between Republic and Empire — Interpretations of Augustus and His Principate*. Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press, 1993, pp. 155-173.

**RIMELL, V.** *Martial's Rome — Empire and the Ideology of Epigram*. Cambridge, Cambridge University Press, 2008.

**ROBINSON, C.** *A History of the Roman Republic*. New York, Thomas Y. Crowell Company Publishers, 1932.

**ROMAN, L.** "The representation of literary materiality in Martial's Epigrams", *The Journal of Roman Studies*. Vol. 91, 2001, pp. 113-145.

**ROSENSTEIN, N.; MORSTEIN-MARX, R.** "The Transformation of the Republic", in N. Rosenstein and R. Morstein-Marx (editors). *A Companion to the Roman Republic*. Blackwell Companions to the Ancient World, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2006, pp. 625-637.

**RUSHFORTH, G. McN.** "Architecture and Art", in C. Bailey (editor). *The Legacy of Rome*. Oxford, Clarendon Press, 1923, pp. 385-427.

**SALEMME, C.** *Marziale e la "Poetica" degli Oggetti — Struttura dell'Epigramma di Marziale*. Napoli, Società Editrice Napoletana, 1976.

**SALLER, R.** "Patronage and friendship in early imperial Rome: drawing the distinction", in A. Wallace-Hadrill (editor). *Patronage in Ancient Society*. Leicester-Nottingham Studies in Ancient Society, Vol. 1, London and New York, Routledge, 1989, pp. 49-62.

**SANTANGELO, F.** *Sulla, the Elites and the Empire: A Study of Roman Policies in Italy and the Greek East*. Leiden, Boston and Köln, Brill, 2007.

**SANTOSUOSSO, A.** *Storming the Heavens: Soldiers, Emperors, and Civilians in the Roman Empire*, History and Warfare, Boulder and Oxford, Westview Press.

**SAPSFORD, F.** "Linking the Epigrams With A Theme: The Example of Martial, Books Two and Three", *Rosetta*. Vol. 6, 2009, pp. 44-62.

**SAPSFORD, F.** "Martial's 'Epic': *Os Impurum* and Oral Sex in the Epigrams", *Rosetta*. Vol. 7.5, 2009, pp. 14-18.

**SCHNUR, H. C.** "Again 'Was Martial Really Married?'" , *The Classical World*. Vol. 72, Nº. 2, 1978 (October), pp. 98-99.

**SCHOONMAKER, E.** *The World Storm and Beyond*. New York, The Century Co., 1915.

**SCHRIJVERS, P. H.** "Silius Italicus and the Roman Sublime" in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 97-111.

**SCULLARD, H. H.** *Festivals and Ceremonies of the Roman Republic*. New York, Cornell University Press, 1981.

**SEO, J. M.** "Plagiarism and poetic identity in Martial", *American Journal of Philology*. Vol 130, Nº. 4, 2009, pp. 567-593.

**SHOTTER, D.** *Tiberius Caesar*. London and New York, Routledge, 1992.

**SHOTTER, D.** *The Fall of the Roman Republic*. Lancaster Pamphlets in Ancient History, London and New York, Routledge, 2005(a).

**SHOTTER, D.** *Augustus Caesar*. Abingdon and New York, Routledge, 2005(b).

**SHOTTER, D.** *Nero*. London and New York, Routledge, 2005(c).

**SIDWELL, K.** "Epilogue: The Ghosts of Rome", in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint), pp. 317-327.

**SMITH, K. F.** "Martial, the Epigrammatist", in W. P. Mustard (editor). *Martial, the Epigrammatist, and Other Essays*. Baltimore, The John Hopkins Press, 1920, pp. 1-38.

**SOCAS, F.** "Lemmata sola legas. Una revisión de *Xenia* y *Apophoreta*", in J. Iso Echegoyen y A. Encuentra Ortega (directores). *Hominem pagina nostra sapit — Marcial, 1900 años después*. Zaragoza, Diputación General de Aragón, Institución Fernando El Católico y Universidad de Zaragoza, 2004, pp. 227-246.

**SPAETH, Jr., J. W.** "The Daily Life of a Roman Gentleman in the First Century A. D.", *The Classical Weekly*. Vol. 17, Nº. 12, 1924, pp. 90-95.

**SPAETH, Jr., J. W.** "Martial looks at his World", *The Classical Journal*. Vol. 24, Nº 5, 1929, pp. 361-373.

**SPAETH, Jr., J. W.** "Martial and the Roman Crowd", *The Classical Journal*. Vol. 27, Nº 4, 1932, pp. 244-254.

**SPAETH, Jr., J. W.** "Martial and the Pasquinade", *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. Vol. 70, 1939, pp. 242-255.

**SPISAK, A. L.** *Martial — A Social Guide*. London, Duckworth, 2007.

**STIRLING, L.** "Art, Architecture, and Archaeology", in D. S. Potter (editor). *A Companion to the Roman Empire*. Malden, Blackwell Publishing, 2006, pp. 75-97.

**STROUP, S. C.** "Invaluable Collections: the Illusion of Poetic Presence in Martial's *Xenia* and *Apophoreta*", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 299-314.

**SULLIVAN, J. P.** "Was Martial Really Married? A Reply.", *The Classical World*. Vol. 72, N<sup>o</sup>. 4, 1978 (December) -1979 (January), pp. 238-239.

**SULLIVAN, J. P.** *Martial — The Unexpected Classic: A Literary and Historical Study*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991 (2004 reprint).

**SULLIVAN, J. P.** "Form Opposed: Elegy, Epigram, Satire", in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 143-161.

**SVEN, L.** "Waterscape with black and white : epigrams, cycles, and webs in Martial's *Epigrammaton Liber Quartus*", *American Journal of Philology*, Vol. 125, N<sup>o</sup>. 2, 2004, pp. 255-278.

**SWANN, B.** "*Sic Scribit Catullus*: The Importance of Catullus for Martial's Epigrams", in F. Grewing (editor). *Toto notus in orbe: Perspektiven der Martial Interpretation*. Palingenesia LXV, Stuttgart, Franz Steiner, 1998, pp. 48-58.

**SYME, R.** "Imperator Caesar: A Study in Nomenclature", *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte, Revue d'Histoire Ancienne, Journal of Ancient History, Rivista di Storia Antica*. Vol. 7, N<sup>o</sup>. 2, 1958, pp. 172-188.

**SYME, R.** *The Roman Revolution*, Oxford, Oxford University Press, <sup>14</sup>2002.

**SZELEST, H.** “Martial — eigentlicher Schöpfer und hervorragendster Vertreter des rômischen Epigramms”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt*, Vol. II.32.4, 1986, pp. 2563-2623.

**TAYLOR, D.** *Roman Society*. Inside the Ancient World, London, Bristol Classical Press, 1997 (1999 reprint).

**TAYLOR, R.** *Public Needs and Private Pleasures: Water Distribution, the Tiber River and the Urban Development of Ancient Rome*. Studia Archaeologica, Roma, L'Erma di Bretschneider, 2000.

**TEMPEST, K.** *Cicero: Politics and Persuasion in Ancient Rome*. London and New York, Continuum International Publishing Group, 2011.

**TILBURG, C. van.** *Traffic and Congestion in The Roman Empire*. London and New York, Routledge, 2007.

**TORRÃO, J. M.** “Marcial entre o público e os críticos ou a difícil escolha entre agradar aos convivas ou aos cozinheiros”, in A. A. Nascimento (coordenador). *De Augusto a Adriano — Actas de Colóquio de Literatura Latina*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2000, pp. 455-462.

**TORRÃO, J. M.** “Autores de referência na obra de Marcial”, in C. S. Pimentel, D. F. Leão e J. L. L. Brandão (coordenadores). *Toto notus in orbe Martialis — Celebração de Marcial 1900 anos após a sua morte*. Coimbra e Lisboa, Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e Departamento de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 137-159.

**TORRÃO, J. M.** “As potencialidades didácticas da obra de Marcial”, in V. S. Pereira e A. L. Curado (organizadoras). *A Antiguidade Clássica e nós: herança e*

*identidade cultural — Actas*. Braga, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2006, pp. 207-217

**TORRÃO, J. M.; ANDRADE, A. M. L.** “Os labirintos da cidade: Marcial em Roma”, *Ágora — Estudos Clássicos em Debate*. Nº. 10, 2008, pp. 63-80.

**TORRÃO, J. M.; COSTA, J. M.** “Inveja e Emulação em... Marcial: A vida e os seus costumes temperados com sal romano”, in B. F. Pereira e J. Deserto (organizadores). *Symbolon II — Inveja e Emulação*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, pp. 71-101.

**UREÑA PRIETO, M. H.** “Roma a Vencedora Vencida”, in A. F. Nogueira (coordenadora). *Otium et Negotium: As Antíteses na Antiguidade — Actas do IV Colóquio da APEC*. Lisboa, Vega, 2007, pp. 1-8.

**VERDIÈRE, R.** “A quelle époque vécut T. Calpurnius Siculus?”, *Neronia*. Vol. III, 1987, pp. 125-138.

**VEYNE, P.** *The Roman Empire*. Translated by Arthur Goldhammer, Cambridge and London, The Belknap Press of Harvard University Press, 32002.

**VIERNEISEL, K.; ZANKER, P.** *Die Bildnisse des Augustus: Herrscherbild und Politik im kaiserlichen Rom — Sonderausstellung der Glyptothek und des Museums für Abgüsse Klassischer Bildwerke München*. München, Glyptothek, 1979.

**WALLACE-HADRILL, A.** *Augustan Rome*. Classical World Series, London, Bristol Classical Press, 1993 (1998 reprint).

**WALLACE-HADRILL, A.** “The Roman Family”, in P. Jones and K. Sidwell (editors). *The World of Rome — An Introduction to Roman Culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997 (1998 reprint), pp. 208-234.

**WATSON, L.** "The Unity of Martial's *Epigrams*", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 271-284.

**WATSON, P.** "Erotion: *puella delicata?*", *The Classical Quarterly*. New Series, Vol. 42, N<sup>o</sup>. 1, 1992, pp. 253-268.

**WATSON, P.** "The Originality of Martial's Language", *Glotta*. 78. Bd., 1./4. H., 2002, pp. 222-257.

**WATSON, P.** "Contextualizing Martial's Metres", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 285-298.

**WELCH, K.** *The Roman Amphitheatre From Its Origins to the Colosseum*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

**WELLESLEY, K.** *The Year of the Four Emperors*. London and New York, Routledge, 2000.

**WEST, M. L.** *Studies in Greek Elegy and Iambus*. Untersuchungen zur antiken Literatur und Geschichte, Berlin, Walter de Gruyter, 1974.

**WHIPPLE, T. K.** *Martial and the English Epigram from Sir Thomas Wyatt to Ben Jonson*. University of California Publications in Modern Philology, Vol. 10, Berkeley, University of California Press, 1925.

**WHITE, P.** "The Presentation and Dedication of the *Siluae* and *Epigrams*", *The Journal of Roman Studies*. Vol. 64, 1974, pp. 40-61.

**WHITE, P.** "*Amicitia* and the Profession of Poetry in Early Imperial Rome", *The Journal of Roman Studies*. Vol. 68, 1978, pp. 74-92.

**WIEDEMANN, T.** *The Julio-Claudian Emperors*. London, Bristol Classical Press, <sup>3</sup>1997.

**WILLIAMS, C.** "Identified Quotations and Literary Models: the example of Martial 2.41", in R. R. Nauta, H.-J. Van Dam and J. J. L. Smolenaars (editors). *Flavian Poetry*. Mnemosyne Supplementa, Leiden, Brill, 2006, pp. 329-348.

**WILLIAMS, G.** *Change and Decline: Roman Literature in the Early Empire*. Sather Classical Lectures, Vol. 45, Berkeley, Los Angeles and London, University of California Press, 1978.

**WILLIAMS, M.** "Jews and Jewish communities in the Roman empire", in J. Huskinson (editor). *Experiencing Rome — Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. Ancient History, London and New York, Routledge, 2000, pp. 305-334.

**WILSON, M.** "Flavian Variant: History. Silius' *Punica*", in A. J. Boyle (editor). *Roman Epic*. London and New York, Routledge, 1993 (1996 reprint), pp. 218-236.

**WOOLF, G.** *Rome: An Empire's Story*. Oxford, Oxford University Press, 2012.

**ZANKER, P.** *The Power of Images in the Age of Augustus*. Translated by A. Shapiro, Jerome Lectures, 16<sup>th</sup> ser., Ann Arbor, The University of Michigan Press, <sup>18</sup>2007.

**ZISSOS, A.** "Navigating genres: Martial 7.19 and the «Argonautica» of Valerius Flaccus", *The Classical Journal*. Vol. 99, N<sup>o</sup>. 4, 2004, pp. 405-422.

**ZISSOS, A.** "Valerius Flaccus", in J. M. Foley (edited by). *A Companion to Ancient Epic*. Blackwell Companions to the Ancient World: Literature and Culture, Malden, Oxford and Carlton, Blackwell Publishing, 2005, pp. 503-513.

**ZOSSO, F.; ZINGG, C.** *Les Empereurs Romains 27 av. J.-C. — 476 ap. J.-C.*. Paris, Editions Errance, <sup>3</sup>2002.



#### IV — DEMAIS OBRAS

**CARVALHO, M..** *Um Deus Passeando Pela Brisa da Tarde*. Lisboa, Caminho, 82003.

**DAVIS, L..** *O Ouro de Poseidon*. Tradução de M. J. Figueiredo, Nocturnos, Lisboa, Gótica, 2004.

**SAYLOR, S..** *O Triunfo de César*. Tradução de M. J. Figueiredo, Roma Sub Rosa, Lisboa, Bertrand Editora, 2008.

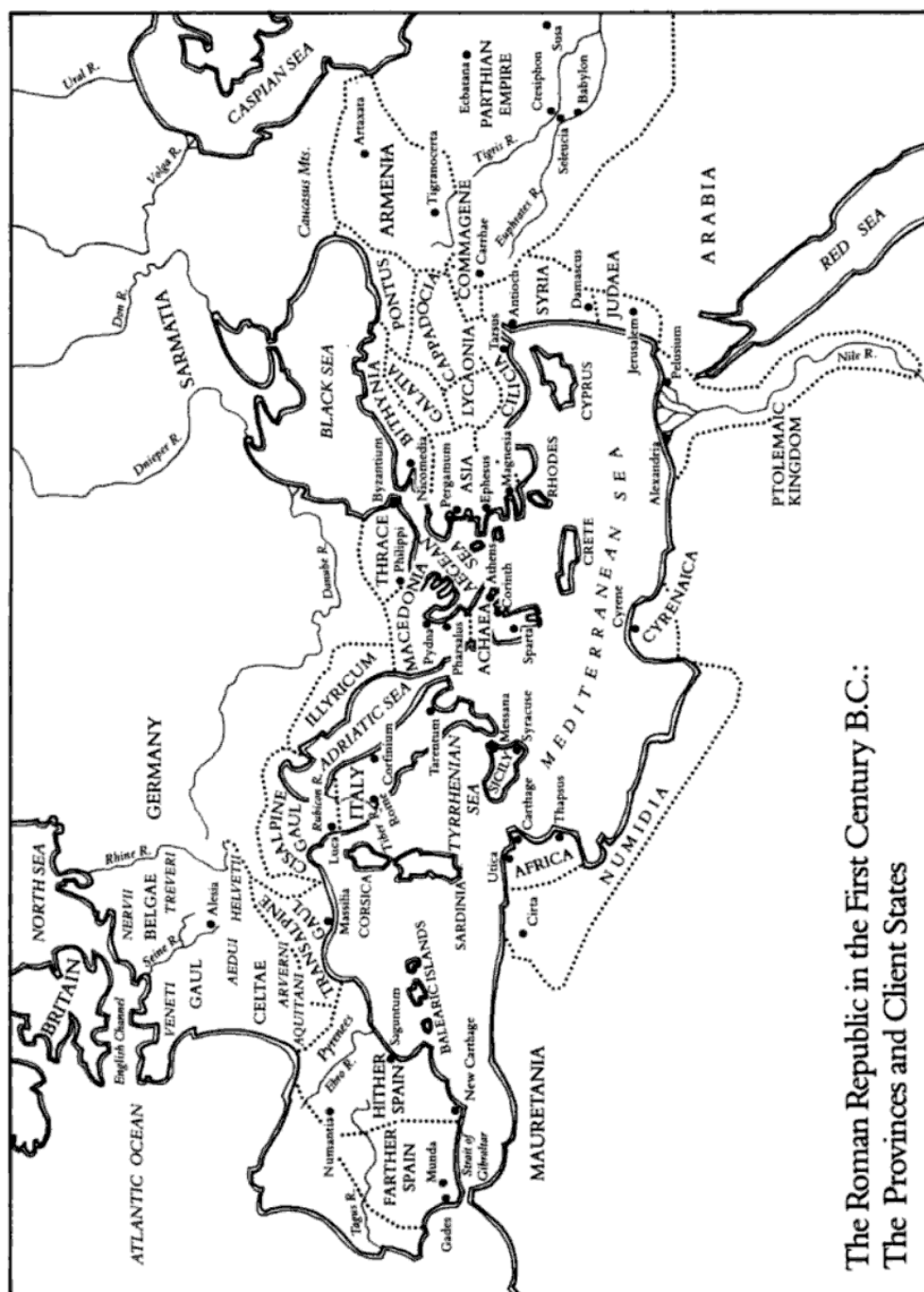


## ADENDAS



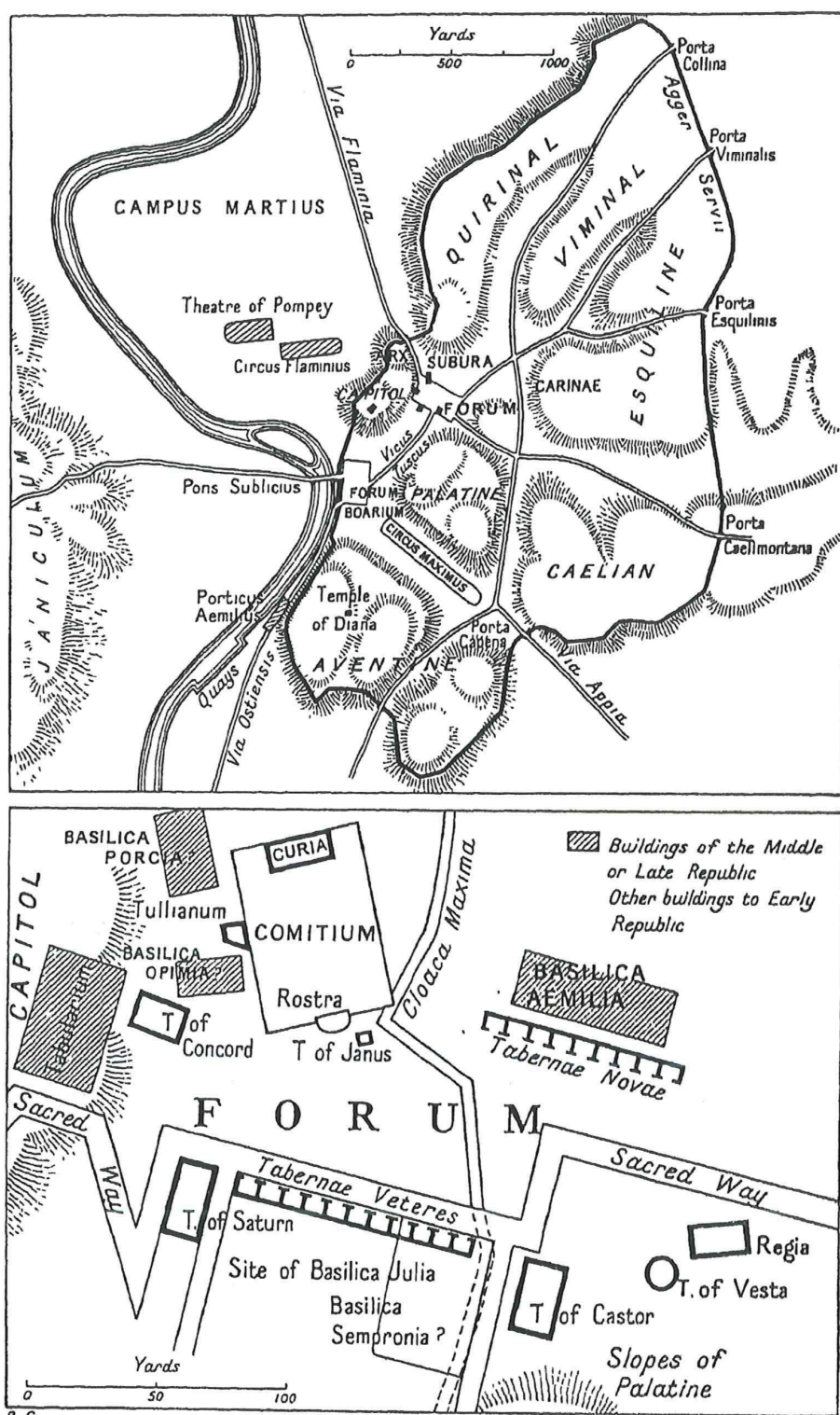
# I – TABVLAE GEOGRAPHICAE

## 1. O Mundo Romano sob a República



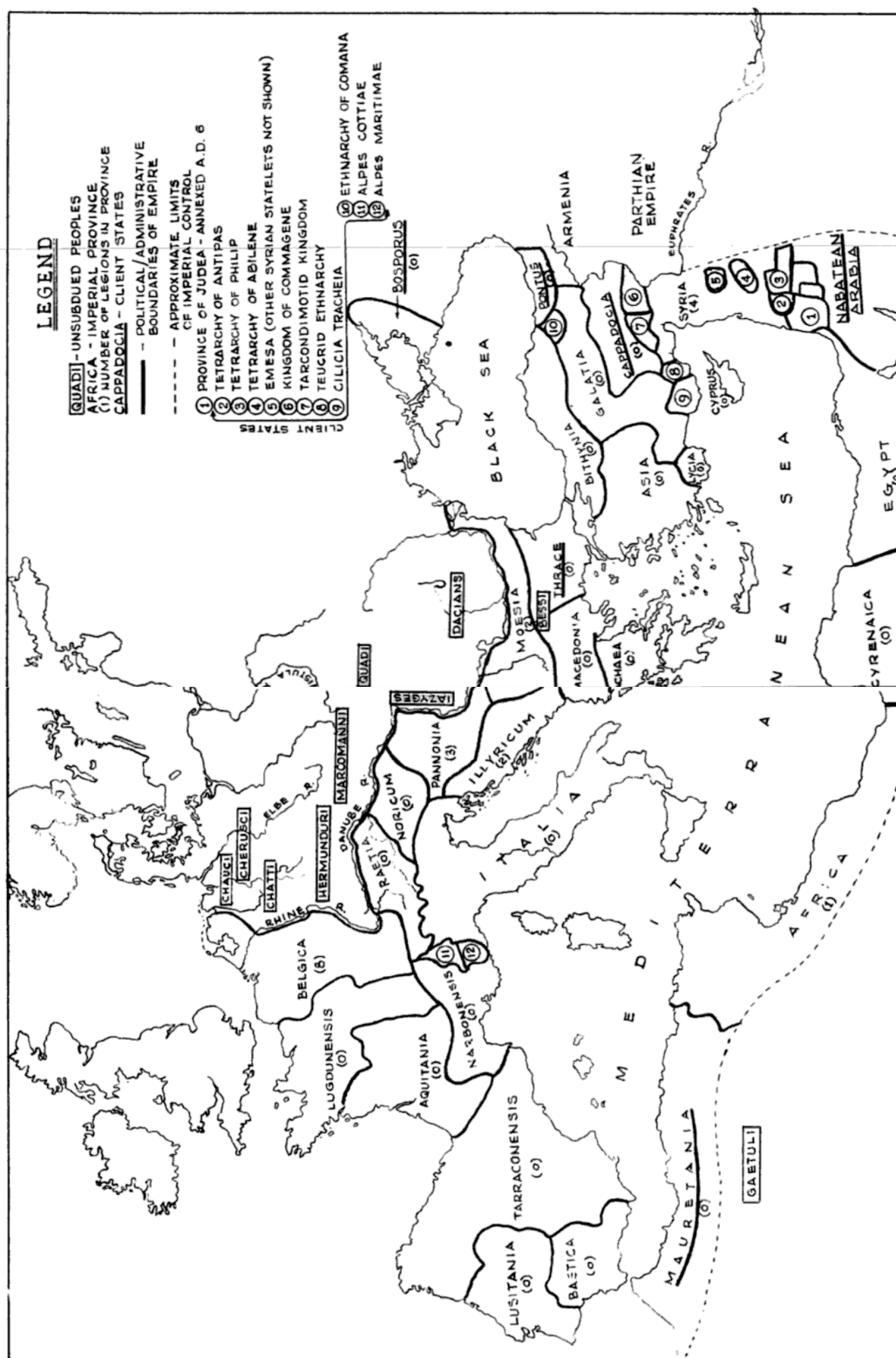
Mapa 1. *Tabula* das Províncias Romanas e demais Estados Clientes da República, no século I a.C. (mapa extraído de F. Hooper 1979: 235).

## 2. A Roma Republicanana



Mapa 2. Roma e o seu *Forum*, durante a República (mapa extraído de C. Robinson 1932: XII).

### 3. O Mundo de Augusto



Mapa 3. *Tabula do Império*, cerca de 23 a.C. (mapa extraído de E. N. Luttwak 1976 (1979 reprint): 10-11).



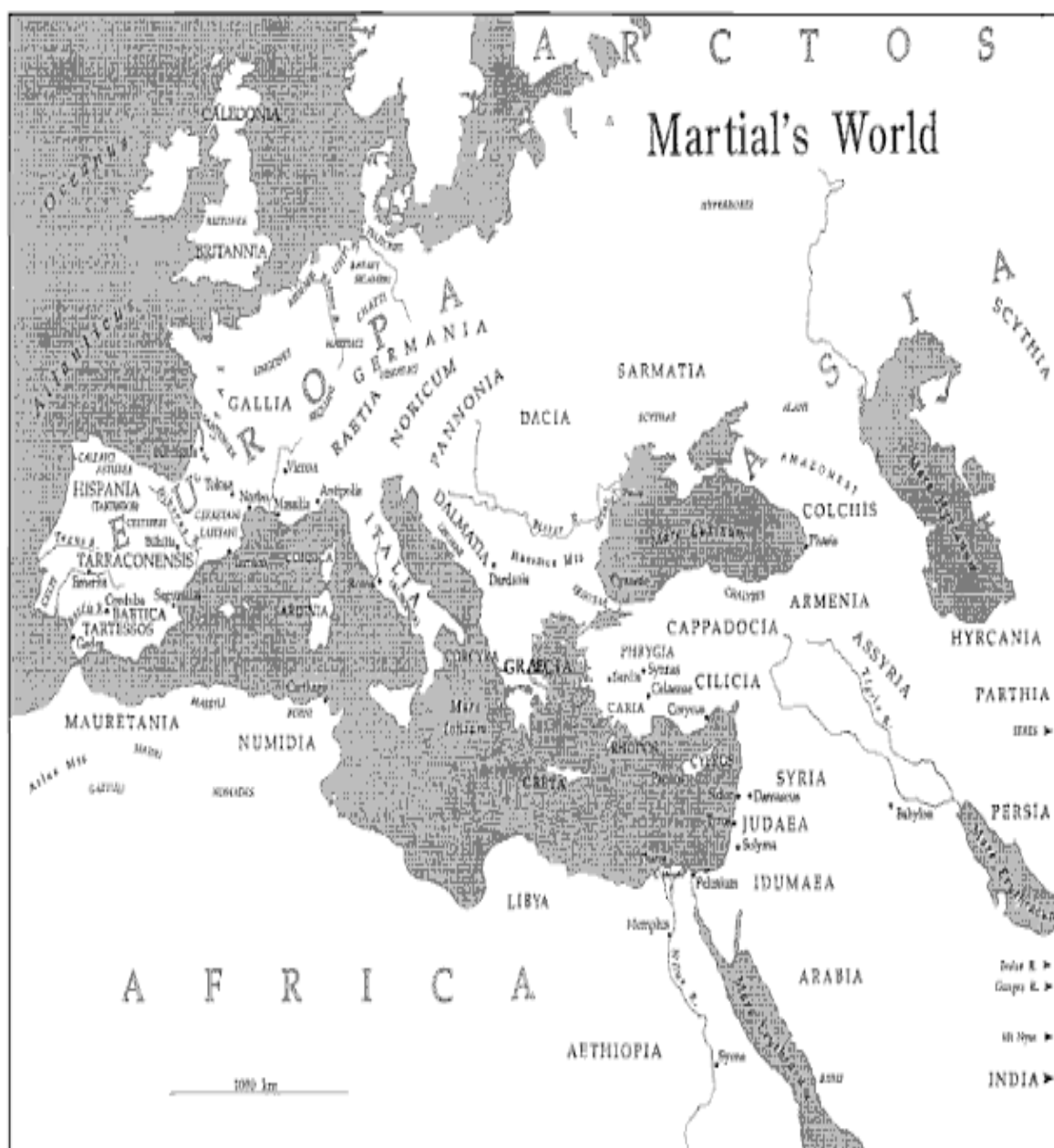
#### 4. A Roma legada por Augusto



Mapa 4. A face de Roma sob a égide de Augusto (mapa extraído do Projeto *The Digital Augustan Rome Website* da Universidade do Arizona, executado por M. Davison, sob a direção de D. G. Romano e N. L. Stapp, entre 2008 e 2012: <http://digitalaugustanrome.org/map/#/rome/filter:0/>).

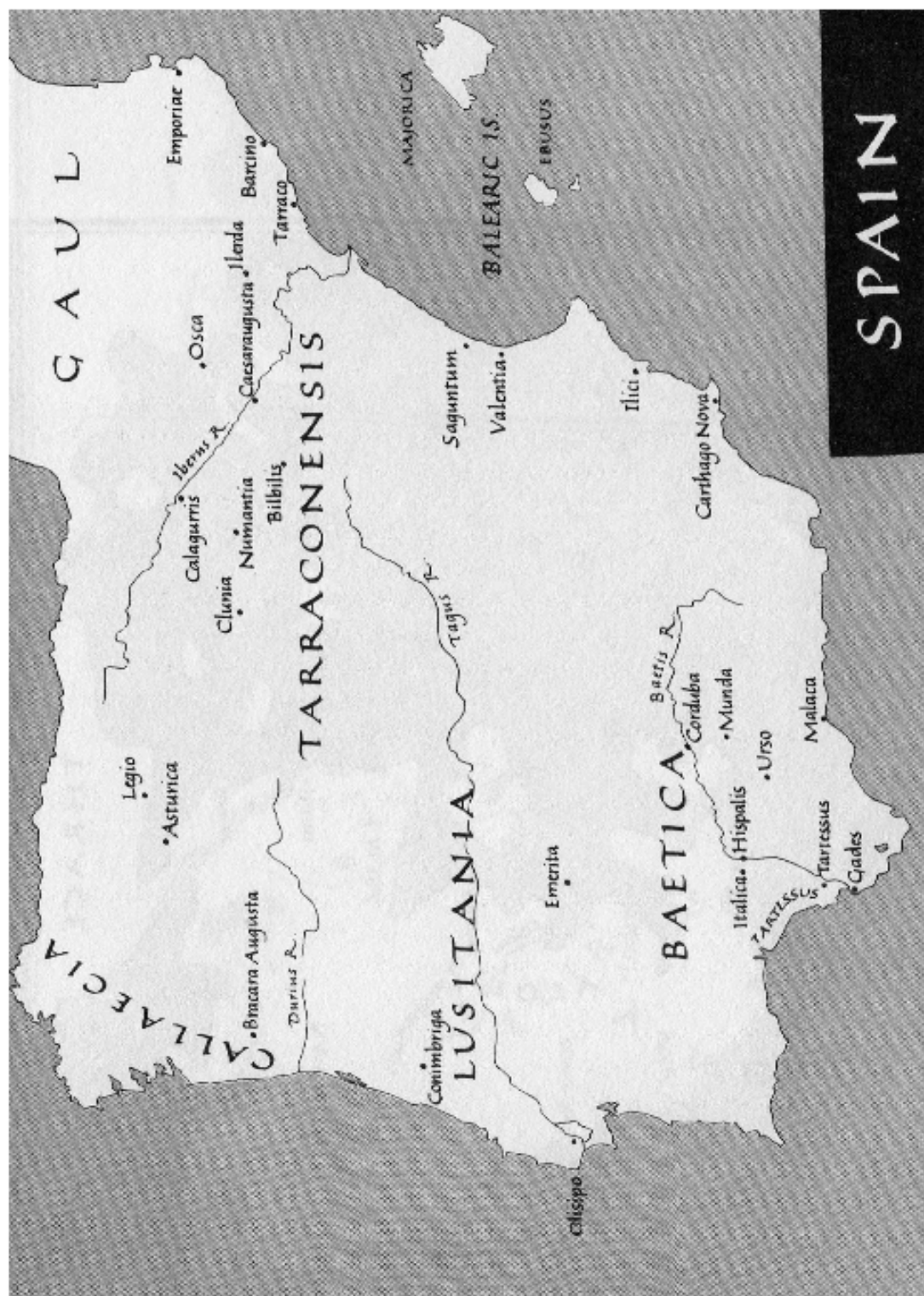


## 5. O Mundo de Marcial



Mapa 5. *Loci* do Império e demais territórios circunstantes referidos na obra de Marcial (mapa extraído de J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint): 390).

## 6. A Hispânia de Marcial



Mapa 6. *Loci* da *Hispânia* referidos na obra de Marcial (mapa de M. Grant 1986 extraído de R. T. Cesila 2008: 275).

## 7. A Itália de Marcial



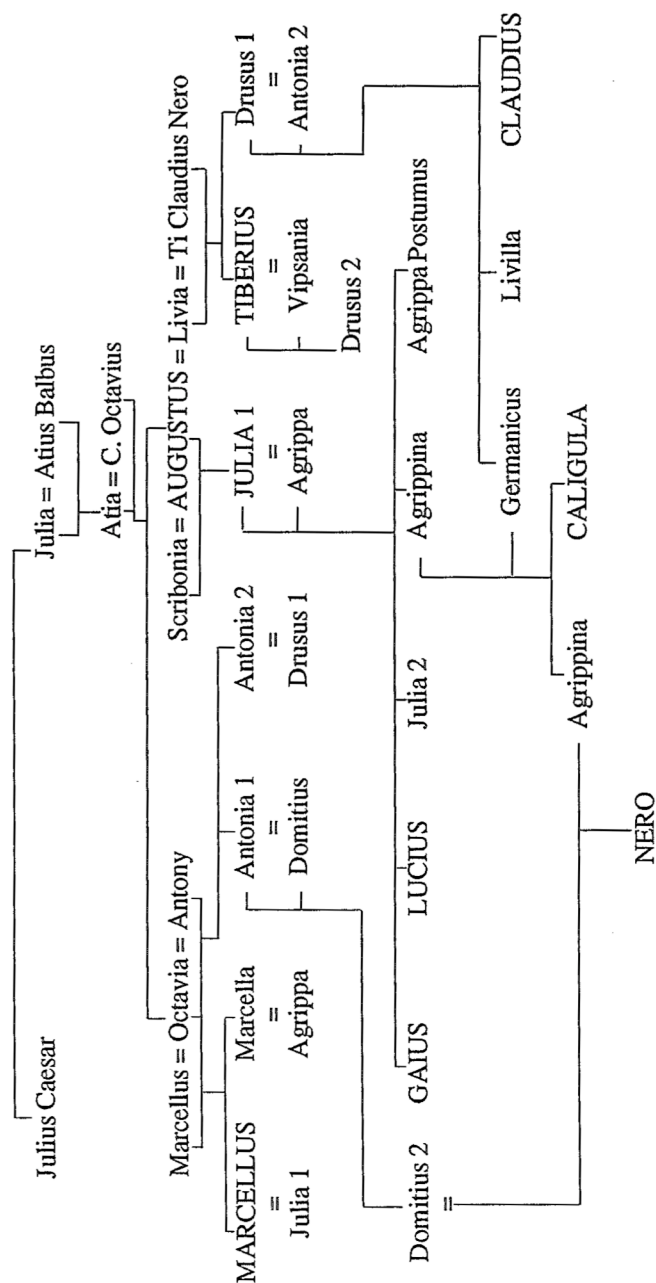
Mapa 7. *Loci* da Península Itálica referidos na obra de Marcial (mapa extraído de J. P. Sullivan 1991 (2004 reprint): 154).

[illegible]

432

## II — TABVLAE GENEALOGICAE

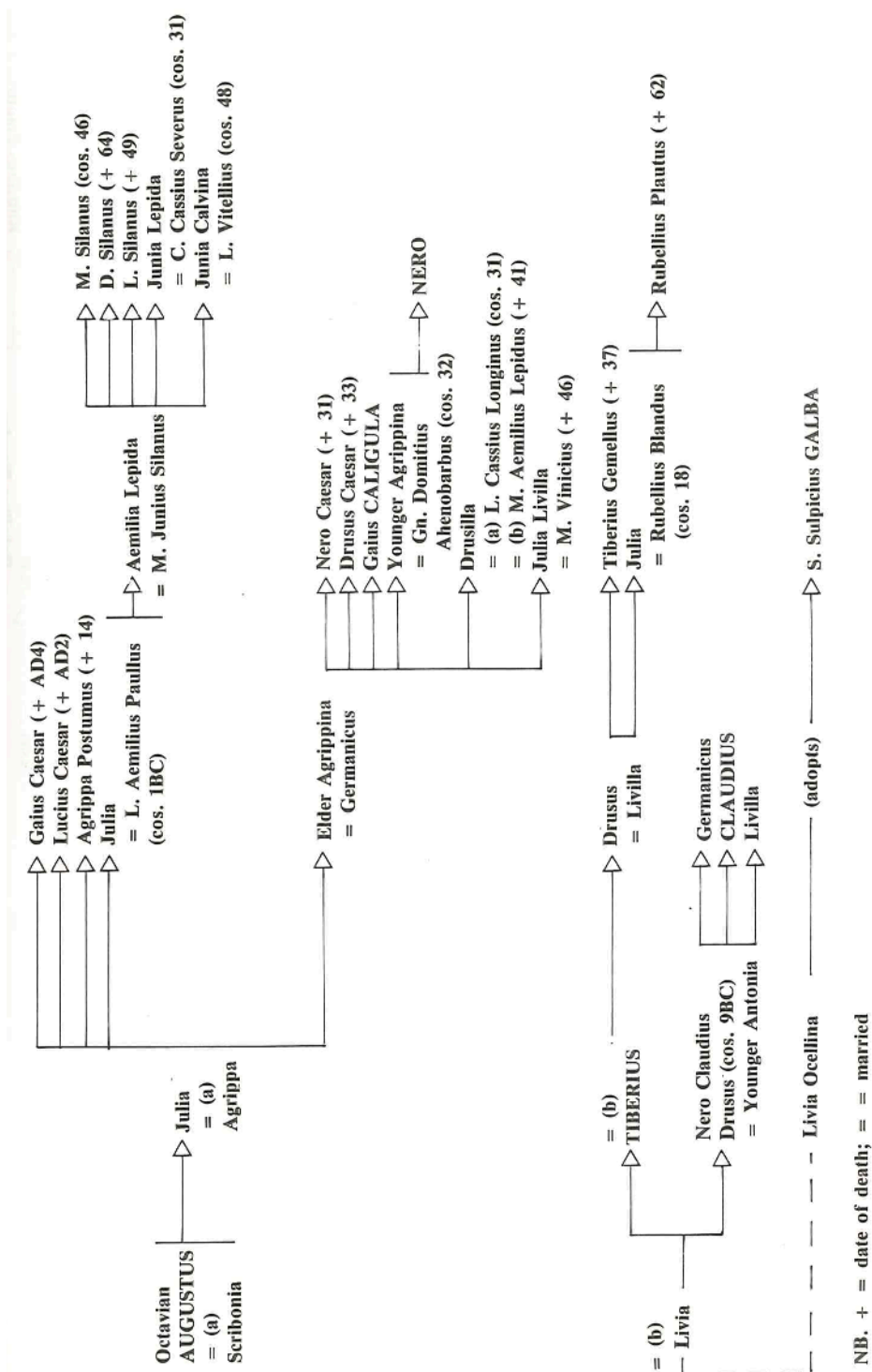
### 1. A Domus Caesarum.



Árvore Genealógica 1. As relações familiares dos descendentes de Júlio César e de Júlia e o respetivo impacto na génese dos Imperadores Júlio-Cláudios (esquema extraído de A. Wallace-Hadrill 1993 (1998 reprint): XII).

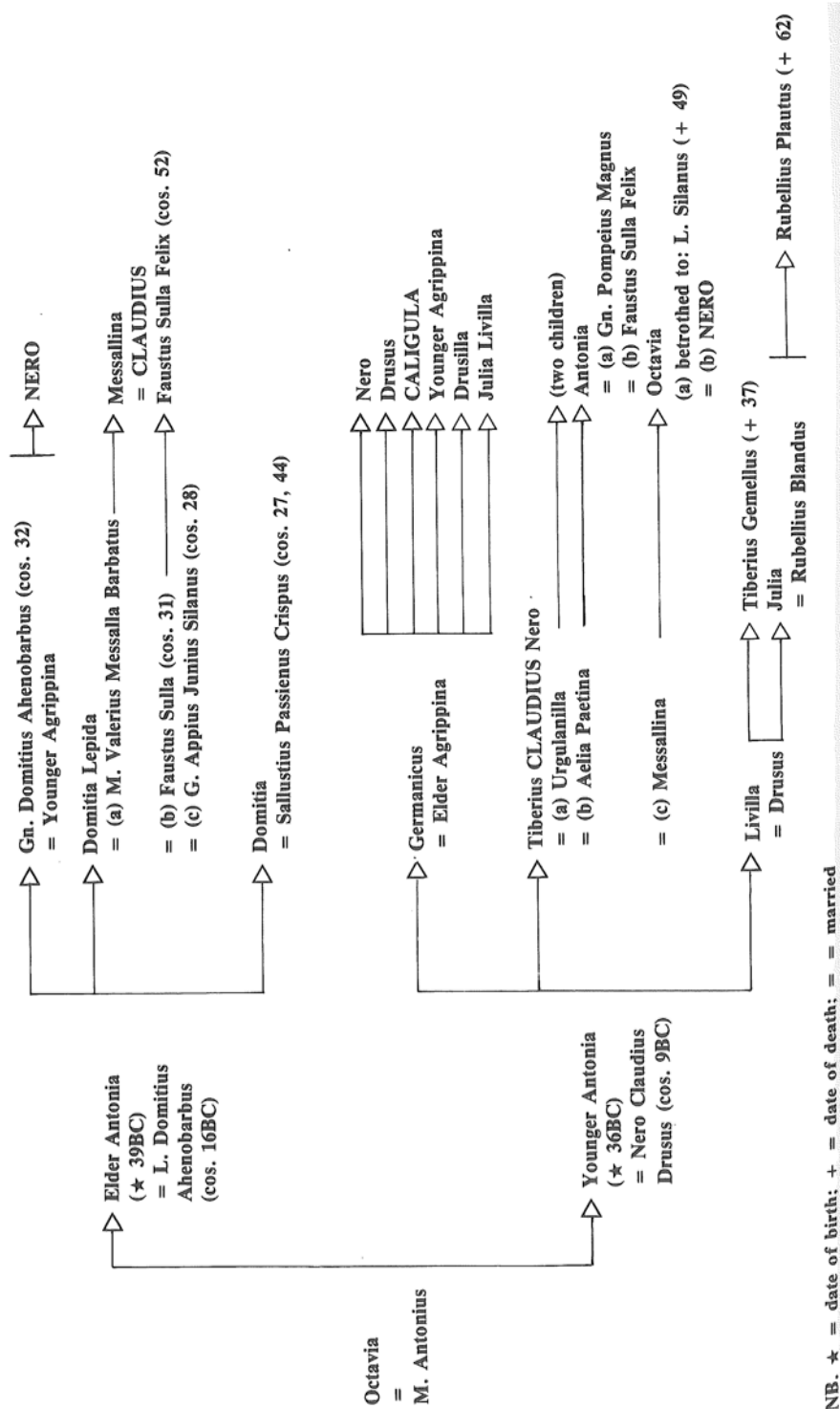


## 2. A descendência de Augusto e Livia.



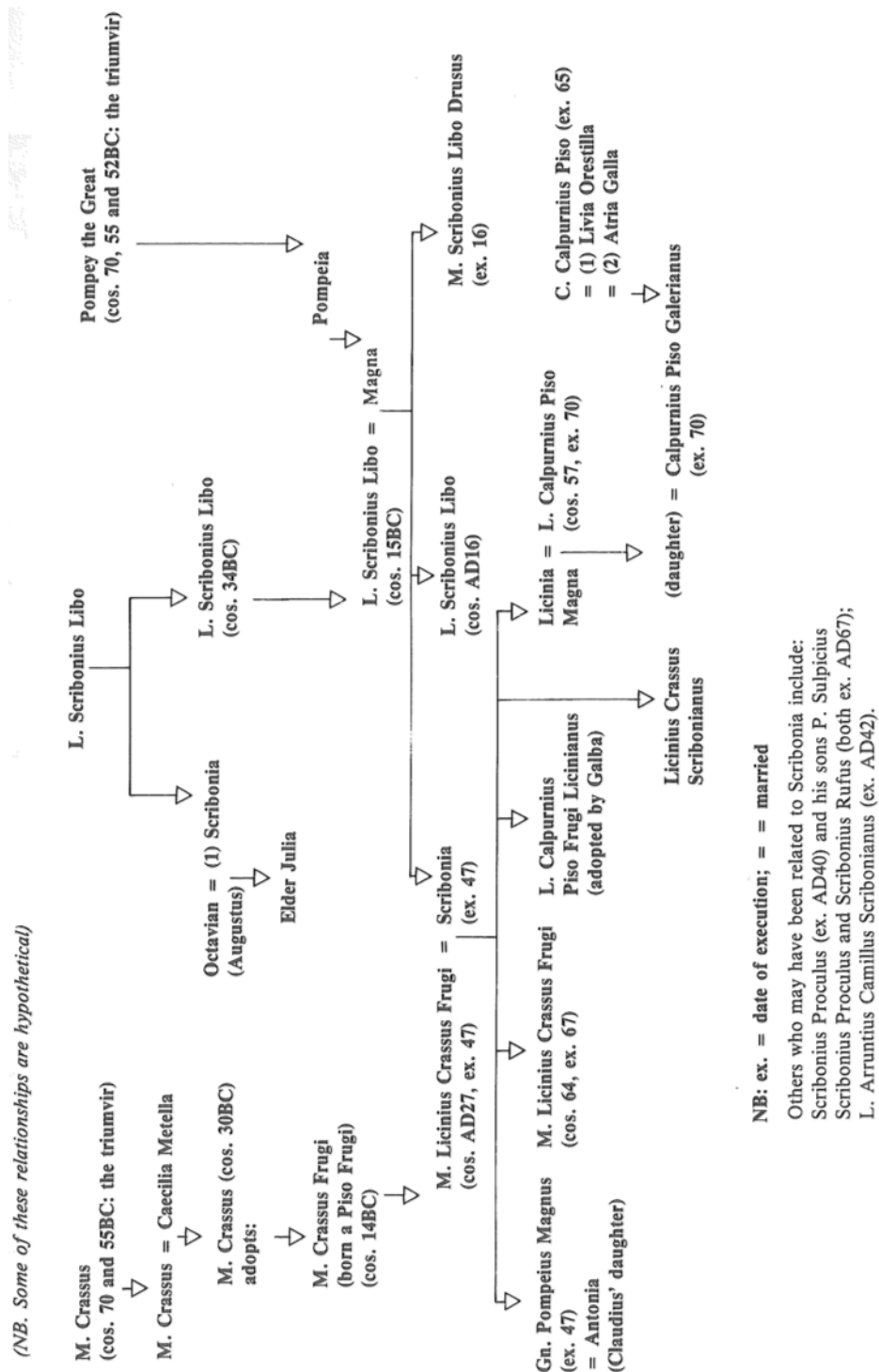
Árvore Genealógica 2. As relações familiares dos descendentes de Augusto e Livia e o respetivo impacto na génese dos Imperadores Júlio-Cláudios (esquema extraído de T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: IX).

### 3. A descendência de Otávia e Marco António.



Árvore Genealógica 3. As relações familiares dos descendentes de Otávia e Marco António e o respetivo impacto na génese dos Imperadores Júlio-Cláudios (esquema extraído de T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: X).

#### 4. A família de Marco Licínio Crasso Frugi.



Árvore Genealógica 4. As relações entre as famílias de Marco Licínio Crasso, Gneu Pompeio Magno, Lúcio Escribônio Libão e Júlio César e o respetivo impacto na *Domus* dos Imperadores Júlio-Cláudios (esquema extraído de T. Wiedemann <sup>3</sup>1997: XI).



## ÍNDICES



# I — INDEX M. VALERII MARTIALIS EPIGRAMMATON

<i>Liber de Spectaculis</i> .....	18, 28, 131, 172, 182, 183, 200, 211, 231, 239, 273, 330
1 .....	28, 182, 183, 273
2 .....	28, 200, 204
3 .....	28, 204, 330
4 .....	204
5 .....	204
6 .....	28, 181, 202, 274
7 .....	202
8 .....	202
12 .....	204
19 .....	202
20 .....	203
23 .....	203
24 .....	202
27 .....	28
28 .....	203
30 .....	272
31 .....	203
32 .....	202
33 .....	203
34 .....	198
37 .....	211
<i>Liber I</i> .....	209
<i>Praef.</i> .....	164, 166, 171, 228, 302
1 .....	15, 52, 137, 164, 348, 350
3 .....	164, 170
4 .....	164, 175, 206, 303, 347
5 .....	21, 175, 208
6 .....	208
7 .....	305
8 .....	296
9 .....	315
10 .....	311
11 .....	323
12 .....	222
13 .....	287
14 .....	208
15 .....	294, 306
16 .....	164, 348
18 .....	308
20 .....	308
21 .....	175
22 .....	208
23 .....	315

24	175, 314
25	175, 294, 305
26	323
28	324
29	319, 322
30	256
31	312
33	301
34	175, 316, 329
35	164, 170, 232
38	320
39	304
41	329
43	309
44	208
48	208
49	24, 29, 30, 341, 343
51	208
52	320
53	186, 321
54	247
55	21
58	316, 329
59	336
60	208
61	29, 147, 175
62	175, 287, 338
63	320
65	315
66	41, 322
67	175
70	41, 196, 232
72	321
73	288, 290
74	288
76	23, 34, 218
77	175, 316
78	295
79	175
81	289
82	222
83	175
84	175, 238
86	283
87	324
88	35, 240, 300
90	175, 315

92	175
93	305
94	175
95	225
96	313
97	223
98	221
101	35, 240
103	310
104	208
105	284
107	48, 51, 53, 135, 146, 340
108	194, 244
110	175
111	222, 303
112	251
113	27
114	300
116	300
117	20, 35, 310
<i>Liber II</i>	20, 185, 297
1	355
2	201, 204, 276
3	311
4	317
6	320
7	317
11	261
12	259
13	225, 311
14	260
16	318
18	251
19	247
20	322
24	249
25	276
26	311
27	323
28	315
29	244, 317
30	34, 219, 307
32	224
33	277
36	232
38	35
39	288

41	166
42	315
43	249
44	307
45	315
46	318
48	279
50	315
51	314
53	250
54	290, 315
55	248
56	288
57	312, 317
58	312
59	297
60	279
61	319
64	223
65	311
66	241
70	315
71	265
73	186, 315
74	222, 245
75	241
82	242
83	289
89	315
90	280
91	33
92	33
93	222
<i>Liber III</i>	48, 337
1	23, 48
4	34, 48, 337
5	21, 306
6	282
7	39
13	242
14	34, 328, 339
16	34, 175
18	266
19	291
26	288
29	243
31	318

32	276
33	278
35	193
36	34, 132, 245
38	23, 36
42	277
44	268
45	268
47	232
50	268
58	176, 232, 343
59	23, 34, 175
60	134
63	331
65	35
68	361
81	233, 327
85	289
91	232, 327
93	175
95	32, 131
99	175
<i>Liber IV</i>	185
4	234, 327
8	41, 194, 195, 222
16	222
18	184
22	184
23	143, 144, 166, 264
43	232
46	220
49	139, 151, 179
55	24, 29
63	184
78	196
89	355, 356
<i>Liber V</i>	37, 208
10	222
13	33, 131
16	31
19	34
20	34, 42, 132
21	222
28	214, 222
29	21
30	140
33	222

34 .....	22, 35, 240, 300
37 .....	22, 35, 240, 300
41 .....	232
46 .....	35
56 .....	23, 34
63 .....	21, 222
64 .....	35
78 .....	331
84 .....	292
<i>Liber VI</i>	
4 .....	125
8 .....	34, 219
25 .....	333
34 .....	35
35 .....	224
38 .....	222
47 .....	21
53 .....	256
60 .....	31
61(60) .....	51
64 .....	186, 222
71 .....	331
82 .....	20
<i>Liber VII</i>	
2 .....	125
8 .....	125
19 .....	180
25 .....	143, 171
30 .....	234, 327
34 .....	37
35 .....	234, 327
44 .....	10, 146, 348
55 .....	234, 235, 327
56 .....	197
63 .....	138
72 .....	20
77 .....	41
80 .....	334
82 .....	234, 327
95 .....	232
98 .....	186
99 .....	32
<i>Liber VIII</i>	
2 .....	20, 37, 208
3 .....	125
7 .....	7, 148, 166, 184, 264, 347, 354
17 .....	224
36 .....	184



39 .....	184
49(50) .....	39, 184
53(55) .....	184
55(56) .....	48, 135, 145, 170
61 .....	32, 146, 337, 347
63 .....	35
65 .....	184
66 .....	125
67 .....	35, 194, 237
69 .....	347
70 .....	214
71 .....	135
73 .....	136
74 .....	254
75 .....	329
76 .....	21
81 .....	328
82 .....	125, 136
<i>Liber IX</i> .....	18
1 .....	125
2 .....	232
3 .....	125
18 .....	35, 41
41 .....	180
42 .....	178
45 .....	334
53 .....	21
68 .....	292
73 .....	23, 34, 130
86 .....	197, 297, 298
93 .....	35
97 .....	32, 33, 35
101 .....	125
<i>Liber X</i> .....	21, 39, 40, 208, 209, 211
2 .....	18, 209
4 .....	9, 10, 145, 189, 348
6 .....	215, 231
9 .....	20, 166, 264, 347, 349
13 .....	40
15(14) .....	307
23 .....	295
24 .....	21, 297
26 .....	299, 335
31 .....	22, 243
34 .....	216, 225
35 .....	285
37 .....	243

41 .....	233, 327, 328
48 .....	39, 194, 258, 340
50 .....	299
52 .....	288
53 .....	299
56 .....	254
58 .....	34
61 .....	35, 240, 300
62 .....	292
63 .....	282
70 .....	34, 133, 134, 248
71 .....	301
72 .....	211
73 .....	275
74 .....	34, 42, 248, 340
75 .....	276, 329
76 .....	34
78 .....	40
82 .....	248
87 .....	221, 222
90 .....	277
92 .....	21, 40, 43
96 .....	34, 40, 341, 344
98 .....	238
103 .....	24, 40
104 .....	40, 44
Liber XI .....	39, 209, 211
1 .....	212
2 .....	213
3 .....	33, 34, 199, 333
4 .....	215
5 .....	214
6 .....	201, 229, 325
8 .....	238
9 .....	138
13 .....	209, 331
16 .....	331
20 .....	199
24 .....	34, 42, 132
26 .....	35, 214
31 .....	262
33 .....	210
38 .....	242
52 .....	267
55 .....	311
58 .....	35
60 .....	255

65	264
71	255
73	35
74	232
77	260
79	264
84	232, 254
86	256
94	234, 327
108	33
<i>Liber XII</i>	18, 20, 47, 211, 239
<i>Praef.</i>	47, 48, 49
3(4)	36, 211
5(2+6,1-6)	213
8	49, 216, 345
15	210
18	24, 46, 246, 341, 343
21	47, 341
25	225
31	40
42	201
48	263
49	292
50	274
57	41, 252, 292, 340, 345
60	21
62	230
63	266
68	47
71	35
<i>Liber XIII, Xenia</i>	18, 173, 228
63	232
81	134
<i>Liber XIV, Apophoreta</i>	18, 119, 173, 228, 264
1	21, 141, 228, 279
80	292
203	331
204	232
219	222



## II – INDEX AVCTORVM ET OPERVM

<i>AA.VV.</i>	
<i>Anthologia Planudea (Ανθολογία διαφόρων επιγραμμάτων),</i>	163
24	163
<i>Biblia Sacra,</i>	
<i>Liber Ecclesiastae, 1.10-11</i>	355
<i>Corpus Inscriptionum Atticarum</i>	160
Alain de Lille ( <i>Alanus ab Insulis</i> )	
<i>Liber Parabolarum,</i>	
5.7	77
Amiano Marcelino ( <i>Ammianus Marcellinus</i> )	
<i>Rerum Gestarum,</i>	
14.6	104
Apiano ( <i>Appianus Alexandrinus</i> )	
<i>Historia Romana (Ῥωμαϊκά),</i>	60
<i>Praef.6</i>	63
1.482	59
Apolónio de Rodes ( <i>Apollonius Rhodius</i> )	
<i>Argonautica (Ἀργοναυτικά)</i>	158
Aristóteles ( <i>Aristoteles, Ἀριστοτέλης</i> )	
<i>Poetica (Περὶ Ποιητικῆς),</i>	137, 153, 156, 157
1448b	156
1449b10	157
1451a36	155
1454a33-36	155
1459b10	157
1459b17ss.	157
1461b26	157
Augusto ( <i>Imperator Caesar Diui Filius Augustus</i> )	
<i>Descriptio Italiae</i>	112
<i>Hortationes ad Philosophiam</i>	112
<i>Res Gestae Diui Augusti,</i>	78, 109, 112
12.2	64
20.2	78
34.1	68
<i>Rescripta Bruto de Catone</i>	112
<i>Sicilia</i>	112
<i>Vita</i>	112
Calímaco ( <i>Callimachus, Καλλίμαχος</i> )	
<i>Aetia (Αἵτια)</i>	145, 189
Celso ( <i>Aulus Cornelius Celsus</i> )	
<i>De Medicina</i>	

3.22 .....	329
Cícero ( <i>Marcus Tullius Cicero</i> )	
<i>De Officiis</i> ,	
3.1 .....	339
<i>De Republica</i> ,	
2.3 .....	104
<i>Epistulae ad Atticum</i> ,	
7.1.3 .....	62
<i>Oratio Pro Archia Poeta</i> ,	
23 .....	113
24 .....	116
<i>Oratio Pro Cn. Plancio</i> ,	
66 .....	339
<i>Oratio Pro Flacco</i> ,	
27.64-28.69 .....	234
<i>Orationes in Catilinam</i> ,	
1.4 .....	61
<i>Philippicae</i> .....	65
<i>Tusculanae Disputationes</i> ,	
5.37.108 .....	49
Diogo Pires	
<i>Cato Minor</i> .....	351
Dion Cássio ( <i>Lucius Claudius Cassius Dio</i> )	
<i>Historia Romana</i> ,	
45-56 .....	84
53.4.3ss. ....	68
53-55 .....	79
54.3.3 .....	72
55.9 .....	89
56.41.8 .....	65
Dionísio de Halicarnasso ( <i>Dionysius Halicarnissensis</i> , <i>Διονύσιος Ἀλεξάνδρου</i> <i>Ἀλικαρνησσεύς</i> )	
<i>De imitatio</i> ( <i>Περὶ μιμήσεως</i> )	
4.23 .....	166
Énio ( <i>Quintus Ennius</i> )	
<i>Annales</i> , .....	116, 155
1.3 .....	84
18 .....	84, 343
Estácio ( <i>Publius Papinius Statius</i> )	
<i>Siluae</i> .....	205
<i>Thebais</i> .....	141, 159
Flávio Vopisco ( <i>Flavius Vopiscus</i> )	
<i>Vita Cari</i> ,	
2.3 .....	104

Floro ( <i>Lucius Anneus Florus</i> )	
<i>Epitome Rerum Romanorum</i> , .....	105
1.1-4 .....	104, 105
1.47.7ss. ....	57
1.Praef. ....	105
1.Praef.8 .....	55
2.34.66 .....	85
Heródoto ( <i>Herodotus</i> , <i>Ἡρόδοτος</i> )	
<i>Historiae</i> ( <i>Ἱστορίαι</i> ), .....	
5.59-61 .....	160
7.228 .....	160
Hesíodo ( <i>Hesiodus</i> , <i>Ἡσίοδος</i> )	
<i>Opera et Dies</i> ( <i>Ἔργα καὶ Ἡμέραι</i> ), .....	158
109-201 .....	104
<i>Teogonia</i> ( <i>Θεογονία</i> ), .....	158
27-28 .....	19
Homero ( <i>Homerus</i> , <i>Ὅμηρος</i> )	
<i>Ilias</i> ( <i>Ἰλιάς</i> ), .....	116, 154, 155, 156, 158, 183
7.73-93 .....	160
<i>Odyssea</i> ( <i>Οδύσσεια</i> ) .....	154, 156, 158, 183
Horácio ( <i>Quintus Horatius Flaccus</i> )	
<i>Ars Poetica</i> , .....	137, 155
338-340 .....	155
343-344 .....	155
343-346 .....	132
345 .....	131
361 .....	193
<i>Carmen Saeculare</i> .....	112
<i>Carmina</i> , .....	123, 125
1.7 .....	124
1.11.8 .....	294
1.17 .....	124
2.4 .....	124
2.7.25-26 .....	63
2.11 .....	124
4.2.27 .....	113
<i>Epistulae</i> ,	
1.19.44 .....	113
2.1.156-157 .....	113, 153
<i>Sermones</i> ,	
1.7.31 .....	167
2.1.82 .....	117
Íon de Samos ( <i>Ion</i> , <i>Ἴων</i> )	

CEG. 819 .....	162
CEG. 819.iii .....	161
João de Loureiro	
<i>Flora Cochinchinensis</i> .....	360
João de Salisbúria ( <i>Iohannes Saresberiensis</i> )	
<i>Metalogicon</i> ,	
3.4 .....	357
Juvenal ( <i>Decimus Iunius Iuuenalis</i> )	
<i>Saturae</i> ,	
3.74-78 .....	257
6.249-251 .....	227
7.1.97 .....	122
10.81 .....	122, 270
Lactânio ( <i>Lucius Caecilius (uel Caelius) Firmianus Lactantius</i> )	
<i>Divinae Institutiones</i> ,	
1.20 .....	227
7.15 .....	104, 105
Lucano ( <i>Marcus Annaeus Lucanus</i> )	
<i>Bellum Ciuile — Pharsalia</i> , .....	159
1.160ss. ....	57
Luciano de Samósata ( <i>Lucianus Samosatensis</i> , Λουκιανὸς ὁ Σαμοσατεύς)	
<i>Saturnalia</i> (Τὰ πρὸς Κρόνον),	
13 .....	172
Lucrecio ( <i>Titus Lucretius Carus</i> )	
<i>De Rerum Natura</i> ,	
2.1150-1175 .....	104
Luís Vaz de Camões	
<i>Os Lusíadas</i> .....	182, 183
I, 3 .....	183
Nono de Panópolis ( <i>Nonnus Panopolitanus</i> , Νόννος ο Πανοπολίτης)	
<i>Dionysiaca</i> (Διονυσιακά) .....	158
Ovídio ( <i>Publius Ovidius Naso</i> )	
<i>Ars Amatoria</i> , .....	91
3.113-122 .....	82
<i>Fasti</i> ,	
4.943-948 .....	227
5.185-190 .....	227
<i>Metamorphoses</i> .....	158
<i>Tristia</i> ,	
2.343-344 .....	23
Platão ( <i>Πλάτων</i> )	
<i>Ion</i> (Ἴων), .....	162
534b .....	113
Plínio, o Moço ( <i>Gaius Plinius Caecilius Secundus</i> )	
<i>Epistularum Libri</i> ,	



1.13.1-4 .....	109
2.6 .....	134
3.16 .....	286
3.21 .....	50, 347
4.14 .....	164
8.24.1-6 .....	114
Plínio, o Velho ( <i>Gaius Plinius Secundus</i> )	
<i>Naturalis Historia,</i>	
18.286 .....	227
Plutarco ( <i>Lucius Mestrius Plutarchus</i> , Πλούταρχος)	
<i>Vitae Illustrium Virorum</i> (Βίοι Παράλληλοι) .....	56
Políbio ( <i>Polybius</i> , Πολύβιος)	
<i>Historiae</i> (Ιστορίες),	
1.1.5 .....	56
Prisciano ( <i>Priscianus Caesariensis</i> )	
<i>Institutionum Grammaticarum,</i> .....	357
<i>Praef.</i> , ed. Hertz, GL, 2.3.13-14 .....	357
Quinto de Esmirna ( <i>Quintus Smyrnaeus</i> , Κόϊντος Σμυρναῖος)	
<i>Posthomerica</i> (Τὰ μετὰ τὸν Ὅμηρον) .....	158
Salústio ( <i>Gaius Sallustius Crispus</i> )	
<i>Bellum Catilinae,</i>	
61.1 .....	61
Séneca ( <i>Lucius Anneus Seneca</i> )	
<i>Ad Heluiam Matrem De Consolatione,</i>	
6.2 .....	25, 194
6.3 .....	194
<i>De Breuitate Vitae</i> .....	61
<i>De Clementia,</i>	
1.15.3 .....	84
<i>De Prouidentia,</i>	
1.3.10 .....	78
Sílio Itálico ( <i>Tiberius Catius Asconius Silius Italicus</i> )	
<i>Punica</i> .....	159
Suetónio ( <i>Gaius Suetonius Tranquillus</i> )	
<i>De Vitis Caesarum,</i>	
<i>Vita Diui Titi,</i>	
1.1 .....	103
Suetónio ( <i>Gaius Suetonius Tranquillus</i> )	
<i>De Vitis Caesarum,</i> .....	63, 118
<i>Vita Diui Augusti,</i>	
7.2 .....	84
28 .....	111
55 .....	117
<i>Vita Diui Iulii,</i>	

32.1 .....	63
79.2 .....	60
<i>Vita Diui Vespasiani,</i>	
17-19 .....	119
<i>Vita Neronis,</i>	
49.1 .....	120
<i>Vita Tiberii,</i>	
25.1 .....	93
Tácito ( <i>Publius Cornelius Tacitus</i> )	
<i>Annales,</i> .....	100
1.3 .....	170
1.9 .....	72, 81
1.10 .....	72
1.15 .....	70
<i>Historiae,</i>	
5.4-5 .....	234
Terêncio ( <i>Publius Terentius Afer</i> )	
<i>Heauton Timorumenos,</i>	
77 .....	168
Tito Lívio ( <i>Titus Livius</i> )	
<i>Ab Vrbe Condita,</i>	
<i>Praef.</i> 3 .....	104
<i>Praef.</i> 8 .....	105
1.19.3 .....	63
1.35 .....	270
28.12.12 .....	57
Tucídides ( <i>Thucydides, Θουκυδίδης</i> )	
<i>Historiae de bello Peloponnesiaco (Ιστορίας του Πελοποννησιακού Πολέμου),</i>	
6.59.2 .....	160
Valério Flaco ( <i>Gaius Valerius Flaccus</i> )	
<i>Argonautica</i> .....	159, 180
Veleio Patérculo ( <i>Gaius Velleius Paterculus</i> )	
<i>Historiae Romanae,</i> .....	61
2.124 .....	82
Virgílio ( <i>Publius Vergilius Maro</i> )	
<i>Aeneis,</i> .....	115, 117, 139, 154, 155, 158, 183, 185, 354
1.279 .....	354
1.392 .....	23
6.851 .....	56
<i>Eclogae,</i> .....	123, 125
4.18 .....	104
4.26 .....	104
4.37 .....	104

<i>Georgica</i> , .....	268
4 .....	113
4.188 .....	113
Vitrúvio ( <i>Marcus Vitruvius Pollio</i> )	
<i>De Architectura</i> ,	
1. <i>Praef.</i> .....	110



### III — INDEX PERSONARVM ET DEORVM

Adriano .....	103, 105
Agenor .....	212, 250
Agripa Póstumo, filho de Marco Vipsânio Agripa e de Júlia .....	87, 90, 91, 92
Agripa, Marco Vipsânio .....	65, 68, 70, 77, 78, 85, 87, 88, 89, 90, 111, 222, 244, 246
Agripina, filha de Germânico e de Agripina .....	95, 96, 98, 99
Agripina, filha de Marco Vipsânio Agripa e de Júlia .....	87, 90, 94, 97
Alain de Lille .....	77
Alarico .....	83
Alberto Pimenta .....	352
Álcimo .....	240, 299, 300
Álcon .....	256
Alexander Pope .....	352
Alexandre .....	106, 116, 182
Amiano .....	317
Amiano Marcelino .....	104
Amores .....	210
Andrágoras .....	256
Ânite .....	166
Antenor .....	218
Antípatro .....	166
Antónia .....	90, 94, 95
Antonino Pio .....	103
António Primo .....	295
Antula .....	300
Apeles .....	138
Apiano .....	59, 60, 63
Apício .....	236, 275, 316
Apolodoro de Damasco .....	121
Apolónio de Rodes .....	158
Aquiles .....	183, 260
Aquino .....	305, 306
Aristófanés .....	160
Aristóteles .....	137, 153, 155, 156, 157, 158, 166, 185, 358
Estagirita .....	156, 158, 360
Árquias .....	113
Árria .....	286, 287
Asclepíades .....	166
Asínio Galo, Gaio .....	89, 90
Asínio Polião, Gaio .....	118
Átalo .....	317, 318
Atestino .....	36, 37, 331, 332
Átis .....	145, 189, 321
Atrecto .....	310
Atreu .....	262

Átropos .....	298
Augusto 55, 56, 57, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 100, 101, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 127, 132, 136, 140, 166, 197, 198, 199, 275, 288, 297, 312, 356, 427, 428, 434 .....	
Aulo .....	242
Avito .....	19, 40, 41, 134, 344, 345
Baco .....	219, 286, 324
Lieu .....	50, 196
Balbo .....	224
Baltasar de Céspedes .....	351
Baltazar de Alcázar .....	350
Bartolomé Jiménez Patón .....	351
Bassa .....	234, 315
Basso .....	177
Belona .....	253
Benjamin Jonson .....	350
Bernardo de Chartres .....	357
Bíblis .....	286
Bitínico .....	311
Bocage .....	257, 352
Britânico .....	98, 99
Brutiano .....	144, 166
Bruto, Marco Júnio .....	62, 66, 87, 166, 214
Cadmo .....	222, 250
Caleno .....	286
Calígula .....	26, 94, 95, 96, 97, 103, 118, 128, 197
Calímaco .....	144, 145, 166
Caliodoro .....	243
Calíope .....	138, 139, 172, 173, 182, 183, 184, 185, 298
Calístrato .....	131, 201
Calvo .....	166
Camilo .....	214, 314
Cândido .....	249
Cânio Rufo .....	38, 258, 340
Capélio .....	263
Caridemo .....	309
Carino .....	32, 38, 146, 172, 316, 336, 337
Caro .....	225
Caronte .....	91
Cascélio .....	255
Cássio, Gaio Longino .....	62, 66, 87
Catão de Útica .....	36, 165, 171, 172, 213, 214, 228, 296, 302, 303, 316
Catão, o Censor .....	128, 213
Catilina, Lúcio Sérgio .....	61, 62
Catulo, Gaio Valério .....	24, 117, 141, 163, 164, 165, 166, 230, 265, 302, 305, 325
Cecília .....	88

Ceciliano .....	265, 266, 308
Cecílio .....	262
Cécrope .....	144, 321
Centauros .....	145, 189
Ceres .....	24, 98, 176, 177
Cervantes, Miguel de .....	348, 351
César, Júlio 57, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 83, 87, 92, 115, 166, 214, 296, 310, 433, 436	
Césio .....	236
Cévola .....	311
Cíbele .....	196, 232, 233, 327, 328
Cícero, Marco Túlio .... 37, 49, 61, 62, 65, 66, 104, 113, 116, 138, 222, 234, 239, 316, 332, 339	
Arpinate .....	65, 339
Cila .....	145, 286
Cina, Lúcio Cornélio .....	61, 250
Cive .....	36, 37, 331, 332
Clado .....	312
Cláudio .....	26, 95, 97, 98, 99, 100, 118, 119, 128, 197, 200, 224, 308
Cleópatra .....	67
Conde del Villar .....	352
Constantino .....	328
Cordo .....	312
Cornélio Galo, Gaio .....	118
Cornélio Nepos .....	166
Cornélio Prisco .....	50
Cosmo .....	324
Crasso, Marco Licínio .....	57, 59, 61, 62, 66, 85, 92, 214, 436
Creso .....	214
Cresto .....	236
Crispo .....	307, 308
Críton .....	256
Cúrio Dentato, Mânio .....	314
Dáfnis .....	306
Deciano .....	20, 147, 296, 304, 314
Dédalo .....	139, 179
Deífobo .....	289
Demétrio .....	240
Demóstenes .....	160
Diana .....	46, 133, 247
Diaulo .....	256
Dídimo .....	318, 319
Díndimo .....	230, 325
Diodoro .....	221
Diogo Pires .....	351
Dion Cássio .....	65, 68, 70, 72, 79, 84, 89, 97
Dionísio de Halicarnasso .....	160, 166

Domiciano ...	20, 32, 35, 37, 39, 40, 103, 120, 121, 124, 125, 132, 134, 139, 159, 196, 197, 198, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 216, 217, 234, 297, 302, 312, 323, 349
Domício Aenobarbo, Gneu, primeiro esposo de Agripina .....	96
Domício Marso .....	145, 165, 166, 170, 265
Domingo Andrés .....	351
Druso .....	74, 88, 89, 90, 94
Egéria .....	286
Egle .....	321
Élio .....	225
Encolpo .....	312, 313
Endimião .....	145
Eneias .....	115, 139, 183
Enio .....	28
Énio, Quinto .....	84, 115, 116, 155
Enrique Badosa .....	348, 352
Epicuro .....	294
Erócion .....	22, 172, 238, 240, 300
Eros, médico dermatologista em Marcial .....	254, 255, 256
Escorpo, Flávio .....	39, 42, 212, 259, 299, 340, 349
Escribónia .....	88
Escribónio Libão, Lúcio .....	436
Éson .....	260
Esparso, Sexto Júlio .....	253
Espártaco .....	61
Estácio, Públio Papínio .....	141, 159, 205
Estéfano .....	267
Estela, Lúcio Arrúncio .....	38, 147, 179, 258, 267, 305, 340
Eucto .....	256
Eurípides .....	166
Europa .....	202
Fabiano .....	132, 245, 246
Fabício .....	213, 214, 275, 305, 306
Fama .....	173, 182, 202, 273
Fânio .....	255
Fáon .....	286
Faunos .....	44
Faustino .....	177, 178, 256, 294, 295, 300, 305, 334, 343
Fausto .....	260
Faventino .....	245
Febo .....	136, 138, 179, 196, 219, 298, 307, 316, 329
Apolo .....	23, 161, 178, 179, 286, 298, 313, 316
Fénio Telésfero .....	300
Fernando Pessoa .....	17
Fernão Lopes .....	348, 351
Fescénia .....	324
Fidentino .....	320, 321, 322
Fídias .....	193, 222



Filene .....	277
Fileto .....	307
Fílira .....	260
Filodemo .....	166
Filomelo .....	318, 319
Flacila .....	22
Flaco .....	36, 38, 139, 147, 179, 218, 221, 258, 336, 340
Flávio Vopisco .....	104
Flavo .....	45
Flógis .....	255
Flora .....	44, 165, 227, 228, 302, 303
Floro, Lúcio Aneu .....	57, 84, 104, 105, 106
Fortunato .....	260
Francisco Cascales .....	351
Frontão, benfeitor de Marcial .....	21
Frontão, pai de Marcial .....	22
Frontino .....	259
Fuficuleno .....	245
Fúrio Bibáculo .....	166
Fusco .....	247, 248
Gaio .....	219, 220
Gaio Vipsânio Agripa, filho de Marco Vipsânio Agripa e de Júlia .....	87
Gaio César .....	88, 89, 90
Gaio Júlio César .....	87
Gala .....	276, 329
Galateia .....	198
Galba .....	100, 119
Galo .....	236, 244, 245, 255
Gauro .....	315, 316
Gélia .....	301, 328
Gemelo .....	311
Genserico .....	83
Germânico .....	90, 91, 93, 94, 95, 97
Getúlico .....	165, 166
Gláfira .....	199
Godfrey of Winchester .....	350
<i>Martialis Cocculus</i> .....	350
Gordiano .....	64
Górgonas .....	145
Graças .....	210
Gregório de Matos .....	352
Grilo .....	260
Gutenberg .....	350
Harpías .....	145
Hécuba .....	276
Heitor .....	277
Helena .....	287, 338

Heras .....	256
Hermafrodito .....	145
Hermes, médico cirurgião em Marcial .....	254, 255, 256
Hermócrates .....	256
Herodes .....	74
Herodes, médico em Marcial .....	256
Heródoto .....	160
Hesíodo .....	19, 104, 158
Higino .....	255, 256
Hilas .....	145, 291
Hilo .....	278, 279, 314
Homero .....	116, 156, 158, 159
Horácio Flaco, Quinto 63, 113, 117, 118, 122, 123, 131, 132, 137, 153, 155, 167, 294, 341	
Horácio, o do Reinado de Tulo Hostílio .....	180
Hugo Santos .....	353
Incitato .....	212
Íon de Samos .....	161, 162
Ísis .....	328
Jaime Falcó .....	351
Jano .....	215, 234
Jean Monet .....	106
Jeroni Pau .....	351
João de Loureiro .....	360
João de Salisbúria .....	357
Juan de Aguilar .....	351
Juan de Mal Lara .....	351
Juan Jaime Esporrín .....	352
Júlia Livila .....	95, 96, 98
Júlia, filha de Augusto e de Escribónia .....	87, 88, 89, 90
Júlia, filha de Marco Vipsânio Agripa e de Júlia .....	87, 91
Júlia, irmã de Júlio César .....	433
Juliano .....	357
Júlio Cereal .....	38, 258, 267, 340
Júlio Marcial .....	21, 132, 208, 294, 306
Júnia Claudila .....	95
Júpiter .....	138, 184, 195, 197, 202, 208, 211, 215, 229, 235, 354
Tonante .....	44, 211, 235, 286, 298
Touro .....	260
Justino .....	264
Juvenal, Décimo Júnio .....	46, 122, 132, 211, 227, 247, 257, 270, 350
Labulo .....	35, 132
Lactâncio, Lúcio Cecílio Firmiano .....	104, 105, 106, 227
Lálage .....	241, 242
Laomedonte .....	215
Láquesis .....	37, 213, 297, 298, 300
Latino .....	60, 207
Lauro .....	223

Leda .....	255, 321
Leónidas de Tarento .....	166
Lépido, Marco Emílio, segundo esposo de Lívía Drusila .....	66, 96
Lépido, Marco Emílio, triúnviro, juntamente com Otaviano e Marco António .....	66
Lésbia .....	315, 316
Levina .....	287, 338
Lévio .....	166
Liciniano .....	30, 147, 343
Lícino .....	148, 224, 354
Licóris .....	321
Ligeia .....	276, 277
Ligurino .....	268, 269
Lindsey Davis .....	102, 121, 353
Lino .....	290, 298
Lisandro .....	161
Lívía .....	88, 95, 434
Lívía Drusila .....	87, 95, 96
Lívio Andronico .....	154
Lólia Paulina .....	96
Lope de Vega .....	351
Lorenzo Ramírez de Prado .....	351
Lucano, Marco Aneu .....	57, 124, 129, 147, 158
Luciano de Samósata .....	172
Lucílio .....	302
Lúcio Júlio, patrono de Marcial .....	340
Lúcio Vipsânio Agripa, filho de Marco Vipsânio Agripa e de Júlia .....	87
Lúcio César .....	88, 89, 90
Lúcio Júlio César .....	87
Lucrécia .....	315
Lucrécio Caro, Tito .....	104
Luís Filipe de Castro Mendes .....	352
Luperco .....	309, 310
Lupo .....	38, 236, 258, 260, 311, 336, 340
Lutácio Cátulo .....	166
Mácron .....	95
Mamurra .....	145, 189
Mancino .....	309
Manes .....	230
Mânio .....	199
Marcela .....	47
Marcelino .....	281, 282, 333, 334
Marcelo, Gaio .....	77, 87, 111, 244, 317
Marco António .....	65, 66, 67, 87, 90, 199, 316, 435
Marco Argentário .....	166
Marco Aurélio .....	103, 104
Marco Fúlvio Nobilior .....	115
Marco Vinício .....	97

Mário .....	59, 61
Mário de Carvalho .....	107, 273, 353
Mário-Henrique Leiria .....	352
Maronila .....	311
Márrio .....	43, 44
Mársias de Celenas .....	223, 293
Marte .....	28, 33, 44, 111, 180, 182, 199, 241, 334
Materno .....	245, 313
Matrínia .....	276
Máximo .....	114, 250, 251, 266, 305
Mecenas, Gaio Cílnio .....	35, 36, 41, 78, 118, 122, 135, 145, 166, 199, 275, 341
Meciliano .....	288
Medeia	
Cólquida .....	145, 253, 286
Meleagro .....	166
Melpómene .....	138, 139
Mémore .....	138
Messala .....	148, 354
Messalina, Valéria .....	98, 99
Miceliano .....	290
Miguel Torga .....	292
Milónia Cesónia .....	96
Minerva .....	50, 143, 144, 166, 218, 219, 304
Mírino .....	203
Mitridates .....	59, 61
Musas .....	19, 128, 132, 135, 138, 139, 144, 146, 148, 151, 178, 179, 183, 212, 316
Nepos .....	38, 258, 340
Neptuno .....	182
Nereides .....	272
Nero Cláudio César . 26, 28, 38, 99, 100, 101, 102, 103, 118, 119, 120, 124, 129, 134, 198, 200, 210, 230, 253, 258, 325	
Domício Aenobarbo, Lúcio, filho de Domício Aenobarbo e de Agripina .....	96, 99
<i>Iuuenis Deus</i> .....	26, 100, 129
Nero Druso .....	85, 86, 88, 89, 90
Nerva .....	39, 103, 121, 125, 198, 206, 211, 213, 214, 215
Nestor .....	223, 296, 297
Névia .....	242, 311
Névolos .....	131, 223
Ninfas .....	21, 30, 343
Níobe .....	276
Nono de Panópolis .....	158
Nóvio .....	283, 284
Numa Pompílio .....	36, 214, 230, 285, 286
Orodes II .....	57
Osíris .....	328
Otão .....	100
Otávia, filha de Cláudio e de Messalina .....	98

Otávia, irmã de Augusto .....	77, 87, 90, 111, 435
Ovídio Nasão, Públio .....	23, 82, 91, 117, 118, 124, 147, 158, 227, 283, 284, 332
Pacúvio .....	49
Pandion .....	295
Páris, o pantomimo .....	209, 210, 331
Partênio de Niceia .....	114
Partênio, o mordomo e assassino de Domiciano .....	211, 212
Partenopeu .....	145, 256
Pasífae .....	202, 274
Paterno .....	163
Pátrobas .....	224
Paula .....	288
Paulino .....	260
Pedão .....	165, 166
Peleu .....	223
Penates .....	196
Penélope .....	287, 338
Petílio Cereal .....	253
Peto .....	22, 264, 286, 287
Pier Paoli Pasolini .....	352
Pisão, Gaio Calpúrnio .....	27
Pitágoras, escravo de Nero .....	230, 325
Pítia .....	179
Platão .....	113, 160, 166
Plínio, o Moço .....	50, 114, 121, 124, 125, 132, 134, 146, 163, 216, 286
Plínio, o Velho .....	227
Plutarco, Lúcio .....	56
Podalírio .....	255
Pola .....	277
Políbio .....	56
Polifemo .....	139, 179
Pomona .....	29, 30, 342, 343
Pompeio Magno, Gneu .....	57, 59, 62, 66, 92, 212, 214, 260, 436
Pompeio Trogo, Gneu .....	118
Pôntico .....	180, 224, 242
Pórcio Lícino .....	166
Posidipo .....	166
Postumiano .....	134, 135
Póstumo .....	259
Potito .....	133, 134
Príamo .....	223
Priapo .....	43, 44, 170, 171, 172, 177, 178
Prisciano .....	357
Prisco .....	47, 50, 203, 230, 251
Proculeia .....	234
Próculo .....	196
Prometeu .....	334

Propércio, Sexto Aurélio .....	118, 155
Ptolomeu .....	96
Públio Clódio .....	62
Públio Sulpício Rufo .....	61
Públio, amigo de Marcial .....	238, 239, 312
Pudente .....	313
Quérea, Cássio .....	97
Quevedo, Francisco de .....	350
Quinciano .....	320
Quintiliano .....	280
Quinto de Esmirna .....	158
Quirinal .....	238
Rabírio .....	301
Rainer Maria Rilke .....	191
Régulo .....	222, 245, 303, 304
Reia Sílvia	
Ília .....	180
Restituto .....	221, 222
Robert Schuman .....	106
Rómulo	
Quirino .....	299, 335
Rómulo Augusto .....	83
Ruíno .....	318, 319
Rufo .....	244, 261, 280
Sabelo .....	220, 221
Safo .....	286
Saleiano .....	311
Salústio Crispo, Gaio .....	61
Santra .....	213
Saturno .....	128, 142, 172, 228, 229, 230, 231, 243, 302
Saufeio .....	245
Secundila .....	311
Secundo .....	307
Sejano, Lúcio Elio .....	94
Sélio .....	259, 260, 261, 323
Séneca, Lúcio Aneu .....	25, 27, 61, 78, 84, 98, 105, 106, 118, 129, 194
Severo .....	38, 219, 275, 297, 298, 337
Sextiliano .....	323, 324
Sexto .....	23, 36, 37, 225, 248, 307, 311, 331, 332
Sexto Pompeio .....	66
Silano .....	95
Sílio Itálico .....	138, 159, 297, 298
Silvano .....	44
Símaco .....	256
Simónides de Ceos .....	162
Sir Thomas Wyatt .....	350
Sosibiano .....	289

Sotas .....	256
Suetônio Tranquilo, Gaio ... 60, 63, 70, 84, 93, 103, 111, 117, 118, 119, 120, 124, 125, 128	
Sula, Lúcio Cornélio .....	59, 61, 214
Sulpícia .....	285, 286
Sura, Licínio .....	344
Tácito, Públio Cornélio .....	70, 72, 81, 84, 100, 124, 125, 216, 234
Tafalla .....	352
Talia ... 11, 14, 21, 23, 31, 41, 42, 47, 52, 140, 142, 144, 147, 172, 173, 178, 184, 194, 195, 219, 287, 340	
Tarquínio Prisco .....	58, 270
Tarquínio, o Soberbo .....	58, 60
Telesino .....	225
Teócrito .....	160
Teodósio I .....	328
Terenciano .....	283
Terêncio Afro, Públio .....	168
Terêncio Prisco .....	20, 35, 36, 306
Tereu .....	139, 179
Terpsícore .....	361
Tétis .....	197, 198, 205, 272, 330
Tibério .....	26, 65, 81, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 118, 166
Tibério Cláudio Nero .....	87, 88
Tibério Gemelo .....	94
Tibulo, Álbio .....	118
Tícidas .....	166
Tício .....	236
Tiestes .....	139, 145, 179, 262, 286
Tigranes III .....	85
Tímele .....	207
Tirão .....	239
Tito ..... 28, 32, 103, 120, 121, 131, 197, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 234, 246, 272, 349	
Tito Lívio .....	57, 63, 104, 105, 118, 270
Trajano .....	40, 103, 105, 121, 125, 182, 197, 206, 213, 215, 216, 226
Trásea Peto .....	296
Tritão .....	198
Triunfo .....	203
Tuca .....	308
Tucídides .....	160
Túcio .....	328, 339
Ulisses .....	183
Úrbico .....	311
Vacerra .....	260
Valério Edítuo .....	166
Valério Flaco, Gaio .....	159
Varo, centurião caro a Marcial .....	298, 299, 335
Varo, Públio Quintílio .....	85
Varrão, Marco Terêncio .....	141

Varrão Atacino, Públio Terêncio .....	166
Veleio Patérculo, Gaio .....	61, 82
Vénus .....	63, 180, 198, 315, 341, 361
Vero .....	203
Vespasiano .....	28, 71, 83, 100, 101, 102, 103, 119, 120, 121, 159, 201, 204
Vesta .....	196
Victor Hugo .....	106
Vipsânia .....	88, 89, 90
Virgílio Marão, Públio .	37, 56, 104, 113, 115, 116, 117, 118, 122, 123, 132, 141, 145, 154, 155, 158, 159, 166, 170, 268, 332, 341
Vitêlio .....	100
Vitória .....	299
Vitrúvio Polião, Marco .....	110
Voltaire .....	129
Zoilo .....	185, 243, 247, 318



#### IV — INDEX GEOGRAPHIARVM ET MONVMENTORVM

Acaia .....	114
Áccio .....	65, 67, 76
Adrianópolis .....	83
África .....	62, 74, 201
Norte de África .....	57, 75
Água Cláudia .....	98
Água Virgem .....	43
Alexandria .....	67, 75
Alpes .....	74
Altar da Paz de Augusto .....	63, 77
Âncio .....	336
Ancira, atual Ancara .....	78
Anfiteatro Flávio .....	28, 101, 183, 197, 202, 204, 231, 272, 274, 330
Coliseu .....	28, 101, 120, 131, 271, 272, 273
Ápono, fonte termal não longe de Pádua .....	147
Apúlia .....	42, 340
<i>Aquae Calidae</i> , atual Vichy, em França .....	336
Vichy .....	336
<i>Aquae Sextiae</i> , atual Aix-en-Provence, em França .....	336
Aix-en-Provence .....	336
<i>Aquae Sulis</i> , atual Bath, em Inglaterra .....	336
Bath .....	336
Arco de Augusto .....	77
Argileto .....	310
Argos .....	179
Arménia .....	85
Arrécio .....	321
Ásia Menor .....	62, 75
Atenas .....	161
Atina .....	43, 44
Aventino .....	246, 255
Averno .....	287, 338
Babilónia .....	182, 273
Baias .....	177, 178, 287, 336, 338, 343
Balcãs .....	65
Banhos de Europa .....	260
Banhos de Fausto .....	260
Banhos de Fortunato .....	260
Banhos de Grilo .....	260, 336
Banhos de Lupo .....	260, 336
Bética .....	71
Bílbilis . 23, 24, 26, 29, 30, 40, 41, 45, 46, 47, 147, 186, 239, 269, 337, 341, 342, 343, 345, 351, 360	
Boterdo, antiga cidade Celtibera .....	30, 46, 343

Boulogne-sur-Mer .....	96
Britânia .....	33, 57, 75, 96, 98, 198, 199, 326
Butuntos .....	280
Caio, monte Moncayo .....	30, 343
Caistro .....	321
Campo de Marte .....	111, 271
Canal da Mancha .....	96
Cantábria .....	73
Capitólio .....	128, 192
Cápreas, atual Capri .....	94, 100
Carras .....	57, 62
<i>Castra Praetoria</i> .....	97
Cáucaso .....	57, 334
Celenas .....	293
Célio .....	46, 246, 247
Chipre .....	68
Cilícia .....	68
<i>Circeii</i> .....	66
Circo Máximo .....	270
Cirra .....	219
<i>Cloaca Maxima</i> .....	58
Cólquida .....	253, 286
Coluna de Trajano .....	121
Comagena .....	57
Congedo, rio Codos, afluente do Ebro, ou nascente termal de Alhama .....	30, 343
Constantinopla .....	83
Córduba, atual Córdoba, em Espanha .....	147, 266
Dalmácia .....	75
Damasco .....	121
Danúbio .....	93, 121
Istro .....	334
Delfos .....	161, 179
Delos .....	182, 273
Dercena, fonte desaparecida não longe de Bîlbilis .....	30, 343
Dicte .....	274
<i>Domus Aurea</i> .....	27, 99, 102, 118, 120, 204
Egito .....	57, 62, 66, 67, 68, 335
Elba .....	74, 85
Emérita, atual Mérida .....	147
Esmirna .....	158
Eufrates .....	75
Europa .....	106, 353, 358, 359
Falerno .....	253
Farsalo .....	62
Filipos .....	87
Fórmias .....	336
Foro de Cornélio .....	48, 337, 338

Foro Romano .....	34, 77, 101, 102, 111, 121, 123, 128, 178, 195, 218, 219, 223, 245, 426
<i>Forum</i> de Augusto .....	77, 111
<i>Forum</i> de César .....	310
Frígia .....	215
Fúcio .....	98, 198
Galácia .....	74
Galeso .....	250, 266
Gália .....	48, 62, 63, 67, 68, 70, 337
Gália Cisalpina .....	337
Gália Cispadana .....	48
Germânia .....	57, 75, 86, 96, 201, 215
Grécia .....	58, 153
Hélade .....	162
Halicarnasso .....	160, 166
Hélicon .....	138, 213, 219
Hemo .....	205, 330
Herculano .....	103
Hibla .....	42, 340
Hispânia .. 23, 29, 30, 40, 44, 45, 47, 49, 56, 57, 67, 68, 73, 74, 75, 221, 328, 341, 343, 430	
Hispânia Tarraconense .....	23
Idumeia .....	299
Ilíria .....	74, 85
Índias .....	321
Inglaterra .....	350
Ístria .....	266
Itália .....	24, 67, 352, 431
Península Itálica .....	56, 431
Jerusalém	
Sólima .....	235, 236
Judeia .....	74
Lácio .....	40, 58, 138, 153, 154, 215, 231, 344
Ladeira de Arícia .....	247
Laletânia, lugar indeterminado nas proximidades de Tarragona .....	30, 343
Letes .....	18, 295
Líbia .....	221, 241
Lícia .....	98
Lucânia .....	220
Lucrino .....	263, 287, 338
<i>Maison Carrée</i> .....	77
Mântua .....	147
Marselha .....	77
Mássico .....	324
Mauritânia .....	96, 98
Mausoléo de Augusto .....	77, 78, 297
Mausoléo de Mausolo .....	182, 273, 282
Mediterrâneo .....	9, 56, 57
Mênfis .....	182, 260, 273

Micenas .....	141, 142, 229
Miseno .....	94
Mitilene .....	334
Modena .....	70
Montes Albanos .....	60
Niceia .....	114
Nilo .....	42, 147, 205, 209, 215, 231, 299, 318, 330, 331, 335, 340
Nîmes .....	77
Nola .....	59
Nomento .....	35, 253, 283, 284, 336
Nórico .....	74
Nuta, fonte desaparecida não longe de Bîlbilis .....	30, 343
Ocidente .....	67, 83, 103
Olímpia .....	163
Orbe 15, 25, 32, 52, 57, 73, 75, 79, 81, 84, 85, 138, 146, 204, 218, 226, 227, 241, 242, 271, 326, 327, 332, 333, 336, 341, 349 .....	
Oriente .....	67, 74, 83, 156, 327
Próximo Oriente .....	156
Osnabruque .....	85
Óstia .....	98
Palácio dos Imperadores .....	297
Palatino .....	184, 195, 196, 231, 297, 338
Panónia .....	74, 75, 85
Panteão .....	77
Parma .....	249, 250
Paros .....	300
Pártia .....	57, 85
Permessio .....	219
Piceno .....	221, 267, 309
Piéria .....	138, 199
Pirâmides de Mênfis .....	182, 273, 282
Piro .....	310
Pistóia .....	61
Plateia, antiga cidade Celtibera .....	46
Pompeios .....	59, 103
Ponte Mílvio .....	328, 339
Ponto .....	74
Pórtico de Agripa .....	244
Pórtico de Cláudio .....	200
Pórtico de Europa .....	260
Pórtico de Otávia .....	77, 111
Pórtico de Quirino .....	212
Portugal .....	185, 351, 352, 353, 359
Quios .....	143, 171
Quirinal .....	35, 178, 192, 283
Ravena .....	233
Récia .....	74

Reno .....	85, 93, 201
Rodes .....	89, 90, 158, 177, 196
Ródope .....	205, 330
Roma 9, 10, 11, 13, 18, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 51, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 129, 132, 141, 142, 144, 145, 146, 148, 153, 155, 166, 171, 172, 173, 178, 183, 184, 186, 187, 192, 194, 195, 197, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 209, 213, 215, 216, 217, 221, 223, 225, 227, 229, 231, 236, 237, 239, 240, 246, 251, 252, 253, 254, 257, 259, 264, 265, 270, 271, 274, 279, 280, 288, 291, 293, 297, 298, 302, 303, 307, 312, 320, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 345, 346, 348, 351, 353, 354, 360, 425, 426, 428, 432	
Urbe . 11, 24, 26, 27, 28, 31, 35, 36, 40, 43, 47, 48, 55, 56, 57, 61, 62, 63, 68, 73, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 92, 94, 100, 101, 102, 107, 109, 111, 115, 118, 120, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 139, 140, 142, 146, 172, 173, 185, 186, 192, 193, 194, 195, 204, 213, 218, 226, 230, 231, 232, 233, 236, 246, 253, 254, 259, 270, 271, 280, 281, 283, 284, 301, 303, 324, 326, 327, 328, 329, 331, 332, 333, 336, 338, 339, 341, 344, 349, 432	
Rubicão .....	62, 63
Sagunto .....	221
Salão, rio Jalón, afluente do Ebro .....	24, 30, 40, 45, 343, 344
Santuário de Apolo .....	161
Saragoça .....	26
Septa .....	260, 312
Sicília .....	66, 139, 179
Sídon .....	318
Siene .....	283
Síria .....	56, 68, 74
Subménio .....	329
Subura .....	46, 246, 247, 338
Tago, rio Tejo .....	29, 30, 40, 342, 343, 344
Tarento .....	154, 166, 282
Tarragona .....	30, 45, 343
Teatro de Balbo .....	77
Teatro de Marcelo .....	77, 111, 244, 317
Teatro de Mérida .....	77
Teatro de Pompeio .....	260
Tebas .....	141, 142, 229, 315
Templo de Castor .....	196
Templo de César .....	77
Templo de <i>Mars Vltor</i> .....	77
Templo de Saturno .....	128
Termas de Agripa .....	246
Banhos de Agripa .....	77, 111
Termas de Estéfano .....	267
Termas de Nero .....	280

Termas de Tito .....	204, 246
Tibre .....	79, 244
Tibur .....	334
Tiro .....	244
Toledo .....	26
Trácia .....	334
Troféu de Augusto de La Turbie .....	77
Tróia .....	141, 142, 215, 229
Ílion .....	250
Túsculo .....	336
Urgavo .....	71
Útica .....	171, 172
Vadaverão, Sierra de Madero ou Sierra de Vicor .....	30, 343
Veios .....	311
Velabro .....	267
Venafro .....	266
Verona .....	24, 147, 305
Vesúvio .....	103
Via Ápia .....	61
Via Coberta .....	306
Via Emília .....	337
Via Flamínia .....	209, 215, 231, 331
Via Sacra .....	102, 128, 213
Vindelícia .....	74
Voberca, atual Bubierca, em Espanha .....	29, 30, 342, 343

## V — INDEX RERVM ET VOCABVLORVM

Adulação .....	43, 55, 121, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 214, 216, 217, 323
Alcoolismo .....	323
<i>Amicitia</i> .....	25, 59, 66, 79, 114, 246, 247, 248, 249, 252, 304, 305, 306, 307
Amor .....	103, 114, 124, 125, 134, 136, 168, 178, 250, 276, 278, 285, 286, 311, 313
Anos	
Ano dos Quatro Imperadores .....	28, 100, 101
Anos Bons .....	103
Quinquénio de Nero .....	26, 99
Cinco Anos Bons .....	26
Antiguidade .....	9, 58, 106, 156, 202, 214, 224, 274, 359
Assassínio .....	58, 62, 206, 209
<i>Auctoritas</i> .....	65, 69, 70, 92, 96, 111, 119
Autor 10, 11, 12, 18, 19, 21, 22, 45, 49, 51, 60, 68, 105, 112, 123, 128, 142, 147, 165, 169, 202, 208, 269, 320, 353	
<i>Aurei Auctores</i> .....	111, 123, 125, 136, 137
Autor Empírico .....	11, 18, 50
Autor Textual .....	11, 18, 50
Autores Argênteos .....	123
Avareza .....	134, 247, 307, 309, 311
Banhos .....	38, 77, 111, 133, 253, 257, 258, 259, 260, 274, 336
Banquetes .....	139, 142, 173, 179, 192, 261, 265, 268, 314
Batalha .....	61, 67, 76, 83, 85, 89, 198, 203, 208
Batalha de Carras .....	57
Batalha de Farsalo .....	62
Batalha de Filipos .....	87
Bibliotecas .....	48, 118, 120, 253
<i>Blanditiae</i> .....	37, 208, 217
Bucolismo .....	46, 345
Calendas .....	21, 44, 220, 221, 276, 296, 297
Canto .... 10, 11, 113, 140, 144, 155, 170, 173, 174, 182, 183, 184, 186, 187, 192, 213, 356, 357	
<i>Carpe Diem</i> .....	293, 294
Casa Imperial .....	69, 83, 90, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 111, 117, 123, 128, 201, 206, 433
Cláudios .....	87, 88, 91
Flávios ... 28, 101, 120, 121, 125, 128, 129, 131, 139, 173, 183, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 211, 213, 216, 217, 274, 312	
Júlio-Cláudios .....	14, 63, 82, 93, 100, 118, 119, 131, 139, 433, 434, 435, 436
Júlios .....	87, 88, 90
Nerva-Antoninos .....	39, 103, 121, 198, 206, 213
Cinco Bons Imperadores .....	103, 105, 125
Severos .....	84
Casamento .....	22, 87, 88, 89, 90, 99, 284, 311
Centúrias	

<i>Saecula Impia</i> .....	109
Século de Augusto .....	55, 78, 100, 109
Século VIII a.C. ....	160
Século VII a.C. ....	160
Século V a.C. ....	161
Século III a.C. ....	114
Século II a.C. ....	57
Século I ..... 10, 11, 24, 49, 51, 55, 57, 73, 82, 83, 85, 100, 122, 123, 124, 129, 142, 185, 192, 193, 218, 225, 237, 257, 265, 328, 349, 425	
Século II .....	83
Século III .....	83
Século IV .....	76, 83
Século XVI .....	78
Século XVII .....	211
Século XIX .....	106
Século XX .....	106, 257, 352, 358
Século XXI .....	257, 352, 353, 358
<i>Siglo de Oro</i> .....	350
Ciclos de Epigramas .....	184, 185, 360
Cidadania Romana .....	61, 75, 104, 326
Clientelismo .....	37, 50, 122, 125, 132, 224, 225, 244, 246, 247, 339, 341
Conspiração .....	61, 94, 96, 99
Construção Europeia .....	107
Consulado .....	39, 61, 66, 68, 69, 86, 89, 93, 95, 259
Conteúdo .....	9, 11, 50, 175, 178, 348
Costumes . 36, 56, 57, 75, 105, 143, 145, 148, 149, 189, 204, 213, 214, 238, 278, 284, 301, 304, 313, 327	
Crenças .....	75, 227, 232, 293, 327
Cristianismo .....	235, 327, 328
Crítica .....	22, 31, 124, 125, 159, 187, 205, 222, 257, 302, 338, 348, 360
Cumplicidade .....	51, 294
<i>Cursus Honorum</i> .....	65, 226, 281, 291
<i>Damnatio Memoriae</i> .....	37, 209, 217
Desejo .....	43, 64, 125, 135, 168, 206, 214, 279, 339
<i>Dignitas</i> .....	303
Direito .....	32, 66, 142, 144, 165, 218, 222, 226, 227, 240, 311, 326
Lei das Doze Tábuas .....	117, 226
<i>Lex Cincia</i> .....	224
<i>Lex Iulia de adulteriis coercendis</i> .....	278
Ditadura .....	59, 61, 62
Educação .....	22, 23, 116, 218, 290, 292
Elegia .....	140, 141
Emulação .....	11, 119, 154, 319, 350, 351
Encómio .....	32, 39, 124, 198
Entidade Literária .....	52
Epicurismo .....	293



Epigrama	9, 11, 13, 18, 20, 21, 22, 23, 42, 48, 134, 141, 143, 144, 154, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 192, 195, 204, 205, 207, 210, 211, 213, 219, 222, 224, 227, 231, 232, 235, 237, 245, 247, 254, 255, 259, 264, 272, 273, 278, 287, 289, 291, 297, 302, 311, 312, 334, 348, 349, 352, 358, 360
Época	..... 11, 12, 71, 72, 84, 89, 96, 104, 111, 112, 117, 118, 121, 125, 127, 128, 129, 140, 173, 206, 227, 271, 333, 352
Época Argêntea	..... 11, 107, 359
Idade de Ouro	..... 26, 73, 100, 111, 127, 128, 197, 199, 231
Epopéia	..... 11, 116, 123, 124, 137, 140, 141, 144, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 174, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 203, 228, 287, 293, 324, 346, 354, 356
Epopéia das Saturnais	..... 174, 184, 228, 324
Epopéia do Quotidiano	..... 153, 183, 186, 187, 346, 356, 357
Escravos	... 22, 26, 33, 35, 47, 61, 75, 80, 131, 177, 178, 224, 229, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 250, 256, 262, 275, 278, 279, 280, 281, 283, 289, 298, 299, 307, 310, 312, 313, 317, 319, 320, 329, 334
Espaço Físico	..... 11, 192, 270
Espaço Social	..... 11, 52, 192, 270
Espórtula	..... 20, 34, 36, 39, 130, 133, 134, 135, 142, 246, 247, 275, 276, 328, 336
Estoicismo	..... 293
Exércitos	..... 56, 68, 70, 73, 75, 76, 82, 93, 95, 98, 101, 104
Fado	..... 50, 106, 129, 132, 213
Fama	24, 30, 31, 33, 36, 63, 83, 89, 126, 132, 138, 141, 147, 148, 164, 165, 173, 182, 202, 206, 232, 265, 271, 273, 274, 287, 288, 295, 296, 302, 303, 304, 305, 322, 323, 326, 343, 344, 347, 350, 354
Família	..... 83, 88, 100, 101, 102, 142, 206, 238, 281, 283, 291, 436
Fesceninos	..... 167
Festividades	..... 227
Florais	..... 165, 170, 227
<i>Ludi Romani</i>	..... 335
Megalenses	..... 233, 234
Saturnais	..... 141, 172, 173, 174, 184, 213, 220, 221, 227, 228, 229, 264, 279, 324
<i>Fides</i>	..... 97, 213, 278, 287, 294, 302, 304
Fingimento Poético	..... 19
Forma	..... 9, 12, 18, 22, 26, 50, 141, 142, 153, 156, 158, 164, 167, 170, 175, 176, 178, 186, 209, 232, 265, 322, 348, 349, 356
<i>Fulmen</i>	..... 167, 170, 207, 213, 223, 230, 255, 287, 291, 297
Génio	..... 10, 12, 13, 51, 71, 187, 348, 350, 351, 356
Gracejo	..... 171, 187, 195, 207, 210, 228, 264, 303, 331
<i>Grauitas</i>	..... 302
Guarda Pretoriana	..... 94, 97
Guerra	..... 57, 58, 67, 80, 81, 83, 104, 106, 114, 115, 161
Guerra Civil	..... 57, 59, 61, 62, 64, 65, 72, 73, 80, 83, 127
Guerra Social	..... 59, 60
Guerras Púnicas	..... 128
Helenismo	..... 113, 114
Herói	..... 123, 125, 145, 148, 161, 178, 182, 183, 296, 356

História .....	55, 56, 72, 88, 104, 106, 112, 115, 183, 184, 204, 238, 286, 287, 328, 348, 360
Homem .....	9, 10, 12, 13, 14, 18, 19, 22, 27, 29, 34, 45, 49, 50, 51, 55, 59, 87, 88, 92, 95, 118, 119, 125, 128, 132, 135, 143, 145, 167, 180, 183, 201, 203, 226, 233, 239, 240, 243, 248, 255, 269, 281, 282, 285, 289, 295, 304, 312, 313, 315, 320, 341, 348, 356, 358
Homem Romano .....	9, 226, 239, 348
Homossexualidade .....	312, 315
Humildade .....	207, 318, 359
Idade Média .....	106, 350
Identidade .....	9, 17, 18, 20, 49, 51, 236, 319
Idos .....	282, 293
Ilegalidades .....	218, 222, 224
Imitação .....	11, 157, 162
Imortalidade .....	10, 11, 50, 91, 138, 146, 192
Império Romano .....	73, 85, 103, 107, 123, 281, 326, 333
<i>Imperium</i> .....	55, 68, 70, 81, 85, 101, 105, 110, 214, 354
Incêndio .....	26, 41, 62, 82, 99, 103
Incesto .....	316
Instituições .....	56, 59, 62, 65, 66
Inveja .....	32, 146, 210, 235, 245, 297, 298, 319, 336, 337, 349
<i>Ius Trium Liberorum</i> .....	33, 119, 131
Jogos .....	28, 38, 39, 48, 63, 81, 95, 131, 135, 136, 142, 145, 175, 198, 200, 202, 205, 208, 211, 227, 233, 234, 235, 252, 259, 270, 271, 272, 273, 274, 278, 279, 282, 288, 292, 299, 303, 305, 307, 314, 317, 322, 330, 335
Judaísmo .....	232, 327
<i>Fiscus Iudaicus</i> .....	234
Lance de Vénus .....	63, 341
Leitor .....	11, 17, 18, 19, 20, 48, 50, 51, 125, 132, 137, 176, 187, 193, 209, 269, 274, 280, 336, 355
Leituras Públicas .....	142, 265, 266
Libertação .....	240, 246, 341
Licenciosidade .....	165, 170, 174, 227, 228, 229, 303
Literalistas .....	12, 13
Livreiros .....	41, 131, 257, 349
Livros .....	11, 12, 13, 18, 20, 21, 22, 33, 48, 49, 51, 131, 136, 137, 141, 155, 165, 172, 173, 175, 182, 183, 184, 185, 186, 195, 196, 197, 199, 202, 205, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 222, 228, 238, 245, 254, 255, 256, 269, 275, 293, 298, 302, 304, 310, 313, 315, 319, 320, 321, 322, 323, 333, 337, 341, 350, 353, 354, 356, 360
<i>Locus Amoenus</i> .....	29
Loucura .....	96, 100, 200, 286, 308, 314
Luxo .....	40, 196, 274, 275, 278, 279, 344
Luxúria .....	275, 312
Massacre .....	61
Medicina .....	255, 256, 257, 360
Mesteres .....	252, 254
Metamorfose .....	28, 45, 111
Metros .....	
Dístico Elegíaco .....	161, 166, 173, 185, 186, 265

Hendecassílabo Falécio .....	166, 186
Hexâmetro Dactílico .....	160, 166, 185
Trímetro Iâmbico .....	166, 186
Modernidade .....	352
Modo Lírico .....	11, 160
Modo Narrativo .....	11, 156
Monarquia .....	58, 64, 69, 82
Moralidade .....	50
Mordacidade .....	166, 232, 302, 348
Morte ..... 22, 49, 50, 59, 62, 63, 64, 65, 72, 81, 82, 84, 86, 87, 89, 90, 92, 94, 97, 100, 103, 125, 209, 210, 239, 240, 241, 256, 261, 271, 290, 291, 293, 295, 296, 297, 298, 301, 341, 353	
<i>Mos Maiorum</i> .....	56, 86
Mudanças .....	44, 55, 80, 128
Nomenclatura .....	71
<i>Cognomen</i> .....	20, 71, 84
<i>Nomen</i> .. 24, 25, 33, 51, 53, 70, 71, 85, 114, 116, 146, 176, 201, 284, 299, 300, 306, 310, 313, 319, 335, 340	
<i>Praenomen</i> .....	20, 70, 71, 83
<i>Tria Nomina</i> .....	20, 71
Nostalgia .....	43, 47, 73
Nozes .....	21, 140, 141, 142, 228, 229
Objeto .....	43, 136, 142, 161, 162, 169, 170, 172, 174, 183, 184, 186, 192, 206, 352
Ócio .....	36, 135, 136, 163, 177, 335, 339, 340, 341
<i>Otium Litteratum</i> .....	135, 340, 341
Oligarquia .....	59
<i>Optimates</i> .....	61, 73
Ordem Equestre .....	33, 98, 131
Ostentação .....	318
<i>Panem et Circenses</i> .....	100, 122, 270
Pasquinadas .....	351
<i>Pater Patriae</i> .....	62, 71, 84, 98
<i>Paterfamilias</i> .....	69, 95, 238, 281, 289
Pátria .....	49, 148, 205, 230, 233, 249, 298, 330, 354
Patronato .....	83, 122, 125, 171, 244, 246
Paz Augusta .....	82
Paz Romana .....	57, 63, 140, 334
Pederastia .....	238, 292, 312
Período Carolíngio .....	350
Perversão .....	96, 175, 228, 242, 312
<i>Pietas</i> .....	278, 290, 303
Plágio .....	266, 319, 320, 321, 323, 349
Poética	
Arte Poética .....	51
Coletânea Poética .....	351
Composições Poéticas .....	142, 160
Consumação Poética .....	52

Criação Poética .....	11, 12, 49
Forma Poética .....	164
Inspiração Poética .....	186
Obra Poética .....	153
Palavra Poética .....	19, 21
Perfeição Poética .....	209
Produção Poética .....	52, 136, 173
Relação Poética .....	19
Veia Poética .....	356
Política . 39, 52, 56, 59, 61, 63, 64, 70, 72, 74, 78, 81, 88, 94, 109, 112, 114, 117, 120, 142, 154, 195, 205, 218, 222, 226, 236	
<i>Pontifex Maximus</i> .....	66, 84
Povo . 9, 28, 58, 59, 61, 62, 65, 66, 68, 70, 72, 81, 83, 94, 95, 102, 111, 119, 142, 200, 215, 216, 226, 231, 242, 270, 273, 281, 295, 322	
Prazer .....	48, 145, 148, 166, 170, 210, 213, 274, 275, 278, 279, 331, 341
Principado .... 26, 55, 63, 64, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 82, 83, 84, 86, 91, 97, 98, 100, 103, 106, 112, 116, 117, 118, 119, 121, 128, 129, 154, 203, 204	
Produção .....	9, 10, 17, 51, 121, 122, 123, 128, 136, 167, 173, 341, 348, 351, 357, 359
Queda da Monarquia .....	58
Queda da República .....	60, 64, 83, 92
Queda de Roma .....	83, 107
Queda do Império Romano do Ocidente .....	103
Quotidiano . 10, 11, 12, 49, 52, 142, 144, 161, 169, 173, 175, 178, 181, 184, 185, 191, 192, 194, 195, 197, 237, 254, 264, 282, 287, 356, 357, 360	
Relações extraconjugais .....	284
Renascimento .....	350, 351, 360
República .....	56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 68, 92, 116, 425, 426
Revisionistas .....	12, 13
Revolta .....	61, 62
<i>Romanae Matronae</i> .....	281, 282, 285, 288, 289, 360, 361
Romanização .....	75
Romantismo .....	352
Rusticidade .....	29, 342, 345
Sarcasmo .....	166, 222, 234, 255, 302
Sátira .....	167, 168, 254, 350
Saudade .....	47
<i>Desiderium Urbis</i> .....	47, 341
Senado 58, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 78, 83, 89, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 215	
Silêncio .....	27, 48, 69, 323
Soberba .....	317
Sorte ..... 26, 34, 35, 36, 37, 87, 103, 122, 124, 128, 129, 198, 205, 218, 237, 249, 252, 269, 282, 301, 327, 330, 332, 338	
Sucessão .....	58, 80, 82, 83, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 99
Técnica .....	50, 167
Telurismo .....	24, 48
Tema .....	12, 25, 181, 185, 290, 319
<i>Theoria, Poiesis, Praxis</i> .....	358

Tipos .....	49, 175, 302
Triunfo .....	51, 62, 67, 72, 101, 102, 112, 174, 192, 198, 201, 202, 204, 207, 208, 224, 231
Triunvirato I .....	59, 66, 92
Triunvirato II .....	66, 67
Triúnviros .....	66
União Europeia .....	106
Universalidade .....	11, 50
Urbanidade .....	29, 78, 110, 342
Verdes .....	39, 146, 210, 255, 259
Viagens .....	142, 335, 336, 337, 338
Vícios ...	27, 49, 172, 183, 192, 194, 257, 269, 301, 303, 306, 307, 311, 312, 314, 315, 316, 319, 324, 345
Vida	11, 13, 17, 18, 19, 23, 27, 31, 37, 41, 42, 44, 48, 49, 50, 52, 55, 64, 65, 71, 75, 77, 78, 80, 84, 85, 86, 87, 91, 94, 104, 120, 125, 130, 132, 137, 138, 142, 144, 145, 146, 148, 149, 164, 166, 168, 172, 173, 184, 187, 193, 199, 203, 205, 206, 207, 209, 213, 236, 239, 246, 248, 257, 279, 280, 282, 290, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 305, 319, 320, 332, 333, 341, 344, 347, 350, 356
Vilegiaturas .....	142, 335, 336
Virtudes	27, 49, 102, 172, 183, 192, 194, 214, 239, 301, 304, 306, 324, 329, 345, 347, 356
<i>Virtus</i> .....	110, 114, 116, 278, 303, 333
Vizinhança .....	35, 281
<i>Voyeurismo</i> .....	316